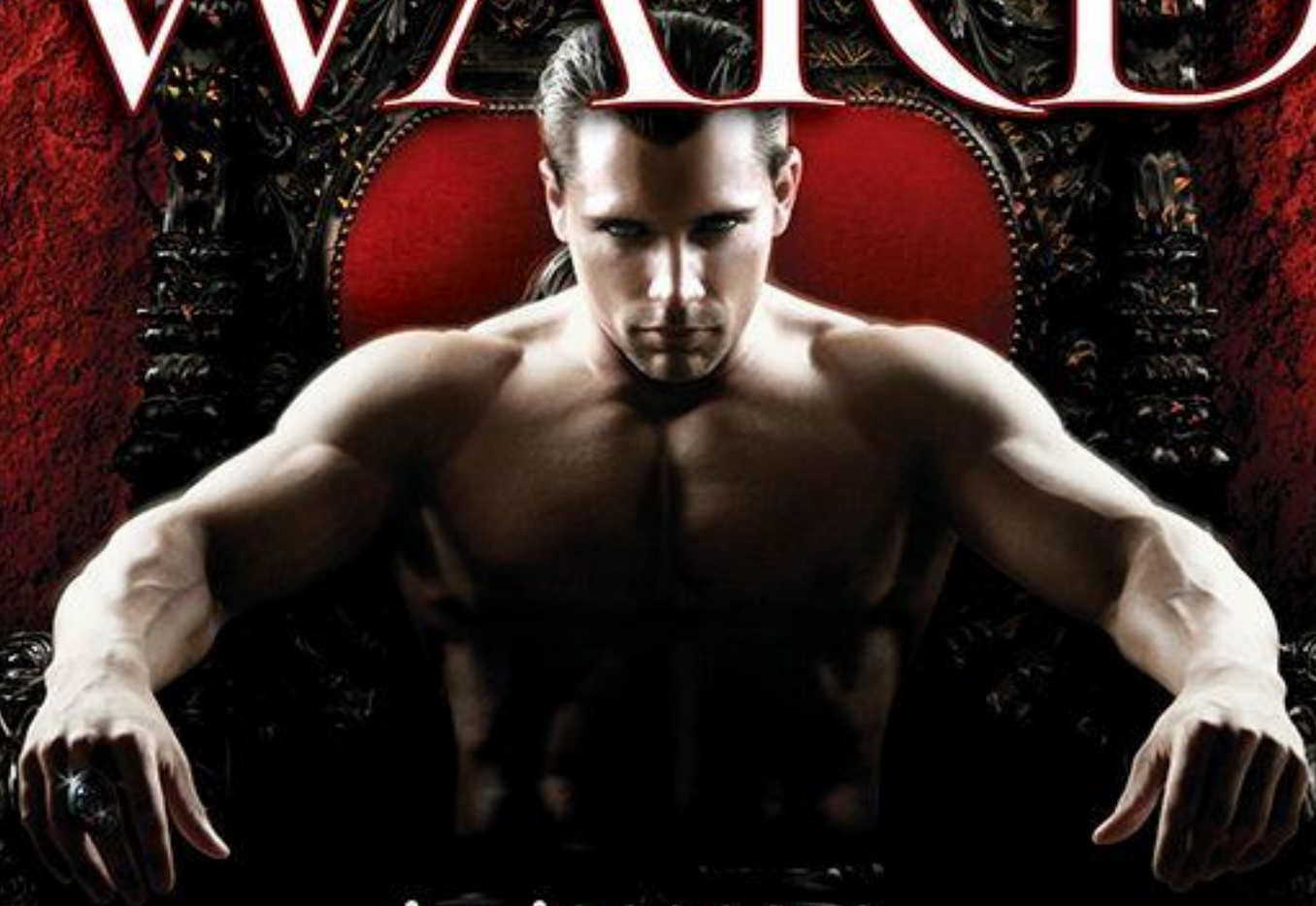


#1

NEW YORK TIMES
BESTSELLING
AUTHOR

J.R.
WARD



THE
KING

A NOVEL OF THE BLACK DAGGER BROTHERHOOD







ÍNDICE

Glossário de Termos e Nomes Próprios	7
PRÓLOGO	12
Capítulo UM	27
Capítulo DOIS	39
Capítulo TRÊS	51
Capítulo QUATRO	67
Capítulo CINCO	80
Capítulo SEIS	90
Capítulo SETE	104
Capítulo OITO	114
Capítulo NOVE	122
Capítulo DEZ	136
Capítulo ONZE	149
Capítulo DOZE	162
Capítulo TREZE	174
Capítulo QUATORZE	181
Capítulo QUINZE	190
Capítulo DEZESSEIS	199
Capítulo DEZESSETE	209
Capítulo DEZOITO	217
Capítulo DEZENOVE	227

Capítulo VINTE	240
Capítulo VINTE E UM	247
Capítulo VINTE E DOIS	256
Capítulo VINTE E TRÊS	266
Capítulo VINTE E QUATRO	273
Capítulo VINTE E CINCO	283
Capítulo VINTE E SEIS	292
Capítulo VINTE E SETE	303
Capítulo VINTE E OITO	313
Capítulo VINTE E NOVE	324
Capítulo TRINTA	334
Capítulo TRINTA E UM	341
Capítulo TRINTA E DOIS	352
Capítulo TRINTA E TRÊS	358
Capítulo TRINTA E QUATRO	367
Capítulo TRINTA E CINCO	372
Capítulo TRINTA E SEIS	381
Capítulo TRINTA E SETE	389
Capítulo TRINTA OITO	398
Capítulo TRINTA E NOVE	412
Capítulo QUARENTA	421
Capítulo QUARENTA E UM	430
Capítulo QUARENTA E DOIS	439

Capítulo QUARENTA E TRÊS	451
Capítulo QUARENTA E QUATRO	458
Capítulo QUARENTA E CINCO	465
Capítulo QUARENTA E SEIS	474
Capítulo QUARENTA E SETE	482
Capítulo QUARENTA E OITO	488
Capítulo QUARENTA E NOVE	494
Capítulo CINQUENTA	503
Capítulo CINQUENTA E UM	513
Capítulo CINQUENTA E DOIS	521
Capítulo CINQUENTA E TRÊS	531
Capítulo CINQUENTA E QUATRO	542
Capítulo CINQUENTA E CINCO	549
Capítulo CINQUENTA E SEIS	559
Capítulo CINQUENTA E SETE	567
Capítulo CINQUENTA E OITO	573
Capítulo CINQUENTA E NOVE	581
Capítulo SESSENTA	588
Capítulo SESSENTA E UM	596
Capítulo SESSENTA E DOIS	604
Capítulo SESSENTA E TRÊS	608
Capítulo SESSENTA E QUATRO	619
Capítulo SESSENTA E CINCO	624

Capítulo SESSENTA E SEIS	637
Capítulo SESSENTA E SETE	646
Capítulo SESSENTA E OITO	653
Capítulo SESSENTA E NOVE	661
Capítulo SETENTA	668
Capítulo SENTENTA E UM	676
Capítulo SENTENTA E DOIS	685
Capítulo SENTENTA E TRÊS	689
Capítulo SENTENTA E QUATRO	698
Capítulo SENTENTA E CINCO	701
Capítulo SENTENTA E SEIS	706

Glossário de Termos e Nomes Próprios

Ahstrux Nohtrum (n.) Guarda particular com licença para matar, cujo posto é concedido a ele ou ela pelo Rei.

Ahvenge (v.) Cometer um ato de retribuição mortal, realizado geralmente por um homem amado.

Irmandade da Adaga Negra [Black Dagger Brotherhood] (pr. n.) Guerreiros vampiros altamente treinados que protegem sua espécie contra a Sociedade Lesser. Como resultado da seleção genética de sua raça, os Irmãos possuem uma imensa força física e mental, assim como uma rápida capacidade de se curar. A maior parte deles não são irmãos de sangue, e são introduzidos na Irmandade por nomeação pelos Irmãos. Agressivos, autossuficientes e reservados por natureza, vivem separados do resto dos civis, mantendo pouco contato com os membros de outras classes, exceto quando precisam se alimentar. Eles são temas de lendas e objeto de reverência dentro do mundo dos vampiros. Podem ser mortos apenas pela mais séria das feridas, por exemplo, um disparo ou punhalada no coração, etc.

Escravo de sangue [blood slave] (n.) Macho ou fêmea vampiro que foi subjugado para cobrir as necessidades de sangue de outro vampiro. A prática de manter escravos de sangue foi recentemente declarada ilegal.

As Escolhidas [the Chosen] (pr. n.) Fêmeas vampiras que foram criadas para servir a Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora sejam um tanto mais espiritualmente do que temporalmente focadas. Têm pouca ou nenhuma interação com os machos, porém podem emparelhar-se com Irmãos por ordem da Virgem Escriba para propagar sua classe. Algumas possuem o dom de prever o futuro. No passado, eram usadas para cobrir as necessidades de sangue dos membros não emparelhados da Irmandade, e essa prática foi reinstalada pelos Irmãos.

Chrih (n.) Símbolo de morte honrosa na Antiga Língua.

Cohntehst (n.) Conflito entre dois machos competindo pelo direito de ser o companheiro de uma fêmea.

Dhunhd (pr. n.) Inferno.

Doggen (n.) Membros da classe servente do mundo vampírico. Os *Doggens* têm antigas e conservadoras tradições sobre como servir a seus superiores, segundo a um código formal de vestimenta e comportamento. Eles são capazes de sair durante o dia, mas envelhecem relativamente rápido. A expectativa de vida é de aproximadamente quinhentos anos.

Ehros (pr. s.) Uma *Escolhida* treinada nos assuntos das artes sexuais.

Exhile Dhoble (pr. n.) O gêmeo malvado ou amaldiçoado, aquele nasce em segundo lugar.

O Fade [the Fade] (n.) Reino atemporal onde os mortos se reúnem com seus entes queridos e passam a eternidade.

Primeira Família [First Family] (n.) O rei e a rainha dos vampiros, e quaisquer filhos que possam ter.

Ghardian (n.) Guardião de um indivíduo. Há vários níveis de *ghardians*, com o mais poderoso sendo o *sehcluded* de uma fêmea.

Glymera (n.) O núcleo social da aristocracia, aproximadamente o equivalente a corte no período da regência na Inglaterra.

Hellren (n.) Vampiro macho que se emparelhou com uma fêmea. Os machos podem ter mais de uma fêmea como companheira.

Leahdyre (n.) Uma pessoa de poder e influência.

Leelan (n.) Um termo carinhoso livremente traduzido como “querido (a)”.

Sociedade Lesser [Lessening Society] (pr. n.) Ordem de assassinos reunidos pelo Omega com o propósito de erradicar a espécie dos vampiros.

Lesser (n.) Humanos sem alma que se dedicam a exterminar vampiros, como membros da *Sociedade Lessening*. Os *Lessers* devem ser transpassados por uma punhalada no peito para serem mortos. Não comem ou bebem e são impotentes. Com o passar do tempo, seus cabelos, pele e íris perdem a pigmentação até que se tornam loiros pálidos e com os olhos claros. Cheiram a talco de bebê. Introduzidos na Sociedade pelo *Omega*, eles retêm um jarro de cerâmica onde consequentemente seu coração é colocado depois de ser removido.

Lewlhen (n.) Presente.

Lheage (n.) Um termo de respeito utilizado por um submisso sexual para se referir a sua dominante.

Lhenihan (pr.n) Uma fera mística famosa por suas proezas sexuais. No jargão moderno, refere-se ao macho de tamanho sobrenatural e vigor sexual.

Lys (n.) Ferramenta de tortura usada para remover os olhos.

Mahmen (n.) Mãe. Usado tanto como um identificador quanto um termo de afeição.

Mhis (n.) O disfarce de um dado ambiente físico; a criação de um campo de ilusão.

Nalla (n., f.) ou Nallum (n., m.) Amada (o).

Período de necessidade [needing period] (n.) Período de fertilidade das fêmeas vampiras, geralmente com duração de dois dias e acompanhado de um forte e ardente desejo sexual. Acontece aproximadamente cinco anos após a transição de uma fêmea e, posteriormente uma vez a cada dez anos. Todos os machos respondem em algum grau se estiverem perto de uma fêmea em seu período. Pode ser um momento perigoso com conflitos e brigas surgindo entre machos competindo, particularmente se a fêmea não é emparelhada.

Newling (n.) Uma virgem.

O Omega [the Omega] (Pr. n.) Ser místico e malévolo que quer exterminar a raça vampírica devido ao ressentimento que tem em relação à Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui extensivos poderes, embora não o poder de criação.

Phearsom (adj.) Termo referente a potencia dos órgãos sexuais do macho. A tradução literal seria algo como “digno de penetrar uma mulher”.

Princeps (n.) O mais alto nível da aristocracia vampírica, superado apenas pelos membros da Primeira Família ou pelas *Escolhidas* da Virgem Escriba. É um título que se deve ter por nascimento, não pode ser concedido.

Pyrocant (n.) Refere-se a uma fraqueza crítica em um indivíduo. A fraqueza pode ser interna, como um vício, ou externa, como um amante.

Rahlman (n.) Salvador.

Rythe (n.) Forma ritual de lavar a honra, oferecida pelo ofensor ao ofendido. Se aceito, o ofendido escolhe uma arma e ataca o ofensor, que se apresenta perante ele sem se defender do ataque.

A Virgem Escriba [The Virgin Scribe] (pr.n) Força mística que aconselha o rei como guardiã dos registros vampíricos e concedente de privilégios. Existe em um reino atemporal e possui grandes poderes. Capaz de um único ato de criação, que usou para trazer os vampiros à existência.

Sehclusion (n.) Status conferido pelo rei a uma fêmea da aristocracia como resultado de uma petição pela família da fêmea. Coloca a fêmea debaixo da autoridade exclusiva de seu *ghardian*, tipicamente o macho mais velho da família. Seu *ghardian* tem então o direito legal de determinar toda sua forma de vida, restringindo à vontade qualquer e toda interação que ela tenha com o mundo.

Shellan (n.) Vampira que se emparelhou com um macho. Fêmeas geralmente não tomam de um companheiro devido à natureza altamente territorial dos machos vinculados.

Symphath (n.) Subespécie do mundo vampírico caracterizada pela habilidade e desejo de manipular as emoções dos demais (com o propósito de uma troca de energia), entre outras peculiaridades. Historicamente, tem sido discriminados e durante certas épocas, caçados pelos vampiros. Eles estão próximos à extinção.

A Tumba [the Tomb] (Pr. N.) Cripta sagrada da Irmandade da Adaga Negra. Utilizada como local cerimonial assim como instalação de armazenamento para os jarros dos *lessers*. As cerimônias realizadas ali incluem: iniciações, funerais e ações disciplinares contra os Irmãos. Ninguém pode entrar, exceto os membros da Irmandade, a Virgem Escriba ou os candidatos à iniciação.

Trahyner (n.) Palavra usada entre machos de mútuo respeito e afeição. Traduzido livremente como “querido amigo”.

Transição [Transition] (n.) Momento crítico na vida dos vampiros quando ele ou ela se transforma em adulto. A partir daí, precisa beber sangue do sexo oposto para sobreviver e não suporta a luz do sol. Geralmente, ocorre por volta dos vinte e cinco anos. Alguns vampiros não sobrevivem à transição, machos em particular. Antes da mudança, os vampiros são fisicamente frágeis, inaptos ou indiferentes ao sexo e incapazes de se desmaterializar.

Vampiro [vampire] (n.) Membro de uma espécie distinta da *Homo sapiens*. Vampiros devem beber o sangue do sexo oposto para sobreviver. O sangue humano os mantém vivos, embora a força não dure muito tempo. Depois de suas transições, o que ocorre entre os vinte anos, eles são incapazes de se expor a luz do sol e devem se alimentar diretamente da veia regularmente. Os vampiros não podem “converter”

humanos através de uma mordida ou transfusão de sangue, embora em raras ocasiões possam reproduzir-se com membros de outras espécies. Podem desmaterializar-se à vontade, porém devem se acalmar e se concentrar para fazê-lo e não podem carregar nada pesado com eles. São capazes de extrair as lembranças de um humano, contanto que tais as lembranças sejam de curto prazo. Alguns vampiros são capazes de ler mentes. A estimativa de vida é superior a mil anos, ou em alguns casos ainda maior.

Wahlker (n.) Um indivíduo que morreu e voltou à vida do *Fade*. A eles é concedido um grande respeito a são reverenciados por suas tribulações.

Whard (n.) Equivalente a padrinho ou madrinha de um indivíduo.

PRÓLOGO

SÉCULO DEZESSETE, VELHO MUNDO

— *Vida longa ao Rei.*

Ao som da voz grave e profunda, Wrath, filho de Wrath, instintivamente olhou em volta procurando por seu pai... Com uma centelha de esperança de que sua morte fosse um engano e que o grande governante ainda estivesse com eles.

Mas é claro, seu amado pai tinha mesmo ido para o Fade.

Mas quanto tempo esta triste procura duraria? Ele se perguntava. Era uma ilusão inútil, especialmente porque as vestes sagradas do Rei dos vampiros estavam sobre o seu corpo, as faixas bordadas em pedrarias, o manto de seda e as adagas cerimoniais adornavam seu próprio corpo. Mas sua mente não ligava para estas provas de sua recente coroação... Ou talvez fosse apenas seu coração recusando-se a ser influenciado por tudo aquilo que agora o definia.

Querida Virgem Escriba, sem seu pai, ele estava tão sozinho, mesmo quando cercado de pessoas para servi-lo.

— Meu senhor?

Recompondo sua expressão, ele virou. Parado no umbral da sala de recepção real, seu conselheiro de confiança era como uma coluna de fumaça, comprido e magro, vestindo uma túnica escura.

— Minha honra em saudá-lo, – o macho murmurou, fazendo uma reverência.
— Está pronto para receber a fêmea?

Não. — Certamente.

— Iniciemos a procissão?

— Sim.

O conselheiro fez outra reverência e saiu, Wrath perambulou ao redor da sala revestida de painéis de carvalho. Velas ondulavam com o vento que, de alguma forma, se infiltrara pelas paredes de pedra do castelo, e o fogo que crepitava na enorme lareira parecia fornecer somente luz, e não calor.

Na verdade, ele não desejava uma *shellan*... Ou melhor, uma companheira, como inevitavelmente acabaria acontecendo. Inicialmente era necessário amor, e ele não tinha nenhum para oferecer a ninguém.

Pelo canto dos olhos, vislumbrou um brilho fugaz, e para passar o tempo antes do assustador encontro, ele se aproximou para observar os conjuntos de pedras preciosas dispostos sobre a mesa esculpida. Diamantes, safiras, esmeraldas, pérolas... A beleza da natureza capturada e ancorada por ouro trabalhado.

Os mais valiosos eram os rubis.

Esticando a mão para tocar as pedras vermelho sangue, ele pensou que era cedo demais para tudo aquilo. Ser rei, emparelhamento arranjado por conveniência, milhares de exigências que pesavam agora sobre ele, das quais ainda compreendia tão pouco...

Ele precisava de mais tempo para aprender com seu pai...

A primeira de três batidas na porta reverberou pela sala, e Wrath ficou agradecido de não haver ninguém ali para vê-lo hesitar.

A segunda foi tão alta quanto à primeira.

A terceira exigiria sua resposta.

Fechando os olhos, ele achou difícil respirar através da dor em seu peito. Ele queria que seu pai estivesse com ele... Isto devia acontecer mais tarde, quando ele fosse mais velho, e não guiado por um cortesão, mas por seu próprio pai. Mas, o destino, tinha roubado o grande macho dos anos que tinha à sua frente, e em troca, inscrevera o filho em uma espécie de afogamento, mesmo que houvesse ar suficiente para respirar.

Eu não posso fazer isto, Wrath pensou.

E ainda assim, quando o som da terceira batida na porta se desvaneceu, ele endireitou os ombros e tentou fazer um tom de voz parecido a do pai. — Entre.

Ao seu comando, a pesada porta se escancarou, e seus olhos foram saudados pela visão de uma multidão de cortesãos, de túnicas cinzentas idênticas à do conselheiro à frente deles. Mas aquilo não foi o que registrou. Atrás do grupo de aristocratas, havia outros, de estaturas extraordinárias, olhos semicerrados... E aqueles foram os que começaram a entoar um cântico em tom concentrado.

Na verdade, ele temia a Irmandade da Adaga Negra.

Seguindo a tradição, o conselheiro falou de forma alta e clara, — Meu senhor, tenho uma oferenda a fazer diante do senhor. Posso proceder a apresentação?

Como se a filha de um nobre fosse um objeto. Mas também, tradição e normas sociais regiam que o propósito dela era a reprodução, e na corte, ela seria tratada tão bem quanto o seria uma égua parideira.

Mas ele iria mesmo fazer aquilo? Ele não sabia nada do ato sexual, e ainda assim, se a aprovasse, estaria praticando o ato com ela a qualquer momento após o cair da noite e o amanhecer.

— Sim, — ele ouviu-se responder.

Os cortesãos se enfileiravam através do umbral da porta aos pares, dividindo-se e formando um círculo em volta do perímetro da sala. E então o cântico soou mais alto.

Os guerreiros magníficos da Irmandade entraram marchando, seus corpos extraordinários vestidos em couro negro e carregados de armas, a cadência de suas vozes e movimentos de suas formas tão sincronizados, como se fossem um só.

Ao contrário dos membros da *glymera*, eles não se dividiram, mas permaneceram juntos ombro-a-ombro, peito-a-peito em formação fechada. Ele não conseguia ver o que estava no centro deles.

Mas podia sentir o cheiro.

E a mudança em si foi instantânea e imutável. Em uma única batida de coração, a natureza pesada da vida foi varrida por uma consciência formigante... Uma, que, enquanto os Irmãos se aproximavam, evoluiu para uma agressividade a qual ele não estava familiarizado, totalmente incapaz de ignorar.

Respirando fundo novamente, mais daquela fragrância penetrou seus pulmões, seu sangue, sua alma... E não eram os óleos com os quais ela tinha sido massageada ou os perfumes que haviam sido aplicados sobre o que cobria seu corpo. Era a pele embaixo de tudo aquilo, a delicada combinação de elementos femininos que ele sabia serem única e exclusivamente dela.

A Irmandade parou diante dele, e pela primeira vez, não sentiu admiração pelas suas auras mortais. Não. Quando suas presas se alongaram dentro da boca, percebeu seu lábio superior formar um rosnado.

Deu até um passo a frente, preparado para abrir o caminho entre os machos a dentadas, para chegar até o que eles escondiam.

O conselheiro pigarreou como se buscando lembrar a todos de sua importância. — Senhor, esta fêmea está sendo oferecida pela sua linhagem, para sua avaliação para fins de procriação. O senhor não deseja inspecionar...

— Deixem-nos, — Wrath grunhiu. — Agora.

O silêncio chocado que se seguiu foi facilmente ignorado por ele.

O conselheiro baixou a voz. — Meu senhor, se me permite finalizar a apresentação...

O corpo de Wrath se moveu por conta própria, girando em seu próprio eixo até encontrar o olhar do macho. — Saíam. Agora.

Atrás dele, um riso abafado se ergueu da Irmandade, como se aprovassem o almofadinho sendo colocado em seu lugar pelo governante. O conselheiro, no entanto, não achou nada engraçado. E Wrath não se importava.

Não havia mais nada a ser dito: o cortesão tinha muito poder, mas ele não era Rei.

Os machos vestidos de cinza saíram da sala, fazendo reverências, e então ele foi deixado com os Irmãos. De uma só vez, eles deram um passo para o lado e...

Revelada o que traziam entre si, havia uma forma magra encoberta por um manto negro da cabeça aos pés. Em comparação com os guerreiros, a pretendida era pequena de tamanho, de ossos mais finos, ainda mais baixa de altura... E ainda assim, uma presença que o afetou profundamente.

— Meu senhor, — um dos Irmãos disse, respeitosamente, — Esta é Anha.

Com aquela simples e mais adequada apresentação, os guerreiros desapareceram, deixando-o sozinho com a fêmea.

O corpo de Wrath tomou controle novamente, enredando seus sentidos caóticos em volta dela, observando-a mesmo sem ela se mover. Querida Virgem Escriba, ele não tinha sido feito para nada daquilo, não para aquela reação à presença dela, nem à necessidade revolvendo suas entranhas, nem à agressividade que lhe tinha vindo à tona.

Mas, mais do que tudo, ele jamais pensara...

Minha.

Era um relâmpago vindo do céu noturno, mudando sua paisagem, esculpindo uma vulnerabilidade profunda em seu peito. E ainda assim, com aquilo, ele pensou, sim, era certo. O conselheiro antigo de seu pai tivera a melhor das intenções. Esta fêmea era o que ele precisava para ampará-lo através da solidão: mesmo sem ver seu rosto, ela o fazia sentir a força em seu sexo, a forma menor, mais delicada dela preenchia sua pele por dentro, a urgência de protegê-la dava a ele a prioridade e foco que ultimamente lhe vinha faltando.

— Anha, — ele suspirou ao parar em frente a ela. — Fale comigo.

Houve um longo silêncio. E então, a voz dela, suave e doce, mas trêmula, penetrou em seus ouvidos. Fechando os olhos, ele ondulou sobre os pés, o som ecoando dentro de seu sangue e ossos, mais adorável do que qualquer coisa que jamais tinha ouvido.

Só que então, ele franziu o cenho ao perceber que não fazia ideia o que ela tinha falado. — O que você disse?

Por um momento, as palavras que vieram por debaixo da cobertura de véus não fez sentido. Mas então as definições das sílabas foram compreendidas por seu cérebro:

— Você deseja ver outra?

Wrath franziu o cenho em confusão. Por que ele...

— Você não removeu o manto para me olhar, — ele ouviu-a responder como se tivesse perguntado em voz alta.

De repente, ele percebeu que ela tremia, seu manto revelava o movimento... E de fato, havia um pesado toque de medo em sua essência.

Sua excitação tinha enevoadado toda sua consciência a respeito dela, mas aquilo exigia retificação.

Agarrando o trono, ele arrastou a vasta cadeira esculpida através da sala, sua necessidade de prover conforto à fêmea, lhe dando força superior. — Sente-se.

Ela praticamente desabou sobre o assento de couro cor de vinho — e enquanto as mãos cobertas se agarravam aos apoios de braço, ele imaginava os nós dos seus dedos ficando brancos enquanto ela se agarrava à própria vida.

Wrath caiu de joelhos diante dela. Olhando para cima, seu único pensamento, além da intenção de possuí-la, era que ele jamais queria vê-la amedrontada.

Jamais.

Por baixo das camadas pesadas de mantos, Anha sufocava de calor. Ou talvez fosse terror o que lhe apertava a garganta.

Ela não desejara este destino para ela. Não procurara por nada daquilo. Dá-lo-ia para qualquer uma das jovens fêmeas que a tinham invejado ao longo dos anos. Desde o momento em que nascera, fora prometida para o filho do Rei, como a primeira fêmea... E por causa desta suposta honra, tinha sido isolada pelos outros, afastada, renegada de todo contato. Crescera em solitário confinamento, sem conhecer o carinho de uma mãe, ou a proteção de um pai... Estivera à deriva em um mar de estranhos suplicantes, tratada como um objeto precioso, não uma coisa viva.

E agora, no evento crucial, no momento para o qual fora criada e prometida... Todos aqueles anos de preparação pareceram servir para nada.

O Rei não estava feliz: ele tinha mandado todo mundo sair da sala onde estavam. Ele não tinha removido nem um único tecido dos que a cobriam, como o faria se desejasse aceitá-la de alguma forma. Ao invés disto, ficara observando-a, com sua agressividade inundando o ar.

Ela provavelmente o irritara ainda mais com sua temeridade. Ninguém deveria oferecer sugestões ao Rei...

— Sente-se.

Anha obedeceu à ordem deixando seus joelhos fracos cederem sob seu corpo. Esperava cair no chão gelado e duro, mas havia um assento estofado de grande tamanho para ampará-la.

Ruídos no chão a informaram que ele estava novamente andando a sua volta, com passos pesados, sua presença tão grande que ela podia sentir o tamanho dele. Mesmo que não conseguisse enxergar nada. Coração trovejando, suor escorrendo pelo seu pescoço e entre os seios, esperou pelo próximo movimento dele... E temeu que fosse violento. Pela lei, ele poderia fazer com ela qualquer coisa que quisesse. Podia assassiná-la ou entrega-la para que a Irmandade a usasse. Podia desnudá-la, tomar sua virgindade, e então rejeitá-la... Deixando-a arruinada.

Ou ele podia simplesmente tirar sua roupa e aprovar sua aparência, preservando sua virtude para depois da cerimônia, na noite seguinte. Ou talvez até... Como ela tinha imaginado em seus sonhos mais fúteis... Podia olhá-la rapidamente e voltar a cobri-la com presentes de tecidos especiais, sinalizando sua intenção de elevá-la entre suas *shellans*... De modo que sua vida na corte pudesse ser mais fácil.

Ela sabia demais a respeito dos cortesãos para esperar gentileza deles. E ela tinha bastante consciência de que, embora fosse emparelhar com o Rei, estava sozinha. Mas se ela tivesse um pouco de poder, talvez pudesse se distanciar de tudo aquilo, deixando as maquinações da corte e do reinado para fêmeas com maiores ambições e ganâncias.

Os passos pararam subitamente e houve um ruído de protesto do chão diretamente à sua frente, como se ele tivesse mudado de posição.

Aquele era o momento, e seu coração congelou como se não quisesse atrair a atenção da lâmina de Sua Majestade...

Em um momento rápido, o capuz foi retirado de sua cabeça, e grandes ondas de ar frio entraram livres em seus pulmões.

Anha engasgou-se com o que viu à sua frente.

O Rei, o governante, o supremo representante da raça vampírica... Estava de joelhos na frente da cadeira que tinha lhe trazido. Aquilo já era chocante o bastante, mas de fato, a súplica aparente dele foi o que menos lhe espantou.

Ele era totalmente belo... E de todas as coisas para as quais ela tinha se preparado, esta primeira e magnífica impressão dele jamais passou pela sua cabeça.

Os olhos dele eram da cor de pálidas folhas de primavera, e brilhavam tanto quanto a lua sobre um lago, ao olhar para ela. E o rosto dele era o mais bonito que já vira, embora isto não fosse elogio suficiente, dado que nunca lhe fora permitido olhar para um macho antes. E os cabelos dele eram tão negros quanto as asas de um corvo, caindo pelas costas largas.

Só que mesmo isto não foi o que mais penetrou sua consciência.

Foi a preocupação na expressão dele.

— Não tenha medo, – ele disse em uma voz que era veludo e pedriscos. — Ninguém jamais te fará mal, pois estou aqui.

Lágrimas afloraram em seus olhos. E então a boca dela se abriu, as palavras escapando. — Meu senhor, não devia se ajoelhar.

— De que outra forma eu reverenciaria uma fêmea como você?

Anha tentou responder, mas ficou presa no olhar dele, sua mente se tornou confusa... Ele não parecia real, este macho poderoso que curvava sua honra diante dela. Para ter certeza de uma vez por todas, suas mãos se ergueram e se moveram para diminuir a distância entre eles...

O que ela estava fazendo? — Perdoe-me, meu senhor...

Ele pegou sua mão e o impacto da carne sobre a carne fê-la engasgar. Ou foram ambos que se engasgaram?

— Toque-me, – ele ordenou — Em qualquer lugar.

Quando ele soltou sua mão, ela pousou-a trêmula na face dele. Morna. Suave de um barbear recente.

O Rei fechou seus olhos e se inclinou, seu grande corpo estremecendo.

Quando ele se manteve parado onde estava, ela sentiu uma onda de poder – não de uma forma arrogante, nem com qualquer ambição de recompensa. Era simplesmente por ter conseguido se firmar em um inegável caminho escorregadio.

Como era possível?

— Anha... – ele respirou, como se o nome dela fosse um encantamento mágico.

Nada mais foi dito, mas a linguagem era desnecessária, todo o discurso e vocabulário pareciam inúteis em expressar uma mera nuance, muito menos definição, do vínculo que estava se formando e atraindo um para o outro.

Ela finalmente baixou os olhos. — Você não tem interesse em me ver inteira?

O Rei soltou um ronronar baixo. — Eu te veria inteira... E ver não seria nem metade do que gostaria de fazer.

O aroma da excitação masculina se elevou espesso no ar, e inacreditavelmente, seu próprio corpo respondeu ao chamado. Mas também, aquela agressão sensual dele estava profunda e verdadeiramente vinculada ao desejo singular dele: ele não ia tomá-la agora. Não, parece que ele ia preservar sua virtude até ter lhe rendido as honras e respeito ao emparelhar-se apropriadamente com ela.

— A Virgem Escriba respondeu às minhas preces com um milagre, – ela suspirou ao piscar por entre lágrimas. Todos aqueles anos de preocupação e espera, aquela espada apontada, por três décadas, pronta para cortar sua cabeça...

O Rei sorriu. — Se eu soubesse que uma fêmea como você poderia existir, eu mesmo teria procurado pela mãe da raça. Mas nunca tive fantasias... E era suficiente. Eu me contentaria em sentar e ficar esperando por anos até você cruzar o meu destino.

Com aquilo, ele se levantou e andou ao longo de uma exibição de túnicas. As cores do arco-íris estavam todas representadas, e ela aprendera muito nova a saber o que cada matiz significava na hierarquia das cores.

Ele escolheu vermelho para ela. A mais valiosa de todas, o sinal de que ela seria a favorita dentre todas suas fêmeas.

A rainha.

E aquela honra devia ser suficiente. Só que, quando ela imaginou as fêmeas que ele teria, a dor inundou seu coração.

Quando ele olhou para ela, deve ter sentido sua tristeza. — O que te aflige, *leelan*?

Anha meneou a cabeça, e disse a si mesma que compartilhá-lo não era algo que ela tivesse o direito de lamentar. Ela...

O Rei balançou a cabeça. — Não. Haverá somente você.

Anha recuou. — Meu senhor, esta não é a tradição...

— Eu não sou o governante de tudo? Não posso decretar vida e morte sobre as questões? — Quando ela anuiu, uma expressão dura desceu sobre as feições dele... E fê-la sentir pena de quem tentasse negá-lo. — Então eu devo determinar o que é e o que não é tradição. E só haverá você para mim.

Lágrimas afloraram novamente aos olhos de Anha. Ela queria acreditar nele, e ainda que parecesse impossível... Mesmo enquanto ele envolvia sua forma ainda coberta com o manto com a seda cor de sangue.

— Você me honra, — ela disse, olhando-o no rosto.

— Não o suficiente. — Com uma volta rápida, ele olhou pela mesa onde as pedras preciosas estavam dispostas.

A grandiosidade das joias tinha sido a última coisa em sua mente ao tirar o capuz, mas agora, seus olhos se arregalaram diante da vitrine de riquezas. Certamente ela não merecia tais coisas. Não até lhe dar um herdeiro.

O que, subitamente não parecia mais uma obrigação.

Quando ele voltou para ela, ela ficou com a respiração suspensa. Rubis, tantos que ela não podia contar... De fato, uma bandeja inteira... Incluindo o anel Saturnino que ela sabia sempre ornar a mão da rainha.

— Aceite-os e saiba minha verdade, – ele disse, ao se abaixar novamente diante dos pés dela.

Anha sentiu a cabeça girar. — Não, não, eles são para a cerimônia...

— Que será aqui e agora. — Ele estendeu a mão. — Me dê sua mão.

Cada osso de Anha tremia ao obedecê-lo, e ela deixou escapar um engasgo quando a pedra Saturnina foi colocada em seu dedo médio da mão direita. Ao olhar para a pedra preciosa, a luz das velas refletidas entre suas facetas, chamejando com beleza tão certa quanto o amor verdadeiro que acendia o coração de dentro para fora.

— Anha, você me aceita como seu Rei e companheiro, até que as portas do Fade se abram diante de ti?

— Sim, – ela se ouviu responder com força surpreendente.

— Então eu, Wrath, filho de Wrath, realmente te tomo como minha *shellan*, para te proteger e cuidar de você e dos filhos que possamos ter, tão certo quanto farei, e meu reinado, e meus cidadãos. Você será minha para sempre... Seus inimigos são agora meus, sua linhagem se misturará à minha própria, seus crepúsculos e alvoreceres serão compartilhados somente comigo. Este vínculo jamais será quebrado por forças internas ou externas... E... – aqui ele pausou – ...Haverá somente uma única fêmea para os meus dias, e você será esta única rainha.

Com aquilo, ele ergueu sua outra mão e entrelaçou seus dedos. — Ninguém nos separará. Nunca.

Embora Anha não tivesse conhecimento disto na ocasião, nos anos que se seguiram, enquanto o destino continuava a se desenrolar, transformando este momento presente em história passada, ela reviveria este instante muitas e muitas vezes. Mais tarde, ela refletiria que ambos tinham se perdido naquela noite, e a visão um do outro tinha lhes dado a base sólida que ambos precisavam.

Mais tarde, quando dormindo próxima a seu companheiro em seu leito nupcial e ouvindo-o gentilmente roncar, ela saberia que o que parecera um sonho era na realidade um milagre puro e simples.

Mais tarde, na noite em que ela e seu amado foram assassinados, quando seus olhos se fixaram no pequeno depósito a altura do chão onde ela tinha

escondido o herdeiro deles, o futuro deles, a única coisa que era maior do que os dois... Ela teria o que seria o seu último pensamento antes de morrer: tudo aquilo estava escrito. Tanto a tragédia quanto a sorte, tudo aquilo tinha sido predeterminado, e tinha começado aqui, neste instante, enquanto os dedos do Rei se entrelaçaram aos dela e os dois se tornaram vinculados um ao outro, por toda eternidade.

— Quem a atenderá esta noite e neste dia antes da cerimônia pública? — ele perguntou.

Ela odiava deixá-lo. — Eu devia voltar às minhas acomodações.

Ele franziu profundamente o cenho. Mas então soltou-a e passou um doce tempo adornando-a com os rubis até se dependurarem de suas orelhas, pescoço e ambos os pulsos.

O Rei tocou a maior das pedras, a que se estava sobre o seu coração. Quando as pálpebras dele baixaram, ela achou que sua mente tinha se desviado para um lado mais carnal... Talvez ele estivesse imaginando-a sem as roupas, com nada além de pele para emoldurar o conjunto dourado com os detalhes em diamante e aquelas incríveis pedras vermelhas.

A última peça era a coroa propriamente dita, e ele retirou-a do estojo de veludo, colocou-a em sua cabeça, e então recuou para observá-la.

— Você brilha mais que todas elas, — ele disse.

Anha olhou para si mesma. Vermelho, vermelho, em todos os lugares, a cor do sangue, a cor da própria vida. De fato, ela não conseguia nem imaginar o valor das pedras, mas não foi aquilo que a emocionou. A honra que ele estava prestando a ela naquele momento era lendária... E ela desejava que pudesse ficar somente entre eles para sempre.

Mas aquilo não podia ser. E os cortesãos não iriam gostar disto, ela pensou.

— Eu vou levá-la para seus aposentos.

— Oh, meu senhor, não devia se incomodar...

— Não tem nada mais que eu queira fazer esta noite, te garanto.

Ela não conseguiu evitar o sorriso. — Como desejar, meu senhor.

Só que ela não tinha certeza de conseguir ficar em pé com toda a...

Anha não fez o caminho com seus próprios pés. O Rei pegou-a no colo e levou-a nos braços, abraçando-a acima do chão como se ela não pesasse mais do que uma pomba.

E com aquilo, ele marchou, chutou a porta para abri-la e seguiu pelo corredor: eles estavam todos lá, o salão cheio de aristocratas e membros da Irmandade da Adaga Negra... E instintivamente ela afundou o rosto no pescoço de Wrath.

Embora tenha sido criada especialmente para o Rei, ela sempre se sentira como um objeto, só que aquilo desaparecia quando estava sozinha com o macho. Agora, exposta aos olhares invasivos dos outros, ela se via de novo naquele papel, relegada a uma posse ao invés de uma igual.

— Aonde vocês vão? — um dos aristocratas perguntou ao ver o Rei passar por eles sem reparar em suas presenças.

Wrath continuou andando... Mas claramente este cortesão não aceitaria ser ignorado no que não era assunto seu. O macho se colocou no caminho deles. — Meu senhor, é de costume...

— Ela ficará em meus próprios aposentos nesta noite e em todas as outras.

Surpresa flamejou no rosto magro e contraído. — Meu senhor, esta deve ser honra somente da rainha, e mesmo que você já tivesse a fêmea, não seria oficial até...

— Nós estamos devidamente emparelhados. Eu mesmo officiei a cerimônia. Ela é minha e eu sou dela, e você não vai querer se interpor no caminho de um macho vinculado com sua fêmea... Muito menos no do Rei com sua rainha. Vai?

Houve um som contrafeito de dentes se cerrando, como se a mandíbula de alguém tivesse caído aberta para então ser fechada com violência.

Olhando por cima dos ombros de Wrath, ela viu sorrisos nos rostos da Irmandade, como se os guerreiros aprovassem a agressividade. Os das túnicas? Não havia aprovação em suas feições. Impotência. Súplica. Raiva súbita.

Eles sabiam quem tinha o poder, e não eram eles.

— Você devia ser acompanhado, meu senhor, — um dos Irmãos disse. — Não por ser tradição, mas por causa dos perigos atuais. Mesmo nesta fortaleza, é apropriado que a Primeira Família seja protegida.

O Rei anuiu após um momento. — Está bem. Sigam-me, mas... — sua voz caiu para um grunhido — Você não a toca de maneira nenhuma ou vou arrancar a parte de seu corpo que a tocar.

Verdadeiro respeito e um tipo de afeição aqueceu a voz do Irmão: — Como desejar, meu senhor. Irmandade, agora!

Simultaneamente, adagas foram retiradas dos suportes no peito, lâminas negras brilhando sob as tochas que se alinhavam no salão. Enquanto os dedos de Anha se afundavam nas vestes preciosas do Rei, os Irmãos soltaram um grito de batalha ondulante, com aquelas armas acima de suas cabeças.

Em uma coordenação nascida de longas horas na companhia um do outro, cada um dos grandes guerreiros caíram de joelhos em um círculo e enterraram a ponta de suas adagas no chão.

Curvando as cabeças, e em uma só voz, eles disseram algo que ela não compreendeu.

E ainda que fosse dirigido a ela: Eles estavam jurando lealdade a ela como a rainha deles. Era o que teria acontecido ao cair da noite de amanhã, na frente da *glymera*. Mas ela, de longe, preferia aqui, e quando os olhos deles se ergueram, respeito brilhava neles... Respeito por ela.

— Minha gratidão a vocês, — ela ouviu-se dizendo. — E toda minha honra ao nosso Rei.

No piscar de um olho, ela e seu companheiro foram cercados por guerreiros extraordinários, o voto que tinha sido dado fora aceito, o trabalho começara. Flanqueados de ambos os lados, do jeito que ela intuía que havia sido trazida ali, Wrath voltou a caminhar, totalmente protegido pela Irmandade.

Além dos ombros do seu companheiro, através de uma montanha de Irmãos, Anha observou a multidão de cortesãos retroceder conforme eles avançavam pelo corredor.

O conselheiro na frente de todos eles, aquele com as mãos nos quadris e as sobranceiras bem baixas... Não estava nem um pouco satisfeito.

Um arrepio de medo percorreu-a.

— Shhh, – Wrath sussurrou em seu ouvido. — Não se preocupe. Eu serei gentil com você.

Anha enrubesceu e enterrou a cabeça de volta no pescoço musculoso dele. Ele iria tomá-la assim que chegassem ao lugar para onde iam, seu corpo sagrado invadiria o dela, selando o emparelhamento de forma visceral.

Ela ficou chocada ao perceber que ela também queria aquilo. Naquela hora. Rápido e forte...

E ainda assim, quando eles ficaram sozinhos novamente, quando eles deitaram em um leito fantástico de dossel de seda... Ela se sentiu grata por ele ser paciente, gentil e carinhoso, como prometeu a ela que seria.

Era a primeira das muitas, muitas vezes que seu *hellren* não a decepcionaria.

Capítulo UM

DISTRITO MEATPACKING DE MANHATTAN, DIAS ATUAIS

— Me dê sua boca, — Wrath exigiu.

Beth virou a cabeça e inclinou-se para os braços de seu macho. — Você quer? Então tome.

O rugido que saiu daquele peito enorme foi um lembrete que seu homem não era, de fato, um homem. Ele era o último vampiro de sangue puro do planeta — e quando se tratava dela e sexo, ele era totalmente capaz de bancar a bola de demolição para chegar até ela.

E não do jeito pseudo-sexy da estúpida da Miley Cyrus... E desde que Beth também quisesse, é claro. Mas, realmente, uma mulher que tivesse a oportunidade de se ver a sós com alguém com dois metros de um traseiro durinho vestido de couro negro, que só por acaso tinha pálidos olhos verdes que brilhavam como a lua, e cabelos negros que desciam costas abaixo até o já mencionado atributo posterior?

A palavra *não*, não estava somente fora de seu vocabulário, mas era um conceito estrangeiro.

O beijo que veio a ela foi brutal bem do jeito que ela queria, a língua de Wrath raspando contra a sua enquanto ele a empurrava de costas pelas portas abertas de seu esconderijo secreto.

Bum!

Melhor som do mundo. Bem, tá certo, o segundo melhor... O número um era aquele que seu macho fazia quando gozava dentro dela.

Só de pensar nisto, seu núcleo se abria ainda mais.

— Oh, porra, — ele disse em sua boca enquanto uma de suas mãos deslizava entre suas coxas. — Eu quero... *Sim...* Você está molhada para mim, *leelan*.

Não era uma pergunta. Porque ele sabia a resposta, não sabia?!

— Eu posso sentir o cheiro, — ele grunhiu contra seu ouvido enquanto corria as presas pela sua garganta acima. — A coisa mais linda do mundo... Só perde para seu gosto.

Aquela rouquidão na voz dele, a tensão em seus quadris, aquele volume duro pressionando contra ela... Ela gozou ali mesmo.

— Caralho, precisamos fazer isto mais vezes, — ele resmungou por entre dentes, enquanto ela se esfregava contra sua mão, remexendo os quadris. — Por que caralhos a gente não vem aqui todas as noites?

O pensamento da bagunça que os aguardava de volta em Caldwell drenou um pouco do calor de dentro dela. Mas então ele começou a massageá-la com os dedos, trabalhando a costura de seus jeans contra seu lugar mais sensível, enquanto sua língua provava sua boca do jeito que ele fazia quando estava... Uh, isso.

Gezuis, quem diria, surpresa, surpresa... Tudo sobre ele ser Rei e o atentado contra sua vida e o Bando de Bastardos simplesmente se escafederam.

Ele estava certo. Porque infernos eles não encontravam mais tempo para este pedacinho de paraíso com mais frequência?

Rendendo-se ao sexo, as mãos dela agarraram os cabelos dele, compridos até a cintura, sua suavidade tão contrastante com a dureza de seu rosto, a força em seu corpo incrível, aquele núcleo de aço de seu caráter. Ela jamais fora uma dessas garotas idiotas que sonhavam com um Príncipe Encantado ou um casamento de contos de fadas ou qualquer outra merda musical da Disney. Mas mesmo para alguém que não acalentara ilusões e não tivera intenção de assinar uma certidão de casamento, não havia jeito de ela ter se imaginado com Wrath, filho de Wrath, Rei de uma raça que, pelo que lhe constava na época, não passava de um mito de Halloween.

Apesar disto, aqui estava ela, completamente apaixonada por um matador certo que tinha um linguajar de caminhoneiro, linhagem real tão longa quanto o braço, e atitude suficiente para fazer Kanye West parecer um rejeitado com autoestima baixa.

Ok, ele não era *tão* egocêntrico assim... Embora, sim, ele provavelmente rejeitaria Taylor Swift sem pensar duas vezes, mas isto porque rap e hip-hop eram suas músicas favoritas e não por ele ser um *hater*.¹

Conclusão, seu *hellren* era um tipo “dá-ou-desce” de cara, e o trono em que se sentava mostrava que o defeito de personalidade era aceito de joelhos como a lei da terra.

Falando em tempestade perfeita². O lado bom da coisa? Ela era a única exceção, a única pessoa que conseguia enfiar um pouco de bom-senso na cabeça dele quando ele realmente perdia a cabeça. Era assim com todos os Irmãos e suas companheiras. Membros da Irmandade da Adaga Negra, grupo de guerreiro de elite da raça e marombados, não eram famosos por sua calma e tranquilidade. Mas também, ninguém ia querer covardes na linha de frente de qualquer guerra, especialmente quando os caras malvados eram da laia da *Sociedade Lessening*.

E aqueles malditos Bastardos.

— Eu não vou conseguir chegar à cama, – Wrath gemeu. — Eu tenho de estar em você agora.

— Então me possua no chão, – ela sugou o lábio inferior dele. — Você sabe fazer isto, não sabe?

Mais rugidos, e uma grande virada no eixo do planeta quando ela foi jogada ao chão e deitada no assoalho polido. O loft que era o apartamento de solteiro de Wrath parecia um cenário de filme: tinha um telhado em forma de catedral, decoração de um depósito vazio, e a pintura preta fosca de uma Uzi. Não era nada parecido com a mansão da Irmandade, onde eles viviam, e aquele era exatamente o ponto.

Mesmo sendo um lugar tão bonito, todo aquele ouro, candelabros de cristal e móveis antigos podiam ser um pouco sufocantes.

Raaaaaaaaaaaaasgo.

Com aquele barulho feliz, ela perdeu outra peça de seu guarda-roupa... O que deixava Wrath muito orgulhoso de si mesmo: expondo presas tão longas quanto

¹ *Hater* é um termo usado na internet para definir pessoas que postam comentários de ódio ou crítica sem muito critério.

² *Tempestade Perfeita* é uma expressão que descreve um evento, em que a rara combinação de circunstâncias agravam drasticamente uma situação. O termo também é usado para descrever um fenômeno que coincidentemente se soma a outro, resultando em um evento de magnitude incomum.

adagas e tão brancas quanto a neve que caía, ele prosseguiu em transformar sua camisa de botões de seda em um pano de chão, rasgando a coisa para expor seus seios nus, botões voando para todo lado.

— Agora, era disto que eu estava falando. — Wrath arrancou seus óculos escuros e sorriu, expondo a bela dentição. — Nada no caminho...

Caindo sobre ela, ele atracou-se com um mamilo enquanto suas mãos iam para a cintura de seus jeans pretos. Levando tudo em conta, ele foi até educado ao liberar o botão e baixar o zíper, mas ela sabia o que estava por vir...

Com um puxão violento, ele arruinou o que era um par de Levi's com somente duas semanas de uso.

Ela não se importava. Nem ele.

Oh, Deus, ela precisava disto.

— Você tem razão, já faz muito tempo, — ela sibilou quando ele foi direto para seu próprio zíper, abrindo os botões, liberando uma ereção que ainda conseguia tirar seu fôlego.

— Desculpe, — ele pediu enquanto agarrava-a pela nuca e a montava.

Quando ela abriu bem as coxas para ele, ela soube exatamente pelo que ele estava se desculpando. — Não peça descul... *Jesus!*

A posse violenta era exatamente o que ela queria... E também era a violenta cavalgada que ele executou, o peso dele esmagando-a, seu traseiro nu esfregando no chão enquanto ele bombeava em uma cavalgada erótica que ficava mais rápida e mais intensa.

Mas tão bom quanto já estava, ela soube como levar as coisas a um próximo nível. — Você ainda não tem sede? — provocou.

Total. Interrupção. Molecular.

Como se ele tivesse sido atingido com um raio de gelo. Ou talvez um caminhão.

Quando ele ergueu a cabeça, seus olhos se acenderam tão brilhantemente, ela soube que, se olhasse para o chão perto a sua volta, veria sua própria sombra.

Enterrando as unhas nos ombros dele, ela se arqueou para ele e inclinou a cabeça para o lado. — Que tal algo para beber?

Os lábios dele se retraíram expondo as presas e ele sibilou como uma cobra.

A mordida foi como uma punhalada, mas a dor apagou-se em um doce delírio que a levou para outra dimensão. Flutuando, ainda que grudada ao chão ao mesmo tempo, ela gemeu e enfiou os dedos no cabelo dele, puxando-o ainda mais perto enquanto ele sugava em sua garganta e se enterrava em seu sexo.

Ela gozou – ele também.

Dã.

Deus, depois de uma seca de quanto tempo? Pelo menos um mês... O que era inédito para eles... Ela percebeu o quanto eles precisavam disto. Muita interferência de todas as exigências que os cercavam. Muito estresse poluindo as horas. Muita merda tóxica que eles não tinham tempo de resolver um com o outro.

Por exemplo, depois de ser atingido por uma bala no pescoço, eles tinham realmente conversado sobre aquilo? Claro, tinha havido um *Oh, meu Deus, você está vivo, você conseguiu*, merdas como essa... Mas ela ainda se encolhia cada vez que um *doggen* abria uma garrafa de vinho na sala de jantar ou um dos Irmãos jogava bilhar até tarde.

Quem diria que um taco de bilhar batendo numa mesa soaria exatamente como o disparo de uma arma? Ela não sabia. Não até Xcor decidir enfiar uma bala na jugular de Wrath.

Difícilmente o tipo de lição que ela desejaria aprender.

Por nenhuma boa razão, lágrimas inundaram seus olhos e correram livres, transbordando pelos seus cílios e escorrendo pelas faces mesmo enquanto uma nova onda de prazer tomava seu corpo.

E então a imagem do ferimento à bala de Wrath ocupou toda sua visão.

Sangue vermelho no colete a prova de balas que ele usava. Sangue vermelho em sua camiseta. Sangue vermelho em sua pele. Os tempos perigosos começaram, a feiura da realidade não mais um bicho-papão hipotético em seu armário mental, mas um grito em sua alma.

Vermelho era a cor da morte para ela.

Wrath congelou pela segunda vez e ergueu sua cabeça. — *Leelan?*

Ao abrir os olhos, ela teve um pânico súbito de não conseguir vê-lo direito, que aquele rosto que ela buscava em cada quarto, não importava as horas, tinha desaparecido, que aquela confirmação visual da vida dele, não estaria lá para ser conferida.

Tudo o que ela podia fazer era piscar. Piscar, piscar, piscar... E ele estava de volta com ela, claro como o dia.

E aquilo a fez chorar mais. Porque seu forte e amado homem estava cego... E embora aquilo não o tornasse defeituoso na opinião dela, o chateava em alguns princípios, e aquilo não parecia justo.

— Ah, caralho, eu te machuquei...

— Não, não... — ela tomou o rosto dele entre as mãos. — Não pare.

— Eu devia ter te levado até a cama...

A maneira certa de fazê-lo voltar a se concentrar era se arquear sob ele, e ela o fez, ondulando e remexendo os quadris para que seu núcleo o acariciasse. E olá, garotão, a fricção foi notada, calou sua boca e deixou-o louco. — Não pare, — ela voltou a dizer, tentando trazê-lo de volta a sua veia. — Nunca...

Mas Wrath se segurou, afastando uma mecha de cabelo do rosto dela. — Não pense nisto.

— Não estou pensando.

— Você está.

Não havia motivo para definir o que era “nisto”. Tramas de traição. Wrath naquela mesa decorada, sufocado pela sua posição. O futuro incerto e não de uma maneira boa.

— Eu não vou a lugar nenhum, *leelan*. Não precisa se preocupar com coisa alguma. Entendeu?

Beth queria acreditar nele. Precisava. Mas temia que fosse uma promessa muito mais difícil de cumprir do que fazer.

— Beth?

— Faça amor comigo. — Era a única verdade que ela conseguiria dizer que não cortaria o barato deles. — Por favor.

Ele a beijou novamente. Duas vezes. E então voltou a se mover. — Sempre, *leelan*. Sempre.

Melhor. Noite. Do. Mundo.

Ao se retirar de sua *shellan* uma hora mais tarde, Wrath não conseguia respirar, estava sangrando na garganta, e seu pau Homem de Aço tinha finalmente amolecido.

Embora conhecendo a disposição do maldito? Ele teria somente cinco, talvez, dez minutos antes do Sr. Feliz ficar no ponto de novo.

A cama grande no centro do vasto espaço do loft tinha sido melhorada desde que emparelhara com sua Beth, e enquanto se deitava de costas, teve de admitir que fazer sexo nela era muito melhor do que no chão. Isto posto, enquanto se recuperava, os lençóis eram desnecessários já que ele poderia fritar um ovo em seu peito de tanto exercício. Cobertores seriam um grande e absoluto: “*Diabos, não!*” Travesseiros tinham sido perdidos rapidamente porque não havia cabeceira na cama, mas a vantagem era a alavancagem a partir de qualquer ponto de apoio.

Às vezes ele gostava de por um pé no chão e realmente se afundar nela.

Beth soltou um suspiro que foi mais longo e mais satisfatório do que um soneto de Shakespeare... E por falar em um “*Diabos, sim*”? O peito de Wrath se inflou como um balão de ar quente.

— Tudo bem aí? — ele balbuciou.

— Deus. Sim.

Mais sorrisos. Era *O Máskara* de novo, nada além de Jim Carrey, sorriso Colgate em toda extensão. E ela estava certa: o sexo tinha sido mais que fantástico. Eles foderam no chão até chegarem ao alcance do colchão. Então, como o cavalheiro que era, ele a colocou na cama... E fizeram de novo mais três vezes. Quatro?

E ele conseguiria continuar a noite inteira...

Certo como um eclipse que apagava a nuvem, seu relaxamento cósmico desapareceu e levou consigo todo o calor.

Não haveria uma *noite inteira* para ele, não mais. Não quando se tratasse de sexo com sua fêmea.

— Wrath?

— Estou bem aqui, *leelan*, – ele murmurou.

Quando ela se deitou de lado, ele pôde senti-la encarando-o, e mesmo que sua visão tivesse finalmente se desvanecido e entrado em pane inteiramente, ele pôde imaginar os cabelos longos e pesados e os olhos azuis dela e seu rosto lindo.

— Não está.

— Estou bem.

Merda, que horas eram? Já se tinham passado mais do que as quatro horas que ele achava? Provavelmente. Quando se tratava de sexo com Beth, ele podia perder fódidos dias.

— É uma e pouco, – ela disse suavemente.

— Porra.

— Ajudaria conversar? Wrath... Pode me dizer onde é que está?

Ah, inferno, ela estava certa. Ele vinha divagando muito ultimamente, recuando para um lugar em sua mente onde o caos não pudesse atingi-lo... Não era uma coisa ruim, mas era uma viagem para um só.

— Só não estou pronto para voltar ao trabalho.

— Eu não te culpo. — Ela buscou sua boca e esfregou seus lábios contra os dele. — Podemos ficar um pouquinho mais?

— Sim. — Mas não tempo suficiente...

Um alarme súbito soou em seu pulso.

— Maldição. — Colocando o antebraço sobre o rosto, ele meneou a cabeça. — O tempo voa, huh.

E responsabilidades o aguardavam. Ele tinha de revisar petições. Proclamações para elaborar. E havia os e-mails em sua caixa de correio eletrônico, aqueles e-mails fodidos que a *glymera* tinha começado a cagar praticamente todas as noites... Embora ultimamente eles estivessem diminuindo de volume... Provavelmente um sinal que aquele bando de lunáticos estavam conspirando. O que não era boa notícia.

Wrath amaldiçoou de novo. — Eu não sei como meu pai conseguia fazer isto. Noite após noite. Ano após ano.

Tudo para acabar assassinado tão jovem.

Pelo menos quando o Wrath pai estava no trono, as coisas eram estáveis: os cidadãos o amavam e ele os amava. Não havia tramas de traição sendo arquitetadas em saletas escondidas. O inimigo vinha de fora, não de dentro.

— Eu sinto tanto, — Beth disse. — Tem certeza que não há coisas que você possa delegar para outras pessoas?

Wrath sentou-se, escovando seus cabelos longos. Ao olhar para longe, sem nada ver, ele quis estar na rua, lutando.

Não era uma opção. De fato, a única coisa em seu roteiro era voltar para Caldie e voltar a colar o rabo naquela cadeira. Seu destino tinha sido selado muitos, muitos, muitos anos atrás, quando sua mãe tinha entrado em seu período de necessidade, e seu pai tinha feito o que um *hellren* devia fazer... E contra todas as probabilidades, o herdeiro fora concebido, nascera, e então havia sido criado por tempo o bastante para que pudesse testemunhar ambos serem assassinados por *lessers* bem na frente de seus olhos pretrans ainda funcionais.

As lembranças tinham a clareza de um cristal.

O defeito ocular não havia se manifestado até sua transformação. Mas aquela fraqueza era, como o trono, parte de sua herança hereditária. A Virgem Escriba tinha então um plano de criação predeterminado, um que era amplificar as qualidades mais desejáveis em machos, e fêmeas e criar um sistema de casta de hierarquia social. Um bom plano, até certo ponto. Como também acontecia com a Mãe Natureza, a lei de consequências imprevisíveis tinha decidido dar uma rasteira neles... E foi assim que o Rei da raça, com sua linhagem... Perfeita... Tinha acabado cego.

Frustrado, ele saltou da cama... E naturalmente pisou em um dos travesseiros ao invés do chão. Quando seu pé falseou e seu equilíbrio se perdeu, ele esticou as mãos para se segurar, mas não fazia ideia de onde estava no espaço...

Wrath tombou no chão, a dor explodindo em seu lado esquerdo, mas esta não era a pior parte. Ele podia ouvir Beth se levantando da cama para chegar a ele.

— Não! – ele gritou, afastando-se dela. — *Eu consigo.*

Quando sua voz ricocheteou em volta do espaço aberto do loft, ele quis enfiar a cabeça numa janela quebrada. — Desculpe, – ele murmurou, jogando o cabelo para trás.

— Está tudo bem.

— Eu não quis te atacar.

— Você está sob muita tensão. Acontece.

Cristo, eles estavam falando sobre ele ter pegado leve no sexo?

Deus, quando ele começou com esta merda de Rei, ele tinha feito aquela besteira de resolução interna se comprometendo a dominar aquela coroa, ser um cara proativo, seguir os passos do pai, bla bla bla. Mas a realidade infeliz era que aquela era uma maratona que iria durar toda a sua vida... E ele já vinha sucumbindo após somente dois anos. Três. Tanto fazia.

Afinal, em que porra de ano eles estavam?

A merda era que todos sabiam que ele tinha o pavio curto, mas ficar trancado na meia-noite de sua cegueira com nada além de exigências pelas quais ele não ansiava, estava tornando-o vulcânico.

Não, espere, isto ainda era um pouco mais temperado do que o que ele sentia agora... E o assunto subliminar era sua personalidade. Lutar era seu primeiro e melhor talento, não governar atrás de uma mesa.

O pai tinha sido um homem de caneta; o filho era um homem da espada.

— Wrath?

— Desculpe, o quê?

— Eu perguntei se você queria algo para comer antes de partir.

Ele se imaginou voltando à mansão, *doggen* por toda parte, Irmãos entrando e saindo, *shellans* por todo lado... E sentiu como se não conseguisse respirar. Ele os amava, mas maldição, não havia privacidade por lá.

— Obrigado, mas eu só vou comer qualquer coisa no estúdio mesmo.

Houve um longo silêncio. — Tudo bem.

Wrath ficou no chão enquanto ela se vestia, o suave ruído de seus jeans subindo pelas suas longas e deliciosas pernas como uma canção fúnebre.

— Tudo bem se eu vestir sua camiseta? – ela perguntou. — Minha blusa está arruinada.

— Sim. Absolutamente.

A tristeza dela cheirava como chuva de outono e parecia tão fria quanto o ar para ele.

Cara, pensar que havia pessoas lá fora desejando ser Rei, ele pensou enquanto se erguia. Horda de Malucos.

Se não fosse pelo legado de seu pai, e todos aqueles vampiros que tinham verdadeira e profundamente amado seu pai, ele teria mandado tudo a merda sem pensar duas vezes. Mas desistir? Ele não podia fazer isto. Seu pai tinha sido um Rei digno de livros de história, um macho que tinha, não somente exercido autoridade pela virtude do trono onde se sentava, mas inspirado honesta devoção.

Se Wrath perdesse a coroa? Seria como urinar no túmulo de seu pai.

Quando a palma da mão de sua *shellan* se juntou à sua, ele se sobressaltou. — Aqui estão suas roupas, — ela disse, colocando-as nas mãos dele. — E eu peguei seus óculos escuros.

Com um puxão rápido, ele tomou-a nos braços, abraçou-a apertado contra seu corpo nu. Ela era uma fêmea alta, mas ainda assim, mal chegava a seu peito, e ao fechar os olhos, ele se curvou para ela.

— Quero que saiba de algo, — ele disse afundado nos cabelos dela.

— O que, — ela murmurou.

— Você é tudo para mim.

Era tão incrível e totalmente pouco... E ainda assim ela suspirou e se derreteu nele como se fosse tudo o que quisesse ouvir. Para tudo ser perfeito.

Às vezes você dá sorte.

E enquanto continuava a abraçá-la, ele soube que seria melhor não esquecer disto. Enquanto tivesse esta fêmea ao seu lado?

Ele poderia enfrentar qualquer coisa.

Capítulo DOIS

CALDWELL, NOVA YORK

— Vida longa ao Rei.

Enquanto Abalone, filho de Abalone, proferia as palavras, ele tentava avaliar a resposta dos três machos que tinham batido à sua porta, marchando sua porta adentro e estavam agora em pé, em sua biblioteca, encarando-o como se o medissem para sua mortalha.

Na realidade não. Ele sondava somente uma expressão... A do guerreiro desfigurado que estava em pé, bem atrás dos outros, encostado no papel de parede de seda, coturnos solidamente pousados no tapete persa.

Os olhos do macho estavam escondidos abaixo do volume de sobrancelhas espessas, as íris escuras o suficiente para que não desse para distinguir qual a cor deles, azul, castanhos ou verdes. Seu corpo era enorme, e mesmo em descanso, era uma evidente ameaça, uma granada com pino instável. E sua resposta para o que havia sido dito?

Não houve mudança em suas feições, aquele lábio leporino um mero talho, o cenho franzido, mesma coisa. Não demonstrava nenhuma emoção.

Mas a mão da adaga se abriu totalmente e então se fechou em um punho.

Claramente, o aristocrata Ichan e o advogado Tyhm, que trouxeram este guerreiro para cá, tinham mentido. Isto não era uma “conversa sobre o futuro”... Não, algo assim sugeriria que Abalone tinha uma opção no assunto.

Isto era um tiro de advertência por entre sua árvore genealógica, uma convocação compulsória que não poderia ser negada.

E ainda assim, as palavras saíram de sua boca do jeito que saíram, e ele não podia mudá-las.

— Está certo de sua resposta? — Ichan perguntou, arqueando uma sobrancelha.

Ichan era típico de sua linhagem e rede de negócios, refinado ao ponto da feminilidade a despeito de seu gênero, vestido em um terno combinando com a gravata e cada fio de cabelo de sua cabeça no lugar. Ao seu lado, Tyhm, o procurador, era o mesmo, mas ainda mais magro, como se sua proeza mental satisfizesse sua necessidade diária de calorias.

E ambos, além do guerreiro, estavam preparados para esperar pela resposta que estava tendo a chance de mudar.

Os olhos de Abalone foram para o pergaminho ancestral que tinha sido emoldurado e pendurado na parede próximo às portas duplas. Ele não conseguia ler os pequenos caracteres no Idioma Antigo dali do outro lado da sala, mas não havia necessidade de se aproximar. Ele os sabia de cor.

— Eu não sabia que havia uma pergunta a ser respondida, — Abalone disse.

Ichan sorriu falsamente e começou a andar em volta, passando os dedos por uma baixela de prata cheia de maçãs vermelhas, a coleção de relógios Cartier de mesa em uma mesinha lateral, o busto de bronze de Napoleão na escrivaninha perto da janela.

— Nós estamos, é claro, interessados em sua opinião. — O aristocrata parou em frente a um retrato feito à pena e tinta em uma cômoda. — Acredito que esta seja sua filha?

O peito de Abalone se contraiu.

— Ela está a ponto de debutar, não é mesmo? — Ichan olhou por cima dos ombros. — Sim?

Abalone queria empurrar o macho para longe do retrato.

De todas as coisas que eram consideradas “dele”, sua filha preciosa, o único rebento que ele e sua *shellan* tinham tido, era a lua em seu céu noturno, a alegria que marcava o passar das horas, sua bússola para o futuro. E ele queria tantas coisas para ela... Mas não em termos da *glymera*. Não, ele desejava para ela o que sua *mahmen* e ele tinham encontrado... Pelo menos nos anos juntos antes que a fêmea fosse chamada ao Fade.

Ele desejava para sua filha um amor duradouro com um macho de valor que fosse cuidar dela.

Se ela não pudesse ser apresentada à sociedade? Aquilo poderia jamais acontecer.

— Sinto muito, — Ichan falou pausadamente. — Você respondeu e eu perdi a resposta?

— Ela está para debutar sim.

— Sim. — O aristocrata sorriu de novo. — Eu sei que você se preocupa adequadamente com o futuro dela. Eu também sou pai, eu sei como é... Com filhas, a gente precisa ter certeza de que irão se emparelhar bem.

Abalone não soltou o fôlego até que o macho voltasse seu caminhar lânguido em volta da sala. — Não te dá um grau de segurança pensar que existem claras demarcações dentro de nossa sociedade? Procriação corretiva resultou em um grupo superior de indivíduos, e é necessária por tradição e por senso comum para preservar nossas ligações com os membros de nossa raça. Pode imaginar sua filha casada com um plebeu?

Esta última palavra demorou, carregando a pronúncia de um palavrão e a ameaça de uma arma engatilhada.

— Não, você não pensou, — Ichan mesmo respondeu.

Na verdade, Abalone não tinha tanta certeza. Se o macho a amasse o suficiente? Mas não era este o ponto de tudo aquilo, era?

Ichan parou para dar uma olhada nas pinturas a óleo que estavam penduradas sobre as prateleiras da vasta coleção de primeiras edições da família. As pinturas eram, naturalmente, de ancestrais, com o mais proeminente deles pendurado acima da lareira de mármore.

Um macho famoso na história da raça, e da linhagem de Abalone. O Nobre Redentor, como era conhecido entre a família.

O pai de Abalone.

Ichan gesticulou com a mão ao redor, incluindo não somente a sala, mas a casa, todo o seu conteúdo, e todas as pessoas sob seu teto. — Isto deve ser

conservado, e a única maneira disto acontecer é se as Tradições Antigas forem mantidas. Os dogmas que nós, da *glymera*, mantemos, são a base do que você espera prover para sua filha... Sem eles, quem sabe o que poderia acontecer?

Abalone fechou brevemente os olhos.

E aquilo fez o aristocrata assumir uma voz mais gentil e carinhosa. — Aquele Rei de quem você falou com tanta reverência... Se emparelhou com uma mestiça.

As pálpebras de Abalone se abriram. Como todos os membros do Conselho, ele havia sido informado da união real, e somente disto. — Eu pensei que ele estava emparelhado com Marissa, filha de Wallen.

— Na verdade, não. A cerimônia ocorreu somente um ano antes dos ataques, e a suposição era de que o Rei tinha prosseguido com o compromisso com a irmã de Havers... Mas a suspeita nasceu quando Marissa logo em seguida se uniu a um Irmão. Mais tarde, a notícia chegou a nós através de Tyhm... — Ele acenou para o advogado — Que Wrath tinha tomado outra fêmea... Que *não é* de nossa raça.

Houve uma pausa, como se a Abalone estivesse sendo dada a chance de engasgar com a revelação. Como ele não ficou tonto de choque, Ichan se inclinou e falou lentamente... Como se estivesse falando com um deficiente mental. — Se eles tiverem descendência, o herdeiro do trono será um quarto humano.

— Ninguém é de sangue verdadeiramente puro, — Abalone murmurou.

— Pior ainda. Você há de concordar, no entanto, que há uma enorme diferença entre relações humanas distantes... E um Rei que é substancialmente desta raça horrenda. Mas mesmo que você não se ofenda... E certamente não é este o caso... As Antigas Leis fornecem os ditames. O Rei deve ser um macho puro da raça... E Wrath, filho de Wrath, não pode nos prover um herdeiro assim.

— Supondo que isto seja verdade...

— É.

— O que vocês esperam de mim?

— Estou simplesmente te deixando a par da situação. Não sou nada além de um cidadão preocupado.

Então para que vir com um capanga? — Bem, eu agradeço as informações...

— O Conselho terá de tomar uma atitude.

— De que forma?

— Haverá uma votação. Logo.

— Para destronar os herdeiros?

— Para remover o Rei. A autoridade dele é tal que ele pode mudar as leis a qualquer momento, vetando a provisão e enfraquecendo ainda mais a raça. Ele deve ser deposto dentro das leis, o mais rápido possível. — O aristocrata relanceou a pintura da filha de Abalone. — Acredito que na sessão especial do Conselho, sua linhagem será bem representada pelo seu selo e suas cores.

Abalone olhou para o guerreiro recostado na parede. O macho mal parecia respirar, mas estava longe de adormecido.

Quanto tempo até a ruína cair sobre esta casa se ele negar seu voto? E que forma assumiria?

Ele imaginou sua filha lamentando a perda de seu pai e sendo rejeitada pelo resto de seu futuro. Ele mesmo torturado e então morto de alguma forma horrível.

Querida Virgem Escriba, os olhos cerrados daquele guerreiro estavam fixados nele como se fosse um alvo.

— Vida longa ao Rei adequado, — Ichan disse, — Mais ou menos isso.

Dito isto, o elegante “cidadão preocupado” finalizou sua visita, saindo da sala com o advogado. O coração de Abalone ribombava ao ser deixado a sós com o guerreiro... E após um momento de silêncio gritante, o macho desencostou-se da parede e se dirigiu à baixela de maçãs.

Com um sotaque baixo e carregado, ele disse, — Estão aqui para serem pegas, não estão.

Abalone abriu a boca, mas só o que saiu foi um ruído.

— Isto foi um sim? — veio um murmúrio.

— De fato. Sim.

O guerreiro levou a mão ao peito e desembainhou uma adaga, cuja lâmina prateada parecia tão longa quanto o braço de um homem adulto. Com um gesto rápido, ele puxou a arma, ergueu-a, a luz se refletindo na lâmina afiada... E com igual segurança, fincou-a em uma das maçãs.

Tudo sem romper contato visual com Abalone.

Removendo a maçã da tigela, seus olhos duros se desviaram para a pintura. — Ela é bem bonita. Por enquanto.

Abalone se postou entre o guerreiro e o retrato, preparado para sacrificar-se se fosse necessário: ele não queria o guerreiro nem olhando para a pintura, muito menos falando sobre ela... Ou fazendo algo pior.

— Até breve, então. — o guerreiro disse.

Ele saiu levando a maçã apunhalada em seu centro.

Quando Abalone ouviu a porta da frente se fechar à distância, ele praticamente colapsou, caindo no sofá estofado de seda verde com membros trêmulos e coração acelerado. Mesmo que suas mãos estivessem trêmulas, ele conseguiu pegar um cigarro de uma caixa de cristal e acendê-lo com um pesado isqueiro de cristal.

Tragando, ele fitou o retrato de sua filha e sentiu terror pela primeira vez em sua vida.

— Querida Virgem Escriba...

Houve sinais de inquietude no último ano: rumores e falatórios indicando que o Rei estava caindo em desgosto entre certos quadrantes da aristocracia; fofocas que uma tentativa de assassinato ocorrera: insinuações que um motim estava se formando e se preparava para agir. E então, ocorrera aquela reunião do Conselho, quando Wrath tinha vindo com a Irmandade, e dirigira uma ameaça aberta aos ali reunidos.

Fora a primeira vez que as pessoas viram o Rei por... Bem, mais tempo do que Abalone podia se lembrar. De fato, ele não conseguia lembrar de quando alguém tivera uma audiência com o governante. Proclamações eram divulgadas, claro... E decretos que eram esparsos e, na opinião de Abalone, muito atrasados.

Mas alguns não concordavam.

E estavam obviamente preparados para forçar as mãos daqueles que não concordavam com eles.

Desviando o olhar para o retrato de seu pai, ele tentou encontrar alguma coragem em seu íntimo, algum tipo de pedra fundamental onde fincar seu pé e manter-se na luta pelo que ele sabia ser certo: Se Wrath tinha se emparelhado com uma mestiça, e daí, se ele a amava? Muitas das Antigas Leis que ele andava reformulando eram discriminatórias, e pelo menos, a *shellan* escolhida pelo Rei mostrava que suas ações estavam de acordo com suas modernas palavras.

Mas havia algo de tradição no Rei: dois aristocratas haviam sido assassinados recentemente. Montrag. Elan. Ambos violentamente e em suas casas. E ambos tinham associação com os dissidentes.

Claramente, Wrath não ia ficar sentado inerte enquanto tramas eram urdidas contra ele. As notícias ruins eram que seus inimigos na corte estavam apostando alto, e se envolvendo pessoalmente no motim.

Abalone remexeu no bolso de seu paletó e tirou seu iPhone. Escolheu um número de seus contatos, e iniciou a ligação, ouvindo o toque ao longe.

Quando uma voz de macho atendeu, ele teve de limpar a garganta. — Eu preciso saber se você foi visitado.

Seu primo não hesitou nem por um momento. — Sim. Fui.

Abalone praguejou. — Eu não quero tomar parte disto.

— Ninguém quer. Mas este aspecto legal que eles trouxeram? — seu primo respirou fundo. — Sobre o herdeiro? Pessoas estão concordando.

— Não é certo. Wrath tem feito coisas boas, nos guiando no caminho do mundo moderno. Ele aboliu a escravidão de sangue e montou aquele lar para fêmeas abusadas e seus filhos. Ele é justo e tem feito suas proclamações...

— Eles o pegaram nesta, Abalone. Eles vão vencê-lo nisto... Porque, a maioria repudia a ideia de uma rainha mestiça e um herdeiro seriamente diluído. — A voz de seu primo baixou mais. — Não fique do lado errado disto, meu sangue. Eles estão

prontos para fazer qualquer coisa que seja necessária para assegurar a unanimidade dos votos quando chegar a hora. E a lei é o que ela é.

— Ele pode mudá-la. Estou surpreso que não o tenha feito.

— Sem dúvida, ele tem em sua mente, assuntos mais urgentes do que alguns livros velhos e empoeirados. E francamente, mesmo se ele modificasse a lei? Não sei se haveria apoio suficiente para ele nisto.

— Ele podia retaliar contra a aristocracia.

— O que ele vai fazer... Matar a todos nós? E então?

Quando Abalone finalmente desligou, ele fitou os olhos de seu pai. Seu coração lhe dizia que a raça estava em boas mãos com Wrath, mesmo que o Rei se isolasse de tantas maneiras. Mas seu primo tinha razão.

Depois de um longo momento, ele fez outra ligação que o deixou de estômago embrulhado. Quando foi atendido, não se preocupou com preâmbulos. — Você tem meu voto, — disse roucamente.

Antes de Ichan poder elogiar seu bom senso, encerrou a chamada. E prontamente puxou um cesto de papéis para vomitar.

A única coisa pior do que não ter nenhum legado... Era não viver pelo legado que lhe foi dado.

Ao sair da casa do aristocrata, Xcor se irritou ao ver que Ichan, o representante do Conselho, e Tyhm, o advogado o esperavam sob o luar.

— Eu acho que o persuadimos o suficiente, — Ichan declarou.

Tanto orgulho naquela voz altiva... Como se o macho já tivesse sentado seu rabo murcho no trono.

Xcor olhou de volta para a mansão estilo Tudor. Através das janelas em formato de diamante, o macho que tinham confrontado estava ao telefone,

fumando um cigarro como se seus pulmões requeressem mais nicotina do que oxigênio. Então, ele parou e olhou para alguma coisa mais acima. Um momento depois, ombros caídos em derrota, ele voltou a levar o celular ao ouvido.

O telefone de Ichan tocou e ele sorriu ao tirá-lo do bolso. — Alô? Que maravilha você ter ligado – houve uma pausa. — Oh, eu acho que isto é tão sábio da sua parte... Alô? Alô?

Ichan afastou o aparelho com um dar de ombros. — Eu não devia nem ficar ofendido por ele ter desligado na minha cara.

Obrigado por enunciar o óbvio.

Xcor pegou sua maçã roubada e retirou-a da lâmina. Com gestos seguros, começou a descascar a pele sangrenta da polpa carnuda e clara, girando-a uma e outra vez até que uma faixa espiralada se formou abaixo de sua arma.

Ao contrário de sua postura favorável ao assassinato, esta nova abordagem quanto a uma renúncia forçada, estava indo bem. Eles tinham mais seis membros das Primeiras Famílias para encontrar e convencer, e então seria hora de tornar a coisa oficial no nível do Conselho. Depois daquilo? As matanças teriam de ocorrer... Sem dúvida um ou todos os aristocratas com quem andavam lidando nutriam ilusões de variedade coroísticas.

O que era facilmente curável, e então ele teria o que queria.

— ...refeição de sua escolha?

Enquanto Ichan e Tyhm olhavam para ele, ele percebeu que tinham acabado de convidá-lo para jantar.

Xcor deixou a faixa de casca cair na neve a seus pés. Sem dúvida, o almofadinha lá dentro tinha empregados para recolhê-la, embora dada a inquietação que o garotão lá demonstrava, talvez ele mesmo se aventurasse a uma caminhada entre suas fodidas topearias e a recolheria ele mesmo.

As melhores ameaças eram feitas em múltiplos níveis.

— Tenho de ir a campo agora, – Xcor disse enquanto mordia a maçã com as presas expostas, trazendo a faca até a boca com o pedaço.

O ruído da mordida teve o efeito desejado.

— Sim, bem, é claro, de fato, verdade, — lchan disse, suas palavras como uma bailarina, rodopiando seus pés apontados em direção ao poço da orquestra.

Que fofo.

Então houve uma pausa, como se a despedida tivesse de ser proferida. Quando Xcor somente ergueu uma sobrancelha, os dois se desmaterializaram como se houvessem emergências em suas respectivas casas para cuidar.

Tão irrelevantes estes peões eram... Ele já tinha utilizado alguns e, sem dúvida, um ou os dois que tinham acabado de sair, iriam para o túmulo a seu serviço.

Dentro da grande casa, o membro do Conselho que tinham vindo visitar ainda mantinha a cabeça baixa... Mas não por muito tempo. Alguém entrou na sala, e fosse quem fosse, o aristocrata não queria que notasse seu aborrecimento. Ele se recompôs, sorrindo e esticando o braço. Quando uma jovem fêmea foi até ele, Xcor percebeu que devia ser a filha.

Ela era bonita, era verdade... O retrato era acurado.

Mas ela não chegava nem aos pés de outra.

Espontaneamente, lembranças inundaram sua mente, imagens de pele e cabelos claros, e olhos que eram capazes de tirá-lo dos trilhos como um tiro, emaranharam seus pensamentos até que agora era ele viajando em suas botas mesmo que continuasse parado, em pé.

Não, não importa quão bela fosse aquela filha, ela não passava de um eco distante do encanto se comparada com sua inatingível Escolhida.

— Você precisa parar com isto, — ele disse sob o frio da brisa noturna. — Pare com isto imediatamente.

Uma ordem razoável, de fato... E ainda assim passaram-se muitos minutos até que ele pudesse se acalmar o suficiente para recuperar o foco e se desmaterializar do gramado frontal.

Um piscar de olhos mais tarde e Xcor estava finalmente em seu elemento: o beco à sua frente era um ponto isolado e esquecido, a neve imunda dos restos de incontáveis lixeiras e caminhões de entrega que tinham passado em cima deste pedaço de chão que ficava na parte de trás de inúmeros restaurantes baratos.

Apesar do dezembro gélido, o fedor de comida estragada e podridão era suficiente para fazer o interior de seu nariz formigar.

Inalando, ele buscou pela doçura nauseante do inimigo.

Ele nascera deformado e fora afastado do mundo pela fêmea que o trouxera ao mundo, assim que saiu do útero. Criado no campo de guerra do Bloodletter, ele fora forjado como uma lâmina naquela fornalha de agressividade e dor, toda e qualquer fraqueza extraída dele até que fosse tão mortal quanto uma adaga.

Este cenário de combate era aonde ele pertencia.

E ele não estaria sozinho por muito tempo.

Olhando ao redor, apoiou seu peso nas coxas. Um grupo de homens apareceu, virando a esquina, andando em bando. Quando o viram, pararam e olharam um para o outro.

Xcor revirou os olhos e virou-se para a direção oposta...

— Oqueporratutáfazendo, – veio o grito.

Virando-se novamente, ele olhou para os cinco. Estavam vestindo um tipo de roupa combinada de humanos durões: jaquetas de couro, toucas escuras, bandanas amarradas embaixo do rosto.

Eles claramente esperavam encontrar outra pessoa, ou pessoas, ali.

Não o tipo de inimigo com quem ele se incomodava. Primeiro, porque humanos eram tão inferiores fisicamente, que era quase como morder aquela maçã. Depois, era certeza eles envolverem outros de sua espécie, fosse de propósito através do medonho telefonema para a emergência, ou sem querer, fazendo barulho que alertavam transeuntes.

— Oqueporratutáfazendo!

Se ele ficasse em silêncio, talvez aquilo evoluísse para um coordenado número de música e dança? Que assustador.

— Continue com sua noite, – ele disse, em uma voz baixa.

— Continue com sua... Quecaralhosdecoisaestrangeiraéessa?

Ou algo do tipo. A pronúncia deles era difícil de decifrar... Mais ainda, ele não tinha interesse em fazer muito esforço naquele sentido...

Do nada, um carro parou naquela esquina, seus pneus perdendo tração quando o motorista pisou no freio.

Tiros soaram, ecoando pela noite, dispersando o grupo, incluindo ele.

— Lugar errado, hora errada. — Xcor pensou, ao levar uma bala no ombro, a dor estourando em sua cabeça – e tornando impossível para ele desmaterializar-se.

Ele não queria nada com esta briga idiota dos ratos sem rabo. Mas parece que teria de se envolver.

Ele *não* ia morrer pela arma de um humano.

Capítulo TRÊS

I-87, CONHECIDA POR THE NORTHWAY³

Oh, aquele cheirinho de carro novo.

Uma combinação de estofamento novo, ainda viscoso de óleo, e cola só superficialmente seca.

Sola Morte adorava carros novos, que era o motivo de seus Audi A4s serem sempre alugados. A cada três anos ela pegava um novo... Às vezes, em menos tempo, se o pacote permitisse troca mensal ou bimestral.

Então, sim, este era um território familiar... Exceto o fato de ela estar sentindo este cheiro de paraíso de dentro do porta-malas de um sedan desconhecido, para onde fora empurrada.

Não exatamente a maneira que ela tinha planejado passar seu fim de sua noite, mas às vezes, o livre arbítrio saía de férias quando mais necessitado.

A questão agora era como sobreviver ao sequestro e voltar para casa.

Como sua linha de trabalho era roubos, ela estava acostumada a improvisar em situações perigosas. Não tinha exatamente o talento de um MacGyver; não era como se pudesse construir uma automática 9mm usando somente fita isolante, um tubo de pasta de dentes, doze centavos e um isqueiro Bic. Mas era esperta o bastante para explorar o ambiente, procurando por um macaco, uma maleta de ferramentas... Uma esquecida lata de refrigerante. Qualquer coisa que pudesse usar como arma.

Ao ser raptada de sua casa, não trazia nada além da parka que vestia e uma esperança desesperada de que fosse quem fosse, a levasse antes que sua avó descesse as escadas e fosse arrastada para tudo isso. Infelizmente não trazia seu celular consigo.

³ The Northway = caminho que leva ao norte.

E até agora, a exploração feita com as mãos pelo porta-malas resultara em um grande e gordo nada.

Ela também não fazia ideia para onde estava sendo levada. Dado o ronronar do motor e a ausência de solavancos? Deviam estar em uma rodovia... E já há um bom tempo.

Cara, sua cabeça doía.

Com que infernos a atacaram? Uma marreta?

Esticando a espinha, tateou por baixo do espaço às suas costas, pensando que podia estar deitada sobre o compartimento de guardar o estepe... E ferramentas. Mas, não sentiu nenhuma irregularidade no carpete. Talvez fosse preciso levantar a coisa toda? Merda.

Ergueu um pouco a cabeça, voltou a verificar as paredes laterais, sentindo o suave arranhar do carpete e o reôncavo do espaço acima dos pneus... Então o compartimento de tela que servia para manter as compras no lugar... Um papel dobrado, que podia ser um mapa, um recibo de algum tipo de compra ou uma lista “das dez melhores maneiras de torturar uma prisioneira”...

Puxou os joelhos até o peito, tentou se virar para outro lado no espaço apertado, brigando com as mãos e os pés, entortando a cabeça em um ângulo desesperador.

— Jeeesus... — ela gemeu ao parar para tomar fôlego. — Cirque du Soleil nunca poderia ser uma segunda carreira para mim.

Voltando a se contorcer e retorcer, ela finalmente conseguiu seu objetivo — a possibilidade de verificar o outro lado...

— Bom, olá...

Enfiou as pontas dos dedos em um furo no carpete, tateou o recorte quadrado até encontrar os trincos de ambos os lados. Desencaixou a tampa de um compartimento, abriu o painel e achou...

Caixa de ferramentas? Estojo de Primeiros socorros?

A sorte tão grande quanto ganhar na loteria de achar uma Smith & Wesson?

Ao se guiar somente pelo tato, tentando decifrar o formato e sentir o que havia dentro, ela se lembrou do quanto estimava sua visão.

— Peguei, – ela sibilou, enterrando as unhas na caixa e lutando com o fecho para liberá-lo.

Quando a mão escorregou, ela percebeu que havia uma maçaneta na beirada. Burra.

O trinco era fácil de abrir, e dentro...

O cilindro tinha cerca de vinte e dois centímetros de comprimento por seis centímetros de largura. Em uma extremidade havia um lacre com uma etiqueta áspera no topo, e dentro? Hora da festa.

Seria sua única chance.

Agarrou a coisa com força, voltando a se concentrar em tentar descobrir aonde ia acabar... Além do necrotério, é claro. O problema era que ela não fazia ideia de quanto tempo eles estavam na estrada... Mas se estivessem levando-a para a casa de Benloise? Então deviam estar quase no destino. West Point não era tão longe assim de Caldie.

E isto era coisa do Benloise.

Vingança do distribuidor de drogas pela invasãozinha para redecoração que ela fizera. Que por sua vez tinha sido o seu jeito de dizer para ele se foder a respeito do assunto do pagamento.

Que tinha envolvido Assail.

Fechando os olhos... Mesmo sem enxergar merda nenhuma... Ela imaginou aquele homem, tudo desde seus brilhantes cabelos negros, seu belo par de olhos profundos, àquele corpo que devia pertencer a um atleta... Ao invés de um traficante de drogas que provavelmente estava a caminho de tomar toda a costa leste como seu território.

Por um segundo de insanidade, ela tinha cultivado a fantasia de que ele viria atrás dela e a salvaria desta confusão. E sim, aquilo era estranho em mais de uma maneira... Primeiro, ela nunca tinha confiado em ninguém antes, e depois, a merda toda de “*salve-me-homenção*” era o suficiente para fazer seus princípios gritarem.

Mas seu orgulho estava em segundo plano nisto: ela sabia coisas demais sobre Benloise. Seria necessário um milagre para libertá-la, e Assail era a coisa mais próxima de um milagre que conhecia. Infelizmente ele demoraria a perceber sua ausência. Eles se conheceram somente porque ela tinha sido paga... Parcialmente... Por Benloise para vigiá-lo. Assail não tinha gostado daquilo e tinha virado o jogo contra ela.

O que tinha levado a... Outras coisas.

Balançando a cabeça até a dor fazer as coisas girarem, ela pensou sobre tudo o que tinha sido importante antes dela ser emboscada em sua própria cozinha: o gato e rato entre os dois, a ameaça sedutora que ele exalava, a carga erótica que ela sentia só de estar na presença dele.

Tudo isto tinha sido tão fodidamente importante.

O atual rolar dos dados tinha apagado tudo isto. Agora ela estava em modo de sobrevivência... E se aquilo não desse certo, ela só esperava que restasse algo para sua avó enterrar.

Porque ela não ia mentir para si mesma. Benloise não pegaria leve com ela só porque ela uma vez tinha sido, por um tempo, quase como uma filha para ele, em certo nível. Ela não devia tê-lo pressionado. Temperamento, temperamento, temperamento; sua raiva tinha sido sua ruína.

Deus, sua avó.

Lágrimas afloraram, fazendo seus olhos arder, fazendo-a fechar as pálpebras e piscar para impedi-las de cair.

Tantas perdas na vida de sua vovó. Tantas coisas difíceis. E esta, provavelmente, seria a pior de todas.

A menos que Sola conseguisse sair desta.

Enquanto sentimentos grandes e complicados demais para segurar invadiam seu cérebro, ela lutou para contê-los... E a solução eventual para aquilo foi uma surpresa. Ela se rendeu ao impulso, no entanto... Do mesmo jeito que tinha feito para conseguir encontrar o cilindro no porta-malas.

Pousou a única arma que tinha perto do quadril, para juntar as mãos acima, e baixou a cabeça, em oração, o queixo encostado no peito.

Abriu a boca, esperou que as repetitivas passagens de sua infância católica aflorassem em seu cérebro e mostrassem à sua língua o que fazer.

E foi o que aconteceu. — Ave Maria, cheia de graça...

As palavras formavam uma cadência, uma batida como a de um coração, o ritmo chegando a ela trazendo uma imensidão de domingos em seu passado distante.

Quando terminou, esperou por algum alívio ou força ou... Qualquer coisa que se pudesse sentir após este ritual ancestral.

Nada. — Maldição.

Palavras... Não passavam de palavras.

Jogou a cabeça para trás em frustração, e acabou batendo no teto do porta-malas... No lugar errado. — Porra!

Hora de cair na realidade, disse a si mesma, enquanto tentava tocar o ponto dolorido.

Conclusão? Ninguém viria salvá-la. Como sempre, ela só tinha a si mesma para contar, e se isso não fosse suficiente para tirá-la desta situação? Então ela ia morrer de uma maneira realmente horrível... E sua avó ia sofrer. De novo.

Por falar em orações? Sola daria qualquer coisa só para voltar e rebobinar aquela noite, congelando a cena no momento em que tinha voltado para casa e não tinha percebido o desconhecido sedan estacionado do outro lado da rua. Em seu mundo perfeito e consertável, ela teria pegado sua arma e ajustado o silenciador antes de subir pela varanda. Ela teria matado os dois, e então teria subido e dito a sua avó que ia mudar os móveis de lugar do jeito que sua vovó tinha lhe pedido para fazer uma semana antes.

Escondida pela noite, ela levaria os dois homens para a garagem, ligaria o carro, colocaria os dois no porta-malas. Ou... Talvez os colocasse no porta-malas do carro deles.

Dali era só achar um local isolado e se desfazer dos corpos. Tchau-tchau.

Depois disto, ela empacotaria suas coisas e de sua avó, e elas fugiriam sem demora... Mesmo que no meio da noite.

Sua avó não faria perguntas. Ela sacaria o que tinha acontecido. Vida dura, mente prática.

Desapareceriam ao nascer do sol, por assim dizer, para jamais serem vistas novamente.

Vê? Muito melhor imaginar um final assim... E talvez aquilo pudesse se tornar realidade também, se Sola cuidasse do negócio quando os homens de Benloise parassem o carro e viessem tirá-la do porta-malas.

Agarrando o extintor, ela começou a se preparar. Que ângulo usaria. Como atacá-los.

Era só masturbação mental, não era... Tudo ia depender da uma fração de segundo que seria totalmente imprevisível.

Enquanto sua mente flutuava, sua respiração diminuiu ao mesmo tempo em que seus sentidos se aguçaram. Esperar deixou de ser um problema; o tempo deixou de ter medidas. Pensamentos deixaram de ser um fator. Exaustão deixou de existir.

Era como se ela estivesse presa naquele submundo entre o momento que antecede a chegada de algo realmente transformador.

Ela viu, claro como o dia, uma fotografia de sua avó. Tinha sido tirada no Brasil quando ela tinha dezenove anos. Seu rosto sem rugas, era cheio do jeito certo, a juventude brilhava em seus olhos, os cabelos caíam pelos ombros, soltos.

Se na época ela soubesse o que a esperava na fase adulta, ela não teria sorrido.

Seu filho morto. Sua filha morta. Seu marido morto. E sua neta, a única que restara?

Não. Sola pensou. Isto tinha de acabar bem. Era a única opção.

Sola não falou em voz alta desta vez... Não houve frases repetitivas ou mãos juntas. E ela nem sabia se tinha mais fé nesta prece do que na que haviam lhe ensinado. Mas por alguma razão, se viu suplicando diretamente no ouvido de Deus.

Eu prometo, Senhor, se sair desta, vou largar esta vida. Eu vou pegar vovó e vamos deixar Caldwell. Eu nunca mais voltarei a me arriscar, roubarei de outrem, ou cometerei qualquer mau ato. Esta é minha promessa solene ao Senhor, pelo coração de minha vovó.

— Amem, — ela suspirou alto.

O IRON MASK, CALDWELL, NOVA YORK

— Oh-Deus-oh-Deus-oh-Deus...

Enquanto Trez mantinha a universitária loira acima do chão, tinha uma boa pegada atrás das pernas dela... Mas sentia-se dolorosamente tentado a largá-la como um Hot Pocket⁴. O sexo estava adequado... Do tipo pizza fria: Mesmo quando fria, ainda era pizza.

Mas não era nenhuma Bella Napoli na Sétima Avenida, em Manhattan.

E esta baboseira *a-ponto-de-ver-Deus*? Totalmente broxante, e não que ele fosse religioso ao modo humano ou estivesse com inveja dela estar se divertindo, enquanto ele pensava em pizza. A performance tipo YouPorn⁵, de cabeça jogada para trás que a todo instante esfregava os apliques de cabelo no rosto dele, começava a irritá-lo.

Fechou os olhos e tentou se concentrar na sensação de seu pau entrando e saindo dela. A mulher tinha grandes e falsos peitos, tão duros quanto bolas de basquete, e uma barriga que balançava ligeiramente, e ele não conseguia se decidir o que era pior: o fato de ele não se sentir nem vagamente atraído por ela; a

⁴ Alimento semi-pronto para ser aquecido no micro-ondas, espécie de um rolinho recheado com queijos, carne ou vegetais, muito consumido nos EUA.

⁵ YouPorn é um site norte-americano onde é possível compartilhar vídeos com áudio e fotos pornográficas. Seu mecanismo de compartilhamento de vídeo é similar ao do YouTube e ao do Google Vídeo, e também utiliza o formato Macromedia Flash para disponibilizar os vídeos.

realidade de ele estar comendo esta vagabunda no banheiro da frente da sua própria casa noturna... De modo que sua equipe irá flagrá-lo na caminhada da vergonha logo que terminassem; ou a chance, ainda que pequena, de que seu irmão pudesse ouvir sobre isso de alguém.

Merda, iAm. O macho tinha um olhar que podia fazer um jogador de futebol americano, vestindo uniforme completo, se sentir nu, com o traseiro ao vento.

Não era o que Trez estava precisando.

— Deus, oh, Deus, oh, Deus...

Pelo amor da porra, se ela pudesse alternar com uns JC⁶, pelo menos, ou algo assim.

— OHDEUSOHDEUSOHDEUS...

Levou a mão para o meio dos dois, decidido a acabar com seu sofrimento. Esfregando o clitóris, ajudou-a a atravessar o limiar bem a tempo de sua ereção murchar totalmente e sair dela.

Colocando-a sobre os próprios pés, ele imediatamente teve de ampará-la, porque os joelhos dela falharam.

— Oh... Deus... Você é incrível... Você é o...

Uh-hu, obrigado, benzinho. A única coisa que lhe importava era quanto tempo levaria para fazê-la se vestir de novo. — Você também, linda.

Trez inclinou-se para o lado e pegou o... Aquilo era um sutiã que ela usava como top? Ou uma calcinha? Ou...

— Oh, eu não preciso de minhas calças legging ainda... Preciso?

Aquilo era para as pernas? Ele pensou, enquanto segurava alto a faixa de tecido negro. Difícil imaginar aquela coisa cobrindo mais do que uma mão, ou talvez um daqueles peitos do tamanho de tigelas.

⁶ Abreviação de Jesus Cristo.

Quem tinha tirado aquelas pseudo-calças? Não tinha sido ele, achava que não, mas não conseguia se lembrar, e não porque estivesse bêbado. Aquela sessão inteira, igual aos últimos anos de sua vida amorosa, não estava apenas completamente, mas propositalmente esquecida.

Então porque ele insistia em continuar fazendo esta merda...

Certo, não havia motivo para bancar o iAm. Seu irmão era mais do que capaz de trilhar toda aquela retórica. Cada. Fodida. Vez. em que eles estavam juntos.

— Papai, eu te amo, — a garota disse, enquanto agarrava os bíceps e se dependurava nele como um poste de stripper. — Eu adoro isto.

— Eu também.

— Você me ama também, certo?

— Sempre. — ele olhou para a porta e desejou ter combinado com alguém para que batesse para interromper. — Deixa seu número, ok? Agora tenho de voltar ao trabalho.

Ela fez beicinho... E aquilo lhe deu vontade de expor as presas e abrir seu caminho para fora daquele banheiro a dentadas.

— A gente podia fazer de novo, — ela provocou, ficando nas pontas dos pés para acariciar o pescoço dele com o nariz.

Garotinha, eu mal consegui dar a primeira, ele pensou. Um repeteco seria anatomicamente impossível.

— Por favoooooooooor, papai... — Mais carinhos. Então ela recuou. — Por favor?

Trez abriu a boca, sentindo a frustração azedar seu temperamento e sua língua...

Foi quando fitou os olhos dela, viu neles uma emoção honesta, e quase recuou. Por falar em espelhos... Ele sentiu como se estivesse olhando para si mesmo: Triste. Vazio. Desenraizado.

Ela era uma mulher incompleta.

Ele era um macho incompleto.

Somente naquele quesito, eles formavam um par perfeito, dois filhos da puta quebrados, se debatendo em volta daquele mar de sexo, tentando se conectar de uma maneira que só fazia seu isolamento aumentar.

— Por favor...? — ela implorou, como se estivesse se preparando para mais uma de uma série de perdas.

Encarando-a, ele percebeu que tinha julgado a garota pelo seu lado externo, mas como com todos os desconhecidos, havia toda uma estória por trás do fato dela ter acabado em um banheiro, balbuciando sobre amor com um homem que não era nem um homem.

Inferno, ele nem mesmo era um vampiro normal.

Trez acariciou a bochecha dela com o nó dos dedos, e quando ela inclinou a cabeça contra sua mão, ele suspirou, — Feche os olhos...

Soou uma única batida à porta, e considerando a altura e força? Não era como se fosse haver uma segunda.

— Chefe? Temos problemas, — ele ouviu atrás da porta.

A voz de Big Rob. Então era um problema de segurança... E já que o cara não tinha ido a Xhex para resolvê-lo? Ela devia estar fora por algum motivo... Ou mais provavelmente, ela mesma tinha mandado chamar o Trez.

Os cílios postiços da loira se ergueram, mas ele não os queria abertos. — Só um minuto, B.R.

— Ok, chefe.

— Feche os olhos, — ele disse de novo. Quando a loira obedeceu, ele se acalmou, o trovejar abafado da música do clube foi baixando, o cheiro muito forte do perfume dela suavizou, a dor no centro do peito dele... Bem, aquilo continuou onde estava, mas o resto de tudo diminuiu.

Buscando a mente dela, fez o que o irmão o desafiava a fazer. Ao contrário das tantas outras mulheres, ele apagou da memória da loira eles terem estado juntos, da conversa insossa que ela tinha iniciado no bar ao que se sucedeu no banheiro, a experiência religiosa que ela tinha acabado de ter.

iAm estava certo. Se Trez tivesse se colocado em ordem todo o tempo? Ele não teria tido problemas com aquela outra garota. E ele e seu irmão não teriam acabado indo morar na mansão da Irmandade. E aquela fêmea Selenia não teria entrado ainda mais dentro dele...

Voltando a se concentrar na loira, decidiu não se limitar ao número de apagação. Ao invés de deixar os vinte minutos como uma zona em branco, lhe deu a fantasia que ela tanto desejava... Que ela tinha encontrado um cara que ficou de olhos arregalados por ela, eles tinham tido o melhor sexo de suas vidas, cinco vezes neste banheiro, antes dela concluir que era areia demais para o caminhãozinho dele.

O que, na nova configuração mental dela, ia ser algo bem recorrente dali em diante.

Finalmente, ele inseriu o pensamento de que ela deveria se vestir e retocar a maquiagem. E como um bônus de último minuto, enfiou na cabeça dela que ela teria o melhor ano... Não, década... De sua vida.

Um minuto depois, Trez saiu, zíper fechado, camisa arrumada, máscara de “*tudo bem*” de volta no devido lugar. Big Rob estava escondido nas sombras, tão discreto quanto qualquer cara do tamanho de uma montanha conseguia ser.

Se juntando ao cara, Trez cruzou os braços no peito e se inclinou contra a parede coberta de tecido. Ele geralmente não falava de negócios na boate, mas a música estava alta o bastante, a multidão distraída de um jeito que só a bebida e o desespero conseguiam fazer, e por último, mas não menos importante, ele se sentiu compelido a ficar de olho na loira. Certificar-se que ninguém tentasse entrar ali antes que ela saísse.

Além disto, ele queria uma confirmação de que tinha deixado ela numa situação melhor do que a tinha encontrado.

Pelo menos um deles podia ser consertado.

— Então, o que há? — Trez escaneou o clube escuro e mal-humorado, a vigilância tanto uma segunda natureza quanto uma questão de treinamento: Sombras tendiam a ser observadores, mas depois de trabalhar com Rehv, e agora sendo o chefe deste poço de iniquidades, a merda tinha virado sua interface primária.

Big Rob estalou os dedos. — Há mais ou menos uma hora, Alex separou uma briga entre dois clientes não regulares. Os dois homens foram expulsos, mas o agressor voltou e está zanzando na calçada lá fora.

A loira saiu do banheiro, devidamente vestida, maquiagem retocada, cabelo preso, ao invés de emaranhado... E o principal, seu queixo estava erguido, os olhos calmos e focados... E aquele sorriso secreto nos lábios dela elevavam sua aparência normalzinha a um nível sedutor.

Enquanto ela caminhava para a multidão, os olhos de Big Rob a seguiram, assim como os de outros homens. Mas ela não parecia perceber, sua confiança parecia ser tudo o que necessitava como companhia.

Trez esfregou o centro de seu corpo e desejou que pudesse hipnotizar a si próprio e arrumar suas coisas do mesmo jeito. Mas também, todo o conserto do mundo não mudaria o fato de que os *s'Hibe* queriam-no de volta como garanhão reprodutor para o resto de sua vida natural.

— Chefe?

— Desculpe, o quê?

— Você quer a gente suma com o cara?

Trez esfregou o rosto. — Eu vou lidar com ele. Como ele é?

— Garoto branco, roupas pretas, cabelo estilo Keith Richards.

— Isso o destaca muito, — Trez resmungou.

— Você o verá logo na frente. Ele está fora da fila.

Trez anuiu e cortou caminho entre a multidão, indo até a porta. No caminho, olhou para as pessoas, inconscientemente buscando por sinais de conflito que pudesse evoluir da baboseira posar a um confronto no beco.

Mesmo Góticos podiam virar valentões de fraternidade se estivessem drogados o suficiente.

No meio do caminho da saída, captou o brilho de algo metálico vindo da direita, mas ao parar para analisar com seus outros sentidos além da visão, não enxergou nada. Retomando seu passo, abriu caminho para fora de seu clube,

acenando para Ivan e o cara novo, que controlavam a entrada, e caminhou ao longo da fila de espera, cheia dos suspeitos habituais.

Embora não do tipo Kevin Spacey, é claro. E pior ainda... Ele adorava o cara naquele filme.

Ninguém na calçada se encaixava na descrição feita por B.R.

Fosse quem fosse, provavelmente tinha saído para uma caminhada.

Ao voltar a olhar para a porta, Trez foi atingido no rosto pelos faróis de um carro, e a dor fê-lo bancar o vampiro tímido e se proteger da luz. Piscando para clarear sua visão, ele, de alguma forma conseguiu chegar à frente da fila e...

— Que caralho... Ele furou a fila! Por que está deixando-o entrar?

Quando Trez percebeu que era ele o assunto da discussão, parou e olhou por cima do ombro. O bocudo valentão tinha cerca de um metro e oitenta de altura, cinquenta e dois quilos... Sem ser uma garota. Claramente, o filho da puta sofria da síndrome de terrier, seus pequenos olhos flamejavam ao encarar Trez, seu Stampy McStampy⁷ fazia-o respirar pesadamente.

Provavelmente jogara muito World of Warcraft ou outro jogo... E isto o fazia esquecer se você fosse ser um fanático linguarudo, seria melhor estar preparado para aguentar quando a merda se voltasse contra você.

Trez se aproximou do cara e lhe deu um momento para absorver a diferença de altura entre eles... E sabe o que mais?, O valentão calou a boca, e continuou calado.

— Eu sou o dono deste lugar, — Trez disse em voz baixa. — Então a questão é, porque caralhos eu deixaria *você* entrar. — Ele olhou para Ivan. — Ele não é bem-vindo aqui. Nunca.

Houve uma discussão naquele ponto, mas para ele já bastava. Como Sombra, ele estava acostumado a ser encarado... Vampiros normais não faziam ideia de como era para sua espécie, e francamente, ele não se importava com eles também. De fato, ele tinha passado a acreditar que as duas espécies não se misturavam... Pelo menos até Rehvenge tomar a frente para ajudar a ele e a seu irmão em seu exílio. De

⁷ Personagem de vídeo game, caracteristicamente quadrado. Infelizmente o sentido se perde no português.

início ele não tinha confiado no cara... Até reconhecer que Rehv era como eles: um estrangeiro em um clube fechado, cheio de caras que não o respeitavam.

Oh, e quanto ao mundo humano? Todo mundo assumia que ele era negro e isso trazia consigo suas próprias associações raciais, boas e ruins... Mas lá estava a ironia. Ele não era nem “Africano” nem “Americano,” então nenhuma daquela merda se aplicava a ele apesar do fato de sua pele, por acaso, ser escura.

Assim eram os humanos, absortos em si mesmos a ponto de se verem em todas as situações. Enquanto isso, havia uma porção de outras espécies caminhando entre eles, e eles não faziam nem ideia.

Se bem que... Se algum imbecil desinformado tentasse trazer a merda racial à tona em sua própria porta? Então o idiota poderia se foder.

Novamente dentro do clube, as luzes estroboscópicas e o barulho o atingiu como uma parede de tijolos e ele teve de forçar-se a atravessar a resistência. Os flashes eram brilhantes demais e o som era pior, ricocheteando ao redor de seu crânio até o que soava se tornar uma confusão ininteligível.

O que diabos sua equipe estava pensando? Quem aumentou tanto o volume...

Oh... Merda.

Esfregando os olhos, ele piscou algumas vezes e... Sim, lá estava, no quadrante direito: uma série de linhas denteadas que brilhavam como o sol através do vidro.

— Porra...

Por causa da sessão de sexo no banheiro, a loira tinha conseguido para si mesma uma nova configuração emocional... E a ele só restavam de oito a dez horas de vômito, diarreia, e dor de cabeça excruciante.

Como todos os que sofriam de enxaqueca, ele olhou para o relógio. Tinha cerca de vinte minutos antes de a festa começar, e ele não podia se dar ao luxo de desperdiçá-los.

Caminhando mais rápido, ele passou pelos corpos, acenando para as garotas de programa e sua equipe de segurança como se tudo estivesse bem. Então, ele foi para a área restrita, passou pelo seu escritório para pegar a jaqueta e as chaves, e saiu pela porta lateral que dava para o estacionamento. Sua BMW o esperava, e ao

entrar, ele cruzou o cinto de segurança sobre o peito e ligou o carro, desejando como o inferno ainda viver no Commodore... Porque ele então poderia pedir para um de seus seguranças levá-lo até lá.

Agora que estavam morando na mansão da Irmandade? Motoristas terceirizados estavam totalmente fora de questão.

É claro, ele podia chamar o irmão. Mas iAm ofereceria seu tratamento de comentários silenciosos o caminho inteiro, e não havia necessidade de sujeitar-se àquela barulheira: iAm era a única pessoa que conhecia que podia fazer o silêncio mais violento do que a decolagem de um avião a jato.

Quando seu telefone tocou, ele pensou, merda, era melhor ele ter ligado para avisar a todos que ele já tinha encerrado por hoje.

Pegou o celular e olhou para o, — Ótimo.

Mas não era como se ele pudesse deixar a ligação de iAm tocar até cair no correio de voz. Varrendo a tela com o dedo, levou a coisa ao ouvido mesmo que no Estado de Nova York fosse proibido falar ao celular no trânsito.

Seu irmão não lhe deu nem chance de dizer “olá”. — Você está com enxaqueca.

— Não era para você ser vidente.

— Eu não sou. Eu cheguei assim que você saiu. Estou bem atrás de você... E só tem uma razão para você sair do trabalho à uma da manhã.

Trez olhou pelo retrovisor, e teve orgulho de si mesmo... Se ele erguesse a cabeça de uma determinada forma, ele realmente podia ver o par de faróis.

— Encoste.

— Eu...

— Encoste essa porra. Eu volto para buscar o carro assim que te deixar em casa.

Trez continuou a dirigir, pegando a Northway, pensando, não, ele podia fazer isso.

Bom plano. Pelo menos até um carro se aproximar pela via oposta... Enquanto ele chegou perto, ficou totalmente cego e não teve escolha além desacelerar. Piscando depois, com toda intenção de pisar no acelerador e continuar a dirigir, só que a realidade se fez presente: seu tempo estava acabando, e não só em relação à enxaqueca.

Os s'Hisbe só estavam se armando para levá-lo de volta ao território, só Deus sabia qual seria seu próximo movimento. Então, o que esta situação não precisava era de iAm vendo seu irmão morrer, bem à sua frente.

Trez já tinha causado muito dano ao cara.

Um carro em chamas não era uma boa marca em sua trajetória.

Se rendendo, ele jogou o carro para a lateral, pisou no freio, e encostou a cabeça no volante. Mesmo fechando os olhos, a aura continuava em seu caminho, se expandindo e movendo gradualmente pelo canto superior direito. Quando desaparecesse? A festa começaria... E não seria divertido.

Enquanto esperava que iAm estacionasse perto dele, pensou ser irônico o modo como fazer a coisa certa, às vezes podia parecer uma total derrota.

Capítulo QUATRO

Ok, o que temos aqui...?

Melhor perguntar o que eles não tinham, Beth pensou, enquanto se inclinava para dentro de um freezer totalmente cheio de sorvetes.

Aparentemente mulheres grávidas gostavam daquela doçura gelada. Ok, a Escolhida grávida, Layla, gostava... E Beth pontualmente todas as noites, levava-lhe o mesmo tipo, já fazia... Quanto tempo mesmo desde a necessidade da fêmea?

Deus, o tempo voava.

E enquanto contava os dias, estava bem consciente de não estar pensando na evolução de Layla. O que estava realmente contando, eram quantas horas tinha passado naquele quarto, sentada perto dela... Esperando que, daquela vez, a superstição das velhas viúvas, se tornasse realidade.

Ela não tinha ficado por lá só para ser uma boa vizinha ou amiga consoladora.

Não. Embora, por que infernos ela pensava que ela e Wrath precisavam de um bebê, em meio a todo este drama, era um mistério. Mas a Mãe Natureza tinha meio que encostado ela contra a parede, e agora não havia retorno, não havia racionalização, nem discussão com aquela ânsia.

Não que ultimamente, ela sequer tenha conversado com Wrath sobre isto. Como se ele já não tivesse o suficiente de problemas para lidar. Mas vamos lá, se ela conseguisse espontaneamente desencadear sua necessidade...

Ela só queria ter um pedacinho dela e de Wrath... E quanto mais perigosas as coisas ficavam com o Bando de Bastardos, mais desesperada aquela necessidade se tornava.

De certa forma, isto era o mais triste da situação na qual se encontravam.

Pelo menos algo dele sobreviveria, se o Bando de Bastardos conseguisse matá-lo.

A onda de dor que acompanhou este pensamento foi tão grande, que ela se apoiou contra o freezer e levou um tempo até conseguir concentrar sua atenção no carregamento de Breyers, Bem & Jerry's, Häagen-Dazs e Klondikes.

Era tão mais seguro se preocupar com o sabor do sorvete da noite. Layla preferia creme... Era o único sabor que conseguia manter no estômago. Mas Beth era mais aberta à experimentação, e, graças ao apetite infame de Rhage, havia um zilhão de sabores para escolher.

Enquanto procurava uma inspiração, o dilema foi um pedacinho diretamente tirado de sua infância, um eco dos dias em que ela pegaria um de seus dólares arduamente ganhos, andaria um quilômetro até o Mercadinho do Mac, e levaria vinte minutos para conseguir o mesmo pote de chocolate Hershey's Dixie que ela sempre tomava. Engraçado, ela ainda podia lembrar como o lugar cheirava àquelas casquinhas crocantes. E a caixa registradora, daquelas antiquadas, tinha uma alavanca do lado.

Quando saía, Mac sempre lhe dava uma colher vermelha de plástico, um guardanapo e um sorriso... Junto com seu troco de vinte e seis centavos.

Ele era especialmente gentil com os órfãos que viviam no Nossa Senhora. Naquela época, um monte de gente era gentil com ela e as outras crianças indesejadas ou azaradas.

— Chocomenta, – ela disse, se inclinando para alcançá-lo e esticando o outro braço para trás.

Ao sentir o ar gelado se elevar, sentiu-se parando de suar. — Oh, sim...

Mesmo que ainda estivessem no maldito dezembro, ela ansiava pelo frio, os poros de sua pele arrepiando-se, os poros de seu rosto se fechando, suas entranhas chiando de tanta secura.

Todo aquele sexo devia ainda estar deixando-a turbinada.

Fechou os olhos e voltou ao momento em que Wrath a possuiu no chão, rasgando suas roupas. Tão bom. Bem o que eles precisavam.

Só que agora ela odiava o jeito que se sentia.

Ele estava tão distante, mesmo com seu corpo no andar de cima, naquele escritório.

Talvez este fosse outro motivo para ela querer um filho.

Concentre-se, concentre-se. — Creme, creme... Cadê você?

Quando descobriu que os de creme tinham acabado, procurou por um napolitano, que era 1/3 creme. Nada mal. Com extração cirúrgica adequada, conseguiria tirar somente o de creme, sem contaminar a tigela de Layla com nenhum dos outros sabores.

Saiu da despensa em direção à cozinha, o cheiro doce e terroso de cebolas sautés e cogumelos misturados com manjerição e orégano foi o paraíso em seu nariz. Mas a ambrósia não era para a Última Refeição, e não era um *doggen* quem cozinhava.

Não. Era iAm... De novo. Parece que ele cozinhava quando estava nervoso, e isso indicava que alguém mais estava na merda.

O Sombra e seu irmão eram as mais recentes adições à casa da Irmandade, e como dono e cozinheiro principal do ultra-tradicional Restaurante Salvatore, iAm tinha mais do que provado seu talento com linguine... Embora não se pudesse dizer que Fritz aprovasse o cara mexendo nas panelas. Como de costume, o mordomo estava por perto, apoplético porque um dos convidados da casa ousasse cozinhar.

— Que cheiro delicioso, – ela disse ao colocar os potes na ilha de granito da cozinha.

Ela não teve chance de pegar tigelas ou talheres. Fritz se pôs em ação, abrindo armários e gavetas – e ela não teve coragem de dizer-lhe que não precisava.

— Então o que é desta vez? – ela perguntou ao Sombra.

— Bolonhesa. – iAm abriu outro vidro de tempero, e pareceu saber exatamente a quantidade a colocar sem precisar usar medidas.

Encontrando seus olhos escuros amendoados, Beth ergueu um pouco mais sua gola rolê para esconder as marcas de mordidas em seu pescoço. Não que ele parecesse ter notado. — Onde está seu irmão?

— Lá em cima, – veio a resposta curta.

Ah. Assunto encerrado. — Bem, acho que te vejo na Última Refeição?

— Eu tenho um encontro, mas há carneiro para o resto de vocês, pelo que ouvi.

— Oh, eu pensei que você estava cozinhando para...

— Isto é só terapia, — ele disse, batendo a colher de pau na beira da panela para tirar o excesso de molho. — E é só por isto que Fritz me deixa usar seu fogão.

Ela baixou a voz. — Eu pensei que você tinha poderes especiais sobre ele.

— acredite, se eu tivesse, eu usaria. — Ele apagou o fogo. — Com licença. Tenho de ver como Trez está.

— Ele está ferido?

— Mais ou menos. — Ele lhe fez uma curta reverência e saiu da cozinha. — Até mais.

Com sua saída, o ar pareceu mudar, as moléculas da cozinha se acalmando, como se o humor sombrio dele tivesse eletrificado o ar em volta. Assustador, mas ela gostava dele e do irmão: outro par de matadores treinados na casa não era nada mal.

— Senhora, eu acho que aqui tem tudo o que precisa. — O mordomo lhe entregou em uma bandeja de prata, tudo o que era necessário para a batalha com os Breyers. — Para você e para a Escolhida.

— Oh, Fritz, que amor — mas, na realidade, eu só preciso de uma tigela. Eu vou comer o meu direto do pote, por mais melequento que pareça. Mas é melhor usar uma — Obrigada. — Ela sorriu quando o mordomo lhe estendeu uma colher. — Você lê pensamentos?

O *doggen* enrubesceu, seu rosto idoso e enrugado se acendendo com um sorriso. — Não, senhora. Mas ocasionalmente eu adivinho bem.

Tirando a tampa da embalagem do napolitano, ela escavou cuidadosamente, para retirar somente a parte de creme. — Ocasionalmente nada, sempre.

Quando ele corou e arregalou seus olhos já extremamente abertos, ela quis abraçá-lo. Mas na última vez que fez aquilo, ele quase desmaiou pela impropriedade

do ato. Os *Doggens* viviam sob um código rígido de comportamento, e embora seu maior desejo fosse servir bem, eles simplesmente não conseguiam aguentar elogios.

E iAm já tinha estressado muito o pobrezinho.

— Tem certeza que não quer que eu lhe sirva? — o mordomo disse ansiosamente.

— Você sabe que eu prefiro fazer eu mesma.

— Posso carregar a bandeja então?

— Não, já peguei. — Quando ele pareceu implodir, ela terminou de encher a tigela de Layla e recolocou a tampa no pote. — Você poderia guardar o sorvete para mim?

— Sim, claro, senhora. E a colher. Deixe tudo comigo.

Enquanto ele saía como um ladrão de banco carregando a pilhagem, ela meneou a cabeça, pegou a bandeja e foi para a sala de jantar. Ao chegar ao vestíbulo, teve de parar para admirá-lo. Mesmo vendo aqueles três andares diariamente, pelos últimos dois anos, o espaço assombroso ainda era como um mundo diferente: do revestimento de ouro, ao chão brilhante de mosaico, do teto murado tão alto, a todas aquelas colunas de malaquita e mármore, eram mágica pura.

E digno da realeza.

De fato, a mansão inteira era uma obra de arte, cada espaço um novo sabor de luxo, inspirado em assombro, um tom diferente de perfeição em cada cômodo.

Ela não vivia daquele jeito antes de Wrath entrar em sua vida... Ou sequer tinha imaginado. Santo Deus, ela podia lembrar depois dos dois terem se mudado para cá. De mãos dadas, eles passaram por todas as alas e andares, do porão catacumbático ao sótão cheio de vigas. Quantos cômodos havia lá? Tinha parado de contar em cinquenta.

Loucura, loucura.

E pensar que não tinha sido só aquilo que tinha herdado do pai. Dinheiro... Havia tanto dinheiro também.

Ao ponto de, mesmo que tivesse dividido igualmente com John Matthew depois que ele tinha entrado em suas vidas? Não tinha feito diferença, mesmo com o meio-irmão ficando com milhões e milhões.

Loucura total.

Passando sobre a imagem da macieira em flor, ela chegou à escada forrada de carpete vermelho e foi para o segundo andar. Sendo órfã a vida inteira, tinha sido um choque descobrir que seu pai a tinha conhecido, olhado por ela, cuidado dela. Mas então, de tudo o que ela tinha ouvido, Darius tinha sido assim. Não se esquivava do dever.

Deus, ela queria tanto tê-lo conhecido.

Especialmente agora.

Ao chegar ao topo da escada, encontrou as portas do escritório abertas, e seu homem estava onde devia estar... Curvado sobre toneladas de papelada em Braille, os ombros imensos bloqueavam quase inteiramente a visão do trono esculpido, seus dedos talentosos traçando linha por linha, as sobrancelhas profundamente baixas por trás daqueles óculos escuros.

Ambos, seu homem e George, seu adorado cão guia, olharam para cima como se tivessem captado seu cheiro.

— *Leelan*, — Wrath disse exalando.

Num salto, o Golden retriever saiu de sua posição enrodilhada no chão, cauda abanando, focinho se esticando em um sorriso que o fez espirrar.

Ela era a única a quem ele sorria... Embora mesmo amando-a, ele não abandonasse o lado do Wrath.

Ela deixou a bandeja de sorvete em uma mesinha do corredor, entrou e acenou para Saxton, em seu lugar habitual no sofá francês azulado. — Como vai a equipe mais trabalhadora do planeta?

O advogado das Leis Antigas se levantou de sua própria pilha de papéis e fez uma reverência a ela, o elegante terno permitindo o movimento fluido. — Você está com uma aparência ótima.

É, bem, nada como um amorzinho.

— Obrigada. — Ela rodeou a imensa mesa e tomou o rosto do marido entre as mãos. — Ei.

— Estou tão contente que esteja aqui, — ele suspirou... Como se fizesse anos desde a última vez que tinham se visto.

Inclinou-se para beijá-lo na boca, e soube que ele tinha os olhos fechados mesmo que não pudesse vê-los por trás das lentes escuras.

E então ela teve de cuidar do cão.

— Como você está, George? — Igual ao marido, deu uma beijoca naquele rosto peludo. — Está cuidando do nosso Rei?

O ruído e o som da cauda batendo na beirada do trono expressava um grandessíssimo sim, se é que era possível.

— Então, no que estão trabalhando? — perguntou, enquanto Wrath puxava-a para seu colo e acariciava suas costas.

Era tão estranho. Antes de conhecê-lo, odiava aquela melação, pseudo-carinhosa que os casais insistiam em fazer. Mas quem diria, os tempos mudam.

— Só petições. — Ou seja: merda que eu preferia tacar fogo a ter de lidar.

— E temos mais duas dúzias para avaliar. — Saxton esticou o braço rígido como se tivesse com câimbras. — E então resoluções sobre disputas e anúncios de nascimentos e falecimentos.

Wrath tombou a cabeça para trás. — Eu continuo achando que deve haver uma maneira melhor de lidar com isto. Eu odeio transformá-lo numa secretária, Saxton.

O macho deu de ombros para sua papelada legal. — Eu não me importo. Faço qualquer coisa para ver o trabalho feito.

— A propósito, o que temos em seguida?

Saxton tirou uma folha de papel de um arquivo grosso. — Certo. Então este cavalheiro quer tomar outra *shellan*...

Beth revirou os olhos. — O que, como *Sisters Wives*⁸, versão vampiro?

— A lei permite. — Saxton balançou a cabeça. — Embora, francamente, como macho gay, eu juro que não entendo o que leva um macho querer uma, muito menos múltiplas... Oh, quer dizer, exceto por você, minha rainha. Você seria digna de exceção.

— Olha a boca, advogado, — Wrath grunhiu.

— Brincadeira, — o advogado replicou.

Beth sorriu ao ver o quão confortáveis eles se sentiam, um com o outro. — Espere, então a coisa de ter duas esposas é comum?

Saxton ergueu um ombro em um gesto elegante. — Era mais prevalente quando a população era maior. Agora, temos menos de tudo: emparelhamentos, nascimentos, mortes.

Wrath encostou a boca no ouvido dela. — Você pode ficar comigo durante meu intervalo?

Um rolar de seus quadris sugeriu que seu cérebro tinha enveredado para terreno horizontal. Ou vertical... Deus sabia que ele era forte o bastante para segurá-la pelo tempo que quisesse.

Sentiu o corpo começar a esquentar... E lembrou do sorvete que tinha deixado no corredor. — Pode me dar uma hora? Tenho de...

Um barulhão no segundo andar fez todos virarem a cabeça.

— Que porra é essa? — Wrath perguntou entredentes.

⁸ Sisters Wives é um reality show americano que retrata a vida de uma família poligâmica, no ar desde 2010. A família conta com o patriarca, 4 esposas e 17 filhos.

No beco do centro da cidade, Xcor se abaixou e cobriu seu ferimento, enquanto tiros pipocavam a sua volta e pneus cantando anunciavam a chegada de mais membros da gangue.

Abrigo. Ele precisava de um abrigo – *agora*. Estes humanos não se importavam com ele, mas a munição era de grosso calibre, como uma chuva torrencial e tão imprevisível e indiscriminada quanto uma debandada de touros.

Pulando para trás, jogou seu corpo contra o prédio, e a dor em seu ombro foi agradável. Mas não havia tempo para aproveitá-la. Olhou para a esquerda... Para a direita...

Foi quando viu uma porta, cerca de cinco metros adiante, então se jogou no chão e rolou naquela direção, sacando sua própria arma ao fazê-lo. Disparou dois tiros no mecanismo de tranca de aço, deu um chute forte e se enfiou na escuridão que havia atrás.

O ar lá dentro era fétido... E doce.

Doentiamente doce. Como a podridão da morte.

Rançoso... Como um *lesser*.

Ao se fechar lá dentro, os tiros continuaram a espocar, e não levaria muito tempo até sirenes começarem a soar. A questão era, quantos morreriam, quantos estariam feridos, e quantos, daquele bando de ratos sem cauda, conseguiriam se enfiar ali também?

Ai de mim, aquelas perguntas bobas teriam que ficar para depois quando ele descobrisse o motivo deste lugar feder com o cheiro do inimigo.

Retirou sua lanterna, iluminou o chão sujo em volta. A cozinha industrial estava claramente abandonada, teias de aranha pendiam de um ventilador industrial acima do fogão e as prateleiras vazias acima dos balcões... Totalmente cobertas de poeira... Os detritos de uma mudança feita às pressas, espalhavam-se pelo caminho até a porta.

Pondo-se a andar, Xcor apontou a lanterna em círculos grandes. Baldes vazios, que certa vez guardaram porções comerciais de molhos e iogurtes virados de ponta cabeça desordenadamente em uma estação de preparo, e tubos ainda cheios de mostarda e ketchup, sem tampa, revelavam conteúdos endurecidos, muito além do

apodrecimento, a um estado de mumificação. Mais para dentro, uma fila de bandejas de uma lavadora industrial, continha um talher errante, e o vidro opaco, meio quebrado, parecia esperar por um lavador fantasma a empurrá-los e iniciar o funcionamento.

Arrastando-se através de pratos de cerâmica em cacos, seguiu o cheiro que exigia sua atenção.

A *Sociedade Lessening* era composta de humanos recrutados em uma guerra contra vampiros, seres fracos resgatados de seu estado lamentável pelo Ômega – com o efeito colateral do fedor permanente, algo parecido com um cervo morto há dois dias e leite azedo.

Era sempre possível localizar o inimigo pelo nariz...

A câmara refrigerada da cozinha ficava do outro lado, sua porta estilo porta de prisão entreaberta, o interior, outro pedaço de breu, tornando impossível antever o conteúdo.

Ao segurar o tranco, sua pele brilhou branca, sob a luz da lanterna, e o ruído da porta se abrindo foi alto o bastante para fazer seus ouvidos zumbirem. Um desordenado amontoado de marcas de patas sugeriam que havia ratos de verdade por ali e ele sentiu-os passar por cima de seus coturnos.

O fedor era tanto que seus olhos lacrimejaram.

O feixe de luz entrou primeiro.

E lá estava.

Pendurado no centro da unidade de armazenamento, suspenso por um gancho na nuca, um macho humano fazia a imitação perfeita de um bovino.

Ao menos, Xcor achava que era um macho, pelas calças e jaqueta de couro. Identificação facial era impossível: Os ratos o tinham devorado da testa para baixo, usando a corrente que o mantinha suspenso como ponte para chegar até à refeição cheirosa.

Então este, infelizmente, não era o inimigo, mas somente um corpo morto de verdade.

Que decepção. Ele tinha esperado por algo mais ao seu estilo. Ao invés, era só mais um humano.

O som despedaçante de algo irrompendo na escuridão, o fez direcionar a luz, e seus sentidos entraram em alerta máximo.

Mesmo com a fedentina do amigo da gravata de gancho e corrente ali, o cheiro metálico de sangue fresco precedia quem tinha entrado.

Awww. Alguém fez dodói.

A ação continuou, com as sirenes que anunciaram a chegada da polícia de Caldwell... Mas os sons estavam abafados, indicando que a criatura que acabara de entrar na cozinha, tinha fechado a porta ao entrar.

— Porra!

O visitante derrubou alguns dos containers plásticos ao esbarrar no balcão. Então houve mais xingamentos. Um grunhido como se estivesse se abaixando, provavelmente naquela bancada de aço inoxidável. Então ouviu-se arfadas entrecortadas.

Perdendo a paciência com todo aquele drama, Xcor saiu da câmara refrigerada. Ao contrário do cara da gangue ferido, ele tinha uma ideia do layout, e conseguiu focar o cara, graças à sua audição e a lembrança de onde a ilha central estava.

Mas, as coisas seriam muito mais fáceis se conseguisse enxergar. Tirando o óbvio benefício da orientação, ele não gostava da sensação suspensa que acompanhava a cegueira, nem de ter de confiar em seus ouvidos e olfato para se locomover. Havia também a realidade de que qualquer coisa podia estar a frente de seus pés, pronto para atacá-lo.

Mas ele conseguiu se aproximar do humano ferido.

— Você não está sozinho, – Xcor falou na escuridão.

— O que! Oh, Deus! Quem...

— Eu pareço da sua espécie? – Ele cuidadosamente alongou um pouquinho mais o R, mais do que geralmente faria, só em caso de seu sotaque do Idioma Antigo não fosse perfeitamente claro.

Mais respiração. Pesada, muito pesada. Acompanhada pelo cheiro acre de verdadeiro terror.

— Vocês humanos... — Xcor deu mais uns passos a frente, não mais se importando em abafar o som de suas botas. — O problema com vocês é que não têm inimigos verdadeiros. Vocês lutam contra vocês mesmos nestes becos da cidade ou nas fronteiras dos países, porque não há nada externo que os unam. Já a minha espécie? Temos um inimigo que exige um mínimo de coesão.

Mas não suficiente para diminuir suas ambições quanto à coroa.

A este ponto, o humano começou a falar atabalhoadamente. Ou talvez fosse algum tipo de oração?

Que fraqueza. Era deplorável – e explorável como um imperativo moral.

Xcor acendeu sua lanterna.

Sob o feixe de luz, o cara da gangue trepou no balcão, o corpo manchado de sangue varrendo a poeira de um pedaço do balcão.

Plasma... Tão bom quanto Lustra Móveis, evidentemente.

Olhos arregalados saltaram das órbitas, e a respiração pesada assobiou pela boca aberta, o cara anteriormente durão perdeu vários pontos enquanto a dor e o medo acabavam com sua bravura, tornando-a não mais que uma lembrança.

— Você precisa saber que há outros vivendo entre vocês, – Xcor disse em voz baixa. — Parecidos, mas não da sua espécie. E nós sempre vigiamos.

O homem recuou, não que houvesse muito lugar para onde ir. O balcão era uma bancada para corte, não um colchão para um homem adulto.

Mais daquilo e ele acabaria caindo no chão.

— Quem... Quem é você?

— Talvez seja melhor mostrar do que falar.

Expondo as presas, Xcor apontou o feixe de luz para seu próprio rosto.

O grito alto foi agudo, e não durou muito. Graças à resposta das glândulas de adrenalina, o homem desmaiou, o cheiro de urina deixando claro que ele tinha perdido o controle de suas funções.

Bem engraçado, realmente.

Xcor se moveu rápido, se movendo com facilidade até a porta, graças à lanterna. Se posicionou contra a parede, apagou a lanterna e deixou aquele grito chamar a devida atenção.

O Departamento de Polícia de Caldwell respondeu com eficiência admirável, um número de oficiais arrombou a porta, lanternas perfurando a densa escuridão.

No instante em que viram o cara da gangue, correram para a frente, e foi esta a deixa para Xcor sair.

Ao atravessar a porta, ele ouviu a palavra *vampiro* se erguer do caos da conversa... E foi com um sorriso que se desmaterializou para longe da multidão.

Lá no Continente Antigo, ele e seu Bando de Bastardos faziam questão de manter vivas as especulações e mitos, ao se exibirem de tempos em tempos, sempre para indivíduos sozinhos, e sempre de modo que se encaixassem nos conceitos equivocados que os humanos tinham da sua espécie.

Defloramento de virgens. Fontes do mal que dormiam em caixões. Monstros noturnos.

Que nojo... Embora o último realmente se encaixasse nele.

E na verdade, era bom fazer algo semelhante aqui em Caldwell, tipo como um cão que demarcava o território. Agradável também, dar para a irrelevância naquela ilha de cozinha algo para assombrar sua memória durante seus dias na prisão.

A gente tinha de encontrar diversão onde conseguisse.

Capítulo CINCO

Quando John Matthew chegou à magnífica escada da mansão, a última coisa em seus pensamentos era o passado.

Conforme subia, estava focalizado, por ordem de importância: ter sua *shellan* nua antes da Última Refeição; tê-la nua no quarto deles; eeeee ter sua *shellan* nua e sob ele no quarto deles antes da Última Refeição.

Importando ou não se ele estivesse totalmente vestido? Não era um grande problema, exceto pela parte abaixo da cintura. E se precisasse, ele deixaria totalmente de lado a parte do “chegar ao quarto”... Desde que, acabassem em um lugar com um mínimo de privacidade.

Então, sim, em seu caminho para o segundo andar, ele estava muito ligado ao presente e à presença de Xhex... Que, segundo o plano, teria saído do Iron Mask há cerca de quinze minutos e estava agora providenciando as partes “nua” e “quarto” das prioridades dele.

Mas o destino o desviou.

Quando chegou ao topo da escada, as portas duplas do escritório de Wrath estavam abertas, e através delas, avistou o quadro familiar: o Rei sentado atrás de sua grande mesa ornamentada; a rainha em seu colo; George, o golden retriever, aos pés deles; Saxton, o ex de Blay e atual procurador de Wrath, sentado no sofá lateral. Como sempre, a imensa mesa estava atulhada de papelada, e o humor de Wrath parecia péssimo.

De fato, aquela expressão sombria dele parecia fazer parte do cômodo, da mesma forma que a mobília antiquada em estilo francês que mal aguentava os Irmãos durante as reuniões, e as paredes azuis claras, que combinariam mais com o quarto de alguma garota chamada Lisette ou Louisa.

Mas o que ele sabia de *Extreme Home Makeover*⁹.

⁹ Reality show transmitido pela Discovery Home&Health no qual, o líder Ty Pennington e sua equipe de designers escolhem uma família que tenha enfrentado/enfrenta algum tipo de dificuldade - um desastre natural como um furacão, por exemplo, muito comum em determinadas regiões dos Estados Unidos ou ainda um membro da família que tem uma doença com risco de

Diminui o passo para cumprimentá-los de longe, com intenção de continuar seu caminho até seu próprio quarto, encontrar sua companheira, fodê-la em posições variadas... E então tomar uma ducha e descer para a última refeição do dia.

Ao invés disto... Bem antes de se afastar... Seus olhos cruzaram com os de sua meio-irmã, Beth.

No instante em que a conexão foi feita, alguma combinação de neurônios explodiu em seu cérebro, e a descarga elétrica foi grande demais para sua placamãe: sem aviso, ele caiu, seu peso se entortando para trás quando a convulsão tomou seus músculos, tornando-os primeiro espasmódicos e então totalmente rígidos.

Ele apagou antes de chegar ao chão...

...E quando recobrou a consciência, a primeira coisa que registrou foi a dor em sua cabeça e seu traseiro.

Piscando lentamente, descobriu, pelo menos, que podia enxergar, primeiro o teto acima entrou em foco com nitidez, antes que uma fileira de rostos preocupados fossem registrados. Xhex estava bem ao seu lado, com as mãos enlaçando sua mão da adaga, a sobancelha tão baixa como se quisesse invadir a meia-noite de seu desmaio para arrastá-lo de volta para ela.

Como parcialmente *sympath*, talvez ela pudesse. Talvez esta fosse a razão dele ter retornado tão rápido? Ou tinha apagado por horas?

A Dra. Jane estava perto dela, e do outro lado, estavam Qhuinn e Blay. Wrath logo atrás, com Beth...

No momento em que registrou a presença da irmã, a atividade elétrica recomeçou, e como um segundo turno de desmaio, tudo o que pode pensar foi, maldição, faz tanto tempo que isto não acontece.

Ele tinha achado que tinha acabado.

morte, dentre outras razões - e seja totalmente merecedora de tamanha ajuda. O objetivo deste *reality show* é reconstruir a casa da família dentro de um prazo de sete dias, adaptando a casa aos moldes dos moradores e realizando o sonho de muita gente.

Convulsões nunca tinham sido um problema para ele, até encontrar Beth pela primeira vez... E depois, tinham havido outros episódios, sempre de repente, nunca com nenhum tipo de padrão perceptível. O lado bom? Nunca tinha acontecido durante as lutas e nunca tinha arriscado sua vida.

Desenfreado, seu corpo empinou para frente, o torso se erguendo do carpete como se houvesse uma corda amarrada em volta do tórax e alguém lá em cima o puxasse.

— John? — Xhex disse, — John, volte a deitar.

Algo brotou em seu peito, um tipo de emoção crescente, ao mesmo tempo totalmente fora de seu alcance. Ainda assim, completamente visceral. Esticando a mão na direção de Beth, ele desejou tomar sua mão... Enquanto ela se abaixava para tocá-lo, sua boca começou a se mover, os lábios e língua encontrando padrões desconhecidos repetidas vezes... Mesmo que, nenhum som quebrasse sua mudez.

— O que ele está tentando dizer? — Beth perguntou. — Xhex? Blay?

A expressão de Xhex tornou-se inescrutável. — Nada. Não é nada.

John franziu o cenho e pensou, Mentira. E ainda assim, não sabia mais do que Beth o que tinha sido... Só sabia que parecia não ser capaz de interromper a comunicação.

— John, seja lá o que for, está tudo bem. — A irmã apertou sua mão. — Você está bem.

Pairando acima de sua *shellan*, o rosto de Wrath se transformou em uma máscara implacável... Como se tivesse captado um clima do qual não tinha gostado.

De repente, John sentiu sua boca se mover em um padrão diferente, agora expressando outras coisas; mas, maldito fosse se fizesse ideia do que era. Enquanto isso, Beth franzia o cenho... Assim como Wrath.

E foi só.

Quando seu cérebro começou novamente a entrar em pane, fixou o olhar em Beth até não conseguir ver nada, além de seu rosto.

Sem nenhum motivo, sentiu como se não a visse há um ano ou dois. E a importância de suas feições, os grandes olhos azuis, os cílios escuros, o cabelo longo e escuro... Ressoou em seu peito.

Não de um modo romântico, não.

Era algo inteiramente diferente... E ainda assim tão poderoso quanto.

Que pena ele não conseguir se apegar à consciência por tempo o suficiente para descobrir o que era.

— Estamos prontos.

Ao terminar sua segunda carreira de cocaína, Assail se endireitou do balcão de granito e olhou para os primos: do outro lado da cozinha de sua casa de vidro no Rio Hudson, os dois estavam vestidos de preto da cabeça aos pés. Mesmo suas armas e facas não refletiam luz.

Perfeito para o que ele planejava.

Assail rosqueou a tampa do vidrinho e guardou o que restava no bolso de sua jaqueta de couro. — Vamos então.

Ao saírem pela porta da garagem, se lembrou do motivo de tê-los trazido do Antigo Continente para Caldwell: Sempre estavam prontos, nunca faziam perguntas.

Naquele quesito, eles eram exatamente como as armas automáticas que carregavam junto ao corpo noite e dia.

— Vamos para o sul, – ele ordenou. — Sigam meu sinal.

Os gêmeos concordaram com a cabeça, seus rostos perfeitamente idênticos compostos e sombrios, os corpos poderosos preparados para agir e levar a cabo tudo o que fosse preciso, em qualquer situação. Na verdade, eles eram os únicos em quem ele confiava... E mesmo aquela confiança, nascida no sangue compartilhado, não era absoluta.

Quando Assail puxou uma máscara negra sobre o rosto, eles fizeram o mesmo... E então era hora de desmaterializar. Fechando os olhos para se concentrar, se arrependeu da cocaína. Ele não precisava mesmo da fissura... Considerando que para onde estavam indo, já estava suficientemente alerta. Mas ultimamente, cheirar o pó era tão habitual quanto colocar seu casaco, ou fixar o coldre da 40mm sob o braço.

Hábito.

Foco... Foco... Foco...

Intenção e força de vontade venceram um segundo depois, e sua forma física se fragmentou em uma associação esparsa de moléculas. Mentalizando seu destino, ele avançou, sentindo seus primos viajarem pelo céu noturno com ele.

No fundo de sua mente, ele reconhecia que esta excursão era injustificada. Como homem de negócios, a vida para ele era calculada na base de retorno de investimento: tudo o que ele fazia era visando algum tipo de lucro ou recompensa. Que era o motivo dele estar no ramo das drogas. Impossível ter maior margem de lucro, do que vendendo produtos químicos para humanos no mercado negro.

Então, não, ele não era um salvador; ele era totalmente o oposto de um Bom Samaritano. E em se tratando de vingança? Qualquer uma que ele levasse a cabo seria em seu próprio proveito, nunca de outro.

Mas neste caso, faria uma exceção.

Seu destino era uma propriedade em West Point, Nova York, uma venerável e antiga casa de pedra, construída em hectares de gramado. Assail já tinha estado na propriedade anteriormente... Quando seguia uma certa ladra... Observando-a, não apenas quebrar um confiável sistema de segurança para entrar, mas também perambular pela mansão, sem roubar maldita coisa alguma.

Mas ela tinha, tirado uma das esculturas de Degas de sua posição original, movendo-a alguns centímetros.

E as consequências para ela, tinham sido horríveis.

O que estava para ser revertido.

Violentemente.

Retomando forma no canto inferior do imenso gramado frontal, ele se escondeu na fila de árvores que delimitavam os limites da propriedade. Enquanto os primos se materializavam ali perto, se lembrou de sua primeira ida àquele lugar, quando viu Sola na neve, com a parka branca camuflada, enquanto deslizava de esqui rumo ao seu alvo.

Simplesmente extraordinário. Era o único modo de descrever qualquer coisinha sobre a mulher.

Um grunhido de posse subiu-lhe pela garganta... Outra coisa da qual ele não estava gostando. Raramente se importava com qualquer coisa além de dinheiro... Certamente não se importava com fêmeas, e nunca, jamais com mulheres humanas.

Mas Sola tinha sido diferente desde o momento em que tinha captado seu cheiro, quando ela invadiu sua propriedade... E a ideia de que Benloise a tinha capturado? Na própria casa dela? Onde sua avó dormia?

Inaceitável.

Benloise não viveria para ver as consequências de suas escolhas.

Assail começou a avançar, medindo a paisagem com olhos atentos. Graças à brilhante lua de inverno, bem podia ser dia ao invés de duas da manhã... Tudo, das calhas da casa, contornos dos terraços, ao anexo dos fundos, estava claramente visível à sua frente.

Nada se movia. Nem no exterior, nem por trás das janelas obscurecidas da casa. Tudo cheirava a dinheiro antigo, pensou. Tão acima de qualquer suspeita. Pelo menos tanto quanto um distribuidor de drogas podia ser.

Talvez Benloise não tivesse orgulho de seu ganha pão.

— Entramos aqui, — Assail disse suavemente, apontando para as janelas de vidro de uma varanda.

Desmaterializou-se por entre elas, e retomou forma no interior, ficando imóvel enquanto tentava escutar passos, gritos, movimentos ou o barulho de uma porta batendo.

O brilho de uma luz vermelha, no alto de um corredor lhe indicou que o sistema de segurança estava ligado e operante... E os detectores de movimento não

tinham sido acionados ainda, por sua aparição súbita. No instante em que se mexessem o inferno se libertaria.

O que era exatamente o plano.

Assail primeiro desligou as câmeras de segurança. Então acionou o alarme ao enfiar a mão no bolso para tirar um charuto cubano... Em resposta, aquela luz imediatamente começou a piscar. E enquanto o alarme fazia seu papel, ele calmamente acendeu o charuto e esperou que, a qualquer momento, alguns vigias entrassem correndo.

Quando aquilo não ocorreu, exalou por cima do ombro, e se pôs em movimento, perambulando por todo o primeiro andar, com os primos em seus calcanhares. Displícitamente, deixou as cinzas do charuto caírem no tapete oriental e no piso de mármore italiano.

Um recadinho para o caso de não encontrarem ninguém: Considerando a retaliação que o homem arquitetou pela simples movimentação de uma estátua, sujeira de charuto deixaria o bastardo puto da vida.

Quando não encontrou nada nas áreas comuns da casa, se dirigiu à ala de serviço e descobriu uma cozinha vazia, moderna e completamente desinteressante. Deus, que enfadonho... O esquema de cores cinza e cromado era como a palidez de um idoso, e a mobília esparsa sugeria que a decoração não era prioridade em espaços que Benloise não frequentava pessoalmente. Mas mais que tudo, assim como na área que já tinha passado, ele não sentia o cheiro de Sola, nem de pólvora recém-disparada, ou sangue fresco. Também não havia pratos em nenhuma das três profundas cubas da pia, e quando ele abriu a geladeira, só porque podia, viu seis garrafas verdes de Perrier na prateleira de cima e nada mais.

Um par de faróis penetrou pelas janelas, iluminando seu rosto, e lançou sombras nítidas entre as pernas da mesa e encostos das cadeiras e armários de cozinha.

Assail soprou uma nuvem de fumaça e sorriu. — Vamos sair e dar as boas-vindas.

Só que o veículo passou pela casa e foi diretamente para o anexo... Sugerindo que, fosse quem fosse, não tinha vindo verificar o alarme acionado.

— Sola... — ele suspirou, ao se desmaterializar para o gramado coberto de neve.

Emoções vinham à tona, no entanto, ele certificou-se de desativar as câmeras de monitoramento externo... Para só então tirar a máscara e poder respirar melhor.

O sedan sem identificação estacionou de frente para a garagem, e dois humanos brancos saíram, batendo as portas e dando a volta para o...

— Saudações, meus amigos, — Assail anunciou ao erguer sua ponto 40.

Ah, olhe. Eles viraram imediatamente bons ouvintes, cada um congelando no lugar, ao se sobressaltar na direção de sua voz.

Aproximando-se, Assail mirou o homem da direita, sabendo que os gêmeos julgariam corretamente seu foco e cuidaria do outro. Ao diminuir a distância, ele se inclinou e espiou através da janela do banco de trás, preparando-se para ver Sola em algum tipo de perigo.

Nada. Não havia ninguém atrás, ninguém amarrado e amordaçado, apagado, ou encolhido em submissão aguardando o espancamento que logo viria.

— Abra o porta-malas, — Assail ordenou. — Só um de vocês... Você. Agora.

Ao seguir o homem para o outro lado, Assail manteve sua arma bem na nuca do fodido, com o dedo coçando no gatilho, pronto para apertar.

Pop!

A tranca do porta-malas se abriu e a porta subiu silenciosamente, as luzes internas se acenderam...

Para iluminar duas mochilas. Só. Nada além de duas mochilas de nylon.

Assail levou o charuto à boca. — Maldição... Onde ela está?

— Onde está quem? — o homem perguntou. — Quem é você...

Em uma onda de puro ódio, a raiva dominou sua mente, e tomou o controle de tudo.

O segundo — *Pop!* — foi o som da bala que saiu da arma de Assail e penetrou o lobo frontal do cara. E o impacto fez o sangue respingar sobre as mochilas, o carro, e a garagem.

— Jesus Cristo! — o outro cara gritou. — O que...

Ira, imaculada por qualquer pensamento racional, fez Assail rugir um som terrível e feio — ao mesmo tempo em que o gatilho era acionado de novo. Por assim dizer.

O terceiro “*Pop!*” derrubou o motorista, a bala entrou bem entre as sobrancelhas, o corpo caiu para trás, como em uma narcoléptica queda livre.

Quando os braços e pernas moles bateram na neve, a voz seca de Ehric soou. — Você sabe que devíamos ter interrogado eles, não sabe?

Assail levou novamente o charuto à boca, deu um longo trago, e se segurou para não fazer algo de que se arrependesse, contra sua própria linhagem. — Pegue as mochilas e leve para a propriedade.

No fim da rua, um carro virou saído da estrada principal e se aproximou em alta velocidade. — Finalmente, — Assail reclamou. — Era de se esperar uma resposta mais rápida.

O carro embicou na casa... Pelo menos até o motorista enxergar Assail, o sedan e os primos. Então, os pneus voltaram a girar no monte de neve, quando o carro voltou a ser acelerado.

— Pegue as mochilas, — sibilou para os gêmeos. — Agora.

Exposto pelos faróis, Assail baixou a arma até a coxa para escondê-la nos bolsos de seu casaco de couro... E o manteve lá. Por mais que o enfurecesse ainda mais admitir, Ehric estava certo. Ele tinha acabado de matar duas fontes de informações.

Mais uma evidência de que estava perdendo a cabeça nisto tudo. E ele não podia voltar a cometer novamente aquele erro básico.

Quando o sedan parou, três homens saltaram, e tinham vindo preparados. Múltiplas armas estavam firmemente apontadas para sua direção: Estes garotos sabiam o que estavam fazendo, e ele até mesmo reconheceu dois deles.

O guarda-costas da frente chegou mesmo a baixar sua automática. — Assail?

— Onde ela está? — ele exigiu.

— O quê?

De verdade, ele já estava ficando cansado daquelas expressões de confusão.

O dedo no gatilho voltou a coçar. — Seu chefe tem algo que quero de volta.

Os olhos argutos do executor se dirigiram para o primeiro sedan com o portamalas aberto... E pelo erguer das sobrancelhas, parece ter notado os sapatos de seus antecessores no asfalto.

— Eles se recusaram a me dar uma resposta, — Assail informou. — Talvez você deva tentar?

Instantaneamente, aquela arma voltou à posição. — O que caralhos é você?

De repente, os gêmeos apareceram e cercaram o trio... E com mais poder de fogo, trazendo armas em todas as quatro mãos.

Assail manteve sua arma onde estava, temporariamente fora de ação. — Eu sugiro que largue sua arma. Se não eles vão te matar.

Houve uma breve pausa... Demorada demais para o gosto de Assail.

Num piscar de olhos, seu braço se ergueu e “pop!” ele atirou no guarda mais próximo, metendo uma bala em seu ouvido, em uma trajetória que imobilizou os dois homens restantes.

Enquanto outro peso morto ia ao chão, ele pensou, Vê? Havia ainda muitos sobreviventes para lidar.

Assail baixou o braço e soltou outra nuvem de fumaça que flutuou pelos faróis, tornando a iluminação azulada. Dirigiu-se aos dois que continuavam vivos, dizendo em voz calma, — Vou perguntar de novo. Onde ela está?

Embora tenha havido uma porção de falatório por parte deles, nenhum deles incluiu a palavra *mulher*, *sequestro* ou *prisioneira*.

— Vocês estão me cansando, — ele disse, apontando novamente a arma. — Sugiro que um dos dois comece a falar agora.

Capítulo SEIS

— Ele está vivo?

Beth percebeu as palavras saírem de sua boca, mas estava só parcialmente consciente de tê-las pronunciado. Era assustador demais quando um cara tão forte quanto John Matthew caía daquele jeito... E pior? Ele tinha recobrado a consciência por um minuto e meio, tinha tentado comunicar algo a ela, e desmaiou de novo.

— Bom, — Dra. Jane disse ao posicionar o estetoscópio no coração dele. — Ok, eu preciso do aparelho de pressão.

Blay entregou a braçadeira estofada na mão da doutora, e a mulher trabalhou rápido, envolvendo o braço forte de John e bombeando a pera na extremidade. Houve um longo ruído, tão alto que fez Beth voltar a se inclinar contra seu *hellren*, mal aguentando esperar pelo resultado.

Pareceu levar uma eternidade. Enquanto isso, Xhex aninhava a cabeça de John em seu colo... E Deus, era difícil de ver aquilo: o ser amado caído e apagado, sem ter ideia do que aconteceria em seguida.

— Um pouquinho baixa, — Jane murmurou ao soltar a tira de velcro. — Mas nada catastrófico.

Os olhos de John começaram a se abrir, as pálpebras batendo.

— John? — Xhex disse roucamente. — Está voltando para mim?

Ele aparentemente estava. Virou-se na direção da voz de sua companheira e ergueu uma mão trêmula para apertar a dela, enquanto fitava profundamente seus olhos. Um tipo de troca de energia pareceu acontecer, e um momento depois, John se sentou. Ficou em pé. Ele só vacilou um pouco para o lado, quando se abraçaram ficaram alma com alma, por um longo momento.

Quando seu irmão finalmente se virou para ela, Beth se libertou de Wrath e abraçou ferozmente o macho mais novo. — Eu sinto muito.

John se afastou e gesticulou, *Por quê?*

— Eu não sei. Eu só não quero... Eu não sei.

Quando ela ergueu as mãos, ele balançou a cabeça. *Você não fez nada errado. Beth... Ssério. Estou bem, tudo está bem.*

Buscando seus olhos azuis, ela perscrutou-os como se estivesse neles a resposta para o que tinha acontecido e o que ele tinha tentado falar. — O que você estava tentando me dizer? — ela suspirou em voz alta.

No instante em que ouviu o que tinha dito, praguejou. Agora não era o momento certo. — Desculpe, não era minha intenção perguntar.

Eu disse alguma coisa?

— Vamos lhe dar um pouco de espaço, — Wrath disse. — Xhex, você quer levar seu homem para o quarto?

— Amém a isso, — A fêmea de ombros largos se adiantou, enganchando um braço na cintura de John e marchou com ele pelo corredor de estátuas.

Dra. Jane guardou de volta seu equipamento em uma maleta preta. — É hora de descobrir o que está causando isso.

Wrath amaldiçoou em voz baixa. — Ele está liberado para ir a campo?

Ela se ergueu, estreitando seus olhos inteligentes. — Ele vai me odiar, mas não. Antes quero fazer uma Ressonância Magnética nele. Para isto, infelizmente teremos de fazer alguns arranjos.

— Como posso ajudar? — Beth perguntou.

— Vou falar com Manny agora. Havers não tem este tipo de equipamento, e nem nós. — Dra. Jane varreu uma mão pelos cabelos loiros curtos. — Eu não faço ideia de como vamos levá-lo ao St. Francis, mas é o que precisamos fazer.

— O que você acha que pode estar errado? — Beth perguntou.

— Sem ofensa, mas você não vai querer saber. Neste momento, deixe-me começar a mexer uns pauzinhos e...

— Eu vou com ele, — Beth olhava tão duramente para a *shellan* de V, que era de se espantar que não queimasse um buraco na cabeça da mulher. — Se ele tiver de fazer este exame, eu vou com ele.

— Está bem, mas vamos levar o mínimo possível de gente. Já vai ser difícil o bastante fazer funcionar, não precisamos levar um exército conosco.

A companheira de Vishous se virou e correu escada abaixo, e ao se afastar, ela gradualmente perdeu sua forma, o peso de seu corpo e presença se dissipou até ela não passar de uma presença fantasmal flutuando sobre o tapete.

Fantasma ou sólida, não importava, Beth pensou. Ela preferia ser tratada por aquela mulher a qualquer outra pessoa no planeta.

Oh, Deus... John.

Beth se virou para Blay e Qhuinn. — Algum de vocês sabe o que ele estava tentando dizer?

Ambos olharam para Wrath. E prontamente, balançaram a cabeça.

— Mentirosos, — ela murmurou. — Porque não me dizem.

Wrath começou a massagear os ombros dela, como se quisesse acalmar o ataque de mulherzinha... E aquilo sugeria que, embora as particularidades lhe fossem desconhecidas por causa de sua cegueira, que ele tinha captado as emoções. Ele era assim. Ele sabia algo.

— Deixe para lá, *leelan*.

— *Não* banquem o Clube do Bolinha para cima de mim, — ela disse, se afastando e olhando para a Brigada Testosterônica. — É o meu irmão... E ele estava tentando falar comigo. Eu mereço participar disto.

Blay e Qhuinn se ocuparam olhando para o carpete. Para o espelho ao lado da mesinha de apoio lateral, que ficava perto da porta aberta do escritório. Para as próprias unhas.

Claramente, eles esperavam que uma fenda espacial se abrisse sob seus coturnos.

Bem, péssimas notícias, garotos... A vida não era um episódio de *Doctor Who*¹⁰. E sabe o que mais? A ideia de que aqueles dois... Da mesma forma que todos os outros machos na casa... Sempre poriam Wrath a sua frente, deixou-a ainda mais puta da vida. Mas ao invés de bater o pé e bancar a megera, ela não teve escolha a não ser guardar a luta para mais tarde, quando estivesse a sós com seu companheiro.

— *Leelan...*

— Meu sorvete está derretendo, – ela murmurou, ao sair e pegar a bandeja.
— Eu ficaria muito feliz se vocês três resolvessem se abrir comigo. Mas não devia nem esperar por isso, não é mesmo?

Enquanto marchava para fora, a sensação que a acompanhou não era nada nova... Sempre, desde que Wrath tinha sido atacado, era como se outra desgraça fosse acontecer a qualquer momento, e Jesus, ver seu irmão caído no chão não fazia nada para diminuir aquela paranoia.

Não.

Alcançando a porta do quarto que tinha sido de Blay antes que se mudasse para junto de Qhuinn, ela tentou se recompor.

Não funcionou, mas bateu à porta assim mesmo. — Layla?

— Entre, – veio a resposta abafada.

Apoiando a bandeja desconfortavelmente no quadril, estava difícil girar a maçaneta.

Payne, a irmã de V, abriu a porta com um sorriso. E, cara, ela era uma presença impressionante, especialmente toda vestida de couro preto. Ela era a única fêmea em turno para lutar com os Irmãos... E ela devia ter acabado de chegar de sua ronda.

— Boa noite, minha rainha.

¹⁰ Doctor Who é uma premiada série de ficção científica britânica, produzida e transmitida pela BBC. A série mostra as aventuras de um Senhor do Tempo - humanoide alienígena viajante do tempo que possui dois corações - conhecido apenas como — O Doutor ("The Doctor").

— Oh, obrigada. — Beth ergueu sua carga e entrou no quarto lilás. — Trago provisões.

Payne balançou a cabeça. — Eu acho que não vai ser necessário. Acho que não há mais nada no estômago dela... De fato, acredito que ela devolveu toda a comida que comeu na última semana também.

Enquanto sons de ânsia vinham do banheiro. Ambas piscaram.

Beth olhou a tigela de Breyers. — Acho melhor voltar mais tarde.

— Não se atreva, — a Escolhida gritou. — Eu estou bem!

— Não parece.

— Estou faminta! Não se atreva a ir embora.

Payne deu de ombros. — Ela tem um humor admirável. Eu venho aqui para me sentir inspirada... Embora não queira desencadear minha necessidade, é por isso que tenho de ir agora.

Enquanto a irmã de V dava novamente de ombros, como se o ciclo feminino e toda aquela coisa de bebê não a interessasse, Beth colocou a bandeja em cima de um móvel antigo. — Bem, na verdade... É pelo que eu estou esperando.

A cara de espanto de Payne a fez praguejar. — Quero dizer... Umm...

Sim, como tirá-la desta.

— Você e Wrath vão ter um bebê?

— Não, não, não... Espere. — quando ela ergueu as mãos, tentou inventar um plano de fuga. — Ah...

O abraço de Payne foi rápido como uma rajada e tão forte quanto o de um homem, cortando a respiração dos pulmões de Beth. — Estas são notícias *maravilhosas*.

Beth se libertou daquele abraço de urso. — Na verdade, não chegamos lá ainda. Eu só... Veja, não diga a Wrath que estou pensando nisso, ok?

— Então você quer surpreendê-lo! Que romântico!

— Sim, ele ficará bem surpreso. — Quando Payne lhe deu um olhar estranho, Beth balançou a cabeça. — Olhe, para ser honesta, eu nem sei se minha necessidade será bem recebida.

— Um herdeiro para o trono poderia realmente ajudá-lo. Se pensar pelo lado político.

— Eu não penso. E não pensarei. — Beth colocou a mão sobre a barriga e tentou imaginar algo mais além de três refeições e algumas sobremesas lá dentro. — Eu só... Realmente quero um bebê, e não tenho certeza se ele também quer. Mas se acontecer... Bem, talvez seja uma coisa boa.

Na verdade, ele lhe disse uma vez que não via filhos no futuro deles. Mas já fazia tempo e...

Payne deu-lhe um apertão no ombro. — Fico feliz por você, e espero que funcione. Mas como eu disse, melhor eu ir, porque se a velha superstição for verdadeira, eu não quero me meter em problemas. — Ela se virou para a porta parcialmente fechada do banheiro. — Layla! Tenho que ir!

— Obrigada por ter vindo! Beth? Você vai ficar, né?

— Sim. Vou ficar aqui um tempinho.

Após a saída de Payne, Beth se sentia com energia demais para se sentar, a ideia de que escondia algo de Wrath a incomodava. Eles precisavam conversar sobre aquilo, era uma questão de encontrar o momento certo para isto.

E a coisa da necessidade/bebê não era a única coisa que pesava sobre si. Aquele confronto com Wrath e os garotos ainda a incomodava. Homens. Ela amava a Irmandade... Todos eles dariam a própria vida por ela e sempre arriscavam carne e sangue quando era necessário defender Wrath. Mas às vezes, aquele lance de — um por todos e todos por um — a deixava louca...

Mais ânsia de vômito. A ponto de Beth titubear e levar as mãos ao rosto.

Prepare-se para isto, disse a si mesma. É lindo e maravilhoso ter ilusões sobre bonecas e ursinhos de pelúcia, arrulhos e afagos, mas havia um outro aspecto na maternidade... E na gravidez... Que era melhor ela se preparar para enfrentar.

Mas, a esta altura, sua necessidade não parecia estar com pressa de vir à tona. Ela estava vindo aqui todas as noites, já há quanto tempo? E sim, ela andava se sentindo meio hormonal... Ou talvez a vida só estivesse realmente difícil.

Sim, pois estes são simplesmente os momentos mais perfeitos para tentar ter um bebê.

Ela devia estar doída.

Foi para a cama, esticou as pernas e começou a atacar o pote de Ben & Jerry com a colher. Revolveu a embalagem, cavoucou os pedaços de chocolate e esmagou-os com os molares, praticamente sem sentir o gosto.

Ela nunca tinha estado tão emocional, mas ultimamente? Comia mesmo sem ter fome, e isto agora estava começando a ficar evidente.

Ao pensar nisto, ela ergueu a camiseta e abriu o botão e zíper de suas calças jeans.

Recostando-se contra os travesseiros, ela se perguntou como era possível ir tão rápido das alturas da paixão e cumplicidade a esta morosidade depressiva: Neste instante, ela tinha certeza de que nunca passaria pela sua necessidade, muito menos engravidaria... E que ela estava casada com um verdadeiro cabeça de bagre.

Voltou a atacar o sorvete, tentando atingir o veio central, fonte dos pedaços de chocolate e disse a si mesma para esfriar a cabeça. Ou... Pelo menos, esperar todo aquele chocolate bater em seu organismo e melhorar seu humor.

A vida seria melhor com Ben & Jerry.

Deveria ser o slogan da companhia.

Eventualmente, ouviu uma descarga no banheiro seguido pelo som de água corrente. Quando a Escolhida saiu, o rosto de Layla estava tão pálido quanto a túnica solta que vestia... E seu sorriso resplandecia como o sol.

— Desculpe-me por isto! – a fêmea disse, animadamente. — Como você está?

— O mais importante é saber como você está.

— Estou fantástica! – ela disse ao pegar seu sorvete. — Oh, isto é lindo. Bem o que eu precisava para acalmar o estômago.

— Eu tive de tirar a parte de mor...

Layla ergueu uma mão. Cobriu a boca com a outra. Balançou a cabeça.

De respiração presa, murmurou, — Não posso nem ouvir a palavra.

Beth tranquilizou-a. — Não se preocupe, não se preocupe. Nós nem mesmo temos em casa o Sabor Que Não Deve Ser Nomeado.

— Tenho certeza que é mentira, mas vou relevar, muito obrigada.

Quando a Escolhida foi para a cama com seu sorvete, olhou para Beth. — Você é tão boa para mim.

Beth sorriu. — Depois de tudo que você passou, isso não parece suficiente.

Quase perdeu o bebê... Então o aborto foi interrompido como mágica. Ninguém sabia realmente o que tinha dado errado, ou como tinha sido consertado, mas...

— Beth? Tem alguma coisa te incomodando?

— Não, por quê?

— Você não parece bem.

Beth exalou e se perguntou se poderia escapar disto com uma mentira. Provavelmente não.

— Sinto muito. — Ela cavoucou no pote de sorvete, retirando a última porção do sorvete de menta. — Eu estou toda... Confusa na minha cabeça neste momento.

— Quer falar sobre isto?

— Eu só estou sobrecarregada com tudo isto. — Ela colocou a embalagem de lado e deixou a cabeça cair para trás. — Sinto como se tivesse este peso sobre mim.

— Dada a situação de Wrath, não sei como você aguenta as noites...

Houve uma batida na porta, e quando Layla respondeu, não foi surpresa que Blay e Qhuinn entrassem. Os dois guerreiros pareciam desconfortáveis... E não por causa da Escolhida.

Beth xingou a si mesma. — Posso só me desculpar com vocês dois agora?

Quando Blay atravessou o quarto para se sentar perto de Layla, Qhuinn se endireitou e balançou a cabeça. — Você não tem que pedir desculpas para nós.

— Então eu fui a única a ter achado que acabaria pulando em suas gargantas? Ah fala sério. — E agora que ela tinha se acalmado e estava adequadamente chocolatizada, precisava se desculpar com o marido... Além de fazê-lo falar. — Eu não queria agir como uma megera.

— Tempos difíceis. — Qhuinn deu de ombros. — E eu não gosto de santos.

— Sério? Você se apaixonou por um, — Layla provocou.

Quando Qhuinn olhou para Blay, seus olhos desiguais se cerraram. — Maldição, me apaixonei mesmo, — ele disse, suavemente.

Quando o ruivo enrubesceu... Naturalmente... Aquela conexão entre os dois machos se tornou positivamente tangível.

O amor era uma coisa tão linda.

Beth esfregou o centro do peito, e teve de redirecionar as coisas antes de começar a chorar. — Eu só queria saber o que John tinha dito.

Qhuinn fechou a cara. — Pergunte ao maridão.

— Eu vou. — E uma parte dela quis encurtar a visita à Escolhida e ir diretamente ao escritório de Wrath. Mas então, ela pensou em todas aquelas petições nas quais ele e Saxton estavam trabalhando. Parecia egoísmo demais invadir lá e interromper os dois.

Além disto, ela estava a ponto de chorar... E não seriam lágrimas de comercial de telefone. Seriam mais como o que tinha acontecido com ela no final de *Marley e eu*.

Fechou os olhos, vasculhou os últimos dois anos e lembrou como era entre ela e Wrath no início. Paixão ardente. Conexão de corpo e alma. Nada além dos dois, mesmo quando estavam entre uma multidão.

Tudo aquilo ainda estava lá, disse a si mesma. Mas a vida, tinha um jeito de encobrir as coisas. Agora, se ela quisesse estar com seu homem, tinha de entrar na fila e aquilo estava ok... Ela compreendia a pressão do trabalho. O problema era que,

ultimamente com muita frequência, quando eles finalmente ficavam sozinhos, Wrath trazia aquela expressão no rosto.

Aquela que dizia que ele só estava lá de corpo. Não de mente. Talvez nem mesmo de alma.

Aquela viagem a Manhattan tinha servido para lembra-los de como as coisas eram. Mas era só uma folga, um intervalo da real natureza de suas vidas.

Pousou as mãos sobre o ventre ligeiramente inchado e, desejou que estivesse perdendo suas roupas pela mesma razão de Layla.

Talvez este fosse outro aspecto deste assunto de bebê para ela. Talvez ela estivesse buscando retomar aquela conexão visceral que tinha com Wrath.

— Beth?

Voltando a si, olhou para Layla. — Desculpe-me, o quê?

— O que você quer assistir? — Layla perguntou.

Oh, uau, Blay e Qhuinn tinham saído. — Hum... Quem vomitou por último tem de escolher.

— Não é assim tão ruim.

— Você é uma verdadeira guerreira, sabia?

— Na verdade, não. Mas posso dizer que eu queria para você a mesma oportunidade de... Como você diria, enfeitar?

— Enfrentar. É enfrentar.

— Certo. — A Escolhida pegou o controle remoto e colocou no guia da Time Warner na tela. — Eu estou determinada a aprender a falar corretamente. Vamos ver... *Millionaire Matchmaker*?

— Eu adoro a Patti.

— Eu também. Sabe, este sorvete realmente saiu bem...

— Caiu. Quer mais? Eu posso descer e...

— Não, vamos ver se ele fica. — A Escolhida colocou a mão na própria barriga.
— Sabe, eu realmente desejo isto para você e o Rei.

Beth olhou para seu corpo, desejando que ele também concordasse. — Posso ser honesta?

— Por favor.

— E se eu não for fértil? — Quando as palavras saíram, seu peito queimou com um medo tão profundo, que teve certeza que deixaria uma cicatriz.

Layla estendeu a mão. — Não diga isso. É claro que você é.

— Eu sou mestiça, certo? Minha menstruação nunca foi regulada quando eu era... Você sabe, antes da minha transição. Eu ficava anos sem menstruar, e então, quando vinha, não parecia certo. — Não havia motivo para detalhar para a Escolhida, mas o que descia para ela era muito pouco... Não parecia em nada o que as outras garotas descreviam. — E depois de minha transição, parou de vez.

— Bem, eu não estou familiarizada em como são os ciclos aqui em baixo, mas acho que cinco anos após a transição você vai passar pela sua primeira necessidade. Quanto tempo já passou?

— Dois anos e meio. — Eeeee agora ela se sentiu realmente maluca. Por que ela estava se preocupando com algo que não apareceria em seu horizonte em menos de três anos? — Antes que você diga, Eu sei, eu sei... Seria totalmente precoce se eu passasse por minha necessidade agora. Um milagre. Mas a única regra para as mestiças é não haver regra alguma, e eu tenho esperanças... — Esfregou os olhos. — Desculpe, eu vou parar. Quanto mais eu falo em voz alta, mais percebo que estou ficando louca.

— Ao contrário, eu entendo perfeitamente como se sente. Não se desculpe por desejar um filho, ou por fazer tudo o que estiver ao seu alcance para conseguir. É perfeitamente normal.

Beth não teve a intenção abraçar a Escolhida. Só que... Um minuto ela estava de costas nos travesseiros; no segundo, ela estava abraçando Layla.

— Obrigada, — Beth disse.

— Querida Virgem no Fade. — Layla correspondeu ao abraço. — Agradece por quê?

— Eu precisava saber que alguém compreende. Às vezes, me sinto só.

Layla respirou fundo. — Eu sei como é.

Beth se afastou. — Mas Blay e Qhuinn estão totalmente com você nisto tudo.

A Escolhida balançou a cabeça, uma expressão estranha comprimindo sua expressão. — Não é sobre eles.

Beth esperou que a outra fêmea explicasse o que queria dizer. Quando ela continuou em silêncio, Beth não quis pressionar. Mas talvez... Só talvez, as coisas não fossem tão descomplicadas quanto pareciam. Todos sabiam que a fêmea tinha sido apaixonada por Qhuinn antes – mas parece que tinha se conformado com o fato dele estar destinado a outro.

Com certeza ela era melhor em esconder seus sentimentos do que as pessoas achavam.

— Você sabe por que eu te compreendo perfeitamente? — Layla disse, quando ambas voltaram a se recostar nos respectivos travesseiros.

— Diga-me. Por favor.

— Eu precisava de algo que fosse meu. E Qhuinn também. — Desviou o olhar. — E é por isto que eu te invejo. Você vai fazer isto junto com seu companheiro. Isto é... Extraordinário.

Deus, o que ela poderia dizer em resposta? “Qhuinn te ama de um jeito especial?” Era como tentar tratar a dor de uma fratura exposta somente com aspirinas.

Quando os claros olhos verdes da Escolhida se fixaram na TV, ela pareceu bem mais velha do que sua idade.

Era um bom lembrete, Beth pensou consigo mesma. As coisas não eram 100% perfeitas para ninguém... E por mais que Beth estivesse lutando, pelo menos ela não carregava o bebê do homem que ela amava... Enquanto ele estava sendo feliz com outra pessoa.

— Eu não consigo imaginar como é difícil para você, — ela se ouviu dizendo. — Amar alguém com quem não pode ficar.

Olhos arregalados se fixaram nos seus... E houve um eco de algo que não pôde decifrar neles.

— Qhuinn é um bom macho, — Beth disse. — Posso entender porque você gosta tanto dele.

Momento desconfortável. E então a Escolhida pigarreou. — Sim. De fato. Então... Patti parece descontente com este cavalheiro.

Grande, Beth pensou. Até agora ela fez o irmão desmaiar, se meteu no trabalho do marido... E agora estava evidentemente irritando Layla.

— Eu não vou contar a ninguém, — ela disse, esperando consertar as coisas.

— Obrigada, — a Escolhida respondeu após um momento. — Eu serei eternamente grata por isto.

Forçando-se a se concentrar, Beth descobriu que, sim, Patti Stranger estava repreendendo um conquistador de cabelo oleoso.

Eles provavelmente violaram a regra dela de “Nada aqui, aqui ou aqui”. Ou isso ou ele tinha arruinado grandemente o encontro.

Beth tentou prestar atenção no programa, mas a animação tinha saído do quarto, tão certo como se fosse outra presença no quarto com elas, um espectro ou um fantasma, e não no sentido da Dra. Jane.

Não, um peso tinha se instalado no próprio ar.

Quando acabou o episódio, Beth olhou para o relógio mesmo que a TV mostrasse as horas. — Eu acho que vou ver como Wrath está. Talvez seja hora do intervalo dele.

— Oh sim, e eu estou cansada. Acho que vou dormir.

Beth saiu da cama e recolheu a tigela e o pote vazio de sorvete, devolvendo-os à bandeja de Fritz. Perto da porta, olhou para trás.

Layla estava sentada, apoiada naqueles travesseiros, olhos fixos na TV como se prestasse atenção. Mas Beth não acreditou. A fêmea não parava de falar quando assistia à TV, pronta para discutir sobre qualquer coisa, desde sobre o que as pessoas vestiam ou como se expressavam diante de qualquer drama que considerasse chocante.

Mas naquele momento, estava dando uma de Wrath... Aqui, mas não aqui, presente e ausente ao mesmo tempo.

— Durma bem, – Beth disse.

Não houve resposta. E também não parece que haveria sono para a fêmea.

Beth saiu para o corredor de estátuas... E parou.

De fato, ela não ia ver Wrath. Não confiava em si mesma naquele momento. Estava muito desequilibrada emocionalmente... E ela não tinha completa certeza de conseguir evitar mencionar o bebê no momento em que estivessem a sós.

Não, antes de vê-lo, precisava de um pouco de equilíbrio.

Era do seu máximo interesse.

E também no de todo mundo.

Capítulo SETE

Assail matou seu quarto humano um momento após derrubar o número três.

E que o ajudasse a Virgem Escriba, estava ansioso por matar o último do trio que tinha chegado com tanta vivacidade. Ele queria pisar em cima dos mortos e respirar o aroma do sangue fresco e da dor. Daí, queria chutar o corpo quando acabasse. Talvez atear fogo.

Mas Ehric estava certo. Quem iriam interrogar se fizesse isso?

— Mantenha-o, – ele ordenou, apontando para o último macho humano que tinha restado.

O irmão de Ehric ficou mais do que feliz em obedecer, deu um passo à frente, e deu uma chave de braço naquele pescoço. Com um puxão violento, fez o homem curvar para trás.

Assail se aproximou de sua presa, tragou seu Cubano e soltou a fumaça na cara do guarda-costas. — Eu quero entrar naquela garagem. — Apontou para o anexo, pensando que talvez eles a tivessem mantendo lá. — Você vai fazer isto acontecer. Seja me dando a chave, ou com meus sócios te usando como aríete.

— Eu não sei porra nenhuma! Que caralho! Cacete! – Ou algo do tipo. As palavras saíam estranguladas.

Que linguagem brutal. Mas também, dado o aspecto Cro-Magnon¹¹ daquele cenho, era de supor que estivesse lidando com muito pouco, em termos de raciocínio elevado.

Era fácil ignorar todo aquele balbuciar. — Agora, vamos usar uma chave ou dispositivo eletrônico de abertura... Ou alguma parte de sua anatomia?

— Eu não sei, porra!

Bem, eu preciso responder a isto, Assail pensou.

¹¹ Cro-Magnon é o nome que se dá aos restos mais antigos conhecidos na Europa de Homo sapiens, a espécie à qual pertencem todos os humanos modernos.

Virando o charuto, encarou a brilhante ponta alaranjada por um momento. Então, aproximou-se mais e colocou aquela ponta ardente a poucos milímetros do rosto do cara.

Assail sorriu. — Que bom que meu sócio esteja te segurando tão firme. Um movimento na direção errada e...

Ele apertou as brasas na pele do homem. Imediatamente, um grito ressoou na noite, espantando um animal no mato, penetrando os ouvidos de Assail a ponto da dor.

Assail retirou o charuto. — Vamos tentar novamente uma resposta? Quer usar a chave? Ou outra coisa?

A resposta abafada foi ininteligível, enquanto o cheiro de carne queimada invadia o ar. — Mais oxigênio, — Assail murmurou para o primo. — Para ele poder se comunicar, por favor.

Quando o irmão de Ehric aliviou um pouco o apertão, a resposta do homem explodiu de sua boca. — Dispositivo. No Visor. Lado do Passageiro.

— Ajude este homem a pegá-lo para mim, por favor.

O irmão de Ehric foi gentil como uma marreta na cabeça de um prego, ao arrastar seu prisioneiro, sem se preocupar com os contornos do carro... Na verdade, ele parecia usar o corpo do homem para testar a integridade estrutural daquela lataria.

Mas o dispositivo foi encontrado e oferecido por uma mão trêmula... E Assail era esperto demais para acionar ele próprio a coisa. Armadilhas lhe eram muito familiares, e era melhor deixar outra pessoa apertar aquele botão.

— Abra para mim, por favor.

O gêmeo de Ehric empurrou o homem na direção da garagem, mantendo a arma a centímetros de distância da lateral da cabeça. Houve um bocado de tropeços e quedas, mas tirando os passos em falso, o guarda-costas conseguiu cruzar a distância.

As mãos do cara tremiam tanto que levou muitas tentativas para apertar o botão certo, mas logo duas das quatro portas se ergueram. Então, os faróis do sedan iluminaram tudo lá dentro.

Nada. Só um Bentley Flying Spur de um lado e um Rolls Royce Ghost do outro.

Praguejando, Assail correu na direção do prédio. Sem dúvidas, algum tipo de alarme silencioso estava acionado, mas não se preocupou muito com isso. A primeira cavalaria já tinha chegado. Haveria um intervalo até que o segundo esquadrão viesse.

A construção tinha dois andares, e dada suas janelas com painéis térmicos e proporções historicamente incorretas, só se podia assumir que tinha sido construído neste século. E ao entrar na baia à esquerda, ele não se surpreendeu que tudo fosse imaculado, o chão de concreto pintado de cinza, as paredes suaves como gesso e branco como papel. Não havia cortadores de grama lá dentro, ceifadeiras ou ancinhos. Sem dúvida, havia um serviço para aquele tipo de coisa, e ninguém ia querer aquele tipo de equipamento sujo e fedido em volta dos queridos automóveis.

Ao se mover rapidamente em volta da luz direta, os cadarços de suas botas marcavam nitidamente seus passos, os sons ecoavam em volta. Não parecia haver um subsolo. E em cima, não havia nada além de um escritório pequeno que era usado para armazenar pneus sobressalentes, capotas de conversíveis e outros acessórios de automóveis.

Voltando ao térreo, Assail saiu do lugar em passos rápidos. Ao se aproximar do guarda-costas, podia sentir suas presas alongarem, suas próprias mãos tremendo, a mente zumbindo de um jeito que o fazia pensar em carros voando pela Autobahn. — Onde ela está?

— Onde... Está... Quem...?

— Me dê sua faca, Ehric. — Quando o primo desembainhou uma lâmina de vinte centímetros, Assail guardou sua pistola no coldre. — Obrigado.

Ao pegar a faca, Assail encostou a ponta na garganta do cara, exercendo tamanha pressão que pôde sentir o cheiro do medo porejando no suor, além do calor da respiração que aquela boca aberta exalava.

Claramente, estava fazendo a pergunta errada. — Onde mais Benloise mantém prisioneiros? — Antes do homem conseguir falar, ele cortou, — Te aconselho a ter cuidado na resposta. Se mentir? Eu saberei. Mentiras tem um fedor próprio.

Os olhos do homem varreram o local como se fizesse um inventário das chances de sobrevivência. — Eu não sei eu não sei eu não sei...

Assail enfiou a faca até penetrar a superfície da pele, e o sangue vermelho manchar a lâmina. — Está não é a resposta correta, meu amigo. Agora me diga, onde mais ele esconde pessoas?

— Eu não sei! Juro! Eu juro!

Isto se manteve por algum tempo, e tragicamente, não houve sinal perceptível de mentira.

— Maldição, — Assail murmurou.

Com um movimento rápido, ele silenciou a baboseira... E o quinto inútil humano foi ao chão. Virando-se, olhou para a casa. Contra o pano de fundo dos telhados angulosos e chaminés, pelas árvores esqueléticas do outro lado... Um brilho gentil tinha aparecido no céu a leste.

Um prenúncio de condenação.

— Temos de ir, — Ehric disse em voz baixa. — Retomamos a busca pela sua fêmea à noite.

Assail não se incomodou em corrigir as palavras do primo. Ele também estava distraído pelo fato de que o tremor de suas mãos estava subindo, uma semente se espalhando por toda sua carne, até que mesmo os seus músculos formigavam.

Levou um momento para diagnosticar a causa, e quando o fez, a maior parte dele se recusou a aceitar a definição.

Mas o fato era que... Pela primeira vez em sua vida adulta, ele estava com medo.

— Onde diabos fica este lugar? Na porra do Canadá?

Atrás do volante do Crown Vic, Duas Toneladas sentia vontade de atirar na própria boca diante daquela reclamação incessante. A viagem de cinco horas, dirigindo pelo meio da noite era ruim o bastante, mas o desperdício de pele ao seu lado, no banco de passageiro?

Se quisesse fazer um favor ao mundo, ele apontaria a arma para *aquela* direção, não para si mesmo.

Ah, seria uma satisfação enorme apagar a luz piloto daquele fodido, mas na organização, o papel de supervisor só te permitia ir até um ponto... E o direito de matar um bastardo falador estava bem além.

— Quero dizer, onde caralhos a gente tá?

Duas Toneladas cerrou os dentes. — Estamos quase chegando.

Como se o Filho da Puta tivesse cinco anos de idade e os dois estivessem indo para a casa da vovó? Jesus Cristo.

Enquanto se aprofundava ainda mais naqueles cafundós, os faróis do sedã iluminavam a distância imediata à frente, as fileiras de pinheiros e as duas pistas que se curvavam ao redor da base de uma montanha fora da noite. Mas, o amanhecer estava chegando, uma luz tênue cor de pêssego lá no leste.

Grandes fodidas notícias. Mais cedo ou mais tarde, eles finalmente estariam fora da estrada, e então poderiam finalizar os negócios, e conseguir descansar um pouco.

Fechando os olhos, ele se inclinou sobre o volante. Ele tinha a sensação de que estavam chegando no desvio...

Duzentos metros depois, uma estrada de terra não demarcada apareceu à direita.

Não havia motivo para sinalizar com a seta... Ou diminuir a velocidade. Pisou no freio, e girou o volante, ouvindo sua carga bater no porta-malas.

Se ela estivesse adormecida, teria acordado a esta altura.

A descida foi íngreme e muito lenta: Dezembro significava um monte da merda de neve que já se amontoava no chão, no norte a esta época.

Ele só tinha estado nesta propriedade uma vez antes... E pelo mesmo motivo. O chefe gostava de ser provocado, e quem o fizesse, era capturado e trazido para cá, onde jamais seria encontrado.

Ele não fazia ideia do que aquela mulher tinha feito para provocá-lo, mas não era problema seu. Seu trabalho era desaparecer com ela... E mantê-la presa até receber mais instruções.

Ainda assim, ele tinha de imaginar. O último imbecil que ele tinha trazido a este lugar escondido tinha desviado quinhentos mil dólares e doze quilos de cocaína. O que caralhos ela tinha aprontado? E merda, ele esperava não ter de ficar aqui tanto tempo quanto aquele outro trabalho tinha exigido.

Ele também tinha sido ferido naquele trabalho.

O chefe não gostava de torturar pessoalmente. Ele preferia assistir.

Difícil processar o Estado de Nova York por acidente de trabalho pela merda que tinha feito ao cara.

Mas, que seja, Duas Toneladas não se importava com esta parte do trabalho. Ele não era como alguns caras, que não gostavam nem um pouco do chefe, que não gostava de colocar as mãos na massa. Não, ele se sentia integrado, satisfeito por cuidar das coisas desde que fosse bem pago por aquilo.

— Quanto tempo mais temos?

— Mais meio quilômetro.

— Está fodidamente frio aqui.

Vai ser mais frio quando você estiver morto, filho da puta.

O chefe tinha contratado este imbecil há cerca de seis meses, e Duas Toneladas tinha sido posto em turno com ele algumas vezes. Ele continuava esperando que o babaca fosse despedido do modo antiquado, mas até agora, não teve sorte.

O bastardo daria um ótimo flutuador no Rio Hudson.

Ou em um buraco. De fato, o nome dele não era Phil¹²?

Por falar em inspiração.

Depois de uma última virada na estrada, o objetivo despretensioso foi atingido: a — cabana de caça — térrea se camuflava perfeitamente na paisagem, a construção rebaixada meio que desaparecendo no meio dos arbustos cobertos de neve e da vegetação fofa. De fato, o exterior tinha sido deliberadamente construído para parecer precário. Mas por dentro, era uma fortaleza com um montão de fodidos segredos sombrios.

E o que estava no porta-malas ia ser adicionado àquele cálculo.

Ele nunca soube de uma fêmea já ter sido trazida para cá. Se perguntava se ela era gostosa? Impossível avaliar quando carregaram desmaiada para fora daquela casa.

Talvez ele pudesse se divertir um pouco para passar o tempo.

— Que porra de lugar é este? Parece um fodido depósito. Tem sistema de aquecimento?

Duas Toneladas fechou as pálpebras e repassou um número de fantasias que envolviam carnificina. Então, abriu sua porta e saiu do carro, esticando as articulações. Cara, ele tinha de mijar.

Indo para a porta, murmurou. — Esvazie o porta-malas, sim?

Não precisava se preocupar com chaves. O acesso era feito por digitais.

Ao se adiantar, usou uma lanterna para poder enxergar a entrada pseudo-decrépita. Ele estava a meio caminho do objetivo quando se virou, algum instinto gritando alto dentro dele.

— Tenha cuidado ao abrir, — ele gritou.

— É. Que seja. — Phil circulou o carro. — Que porra ela pode fazer comigo?

Duas toneladas balançou a cabeça e murmurou. — Seu funeral. Com algum caralho de sorte...

¹² Phil = em inglês se lê “fill”, *to fill* é o verbo encher. Encher tem tudo a ver com buraco no trocadilho da personagem.

No instante em que a tranca foi liberada, o inferno se libertou: A prisioneira explodiu para fora como se seu traseiro estivesse em chamas... E ela tinha achado uma arma. O brilho avermelhado de um sinalizador penetrou a escuridão, iluminando o desastre total que ela causou, ao enfiar aquela ponta acesa no rosto do ajudante do Dois Toneladas.

O berro de dor de Phil assustou uma coruja do tamanho de uma criança de dez anos de uma árvore próxima ao Duas Toneladas, e ele foi forçado a se jogar no chão, para não perder a própria cabeça.

Mas então ele teve de voltar a ficar em pé.

Aquela mulher caiu numa carreira desabalada... Provando, como aquela merda de sinalizador não tinha provado, que ao contrário de Phil ela não era idiota.

— Filha da puta! — Duas Toneladas disparou atrás dela, seguindo os barulhos de galhos e folhas secas enquanto ela desaparecia dentro do mato. Mudando a lanterna para a mão esquerda, ele se atrapalhou para sacar arma.

Não era como devia acontecer. Nem um pouco.

A cadela era rápida como o inferno, e enquanto ele corria pesadamente atrás dela, sabia que ela ia vencê-lo... E a última ligação telefônica que ele queria fazer ao chefe era, — Oh, ei, eu perdi seu projeto.

Ele podia acabar sendo a próxima pessoa levada para a “cabana”.

Descarregar sua arma era a única chance que ele tinha. Ha-ha.

Escorregando ao parar, ele se segurou no tronco de uma árvore, ergueu a mira, e começou a atirar, os tiros ecoando pelo alvorecer.

Houve uma maldição em voz alta... E então os sons da corrida cessaram. Em seu lugar? Um rastejar concentrado, como se ela estivesse se arrastando no chão.

— Isso, — ele arfou ao correr para frente.

Se fosse um ferimento mortal, ele estava quase tão ferrado quanto se tivesse deixado-a fugir.

A lanterna varreu a paisagem enquanto se aproximava, revelando troncos e galhos, arbustos, o chão alto de neve.

E então lá ela estava. De cara nos espinhos, segurando um joelho junto ao peito. Só que ele não acreditava. Só Deus sabia o que mais ela podia ter na manga.

— Levante-se, ou vou atirar de novo. — Ele carregou a arma com mais munição. — Levanta, porra.

Gemendo. Rolando.

Ele puxou o gatilho e enfiou uma bala no chão à direita da cabeça dela. — Levante-se ou o próximo será na cabeça.

A mulher se ergueu do chão. Sujeira se dependurava de suas roupas pretas e da parka, e seu cabelo escuro estava emaranhado. Ele não se importou em analisar se ela era gostosa ou não. Primeiro e mais importante era trancafiá-la em um local seguro.

— Mãos para cima, — ele ordenou, mirando no meio do peito dela. — Ande.

Ela mancava violentamente, e ele pôde sentir o cheiro de sangue fresco ao seguir atrás dela. Nada mais de corrida para ela. Levaram quatro vezes o tempo da ida para voltarem ao carro, e quando chegaram, ele viu Phil ainda no chão e imóvel. Mas respirando pela boca aberta, os ruídos sutis de assovio sugerindo a dor que o consumia.

Ao passar por ele, Duas Toneladas verificou seu rosto. Oh... Merda... Queimaduras de terceiro grau por todo lado, e um daqueles olhos tinha desaparecido. Só que o bastardo provavelmente ia sobreviver.

Certo?

Puta Merda. Mas ele lidaria com aquilo mais tarde.

Quando os dois chegaram a porta, soube que precisaria tomar controle da situação.

Com um movimento rápido, agarrou-a pelo pescoço e bateu a cabeça dela nos painéis da porta.

Desta vez, quando ela caiu no chão, ele sabia que levaria um tempo até ela recobrar a consciência. Mas ainda esperou algum movimento súbito dela, só então baixou a arma, pressionou o dedão no leitor de digitais, e abriu a porta.

Acendendo as luzes, ele pegou-a pelas axilas e arrastou-a para dentro. Depois de voltar a trancar a porta, puxou-a pelo concreto até a escada... E então carregou-a para o porão.

Havia três celas alinhadas no nível inferior, iguais às da TV com barras de aço, chão de concreto, e plataformas de aço inoxidável como cama. Os banheiros funcionavam, não visando o conforto dos prisioneiros, mas por causa do nariz sensível do chefe. Não havia janelas.

Duas Toneladas não respirou fundo até trancá-la na primeira das celas.

Antes de subir para confirmar a captura para o chefe, cobrir o carro com uma capa camuflada e dar um jeito em Phil, ele foi para a cela ao lado e urinou pelo que pareceu uma hora e meia. Subiu o zíper, saiu e olhou para a parede manchada do outro lado.

O par de algemas que se dependurava de dois jogos de correntes de aço seriam brevemente usadas.

Complicações com Phil à parte, ele quase sentiu pena da cadela.

Capítulo OITO

Mais tarde, naquela manhã, um golpe de baixo veio voando para o queixo de Wrath, e apesar do ruído de assovio que fez ao cortar pelo ar, ele não conseguiu responder a tempo: os nós dos dedos o atingiram certamente na mandíbula e o ruído fez sentir-se idiota, a cabeça girou, o sangue voou de sua boca.

A sensação foi boa para caralho.

Depois de outra sessão pesadelesca do trabalho no trono com Saxton – mais sete ou dez horas de sua vida que jamais recuperaria – ele tinha ido para os aposentos que dividia com Beth. Em sua mente só havia sexo, a única liberação que salvaria o planeta de seu humor corrosivo.

Sua companheira não estava só adormecida, estava desmaiada.

Passou cerca de uma hora olhando para o teto antes de ligar para Payne e pedir-lhe que o encontrasse no centro de treinamento.

Como Rhage sempre dizia, sexo ou briga era o que apagava o fogo. Sexo estava fora de questão, então lá ia ele.

Aproveitando a energia do impacto, usou o impulso para redirecioná-lo em um chute que atingiu sua oponente pela lateral, desequilibrando-a e fazendo-a cambalear. Mas irmã de V não foi ao chão. Ela tocou o chão levemente, pulou como uma gata, e ele soube que ela tinha planos para ele.

Triangulando o sentido do vento, o cheiro da fêmea guerreira e o som dos pés descalços dela que vinham em sua direção numa cadência elevada, ele soube que ela aproximava de frente. Preparou-se, apoiou-se nas coxas e adorou a sensação dos músculos se contraindo e suportando seu corpo de cento e vinte quilos em posição vertical. Flexionou os cotovelos e ele esperou-a estar ao seu alcance, quando então deu um golpe para frente. Com os reflexos e a vantagem da visão, ela esquivou-se do golpe e mergulhou, para então se erguer de novo e segurá-lo pela cintura.

Payne não lutava como uma garota, fosse com os punhos, pés ou com o corpo inteiro. Ela parecia um SUV, e por mais que suas bolas preferissem o contrário, ela o atingiu de jeito.

Praguejando, ele acotovelou para trás e caiu de costas como uma cadelinha. Mas não por muito tempo.

E foi o que se tornou um problema.

Ao cair, se lembrou do jeito que tinha caído da cama naquele loft... E sua ignição interna foi acionada: A verdadeira agressão sobrepujou tudo o mais... Num piscar de olhos, aquilo deixou de ser um treinamento ou somente um jogo para manter suas habilidades e se exercitar. O instinto de guerra foi desencadeado entre ele e sua oponente.

Com um rugido que reverberou pelo ambiente, ele pegou os braços de Payne em um aperto de punição e virou-a de costas, forçando-a cair de cara no chão nos tatames.

Ela era uma fêmea sólida, musculosa e mortal... Mas não era páreo para a força e tamanho dele... Especialmente quando ele montou-a e passou um braço ao redor de seu pescoço. Com a garganta presa na curva de seu cotovelo, ele travou a mão livre no pulso grosso e se inclinou para trás em um golpe de enforcamento.

Lessers. Inimigos. Mortes trágicas que mudaram o curso de sua vida... E dos outros.

Distanciamento de sua companheira. Frustração sexual. A suspeita de Beth estar escondendo algo dele.

Frustração crônica que submergiu rapidamente em uma carga de ansiedade que nunca o abandonava.

Medo. Não reconhecido, enterrado e venenoso.

Ódio de si mesmo.

Contra o pano de fundo de sua cegueira, tudo se tornou branco, a raiva dominando tudo ao não ter para onde fugir. E o efeito foi lhe dar mais poder do que seus músculos e ossos já tinham: mesmo ao sentir as unhas de Payne se enterrando em seu antebraço como numa contração mortal, não percebeu.

Ele queria matar. E ele ia...

— Wrath!

Do mesmo modo que a defesa de Payne, quem gritava seu nome não lhe importou. Ele estava fixo em seu caminho mortal, todo o sentido do que acontecia perdido para...

Alguém mais chegou e começou a puxá-lo ao mesmo tempo em que os gritos de nome se intensificaram.

Por baixo dele, Payne estava desistindo, a luta lentamente abandonando seu corpo, a inexorável inércia, exatamente o que a ira dentro dele demandava. Um pouquinho mais e tudo acabaria. Um pouco mais de pressão. Um pouco...

Um barulho alto e repetitivo soou à frente de seu rosto. Repetidamente, como um bumbo, as batidas perfeitamente espaçadas. A única coisa que mudou foi o volume.

Aumentou.

Ou talvez estivesse gradualmente penetrando sua fúria.

Wrath franziu o cenho diante do barulho que continuava. Erguendo a cabeça, afrouxou o golpe por um momento.

George.

Seu amado e dócil golden retriever estava na frente de seu rosto, latindo tão alto quanto um tiro, como se exigisse que Wrath parasse e desistisse naquele momento.

De uma só vez, a realidade do que estava fazendo o assolou.

O que caralhos estava errado com ele?

Wrath afrouxou o golpe, mas não teve chance de soltar. Alguém que empurrava seus ombros, tomou controle, afastando seu pesado peso da guerreira.

Enquanto caía no tatame de costas, a respiração sufocando e pesada de sua oponente se misturava com os palavrões de quem estava com eles... Bem como um suave soluçar.

— O que *porra* você estava pensando! — Agora alguém gritava na sua cara. — Você quase a matou!

Ele colocou as mãos na cabeça, sentindo o suor frio brotar de cada poro. — Eu não sabia... — ele se ouviu dizendo. — Não fazia ideia...

— Você achou que ela estava conseguindo respirar daquele jeito! — era a Dra. Jane. É claro... Ela estava na clínica e deve ter ouvido os latidos ou...

E iAm estava com eles. Ele podia sentir a presença do Sombra mesmo que, como sempre, o cara não falasse muito.

— Sinto muito... Payne... Sinto muito.

Santo Deus, o que ele tinha feito?

Ele abominava violência contra fêmeas. O problema era que, quando treinava com Payne, não pensava nela como uma fêmea. Ela era um oponente, nada mais, nada menos... E ele tinha hematomas e mesmo um osso quebrado para mostrar que, quando se tratava dela, nenhuma clemência era pedida ou ofertada.

— Merda. Payne... — Ele buscou no ar vazio, e sentiu o cheiro dos resquícios do medo dela, além do cheiro indiscutível de morte iminente. — Payne...

— Tudo bem, — a fêmea disse roucamente. — Juro.

Dra. Jane murmurou umas palavras ininteligíveis.

— Isto é entre ele e eu, — Payne falou para a cunhada. — Isto não é...

Quando foi interrompida por uma rodada de tosse, Jane falou bruscamente, — Ele quase te estrangulou, é claro que é problema meu!

— Ele ia me soltar.

— É por isto que você estava ficando azul?

— Eu não estava.

— O braço dele está sangrando no tatame. Vai me dizer que suas unhas não fizeram aquilo?

Payne recobrou o fôlego. — Estávamos lutando, não pescando!

Dra. Jane baixou a voz. — Seu irmão sabe o quão longe isto está indo?

Quando Wrath juntou seus próprios palavrões à salada de impropérios do ambiente, Payne rosnou, — Você não vai contar a Vishous sobre isto...

— Me dê uma maldita boa razão e talvez eu considere. De outra forma, ninguém me diz o que eu posso ou o que não posso contar ao meu próprio marido. Nem você, nem ele...

Wrath teve certeza de que ela tinha olhado para ele naquele momento.

— ...E certamente *nunca* em algo que diga respeito à porra da segurança de um membro de sua família!

O silêncio que se seguiu foi marcado de agressão crescente. E então Payne gritou, — Quantos ossos você já teve que consertar no Rei? Quantos pontos? Na semana passada você achou que eu tinha deslocado a clavícula dele... E em momento nenhum você sentiu que precisava correr para dedurar à *shellan* dele. Sentiu? *Sentiu?*

— Isto é diferente.

— Por que eu sou uma fêmea? Me desculpe... Talvez queira me olhar nos olhos quando admitir esta discriminação, Dra.?

Cristo, era como se o mau-humor dele tivesse infectado a ambas. Mas então, suas ações tinham desencadeado tudo aquilo. Porra...

Esfregou o rosto e ouviu ambas retrucarem. — Ela está certa.

Aquilo calou a ambas.

— Eu não ia parar. — Ele se levantou. — Então eu mesmo contarei a V e não voltaremos a fazer isto...

— Não se *atreva*, — a guerreira soltou antes de cair em outro acesso de tosse. Assim que se recuperou, ela voltou a ficar de frente a ele. — Não se atreva a me desrespeitar... Eu venho aqui lutar com você, para manter minhas próprias habilidades treinadas. Se você tomou vantagem de minha fraqueza, a culpa é *minha*, não sua.

— Então você acha que eu só estava pegando pesado com você? — ele perguntou sombriamente.

— É claro. E eu não tinha ainda sinalizado para parar.

— Você acha, por um segundo, que isto teria me feito parar?

Uma fissura de medo mudou as moléculas em volta da fêmea.

— E é por isto que nunca mais faremos isto. — ele se virou na direção da Dra. Jane. — Mas ela também tem razão. Isto não é problema seu, então fique fora disto.

— O inferno que eu...

— Não é um pedido, Jane. É uma ordem. E eu irei ver V tão logo eu saia do chuveiro.

— Você pode ser um verdadeiro cuzão, sabe disto, vossa Majestade.

— E um assassino. Não se esqueça disto.

Se dirigiu à porta, sem se importar em segurar a guia de George. Quando sua trajetória desviou, o cão o corrigiu se pondo no caminho e levando-o à saída adequada.

— Vestiário, — ele grunhiu, ao chegarem ao corredor de concreto.

George, familiarizado com a palavra ou o ritual pós-treino, ajudou-o a navegar pelo corredor, as patas batendo no chão de concreto.

Graças a Deus o centro de treinamento era uma cidade fantasma àquela hora do dia. A última coisa que queria era encontrar alguém.

Com os Irmãos dormindo, o extenso complexo subterrâneo estava vazio, da academia e sala de equipamentos, à sala de tiros e salas de aula, à piscina olímpica e o escritório que fazia tudo aquilo funcionar... Além da clínica da Dra. Jane e Manny, e quartos de recuperação.

Contudo Payne quase tinha se tornado uma paciente.

Merda.

Correndo a mão pela parede, parou na entrada de uma porta. — Quer esperar aqui? — perguntou a George.

Pelo ruído da coleira e pesado bater da cauda no chão, o golden tinha decidido se sentar e esperar ali fora pela chuveirada, o que era típico... Não era um grande fã de ar úmido e quente, por causa daquele casaco de pelos dele.

Ao empurrar a porta e entrar, Wrath conseguiu se orientar bem. Graças à acústica fechada e todos os azulejos, era fácil se orientar pelo som... E pelo hábito. Também, espaços onde ele tinha passado muito tempo na época em que ainda tinha um pouco de visão, eram muito mais fáceis de lidar sozinho.

Porra. Se o cão não o tivesse parado, o que teria acontecido?

Wrath se apoiou nas paredes úmidas, baixando a cabeça. Jesus Cristo.

Esfregou o rosto, o cérebro pregando-lhe peças, espocando imagens das consequências que poderiam ter ocorrido.

O gemido que se ergueu de sua garganta soou como uma sirene. A irmã de seu irmão. Uma guerreira respeitada. Arruinada.

O cão o tinha salvo. Como sempre.

Tirou a camiseta regata suada que vestia e deixou-a cair no chão, enquanto tirava os shorts de nylon. Usando a mão na parede mais uma vez, caminhou para a frente e soube quando chegou no espaço dos chuveiros pela forma como o chão se inclinava. As torneiras alinhavam-se em três lados e ele foi até uma delas, sentindo os ralos úmidos sob os pés descalços.

Escolheu um aleatoriamente, ligou o chuveiro e aguentou o jato frio que o atingiu no meio da cara.

Deus, aquele jorro de raiva. Era um combustível familiar... Mas não algo que quisesse de volta em sua vida. Aquela chama profana que o tinha sustentado por todos aqueles anos entre o assassinato de seus pais e o emparelhamento com Beth. Ele pensou que tinha acabado para sempre.

— Caralho, — ele exclamou.

Fechou os olhos, apoiou as mãos de ambos os lados do jato d'água e se inclinou nos pesados cordões de seus braços. Seu péssimo humor fazia sua cabeça parecer ter um par de hélices de helicóptero dentro dela... À duas rotações de separar seu crânio do resto de seu corpo.

Maldição...

Ele nunca tinha pensado nisso antes, mas a... Loucura... Era em grande parte, um conceito hipotético para os sãos; uma palavra pejorativa para ofender alguém por quem você não nutria respeito; uma descrição aplicada a um comportamento inapropriado.

Ali embaixo do chuveiro, ele percebeu que a verdadeira loucura não tinha nada a ver com TPM ou... Socar a parede... Ou entrar em surto e destruir um quarto de hotel antes de desmaiar. Não era enlouquecer ou roubar um banco ou temporariamente descontar seu mau-humor em um objeto inanimado.

Era sentir-se fora mundo a sua volta, uma ausência de sentidos e consciência que era como uma manipulação de vídeo câmera... Sua merda interna entrava em foco e tudo o mais, sua companheira, seu emprego, sua comunidade, sua saúde e bem-estar, saía não só de alcance... Mas de toda existência.

E o mais assustador? Este limiar quando você tem o pé na realidade e o outro em seu purgatório particular... E você pode sentir o primeiro deslize, deslize...

De repente, o equilíbrio de Wrath deu errado, o mundo inteiro girou no eixo a ponto de não saber ao certo se estava caindo para trás ou não.

Mas então, sentiu uma lâmina afiada embaixo de seu queixo, e percebeu que alguém tinha agarrado seu cabelo.

— Neste exato momento, — veio o sibilo em seu ouvido, — sabemos duas coisas. Mas só uma delas é realmente importante.

Capítulo NOVE

Era uma enxaqueca das bravas.

Ao abrir a porta do quarto do irmão, iAm sentia no próprio ar o sofrimento do pobre bastardo, tornando difícil respirar... E até mesmo enxergar apropriadamente.

Mas também, a decoração era toda escura.

— Trez?

A resposta gemida não era nada boa, uma combinação de animal ferido e garganta dolorida de tanto vomitar. iAm ergueu seu pulso para a luz fraca que incidia de trás e praguejou para o relógio. Àquela altura, o filho da puta já devia estar em plena recuperação, seu corpo erigindo daquele buraco de dor de cabeça no qual tinha se afundado.

Não era o caso.

— Quer algo para o estômago?

Resmungo, resmungo, grunhido, resmungo?

— Ok, tenho certeza que consigo alguns.

Resmungo, gemido, gemido, murmúrio, murmúrio.

— Sim, isto também. Quer alguns Milanos?

Mmmmmmgemidos.

— Ok, entendido.

iAm fechou a porta e voltou a descer as escadas que o levaram para baixo, para a junção entre o corredor de estátuas e o saguão de pé direito alto. Como o resto da casa, tudo estava tão silencioso quanto um túmulo, mas ao chegar à escadaria principal, seu nariz de chef captou o aroma sutil da Primeira Refeição sendo preparada na ala da cozinha.

Quanto mais se aproximava do território dos *doggen*, mais seu próprio estômago falava. Lógico. Depois de terminar o Bolonhesa, ele tinha ido verificar seu irmão e então se enfiara por horas na academia.

Onde tinha visto infernalmente mais do que somente o interior da sala de levantamento de pesos.

A última coisa que queria, então, era ter de tentar tirar o Rei de cima daquela guerreira. Ele estava terminando o seu treino quando ouviu alguém gritar e tinha ido checar... Onde ele encontrou, olá, o Rei emboscando aquela fêmea.

Desnecessário dizer que ele tinha adquirido um novo respeito por aquele vampiro cego. Havia poucas coisas que iAm não conseguia mover em sua vida adulta. Ele já tinha trocado um pneu sem usar um macaco. Era conhecido por carregar barris de molho tão grandes quanto máquinas de lavar em volta da cozinha. Inferno, ele tinha até mesmo mudado de lugar uma lavadora e secadora sem pensar duas vezes.

E então ele tinha tido de erguer aquele caminhão de cima de seu irmão há cerca de dois anos.

Outro exemplo do descontrole da vida amorosa de Trez.

Mas lá embaixo, no centro de treinamento, com Wrath? Não tinha conseguido mover aquele fodido. O Rei tinha um golpe animalesco... E a expressão de seu rosto? Sem emoções, nem mesmo uma careta de esforço. E aquele corpo... Violentemente forte.

iAm balançou a cabeça ao cruzar aquela macieira em flor.

Tentar mover Wrath tinha sido como empurrar uma árvore. Nada se movia; nada cedia.

Mas aquele cão tinha conseguido. Graças a Deus.

Geralmente, iAm não gostava de animais em casa... E ele definitivamente não era uma pessoa canina. Eles eram grandes demais, dependentes demais, destruíam tudo... Demais. Mas ele respeitava o golden estivesse onde estivesse agora...

Miiiiiaaaaauuuuuuuu.

— Porra!

Falando do diabo. Enquanto o gato preto da rainha se punha entre seus pés, ele se viu forçado a dar uma de Michael Jackson para não pisar nele.

— Maldição, gato!

O felino o seguiu o caminho todo até a cozinha, sempre ziguezagueando em seus tornozelos... Quase como se soubesse que ele tinha estado a pesar os benefícios do cão e estivesse estabelecendo sua dominância.

Só que gatos não liam mentes, claro.

Ele parou e olhou para a coisa. — O que diabos você quer.

Não era realmente uma questão, já que ele não esperava que o felino respondesse.

Uma pata preta se levantou e então...

A próxima coisa que viu, o maldito gato estava subindo em seus braços, rolando pelas suas costas... E ronronando como uma Ferrari.

— Tá de brincadeira comigo, – ele murmurou. — Eu não gosto de você. Maldito.

— Mestre, posso ajudar?

Quando Fritz se agigantou a sua frente como um cartaz, iAm levou um momento para voltar ao seu lugar feliz. O que, infelizmente, parecia um pouco o filme *Jogos Mortais...* Com partes de corpos para todos os lados.

Mas aquela era somente uma fantasia induzida por estresse. Como se ele conseguisse lembrar-se de uma única vez, há muuuuito tempo, que ele não tivesse sido ranzinza com tudo e todos. Realmente. Era verdade.

Pata, pata, pata. Em sua camisa.

— Que inferno. – Ele cedeu e acariciou aquela barriga preta. — E não, eu não preciso de nada.

O ronronar ficou tão alto, que teve de se aproximar do mordomo. — O que disse?

— Estou aqui para servi-lo.

— Sim. Eu sei. Mas agora vou cuidar de meu irmão. Ninguém mais. Estamos entendidos.

O gato agora esfregava a cabeça em seu peito. Então se esticou sob o carinho.

Oh, Deus, isto era horrível... Especialmente quando o rosto já caído do mordomo baixou para o que, sem dúvida, eram joelhos ossudos.

— Ah, merda, Fritz...

— Ele está doente?

iAm fechou os olhos brevemente ao ouvir a voz feminina. Fantástico. Mais um convidado para a festa.

— Ele está bem, – iAm disse sem olhar para a Escolhida Selenia.

Deixando os espectadores para lá, se dirigiu à despensa com o gato intrometido e...

Certo. Como ele ia conseguir pegar a carga de produtos pós-enxaqueca das prateleiras com os braços cheios de...

Qual era o mesmo nome dele?

Certo. Seria Gato Maldito, então.

Olhando para baixo, para aqueles olhos grandes e contidos, iAm apertou os lábios ao esfregar a parte de baixo do queixo. Atrás da orelha.

— Ok, chega disto. – Ele brincou com uma das patas. — Vou te por no chão agora.

Assumindo o controle, ele tirou o gato da posição e se abaixou para colocá-lo no...

De alguma forma, a coisa conseguiu arranhar seu caminho nas próprias fibras de sua roupa e se pendurou a sua frente como uma gravata.

— Está de brincadeira.

Mais ronronos. Um piscar daqueles olhos luminosos. Uma expressão de auto-possessividade que deu a iAm entender que aquilo seria do jeito que o gato quisesse, e de nenhum outro.

— Talvez eu possa ajudar? – Selenia perguntou suavemente.

iAm abafou uma maldição e olhou para o gato. Então para a Escolhida. Mas era melhor que tirar sua blusa. O Gato Maldito estava grudado nele.

— Eu preciso de um daqueles Milanos, ali em cima? – A Escolhida se esticou e pegou um pacote dos salgadinhos. — E ele vai precisar de algumas destas tortillas também.

— Tradicional ou sabor limão?

— Tradicional. — iAm desistiu de resistir e voltou a acariciar o Maldito... E o gato imediatamente voltou a bancar o garoto preguiçoso novamente. — Ele vai querer um dos bolinhos Entenmann. E vamos levar três cocas geladas, duas Poland Springs grandes, em temperatura ambiente.

Após uma de suas dores-de-cabeça, Trez necessitava de hidratação, açúcar e cafeína. Fazia sentido. Doze horas sem comer eram notícias ruins. E então havia o enjoo com o qual ele tinha de lidar.

Cinco minutos depois, ele, a Escolhida e o Gato Maldito se dirigiam ao terceiro andar. E pelo menos iAm conseguiu ajudar a carregar as coisas, enfiando as grandes garrafas de água embaixo dos braços. Fritz também tinha providenciado umas sacolas para carregar o restante.

Cristo, ele preferia fazer isto sozinho.

— Ele gosta muito de você, – a fêmea comentou enquanto subiam.

— Ele é meu irmão. É bom que goste.

— Ah não... Eu quis dizer o gato. Boo adora você.

— O sentimento *não* é recíproco.

iAm tinha toda intenção de soltar um “Eu assumo daqui” para a fêmea quando finalmente chegaram à porta do quarto... Mas o Maldito ainda não parecia dar sinais de querer descer.

Que foi o porquê da Escolhida Selenia ter acabado nos aposentos de Trez.

Exatamente a situação que ele não precisava.

Obrigado, gato.

Ao abrir das portas, a luz invadiu o ambiente, e – claro que a sorte não ajudava – iluminou em cheio, o grande e feio Trez se sobressaltando na cama.

Alguém tinha captado o aroma da fêmea.

Oh, pelo amor da porra.

E a propósito, porque o fodido não podia aparentar estar pior? Seu irmão devia estar horivelmente acabado depois do jeito que passara as horas do dia.

— Onde colocamos isto? – a Escolhida perguntou para ambos.

— Em cima da mesa, – iAm murmurou. Era o ponto mais longe da cama.

— Deixe-nos, – veio um grunhido do paciente.

Ok, graças a Deus Trez estava finalmente tendo um momento de clareza. A Escolhida podia continuar cuidando de seus negócios, e ele e seu irmão podiam tentar aquela coisa de seja-um-bom-menino de novo...

iAm ficou extremamente consciente de que ninguém se movia. Trez, no entanto, continuava meio sentado e a Escolhida estava congelada. E ambos olhavam para ele.

— O quê? – ele disse.

Quando percebeu o que era, iAm entrecerrou os olhos para seu irmão. — Tá falando sério?

— Saia, – foi tudo o que o bastardo disse de novo.

O Gato Maldito parou de ronronar em seus braços, como se o animal soubesse que algo estranho estava rolando no quarto.

Mas eis a questão: era impossível lidar com a estupidez... E iAm estava a ponto de parar de tentar.

Virando-se para a Escolhida, ele disse em voz baixa. — Cuidado.

Depois disto, ele levou o Maldito e seu próprio traseiro miserável para fora dali.

Sem dúvida era melhor. Ele sentia como se fosse dar uma de Wrath em cima do irmão, e nada bom ia resultar daquilo.

Caminhando para a escada, ele retraiu seus passos. Em algum ponto do caminho, voltou a acariciar o animal em seus braços de novo, as pontas dos dedos achando aquele queixinho e fazendo movimentos circulares.

De volta à cozinha, que agora estava cheia da equipe de novo, era hora de se separar daquela sombra.

— Fritz.

O mordomo se agitou do arranjo que estava fazendo. — Sim, mestre! No que posso ajudá-lo.

— Tome. — iAm arrancou o gato ele mesmo, desgrudando ambas as patas de sua blusa. — Faça lá o que costuma fazer com ele.

Ao se virar, sentiu vontade de olhar de novo e se certificar que o Maldito estava bem. Mas porque caralhos faria isso?

Ele tinha de ir ao Sal e verificar sua equipe. Normalmente, ia ao restaurante no início da tarde, mas a merda não tinha sido normal com aquelas enxaquecas: Cada vez que seu irmão tinha uma, ambos tinham dor-de-cabeça. Agora, com Trez se recuperando e sem dúvida logo trepando com aquela Escolhida, era hora de se por a caminho.

Se ao menos aquilo o impedisse de se tornar psicótico.

Jesus Cristo, Trez ia agora foder aquela fêmea. E só Deus sabia onde aquilo os levaria.

Ao chegar à saída, falou por sobre o ombro, — Fritz.

Através dos preparativos da Primeira Refeição, o *doggen* respondeu, — Sim, mestre?

— Eu nunca vi peixes aqui na casa. Por quê?

— O Rei não gosta de frutos do mar.

— Mas ele permite que tenha?

— Sim, sim mestre. Só não à sua mesa. E certamente não em seu prato.

iAm encarou para os painéis da porta a sua frente. — Eu quero que compre salmão fresco e prepare. Esta noite.

— Mas é claro. Não dá tempo de prepará-lo para a Primeira Refeição para você...

— Não para mim. Eu odeio peixe. É para o Gato Maldito. Eu quero que ele coma salmão regularmente. — Ele abriu a porta. — E lhe dê alguns vegetais frescos. Que tipo de comida ele come?

— A melhor. Hill's Science Diet.

— Descubra do que é feito... E então eu quero que seja preparada manualmente. Não quero que ele coma nada que venha dentro de sacos, de agora em diante.

A voz do *doggen* expressava aprovação: — Tenho certeza que Mestre Boo apreciará seu interesse especial...

— Não estou interessado neste saco de pelos.

Totalmente irritado consigo mesmo e com todo mundo no planeta, ele saiu não só da cozinha, mas da mansão inteira. Na hora certa. O sol tinha se posto e a luz se esvaía do céu.

Ele amava a noite e levou um momento para respirá-la fundo. O ar gelado de inverno fez suas narinas chiarem.

Se ele fosse dono de sua vida, livre do laço de seu irmão e a prisão imposta a Trez pelos seus pais, teria escolhido uma existência diferente. Se enfiaria em algum lugar do oeste, viveria da terra e longe de todo mundo.

Não que fosse um recluso por natureza. Ele só não via valor no que tantos outros viam. Em sua mente, o mundo simplesmente não precisava de outro iPhone, ou serviço mais rápido de internet, ou mais um reality show de milhões de dólares. Inferno, quem caralhos se importava se o vizinho tinha uma casa maior, um carro

maior, um barco maior ou um trailer maior. Por que ele se importaria se alguém tinha um relógio/anel/celular/tv/bilhete de loteria melhor. Sem mencionar sapatos e moda no geral. Propaganda de maquiagem, dramas de celebridades, compras compulsivas e drones humanos sem cérebros, que realmente acreditavam no que seus pastores enfiavam-lhe garganta abaixo.

E não, não eram só humanos que eram levados a toda aquela merda.

Vampiros eram igualmente culpados... Eles só disfarçavam mentalmente com uma suposta superioridade sobre aqueles ratos sem caudas.

Tanta sublimação de quem eles realmente eram aos ditames do que lhe disseram para querer, precisar, procurar, comprar.

Mas também, ele não tinha conseguido se libertar do drama de seu irmão, então quem era ele para...

Quando seu celular tocou no bolso da roupa, ele enfiou uma mão e pegou-o. Ele sabia quem era mesmo antes de olhar para a tela, aceitou a ligação e levou o celular ao ouvido.

Aquela pequena parte dele que tinha voltado a se acender para a vida, morreu no centro de seu peito de novo.

— Vossa Excelência, — ele cumprimentou o sumo sacerdote. — A que devo esta honra.

Ao perambular pela cozinha, Assail checou o relógio. Virou na frente da pia. Voltou para o bar. Olhou para o relógio de novo.

Ehric tinha saído há vinte e um... Não, vinte e dois minutos... E a viagem para a qual tinha sido enviado demandaria vinte e cinco minutos, no máximo.

O coração de Assail trombejava. Ele tinha planejado a noite, e esta primeira parte era crítica para a conclusão.

Ele pegou o celular e discou...

O bip duplo que soou indicou que havia um veículo entrando na garagem.

Assail correu para o vestíbulo, abriu a porta reforçada, e tentou enxergar pelas janelas pintadas de preto de seu Range Rover blindado. Será que os primos tinha conseguido...

O protocolo rezava que deveria esperar que tudo estivesse novamente fechado antes de se sair de um veículo, mas a impaciência e o medo que o assaltava jogou aquela regra sensata pela janela, correndo rápido pelo chão de concreto nu, foi em direção ao SUV enquanto Ehric desligava o motor e saía com o irmão.

Antes de Assail conseguir avaliar a expressão dos primos, ou começar a exigir por explicações, a porta traseira se abriu lentamente.

Ehric e seu irmão congelaram. Talvez, como se não tivessem muito controle sobre sua carga... E soubessem que, qualquer coisa poderia acontecer em seguida.

A fêmea humana idosa que emergiu, tinha um metro e meio de altura e era atarracada como uma cômoda. Seu cabelo era grosso, branco e cacheado, mantidos presos e afastados de seu rosto enrugado, e seus olhos escuros encaravam, brilhantes e inteligentes sob uma massa pesada de cílios. Por baixo de um casaco puído de lã preta, seu vestido azul era simples, solto e florido, mas seus sapatos de salto baixo e bolsa combinando, eram de couro legítimo... Como se tivesse tentado vestir-se o melhor que pudesse, e aquilo fosse só o que tinha no closet.

Ele lhe fez uma reverência. — Senhora, bem-vinda.

A avó de Sola segurava a pequena bolsa embaixo do peito. — Minhas coisas. Eu trouxe.

Seu sotaque português era pesado, e ele teve de dissecar as palavras para traduzir.

— Bom. — Ele acenou para os primos e ao seu comando, eles foram para a traseira do SUV e tiraram três malas modestas. — Seu quarto está pronto.

Ela anuiu brevemente. — Prossiga.

Quando Ehric se aproximou com a bagagem, ergueu uma sobrancelha e tinha razão de ficar chocado. Assail não gostava que lhe dessem ordens.

Mas, exceções teriam de ser feitas com ela.

— Mas é claro. — Assail deu um passo para trás e se curvou de novo, indicando a porta pela qual tinha saído.

Régia como uma rainha, a pequena idosa avançou pelo chão, em direção aos três degraus baixos que levavam à casa.

Assail pulou para a frente, para abrir a porta. — Esta é nossa área de serviço. Ali é a cozinha.

Ele ficou atrás dela, engolindo sua impaciência. Não havia motivo para apressá-la. Ele tinha de ter certeza de que a verdadeira face do império de Benloise estaria vazia de seus negociantes de arte e trabalhadores do escritório, antes de ir para lá. E isto levaria pelo menos uma hora.

Ele continuou a turnê. — Ali atrás, a sala de jantar e sala de estar. — Ao andar adiante pelo enorme espaço aberto que dava vista ao rio Hudson, ele observou sua mobília esparsa com novos olhos. — Não que eu use muito este espaço.

Não havia nada pessoal na casa. Só a encenação que tinha sido instalada para vender a propriedade, vasos e tapetes e sofás neutros e poltronas anônimas. O mesmo para os quartos, quatro no térreo e um no segundo andar.

— Meu escritório é bem ali...

Ele parou. Franziu o cenho. Olhou em volta.

Teve de voltar para a cozinha para encontrar os outros.

A avó de Sola tinha a cabeça enfiada na geladeira, como se fosse um gnomo procurando um lugar gelado para passar o verão.

— Senhora? — Assail chamou.

Ela fechou a porta e se moveu para os armários que iam do chão ao teto. — Não há nada aqui. Nada. O que vocês comem?

— Ah... — Assail se pegou olhando para os primos, buscando ajuda. — Geralmente nós comemos na cidade.

O som de zombaria parecia ser o equivalente da idosa para *Foda-se*. — Eu preciso de grampos.

Ela girou em seus sapatinhos brilhantes e colocou as mãos nos quadris. — Quem vai me levar ao supermercado.

Não era uma pergunta.

E enquanto ela olhava para os três, parecia que Ehric e seu gêmeo assassino violento se sentiam tão perplexos quanto Assail.

A noite tinha sido planejada minuto a minuto... E uma viagem ao mercado local não estava na lista.

— Vocês dois são magros demais, — ela anunciou, abanando a mão na direção dos gêmeos. — Precisam comer.

Assail pigarreou. — Senhora, foi trazida aqui para sua segurança. — Ele não permitiria que Benloise se adiantasse... E então teve de cobrir potenciais efeitos colaterais. — Não para cozinhar.

— Vocês já recusaram o dinheiro. Eu não vou ficar aqui de graça. Vou trabalhar para pagar minha estadia aqui. Vai ter de ser assim.

Assail exalou longa e lentamente. Agora ele sabia de onde Sola tinha herdado seu lado independente.

— Bem? — ela exigiu. — Eu não sei dirigir. Quem me leva?

— Senhora, não prefere descansar pri...

— Descansarei o corpo quando estiver morta. Quem.

— De fato, temos uma hora, — Ehric apontou.

Quando Assail lançou um olhar para o outro vampiro, a pequena idosa pendurou a bolsa no braço e acenou. — Então ele me leva.

Assail encarou a avó de Sola diretamente nos olhos e baixou sua voz para esclarecer um ponto que deveria ser respeitado. — Eu pago. Estamos claros... A senhora não vai gastar nem um centavo.

Ela abriu a boca como se fosse discutir, mas era cabeça-dura, não burra. — Então eu costuro.

— Nossas roupas estão boas o bastante...

Ehric pigarreou. — Na verdade, eu tenho alguns botões frouxos. E a faixa de Velcro na jaqueta de avião dele está...

Assail olhou por cima do ombro e expôs as presas para o idiota... Fora das vistas da avó de Sola, é claro.

Recompondo a expressão, ele se virou e...

Soube que tinha perdido. A avó tinha uma daquelas sobrancelhas levantadas, os olhos escuros tão firmes quanto qualquer inimigo que ele já tivesse encarado.

Assail balançou a cabeça. — Não acredito que estou negociando com a senhora.

— E você concorda com meus termos.

— Senhora...

— Então estamos entendidos.

Assail ergueu as mãos. — Está bem. Vocês tem quarenta e cinco minutos. Só isto.

— Voltaremos em trinta.

Com isto, ela se virou e foi para a porta. Atrás de sua forma diminuta, os três vampiros jogavam pingue-pongue ocular.

— Vão, — Assail falou por entre dentes cerrados. — Ambos.

Os primos se encaminharam para a porta da garagem... Mas não chegaram até lá. A avó de Sola se virou e colocou as mãos nos quadris.

— Onde estão seus crucifixos?

Assail estremeceu. — Desculpe, não entendi.

— Você não é católico?

Minha querida doce senhora, não somos nem humanos, ele pensou.

— Não, receio que não.

Olhos de feixes de laser se travaram nos seus. Ehric. O irmão de Ehric. — Vamos mudar isto. Se for o desejo de Deus.

E lá se foi ela, marchando pelo vestíbulo, abrindo a porta, e desaparecendo na garagem.

Quando a barreira de aço pesado se fechou automaticamente, tudo o que Assail pôde fazer foi piscar.

Os outros dois estavam igualmente estupefatos. Em seu mundo, domínio era estabelecido por meio de força e manipulação, por indivíduos de persuasão masculina. Posição era merecida ou perdida por disputas de vontade, geralmente sangrentas e que resultavam em esquartejamento.

Quando alguém vinha deste território, certamente não esperaria ser castrado em seu próprio território, por uma mulher que não trazia nem mesmo uma faca. E que, provavelmente, teria de usar uma escada para dar um soco na cara de alguém.

— Não fiquem parados aí, – ele brigou. — É capaz dela sair dirigindo sozinha.

Capítulo DEZ

— ...Só uma delas é realmente importante.

Enquanto o chuveiro continuava ligado como se nada estivesse acontecendo, o agradável som da água corrente reverberava pelo vestiário... E a cabeça de Wrath continuava travada naquela posição presa por trás: Com uma adaga em sua jugular e uma mão pesada na trança que caía pelas suas costas, ele não ia a lugar algum.

Cerrando os dentes, não sabia se devia se sentir impressionado ou se devia tentar afastar aquela lâmina.

Mas ele não era suicida. — E quais são estas coisas, Payne, – ele falou por entre dentes.

A voz da fêmea foi um rosnado baixo em seu ouvido. — Nós dois sabemos que você pode sair disto se quiser. Num piscar de olhos, você pode me vencer... Você mais do que provou isso lá no ginásio.

— E a segunda?

— Se eu cheguei a você uma vez, posso fazê-lo de novo. E talvez da próxima vez eu não perca meu fôlego tentando provar o fato de eu ser igual a você.

— Eu sou o Rei, sabe?

— E eu sou a filha de uma deusa, filho da puta.

Com isto, ela o libertou e se afastou.

Cobrindo os genitais com as mãos, ele se virou para encará-la. Ele não sabia qual a aparência de Payne, mas já tinham lhe dito que ela era parecida com o irmão, alta e poderosa. Aparentemente, tinha o mesmo cabelo preto brilhante e aqueles olhos pálidos, gélidos também... E a inteligência era algo que ele podia perceber sozinho.

Ela também, evidentemente, tinha culhões.

— Eu posso matá-lo, — ela disse, sombriamente. — A qualquer momento que eu queira. E eu não preciso de uma arma convencional para isto. Você é mais forte, sim... Admito isto. Mas há coisas das quais sou capaz, que você nem imagina.

— Então por que você não as utiliza.

— Porque eu não quero te matar. Você é necessário aqui. Você é primordial para a raça.

Maldito trono. — Então o que está tentando dizer é que, você se permitiria morrer lá no ginásio?

— Você não ia me matar.

Oh sim, eu ia, ele pensou com auto-desprezo. — Ouça, Payne, podemos continuar em círculos, discutindo isso pelo próximo ano e meio, e ainda não nos levaria a lugar algum. Eu não vou mais treinar com você. Nunca mais.

— Você, honestamente, não espera que eu aceite este argumento baseado em meu sexo.

— Não, eu espero que você respeite minha relação com seu irmão.

— Não me venha com esta baboseira antiquada comigo. Eu sou adulta, e devidamente emparelhada. Não está escrito em lugar algum que meu irmão tem algum tipo de domínio sobre mim.

Ele se soltou com um impulso dos quadris para a frente. — Foda-se. Vishous é meu irmão. Você faz ideia do que aconteceria a ele se eu te matasse? — Gesticulou com uma mão para a própria cabeça. — Pode parar por um segundo e considerar isto? Mesmo que eu não ligasse a mínima para você, você acha que eu faria isto com ele?

Houve uma pausa, e ele pressentiu que ela ia responder. Mas quando nada veio, ele praguejou.

— E sim, você tem razão, — ele continuou. — Você luta bem o suficiente para ser um Irmão... E eu treinei com eles por anos, então eu saberia julgar. Eu não estou parando porque você é a porra de uma menina. É pela mesma razão que Qhuinn e Blay não saem a campo juntos, e porque Xhex, se algum dia decidir voltar a lutar

conosco, não será colocada na mesma equipe que John. E porque Dra. Jane não poderia operar seu irmão ou você. Algumas coisas são íntimas demais, entende?

Contra o jato de água corrente, ele ouviu-a caminhando, os pés descalços quase sem fazer barulhos nos pisos.

— Se você fosse irmão dele, ao invés de irmã, — Wrath disse, — Seria o mesmo. O problema sou eu, não você... Então faça a você mesma um favor e desça deste palanque feminista onde você se meteu. Está me aborrecendo.

Um pouco ríspido, talvez. Mas ele sabia que, naquele momento, ser civilizado estava fora de seu alcance.

Mais silêncio. Até Wrath quase jogar as mãos para o alto de frustração... Mas lembrou que suas bolas não precisavam estar em foco. — Vamos, Payne. Eu sinto muito por seu orgulho estar sendo ferido. Só que eu te quero viva e saudável, nem que para isto, eu tenha de ferir seus sentimentos.

Houve outro longo espaço de silêncio. Mas ela não tinha saído... Ele podia sentir-lhe a presença quase como se pudesse vê-la: Ela estava do outro lado do cômodo de azulejos, entre ele e a saída.

— Você acha que não teria parado, — ela disse roucamente.

— Não. — Ele fechou os olhos, o arrependimento ardendo em seu peito. — Eu sei. E como eu disse, esta parte não tem nada a ver com você. Então por favor, pelo amor de Deus, acabe com isso e me deixe terminar meu banho.

Quando não houve mais resposta, Wrath sentiu seu temperamento começar a ferver de novo. — O quê...

— Me deixe perguntar algo.

— Mal posso esperar até...

— Os Irmãos treinam juntos, certo?

— Não. Eles são ocupados demais fazendo aulas noturnas de tricô.

— Então por que eles não treinam com você? — a voz dela baixou. — Por que você não mantém sua forma com eles? Isso mudou depois de você assumir o trono?

— Depois de eu ficar totalmente cego, – ele respondeu bruscamente. — Mudou aí. Você quer uma data exata?

— Eu me pergunto se eles pensam o mesmo.

— Está sugerindo que na verdade, eu posso ver? – ele expôs suas presas. — Sério?

— Não. Estou questionando se seus irmãos iriam ao tatame com você e essa sua coroa enfiada na cabeça. Eu tenho a impressão de que a resposta seria não.

— Quer me explicar qual a relevância disto, – ele cortou. — Porque sua outra opção é me ver perder a cabeça de novo... E ambos sabemos como foi divertido na primeira vez.

Quando ela falou em seguida, sua voz estava mais distante, e ele teve a impressão de que ela tinha se dirigido para a arcada que levava aos armários.

— Eu acho que a única razão pela qual nós treinamos é eu ser uma fêmea. — Quando ele abriu a boca, ela o cortou. — E eu acho que você continuaria a lutar comigo, se eu fosse um macho. Você pode continuar dizendo a si próprio que é por causa de meu irmão, tudo bem. Mas eu acho que você é mais machista do que pensa.

— Foda-se, Payne. De verdade.

— Eu não vou discutir com você. Mas por que não pergunta a sua *shellan*?

— *O quê?*

— Pergunte-lhe como ela se sente ao lidar com você.

Ele socou o ar entre eles. — Saia. Antes que você me dê um motivo para te enforcar de novo.

— Por que ela não quer que você saiba aonde ela vai enquanto você trabalha?

— *Como é que é?*

— Fêmeas não guardam segredos de seus companheiros quando os respeitam. E isto é só o que direi. Mas cego ou não, você precisa fazer uma imagem mais clara de si mesmo.

Wrath caminhou pesadamente pelo chão molhado. — Payne. Payne! Volte aqui agora mesmo, caralho!

Mas estava falando sozinho.

A fêmea tinha-o deixado sozinho.

— Pooooooooorra! — ele gritou a plenos pulmões.

Pooooooooorra, Trez pensou ao respirar novamente.

Recuperar-se de uma enxaqueca era como uma questão um pouso suave para seu retorno à consciência. Geralmente a receita era comida e repouso... Porque a merda sabia que, mesmo embora você estivesse em um quarto escuro, com nada além de música ambiente soando em seu iPhone, não se conseguia entrar em acordo com o mestre dos sonhos.

Mas, naquele momento, ele estava seriamente reconsiderando os anos de tentativa e erro em voltar-se ao normal: Quando a porta se fechou atrás de seu irmão, e Trez foi deixado a sós com a Escolhida Selenia, cada célula de seu corpo começou a formigar.

Oh, cara, ele tinha de acender uma luz, embora ainda fosse cedo para provocar suas retinas com qualquer tipo de luz de verdade.

Olá, deusa.

Selenia era alta, e embora vestisse a túnica tradicional branca de sua classe, era evidente que ela tinha a compleição perfeita que uma fêmea devia ter: Nada tolhia aquelas curvas dela, nem mesmo todo aquele tecido drapeado. E falando em rostos lindos. Ela era toda lábios rosados e olhos pálidos azuis, suas feições perfeitamente simétricas e construídas para capturar e cativar o olhar de um homem. Então havia o cabelo. Longo, grosso e da cor da meia-noite, ela o mantinha ao estilo das Escolhidas, todo preso no alto da cabeça.

De forma que dava vontade de soltá-lo e passar os dedos em todo comprimento.

Ela era perfeita em todas as maneiras.

E era simplesmente areia demais para o caminhãozinho dele.

O que tornava a aparição dela ali em cima, com aquele saco de coisas, ainda mais admirável.

— Você está muito doente, — ela disse suavemente.

Trez revirou os olhos. Aquela voz. Merda, aquela voz.

Espere, ela tinha feito uma pergunta, não? O que ela tinha... — Não. Estou bem. Muito bem.

E ficando duro como uma rocha, fodido ele fosse. Deus, ele esperava que ela não percebesse o aroma de sua excitação.

— O que posso fazer para ajudá-lo?

Ummm... Que tal baixar aquela túnica e pular na minha cama. Depois você poderia me cavalgar como um pônei até eu desmaiar.

— Quer um pouco desta comida?

— Que comida? — ele murmurou.

— Seu irmão preparou esta sacola para você.

O bastardo sequer tinha estado ali? Ele se perguntou.

— Você acabou de pedir para ele sair?

Achava que sim. — Ah sim. Certo.

Trez se encostou contra os travesseiros e estremeceu. Quando foi esfregar as têmporas, ele sentiu-a se aproximando da cama... E com um movimento rápido, ele puxou o pesado edredom mais para cima em sua barriga.

Algumas vezes “nu” significava muito mais do que somente “sem roupa alguma sobre o corpo”.

Cara, a expressão no rosto dela era tão preocupada. A ponto de ele ter de forçar-se a se lembrar que ela o tinha rejeitado antes. O que ela tinha mesmo.

Sim, por mais falha que sua memória recente fosse – pelo menos quando se tratava do irmão ter estado no quarto – ele podia se lembrar do que se passara entre ele e aquela fêmea antes... Além da resposta menos que entusiasmada dela para ele.

Ele também se lembrava precisamente como tomara conhecimento dela. Ele tinha ouvido o seu nome assim que Phury tinha libertado as Escolhidas do Santuário da Virgem Escriba e Selenia, junto com as outras, tinha começado a viver no Grande Acampamento de Rehvenge, nos Adirondacks. Ele até mesmo a via, rapidamente, de vez em quando, mas a merda tinha degradingolado com Rehv e ele tinha se distraído.

Mas aquilo tinha passado. E ele e iAm tinha sido chamados à casa de Rehv recentemente... E foi aí que a tinha conhecido cara a cara.

Ok, iAm estava com ele na ocasião, mas ele tinha afastado o cara da cabeça. Então de novo, no momento em que tinha visto aquela fêmea, tinha se esquecido de seu próprio nome, a maior parte do vocabulário inglês, e setenta e cinco por cento de seu equilíbrio.

Instantânea. Atração. Cósmica.

Pelo menos por parte dele.

Ela tinha sido menos estupidamente afetada, é claro... Embora ele tivesse tido esperanças. E tendências de perseguidor. Pela semana inteira, vagou em volta da mansão por tantas noites seguidas, esperando vê-la no meio de uma de suas visitas à sede da Irmandade. Porque, ei, nada expressa melhor — Quero sair com você, — como uma ordem de restrição.

Eventualmente, ele tinha tido sorte e conseguiu — esbarrar — com ela. Como o pateta que era, tinha lhe dito que ela era linda... E não tinha sido nem um xaveco. Ele tinha sido sincero. Infelizmente, e ao contrário das incontáveis mulheres que ele tinha xavecado, ela não tinha se impressionado.

Então, de novo, a que se devia esta visita agora?

Não que esta fosse uma questão que estivesse ansioso demais por investigar.

— O que posso te oferecer? — ela disse. E cara, aquela preocupação sincera dela o deixava envergonhado.

— Ah... Na verdade, uma dessas Cocas, por favor?

Oh, sim, o jeito que ela se moveu para ir até a sacola. Tão fluida e equilibrada, os quadris se movendo por baixo da túnica, os ombros contrabalançando, seu...

Ele desviou o olhar de seu traseiro.

Mas, caraca.

Quando ela voltou para a cama, ele se moveu mais para o meio do colchão, esperando que ela se sentasse. Ela não se sentou. Se inclinou e lhe estendeu a garrafa de plástico. Então recuou, mantendo uma distância respeitosa.

O refrigerante soltou um chiado quando desrosqueou a tampa.

— Por favor, me diga o que lhe aflige.

As mãos dela se contorciam a sua frente, torcendo, torcendo.

— Só uma enxaqueca. — ele deu um longo gole no gargalo. — Uau, isso é bom.

A vista era melhor.

— O que é isto?

— Coca-cola. — Trez parou antes do segundo gole, percebendo que ela não estava perguntando sobre o “é isso aí”. — Uma enxaqueca é um tipo de dor de cabeça. Não é nada demais.

Bem, exceto pelo fato de que a sua última tinha durado mais de doze horas e o tinha deixado à beira da morte.

Os lindos olhos dela se cerraram. — Se não é preocupante, porque seu irmão estava tão preocupado?

— Ele é assim. Um histérico. — Trez baixou as pálpebras e bebeeeeu. Mais uma vez. — Néctar dos deuses, de verdade.

— Eu nunca pensei nele deste jeito. Mas é claro, você o conhece melhor.

Enquanto ela pairava, ele desejou que ela estivesse um pouco mais interessada em seu peito seminu: Ele não era arrogante, mas geralmente, as fêmeas olhavam para ele e não desviavam o olhar.

— Não se preocupe, ele ficará bem, – ele resmungou. — E eu também.

— Mas você esteve aqui o dia inteiro... Desde que voltou para casa ontem a noite.

Ele estava a ponto de ficar verdadeiramente chateado consigo mesmo quando pensou... Espere um minuto. — Como você sabe disto?

O fato dela desviar o olhar rapidamente o fez sentar novamente.

— Seu irmão mencionou algo sobre isto lá embaixo.

Duvide-o-dó. iAm raramente falava com pessoas a menos que fosse obrigado.

Então ela deve ter andado procurando por ele. Certo?

Trez baixou ainda mais as pálpebras. — Ei, você se importa de se sentar aqui... Estou achando difícil ficar olhando para cima, para você.

Mentira.

— Oh, mas é claro.

Beleeeeeeza.

Quando ela se encostou na cama e arrumou a túnica, ele soube que estava forçando a barra, mas vamos lá. Ele tinha passado um considerável tempo deitado no piso em frente a privada a meras horas atrás.

— Tem certeza que não precisa de um médico? – ela perguntou, seus olhos hipnotizando-o a ponto dele só ficar vendo-a piscar, aquelas longas pestanas para cima e para baixo. — E fale a verdade desta vez.

Oh, ele queria dizer-lhe outro tipo de verdade, tá certo. Mas não havia motivo para bancar o tolo.

— É só uma dor de cabeça que dura muito tempo. Sério. E eu tive isto por toda minha vida adulta... Meu irmão não tem, mas ouvi dizer que meu pai também tinha. Não é uma festa, mas nada que vá me matar.

— Seu pai morreu?

Trez comprimiu o rosto para ter certeza de que não demonstrava nada. — Ele ainda vive e respira. Mas está morto para mim.

— Por quê?

— É uma longa história.

— E...?

— Não. Longa demais, complicada demais.

— Você tem outros planos para a noite então? — isto foi dito numa espécie de desafio calmo.

— Está se oferecendo para ficar comigo?

Ela olhou para as mãos. — Esta... Longa estória de seus pais. É por isto que você tem um sobrenome?

Como ela sabia...?

Trez começou a sorrir, e era uma coisa boa que ela estivesse de olhos baixos ou teria visto muito de seus dentes brancos.

Alguém tinha de fato checado ele... E aquilo era muito interessante.

E quanto ao sobrenome? — É inventado. Eu trabalho no mundo humano e preciso de um disfarce.

— Em que tipo de trabalho você está envolvido?

Trez franziu o cenho, pensando no interior de seu clube... E então o interior do banheiro que ele tinha usado como palácio de transa quantas vezes?

— Nada importante.

— Então porque o faz?

Ele deu um longo gole final em sua Coca e olhou ao longe. — Todo mundo tem de fazer alguma coisa.

Deus, ele realmente não queria entrar naquela parte de sua vida... A ponto de que fingiria estar passando mal para ela sair: em um flash, imagens dele fazendo sexo com aquela longa sucessão de mulheres humanas espocaram em frente a seus olhos, tomando o lugar de Selena até ele não mais poder nem mesmo sentir o cheiro dela.

Para os Sombras, o corpo físico era uma extensão da alma... Uma realidade talvez óbvia, mas de fato, muito mais complicada do jeito que os s'Hisbe viam. Conclusão, o que você fazia com seu corpo, o modo como o tratava e cuidava dele – ou não cuidava – era diretamente transmutado ao seu próprio núcleo. E como sexo era, por sua própria natureza, o ato mais sagrado da forma física, jamais era subestimado ou encarado de forma leviana, e certamente nunca, nunca com humanos sujos e fedidos – particularmente os de pele clara.

Para os Sombras, pele pálida significava doença.

Mas as regras não paravam às portas dos Homo Sapiens. Fazer amor era completamente ritualizado no Território. Sexo era agendado entre os casais, ou metades, como eram conhecidos, pergaminhos formais trocados em corredores de mármore, requerendo consentimento através de uma série de diretivas prescritas. E quando estava tudo acordado? O ato não podia ser realizado durante as horas do dia, e nunca, nunca antes de um banho ritual. E também era anunciado para toda a população, um estandarte especial era pendurado em uma porta de quarto, não havia perturbação até que uma ou ambas partes saíssem.

A compensação para todas essas barreiras? Quando duas metades copulavam, podiam durar dias.

Oh, a propósito, masturbação também não era aceita. Era considerada um desperdício de comunhão.

Então sim, sua gente não teria somente careteado sobre sua vida sexual; eles só o tocariam com um espeto de churrasco enquanto vestiam uma roupa de proteção para manejo de materiais perigosos e capacete de solda: Ele tinha trepado com mulheres às onze da manhã e às três da tarde e muuuuito antes do jantar. Ele tomara-as em locais públicos e sob pontes, em boates e restaurantes, em banheiros e quartos sujos de hotel... E em seu escritório. Em somente talvez metade dos casos ele sabia seus nomes, e daquele grupo sortudo, ele podia se lembrar de somente umas dez.

E só porque elas eram estranhas ou tinham lhe lembrado outra coisa.

E pela coisa da pele pálida? Ele não discriminava. Topava toda a raça humana, até mesmo mais de uma raça ao mesmo tempo. O único setor com o qual não tinha se metido ou chupado, tinha sido machos, mas só porque não se sentia nem um pouco atraído por eles.

Se sentisse, teria ido por ali também.

Ele achava que nem tudo estava perdido. Sombras acreditavam em remediação, e ele tinha ouvido de rituais de purificação... Mas havia pouco que um cara pudesse fazer para reparar os danos.

A ironia, é claro, era que ele tinha tido um orgulho doentio em arruinar-se aquele ponto. Infantil, claro, mas tinha sido como mostrar o dedo do meio para toda a tribo e aquela merda ridícula... Especialmente a filha da rainha, com quem todos eles pensavam que ele deveria ter uma pressa imensa em foder, regularmente, para o resto de sua vida.

Apesar de nunca tê-la visto, não estava interessado em ser um brinquedo sexual, e não tinha intenção de se enfiar voluntariamente em uma gaiola dourada.

Mas era engraçado. Apesar de tudo o que ele odiava sobre as tradições sob as quais tinha nascido, se pegava – finalmente – meio que vendo sentido nelas: Aqui estava ele, na viagem pós enxaqueca, a distância de um beijo de uma fêmea que morria de vontade de idolatrar com seu corpo. E adivinhe o que. Toda aquela rebeldia da qual ele tinha gostado tanto, fazia-o sentir-se nojento e totalmente desmerecedor.

Não que o ato de verdade jamais fosse acontecer com Selenia... Ele era um vadio, mas não era maluco.

Merda.

Com um rosnado, ele deixou-se cair de novo contra os travesseiros. Apesar da Coca com seu soco de açúcar e cafeína, ele se sentiu repentinamente morto de exaustão.

— Desculpe-me, – a Escolhida murmurou.

Não diga que vai embora, ele pensou. Mesmo que eu não te mereça de maneira nenhuma, por favor, não me deixe...

— Você precisa se alimentar? — ela perguntou depressa.

Trez sentiu sua boca se escancarar. De todas as coisas que tinha estado esperando ouvir... Nem. Ao menos. Tinha. Passado. Pela. Cabeça.

— Talvez eu esteja indo rápido demais, — ela disse, baixando os olhos. — É só que, você parece muito cansado... E às vezes, isso é o que ajuda mais.

Putá... Merda.

Ele não sabia dizer se tinha ganhado na loteria... Ou se tinha sido condenado à morte.

Mas ao sentir seu pau estremecer com a demanda, e seu sangue rugir, a parte decente dele, que há tempos jazia enterrada falou alto de um jeito lento e persistente.

Não. Ela disse. Agora não. Nem nunca.

A questão era... Quem ia ganhar, o anjo ou o demônio dentro dele?

Capítulo ONZE

Wrath atravessou o túnel subterrâneo do complexo, pisando forte, as botas trovejando tão alto, que ecoava ao redor, até ele parecer sua própria fanfarra. Ao seu lado, George trotava, a coleira balançava e as patas mal tocavam o chão de concreto em seu passo ligeiro.

A volta do centro de treinamento à mansão levava pelo menos dois minutos, três ou quatro, se durante uma conversa, e andando devagar. Mas não desta vez: George parou-o à frente da porta de segurança, meros trinta segundos após deixarem o escritório que ficava atrás da despensa de suprimentos.

Wrath tateou pelo teclado de segurança e digitou o código. O mecanismo destravou com um ruído igual ao de um cofre de banco sendo destrancado, e eles prosseguiram através de uma passagem, até a próxima porta. Abrindo-a, emergiram no saguão cavernoso, e a primeira coisa que Wrath fez, foi farejar o ar.

Cordeiro, para a Primeira Refeição. Lareira acesa na biblioteca. Vishous fumando um cigarro enrolado à mão, na sala de jogos. Merda. Ele tinha de esclarecer com o irmão o ocorrido com Payne no ginásio. Inferno, tecnicamente, ele devia um *rhytos* ao cara.

Mas tudo aquilo podia esperar.

— Beth, — ele disse ao cão. — Procure.

Ambos, ele e o animal testaram e voltaram a testar o ar.

— Lá em cima, — ele ordenou, ao mesmo tempo em que o cão começava a subir.

Ao chegarem ao andar de cima, o cheiro dela ficou mais forte... O que confirmava estarem na direção correta. O lado ruim? Vinha da esquerda.

Wrath seguiu pelo corredor de estátuas, passando pelo quarto de John e Xhex, e o quarto que Blay dividia com Qhuinn.

Eles pararam antes de chegar ao quarto de Zsadist e Bella.

Não precisava do cão para lhe dizer que chegaram ao destino – e ele sabia exatamente na frente de qual quarto estavam: mesmo no corredor ali fora, os hormônios de gravidez espessavam o ar de tal modo, que era como se deparar com uma cortina de veludo.

Que era exatamente o motivo pelo qual a sua Beth estava ali, não era.

Fêmeas não escondem segredos dos machos a quem respeitam.

Maldição. Não lhe diga que sua companheira queria tanto um bebê, que estava fazendo algo a respeito, sem nem mesmo falar com ele.

Cerrando os dentes, ergueu a mão para bater... E acabou socando aquela porta. Uma vez. Duas vezes.

— Entre, – a Escolhida Layla disse.

Wrath abriu a porta e soube exatamente quando sua *shellan* o viu: O cheiro pestilento da culpa e da fraude flutuou pelo ar até chegar a ele.

— Precisamos conversar, – ele disse. E então, acenou para o que esperava ser a direção onde Layla estava. — Por favor, nos desculpe, Escolhida.

Houve uma troca de palavras entre as fêmeas, afetada por parte de Beth, e nervosa por parte de Layla. E então, sua companheira saiu da cama e atravessou o quarto, para sua direção.

Eles não trocaram nem uma palavra. Nem quando ela fechou a porta atrás deles. Nem ao caminharem lado a lado pelo corredor. Ao chegarem à porta de seu escritório, ele disse a George para ficar do lado de fora, e fechou a porta.

Embora estivesse intimamente familiarizado com o arranjo dos móveis franceses afrescalhados, ele estendeu as mãos, tocando o encosto das cadeiras revestidas de seda e um sofá delicado... E então o canto da mesa de seu pai.

Quando contornou e se sentou no trono, ele pôs as mãos nos braços entalhados da cadeira... E apertou tão forte que a madeira estalou em protesto. — Há quanto tempo está indo ficar lá com ela.

— Com quem?

— Não se faça de burra. Não combina com você.

O ar se revolveu na sala, e ele ouviu seus passos sobre o tapete Aubusson. Enquanto andava, ele podia até mesmo imaginá-la, as sobrancelhas bem baixas, a boca apertada, os braços cruzados sobre o peito.

A culpa tinha sumido agora. Em seu lugar, ela estava tão puta da vida quanto ele.

— Por que infernos você se importa? — ela murmurou.

— É meu direito saber onde você anda.

— Como é que é?

Ele apontou um dedo para a direção que achava que ela estava. — Ela está grávida.

— Eu percebi.

O punho dele bateu na mesa tão forte que o telefone caiu da base. — Você está tentando iniciar sua necessidade!

— Sim! — ela gritou de volta. — Eu estou! Isso é um crime assim tão grande?

Wrath exalou, sentindo-se como se atropelado por um carro. De novo.

Era incrível como podia ser tão devastador ouvir seu maior medo ser verbalizado em voz alta.

Respirou fundo algumas vezes, e soube que tinha de escolher bem as palavras... Apesar de sua glândula de adrenalina estar a mil, e bombeando tanto “*oh meu Deus*” em seu sistema, que ele se sentia afogando em terror.

Em silêncio, o tom de discagem do telefone, e então *meep-meep-meep-reconnect-me* foi tão alto quanto os xingamentos que percorriam suas mentes.

Com a mão trêmula, tateou em volta até devolver o fone ao gancho. Reposicioná-lo custou-lhe algumas tentativas, mas conseguiu fazê-lo sem quebrar nada.

Santo Deus, estava quieto no cômodo. E por alguma razão, ele se tornou sobrenaturalmente consciente da cadeira na qual estava sentado, tudo, de seu

assento estofado em couro, aos símbolos entalhados sob seus braços, ao modo como sua coluna lombar era apoiada pelo encosto que se erguia às suas costas.

— Eu preciso que você ouça uma coisa, – ele disse, em um tom de voz morto,
— E saiba que estou jurando por Deus. Eu nunca te servirei em sua necessidade. Jamais.

Agora foi ela que respirou como se tivesse levado um soco no estômago. — Eu não... Eu não acredito que disse isso.

— Isto nunca vai acontecer, eu *nunca* vou te engravidar.

Havia poucas coisas que ele sabia com grande certeza na vida. A única outra, que lhe vinha à mente, era o quanto a amava.

— Não irá, – ela disse asperamente. — Ou não pode.

— Não irei. Como em não vou querer.

— Wrath isto não é justo. Você não pode simplesmente determinar isto como faz com suas proclamações.

— Então eu devo mentir sobre meus sentimentos?

— Não, mas podemos conversar sobre isto, pelo amor de Deus. Somos parceiros e isto afeta a nós dois.

— Discutir o assunto não vai mudar o que eu sinto. Se você quiser continuar perdendo tempo com aquela Escolhida, é sua decisão. Mas se os rumores forem reais, e isto realmente despertar a sua necessidade, saiba que será drogada até ela passar. Eu *não* vou servi-la.

— Jesus... Como se eu fosse um tipo de animal que precisa ir ao veterinário?

— Você não tem ideia de como são aqueles hormônios.

— Isto. Vindo de um macho.

Ele deu de ombros. — É um fato biológico provado. Quando Layla passou pela dela, todos nós na casa, sentimos... Mesmo uma noite e meia depois que já tinha terminado para ela. Marissa se drogou por anos. É o que deve ser feito.

— Sim, quando uma fêmea não é casada. Mas pelo que me consta, meu nome ainda está escrito em suas costas.

— Só porque você é emparelhada, não significa que deve ter filhos.

Ela ficou em silêncio por um tempo. — Não lhe ocorre nem por um momento que isso possa ser importante para mim? E não como em “Oh, eu preciso de um carro novo”, ou... “Eu quero voltar a estudar” ou mesmo, “que tal termos uma porra de um encontro antes de você ser baleado cumprindo o dever que você odeia”. Wrath, isto é a base da vida.

E a porta de entrada para a morte – para ela. Tantas fêmeas morriam na mesa de parto, e se ele a perdesse...

Caralho. Ele não conseguia nem imaginar. — Eu não vou ter filhos. Posso adoçar esta verdade com uma porção de besteiras sem sentido, junto com palavras confortadoras, mas cedo ou tarde você vai ter de aceitar...

— *Aceitar?* Como se eu tivesse pegado gripe de alguém que espirrou perto de mim e só tenha de me resignar a tossir por uns dias? – O espanto em sua voz soou tão claro quanto a sua raiva. — Você ao menos *ouviu* o que acabou de dizer?

— Eu estou fodidamente consciente de cada palavra que escolhi. Acredite-me.

— Ok. Está bem. Por que não nos colocamos no lugar um do outro. Que tal se eu disser... Que tal isto... Você vai me dar o filho que eu quero, e isto é algo que *você* vai ter de se acostumar. Ponto.

Ele deu de ombros novamente. — Você não pode me forçar a ficar com você.

Quando Beth engasgou, ele teve consciência de que tinham entrado em uma nova dimensão em seu relacionamento... E não uma boa. Mas não havia retorno.

Praguejando silenciosamente, ele balançou a cabeça. — Faça-se um favor, e pare de se sentar perto daquela fêmea todas as noites. Se tiver sorte, não vai ter funcionado e poderemos esquecer tudo isto...

— Esquecer sobre... Espere. Você... Você... Perdeu a porra da sua cabeça?

Merda. Sua *shellan* não costumava gaguejar ou cambalear, e ela raramente dizia palavrões. Que recorde.

Mas isso não mudava nada. — Quando você ia me contar? — ele exigiu.

— Contar o quê? Que você pode ser um verdadeiro imbecil? Que tal agora.

— Não, que você estava deliberadamente tentando despertar sua necessidade. Contar coisas que afetam a nós dois.

O que teria acontecido se ela tivesse subitamente chegado à sua hora enquanto estivessem juntos durante o dia? Ele podia ter cedido e então...

Nada bom. Especialmente, se ele mais tarde descobrisse que ela tinha passado as horas com aquela Escolhida, para justamente aquele propósito específico.

Ele olhou para ela. — Sim, quando exatamente este assunto seria trazido à baila? Não ia ser hoje, certo? Você estava segurando para amanhã? Não? — ele se inclinou na mesa. — Você sabia que eu não queria isto. Eu te *disse*.

Mais passos: ele podia ouvir cada passo dela. Levou um tempo até pararem.

— Sabe, eu tenho de sair agora, — ela disse, — E não só porque eu tenho um compromisso para esta noite. Eu preciso sair de perto de você por um tempo. E então, quando eu voltar, vamos conversar sobre isto... Os dois lados desta questão... Não! — ela ordenou ao vê-lo abrir a boca. — Você não diz mais uma maldita palavra. Se disser, tenho a impressão que vou fazer as malas e sair para sempre.

— Para aonde você vai?

— Ao contrário da opinião geral, você não tem direito de saber onde estou em cada minuto do dia e noite. Especialmente depois desta briga.

Praguejando de novo, ele arrancou os óculos escuros e esfregou a ponte do nariz. — Beth, ouça, eu só estou...

— Oh, eu ouvi o suficiente de você por ora. Então nos faça um favor e fique bem onde está. A esta altura, esta mesa e a cadeira dura é só o que lhe restará, de qualquer forma. É melhor se acostumar com elas.

Ele fechou a boca. Ouviu-a sair. Ouviu-a bater a porta.

Faltou pouco para ele levantar e correr atrás dela, mas ele se lembrou da Dra. Jane dizer algo sobre a ressonância magnética que John Matthew ia fazer em um

hospital humano. Devia ser para lá que ela estava indo... Ela tinha dito que lhe era importante ir junto com ele.

De repente, ele se lembrou da convulsão, e o que tinha acontecido no meio daquilo. Depois, ele tinha confrontado Qhuinn sobre o que John tinha tentado comunicar a Beth... Se algo tinha sido dito para sua *shellan*, ele ia querer saber detalhes, muito obrigado.

Eu te protegerei. Eu cuidarei de você.

Ok, archive aquilo na pasta de — *Mas que porra é essa?* — Normalmente, Wrath não tinha problemas com John Matthew. De fato, ele sempre tinha gostado do garoto... A ponto de ser meio assustador o modo fácil que o guerreiro mudo tinha entrado na vida deles... E permanecido.

Grande soldado. Boa cabeça acima dos ombros. E a falta de voz não era um problema, exceto com Wrath que, obviamente, não podia ler a linguagem de sinais.

Oh, e quanto ao resultado de exame de sangue que dizia que ele era filho de Darius? Quanto mais tempo se passava perto do garoto, mais óbvia ficava a conexão.

Mas ultrapassava a linha qualquer macho tentar se interpor entre ele e sua companheira, parente ou não. *Ele* era quem protegeria Beth e que cuidaria dela. Ninguém mais. E ele teria confrontado John depois daquilo... Só que a coisa mais estranha era que o garoto não parecia saber o que tinha dito: John não conhecia Antigo Idioma suficiente para manter uma conversa, e ainda assim, Blay e Qhuinn tinham ambos confirmado que era o que ele parecia estar murmurando.

Mas que seja. John ia para algum tratamento, e pelo lado de Beth, ele não seria um problema. Mas este assunto do bebê...

Passou-se um longo tempo até Wrath arrancar as mãos em garra dos braços do trono, e enquanto movimentava os dedos, as juntas ardiam.

Pelo andar da carruagem, esta mesa e cadeira dura serão tudo o que lhe restará.

Que bagunça. Mas a conclusão e verdade primordial eram que... Ele simplesmente não podia perdê-la na gravidez. E por pior que fosse esta briga entre eles, pelo menos ambos estavam vivos e assim continuariam: Não havia jeito nenhum no inferno que ele fosse voluntariamente arriscar a vida dela, só por um

hipotético filho ou filha... Quem, a propósito, assumindo que sobrevivesse até a idade adulta, seria candidato a sofrer sob este legado régio tanto quanto ele sofria.

E aquela era a outra grande parte dele. Ele não tinha pressa nenhuma em condenar um inocente a toda esta merda de Reinado. Tinha arruinado sua vida... E não era uma herança que ele quisesse dividir com alguém que, indubitavelmente, amaria quase tanto quanto sua *shellan*...

Mudando de posição no trono, ele olhou para baixo, para si mesmo... E franziu o cenho.

Mesmo sem poder ver nada, ele percebeu... Que tinha uma ereção. Uma pulsante, e comprimida ereção se erguia contra o zíper de suas calças de couro.

Como se tivesse algum lugar para ir. Tipo, agora.

Colocou as mãos na cabeça, e soube exatamente o que significava.

— Oh... Deus... Não...

— Você gostaria de se alimentar?

Enquanto a Escolhida Selenia esperava por uma resposta, fez o possível para ignorar o fato de que o incrível macho de pele escura na cama diante dela, estava nu. Ele tinha de estar. Com as cobertas puxadas até a cintura, o peito estava nu, os peitorais esculturais e ombros largos iluminados pela luz suave do corredor.

Era difícil imaginar porque ele se incomodaria em esconder qualquer coisa abaixo de seus quadris.

Querida Virgem Escriba, que visão ele era. E uma revelação... Embora não por ela ser ignorante ou ingênua. Ela pode ter vivido isolada no Santuário desde seu nascimento, um século atrás, mas como uma *ehros*, estava familiarizada com as mecânicas do sexo.

Mas sem nenhum conhecimento prático. O ato não tinha sido ainda seu destino. O Primale anterior tinha sido assassinado nos ataques bem antes dela amadurecer, e seu substituto tinha demorado décadas e décadas e décadas para ser nomeado. Então, quando Phury tinha assumido o título, ele tinha mudado tudo e libertado todas elas, ao tomar uma *shellan* à qual era monogâmico.

Ela sempre tinha se perguntado como o sexo era. E agora, olhando para Trez, sabia visceralmente porque as fêmeas se submetiam. Porque suas irmãs se enfeitavam e se preparavam para sua “tarefa”. Por que elas voltavam ao dormitório depois, com uma incandescência em suas peles, seus cabelos, seus sorrisos, suas almas.

Era arrebatador experimentar isto em primeira mão...

Subitamente, ela percebeu que ele não tinha respondido.

Quando ele continuou somente olhando para ela, ela se perguntou se o tinha ofendido. Mas como? Era de seu entendimento que ele não tinha uma companheira: ele tinha vindo a esta casa com o irmão, não uma *shellan*, e nunca havia uma fêmea aqui nestes aposentos.

Não que andasse vigiando todos os movimentos dele.

Só a maioria deles.

Quando suas bochechas ruborizaram, ela disse a si mesma que, certamente, ele precisava de uma veia depois de tudo o que tinha sofrido? De fato, a carga de sua doença era aparente no rosto dele... Seu rosto bonito e forte, com olhos escuros amendoados, lábios salientes e esculpidos, malares altos e mandíbula forte e bem marcada...

Selena perdeu o fio do pensamento.

— Você não pode estar falando sério, — ele disse secamente.

As palavras dele saíram mais profundas do que o normal, e tiveram um efeito estranho sobre ela. De uma só vez, aquele rubor em seu rosto irradiou-se por todo seu corpo, esquentando-a de seu núcleo para fora, soltando-a de uma forma que a fez temer um pouco menos pelo seu futuro.

— Estou sim, — ela se ouviu dizendo.

E isto não seria uma tarefa. Não, neste espaço escuro e silencioso entre eles, ela o queria... Em seu pescoço, não no pulso.

Loucura, uma voz interior a alertou. Inapropriado, e não somente porque maculava o trabalho que fazia aqui nesta casa.

Fechando os olhos, ela odiou o fato de que, por tudo o que era razoável, ela *devia* se virar e sair daquele quarto naquele momento mesmo. Este macho, este macho resplandecente que era capaz de derreter até mesmo a rigidez de seus membros, não estava em seu futuro. Não mais do que o Primale estava... Ou qualquer outro macho, a propósito.

Seu futuro tinha sido determinado bem antes dela ter vestido sua primeira túnica de Escolhida.

Depois de um longo momento, ele balançou a cabeça. — Não. Mas obrigado.

A rejeição a deixou nauseada. Talvez ele tenha pressentido desejos inadequados de sua parte? E ainda assim... Ela juraria que ele sentia o mesmo. Ele tinha-a parado às escadas naquela vez, e ela tinha tido certeza que ele queria...

Bem, pelo menos ela tinha agido certo ao afastá-lo.

Mas depois que se separaram, de modo desconfortável, o jeito que ele tinha olhado para ela tinha permanecido, e foi quando ela tinha começado a vigiá-lo das sombras.

Mas ele agora não olhava para ela daquele jeito.

E tudo tinha mudado para ele com sua oferta. Por quê?

— É melhor você ir. — Ele acenou para a porta. — Eu só preciso comer alguma coisa, e ficarei bem.

— Eu te ofendi?

— Oh, Deus, não. — Ele fechou os olhos e balançou a cabeça. — Eu só não quero...

Ela não conseguiu captar o resto do que ele disse, porque ele esfregou o rosto e abafou as palavras.

Subitamente, Selenia pensou nos livros que tinha lido na biblioteca sagrada do Santuário. Tantos detalhes de vidas vividas aqui embaixo, na Terra. Noites e dias tão ricos e surpreendentes. Histórias tão vívidas, até que pareciam ser tudo o que ela podia alcançar e tocar neste outro plano de existência. Ela tinha se tornado faminta por este outro lado, desenvolvendo um vício pelas suas histórias, em toda sua glória e tristeza: ao contrário de suas irmãs, que só recordavam do que lhes eram mostrados nas vasilhas de premonição, ela tinha sido voraz em seu tempo livre, estudando o mundo moderno, as palavras que usavam, a maneira como as pessoas se conduziam.

Ela sempre soubera que aquilo era o mais próximo que ela teria de ter liberdade de escolha, e qualquer tipo de destino.

E aquilo ainda era verdade, mesmo após a liberdade dada por Phury.

— Maldição, fêmea, não me olhe assim, — Trez grunhiu.

— Assim como?

Ele pareceu ondular os quadris, e quando murmurou algo que ela não conseguiu entender, ela respirou fundo... E, querida Virgem Escriba, o aroma que vinha dele era como ambrosia em seu nariz.

— Selenia, você tem que ir, garota. Por favor.

Ele arqueou de volta nos travesseiros, seu magnífico peito se comprimindo, as veias em seu pescoço saltando.

— *Por favor.*

Ele obviamente estava sentindo dor... E ela, de alguma forma, era a causa.

Ao se levantar, Selenia lutou com a túnica para mantê-la no lugar. Com uma reverência incômoda, ela baixou a cabeça. — Mas é claro.

Ela não se lembrava de ter saído do quarto ou fechado a porta, mas deve ter feito: Acabou no corredor, parada no meio do caminho entre a porta trancada que levava aos aposentos da Primeira Família e a escada que a levaria de volta ao andar de baixo...

A próxima coisa que soube, foi estar no Santuário.

Um pouco surpreendente, na verdade. Geralmente, quando terminava seu serviço na Terra, se desmaterializava para o Grande Acampamento do Rehvenge. Ela gostava da biblioteca lá... Os romances e biografias eram envolventes, e de alguma forma, menos intrusivos que os volumes do Santuário.

Mas algo nela tinha-a levado para seu antigo lar.

Que diferença, ela pensou ao olhar em volta. Não mais um bastião de monocromáticos... Agora só as construções, de mármore primitivos, eram brancas. Tudo o mais brilhava com cores, do verde esmeralda da grama ao amarelo e cor de rosa e roxo das tulipas ao azul pálido dos banhos. Mas o formato era o mesmo. O templo particular do Primale continuava próximo a ambos os claustros de escrita e a biblioteca imensa de mármore além da entrada trancada dos aposentos da Virgem Escriba. Não muito distante, os dormitórios onde as Escolhidas faziam tanto seu repouso quanto suas refeições eram adjacentes aos banhos e piscina de reflexão. E então, oposto a tudo isto ficava o vasto tesouro com seus objetos, antiguidades e arcas de pedras preciosas.

Ah, mas a ironia. Agora que havia tantas cores para agradar aos olhos? Tudo estava vazio de vida, as Escolhidas tinham dado no pé e batido suas asas.

Ninguém fazia ideia de onde a Virgem Escriba estava – ninguém se atrevia a perguntar também.

A ausência era estranha e desconcertante. E ainda assim, bem-vinda.

Quando os pés de Selenia se puseram a andar, ficou claro que ela tinha algum tipo de destino em mente, mas não sabia conscientemente qual. Pelo menos não era incomum. Ela sempre andava com a cabeça nas nuvens, geralmente por estar pensando sobre o que tinha visto nas vasilhas de premonição, ou lido entre as espinhas daqueles volumes encapados em couro.

Mas agora, ela não estava considerando as vidas dos outros.

Aquele macho de pele escura era... Bem, não parecia haver palavras suficiente para descrevê-lo, apesar de seu extenso vocabulário. E as imagens lembradas de agora a pouco no quarto dele eram como as cores recém-chegadas aqui... Uma revelação de beleza.

Perdida nos pensamentos sobre ele, ela continuou a caminhar, seguindo pelo centro de escrita, descendo o gramado para os dormitórios, e então mais além até se

aproximar da fronteira cheia de árvores que, caso alguém entrasse, magicamente era cuspidor de volta, no exato local onde tinha entrado.

Não foi até ser tarde demais que ela percebeu onde seus pés a tinham levado.

O cemitério escondido era margeado por todos os lados por um bosque, o cimo propositalmente escondido da vista por um ninho de folhas verdes e grossas como um gramado vertical. A entrada era igualmente obstruída por um arco entremeado com videiras e o caminho de pedregulhos que serpenteava no interior, era tão estreito que mal cabia uma única pessoa.

Selena não tinha intenção de entrar...

Seus pés se rebelaram contra sua própria vontade, movendo-se a frente como se obedecendo a um propósito maior.

Com as árvores que cercavam o local, o ar ali era sempre temperado, e ainda assim, um arrepio a transpassou.

Passando os braços ao redor do corpo, ela odiou tudo naquele lugar... Mas, mais ainda a imobilidade das estátuas: postadas em frontões de pedras brancas, as formas femininas, em várias poses, braços e pernas graciosos em ângulo sobre seus corpos nus. As expressões das estátuas eram serenas, os olhos imóveis encarando o pós-morte no Fade, lábios encurvados em sorrisos idênticos e saudosos.

Ela pensou de novo no macho naquela cama. Tão vivo. Tão vital.

Por que ela tinha vindo ali. Por que, por que, por que... Ao cemitério.

Seus joelhos cederam ao mesmo tempo em que lágrimas brotavam de seu coração, o choro levando-a ao chão macio, os soluços rascantes que faziam sua garganta doer.

Era aos pés de suas irmãs que ela sentia mais intensamente o destino de sua morte precoce.

Durante toda sua vida, ela tinha suposto que todos os ângulos de seu fim próximo já tinha sido explorado.

Estar perto de Trez Latimer lhe mostrou que estava errada sobre isso.

Capítulo DOZE

A Galeria de Arte Benloise era localizada no centro de Caldwell, há cerca de dez quarteirões dos arranha-céus e há apenas dois, das margens do Hudson. O prédio simples e despretensioso tinha três andares, o espaço de galeria com pé direito duplo, no primeiro andar, escritórios de funcionários aos fundos, e o escritório de Benloise que parecia uma pista de boliche sob o teto liso.

Ao estacionar seu Range Rover no beco de trás, Assail respirou fundo. Ele não tinha cheirado nenhuma fileira antes de sair de casa, porque queria se manter alerta. Infelizmente, seu corpo formigava pela falta de estímulo, e uma preocupação viciosa sobre o que não tinha feito, estava deixando sua mente confusa.

— Você quer que a gente entre com você? — Ehcric perguntou, do banco traseiro.

— Somente um.

Assail saiu e esperou que eles decidissem. Maldição, suas mãos tremiam, e apesar de estar caindo uma nova rodada de neve do céu, ele começava a suar.

Ele devia cheirar? Estava quase inútil assim.

Ehcric se juntou a ele, vindo de trás do SUV. — O que te aflige?

— Nada.

Mentira de tantas formas diferentes.

Enquanto se aproximavam da porta de trás, Assail se rendeu. Procurou no bolso do peito de seu casaco Tom Ford, e tirou o vidrinho marrom escuro. Desrosqueou a tampa preta, e encheu a colherzinha interior com uma porção de pó branco.

Sniff.

Repetiu do outro lado, e então deu uma única cafungada dupla que fez tudo ir para o caminho certo.

O fato de ele ter voltado ao “normal” imediatamente, era outro sinal de alerta que escolheu ignorar. Calma e foco *não era* o que ele devia estar sentindo após duas cheiradas... Mas ele não ia perder tempo analisando aquilo. Algumas pessoas tinham café. Outros tinham outro tipo de estimulante.

Tudo se resumia ao que te movia.

Ao se deparar com uma porta de aço pesada – uma medida de segurança disfarçada de crítica ao industrialismo do mercado de arte – não houve razão alguma para tocar a campainha, e certamente não houve motivo para bater. O monstro de três polegadas de grossura dificilmente seria algo no que alguém gastaria os nós dos dedos.

E ainda assim, ela foi prontamente aberta.

— Assail? O que cê tá fazendo? – o Neandertal do outro lado perguntou.

Um uso tão inspirador da gramática. E o cumprimento também demonstrava que Benloise e seus homens não faziam ideia de quem era o responsável pelos assassinatos no West Point na noite anterior... De outra forma, era de se esperar que este titã de inteligência não estivesse tão relaxado.

Aquelas máscaras pretas tinham sido muito úteis. E desabilitar aquelas câmeras de segurança, uma tática crítica.

Assail sorriu sem expor as presas. — Tenho algo para entregar ao seu chefe.

— Ele tá te esperando?

— Não, ele não está.

— Está bem. Vamos.

— Este é meu sócio, a propósito, – Assail murmurou ao entrar na área de escritórios. — Ehric.

— Sim, eu imaginei. Vamos.

Caminharam pelo espaço de teto alto, os passos no chão de concreto ecoando até o encanamento e fiação expostos acima. Uma espécie de caos organizados. Uma fileira de mesas úteis, armários de arquivos, e peças aleatórias de arte tamanho gigante sufocava o espaço imenso. Nada de funcionários. Nada de telefones

tocando. A face legítima do negócio de distribuição de drogas de Benloise estava no encerramento noturno.

Como esperado.

No espaço da galeria propriamente dito, ele lançou um rápido olhar ao redor, enquanto o guarda que os levara até ali desaparecia por uma porta escondida para o segundo andar.

Somente um par de guardas em pé vigiavam o escritório de Benloise.

Assail observou os homens. Seus olhares estavam mais alertas do que o habitual, seus pesos mudando incessantemente de pé, as mãos se moviam ao redor, como se sentissem necessidade constante de certificarem-se de estarem armados.

— Adorável noite, não é? — Assail comentou ao acenar sutilmente ao Ehric.

Quando os guardas congelaram, seu primo aproveitou a deixa para partir para um passeiozinho, o vampiro andando em volta de uma exibição de peças feitas de papel de jornal retalhado, moldadas em formatos fálicos.

— Um pouco frio lá fora, é claro. Mas a neve até que é pitoresca. — Assail sorriu e tirou um charuto cubano. — Posso acendê-lo aqui?

O guarda à direita apontou a um aviso laminado na parede. — Proibido fumar.

— Certamente em meu caso poderia ter uma exceção? — Ele cortou a ponta do charuto e deixou-a cair no chão. — Sim?

Os olhos castanhos turvos do cara baixaram levemente. Voltaram a subir. — Nada de fumar.

— Não há ninguém aqui, além de nós. — Ele tirou o isqueiro. Deu um peteleco na tampa.

— Nada de fumar aqui.

Talvez Benloise os escolhesse especificamente pela falta de vocabulário? — Na escada, então?

O gênio relanceou para o parceiro. Então deu de ombros. — Acho que tudo bem.

Assail sorriu de novo e acionou a chama. — Deixe-me entrar, então.

Tudo aconteceu muito rápido. Aquele que tinha falado virou-se e liberou a tranca para abrir a porta... Ao mesmo tempo em que o outro escolheu se espreguiçar, alongando os braços para além do corpo.

Ehric se materializou diretamente a frente do cara que se espreguiçava, batendo as mãos de ambos os lados de seu rosto atônito e girando o pescoço para trás. Sem querer ser espetaculoso demais, Assail golpeou para frente com uma faca que tinha disfarçadamente tirado do suporte, acertando o guarda que tinha reforçado as regras, diretamente nas entranhas. O próximo movimento foi desaparecer com seu isqueiro e cobrir a boca do cara com sua mão... Abafando os ruídos que ameaçavam delatá-los.

Para finalizar as coisas, retirou a lâmina dele com um puxão e a moveu para cima.

A segunda punhalada pegou entre as costelas, diretamente no coração.

O homem caiu ao chão em um bamboleio frouxo.

— Diga a seu irmão para preparar o Rover, — Assail sussurrou. — E tire isto daqui. Ele vai levar um minuto ou dois para sangrar e a respiração pesada é audível.

Ehric entrou em modo de limpeza, agarrando os grossos tornozelos e puxando o moribundo para trás das vitrines verticais.

Enquanto isto, Assail deslizou para a escada escondida e acendeu o charuto, soprando nuvens de fumaça ao mover a mão do guarda com o pescoço quebrado, de um jeito que a porta ficasse aberta. Ehric se juntou a ele momentos depois, aceitando seu próprio Cubano e acendendo-o também, enquanto deixavam a porta se fechar às suas costas.

O linguista que tinha entrado para avisar Benloise de sua visita, olhou por cima do corrimão. — Que cê tá fazendo?

Então aquela frase podia ser tanto um cumprimento quanto uma inquisição. Ele devia anotar aquilo, Assail pensou.

Ele soprou uma corrente azul e indicou as portas fechadas. — Eles disseram que não podíamos fumar na galeria.

— Não podem fumar aqui também. — O homem olhou por cima dos ombros como se seu nome tivesse sido chamado. — Sim, está bem. — Ele virou de novo. — Ele disse que levará um minuto.

— Acho que vamos com você então.

O guarda-costas não estava no ápice de sua inteligência esta noite, estava? Ao invés de controlar a situação, ele simplesmente deu de ombros e permitiu que o inimigo se aproximasse dele e de seu chefe.

Que competência.

Assail geralmente tomava seu maldito tempo, mas não esta noite. Ele e Ehric subiram os degraus de metal em um passo apressado.

Ele estava a meio caminho do objetivo quando percebeu ter cometido um erro. Provavelmente por causa da coca: Havia câmeras de vídeo por todo o interior da construção... E ele não tinha feito nada sobre elas.

— Mais rápido, – sibilou sob o fôlego para o primo.

Alcançaram o andar superior e Assail fez uma reverência ao guarda. — Onde você quer que eu apague isto?

— Eu não sei porra. Não devia nem ter acendido.

— Oh, bem, então.

Ehric se desmaterializou de novo, aparecendo atrás do guarda. Com um golpe, cobriu aquela boca, e puxou o guarda para trás.

Apresentando a Assail o alvo cativo perfeito.

Com um movimento violento, golpeou aquela garganta com lâmina, fácil e rápido como tossir. Então, foi novamente caso de arrastar para esconder.

Assail entrou pela porta do escritório e abriu-a totalmente. Do outro lado do espaço, Benloise estava sentado sozinho atrás de sua mesa modernista, o brilho de uma luminária ao seu lado destacando sua expressão da escuridão, de forma que ele rivalizava com alguns dos melhores retratos de Goya.

— Eu vou para o norte. — Benloise parou de repente, sua visão se tornando instantaneamente impassível. — Já te ligo de volta.

O distribuidor de drogas de Caldwell desligou o telefone tão rápido que o receptor bateu no suporte. — Eu acho que te disse para esperar, Assail.

— Foi mesmo? — Assail olhou por sobre o ombro. — Talvez você devesse ser mais claro com seus subordinados. Embora só Deus saiba como é difícil achar bons empregados, não é?

O elegante homenzinho se sentou de volta em sua cadeira estilo trono, a expressão imutável. O terno de hoje era de um azul marinho profundo que enfatizava seu bronzado permanente e olhos escuros, e como sempre, seus cabelos ralos estavam penteados para trás de sua testa. Dava para sentir o cheiro de sua colônia do outro lado do escritório.

— Me desculpe apressá-lo, — o cavalheiro disse naquela pronúncia educada de não-sou-um-traficante-de-drogas dele. — Mas eu tenho outro compromisso.

— Eu certamente não te deteria.

— E qual o seu propósito?

Assail acenou uma vez, e foi só o que Ehric precisou para se materializar atrás daquela enorme mesa e agarrar o distribuidor, arrastando-o pela cabeça, para fora de sua cadeira pesada. Um golpe de Taser mais tarde, e Benloise virou uma marionete frouxa naquele lindo terno azul marinho de excelente caimento.

Quando o primo jogou o homem por sobre o ombro, ao modo dos bombeiros, não houve troca de palavras. Não era necessário... Eles tinham combinado tudo antecipadamente: a invasão, a segurança, a remoção.

É claro, teria sido muito mais satisfatório encenar um confronto de filme de Hollywood onde Assail respondesse a pergunta do distribuidor de drogas quanto ao propósito em detalhes violentos. O mundo real do sequestro e intimidação, no entanto, raramente permitia gratificação imediata.

Não se você quiser chegar ao homem e mantê-lo.

Com Ehric em seus calcanhares, Assail começou a correr, cruzando o chão preto brilhante e descendo as escadas velozmente. Ao chegarem ao espaço da

galeria, houve uma pausa momentânea, uma checagem rápida por sons de confronto iminente.

Nenhum. Somente o arfar abafado da respiração mortal do guarda esfaqueado e o cheiro metálico do sangue de seu ferimento na barriga.

Saíram pela porta exclusiva de funcionários. Passaram pelas mesas e pelos móveis dependurados feitos de partes de carros desmontados.

O Range Rover estava estacionado tão perto da saída traseira, que estava praticamente dentro do prédio, e com movimentos certos, Assail abriu a porta traseira e Ehcric jogou Benloise lá dentro como uma sacola de roupa suja. Então foi caso de *bater, bater, arranhar*.

Eles partiram e rodaram no limite de velocidade por um tempo, Assail no banco do carona, Ehcric sentado atrás dele com a carga.

Assail verificou o relógio de pulso. O total de tempo gasto foi onze minutos, trinta e dois segundos e eles tinham um bom número de horas até o nascer do sol.

Ehcric pegou um jogo de algemas e encaixou-as nos pulsos do negociante de arte. Então foi um caso de bater no filho da puta até ele acordar.

Quando os olhos de Benloise se abriram, ele recuou como se estivesse em um sonho ruim.

Em tons sombrios, Assail finalmente respondeu à pergunta que tinha sido feita. — Você tem algo que é meu. E você vai devolver antes do amanhecer... Ou eu te farei desejar nunca ter nascido.

Uma hora e meia depois do confronto épico com seu marido, Beth estava no banco traseiro do Mercedes S600 da Irmandade com o meio-irmão ao seu lado e Fritz ao volante. O sedan era novinho em folha, o cheiro maravilhoso de couro novo e verniz era como aromaterapia para gente rica.

Que pena que o cheirinho bom não melhorasse em nada o seu humor.

Enquanto olhava pela janela filmada, a descida da montanha cheia de neve até a estrada rural em sua base, parecia em câmera lenta... Embora, talvez, isto fosse porque a trilha sonora da viagem, que deveria ter sido Vivaldi ou Mozart se estivesse em um comercial de carro, era aquela partidinha de tênis tóxica que tinha virado aquela conversinha com Wrath.

Merda. Seu *hellren* sempre tinha sido autocrático... E de novo, aquilo não tinha nada a ver com seu trabalho: foda-se a coroa, era a personalidade dele. E nos últimos anos, ela tinha observado-o manter aquela atitude diante de diversas situações, fosse com os Irmãos, a *glymera*, os empregados... Inferno, até com o controle remoto da TV. Mas com ela, ele sempre tinha sido... Bem, não subserviente. Nunca isto. Mas ela sempre tinha tido a impressão, que ele faria tudo por ela. Qualquer coisa que ela quisesse, quando quisesse... E Deus ajudasse ao tolo que ficasse no caminho.

Então sim, ela assumia que a coisa de filho seria o mesmo... Que ele cederia, já que ter um bebê era tão importante para ela.

Ao invés disto? Oposto total.

Um toque suave em seu cotovelo a lembrou de duas coisas: Uma, ela não estava sozinha no vasto banco traseiro do sedan. E dois, ela não era a única pessoa com problemas ali.

— Desculpe, — ela disse ao baixar mãos que não tinha tido consciência de levar ao rosto. — Estou sendo rude, não estou?

Você está bem? John gesticulou levemente iluminado.

— Oh, sim, absolutamente. — Ela deu um tapinha nos ombros pesados dele, sabendo que toda aquela coisa das convulsões tinham de estar pesando sobre ele: a ida à cidade, a ressonância, os resultados que se seguiriam. — Mais importante, como você está?

Eu acho que a Dra. Jane conseguiu arranjar tudo no centro médico.

— Sim. — Beth teve de balançar a cabeça, sua gratidão à Jane e ao parceiro humano dela, Manny Manello, a sufocando. — Aqueles dois são incríveis. Equipamentos de saúde são caros e difíceis de lidar. Como eles conseguiram arranjar tudo, não faço ideia.

Pessoalmente, acho que é uma perda de tempo. Ele virou a cabeça para o outro lado. Digo, vamos lá. Eu tenho tido isto há quanto tempo? Nunca aconteceu nada.

— É mais seguro fazer uma checagem.

O celular de John tocou com um *bing!* E ele virou a ela para conseguir ver. *É Xhex.*

— Então ela já chegou lá?

Sim. Ele exalou um fôlego pesado. *Esta coisa toda de ir de carro é ridículo. Eu podia chegar lá em um piscar de olhos.*

— Sim, mas se você é só um humano normal, você chega de carro. Mais fácil de manter o disfarce, você sabe.

Melhor ainda; podíamos ter pulado toda essa baboseira. Ele riu um pouco. *Eu te digo, sinto muito por qualquer um que cruze com Xhex a porta. Ela estava preparada para varrer o complexo hospitalar inteiro... E quando ela fica assim? É melhor não contrariá-la.*

O respeito brilhando nos olhos dele foi um golpe. Considerando o ponto onde ela e Wrath estavam.

— Xhex é uma fêmea de sorte, — Beth disse asperamente.

Acho que é o contrário. Acredite-me... Por que está com essa cara?

— Que cara?

Ele pareceu corar. *Como se fosse chorar.*

Ela afastou a preocupação. — Alergias. Eu sempre fico com olhos lacrimejantes nesta época do ano. Talvez eu compre uns antialérgicos antes de voltarmos.

Em dezembro? Jura?

Aí foi ela que desviou os olhos, Fritz tomou a saída para a rodovia. Diminuiu a velocidade em uma curva. Voltou a acelerar quando chegaram ao outro lado. O

Mercedes fluiu facilmente, o assento ultra-acolchoado absorvia os solavancos, o gentil ar morno soprando em seus pés.

Eles deviam ter colocado a etiqueta “Edição Ambiente” no carro.

Mas também, qualquer cantiga de ninar do Benz seria perda de tempo com ela daquele jeito.

Ela tinha a sensação de que não haveria sono para ela até que ela e Wrath resolvessem as coisas, ou...

Outro tapinha em seu braço. *Sabe, pode falar comigo sobre qualquer coisa.*

Beth afastou o cabelo para trás... Só para voltar a colocá-lo sobre os ombros de novo. Aonde infernos iria com aquilo. Havia tantas escolhas... Mas John já tinha tido o suficiente em sua própria vida recentemente.

Beth. De verdade.

— Que tal resolvermos isso tudo com você e...

Me dará algo mais no que pensar, e eu preciso disto agora. Quando ela não respondeu, ele gesticulou, *Vamos, por favor. Estou preocupado com você.*

— Você é um amor, sabia?

E você não está falando, está.

Ela ficou quieta por um tempo. Mais a frente uma placa para a Northway apareceu, o “I-87” brilhando com a luz dos faróis. Se eles continuassem em frente, ao invés de pegar a primeira saída para o centro de Caldwell, chegariam a Manhattan em menos de uma hora. Mais ainda ao sul e estariam na Pennsylvania, e então à Maryland e...

— Você já desejou poder fugir tudo, às vezes? – ela se ouviu perguntar.

Antes de conhecer Xhex? Claro. Mas agora...

Deus, pensar que era de Wrath que ela queria se afastar. Nunca tinha imaginado que isto iria acontecer.

O que está acontecendo, Beth?

Houve outro silêncio longo, durante o qual ela soube que ele estava esperando que ela juntasse uns pronomes e verbos para facilitar a conversa.

— Oh, você sabe, só uma crise conjugal.

Ele balançou a cabeça. *Já passei por isto. É um saco.*

— Verdade.

Finalmente, ele gesticulou, *Você pode usar a casa de Darius, sabe. Se precisar de um pouco de espaço. Você a deu para mim, o que foi ótimo... Mas eu sempre penso nela como metade sua também.*

Ela imaginou a mansão estilo federal profundamente no território humano, e seu peito ardeu. — Obrigada, mas eu ficarei bem.

E mesmo que não ficasse, o último lugar onde gostaria de estar era onde ela e Wrath tinham se apaixonado.

Às vezes, as boas lembranças eram piores de se aguentar do que as más.

Você pode ao menos lançar um assunto? Minha cabeça está a mil em todos os tipos de direção.

Eles ainda teriam mais quinze, vinte minutos para chegar ao complexo médico St. Francis. Tempo demais para ficar sentado num silêncio desconfortável. E ainda assim, parecia violação da privacidade dela e de Wrath falar sobre a coisa do bebê... Ou talvez fosse apenas uma desculpa para esconder o fato de que ela não queria explodir em lágrimas.

— Você se lembra de alguma coisa sobre suas convulsões. Digo, quando você está tendo elas?

Eu achei que estávamos falando de você.

— Estamos. — Quando ele relanceou para ela, ela encarou-o nos olhos. — Você estava me dizendo algo. No meio de sua convulsão, você olhou para mim... E estava murmurando alguma coisa. Consegue se lembrar o que era?

Ele franziu o cenho como se estivesse checando os arquivos de memória, o olhar desfocado. *Eu realmente não consigo... Eu só... Eu cheguei no topo das escadas,*

olhei para o escritório de Wrath, vi você... E então não foi até Xhex me levar do corredor ao nosso quarto que minhas luzes realmente voltaram.

— Eles disseram que foi no Idioma Antigo.

John sacudiu a cabeça. Impossível. Digo, eu consigo ler e entender um pouquinho se alguém falar comigo. Mas não sei falar.

Ela inspecionou as pontas do cabelo, mesmo que soubesse que não havia pontas duplas; um dos *doggen* os tinha aparado na semana anterior.

— Bem, há algo que queira me dizer, de alguma forma? — Ela olhou em volta.
— Pode ser honesto comigo sobre qualquer coisa. Wrath tem, tipo, uma dúzia de Irmãos. Eu só tenho você.

John franziu o cenho de novo. *Não, eu...*

Um tremor súbito tomou as mãos dele, cortando o que ele gesticulava — e então ele caiu contra o encosto do carro, com o corpo rígido.

— John! — Beth estendeu a mão para o irmão. — John... Oh, meu Deus...

Quando os olhos dele rolaram, a parte branca ficou a mostra como se estivesse morrendo. — John... Volte...!

Inclinando-se para a frente, ela bateu na partição do motorista. — Fritz!

Quando o mordomo baixou o vidro escuro, ela gritou, — Acelera... Ele está tendo outra convulsão!

Os olhos chocados de Fritz voaram para o retrovisor. — Sim, senhora. Agora mesmo!

O velho mordomo acelerou, e quando o Mercedes torpedeou à rampa de entrada da Northway, ela tentou ajudar John. Mas a convulsão tinha tomado-o completamente, as costas duras e inflexíveis como uma vareta, as mãos curvadas no peito como garras de Drácula.

— John, — ela implorou em uma voz partida. — Fique comigo, John...

Capítulo TREZE

— Diga que ele está voltando de novo.

Ao falar, Assail olhou pelo para brisa do Rover, o punho de uma adaga seguramente presa em sua mão direita. Eles estavam afundados para além das fronteiras florestais do código postal de Caldwell, onde não havia luzes de habitações piscando pelas árvores alinhadas, nenhum outro veículo vindo ou indo ao longo da estrada rural coberta de gelo.

Benloise tinha voltado brevemente à consciência, somente para... Desmaiar... De novo. O que bem podia ser mentira.

— Ainda não, – Ehric murmurou. – Mas ele está vivo.

Não por muito tempo.

— E nu, – o lutador completou.

Assail se afastou quando o primo soltou a faca de caça. Nu, de fato. O terno elegante de Benloise tinha sido despedaçado, o fino tecido azul marinho jazia em tiras, a seda da roupa de baixo, inútil até para pano de chão. Todas as joias foram removidas, do relógio de diamante Chopard ao anel de sinete de ouro, da pulseira à corrente de ouro.

O botim fora jogado em um suporte de copos, junto com o celular do qual tinha sido removida a bateria, de forma que nenhum sinal de GPS pudesse ser rastreado. A roupa tinha sido deixada onde caíram.

Talvez ele estivesse mesmo inconsciente. Difícil imaginar o homem não lutar contra tudo aquilo.

— Quanto tempo mais? – Assail exigiu.

— A esta altura já deve ser suficiente, – Ehric disse.

O irmão do macho pisou no freio, engatou ponto morto para estacionar, e desligou o motor. Imediatamente, Assail saiu, olhou em volta e reconfirmou seu

isolamento. Não havia luz alguma piscando. Nenhum som de tráfego. Ninguém, em lugar algum.

— Apague os faróis.

Como a neve tinha parado de cair e a lua tinha aparecido por entre nuvens, havia iluminação mais do que suficiente vinda por entre os pinheiros.

Assail guardou sua adaga e estalou os dedos. — Pegue-o e tire-o do carro.

Ehric manuseou o peso morto com admirável facilidade, uma vez que Benloise estava nu e desmaiado, um verdadeiro mala sem alça, por assim dizer.

O distribuidor de drogas recobrou a consciência ao ser colocado contra os contornos gélidos do Rover, e o movimento que anunciou seu despertar foi carregado através de todos os seus membros, seus braços e pernas balançaram como os de uma marionete.

Os primos seguraram o homem contra o SUV... E o grande Ricardo Benloise não mais parecia poderoso: Ele sempre parecia em posição de comando em seus elegantes ternos, mas sem aquelas jaquetas e calças cuidadosamente construídas, ele era somente um amontoado de cavidades encolhidas, as costelas saltavam em relevo acentuado, a barriga saliente sobre os quadris ossudos, joelhos mais largos que coxas e panturrilhas.

— Não vamos mais perder tempo, – Assail disse em voz baixa. — Me diga onde ela está.

Não houve resposta. O corpo de Benloise podia estar fraco, mas a cabeça e os olhos estavam alertas como sempre: embora o homem estivesse em uma desvantagem mortal, seu orgulho não se curvava.

Isso não ia durar.

Assail atingiu o rosto do homem com as costas da mão. — Onde ela está?

A cabeça de Benloise caiu para o lado quando o som do tapa soou, sangue espirrou na jaqueta de Ehric.

— Onde ela está! – Assail bateu no distribuidor de novo, os nós dos dedos atingindo forte o bastante para latejar. — *Onde ela está?*

Os primos prenderam o prisioneiro mais alto quando ele começou a cair.

Assail agarrou a garganta do cara e ajudou no esforço, até os pés de Benloise pairarem a quinze centímetros acima da neve. — Eu vou matá-lo. Aqui e agora. Se não me disser onde ela está.

Os olhos de Benloise rolaram, mas eventualmente ele encontrou os de Assail. E ainda assim, não disse absolutamente nada.

Assail apertou mais, cortando a passagem de ar. — *Marisol*. Me diz onde a levou.

A boca de Benloise se abriu como se lutasse para buscar oxigênio, os braços finos lutaram contra o que os mantinham presos, as pernas chutando, de forma que os calcanhares batiam no painel do carro.

— Marisol. Onde ela está.

Aqueles olhos não deixaram os de Assail... A ponto de que, sob outras circunstâncias, fosse de se respeitar a obstinação do cara. Agora era um para-raios de frustração.

— Onde ela está!

Com a mão livre, Assail buscou entre as pernas do homem e girou as bolas encolhidas contra o torso.

O grito que se ergueu foi retido na garganta, Assail silenciou o som. E ele queria fazer tanta coisa mais, mas não podia matar o bastardo. Não ainda. Ordenou que sua mão liberasse um pouco a passagem de ar, mas levou um momento até os dedos obedecerem.

Benloise tossiu e se afogou, o sangue de sua cuspida escorrendo em seu peito nu.

— Onde ela está!

Nenhuma palavra como resposta.

O bastardo não ia quebrar. Não deste jeito, de maneira nenhuma... E enquanto a palma de Assail coçava por sua adaga, ele não confiou em si mesmo com uma lâmina tão afiada em mãos.

Esquartejar o filho da puta não era o que mais queria.

Assail se aproximou. — Eu quero que você preste atenção agora. Está comigo?

A cabeça de Benloise rolou, mas os olhos continuaram abertos... Então Assail contornou a traseira do SUV. Abriu o porta malas e revelou o homem preso e amordaçado que tinha sequestrado antes de irem à galeria.

O irmão de Benloise não tinha oposto nenhuma resistência. Mas também, Ehric tinha se colocado atrás de Eduardo em sua casa e tinha aplicado uma seringa cheia de heroína na veia grossa de seu pescoço. O homem também estava nu, e sua melhor forma física, sugeria que ele era mais jovem e mais vaidoso... Tinha um bronzeamento artificial e algum condicionamento físico.

Assail o jogou aos pés de Benloise.

Ele não esperava que surpresa virasse o jogo. Mas o que viria em seguida sim.

Enquanto o Benloise mais velho assistia, Assail rolou o homem inconsciente de costas, removeu a mordaca, e tirou uma segunda seringa. Seu conteúdo, Naloxone, o antídoto usado comumente em salas de emergência, para reverter overdose de drogas, era um líquido claro... E quando enfiou a agulha na veia do braço de Eduardo, não demorou muito até a luz piloto do cara voltar a se acender.

Eduardo acordou depressa, o torso pulando da neve.

Assail pegou a mandíbula do homem em um aperto forte. Virando a cabeça, grunhiu, — Diga olá ao seu irmão... Vamos ser educados.

De olhos arregalados, Eduardo imediatamente disparou a falar em espanhol, e Assail cortou-lhe este impulso apontando a adaga em seu rosto.

— Seu irmão tem um lugar onde leva pessoas para matar. Onde fica?

— Eu não sei o que você está...

Assail montou no homem e agarrou o cabelo no alto da cabeça... Como Eduardo usava um grande quantidade de produtos, estava uma gosma melequenta, mas ele conseguiu um agarre firme. Colocou a lâmina sob o queixo do homem, certificou-se de falar de forma baixa e claramente.

— Onde ele leva pessoas. Eu sei que há um lugar, reservado e seguro. Não é em sua casa. Não é no centro.

O Benloise mais velho finalmente falou de forma rápida, as palavras para seu irmão guturais e pontuadas de respiração entrecortada. Em resposta, os olhos de Eduardo se arregalaram ainda mais, e não era preciso saber espanhol para entender: Diga qualquer coisa e eu mesmo te mato.

Assail colocou seu corpo entre os dois e ficou olho a olho com Eduardo. — Eu vou te machucar agora.

Escolha um lugar, qualquer lugar.

Assail decidiu começar com os ombros. Com um golpe rápido, enfiou a lâmina profundamente na carne abaixo da clavícula... Doloroso, mas nem de longe fatal.

Quando seus ouvidos zumbiram devido ao grito, ele manteve a lâmina no lugar. E continuou a segurar o cabo da faca.

— Onde é? — Quando ele teve uma resposta imediata, torceu a faca. — Onde ele os leva?

Mais torções. Mais gritos.

Foi quando Ricardo falou alto de novo, a voz atravessando o drama para reforçar sua mensagem. Mas a agonia ia vencer... Assail se certificaria disto.

Recuou e deu ao querido garoto Eddie um momento para descansar e se recuperar, observou o cabo da adaga se mover para cima e para baixo, no compasso de sua respiração entrecortada.

Oh, como os poderosos decaíram. Eduardo sempre tinha sido o gerente financeiro elegantemente vestido. Mas ali estava ele, o cabelo uma bagunça, olhos vermelhos, neve suja cobrindo toda sua pele nua.

Assail observou-o com a compaixão que alguém teria por um atropelamento de estrada. — Não lhe dê ouvidos ou te matarei lentamente. A única maneira de se salvar, é me dizendo o que preciso saber.

Ricardo latiu algo acentuadamente.

— Não lhe dê ouvidos. — Assail manteve seu olhar travado no de Eduardo. — Fale comigo. Salve-se.

Eduardo continuou tentando enxergar o irmão, mas Assail mudou de posição com aquele olhar de pânico, até Eduardo gemer, seus olhos escondidos entre as rugas de seu rosto.

Assail lhe deu mais um tempo, até que perdeu a paciência. Buscando pela adaga, ele anunciou, — Eu vou te machucar de novo.

— Fica no norte! — Eduardo gritou. — Na Northway! Norte! Do lado sudeste da Montanha Iroquois! A estrada para a propriedade parte da base! Dirija por oitocentos metros e verá a entrada!

Contra o SUV, Ricardo explodiu, a fúria evidente em cada sílaba, mesmo que os detalhes das frases se perdessem na tradução.

Assail respirou fundo pelo nariz. Não havia cheiro de mentira vindo de Eduardo. Sangue fresco, é claro, e o cheiro acre do terror. Também uma vergonha um pouco tocante, que lembrava a Assail a raiz de vegetais frescos recém colhidos.

O homem tinha falado a verdade, pelo que percebia.

— Coloque Ricardo de volta no carro, — Assail disse rispidamente.

— Espere, — ele gritou, quando os primos obedeceram. — Vire-o de costas.

Assail contornou até se colocar por trás de Eduardo, e ergueu o torso molenga do homem. Encarando pela distância entre Ricardo e ele mesmo, disse sombriamente. — Você tirou de mim. Eu tiro de você.

Libertou a adaga da carne do ombro, puxou a lâmina diretamente pela garganta de Eduardo.

Ricardo tentou desviar os olhos, seu torso se debateu entre os primos.

— Isto é só o começo, Ricardo. — Assail tirou o homem sangrento e resfolegante do caminho, como o lixo que era. — Nós estamos apenas começando agora.

Ele se aproximou de Benloise. — Eu acredito, no entanto, que é importante para você ter uma última lembrança da fraqueza de seu irmão. Só pense, se ele fosse

tão forte quanto você, poderia ter morrido de forma honrosa. Ai, não era o destino dele.

Assail entrou no assento do passageiro da frente. Retirou seu vidrinho de coca.

Ao inalar duas medidas cheias em cada narina, os primos colocaram Ricardo no compartimento traseiro, e o ruído de fita isolante sendo usada, demonstrava o modo como estavam cuidando da segurança.

Assail esticou a mão, acendeu uma luz do teto e desdobrou um mapa do estado de Nova York marcado com três As vermelhos... E não fazia ideia de onde deveria olhar.

Ehric se pôs atrás do volante e colocou o iPhone na cara de Assail. — é uma viagem de cinco horas.

A cabeça de Assail começou a zumbir. Mesmo com Benloise sob sua custódia, ele estava aterrorizado sobre o que estava sendo feito a Marisol. Cinco horas era muito. Demais, à luz das últimas vinte quatro que já fazia que ela tinha sido levada.

Maldição, porque Benloise tinha de ser tão estrategista?

— Então temos de nos por a caminho, – Assail murmurou entre dentes.

Capítulo QUATORZE

O Commodore era discutivelmente *o lugar* para se viver no centro de Caldwell. Erguendo-se mais de vinte andares de altura, o prédio de apartamentos dava vista ao Rio Hudson e era formado de blocos largos de apartamentos com abundância de metros quadrados e obras-de-arte como cozinhas e banheiros. Janelas de vidros do chão ao teto que forneciam vista em todas as quatro direções eram tanto uma parte da decoração, quanto a que qualquer um dos donos poderia distribuir pelos espaços, e havia rumores sobre celebridades, que procurando por um descanso de Manhattan, usavam-no como estadia ocasional.

Falando disto, havia até mesmo uma pista de pouso de helicóptero no telhado.

iAm saltou no décimo oitavo andar e dobrou à direita. Cerca de trinta metros adiante, parou em frente a uma porta marcada 18A e acionou a fechadura de cobre que seu irmão tinha insistido em instalar cinco anos atrás, quando se mudaram para cá.

Ao caminhar pelo apartamento de cem metros quadrados, seus Merrells não fizeram muito barulho, mesmo que sobre o chão polido, não houvesse tapetes e os móveis modernistas fossem mínimos, não só em termos de estilo, mas em quantidade.

Maldição... Aquela vista continuava incrível. Especialmente assim, de noite e com as luzes internas apagadas: A cidade ostentava sua face noturna, tudo brilhava, da colcha de retalhos das luzes dos arranha-céus, aos arcos duplos das pontes gêmeas, às tiras de faróis traseiros vermelhos e dianteiros brancos, que se moviam próximas à costa lá embaixo.

Tão fácil esquecer que o coração de Caldie era um local sujo, com tanta pobreza quanto riqueza... Se não mais: aqui em cima, isolado da realidade, com o gemido das sirenes e o cheiro do lixo tão distantes, era tentador acreditar na versão higienizada de Nova York.

Mas ele não era bobo.

Do outro lado, havia portas de vidro deslizantes que levavam para fora do terraço, e após acender as luzes, ele atravessou e abriu uma delas, um vento gelado invadiu o ambiente e agitou o ar saturado do interior. Seu visitante chegaria antes de uma hora, mas ele queria se certificar que o local parecesse habitado. Voltando à cozinha aberta, fez uma bagunça discreta ao colocar um par de pratos já limpos na prateleira abaixo da pia e bagunçando o balcão com... Vamos ver... Uma colher ou duas. Um pacote meio comido de batatinhas Cape Cod, já meio murchas. Um exemplar da revista GQ que ele tinha folheado e tinha largado aberta em uma página com uma jaqueta que Trez iria gostar.

Daí ele começou a fazer o café.

Ele e o irmão não tinham intenção de voltar ali, mas ele tinha de manter o local, pois era importante que os s'Hisbe não fizessem ideia de que eles tinham se mudado. Uma equipe de busca em Caldwell não ia ser uma adição interessante. Especialmente se, de alguma forma culminasse em uma visitinha à mansão da Irmandade...

iAm virou para a porta de vidro. Do lado de fora no terraço, uma figura se materializou da noite, negra como um espectro, sua vestimenta golpeando ao vento contra o lado liso do prédio.

— Bem-vindo, — iAm disse ao sumo sacerdote, em tom neutro. — Você está adiantado.

Ok, qual dos dois tinha perdido a noção do tempo?

A figura se aproximou do umbral da porta, caminhando de maneira tão calma e controlada, que era de se jurar que estava em uma esteira rolante.

— Estou convidado a entrar? — veio a voz seca.

O coração de iAm falhou uma batida.

Porra, aquele não era o sumo sacerdote.

Com aquele manto que o cobria inteiro, da cabeça aos pés, ele tinha assumido que sabia quem tinha vindo a ele.

Isto era pior. Muito pior.

O capuz do executor devia lhe ter dado a dica.

— Bem, estou, iAm? — Dava praticamente para ouvir o sorriso nojento. — Que trocadilho¹³.

— Sim, entre, — iAm disse, sutilmente enfiando uma mão sob a jaqueta. Com um gesto, soltou a tira do coldre onde sua Glock estava aninhada. — Nunca esperei tê-lo em minha casa.

— Interessante. Eu não achei que você fosse tão ingênuo. — O macho teve de se abaixar para entrar. — E a casa também não é de seu irmão? — Cristo, tudo o que iAm conseguia pensar era no Grim Reaper¹⁴.

Mas também, s'Ex, como o executor da Rainha dos Sombras tinha matado coisas suficientes para encher um cemitério ou dois. E ele tinha sido construído para trazer a morte. O macho tinha dois metros e treze de altura e mais de cento e trinta quilos... Fácil, fácil. E aquela voz, vinda sob o capuz? Pura maldade.

— Eu fiquei sabendo que você nunca deixou AnsLai entrar, — ele disse ao fechar a porta. Estou... Emocionado.

— Não fique. Na verdade, o sumo sacerdote pensou que este lugar estava contaminado demais por nossos contatos com humanos. Café?

— Como se fosse um encontro? — Ao contrário do sumo sacerdote, s'Ex não tinha nenhuma paciência para regras de corte ou a formalidade observada entre membros do s'Hisbe. De novo, a rainha suprema não o mantinha ao seu lado devido ao seu charme. — E sim, porque não. Eu gosto da ideia de você me servindo.

iAm cerrou os dentes, mas não ia se permitir demonstrar irritação. Os s'Hisbe tinham aumentado as apostas em pelo menos cem vezes ao enviar este cara ao invés do sumo sacerdote, então as coisas já estavam começando com o pé errado.

Contornou o balcão de granito, pegou duas canecas do armário envidraçado e esperou que o bastardo não pedisse leite junto com o café. Enquanto esperava que a cafeteira borbulhasse e chiasse ao final de seu ciclo, a última coisa que esperava, era que s'Ex se aproximasse e se sentasse em um banco... Normalmente o executor teria vasculhado o local.

Infelizmente, isto provavelmente significava que o cara já o tinha feito.

¹³ No original: "Well, am I, iAm.", trocadilho entre "am I" (da pergunta: estou convidado?) e iAm, nome da personagem.

¹⁴ Na cultura ocidental, a Morte é frequentemente associada à figura do "Ceifador Sinistro" (em inglês, Grim Reaper), seria a nossa clássica visão da Morte com um manto negro com capuz e uma foice na mão.

— Então, você e seu irmão andaram ocupados ultimamente. — s'Ex colocou seus antebraços enormes no balcão e se inclinou. — Bem, estiveram?

— Se importa de tirar este manto. — iAm olhou fixamente para o tecido que cobria aquele rosto. — Eu quero ver seus olhos.

— Que romântico.

— Nem um pouco.

— Você sabe, não tem nenhum direito de exigir nada.

— Você odeia vestir este maldito capuz. Não negue.

— Ao contrário de algumas pessoas, o dever não enche meu saco.

— Baboseira.

A pausa curta lhe mostrou que atingira algum ponto certo. Mas não durou. — O café está pronto. Traga o meu, por favor.

iAm se virou e se afastou, de forma que sua mandíbula cerrada não ficasse evidente. — Açúcar?

— Eu sou doce o suficiente.

É. Certo.

iAm trouxe as duas canecas. — Se quiser um canudo para isto, não temos nenhum. Desculpe.

s'Ex revelou-se com um rápido e objetivo gesto da cabeça — apesar do fato daquela coisa provavelmente pesar uns treze quilos.

E sim, por baixo ele era exatamente como iAm se lembrava. Pele escura, muito escura. Olhos pretos inteligentes. Cabeça raspada com os padrões cerimoniais. Tatuagens brancas garganta abaixo que continuavam em cada centímetro de pele.

E a propósito, aquelas tatuagens não eram feitas de tinta. Era veneno, injetado na pele em um padrão tal, que quando a derme morria, ela... Descoloria. A maioria dos machos, para provar sua masculinidade, tinham uma pequena em seu braço... E ficavam doentes por dias. Ninguém, mas *ninguém* tinha-as como s'Ex.

O bastardo era um monstro. Especialmente quando sorria... Por alguma razão, provavelmente o excesso de testosterona, suas presas estavam sempre alongadas.

— Satisfeito agora? – ele falou.

— Não a palavra que eu usaria. – iAm tomou um gole da borda de sua caneca.
— Então, a que devo a honra.

Ou o pé no saco, como era o caso.

s'Ex sorriu um pouco... O que era pior do que seu riso aberto. — Então você e seu irmão estiveram ocupados.

— Você já disse isso.

— Eu visitei vocês aqui, algumas vezes. Nada especial... Só uma voadinha ou outra. Os dois não têm passado muito tempo por aqui, ultimamente. Ocupados com as fêmeas?

— Trabalho.

— Dia e noite, então. Uau... Preocupados com dinheiro? Precisam de um empréstimo?

— Não de você. Não aguentaria as taxas.

— Está certo. – Olhos pretos se fixaram nos seus. — Então, onde vocês estão.

— Por aí. Aqui agora, obviamente.

— Eu não acredito que continuem morando aqui.

— Então por que você está sentado sobre algo que me pertence.

— Eu aposto que se for no seu quarto, não encontrarei roupa alguma.

— E eu suponho que invasão e arrombamento faça parte de suas visitas... A menos que você tenha mudado seu estilo.

s'Ex se recostou e cruzou os braços por baixo do manto. — Agora, quão rude seria, se eu fizesse algo como entrar e farejar por aqui. Isso seria impensável.

— Está dizendo que não o fez. – iAm revirou os olhos. — Sério.

— Não. Ou eu estaria mentindo. Tipo você, quando diz que continua morando aqui.

— Talvez você tenha vindo somente nos momentos em que estamos fora.

— Ok, vejamos esta noite. Por que está vestindo casaco? Porque as colheres no balcão limpo? Oh, e a revista? Do mês passado. E ainda assim, está aberta como se você estivesse “lendo”. Ele até fez as aspas no ar. — E um saco de salgadinhos aberto não se passa por comida.

Maldição. — A GQ não é considerada contrabando no Território?

s'Ex sorriu de novo. — Vossa Alteza Real gosta de me manter feliz. O que posso dizer.

Ou isso ou a própria rainha tinha medo do cara.

iAm baixou as pálpebras a um entrecerrar. — Fale comigo.

— Eu pensei que estava. Ou estávamos usando linguagem de sinais até agora e eu não percebi?

Só que o executor ficou sério, franzindo o cenho sobre sua caneca, tenso.

E quanto mais o silêncio durava, mais estranhas as coisas ficavam. s'Ex não perdia tempo, e ele não tinha paciência... Geralmente, o fodido era tão decidido quanto uma serra elétrica.

iAm esperou por dois motivos: um, que outra chance ele teria. E dois, ele estava acostumado.

Graças à merda do Trez, ele era graduado em — nada que eu possa fazer.

Os olhos de s'Ex voltaram a se fixar nele. — O sumo sacerdote está vindo para te dizer que o tempo de Trez está se esgotando. A rainha quer o que lhe prometeram, e a filha está pronta para recebê-lo. Qualquer atraso terá repercussões desastrosas. Então, chega de mentiras, se você tiver algum jeito de colocar seu irmão na linha, faça. Agora.

— Ela vai fazer você matar ele, não vai, – iAm disse sombriamente.

O enforcer balançou a cabeça. — Ainda não. Eu devo começar pelos seus pais. Sua mãe primeiro. Então seu pai. E não vai ser bonito. — O olhar do macho não desviou. — Eu fui ordenado a amarrá-la e raspar a cabeça dela primeiro... Depois estuprá-la e cortá-la de modo que sangue vagorosamente. Seu pai vai assistir a tudo, e então o que farei com ele será ainda pior. Se você os honra de qualquer maneira, converse com seu irmão. Leve-o ao Território. Faça-o fazer a coisa certa. Ela não vai parar até tê-lo... E só para ficar tudo claro, eu não hesitarei em fazer meu trabalho.

iAm apoiou as mãos no balcão de granito e se apoiou nos braços. A situação com o pai deles era... Complicada, para usar um termo do Facebook. Mas isso não significava que ele queria que eles morressem ou fossem profanados.

Quando s'Ex se levantou e atirou seu capuz de executor nos ombros, iAm se ouviu dizer, — Você nem tocou no café.

— Você pode ter envenenado. — o executor deu de ombros. — Eu não arrisco com ninguém... Desculpe.

— Esperto. — iAm mediu o macho. — Mas então, você é um verdadeiro profissional.

— E tenho minha reputação por um bom motivo, iAm.

— Eu sei. — Ele praguejou sob o fôlego. — Eu estou bem consciente de seu trabalho.

— Não me pressione. Eu não tive pais, e eu queria ter tido. Não estou ansioso para fazer isto.

— Maldição, não cabe a mim. — iAm curvou ambos os punhos. — E eu não sei se Trez vai se importar, para ser honesto. Ele os odeia.

s'Ex sacudiu a cabeça. — Essas não são boas notícias. Para nenhum dos dois.

— Por que infernos ela não escolhe outro?

— Não é uma pergunta que eu faria, se fosse você. — s'Ex olhou em volta pelo apartamento. — Bonito lugar, a propósito. Bem do meu estilo... E eu aproveitei a vista quando estive aqui.

iAm cerrou os olhos ante o tom estranho naquela voz profunda. Filho da puta... — Você entende, não entende.

— Entendo o que? Como alguém desejaria fugir do Território. Ser livre para viver a própria vida. — Subitamente, o rosto de s'Ex se tornou uma máscara. — Não sei do que está falando.

O executor se virou e caminhou para a porta de correr. Ao se mover, seu manto flutuou atrás dele, seu corpo se moveu com a graça de um predador.

— s'Ex,

O macho olhou por sobre o ombro. — Sim?

iAm pegou a caneca de café que tinha preparado para o convidado. Levou-a aos lábios e tomou um longo gole, terminando a coisa de uma só vez até senti-la queimar o caminho abaixo de sua entranha.

Ao colocar a caneca vazia sobre o balcão, o executor fez uma reverência. — Você tem mais honra do que a maioria, iAm. E foi por isto que eu vim até você. Eu, na verdade, gosto de você... Não que isto vá ajudá-lo muito, depois desta noite.

— Muito obrigado.

O executor olhou em volta, como se estivesse armazenando memórias para mais tarde. — De volta ao s'Hisbe, farei o que puder para atrasar as coisas, mas isto é com você. Pode ser o pescoço de seu irmão na guilhotina... Mas você é o cara que vai ter de levá-lo aonde ele precisa ir.

— Ele não está limpo, você sabe.

— Como assim?

— Ele tem trepado com humanas. Muitas delas.

s'Ex jogou a cabeça para trás e gargalhou. — Eu devia mesmo malditamente esperar por isto. Se eu estivesse do outro lado, eu também faria.

— Aposto que sua rainha não pensa o mesmo.

— Ela é sua rainha também... E eu não apostaria nisto se fosse você. — s'Ex apontou seu indicador pela distância. — Ela o colocará num ritual de purificação, e se ele sobreviver... O que não é uma conclusão precipitada... Ele jamais será o mesmo. Você precisa calar a sua boca quanto à vida amorosa dele, acredite. Oh, e AnsLai não sabe que eu vim. Vamos manter isso como nosso segredinho, está bem.

Depois do executor sair e desaparecer no ar, iAm se adiantou e fechou a porta. Então ele prosseguiu diretamente ao bar do outro lado do espaço aberto e serviu-se de um Bourbon.

Aparentemente o passe para fora da prisão de Trez tinha um buraco: seu vício sexual não ia lhe garantir a saída que ele tinha esperado.

Ótimo.

E se s'Ex não tivesse aparecido aqui e lhe dito para manter em segredo toda aquela estória de sexo? Só Deus sabia o que poderia acontecer.

Ele não tinha nem mesmo ouvido sobre a purificação, mas podia adivinhar.

Uma coisa era certa: ele nunca tinha pensado, nem em um milhão de anos, que um dia deveria algo àquele executor de coração frio. Mas também, parecia que Trez não era o único se revoltando ante as restrições do Território.

A questão era... E agora. E ele tinha cerca de dez minutos para descobrir a merda, antes que o sumo sacerdote chegasse.

Capítulo QUINZE

— Eu não esperava vê-lo de novo. Disseram que você tinha saído da cidade.

Enquanto o encarregado pelo departamento de neurologia do St. Francis se inclinava para a tela do computador, o cara parecia falar sozinho. E quando Manny Manello não lhe respondeu, ele não pareceu se importar.

Beth se aproximou um pouquinho dar uma olhada... Embora, vamos lá, não era como se as múltiplas imagens do cérebro de seu irmão naquele monitor fosse significar alguma coisa para ela. Ainda bem que aquele cara de jaleco branco com credenciais impressionantes via as coisas de um ângulo diferente.

A antessala semi-obscurificada onde todos estavam apertados, era como algo saído de um episódio de *Star Trek*, com equipamentos de alta tecnologia zumbindo e piscando e a enorme máquina de ressonância na parte de trás, mantida separada por uma parede de vidro. E na verdade, o neurologista, sentado na frente daquela bancada, era um pouco como o Tenente Sulu enquanto encarava as telas de computador, os teclados, um telefone ou dois e outro notebook.

— Quanto tempo durou a convulsão mais recente? — o neurologista perguntou distraidamente.

— Cerca de quinze minutos, — Beth respondeu, quando John olhou para ela.

— Sentiu algum entorpecimento ou formigamento?

Quando John balançou a cabeça, Beth disse, — Não. Nada.

John tinha saído da máquina há cerca de dez minutos, e tinha trocado o pijama do hospital por suas roupas relativamente inócuas: jeans e camiseta do Giants. O acesso intravenoso que tinha bombeado o contraste em seu corpo já tinha sido retirado de seu braço, um pequeno Band-Aid branco no lugar de sua agulha, e suas botas estavam novamente calçadas.

Ele tinha deixado as armas em casa.

Xhex, no entanto, estava totalmente armada e próxima a ele, com um boné preto da Nike sombreando seus olhos. Payne era o outro reforço, a guerreira vestida de preto e usando o mesmo tipo de casaco solto que usava a esposa de John.

Beth deu uma arrumada em seu próprio boné Bos Sox. Já fazia um tempo desde que ninguém a via no mundo humano, e ela não conhecia ninguém em particular naquele hospital... Mas não havia motivo para adicionar mais uma camada de complicação a esta viagem.

Oh, Deus, permita que esteja tudo bem, ela pensou, enquanto o doutor rolava as imagens na tela novamente.

Bem ao seu lado, não que o homem a visse, a doutora Jane também olhava por sobre os ombros dele, para as imagens em preto e branco... Em modo fantasma total.

Quanto mais olhos, melhor.

— O que você vê? – Manny perguntou.

Para seu crédito, o neurologista não desgrudou os olhos da tela até analisar tudo – e se dirigiu a John quando finalmente encarou a multidão.

— Não há nada anormal que eu possa ver.

Todos suspiraram aliviados. E a primeira coisa que John fez foi agarrar o corpo firme de Xhex e puxá-la para perto, o mundo obviamente desaparecendo para os dois.

Ao observá-los, Beth soube que devia estar focada nas boas notícias. Em vez disto, tudo o que podia pensar era como ela não estava somente sozinha, enquanto esperava ouvir se o irmão tinha algum tipo de embolismo ou tumor, ou sabe deus lá o que mais de horror em seu cérebro... Mas, que também havia um imenso e metafórico elefante rosa entre ela e seu marido, que tão cedo, não iria para lugar algum.

Rosa. Como da cor de bebezinhas.

Ou talvez não. Talvez fosse azul-bebê.

— Toda a estrutura cerebral está normal...

O médico lançou uma porção de jargão técnico médico que, felizmente significava algo para Manny, já que ele anuí. Mas os pombinhos ignoravam tudo aquilo, e sua auto-absorção era realmente bonita de se ver.

Pelo menos até que lágrimas de alívio se misturaram com lágrimas de tristeza, e tudo ficou embaçado para Beth.

Hora de pedir licença.

Murmurando algo sobre fazer um telefonema, ela foi para o corredor. A instalação de exames por imagens ficava isolada no porão, em um dos muitos prédios do St. Francis, e do lado de fora, havia uma porção de nada acontecendo: não havia pacientes sendo transportados, nem carrinhos de suprimentos sendo empurrados, nem equipes correndo em volta, em sapatos de solado de borracha.

Colocou a cabeça entre as mãos, encostou a bunda contra a parede e deslizou para o chão. Graças a Deus John parecia estar bem. Então, pelo menos, uma parte de sua família estava bem...

Eu preciso que você ouça uma coisa, e saiba que estou jurando por Deus. Eu não vou servi-la em sua necessidade. Nunca...

Merda, ela pensou ao esfregar os olhos. Agora tinha de voltar para casa e resolver aquilo.

Um pouquinho mais tarde, o grupo emergiu do comando central, e ela levantou, tentando não parecer nada além de aliviada pelos resultados dos exames de John.

O neurologista olhava para um cheque em suas mãos e balançou a cabeça. — Jesus Cristo, Manello. Você ganhou na loteria?

Mais ou menos. Graças aos investimentos de Darius, uma doação de cinquenta mil dólares para o departamento de neurologia, não era grande coisa.

E pensar que todo o ato médico que o cara fez, tinha sido enfiar seu irmão na máquina que fazia ping, por cerca de meia hora.

— Eu só estou agradecido por ter nos deixado entrar, — Manello murmurou.

O médico se virou para John ao dobrar o cheque e colocá-lo no bolso. — Então, sim, eu ainda recomendo a medicação anticonvulsiva, mas se você for

totalmente contra, a única coisa que posso dizer é, tente manter um registro de “quando” e “onde”. Veja se descobre um padrão... Talvez haja, talvez não haja. E saiba que estarei aqui, se precisarem de mim. Lembrem-se do que eu disse... Só porque não vi nada, não quer dizer que não haja nada a ser visto. Os episódios estão acontecendo porque há algo errado. Ponto.

— Obrigado, cara. — Manello ofereceu a mão. — Você é o cara.

Os antigos colegas se cumprimentaram batendo as mãos. — A qualquer momento... A qualquer mesmo. E... Sabe, se algum dia você voltar para cá, eles te recontratam num piscar de olhos. Sentimos sua falta aqui.

Os olhos de Manny se voltaram para Payne, e o sorriso secreto que seus lábios exprimiram foi outra fonte de awwwwww.

— Não. Eu estou bem agora, mas obrigado.

Papo. Papo. Bons e velhos tempos. Tchau. Obrigado de novo.

E então a contingência vampírica se dividiu de novo da humana, Manny guiando-os para fora de um labirinto de corredores de azulejos nus, que pareciam exatamente iguais... A ponto dela começar a achar que tinham se perdido. Errado. Ou o homem que os guiava tinha uma bússola implantada no cérebro, ou ele se lembrava bem de sua década trabalhando no lugar... Porque eventualmente chegaram ao térreo e atravessaram as portas reversíveis pelas quais tinham entrado.

Fritz estava esperando no meio-fio, aquele enorme Mercedes preto que parecia pertencer a um diplomata. Que era outra razão pela qual o carro era tão útil: pessoas tendiam a desviar para o lado para não mexer com ele, como se seus passageiros fossem realmente importantes ou estivessem fortemente armados. Fritz recebia mais passagens em semáforos e estacionamentos do que ela jamais vira. Mas também, ele dirigia da maneira exato oposta ao modo como se movia.

O mordomo idoso não tinha pé de chumbo. A maldita coisa era feita de tungstênio.

Vamos voltar agora? John gesticulou na frente de seu rosto... Como se, talvez, estivesse tentando chamar sua atenção.

— O q.. Qu, desculpe. — Ela jogou o cabelo para trás. — Não prefere ir com Xhex?

— Eu tenho que ir ao clube, — a fêmea disse. — Com Trez afastado, tenho de ficar de olho na segurança.

E aquela foi uma boa, e plausível desculpa... Só que era impossível ignorar os olhares trocados entre o grupo.

— Isso não é sobre mim, — ela murmurou.

É claro que não é, Jonh gesticulou. Você está fazendo um favor em voltar comigo. Sabe, para me fazer companhia.

Fritz ficou feliz demais ao saltar do carro e abrir a porta para ela, e enquanto ela entrava na traseira do sedan, ela vislumbrou Manny dar uma beijoca em Payne, e John beijar Xhex.

Quando uma onda de terror caiu sobre ela, pensou que seria melhor se embebedar ao invés de confrontar o marido. O único problema era que aquilo não ia resolver nada, e além do mais, ela sempre tinha desprezado mulheres que bebiam. Nada mais feio e mais patético.

John entrou pelo outro lado, e então o Mercedes andou, seguindo a alameda para além da cancela e para a pista que contornava o centro médico. Com placas como EMERGÊNCIA, REABILITAÇÃO FARNSWORTH, e CENTRO DE COLUNA YARDLEY, era como uma rodovia com saídas para cidades que você realmente não desejaria visitar.

Próximo a ela, seu irmão continuou olhando de longe, como se ela fosse uma banana de dinamite e ele estivesse medindo o quanto de pavio ainda restava, antes que a merda toda fosse pelos ares.

— Eu estou bem.

Ok, não vou pressionar. Mas aqui.

— Huh? — Ele respondeu à sua questão entregando-lhe um lenço. — Por que eu preciso...

Fantástico. Ela começou a chorar.

Realmente, verdadeiramente fantástico.

Quando ela limpou as lágrimas que não tinha tido consciência de derramar, balançou a cabeça e deixou tudo sair: — Eu quero um bebê.

Putá merda... Isso é incrível, seu irmão gesticulou. Isto é...

— Um pesadelo, na verdade. Wrath não quer.

Oh, seu irmão murmurou.

— É. Mais ou menos isso. E eu descobri antes de sairmos.

Meu Deus, você não devia ter vindo.

— Eu precisava sair daquela casa. E eu queria te ajudar.

Bem... Wrath provavelmente só está preocupado com você. É uma coisa assustadora para as fêmeas. Com isso, seu rosto se contraiu. Quero dizer, Xhex não é muito chegada a crianças, e eu devo admitir, isso para mim é um alívio.

Apertando o quadrado de algodão nas mãos, ela deixou a cabeça cair contra o descanso do assento. — Mas se eu estou disposta a assumir os riscos, eu sinto que ele devia aceitar. E a propósito, não é como se ele tivesse exposto seus argumentos em termos de preocupação com minha saúde. Foi só, “eu não vou servi-la”. Ponto.

John soltou o ar que mantinha preso.

— Eu sei. Não foi nosso melhor momento. — Ela olhou de novo para o irmão.
— Eu invejo tanto você e Xhex. Vocês tem tanta sincronia.

Ha! Você devia ter visto a gente há um ano. John encolheu os ombros. Eu achei que não íamos superar.

— Sério?

Merda, sim. Ela queria sair para campo, e tipo, tava tudo certo para mim... Até eu realmente perceber que ela podia se machucar. Ele descreveu um círculo com o dedo próximo a cabeça. Fodeu direitinho com minha cabeça. Digo, como macho, sua mulher é coisa sua de um jeito que eu acho que vocês fêmeas não conseguem apreciar ou entender. Quando se trata de Xhex, eu, literalmente, não tenho controle de minhas emoções, meus pensamentos, minhas ações relacionadas a sua segurança. É uma espécie de psicose.

Quando ela não respondeu, ele tocou seu braço para se certificar que estava prestando atenção. *Parece muito com o que você e Wrath estão lidando agora. Sim, para você pode ser 'É só um bebê', mas diante das taxas de mortalidade das fêmeas? Na mente dele, provavelmente é questão de sua sobrevivência... E ele está considerando isso acima de qualquer tipo de filho ou filha.*

Deus, talvez aquilo a tornasse uma megera, mas... Ela realmente não queria ver o lado de Wrath nesta questão. Especialmente não dito assim, tão racionalmente... Desde que aquilo, de fato, fosse o que um homem sentia.

Ela ainda estava tão ferida e irada.

— Ok, bem, talvez seja verdade. Mas deixe-me te perguntar uma coisa... Você negaria a Xhex uma criança se ela quisesse uma? — Quando ele não respondeu, Beth disse. — Vê? Você não negaria.

Tecnicamente, eu não respondi.

— Está em seu rosto.

Sim, mas, é fácil para mim teorizar sobre isto... Porque eu sei que ela não quer um. Talvez eu me sentisse diferente se ela quisesse. Os riscos são reais, e há pouca coisa que os médicos podem fazer.

— Eu ainda acho que é meu corpo, minha decisão.

Mas você é o interesse principal dele. Então ele tem um voto nisso.

— Um voto é uma coisa. Um veto real é outra. — Ela balançou a cabeça de novo. — Além, disto, se você pode articular a posição de um macho vinculado? Ele também deveria conseguir. Ele não é isento disto só por ser o Rei. — Ela ficou nauseada ao se lembrar da discussão. — A solução dele é me drogar. Como se eu fosse um tipo de animal. Eu só... Eu não sei se posso superar isto.

Talvez você devesse dar um tempo. Tipo... Se afastar até não estar tão irritada. Daí voltar e conversar sobre isto.

Ela colocou a mão sobre o estômago, e enquanto sentia a capa de gordura que havia se acumulado ali, ela se sentiu tão malditamente burra por ficar sentada comendo sorvete com Layla. Ela não estava nem perto de sua necessidade... Se um

dia ela viesse, obviamente seria em seu próprio tempo. Tudo o que tinha conseguido era fazer suas calças ficarem apertadas e construir um abismo entre ela e o marido.

Nas palavras do Dr. Phil¹⁵, Como isto está funcionando para você?

Bem, Phil. Maravilhoso.

Inferno, talvez ela devesse assistir ao programa da Oprah mais vezes. As reprises de Dr. Phil passavam por pelo menos cinco horas todas as manhãs, de Segunda a Sexta. Sem dúvidas, ele tinha algum programa sobre discordâncias de casais no assunto bebê.

Por que não passa um tempo na casa de nosso pai, John gesticulou.

Ela pensou na mansão. — Sim, não. Não quero nem pensar naquele lugar.

De repente, imagens do início dela com Wrath, atingiram-na com intensidade... Especialmente a lembrança de seu primeiro encontro oficial. Deus, as coisas eram tão perfeitas naquela época, os dois se apaixonaram com tanta facilidade. Wrath tinha levado ela para a casa e vestido um terno da Brook Brothers pela primeira e única vez em sua relação. Eles se sentaram na sala de jantar e Fritz tinha servido a mesa.

Foi quando Wrath tinha dito que ela tinha gosto de...

Com um grunhido, ela colocou a cabeça entre as mãos e tentou respirar com calma. Não funcionou. Seu cérebro parecia estar tendo o equivalente a uma arritmia, pensamentos e lembranças de um passado feliz misturadas às preocupações sobre o futuro sombrio, em uma confusão espasmódica e nervosa.

A única coisa de que tinha certeza?

John estava certo. Ela não podia voltar para casa ainda: no instante em que visse Wrath, ela se irritaria com ele, e aquilo novamente não os levaria a lugar algum.

Deus sabia que eles já tinham tido aquela conversa uma vez. Um repeteco só ia dificultar ainda mais as coisas.

¹⁵ Phil McGraw (Vinita, Oklahoma, 1 de setembro de 1950) é um psicólogo dos EUA que tornou-se conhecido do grande público ao participar nos programas de Oprah Winfrey como *consultor de comportamento e relações humanas*. É conhecido por Dr Phil.

— Ok, – ela se ouviu dizendo. — Tudo bem. Mas preciso comer algo antes.

Fechado, John gesticulou.

Capítulo DEZESSEIS

Ao retomar forma na clínica médica da raça, Wrath sentiu Vishous se materializando logo atrás dele... E se ressentiu de precisar de uma babá. Mas pelo menos o conhecimento médico de V seria um recurso valioso.

— Quatro metros e meio adiante, – seu irmão anunciou. — Um metro e meio de asfalto regular a sua frente. E então só chão coberto de neve.

Wrath deu um passo e chegou ao asfalto. Com seus próximos passos, a neve absorveu seus passos.

Não dava para enfiar George nisto. A cegueira não era uma virtude para um governante nos tempos de paz. Durante a guerra? Era uma fraqueza crítica... E nada delatava mais a cegueira que um cão guia.

Naturalmente, o retriever tinha ficado apoplético por ter sido deixado para trás... Mas com Beth já irritada com ele, é claro que ele tinha de irritar também o cão. A próxima coisa que devia fazer? A Irmandade. Se bem que aquele bando de filhos da puta eram fortes demais para serem abalados por qualquer coisa menor que uma bomba H.

— Pare, – V disse.

Wrath parou, mesmo que tivesse de cerrar os dentes. Mas era melhor do que dar de cara com a parede do prédio.

Houve uma pausa, na qual V digitou o código, que era mudado todas as noites, e eles entraram em um saguão vazio, com aquele cheiro característico antisséptico de hospital, anunciando estarem, de fato, no lugar certo.

E a merda sabia que ele se sentia doente: Seu peito doía, a cabeça latejava, e sua pele parecia pequena demais para seus ossos.

Claramente um caso de imbecilite.

E provavelmente terminal.

— Saudações, meus senhores, — Ouviu-se uma voz feminina metálica... E mesmo pelo comunicador, cheia de reverência. — Vamos mandar o elevador para vocês neste momento.

— Obrigado, — V disse.

Sim, o irmão odiava Havers por vários motivos. Mas até aí, Wrath também.

E pensar que, quando o bom doutor tinha tentado matá-lo há alguns anos, tinha sido uma grande coisa. Agora? Comparado aos da laia de Xcor e o Bando de Bastardos, um jaleco branco com gravata borboleta e óculos de tartaruga vindo atrás dele era uma maldita moleza.

Merda, ele desejava poder voltar à era de seu pai, quando as pessoas respeitavam o trono.

Ouviu-se o som de um elevador se abrindo e então V tocou o braço de Wrath. Juntos, entraram no compartimento, e após um som de campainha e um deslizar de portas, a característica sensação de afundamento confirmou que eles estavam indo para baixo.

Quando as portas voltaram a se abrir, Vishous se tornou mais cuidadoso ao guiá-lo: se aproximou até ficar ombro-a-ombro e assim permaneceu, sem dúvidas parecendo, aos observadores casuais, um guarda-costas fazendo o seu trabalho para o Rei da raça.

Ao invés de um par de olhos substitutos.

Um murmúrio súbito na sala de espera foi o sinal certo de que tinham entrado em espaço público. E a recepção na Recepção foi igualmente elétrica.

— Meu senhor, — algumas fêmeas disseram, quando soou um ruído, como se uma cadeira tivesse sido empurrada para trás. — Por aqui. Por favor.

Wrath virou a cabeça para a voz e anuiu. — Obrigado por nos deixar entrar.

— É claro, meu senhor. É uma honra rara ter sua presença em nosso...

Bla-bla-bla

O lado bom era ser levado rapidamente para uma área privada, com interrupção mínima. E então foi questão de esperar. Mas não levaria muito tempo.

Ele apostava que Havers calçaria seus tênis de corrida para chegar imediatamente onde estavam.

Não que aquele almofadinha pedante soubesse para que serviam os Nikes.

— Tipo, todos os hospitais precisam ter Monets nas paredes? — Vishous reclamou.

— Acho que os pôsteres são baratos.

— É uma pintura de verdade.

Ah. Sim. Evidentemente, eles estavam em uma suíte vip. — A cara do Havers... Um clichê mesmo na Sotheby's.

— Ele deve ter trazido do Continente Antigo. Idiota de mau-gosto. Uma vez que se viu um nenúfar, viu-se todos. E eu odeio cor de rosa. Eu realmente odeio cor de rosa. Mas acho que lilás é pior.

Quando Wrath esticou as mãos para tatear o ambiente, pensou nas pinturas impressionistas que tinha visto quando sua visão funcionava um pouquinho. Por falar em visão embaçada... Nada como o trabalho de um pintor meio-cego sendo visto por um idiota meio-cego.

Surrealistas com seus contornos bem definidos eram melhores em sua opinião.

— Há uma maca de exames diretamente a sua frente.

— Eu não vou ser examinado, — Wrath murmurou.

— Está bem, tem um sofá de seda da avó de alguém bem à sua direita.

Quando ele mudou a direção e foi para o sofá, pensou no quanto adorava seus médicos domiciliares. Que pena que a Dra. Jane e Manny não pudessem responder às suas perguntas neste caso. E sim, ele achava que podia obter a informação de outro modo... Tipo, Fritz vir aqui fazer perguntas. Mas algumas vezes, pessoalmente era a única maneira de ter certeza da verdade.

— Vai me dizer de que se trata tudo isto, — V perguntou.

Um som raspado foi seguido por um arranhar, e um momento mais tarde, o aroma de tabaco turco sobrepujou o cheiro de antisséptico e desinfetante do local.

Quando Wrath não disse merda alguma, V praguejou. — Você sabe, Jane pode fazer isto, seja lá o que for.

— Ela sabe sobre a necessidade de vampiras? Não? Achei mesmo que não.

Aquilo calou o irmão por um minuto.

No silêncio, Wrath teve uma necessidade incontrolável de andar... Mas era impossível, já que ele não queria esbarrar com toda a mobília chiquetosa de Havers.

— Fale comigo.

Wrath balançou a cabeça. — Não tenho nada a dizer.

— Como se isto já tivesse te impedido antes, certo?

Felizmente, Havers escolheu aquele momento para entrar... Só para parar de supetão dentro da sala de exames.

— Me perdoe... — ele disse a Vishous. — Mas não pode fumar aqui.

O tom de voz de V soou aborrecido. — Nossa espécie não tem câncer... Ou isso é uma novidade para você.

— É por causa dos cilindros de oxigênio.

— Há algum aqui?

— Ah... Não.

— Bem, então eu não vou procurar um.

Wrath cortou qualquer discussão adicional. — Feche a porta. — Seu idiota fodido. — Eu só tenho de te fazer algumas perguntas. E diga a sua enfermeira para sair, por favor.

— É... Claro.

O medo permeou o ar quando a enfermeira saiu e a porta foi fechada, e Wrath não culpava o cara por estar nervoso.

— Em que posso servi-lo, meu senhor?

Wrath visualizou o macho de memória, imaginando que Havers ainda trazia no rosto aqueles óculos de Ivy-League, e o jaleco branco com o nome bordado próximo à lapela. Como se pudesse haver alguma confusão em sua clínica sobre quem ele era.

— Eu quero saber o que se pode fazer para impedir a necessidade de uma fêmea.

Grilos. Muitos grilos.

Bem, exceto por V murmurando algo que provavelmente começava com P e terminava com O-R-R-A.

Depois de um momento, houve um estalo, como se o bom doutor tivesse se sentado próximo ao sofá de Wrath. — Eu, ah, eu não sei bem como responder a isto, meu senhor.

— Tente, — Wrath disse secamente. — E rápido. Eu não tenho a noite inteira.

Sons surdos sugeriram que o macho estava mexendo em coisas. Uma caneta? Talvez um estetoscópio? — Ela já... Ela, ah, a fêmea... Já iniciou a necessidade?

— Não.

O silêncio que seguiu fê-lo desejar não ter vindo. Mas ele não ia sair agora, e não só porque ele já não lembrava a direção onde a porta estaria. — Não é a minha *shellan*, a propósito. É uma amiga.

Jesus Cristo, como se ele tivesse uma DST ou merda assim.

Mas pelo menos aquilo tinha relaxado o médico. Instantaneamente, a aura do macho acalmou e sua boca se pôs a trabalho. — Eu não tenho uma boa resposta para dar, infelizmente. Até agora, não encontrei uma forma de impedir que o período de necessidade se inicie. Tentei várias drogas, mesmo aquelas disponíveis no mercado humano... A questão é que as fêmeas vampiras tem hormônios a mais, que quando disparados, cria uma resposta incontrolável do organismo. Como resultado, pílulas anticoncepcionais humanas ou injeções, não tem efeito nenhum em nossas fêmeas.

Wrath balançou a cabeça. Ele devia saber — nada sobre o ciclo reprodutivo de uma fêmea vampira era fácil.

Virgem Escriba Idiota. Oh, claro, vá em frente e crie uma raça de pessoas... E enquanto fizer isso, porque não aproveita para bagunçar um pouco com eles com algumas coisas realmente difíceis. Perfeito.

Havers continuou, seu assento estalando de novo como se estivesse mudando de posição. — Acalmar a fêmea durante seu sofrimento é o único método em que tive sucesso. Gostaria de levar um kit para sua amiga, meu senhor?

— Kit, como em...

— Para o tratamento da necessidade.

Ele pensou em Beth sentada naquele quarto com Layla. Só Deus sabia há quanto tempo aquilo vinha acontecendo... Mas, mais ao ponto, ele receava que tivesse funcionado: Ele totalmente tinha ficado ereto na presença de sua *shellan*. E sim, aquilo não era incomum, exceto pelo fato deles terem discutido e sexo ter sido a última porra de coisa que estava em sua cabeça.

Os hormônios dela já deviam estar em fluxo.

Ou aquilo, ou ele estava paranoico.

Também uma possibilidade.

— Sim, — ele se ouviu dizendo. — Eu quero um.

Houve o som de algo sendo escrito. — Agora, eu vou precisar que o macho responsável por ela assine isto, ou o *hellren*, o pai dela, ou o macho mais velho de sua casa. Eu não me sinto confortável em enviar estes narcóticos para o mundo lá fora sem supervisão... E é claro, alguém precisará administrá-los. Não só porque ela estará totalmente comprometida pela necessidade, mas sejamos honestos. Fêmeas não tem as melhores cabeças nestas coisas, de qualquer forma.

Por alguma razão, Wrath lembrou de Payne acusando-o de ser um misógino.

Pelo menos Havers o superava totalmente naquilo.

Oh, merda, como ele ia assinar qualquer coisa? Lá na casa, Saxton sempre marcava o local da assinatura com uma série de relevos.

— Eu assino por ela, — V interrompeu com simplicidade. — E minha *shellan* que é uma médica, igual a você, tomará conta de todo o resto.

— Você, emparelhado? – o médico balbuciou. Como se houvesse uma chance maior de um meteoro atingir a clínica. — Digo...

— Me dê o papel, – Vishous disse. — E sua caneta.

Daí mais ruídos e mais daquele silêncio incômodo.

— Qual é o peso dela? – Havers perguntou, enquanto folheava como se estivesse colocando algo em um arquivo.

— Eu não sei, – Wrath disse.

— Você quer que eu veja a fêmea em questão, meu senhor? Ela pode vir aqui a qualquer momento que seja conveniente, ou eu poderia fazer uma visita domiciliar...

— Sessenta e um quilos, – V disse. — E chega de conversa. Nos dê as drogas para que possamos dar o fora daqui.

Quando Havers saiu da sala, Wrath se inclinou até sua cabeça atingir a parede de gesso que ele não tinha consciência de estar atrás dele.

— Você quer me dizer de que caralhos se trata isso? – seu irmão exigiu. — Porque, neste momento, estou tirando uma porção de conclusões e nenhum de nós precisa disto... Quando você pode simplesmente responder a porra da pergunta.

— Beth tem andado com Layla.

— Porque ela quer...

— Um filho.

Uma rajada fresca de tabaco turco atingiu o nariz de Wrath, sugerindo que o irmão tinha dado um trago profundo. — Então você fala sério sobre não querer um filho?

— Nunca. O que “nunca” lhe parece?

— Que assim seja. — Subitamente, as botas de V soaram ao redor da sala, e cara, aqueles passos eram algo a invejar. — Não que eu não respeite Z e seu núcleo familiar. Graças àquelas duas fêmeas dele, ele parece quase normal agora... O que é

um milagre por si só. Então que ótimo para ele, certo? Mas aquela merda não é para mim. Graças a Deus, Jane sente o mesmo.

— É. Graças a Deus.

— Beth não está neste trem?

— Não. Ela não está nem nesta estação, cidade ou qualquer parte da cidade que sua metáfora residir.

Wrath esfregou a testa. Por um lado, era ótimo ter alguém que concordasse com ele sobre o assunto de não ter bebês... Fazia-o sentir menos como que fazendo algo errado, ou sendo cruel com sua Beth. Por outro lado, aquela concordância entre Vishous e Jane? Não que ele quisesse que o irmão passasse por toda aquela merda também. Nem de longe. Mas caralho, ele adoraria estar naquela posição tão confortável com sua *shellan*, muito obrigado.

Enquanto seu irmão caminhava e fumava, e ambos aguardavam o retorno de Havers com as drogas... Por alguma razão, ele pensou em seus pais.

As lembranças que tinha de sua mãe e pai eram meio Norman Rockwell¹⁶... Bem, dublado na linguagem do Antigo Continente e em um cenário diferente de castelo medieval. Mas sim, aqueles dois tinham a relação perfeita. Não havia discussão, não havia raiva, só amor.

Nada jamais se interpusera entre eles. Nem o trabalho de seu pai, nem a corte onde viviam, nem os cidadãos que governavam.

Harmonia perfeita.

Este era outro padrão do passado que ele não conseguia manter.

V soltou um som estranho, parte engasgo, parte xingamento.

— Engasgou com a fumaça? — Wrath perguntou secamente.

¹⁶ Norman Rockwell (Nova Iorque, 3 de fevereiro de 1894 — Stockbridge, Massachusetts, 8 de novembro de 1978) foi um pintor e ilustrador estadunidense. Rockwell era muito popular nos Estados Unidos, especialmente em razão das 323 capas da revista *The Saturday Evening Post* que realizou durante mais de quatro décadas, e das ilustrações de cenas da vida estadunidense nas pequenas cidades.

Bem perto dele, a cadeira onde Havers tinha se sentado rangeu tão alto quanto uma maldição... Como se V tivesse jogado seu peso inteiro na coisa.

— V?

Quando o irmão finalmente respondeu, sua voz era baixa, muito baixa. — Eu vejo você...

— Não, não, não. — Wrath explodiu. — Eu não quero saber, V. Se estiver tendo uma de suas visões, *não* me diga o que é...

— ...Em pé em um campo em branco. Branco, branco é tudo o que o cerca...

O Fade? Oh maldito inferno. — Vishous.

— ...E você está falando com...

— Ei, imbecil! Eu te disse o tempo inteiro que não quero saber quando vou morrer. Você me ouviu? Eu não quero saber.

— ... O rosto nos céus.

— Sua mãe? — Cristo sabia que a Virgem Escriba estava desaparecida já há algum tempo. — É sua mãe?

Merda, ele não queria encorajar aquilo. — Ouça, V, você tem de voltar. Não aguento isso, cara.

Houve uma maldição baixa, como se o irmão estivesse se recompondo. — Desculpe, quando me atinge forte deste jeito, é difícil parar.

— Tudo bem. — Mesmo que não estivesse. Nem de longe.

Porque o problema com as premonições de Vishous... Além de serem sempre sobre a morte das pessoas? Não havia linha do tempo. Aquela coisa podia recair sobre Wrath na semana seguinte. Ano seguinte. Setecentos séculos no futuro.

Se Beth morresse... Ele não ia querer viver.

— Tudo o que posso dizer é, — V exalou de novo, — Eu vejo que o futuro está em suas mãos.

Bem, pelo menos aquilo era genérico e óbvio, como uma previsão astrológica em uma revista... O tipo de coisa que qualquer um poderia ler e sentir como se aplicasse a ele.

— Me faça um favor, V.

— O que.

— Não veja mais nada sobre mim.

— Não tenho controle sobre isto, ok?

Era verdade. Como ver seu próprio futuro.

Mas o lado bom era... Ele não teria de se preocupar com a necessidade de Beth. Graças a esta visitinha miserável, ele ia estar preparado para cuidar dela quando acontecesse.

Sem correr o risco de uma gravidez.

Capítulo DEZESSETE

O ANO 1664

— Leelan?

Quando não houve resposta, Wrath, filho de Wrath, bateu de novo na porta do aposento: — Lellan, posso entrar?

Como Rei, ele não precisava esperar pela autorização de ninguém, e não havia ninguém que o impedisse de fazer algo.

Exceto sua preciosa companheira.

E como nesta noite, quando havia uma festa, ela desejava embelezar-se em privacidade, permitindo seu acesso, somente quando estivesse preparada para sua observação e adoração. Era completamente encantadora... Como era encantadora a maneira que o quarto que dividiam cheirava, por causa de seus óleos e loções. Assim como era, mesmo um ano após sua união, que ela ainda baixasse os olhos e sorrisse secretamente quando ele a cortejava. Assim como acordar cada anoitecer com ela junto a ele, para então se deitar para descansar ao amanhecer, ao lado de seu corpo lindo e cálido.

Mas havia uma nuance diferente em tudo isto agora.

Quando a espera terminaria... E não a espera pela autorização para entrar em seu quarto.

— Entre, meu amor, — veio através dos painéis de carvalho maciço.

O coração de Wrath pulou. Virando o trinco pesado, ele abriu a porta... E lá estava ela. Sua adorada.

Anha estava do outro lado do quarto, perto da lareira que era grande o bastante para caber um macho adulto. Sentada à sua penteadeira, que ele tinha movido para perto do fogo para mantê-la aquecida, suas costas estavam viradas para ele, o cabelo longo e preto caíam em espirais pelos ombros até a cintura.

Wrath respirou fundo o aroma dela, mais importante do que o oxigênio que enchia seus pulmões. — Oh, você está adorável.

— Você ainda não me viu inteira...

Wrath franziu o cenho diante da tensão na voz dela. — O que lhe aflige?

Sua shellan se virou para encará-lo. — Nada. Por que pergunta?

Ela estava mentindo. Seu sorriso era uma versão apagada de sua radiância normal, sua pele parecia pálida demais, seus olhos repuxavam nos cantos.

Quando ele atravessou sobre os tapetes de pele, o medo o atingiu. Quantas noites desde que a necessidade dela tinha começado e terminado? Quatorze? Vinte e uma?

Apesar do risco para ela, eles realmente rezavam por uma concepção — e não simplesmente por um herdeiro, mas por um filho ou filha para amar e criar.

Wrath caiu de joelhos diante de sua leelan, e de fato, ele se lembrou da primeira vez que tinha feito aquilo. Ele tinha agido certo ao emparelhar com esta fêmea, e mais certo ainda de depositar seu coração e alma em suas mãos gentis.

Ele só tinha a ela em quem confiar.

— Anha, seja sincera comigo. — Ele esticou a mão e tocou seu rosto — e imediatamente retirou sua mão. — Você está gelada!

— Não estou. — Ela o afastou, largou sua escova e levantou-se. — Estou usando o vestido de veludo vermelho que você adora. Como poderia estar gelada?

Por um momento, ele quase esqueceu suas preocupações. Ela era uma visão, na cor rica e profunda, o bordado dourado no corpete que captava a luz do fogo, da mesma forma que os rubis: de fato, ela estava usando o conjunto completo de joias naquela noite, as pedras brilhavam em suas orelhas, pescoço, pulsos, mãos.

E ainda assim, tão resplandecente como ela estava, algo não estava certo.

— Levante-se, meu hellren, — ela mandou. — E vamos para a recepção. Há uma multidão nos aguardando.

— Eles podem esperar mais. — Ele não tinha intenção de se mexer. — Anha, fale comigo. O que está errado?

— Você se preocupa demais.

— Você sangrou? — ele perguntou diretamente. O que significaria não ter concebido um filho.

Ela colocou uma mão magra sobre a barriga. — Não. E eu me sinto... Perfeitamente bem. Honestamente.

Wrath semicerrou os olhos. Havia, é claro, outro assunto que pesava sobre seu coração. — Alguém foi cruel com você?

— Nunca.

Naquilo ela estava mentindo com certeza. — Anha, você acha que algo escapa ao meu conhecimento? Eu estou bem consciente do que transpira na corte.

— Não se preocupe com essas fofocas. Eu não me importo.

Ele amava sua força. Mas esta coragem era desnecessária... Se somente ele conseguisse descobrir o que a atormentava, ele cuidaria do assunto. — Acho que deveria acabar com essas fofocas.

— Não diga nada, meu amor. O que está feito, está feito... Não dá para desfazer a apresentação. Tentar silenciar toda e qualquer crítica ou comentário sobre mim, seria liderar uma corte vazia.

Tudo tinha começado na noite em que ela tinha sido trazida a ele. Ele não tinha seguido o protocolo adequado, e apesar dos desejos do Rei reinarem sobre e além da terra e todos os seus vampiros, havia os que desaprovavam intensamente: Que ele não a tivesse despido. Que ele tivesse lhe dado o conjunto de joias de rubis e o anel da rainha... E então tivesse conduzido o emparelhamento sozinho. Que ele tivesse imediatamente levado ela para seus aposentos particulares.

Seus críticos não tinham se acalmado nem um pouco quando ele tinha consentido uma cerimônia pública. Nem tinham, um ano depois, acolhido sua companheira. Eles nunca eram abertamente rudes com ela, em sua presença, é claro... E Anha se recusava a dizer uma palavra do que acontecia às suas costas.

Mas o aroma da ansiedade e depressão dela eram muito familiares a ele.

Na verdade, o tratamento da corte para sua amada o irritava a ponto de torná-lo violento... E criou uma fenda entre ele e todos os que o cercavam. Ele sentia como se não pudesse confiar em ninguém. Mesmo a Irmandade, que supostamente devia ser sua guarda privativa e aqueles em quem ele deveria confiar acima de todos os demais, mesmo aqueles machos lhe suscitavam suspeitas.

Anha era tudo o que ele tinha.

Inclinando-se para ele, suas mãos aninharam seu rosto. — Wrath, meu amor. — Ela pressionou seus lábios nos dele. — Vamos descer para a festa.

Ele agarrou seus braços. Os olhos dela eram lagos onde se afogar, e o único terror que ele conhecia nesta sina mortal, era que algum dia eles poderiam não estar ali para ele se afogar.

— Detenha seus pensamentos, — sua shellan implorou. — Não acontecerá nada comigo agora ou nunca.

Puxou-a para junto de si, encostou a cabeça em sua barriga. Quando as mãos dela correram pelo seu cabelo; ele observou a penteadeira dela. Escovas, pentes, potes quadradas de maquiagem para seus lábios e olhos, uma caneca de chá ao lado de seu bule, um pedaço de pão que tinha sido beliscado.

Coisas tão prosaicas, mas por ter sido ela a juntá-las, tocá-las, consumi-los, eram elevadas em valor: Ela era a alquimia que transformava tudo aquilo, e ele mesmo, em ouro.

— Wrath, temos que ir.

— Eu não quero. Quero ficar aqui.

— Mas sua corte o aguarda.

Ele proferiu algo vil que esperava ter sido abafado nas dobras do veludo. Mas como ela riu suavemente, achou que tinha ouvido.

No entanto, ela estava certa. Muitos os esperavam na recepção.

Malditos.

Levantando-se, ele lhe ofereceu o braço, e quando ela enganchou o dela na curva de seu cotovelo, ele guiou-os para fora de seus aposentos, passando pelos

guardas do palácio que se alinhavam no corredor. Alguma distância depois, desceram uma escadaria curva, os sons da aristocracia reunida ficando cada vez mais alto.

Ao se aproximarem no grande salão, ela se apoiou ainda mais nele, e ele estufou o peito, o corpo crescendo em estatura como resultado da confiança que ela lhe depositava. Ao contrário de tantos cortesãos, que ansiavam por serem dependentes, sua Anha sempre tinha mantido um certo decoro orgulhoso consigo mesma... Então quando, em uma ocasião, ela requeria sua força de alguma forma, era um presente especial para seu lado mais masculino.

Não havia nada que o fizesse sentir seu sexo masculino mais sutilmente.

Quando a cacofonia se tornou tão alta que engolia os sons de seus passos, ele se inclinou para o ouvido dela. — A gente devia cumprimentá-los bem rapidamente.

— Wrath, você deve aproveitar...

— Você, — ele disse ao se aproximarem da última curva. — É quem eu devo aproveitar.

Quando ela corou lindamente, ele riu... E se viu fervendo de antecipação pela sua privacidade de mais tarde.

Saindo da última curva, ele e sua shellan atravessaram um par de portas duplas para seu uso exclusivo, e dois Irmãos deram um passo à frente para saudá-los de maneira formal.

Querida Virgem Escriba no Fade, ele detestava estas recepções da aristocracia.

Quando trompetes anunciaram sua chegada, os portais se abriram e as centenas ali reunidas se silenciaram, os vestidos coloridos e joias brilhantes rivalizando com o teto pintado acima de suas cabeças e o chão de mosaico abaixo de seus sapatos de seda.

Em certo ponto, quando seu pai ainda era vivo, ele podia lembrar de ficar impressionado pelo grande salão e elegância da aristocracia. Agora? Mesmo que os limites da construção fossem tão grandes quanto um campo de caça, e suas lareiras duplas do tamanho de habitações civis, ele não nutria ilusões de grandeza e honra.

Um terceiro membro da Irmandade falou em voz trovejante. — Vossas Altezas Reais, Wrath, filho de Wrath, governante de tudo o que há entre os territórios da raça, e Rainha Anha, amada filha de Tristh, filho de Tristh.

Em um crescendo, o aplauso obrigatório se ergueu e repetiu-se, o de cada indivíduo se perdendo nos da multidão. E então, era hora da resposta real. De acordo com a tradição, o Rei nunca devia baixar a cabeça a nenhum ser vivente, da mesma forma que era dever da rainha agradecer aos reunidos com uma reverência.

Sua Anha desempenhou com graça e perfeição.

Então foi a vez dos reunidos reconhecerem sua fidelidade com curvas para os machos e reverência para as fêmeas.

E agora, com o grupo de formalidade trocada, ele tinha de se aproximar da fila de cortesãos e cumprimentar um a um.

Caminhando a frente, ele não conseguia se lembrar o que estavam festejando, qual virada de página do calendário ou fase da lua esta recepção marcava. A glymera podia pensar em incontáveis razões para se reunir, a maioria das quais parecia sem sentido, considerando que os mesmos indivíduos apareciam nos mesmos locais.

As roupas eram sempre diferentes, é claro. E as joias nas fêmeas.

E enquanto isto, banquetes gourmet eram preparados e saboreados, e alfinetadas e ofensas eram trocadas a cada respiração, havia assuntos de importância a serem tratados: sofrimento dos plebeus devido à recente seca; invasão por parte dos humanos, agressão da Sociedade Lesser. Mas a aristocracia não se preocupava com tais coisas, porque, na opinião deles, aqueles eram os problemas enfrentados em grande parte pelos... Canalhas sem nome e sem rosto.

Na direção contrária das leis mais básicas da sobrevivência, a glymera via pouco valor na população que colhia o alimento que eles consumiam, construía as estruturas onde eles viviam e costuravam a roupa que cobriam seus traseiros.

— Venha, meu amor, — sua Anha sussurrou. — Vamos cumprimentá-los.

Eis que parecia que ele tinha parado sem perceber.

Voltando a andar, seus olhos se focaram em Enoch, que estava como sempre na frente da fila de machos vestidos de mantos cinzentos.

— Saudações, Vossa Alteza, – Disse o cavalheiro... Em um tom como se somente ele fosse o mestre de cerimônias. — E a senhora, minha rainha.

— Enoch. – Wrath olhou para os cortesãos. Os doze machos estavam dispostos pela virtude de hierarquia, e como tais, o último na fila mal tinha acabado de passar por sua transição, de uma família de grande linhagem mas pouca importância. — Como estão.

Não que lhe importasse. Ele estava muito mais interessado em quem dentre eles tinha aborrecido a sua amada. Certamente tinha de ser um deles, senão todos: Ela não tinha criadas, a seu próprio pedido, então estas eram as únicas figuras que ela tinha qualquer contato na corte.

O que tinha sido dito. Quem tinha dito.

Não foi com pouca agressividade que ele passou pela fila e cumprimentou um a um, de acordo com o protocolo. De fato, esta ancestral sequência de cumprimentos particulares no meio de uma recepção pública era um modo de reconhecer e reafirmar a posição dos conselheiros com a corte, uma declaração da importância deles.

Ele podia lembrar de seu pai fazendo exatamente isto. Exceto que o macho parecia realmente prezar as relações com seus cortesãos.

Especialmente nesta noite, o filho não estava exatamente sentindo o mesmo que o pai.

Quem tinha...

De início, ele supôs que sua amada tinha tropeçado e então exigia mais da força de seu braço. Aí, no entanto, não foi um passo em falso. Ela perdeu o equilíbrio...

Todo ele...

A sensação de estar sendo puxado pelo braço o fez virar a cabeça, e foi quando ele viu acontecer, a forma vital de sua shellan ficando frouxa e caindo para a frente.

Com um grito, ele esticou a mão para segurá-la, mas não foi rápido o bastante.

Enquanto a multidão ofegava, Anha caiu no chão; seus olhos vidrados olhando para cima, para ele, mas sem nada ver, sua expressão tão impassível quanto um espelho vazio, sua pele ainda mais pálida do que estava no quarto.

— Anha! — ele gritou ao cair ao chão para perto dela. — Anha...!

Capítulo DEZOITO

Sola acordou com um arranque, seu rosto golpeando um chão de concreto gelado, o corpo estendido de forma não natural. Mudando de posição, seu corpo processou sua localização em uma fração de segundo: cela com três paredes sólidas e uma com barras. Sem aquecimento, sem janela, luz embutida no teto, privada de aço inox.

Sem companheiro de cela, sem vigilância à vista.

A próxima checagem foi em seu corpo: A cabeça tinha dores lancinantes na nuca e na testa, mas não estava tão mal quanto o que ocorria em sua coxa. Aquele bastardo com a marca de nascença escura cobrindo metade do rosto tinha atirado nela uns quinze centímetros abaixo do joelho... O fato dela poder erguer sua panturrilha do chão indicava que não tinha atingido um osso, mas a dor era imensa. A sensação de ardor aliada ao latejamento era suficiente para deixá-la nauseada.

Silêncio.

Do outro lado do porão, em uma parede, havia um par de correntes soldadas na parede, e as amarras dos pulsos que pendiam nas extremidades eram uma promessa de horror.

Bem, aquilo e as manchas entre o chão e a corrente.

Não havia câmeras de segurança que pudesse ver. Mas também, Benloise era cauteloso. Talvez ele usasse a câmera de um celular para filmar sua versão de filmes amadores?

Sem fazer ideia de quanto tempo tinha, ficou em pé.

— *Caralho.*

Colocar o peso na perna direita era como pegar um atizador em chamas e enfiar na ferida. E bancar o Chubby Checker¹⁷ dançando twist.

¹⁷ Chubby Checker (nascido Ernest Evans; Spring Gulley, 3 de outubro de 1941) é um cantor-compositor norte-americano, conhecido por popularizar o twist com sua gravação, feita na década de 1960, do sucesso de R&B composto por Hank Ballard, “The Twist”.

Melhor evitar aquilo.

Ao olhar a privada, a um bom metro e meio de distância, praguejou de novo. Esta perna dela ia ser uma enorme desvantagem técnica... Porque era difícil andar sem arrastar o pé como um zumbi... O que fazia barulho, ao mesmo tempo em que a atrasava.

Tentando abafar seus ruídos pelo caminho, ao invés de criar distúrbios maiores e audíveis, ela usou a privada, mas não deu descarga. Então voltou para onde tinha começado. Não sentiu necessidade de testar as barras ou verificar se porta estava trancada.

Benloise não era chegado a construções mal feitas e não contrataria alguém tão estúpido.

Sua única chance era tentar subjugar o guarda com a arma, e como isto aconteceria em sua situação atual, ela não fazia ideia. A menos...

Voltou a se acomodar no chão, esticou-se na posição exata em que estava quando acordou. Fechou os olhos, e ficou momentaneamente distraída pelas batidas de seu próprio coração.

Alto. Real e fodidamente alto.

Especialmente ao pensar em sua avó.

Oh, Deus, ela não podia acabar ali. E não daquele jeito... Não era uma doença ou um acidente em uma estrada. Isto envolveria sofrimento deliberadamente infligido, e depois? Benloise era exatamente o tipo de doente fodido que enviaria um pedaço dela para ser enterrado.

Mesmo que o destinatário fosse uma pessoa inocente a toda aquela feiura.

Ao imaginar sua avó com somente uma mão ou pé para colocar dentro de um caixão, ela sentiu seus lábios se moverem.

Deus, por favor, me deixe sair desta viva. Pelo amor de vovó. Deixe-me sobreviver a isto, e eu prometo que largo esta vida. Eu a pegarei e a levarei para algum lugar seguro, e eu nunca, nunca mais vou fazer algo errado de novo.

A distância, ela ouviu um ruído de porta sendo destrancada, e então murmúrios.

Forçando-se a respirar de modo controlado, ela observou através do véu de seus cabelos, ouvindo os passos se aproximarem.

O homem que desceu a escada era aquele que tinha a imensa marca de nascença no rosto. Vestia calças de combate pretas e uma camiseta sem mangas, ele era sombrio, peludo e louco.

— ...Maldito idiota, morrer assim. Pelo menos isto calou a porra da boca dele.

Ela fechou os olhos... E houve outro ruído.

Abruptamente, a voz dele estava bem mais próxima. — Acorde, cadela.

Mãos rudes agarraram seu braço e a rolaram de costas e custou-lhe todo o autocontrole para não ofegar da dor agônica de sua cabeça e perna. — Cadela! Acorde!

Ele estapeou seu rosto, e quando sentiu o gosto de sangue na boca, ela descobriu que ele tinha cortado seus lábios... Mas qualquer dor seria somente uma gota no balde de agonia de sua coxa.

— Cadela! – Outro tapa, ainda mais forte. — Não brinca comigo, porra!

O peito dela se ergueu quando ele agarrou a frente da parka e puxou forte para abrir... E quando sua cabeça ralou no concreto, não conseguiu evitar um gemido.

— Isso mesmo... Eu vou te acordar porra. – Ele ergueu a camiseta dela, e houve uma pequena pausa. — Legal.

O sutiã dela tinha fecho frontal e ele soltou, o ar gélido atingiu sua pele.

— Oh... Isso... É...

Ela cerrou os dentes quando ele a tocou, e teve de forçar seus membros a ficarem imóveis quando ele começou a mexer na cintura de suas calças. Do mesmo jeito que o sinalizador que tinha encontrado no porta malas, ela só tinha uma chance nisso, e ela precisava que ele estivesse bem e adequadamente distraído.

Mesmo que sentisse de novo como se fosse vomitar.

O guarda arrancou seus jeans, junto com as calcinhas em uma série de puxões fortes, ela sentiu o traseiro nu golpeando o chão áspero e gelado, quando ele puxou e arrancou.

— Você me deve isto, cadela... Agora eu tenho de contar a ele sobre aquele merdinha que você matou... Que porra, suas botas!

Ele freneticamente puxou os cadarços e puxou uma bota após a outra. E enquanto ele trabalhava nela, houve a tentação de tentar chutá-lo na cara, mas ela não teria como causar um dano real daquele ângulo... Se ela golpeasse cedo demais e errasse, ele sem dúvida ia acorrentá-la naquela fodida parede.

Quando as mãos dele foram para o meio de suas pernas, ela não conseguiu conter o pânico de seu corpo diante da invasão... Não importava o quanto seu cérebro comandasse, suas coxas se apertaram em volta dos pulsos dele.

— Está acordada agora? – ele murmurou. — Você quer isto, não quer.

Relaxe, ela disse a si mesma. Você está esperando por uma coisa e somente uma coisa.

Ele retirou a mão. E então o som de um zíper sendo baixado deu a ela incentivo extra para abrir as pernas. Ela precisava dele tentando montá-la.

E quem diria, ele tentou.

Abrindo ainda mais as pernas dela, ele ficou apoiado nas mãos e joelhos e tentou se colocar em posição, por cima dela.

Uma chance. E ela aproveitou.

Com um súbito jorro de energia, ela se impulsionou e acertou um golpe nas bolas do filho da puta como se quisesse castrá-lo. E gezuís, aquele foi exatamente seu passe para a liberdade.

Torcendo o mais forte que podia, ela ignorou os gritos de dor de sua coxa e cabeça e girou com cada pingo de força que tinha. O guarda soltou um urro agudo, como um cachorrinho que tivesse caído em uma frigideira grande, e caiu de lado.

Foi tudo o que ela precisou. Empurrando-o para longe dela, ela pulou para ficar em pé enquanto ele colocava a mão sobre os genitais e se encurvava como uma bola.

Olhando em volta rapidamente, ela precisava...

Mancando em suas meias, ela soltou uma das correntes reservadas a ela e arrastou-a pelo chão. Enroscou-a em seu punho, as correntes pesadas formando uma gaiola em volta de sua mão apertada.

Ela atravessou e montou a cabeça e o ombro do homem. — Você queria uma boa trepada, imbecil? Que tal isto?

Ergueu o braço bem acima da cabeça, e trouxe o peso para baixo com tanta força quanto pode, atingindo o crânio dele. O homem imediatamente soltou um rugido e tentou se cobrir, com os braços tentando formar uma barreira para o crânio.

Legal. Lobotomia mais tarde.

Ela atacou abaixo das costelas, para o suave monte de carne que protegia os rins e o pâncreas. Repetidamente, até ele tentar outra defesa. De volta a cabeça... Mais forte esta vez. Até que ela estava ensopada de suor mesmo que estivesse quase nua e o ar da cela fosse gelado.

Repetidas.

Vezes.

Sem parar.

Golpeava em qualquer lugar que pudesse achar vulnerabilidade.

E esta foi a coisa mais estranha: Ela tinha toda a força do mundo durante os golpes; era como se estivesse possuída, seus ferimentos ficaram em plano de fundo em deferência da necessidade superior de assegurar sua sobrevivência.

Ela nunca tinha matado uma pessoa antes. Já tinha roubado muito. Desde que tinha onze anos, certamente. Mentia quando precisava. Invadia todo tipo de lugar onde não era bem-vinda. Com certeza.

Mas morte sempre a tinha atingido em um nível que não queria chegar. Como heroína para um fumador de maconha, era o avô de tudo... E uma vez cruzada a linha? Bem, então você realmente era um criminoso.

Mas, apesar de tudo aquilo, alguns minutos, ou horas ou dias depois... Ela se levantou de uma bagunça de corpo ensanguentado.

Prendeu a respiração nos pulmões, deixou o braço cair ao lado do corpo. Enquanto juntava força, seu aperto na corrente se afrouxou e os elos se desenrolaram de seu punho, caindo no chão com um ruído.

— Mexa-se, – ela arfou. — Você precisa se mexer.

Jesus... Quando ela tinha rezado pela sobrevivência, ela não tinha considerado que Deus poderia lhe dar o poder de quebrar um de seus Dez Mandamentos.

— Mexa-se, Sola. Você tem que se *mexer*.

Tontura, náusea, com uma dor de cabeça que era tão forte que sua visão sumiu e voltou, ela tentou pensar.

Botas. Ela ia precisar de botas... Na neve, elas seriam mais importantes do que as calças. Procurando em volta, pegou a primeira que encontrou, só para deixá-la escorregar e cair de novo.

Sangue. Ela estava coberta de sangue, principalmente sua mão direita.

Secando as mãos na parka rasgada, ela voltou ao trabalho. Uma bota. Então a outra. Cadarços frouxos, mas amarrados com nós duplos.

De volta à sua vítima.

Ela parou por um momento para olhar a bagunça.

Merda, esta visão jamais deixaria de assombrá-la.

Supondo que sobrevivesse.

Fez o sinal da cruz sobre o peito, ajoelhou perto do homem e tateou em volta. A arma que encontrou foi um presente de Deus; assim como o iPhone que estava... merda, protegido por senha. Além do que, ela não conseguiria um sinal, embora talvez houvesse no andar de cima.

Tudo o que ela precisava, era a função de chamada de emergência e então poderia jogar a coisa fora.

Ao guardar o celular, ela deslizou as barras atrás de si. Ela tinha certeza absoluta que o bastardo estava morto, mas filmes de terror e todos os filmes da franquia Batman sugeriam certificar-se duplamente era uma boa pedida quando se tratava de vilões.

Pesquisa rápida. Havia mais duas celas iguais às que ela estava. Ambas vazias. E só.

Do lado de fora, na área aberta, havia um corredor curto e então uma escada, e levou-lhe uma eternidade para chegar lá. Malditas pernas. Parou antes de subir, e ouviu. Não havia sons de movimento lá em cima, mas havia um cheiro distinto de hambúrguer frito.

Provavelmente da última refeição do sequestrador.

Sola colou-se à parede lateral dos degraus, com a arma a sua frente, o manquejar de sua bota direita mantido a um mínimo, mesmo que ela tivesse de parar duas vezes recuperar o fôlego.

O primeiro andar tinha muitas luzes acesas e nada mais: Havia um par de catres no canto, uma cozinha embutida com pratos sujos na pia rasa.

Havia alguém deitado em um terceiro catre perto do banheiro.

Que seja o outro cara morto, ela pensou... E merda, que tipo de noite era aquela que a fazia desejar aquilo?

A pergunta retórica foi respondida quando se aproximou para olhar de perto.

— Oh. — Colocou uma mão sobre a boca, e virou de costas.

Ela tinha feito aquilo com o sinalizador? Jesus... E o cheiro não era do hambúrguer de alguém. Era carne humana queimada até criar uma casca.

Concentração, ela precisava de concentração.

As únicas janelas do lugar eram as do porão, que não se abriam totalmente, somente para cima, e ficavam tão acima do chão que ninguém de fora conseguia ver. E só havia três portas: a que ela tinha usado para vir do porão, a outra estava aberta e mostrava uma privada, e a última... Que certamente parecia reforçada.

Tinha uma barra de empurrar do lado de dentro.

Ela não se incomodou em procurar mais armas. A ponto 40 que tinha na mão era suficiente, mas ela pegou munição extra no balcão da cozinha.

Olá, bilhete premiado Power Ball.

Chaves de carro tinha sido casualmente jogadas ao lado da munição, e se ela não temesse tanto por sua vida, ela teria tomado um momento para chorar como uma garotinha.

É, claro, sem dúvida qualquer carro por ali teria um rastreador de GPS, igual ao celular.

Mas comparada a opção de fugir a pé?

Ela aceitaria sem pensar duas vezes.

Mancando para a porta, com a visão vacilante, ela empurrou a barra...

E a porta não se moveu.

Tentou mais vezes, e viu que a porta estava trancada por fora. Maldição! E no chaveiro do carro, não havia mais chaves. Nada de...

Oh, certo, ela pensou.

Instalado ao lado da porta, havia um pequeno sensor quadrado.

A porta podia ser aberta pela impressão digital, por dentro e por fora.

Olhando por sobre o ombro, ela olhou para o corpo do outro lado do cômodo... Especificamente para a mão que estava pendurada para fora do catre, quase tocando o chão.

— Caralho.

Voltando ao cara morto, ela sabia que arrastá-lo não ia ser fácil. Especialmente com sua perna ruim. Mas que outra escolha ela teria?

Olhando em volta, ela...

No canto, em uma bancada de trabalho, havia uma cadeira de rodinhas, que melhor se encaixaria em um escritório. Tinha até braços estofados.

Melhor do que arrastá-lo pelo chão, né?

Errado. Tentar mover o cara do sinalizador enfiado na cara para a cadeira foi mais difícil do que pensou... E não porque a rigidez cadavérica já estava a todo vapor, já que devia ter morrido assim que ela o atacou. O problema era a cadeira... Ela ficava deslizando cada vez que ela conseguia erguer o peso morto... Haha... Para qualquer local perto do assento estofado.

Não ia funcionar. E a propósito, o fedor daquela carne era como um treinador de futebol exortando seu estômago a vomitar.

Desistiu do corpo, que estava agora metade fora do catre, e cambaleou para o banheiro, e a ânsia seca foi muito útil: Antes de tudo, não havia nada dentro de se estômago para vomitar, e segundo, se ela achava que sua concussão estava forte antes?

De volta ao lado do cara morto, ela contornou os ombros dele, agarrou-o pelas axilas, e puxou com sua perna boa. As botas dele bateram no chão uma de cada vez quando o tirou totalmente da cama improvisada, e aqueles saltos Timberland arranharam seu caminho até a porta. Felizmente, o guarda tinha braços longos o suficiente para ser um centroavante dos Knicks, então ela não precisou arrastá-lo até a porta, parando alguns centímetros antes.

Os cotovelos dele até estavam curvados na direção correta.

O dedão estava bem onde precisava estar, e a luz na base do leitor piscou de vermelha para um laranja piscante.

No instante em que saísse dali, ela ia pular naquele maldito carro e acelerar.

Vermelho.

O leitor voltou a ficar vermelho. Então a digital dele não funcionou.

Largou a mão dele, caiu em si e baixou a cabeça. Quando uma onda de desmaio ameaçou, ela respirou fundo algumas vezes.

O outro guarda estava agora trancado na cela do outro lado do porão... E ela mal tinha conseguido se arrastar até ali. Como diabos ia arrastar o cara que tinha matado até aqui?

Aliás, outro cara que tinha matado.

E merda... Ela tinha trancado ele lá embaixo. Se a cela fosse protegida por digitais também? Era capaz de ela acabar morrendo de fome primeiro.

A menos que Benloise chegasse antes.

Apoiou-se na parede, e apoiou as mãos em seu joelho bom, tentou pensar, pensar, pensar...

Aparentemente, Deus tinha tomado suas preces de forma literal: Ela tinha saído do porta-malas após seu primeiro “Me ajude, Pai.”, o segundo “Querido Deus, me liberte.”, só tinha libertado ela da cela, mas não da casa.

Em sua terceira prece, ela foi realmente específica.

Oh, Deus, eu prometo sair desta vida se me deixar ver o rosto de minha avó mais uma vez. Espere, aquilo poderia acontecer se ela estivesse a beira da morte e de alguma forma, vovó viesse visitá-la no hospital. Querido Deus, se eu puder só olhar nos olhos dela e saber que estou em casa, a salvo com ela... Eu juro que a levarei para algum lugar longe e nunca mais arriscarei minha vida.

— Amém, — ela disse, ao lutar para se endireitar.

Buscando bem lá no fundo, encontrou forças para virar o rosto para a escada e...

Sola parou. Virou para o balcão onde tinha encontrado as chaves do carro e a munição. Bateu os olhos na solução que era ao mesmo tempo, completamente repugnante, e prova, indiscutível de que Deus estava ouvindo.

Parecia que as coisas estavam melhorando.

De um jeito bem doentio.

Capítulo DEZENOVE

— Lá está, — Assail disse, apontando pelo para-brisa. — O desvio.

Ele tinha esperado uma eternidade pela quase escondida pista, sufocada por pinheiros, que finalmente achou por bem fazer uma aparição cerca de cinquenta metros adiante.

Como o celular de Ehric tinha previsto, eles tinham seguido a Northway todo o caminho pelo Parque Adirondack, passou por um lugar chamado Lago Plácido, bem como alguma montanha que, considerando o que eles tinham às costas, se encaixava bem.

Montanha Gore¹⁸

E não tinha ouvido falar de um resort de ski chamado Killington?¹⁹ Seu tipo de diversão, a propósito.

Tinha sido uma longa viagem. Horas e horas, cada milha embaixo dos pneus do Range Rover como uma infinita sucessão de obstáculos a serem superados.

— Graças à Porra, — Ehric murmurou enquanto girava o volante e eles entraram em um miserável pedaço de terra.

A descida que se seguiu combinaria melhor com bodes, e felizmente a tração superior do Rover aliada à versão do pneu Goodyear que havia no carro, transformava os solavancos em aceitáveis. Era, no entanto, outro atraso infernal, a ponto de Assail se convencer de que eles tinham escolhido o caminho errado: embora o próprio Benloise estivesse com eles, era de se supor que tivesse algum acordo para o caso de não contatar a tempo os sequestradores dentro de certos parâmetros, de forma que, quem estivesse sob custódia fosse eliminado.

Assail encostou o cotovelo na porta e pousou o rosto na palma da mão. O fato de sua Marisol ser uma fêmea o deixava doente. Machos podiam ser fortes o suficiente com membros de seu próprio sexo... Pensar em todas as coisas que

¹⁸ Gore = filme de Gore ou filme splatter é um subgênero do cinema de terror que, deliberadamente, se concentra em representações gráficas de sangue e violência explícita.

¹⁹ Killington = de “killing” que significa matar, matança.

podiam ser feitas para uma mulher era um pesadelo que ele rezava não ter de ver realizado.

— Mais rápido, – ele murmurou.

— E correr o risco de perder um amortecedor? Temos de descer desta pilha de rocha.

Quando Assail já estava a ponto de gritar, o fim da viagem se apresentou abruptamente e sem aviso: uma estrutura térrea de concreto com todo o charme de um canil foi avistada, e antes de eles se aproximarem, ele destravou a porta e começou a descer do carro...

No momento em que a porta do lugar se abriu.

E pelo resto de sua vida, ele jamais esqueceria o que saiu de lá.

Marisol, nua da cintura para baixo, uma parka que ele reconheceu esvoaçando selvagememente atrás dela ao se lançar na noite. Iluminada em cheio pelos faróis, ela brilhava em vermelho, sangue corria de suas pernas e de seu torso fantasmagórico, seu rosto sombrio como a morte enquanto apontava uma arma bem a sua frente.

— Marisol! – ele gritou. — Não atire! É Assail!

Ele ergueu as mãos, mas não era como se ela pudesse vê-lo. — É Assail!

Ela cambaleou e parou, mas como uma boa garota ela manteve a arma apontada, enquanto piscava repetidas vezes, procurando enxergar. — Assail?...

A voz dela se partia de um desespero que o transformou para sempre: Como a visão, ele podia ouvir aquele tom de voz pronunciando as duas sílabas de seu nome pelos anos seguintes.

Em seus pesadelos.

— Marisol, querida Marisol... Eu vim por você.

Ele queria dizer a Ehric para apagar aquelas luzes, mas não sabia quem mais poderia estar lá com ela e se alguém estaria atrás dela.

— Marisol, venha para mim.

O jeito que as mãos dela tremeram quando as levou até a cabeça, o fez querer ajudá-la. Mas ela parecia incerta do que era realidade e o que podia ser um fantasma de sua imaginação. E com aquela arma, ela era tão perigosa quanto vulnerável.

— Marisol, eu prometi a sua avó que te salvaria. Venha para mim, querida. Siga a minha voz.

Ele abriu os braços na escuridão.

— Assail... — ao dar um passo adiante, ele percebeu que ela estava mancando. Terrivelmente. Mas então, é claro, um pouco daquele sangue devia ser dela.

— Ela vai precisar de tratamento médico, — ele disse em voz alta. Maldição, como ele conseguiria tratamento para ela?

Se ela morresse no caminho...

Quanto daquele sangue era dela?

Quando ela deu outro passo e mais um, e ainda ninguém surgiu atrás dela, ele teve alguma esperança de que nem todo aquele sangue fosse dela.

— Venha para mim. — quando ouviu sua própria voz partir, ele conseguiu sentir Ehric lançar-lhe um olhar do SUV. — Minha querida...

Marisol moveu aquela mão trêmula para abrigar os olhos, e por alguma razão, aquilo trouxe o fato de que ela estava nua em foco total.

Sua garganta inchou tão completamente que ele não conseguia engolir.

Foda-se.

Assail enfiou sua arma no cinto e correu para encontrá-la no meio do caminho.

— Assail... É você mesmo? — ela suspirou quando ele se aproximou.

— Sim. Por favor, não atire... Venha para mim, querida.

Quando ela deixou escapar um soluço, ele agarrou-a e segurou-a junto ao peito, o cano daquela arma se enfiando bem no seu esterno. Se ela puxasse aquele gatilho, ela o mataria.

Mas ela não puxou.

Com um soluço, ela se rendeu à sua força, e ele a segurou acima do chão quando ela vacilou. Ela pesava quase nada contra ele, por alguma razão que o aterrorizava ainda mais.

Portanto, ele permitiu apenas um momento de comunhão... E então ele precisava mantê-la a salvo.

Com ela no colo, ele se virou e correu para o Rover blindado, correu para aqueles faróis como se fossem uma celestial zona de segurança.

Ehric e seu irmão anteciparam o que ele queria com perfeição. Eles pularam do Rover e abriram as portas traseiras... Ao mesmo tempo em que tiraram Benloise do porta malas e mantiveram o homem fora da vista.

Marisol não precisava saber de sua presença.

Posicionou a fêmea no banco de trás, Assail abriu o saco de dormir, junto com água e barras de cereais que tinha trazido para ela. Cobrindo sua nudez, ele ficou com ela enquanto ela disparava a tremer.

— Marisol, — ele disse ao fazê-la encostar. — Coma. Beba. Ehric, meu primo, vai te levar...

As unhas dela se enfiaram em seus braços mesmo através do pesado suéter que ele vestia. — Não me deixe!

Ele tocou o lindo rosto dela. — Eu preciso fazer algo aqui por um momento. Coisas que devo cuidar. Te encontro na estrada. — Ele se inclinou para fora. — Ehric! Evale!

Os dois machos se aproximaram... E por um momento, ele considerou levá-la ele mesmo dali.

Mas não, vingança precisava ser executada, e ele era o que devia equilibrar a balança.

— Minha querida, olhe para meus parentes. — Ele se afastou para os primos poderem mostrar seus rostos, e ficou feliz deles parecerem bastante com ele. De fato, os três podiam se passar por irmãos. — Eles vão te levar daqui em segurança, e

a proteção com suas próprias vidas. Eu me juntarei a vocês logo. Não demorará muito. Prometo.

Seus olhos frenéticos e assustados foram para frente e para trás como se ela estivesse desesperadamente tentando se controlar.

— Vão, – Assail sibilou, olhando para a instalação. — Vão agora!

E ainda assim, achou impossível se afastar de sua Marisol. Ela tinha sido abusada e seu estado de nudez sugeria que...

Ehric agarrou seu antebraço. — Fique tranquilo, meu primo. Ela será tratada como uma irmã preciosa.

Mesmo Evale falou. — Ela estará em boas mãos, primo.

Assail teve um momento de conexão com os machos, sentindo palavras de gratidão entaladas em sua garganta. No final, tudo o que pode fazer, foi se curvar para eles.

Então, teve de se abaixar de volta para o SUV. — Não vou demorar.

Por instinto, sem estar consciente de decidir fazê-lo... Ele beijou Marisol na boca.

Minha, ele pensou.

Forçando-se a se concentrar, ele agarrou sua mochila, fechou a porta do SUV, e se afastou. Ehric, abençoado fosse, foi cuidadoso ao virar o veículo para que Benloise não fosse iluminado pelos faróis... E então o Rover tomou velocidade no terreno irregular.

Oh, agora ele desejava que a pista fosse asfaltada. Ele queria que fosse uma rodovia com um limite de velocidade de cem quilômetros por hora. Ou melhor ainda, que eles tivessem vindo de helicóptero.

Depois que os faróis desapareceram, ele tirou um capacete de mineração e colocou, acendendo a luz. Então ele foi até Benloise, agarrou-o pelas faixas de fita isolante em seus tornozelos, e puxou-o pelo terreno coberto de neve até a porta aberta.

Largando as pernas, segurou a arma e apontou para o homem.

— Só para me certificar de que você fique parado, — Assail disse.

Pop!

Benloise se encolheu, tentando proteger suas entranhas... Tarde demais. A bala já estava lá e lentamente fazia seu trabalho: Embora doloroso e debilitante, ferimentos intestinais levavam um tempo docemente longo para atingir seu objetivo.

Embora Assail não planejasse manter o bastardo esperando muito pela morte.

Entrou na habitação, de arma apontada e olhos alertas.

O que viu lá dentro o fez parar.

Junto a porta aberta, uma mão humana decepada jazia descartada, como se seu propósito tivesse sido servido e não tivesse mais valor. O corpo ao qual tinha estado grudada também estava lá... Não, aquele corpo tinha duas mãos... Embora não tivesse rosto que se pudesse distinguir.

Então havia pelo menos um morto ali dentro.

Sua Marisol tinha claramente lutado pela sua liberdade como um demônio.

Caminhando para o espaço aberto, ele não viu nada de valor ou interesse... Ou algo que pudesse esconder um indivíduo. Mas no canto mais distante, haviam escadas que desciam ao andar de baixo.

Ele olhou de novo seu cativo. Benloise continuava se contorcendo na neve logo após a porta principal, seus olhos escuros abertos e piscando descontroladamente, seu lábio superior descarnado, seus dentes de porcelana brilhando na luz ambiente.

Melhor levá-lo junto.

Assail foi até lá e tentou por o cara de pé. Quando Benloise falhou em conseguir ficar em pé sozinho, foi o trabalho do momento arrastar seus sessenta e três quilos para o interior. Então, juntos, seguiram para a escada.

Para o subterrâneo, os pés inúteis de Benloise balançavam atrás deles como bolas.

E lá estava o mal.

O piso inferior era feito de um grande espaço aberto com três celas e uma parede de horror. Uma das celas não estava vazia. Havia um homem com o rosto e pescoço brutalizados, deitado de costas, encarando o que ele só podia esperar que fosse o Inferno. Seu braço direito tinha sido puxado pelas barras de aço, e a poça de sangue anunciava que era dele a mão tinha sido arrancada.

Por um momento, Assail sentiu seu coração doer com um orgulho desolado. Marisol tinha se libertado. Não importava o que eles tinham feito a ela, ou quão poucos fossem seus recursos, ela tinha triunfado sobre os captores, não somente ferindo-os, mas matando-os...

Foi naquele momento que ele soube que tinha perdido para ela.

Ele amava aquela mulher... E de fato, era doentio sentir aquela profundidade de sentimentos em meio a esta carnificina e violência, mas o coração estava onde ele estava.

E enquanto Assail imaginava sua Marisol acorrentada àquele pedaço estreito de parede de concreto, ficou irado a ponto da insanidade, uma manada de touros correndo pelo seu corpo, milhares de chifres levando-o à loucura.

Voltando-se para Benloise, alongou as presas e sibilou como o vampiro que ele era.

Apesar de estar ferido, o distribuidor de drogas recuou. — *Madre de Dios!*

Assail abaixou, ficando cara a cara com o homem. — Isto mesmo! Eu sou o seu pesadelo!

Havia apenas uma corrente dependurada na parede. A outra estava caída no chão dentro da cela trancada, o sangue que tingia os elos provando que tinha sido a arma que Marisol tinha usado.

Seria bom colocá-la em uso novamente.

Assail se desmaterializou pelas barras e pegou os elos melecados e cheirando a cobre.

Oh, Marisol, como eu queria que você não tivesse de ser tão corajosa.

Quando Assail se desmaterializou de volta, Benloise não era mais o executivo controlado que costumava dar as cartas. Ao contrário dos corpos mortos e do

sangue, ou mesmo da perda de seu irmão e a ameaça contra sua própria vida... Diante de tudo o que tinha conseguido manter sua compostura... Ver a identidade verdadeira de Assail, o tirou do sério.

Implorando, chorando, rezando, o homem perdeu o controle da bexiga, a urina jorrou de seu pinto encolhido no chão de concreto.

Assail olhou para a parede e prendeu novamente a corrente. Felizmente não havia nada fresco na superfície manchada. Mas ia haver.

Movendo o corpo resfolegante, balouçante e todo mijado para fora do chão, Assail mordeu as fitas isolantes que prendiam os pulsos do homem, e algemou-o à parede de braços abertos, encurtando as pontas até que o peito murcho dele ficasse esticado.

Assail pegou a mochila e abriu. Enquanto olhava para o monte de explosivos que tinha trazido com ele, soube que era mais do que suficiente para explodir a construção. Ele olhava para Benloise. O homem estava chorando, balançando a cabeça como se esperasse acordar.

— De fato, você está totalmente consciente, — Assail murmurou. — Mas não por muito tempo.

Virou-se para olhar a cela, imaginou sua Marisol lá, aterrorizada... E pior.

Seu coração disparou no peito. Se ele explodisse este lugar... Benloise seria libertado, morto e acabado... Talvez para o Inferno, mas como não se podia ter certeza da vida eterna até se estar lá, parecia mais prudente garantir o sofrimento deste lado mesmo.

Sua intenção era matar o distribuidor primeiro. Então armar os explosivos e detoná-los à distância.

Mas não parecia suficiente. Marisol tinha sofrido.

Um grunhido vibrou em seu peito... Como se seu próprio corpo estivesse protestando diante da possibilidade de ser enganado pela morte.

— Não, — ele disse a si mesmo. — Melhor assim.

Que pena que só parte dele acreditasse nisso.

Assail voltou a fechar a mochila e pendurou-a de novo. Foi à primeira e depois a outra corrente, e inspecionou-a por segurança. De fato, elas estavam bem fixadas. O mesmo se podia dizer das algemas daqueles pulsos.

Agarrou fortemente o queixo de Benloise e forçou a cabeça do homem para trás.

Com outro sibilo, atacou a carne da carótida, arrancando um pedaço e cuspiu-o no chão. O sangue era saboroso em sua boca e seus caninos formigaram de antecipação por mais. Só que não teriam.

A mordida era um símbolo do que um macho era levado a fazer por instinto e por hábito, para proteger sua fêmea. E ele teria despedaçado o pescoço completamente se Benloise não mesmo não fosse um torturador.

Quando sua presa disparou a falar em uma língua estrangeira, Assail lutou uma batalha para deixar o homem vivo. Crueldade ia requerer um autocontrole nestas circunstâncias... E geralmente aquilo não era um problema.

Mas nada que envolvesse Marisol era comum.

Assail bateu no homem em silêncio. Correndo seu dedo naquele rosto, ele grunhiu, — Ela não era sua para levá-la. Me ouviu? Não era sua. Ela é *minha*.

Antes que ele perdesse as estribeiras, ele foi para as escadas, deixando as luzes acesas de modo que Benloise tivesse plena consciência de onde estava: uma prisão que ele mesmo construiu com nada além de restos de um de seus guarda-costas para lhe fazer companhia.

Subiu as escadas dois degraus por vez, soube que havia uma possibilidade de que alguém viesse e libertasse o distribuidor, mas era remota. Benloise era notoriamente discreto, e com a morte de Eduardo, as únicas pessoas que sentiriam sua falta eram os guardas e equipe... E dada a maneira discreta que o homem operava, levaria um tempo até as tropas se reunirem para conversar e descobrirem que cada indivíduo estava tão fora do circuito que não houve contato de seu superior com qualquer pessoa da equipe por um tempo.

Depois disto? Era uma pergunta aberta onde qualquer um deles poderia realmente ir a procura do chefe. Pessoas que operavam no submundo se dispersavam quando se tratava de complicações como esta... Ninguém ia arriscar a

ser assassinado ou algemado por autoridades humanas só para salvar a pele de alguém.

Benloise ia morrer, lentamente.

E quando alguém encontrasse os corpos dentro da instalação? Este ano... O próximo... Daqui uma década?

A cobertura que Benloise tinha construído ia ser explodida.

Lá em cima, Assail fez uma varredura no cômodo aberto. Encontrou dois telefones, que desligou, removeu as baterias, e guardou na mochila. Deixou armas e munição, e foi cuidadoso ao fechar a porta e testar se estava bem trancada.

Estava.

Ao sair da construção quadrada, ele encontrou um tanque de petróleo na parte de trás. Localizou a válvula e viu que só estava um quarto cheio. Dado o frio que fazia nesta altura, ele supôs que o suprimento acabaria em um dia ou dois.

Os corpos então ficariam armazenados em um ambiente gelado. Bom para manter o cheiro baixo, não que fosse haver muito cheiro emanando dali, devido às janelas pequenas, todas fechadas.

Ele estava a ponto de sair de lá quando notou um carro estacionado na lateral.

Se adiantando, ele ergueu a capa de camuflagem e testou uma das portas. Trancada.

Se ele explodisse o local, a bola de fogo atrairia atenção, e aquilo não era desejável, ele deixou a capa cair de volta no lugar.

Fechou os olhos em preparação para se desmaterializar, e visualizou sua Marisol saindo por aquela porta. E foi ao estremecer que ele se tornou um com o ar da noite, enviando suas moléculas para o sul, para uma área de descanso aproximadamente trinta quilômetros abaixo da Northway.

Retomou forma, tirou o celular e discou para Ehric.

Um toque. Dois. Três.

— Ela está bem, — seu primo disse ao invés de cumprimentar. — Ela acabou de comer e bebeu água. E está ansiosa para te ver.

Assail se encolheu na própria pele. — Bom trabalho. Eu estou no local combinado.

— Conseguiu dar conta do trabalho?

— Sim. Há alguém por perto de você?

— Nem na frente, nem atrás, e estamos a cerca de três quilômetros de você.

— Vou aguardar aqui.

Desligou e observou seu aparelho celular. Seu primeiro instinto era chegar em casa, mas ela ia precisar de cuidados médicos... E ela iria querer estar limpa e vestida para encontrar a avó.

A próxima chamada de Assail foi para sua própria casa, e quando a voz feminina de sotaque carregado atendeu, ele se pegou piscando para afastar as lágrimas.

— Minha senhora, — ele disse asperamente. — Ela...

— Não está morta, — a idosa gemeu. — *Meu Deus*, não me diga que ela...

— Ela está viva. Eu a resgatei.

— O quê? Repita, por favor.

— Viva. — Embora ele não tivesse certeza da parte do “bem”. — Ela está viva e sob meus cuidados.

Discurso frenético agora, na língua nativa. E embora Assail não conhecesse nenhuma das palavras, o sentido não era só claro, mas algo com o que ele concordava.

Obrigado, Virgem Escriba, ele pensou, mesmo que não fosse religioso.

— Estamos longe de Caldwell, — ele lhe disse. — Não vamos conseguir chegar até o amanhecer, de forma que só chegaremos aí após o anoitecer.

— Falar com ela? Posso?

— É claro, senhora. — Adiante, um par de faróis se aproximava pela rodovia. — Eu preciso de um momento, e já coloco ela na linha.

O Range Rover veio exatamente em sua direção, subiu a rampa da área de descanso, e os faróis traseiros brilharam quando Ehric freou.

— Ela está aqui, senhora, — ele disse ao abrir a porta traseira.

Marisol estava enrolada naquele saco de dormir, e sua cor estava melhor — pelo menos até ela olhar para ele e o pouco de cor que lhe sobrava nas faces desaparecer imediatamente.

Assail ficou confuso, Ehric se virou, olhou para ele... E recuou. Com um círculo rápido, ele indicou o próprio rosto.

Oh, merda. Assail devia estar com sangue na boca.

— Sua avó, — ele murmurou, esticando o celular para Marisol.

Certeiramente, aquilo fez sua magia e redirecionou a atenção da fêmea... E quando ela agarrou o celular como se segurando à própria vida, ele voltou a fechar a porta.

Virou e se dirigiu a instalação pública atrás dele em uma corrida, entrou no banheiro masculino e viu uma fileira de urinóis e privadas.

Por cima das piaas, havia um painel de aço inoxidável que servia como espelho.

— Caralho.

Não era o que qualquer fêmea quisesse ver, especialmente depois de ter sido sequestrada: O rosto dele estava totalmente coberto de sangue, seu queixo e lábios marcados com as manchas... E suas presas... As pontas das presas estavam expostas.

Com sorte, a reação dela era só pelo sangue do rosto.

Se encurvou e ligou a torneira, juntou as mãos, mas as torneiras eram do tipo que tinha de pressionar para manter ligada. O processo levou tempo demais, encher uma única mão e trazer ao rosto vez após vez. E então não havia nada no que se secar.

Esfregou as mãos no rosto, passou-as pelo cabelo, os quais, graças a Paul Mitchell ainda retinham algum tipo de semelhança atrativa.

Ele estava mesmo tentando parecer bonito naquela situação? Que ridículo.

Ao correr de volta ao Range Rover, ele soube que teria de fazer uma terceira ligação quando sua Marisol terminasse com a avó: sua fêmea ia precisar de um médico.

Aonde ir? No Antigo Continente, não havia médicos da raça disponíveis para ele e seus primos. Felizmente, no entanto, ele e seus parentes tinham conseguido um humano ou dois de confiança para vir em altas horas, sem fazer perguntas.

Mas ele não tinha este acordo aqui no Novo Mundo.

Portanto, só havia uma pessoa que poderia contatar... E esperançosamente haveria uma solução dentro dos seus padrões.

Marisol merecia o melhor. E ele não lhe ofereceria nada menos.

Capítulo VINTE

Sentado no banco traseiro do Mercedes, John Matthews observava pelo para-brisa sua irmã hesitar no umbral da porta da casa de seu pai. As portas duplas da mansão estavam abertas, e ele tinha entrado e ligado a luz do saguão da frente para ela.

A silhueta dela cortava o brilho que se derramava na noite, a forma preta como um jogo de sombra.

Jesus... Se ela tivesse um filho, seria o futuro Rei ou rainha. E aquilo adicionava outra faceta a questão do ter-ou-não-ter.

— Podemos seguir, senhor? – Fritz perguntou, da frente.

John assobiou num tom ascendente, então esfregou seu rosto e se reclinou no assento. Ele estava fodidamente exausto. O contraste que tinham lhe injetado no braço o tinha deixado estranho, e então houve a ansiedade rascante que sentira dentro da máquina de ressonância enquanto ela fazia ping ao seu redor. Ressonância aberta, seu cu. Sim, claro, era melhor do que ser enfiado naquele tubo imenso e ser trancado apertado como pasta de dente, mas estava longe de uma situação confortável.

Oh, além disto, tinha aquele machado feliz pendurado sobre sua cabeça do talvez você *tenhaaa um tumoooooor*. Parafraseando Arnold.

Pelo menos, aparentemente ele não tinha de se preocupar com aquilo. E fodam-se os medicamentos anticonvulsivos. Ele ia ficar bem. Ele era forte. Sim. Totalmente.

Merda. Se ele tivesse um episódio daqueles enquanto estivesse em campo?

Que fosse. Ele não podia se preocupar com aquilo.

Com um *bing!* Seu celular anunciou que uma mensagem de texto tinha chegado. Pegou a coisa, franziu o cenho ao que Tohr tinha enviado a todos. *Precisamos de reforços na clínica. Visitantes de fora em 55 minutos. Confirmar posições, imediatamente.*

John digitou uma resposta rápida: *Estou a caminho. Disponí...*

Não sabia como terminar as coisas. Assim que chegassem em casa, ele iria pedir a Fritz para empacotar algumas coisas que Beth tinha pedido... E então encontraria Wrath. Falaria sobre coisas difíceis. Dizer ao Rei que sua companheira não iria voltar para casa hoje iria ser tão divertido quanto ter uma daquelas convulsões, mas alguém teria que contar ao macho sobre os planos dela... E evidentemente não iria ser Beth.

Ela lhe disse claramente que não estava com grande pressa de falar com o marido.

Ou estar perto dele, evidentemente.

Depois de deixar o centro médico, ela tinha pedido ao Fritz para dirigir por aí enquanto ela se acalmava, com a sugestão de John, em um restaurante chinês 24 h na Trade... Que por coincidência acontecia de ser, oh, ei, bem no fim da rua do Iron Mask: não era como se John não pudesse tomar conta de sua irmã... Mas era bom saber que tinha bastante reforço disponível alguns quarteirões adiante graças a sua companheira e seu esquadrão de gigantes.

Enquanto comiam, Beth tinha ficado a maior parte do tempo quieta, embora estivesse com bastante apetite... Ela terminou seu bife com brócolis e então detonou seu KPC junto com sua quase meia dúzia de biscoitos da sorte. Quando eles terminaram, a vontade dele era voltar para o carro, para vagarem pela Rua Trade por um tempo até que não houvesse mais tempo.

Obviamente, ela tinha ficado dividida entre ficar na cidade e ir para casa.

Cara, ele sentia por ela. Que bagunça.

E era engraçado, por mais que detestasse ficar no meio das coisas, não havia nada que ele não fizesse por ela. Nada.

Deus, o que ele tinha murmurado durante a convulsão...?

Cerca de vinte minutos depois, Fritz tinha trazido-os em segurança para a instalação secreta da Irmandade. Circulando a fonte no meio do gramado da frente, ele estacionou em um espaço entre o GTO roxo de Rhage e o R8 preto novinho de V.

O Irmão ainda tinha o Escalade, é claro. Só que era uma versão mais nova dele.

Saltando, John caminhou com o mordomo à grande entrada. Ao contrário do outro lugar de seu pai na cidade, esta mansão era mais uma fortaleza do que uma habitação, suas grandes paredes de pedra se erguiam da terra, tão indestrutível quanto a montanha em cima da qual foi construída.

Se explodisse uma bomba atômica em algum lugar? Este lugar, Twinkies e baratas. Seriam só o que restaria.

John deu um tapinha no braço do mordomo quando Fritz começou a abrir a maçaneta de bronze. *Você pega as coisas dela?*

— Mas é claro. — O *doggen* parecia preocupado. — Do jeito que ela pediu.

As implicações da rainha estar em algum lugar além de seu próprio quarto, com seu companheiro, não passou despercebido a Fritz... Mas ele era discreto demais para fazer perguntas ou estardalhaço. Em vez disto, ele só irradiava ansiedade... A ponto de dar para torrar marshmallows na aura do *doggen*.

Entrando no vestíbulo, John colocou a cara na câmera de segurança e esperou por uma reposta. Desde que a Primeira Família se mudou para ali, nunca tinha havido chaves para a casa, não havia jeito de conseguir entrar a menos que fosse liberado por alguém do interior.

E um momento depois, a tranca foi liberada, e eles foram admitidos a entrarem no majestoso vestíbulo central. Todo folheado a ouro, cristais, e aquelas colunas de mármore coloridas? Era um palácio de czar transferido para os arredores de Caldwell.

Quando seu pai o tinha construído? John se perguntava. Talvez em 1914?

Não fazia ideia. E ainda mais impressionante? Por quase um século, Darius tinha conseguido, de alguma forma, manter os olhos humanos fora da propriedade particular, os *lessers* por fora... E os *sympaths* sem fazer ideia de suas coordenadas: Esta localidade, e seu centro de treinamento subterrâneo, não tinha sido encontrada durante toda sua história. Mesmo durante os ataques.

Que proeza. Que legado.

Deus, ele queria ter conhecido o pai. Queria que o Irmão ainda estivesse por ali... Porque ele tinha certeza absoluta que precisava de uns conselhos de pai, sobre como falar com Wrath a respeito do que estava rolando.

Parando em cima da figura de uma macieira em flor, John deixou Fritz entrar na frente, o mordomo correu pela escada digna do Palácio de Buckingham.

Wrath estava indubitavelmente lá em cima, em seu escritório... Mas primeiro, ele precisava de um tradutor.

Porra.

Quem ele ia pedir para...

— Onde ela está?

John fechou os olhos diante da exigência... E levou um minuto até se virar para a sala de jogos. Claro, embaixo do arco, o Rei estava vestido em couro negro, as mãos nos quadris, a mandíbula levantada agressivamente.

Mesmo sendo cego, e com os olhos escondidos pelos óculos escuros, John sentiu como se o macho olhasse fixamente. Porra. Para ele.

De uma só vez, o barulho do ambiente, que John não tinha tido consciência de estar ouvindo, ficou mortalmente quieto: Os Irmãos que estavam jogando sinuca atrás de Wrath pararam de se mover e conversar, até que somente as faixas do *The Marshall Mathers LP 2* do Eminem continuasse soando ao fundo.

— John. Onde está a minha companheira.

Diante daquele olhar, John andou para frente. Sim, quase todos os Irmãos estavam lá com Wrath... Sem dúvida, eles tinham se rendido ao seu humor e tinham ficado na defensiva.

Passando por entre os grandes corpos, ele travou os olhos com V e gesticulou, *Eu preciso de você*.

Vishous anuiu e estendeu seu taco de sinuca para Butch. Apagou o cigarro em um cinzeiro de cristal e se aproximou.

Wrath alongou as presas. — John, pelo amor de Deus, eu vou te cortar se não...

— Calma aí, garotão, – V murmurou. — Eu vou traduzir. Vamos para a biblioteca onde podemos...

— Não, eu quero saber agora onde caralhos minha *shellan* está! – Wrath berrou.

John começou a gesticular, e embora a maior parte das pessoas traduzissem palavra por palavra, V esperou ele terminar todo o relato.

Alguns Irmãos murmuraram ao fundo enquanto balançavam a cabeça.

— Na biblioteca, – V ordenou ao Rei de um jeito que John jamais teria feito. — Você vai preferir fazer isto na biblioteca.

Coisa errada a dizer.

Wrath voou para o Irmão com tanta velocidade e acuidade que ninguém estava preparado. Um minuto V estava parado próximo ao Rei; no próximo ele se defendia contra um ataque tão aleatório quanto... Bem... Violento.

E foi quando a merda bateu no ventilador.

Como se Wrath soubesse que estava a ponto de perder o controle, largou V e deu uma de bola de demolição na sala de jogos. A primeira coisa que destruiu foi a mesa de sinuca onde Butch ainda estava... E mal houve tempo para tirar o cinzeiro de cristal do apoio lateral: Wrath agarrou os cantos e ergueu a coisa como se fosse uma mesinha de carteador, o gigante de mogno e feltro voou tão alto, que arrancou a luminária pendurada no teto, o peso tão grande que estilhaçou o chão de mármore onde aterrisou.

Sem parar para respirar, o Rei disparou como um tornado para sua próxima vítima... O pesado sofá de couro do qual Rhage tinha acabado de se levantar.

Mais um que sofa-copterizou²⁰.

A coisa toda caiu no chão, a um metro e meio de distância de John, as extremidades mudando de lugar ao girar, girar, girar, almofadas voando em todas as direções. Ele não tomou como pessoal... Especialmente, quando o viu fazer o mesmo com o bar, quebrando as garrafas das prateleiras do alto, bebida jorrando pelas paredes, o chão, o fogo que estava aceso na lareira.

²⁰ Ward quis dizer que o sofá girou no ar como um helicóptero.

Wrath não tinha terminado.

O Rei pegou uma mesinha lateral, ergueu-a acima da cabeça e jogou-a na direção da TV. Errou a tela de plasma, mas conseguiu quebrar um espelho antiquado... Embora a Sony não tenha durado muito. A mesa de centro que tinha estado entre dois sofás fez o trabalho, matando a imagem muda de dois caras de Boston e o velho de Southie com o taco de beisebol transmitido pela DirectTV.

Os Irmãos só deixaram Wrath fazer o que queria fazer. Não que tivessem medo de se machucar. Inferno, Rhage deu um passo a frente e segurou o primeiro sofá antes que arrancasse um pedaço do gesso da arcada. Eles só não eram estúpidos.

Wrath – Beth x Dormir fora = Monstro Psicótico

Melhor deixá-lo extravasar destruindo o lugar. Mas cara, era doloroso olhar.

John pulou para o lado quando um barril veio voando para sua cabeça. Felizmente, Vishous conseguiu agarrá-lo antes da coisa atingir o chão de mosaico do vestíbulo... Que teria sido uma merda consertar.

— Temos de contê-lo, – alguém murmurou.

— Amém, – alguém mais respondeu. — Se ele partir para o resto da casa, será uma merda que nem mesmo Fritz não saberá limpar.

— Eu cuidarei disto.

Todo mundo se virou e olhou para Lassiter. O anjo caído de mau comportamento e gosto por tudo ainda pior, tinha aparecido do nada... E parecia sério, pela primeira vez.

— Que porra é essa? – V perguntou quando o anjo levou uma caneta dourada à própria boca.

Só que não era uma Bic elegante. Com um sopro rápido, Lassiter descarregou um pequeno dardo pela sala... E quando atingiu Wrath no ombro, o impacto foi como se o Rei tivesse sido ferido por uma bala no peito.

Ele caiu pesadamente, seu corpo endurecendo e então tombando como um carvalho.

— O que caralhos você fez! — V bancou o Wrath para cima do anjo. Mas Lassiter enfrentou o Irmão.

— Ele ia se machucar, destruir a casa, ou um de vocês, imbecis! E não precisa esquentar suas calcinhas. Ele só vai tirar um cochilo.

Wrath soltou um ronco.

Movendo-se cuidadosamente, a Irmandade se aproximou como se estivessem verificando um urso e John foi com eles. Quando um círculo se formou em torno da Bela Adormecida, houve uma porção de maldições sussurradas.

— Se você o matou...

Lassiter guardou seu dispositivo dourado. — Ele parece morto?

Não, na verdade, o pobre bastardo parecia estar em paz consigo mesmo e com o mundo, suas cores fortes, seu corpo tão relaxado que suas botas estavam caídas para o lado.

— Querida... Virgem... Escriba...

Todos olharam para a arcada. Fritz estava parado lá com uma maleta Louis Vuitton em uma mão e a expressão de alguém testemunhando um acidente de carro a sua frente.

John fechou os olhos

Ele esperou como o inferno que Beth tivesse entrado naquela casa e trancado a porta como ela tinha prometido, e deitado para dormir durante o dia.

Um dos dois estava nocauteado. Não era necessário o outro também estar.

Capítulo VINTE E UM

Depois que Fritz e John saíram, Beth finalmente entrou na casa do pai... E enquanto entrava, o movimento crescente do tempo pareceu ser revertido. De uma hora para outra, minutos, horas, dias... Então semanas e meses... Desapareceram.

De repente, ela era quem tinha sido antes de conhecer Wrath... Uma mulher humana, de vinte e poucos anos, que vivia com seu gato em um apartamento studio atulhado, tentando ganhar a vida em um mundo, com nada e ninguém às suas costas. Certo, ela tinha amado partes de seu trabalho, mas seu patrão, Dick o Imbecil, tinha sido um pesadelo absoluto e misógino. E sim, ela era adequadamente paga, só que não restava muito após pagar o aluguel... Ou oportunidade de avanço de carreira no *Caldwell Courier Jornal*. Oh, e romance de qualquer tipo tinha sido tão fictício e fora do horizonte, quanto para o Cavaleiro Solitário.

Não que ela estivesse interessada em homens, realmente. Ou mulheres, afinal.

Mas então nesta única vez, no acampamento...

Fechou a porta e foi cuidadosa em trancar a porta. Fritz tinha uma chave, então quando ele chegasse com suas coisas, conseguiria entrar... Mas ninguém mais.

Quando o silêncio na casa a cercou, parecia barras em uma gaiola. Como inferno ela tinha acabado ali? Passar um dia inteiro longe de Wrath? Ontem mesmo, no lugar deles na cidade de Nova York, a separação seria impensável.

Entrou na sala de estar, e perambulou ao redor, se lembrando como, quando ela tinha vindo aqui pela primeira vez, estava convencida que Wrath era um traficante, um criminoso, um assassino. Pelo menos tinha se enganado com os dois primeiros... E ele tinha provado o último quando quase tinha matado Butch O'Neal na frente dela, no beco.

Seguindo-se àquele pequeno horror, eles tinham vindo para cá... Onde encontraram Rhage no banheiro do térreo, costurando seus ferimentos. Foi depois daquilo que Wrath a tinha levado pela colorida e iluminada escadaria para o subterrâneo... Ao covil escondido.

Onde lhe foi dito quem ela realmente era.

O que ela realmente era.

Por falar em entrar na toca do coelho. Só que tinha feito tanto sentido, que a tinha deixado confusa... A desconexão das pessoas ao seu redor, sua sensação de que não pertencer, sua inquietação que tinha aumentado, ao se aproximar de sua transição.

E pensar que ela supôs que tudo o que precisava era sair de Caldwell.

Não. Sua transformação estava vindo, e sem Wrath, ela teria morrido. Sem dúvidas.

Ele a tinha salvo de tantas maneiras. Amara-a com seu corpo e alma. Tinha lhe dado um futuro que ela jamais teria sonhado.

Naquele momento? Tudo o que ela queria era voltar para aquele início. As coisas tinham sido tão mais fáceis...

Aproximou-se do retrato de um rei francês que ia do chão ao teto, e apertou o comutador escondido que liberava a pintura a óleo em sua moldura de ouro. Quando as coisas se abriram, ela meio que esperou que estivesse tudo escuro por lá – afinal, ninguém vivia ali há quanto tempo? Mas do jeito que tudo estava aspirado e polido e limpo, as lanternas a gás acenderam em suas gaiolas de metal, os degraus de pedra áspera e paredes descendo em curva para o porão.

Jesus, ainda tinha o mesmo cheiro. Um pouco de mofo e umidade, mas não sujeira.

Correndo a mão pela pedra irregular, ela desceu para o subterrâneo. Os dois quartos de suítes no fundo lhe deu uma escolha para a esquerda ou para a direita, e ela escolheu o da esquerda.

O que tinha sido o abrigo de seu pai contra o sol.

As fotografias dela ainda estavam onde ele as tinha pendurado, todos os tipos de fotografias em tantas molduras diferentes cobrindo a escrivaninha, as mesas de cabeceira perto da cama, a cornija da lareira.

A imagem específica que procurava estava perto do despertador.

Era a única de sua mãe, e sim... Só um rápido relance da mulher lhe diziam ter sido de quem tinha herdado os cabelos negros e grossos e o formato do rosto e o formato dos ombros.

Sua mãe.

Que tipo de vida a mulher tinha vivido? Como Darius apareceu em sua vida? Do que Wrath tinha dito no início, os dois não ficaram juntos por muito tempo antes dela descobrir o que Darius realmente era... E fugir. Não foi até descobrir estar grávida que ela voltou a vê-lo, assustada pelo que traria ao mundo.

Ela tinha morrido no parto.

E Darius tinha permanecido afastado depois daquilo, esperando que a filha deles não herdasse o lado vampírico dele.

Alguns mestiços nunca passavam pela transição. Alguns não sobreviviam à transição. E os que conseguiam, estavam sujeitos à leis biológicas imprevisíveis. Beth, por exemplo, podia ficar à luz do dia desde que usasse protetor solar e óculos escuros. Butch, por outro lado, não conseguia desmaterializar-se.

Então só Deus sabia sobre a coisa da gravidez. Mas se ela tivesse sorte, ela entraria em sua necessidade, e Wrath de alguma forma viria e ela daria a luz a...

Bem, de novo, tinha sido o que matara sua mãe, não é?

— Bosta.

Sentou-se no colchão e colocou a cabeça entre as mãos. Talvez Wrath tivesse razão. Talvez toda a coisa da concepção fosse realmente muito perigosa de se mexer. Mas aquilo não desculpava o modo como ele a tratara, e isso não encerrava a discussão.

Cristo, enquanto ela se sentava ali, cercada pelas fotos que Darius tinha dela, ficava ainda mais convencida de que queria um filho.

Baixando os braços, tirou seu Black Berry, digitou a senha, e verificou se tinha chegado alguma mensagem que não tivesse ouvido. Não. Brincou com a coisa em suas mãos, e tolamente desejou que fosse um iPhone. Mas V, não era somente anti-Apple; ele estava convencido que o legado de Steve Jobs era a raiz de todo o mal no planeta...

Algumas vezes os casais se davam melhor pelo telefone.

E uma vez que Wrath não tinha sido razoável, isso não significava que ela tinha de agir do mesmo modo. Se ela queria ter algum espaço pelas próximas doze horas ou mais, ela realmente precisava lhe dar a cortesia de dizer-lhe isso ela mesma... E não usar seu irmão como mensageiro.

O problema era que Wrath não tinha mais um telefone. Não precisava... Quando ele oficialmente assumiu a função de Rei, tinha sido aposentado da Irmandade, como mandava o costume, a lei e a porra do bom sentido. Não que isso tenha impedido-o de levar um tiro.

Mas existiam vários telefones na mansão.

Seis da manhã. Ele provavelmente ainda estaria trabalhando no escritório.

Discou os números, ouviu um toque. O próximo. Um terceiro.

Não havia correio de voz para Wrath porque a *glymera* tinha totalmente abusado do número que lhes tinham dado. Que era porque ele acabou com uma conta de e-mail do inferno.

O próximo número que tentou foi do aparelho de seu quarto, o que era tão impúblicável, que ela nunca tinha realmente ligado para lá. Ninguém respondeu.

Ela tinha várias escolhas àquele momento. A clínica do centro de treinamento... Para o caso dele ter sido ferido. Mas como aquilo aconteceria? Ele não saía mais da casa. A cozinha... Só que a Última Refeição estava quase à mesa e Wrath provavelmente estaria em todo aquele caos sem ela: Mesmo que nunca tenha dito, ela tinha a sensação de que ambientes cheios e barulhentos o deixavam desconfortável por sobrecarregarem seus sentidos de audição e olfato, tornando difícil para ele posicionar as pessoas no espaço.

Havia só mais um número para tentar.

Quando ela escolheu a pessoa de seus contatos, outro pedaço de seu passado voltou a ela.

Ela visualizou Tohr passando pelas portas de vidro deslizantes de seu antigo apartamento, o Irmão tão grande quanto qualquer pesadelo. Mas ele tinha sido, e

sempre fora, um aliado. Aquela noite eles dividiram biscoitos de cereais Sam Adams e *Godzilla* tinha sido o início de uma amizade verdadeira.

Ele estava em um lugar totalmente diferente agora. Perdeu Wellsie. Encontrou Autumn.

E Beth também não era mais a mesma.

Quando fez a chamada, houve apenas um toque antes de ser atendida: — Beth.

Ela franziu o cenho diante do som estranho da voz de Tohr. — Você está bem?

— Oh, sim. Definitivamente. Que bom que você ligou.

— Ah... Por quê? — Será que Wrath tinha dito à Irmandade que ela não iria voltar para casa? Provavelmente não. — Não importa. Eu só... Estou procurando Wrath. Sabe onde ele está? Tentei o escritório e nosso quarto e ele não atendeu.

— Oh, é... Definitivamente.

Que porra é essa? — Tohr. O que aconteceu?

Um medo real se alojou no meio de seu peito, sua mente se afastou dela. E se...

— Nada. Verdade... Bem, temos visitas importantes inesperadas vindo para a clínica, então estou tentando obter reforços.

Ah, droga. Ela estava sendo paranoica. Melhor do que ter razão, então.

— Quanto a Wrath, a última vez que o vi, ele estava... — houve uma pausa. Então um ruído como se o cara estivesse trocando o celular para a outra orelha. — Ele estava tirando um pequeno descanso.

— Descanso como?

— Ele estava dormindo.

Beth sentiu sua boca abrir. — Dormindo?

— É. Descansando.

— Verdade?

Lá estava ela, se sentindo como se estivesse passando por um espremedor, confusa sobre o que pensar e sentir, revendo toda a relação deles de frente para trás, de trás para frente, ensaiando conversas, amarrando-se em nós. Enquanto isso, ele estava só, sabe... Curtindo uma *siesta*.

— Bem, que bom, — ela ouviu-se dizer. — Eu fico feliz por ele.

— Beth...

— Escute, eu tenho que ir. — Sim, ela estava ocupada, ocupada, ocupada. — Se ele acordar, diga-lhe...

Não, não que ela ligou. Homens não eram os únicos a quem era permitido manter o orgulho; mulheres não tinha, de ser o “sexo frágil”.

— Na verdade, eu mesmo lhe digo. Estou na casa do meu pai, fazendo uma arrumação. — Sim, pois a casa estava mesmo uma bagunça. — Mas volto à noite.

O alívio honesto que veio pela linha foi atordoante. — Oh, que boa notícia. Fico feliz.

— Ok, bem... — De alguma forma ela não conseguiu forçar-se a desligar.

— Beth? Ainda está aí?

— Sim. Estou. — Ela se pegou esfregando a coxa para cima e para baixo. — Ouça, posso perguntar uma coisa?

— Sim. Claro.

Afinal, Wellsie e Tohr tinham tido suas discussões... Algumas das quais Beth tinha ouvido em primeira mão bem antes da linda ruiva ser levada tão cedo. Cara, Wellsie tinha sido destemida para dizer exatamente o que pensava a qualquer um, inclusive seu *hellren*. Ela nunca ficava brava sem um bom motivo, é claro, mas você não queria ficar no caminho dela se não precisasse.

As pessoas a respeitavam.

O que eles pensam de mim, Beth se perguntou.

— Beth?

Certamente, se houvesse alguém que pudesse ajudá-la com Wrath, e manter segredo, seria Tohr. De fato, ele era o único que era enviado quando pessoas precisavam de ajuda com o Rei.

— Beth, o que está acontecendo?

Abrindo a boca, ela quis falar, mas havia outro problema. A pessoa com que precisava falar era Wrath. Qualquer outra pessoa era só enrolação.

— Você ainda torce pelo monstro?

Houve uma pausa. Então, o Irmão riu em seu costumeiro tom barítono. — Está me dizendo que há outra maratona do *Godzilla* passando?

Beth ficou feliz de estar sozinha. Porque teve a impressão de que o sorriso que deu parecia mais triste do que qualquer lágrima.

Ela só queria voltar para quando as coisas eram mais simples. Mais fáceis. Mais próximas.

— Só pensando nos bons tempos, – ela desabafou.

Instantaneamente, o tom de voz de Tohr ficou tenso. — Sim. Eles eram... Bons.

Oh, merda. Mesmo que ele estivesse apaixonado e emparelhado com Autumn, devia doer lembrar de sua primeira esposa... E do bebê que ela carregava.

— Sinto muito, eu...

Ele se recuperou mais rápido que ela. — Não se sinta mal. O passado é o que é... Bom e ruim, está escrito e não pode ser mudado. E há consolo nisto também.

As lágrimas pinicaram seus olhos. — O que quer dizer?

Houve uma longa pausa. — As partes boas são mais luminosas porque você pode confiar nelas. E as partes ruins não podem ficar mais trágicas pela mesma razão. O passado é seguro porque é indelével.

Subitamente, ela pensou de novo naquele primeiro encontro que teve com Wrath lá em cima. Como a retrospectiva pintava tudo com um brilho rosado, não tinha sido exatamente daquele jeito, tinha?

Pensando bem, ele tinha estado nervoso quando ela chegara aquela noite. A ponto de ela ter considerado ir embora.

Difícilmente a perfeição que a nostalgia retrata.

— Você tem razão, Tohr.

— Sim. — Ele pigarreou. — Sabe, não é tarde demais. Você ainda pode voltar se sair agora.

— Eu não preciso me preocupar com o sol, lembra.

Ela pode praticamente sentir o estremecimento dele pelo celular. — Eu não posso responder a isso. Realmente não posso.

Com pena dele, ela mudou de assunto, prometendo cuidar de si mesma e voltar ao anoitecer.

Depois de desligar, ela se esticou na cama do pai. Olhando para o teto, imaginou Darius fazendo a mesma coisa durante o dia... Algumas vezes com Wrath no outro quarto do final do corredor.

Wrath era um verdadeiro recluso antes de conhecê-la. Ele lutava sozinho, dormia sozinho, e com toda certeza não queria nada com toda a coisa do trono. Até se emparelhar com ela, ele se recusava a reinar.

Ela não podia contar a quantidade de vezes que as pessoas tinham lhe agradecido por trazê-lo para o reinado... Como se o amor fosse alguma espécie de poção mágica que transformava um monstro em... Bem, não em um cara totalmente civilizado, mas pelo menos em alguém que estava disposto a assumir suas responsabilidades.

Ele tinha realmente caído no sono?

Mas também, quando tinha sido a última vez que ele realmente tinha dormido durante o dia? Não desde antes de ser ferido.

Bem antes de seus olhos se fecharem, ela se sentou e ligou o alarme de segurança que estava instalado perto da cabeceira da cama. Digitou o código apropriado, armou as coisas e deitou de novo.

Os números? A data de seu nascimento. Mês, dia e ano.

Outro exemplo do quanto, bem antes de ela entrar neste mundo vampírico, seu pai tinha pensado nela: V pode ter sido o que instalou o equipamento obra de arte e mantinha-o atualizado, mas Darius tinha escolhido o código há anos.

Estendeu a mão e apagou as luzes, reacomodando-se sobre o edredom.

Momentos depois, ela voltou à lâmpada, acendendo-a de novo.

Quando se estava sem o marido, perfeitamente seguro era relativo.

Capítulo VINTE E DOIS

Sola jamais tinha sentido tanto frio.

Enrolada em um saco de dormir, com a ventilação jogando BTUs²¹ em seu rosto, não conseguia parar de tremer no banco de trás do Range Rover.

Havia ao menos meia dúzia de bons motivos para estar em choque, daquele tipo que começava na cabeça e então colocava o corpo em um entorpecimento profundamente congelante.

Ao mudar de posição, sua coxa deu um grito... Lembrando-a de que também havia um fator físico imperativo ali. Quanto sangue teria perdido?

— Estamos quase chegando.

Sua cabeça se voltou para o som carregado daquela voz. Mesmo que quase não houvesse luz dentro do SUV, ela conseguia imaginar o rosto de Assail, como se estivesse sob um holofote: olhos profundos da cor da luz da lua, espessas sobrancelhas escuras, lábios carnudos, maxilar forte. O pico de viúva e o cabelo preto azulado.

Ao piscar os olhos, viu sangue na parte de baixo daquele rosto... E dentes muito afiados.

Ou teria sido um pesadelo? Estava tendo problemas em distinguir o que era realidade.

Ela abriu a boca para falar, mas nada saiu. — Minha cabeça... Não está funcionando direito.

— Está tudo bem. — Como que por impulso, ele estendeu a mão em sua direção, mas então a deixou cair como se não soubesse o que fazer.

Sola lutou para engolir, sentindo a boca seca. — Mais água, por favor?

²¹ BTU (também pode ser escrito Btu) é um acrônimo para British Thermal Unit (ou Unidade térmica Britânica). Normalmente serve para indicar a potência do ar condicionado.

Ele se moveu tão rápido que foi como se estivesse só esperando uma chance de se por em movimento. Enquanto ele abria outra garrafa de água mineral, ela começou a empurrar o saco de dormir para liberar as mãos... E não conseguiu. O tecido de nylon parecia pesar mais do que uma camada de asfalto.

— Fique parada, — disse ele suavemente. — Deixe que eu te dou.

— Minhas mãos não funcionam.

— Eu sei. — Ele trouxe a garrafa perto de sua boca. — Beba.

Mais fácil falar do que fazer. Seus dentes começaram a bater. — Desculpe, — ela murmurou ao derrubar boa parte da água.

— Ehric, quanto falta? — ele gritou.

O Range Rover parou subitamente. — Eu acho que é aqui... Ou algum lugar aqui perto.

Sola franziu o cenho ao olhar por cima do ombro do motorista a sua frente. A cerca frágil à frente dos faróis parecia algo condizente com uma fazenda de gados... Abandonada. Metade dela estava pendurada, as placas de madeira antigas e arames enferrujados, mais emaranhados que alinhados.

— Onde estamos indo? — ela perguntou roucamente. — Eu pensei... De volta para casa.

— Precisamos tratar de você antes. — Assail repetiu aquilo de estender a mão e então deixá-la cair antes de tocá-la. — Você precisa... Está ferida e não podemos deixar sua avó te ver assim.

— Oh. Certo. — Jesus, ela tinha se esquecido que estava seminua, ferida, e precisando de um bom e longo banho. — Obrigada.

— Não pode ser aqui, — o motorista murmurou.

Assail olhou fixamente pelo para-brisa... Como se as coisas também não fossem o que ele esperava. — Vá até aquela caixa.

Ao se aproximarem de algo que parecia uma casa de passarinho de madeira sobre uma estaca, o motorista baixou o vidro...

Uma voz incorpórea veio de dentro coisa: — Te achamos. Passem pelos portões.

Como mágica, o “frágil” sistema de segurança se abriu ao meio, se movendo suave e silenciosamente.

A estrada do outro lado estava coberta de neve, mas ainda trafegável. Alguma distância depois, eles chegaram à outra barreira. Esta era menos descuidada, e também mais alta, feita de correntes enferrujadas, e ainda assim parecendo firmemente afixadas em suas estacas. Desta vez, não tiveram de parar... A cerca se abriu diante deles, deixando-os atravessar.

E assim foi.

Enquanto prosseguiam, viram os sistemas de segurança se tornarem mais modernos e mais imponentes, até chegarem a algo que parecia pertencer a uma instalação do governo. Postes de concreto, tão grandes quanto os que haviam sob a ponte de Caldwell, ancoravam um painel sólido de metal, do tamanho de um outdoor. E descortinando-se em ambas as direções? Uma muralha de mais de seis metros com arame farpado no topo e avisos de não ultrapassar a cada três metros.

Tipo Jurassic Park, Sola pensou.

— Impressionante – o motorista murmurou.

Como as outras, aquela se abriu antes que pudessem parar na entrada óbvia, com seu teclado, comunicador e equipamento de monitoramento.

— Isto é... Uma base do exército? – Sola murmurou.

Talvez Assail fosse um policial disfarçado... Neste caso... — Eu preciso de um advogado? – ela perguntou.

— Para o quê? – Assail permanecia concentrado no caminho, olhando para fora pelo para-brisa como se fosse ele que dirigia o veículo.

— Você vai me prender?

A cabeça dele se voltou para trás, as sobrancelhas bem baixas. — Do que está falando?

Sola relaxou de novo no banco. Se ele estivesse mentindo, merecia um Oscar. E se não estivesse... Bem, talvez fosse o jeito de Deus responder à sua prece. Uma solução para mantê-la fora da vida do crime, era jogá-la no sistema carcerário.

O túnel subterrâneo onde entraram era digno de um Lincoln ou Holland com suas luzes fluorescentes e linhas amarelas no meio, e a descida inclinou o Range Rover para a frente com um ângulo agressivo.

— Estamos em Caldwell? – ela perguntou.

— Sim.

Assail se recostou, e agora, sob a luz abundante, ela o viu enfiar a mão direita sob o casaco.

Sola franziu o cenho. — Você... Por que está pegando sua arma?

— Eu não confio em ninguém além de mim mesmo. – Ele se virou para ela. — E eu prometi à sua avó. Você voltará ilesa, e eu sou um homem de palavra. Pelo menos nisto.

Ao cruzar seu olhar com o dele, ela teve a sensação mais estranha em seu peito. Parte dela era medo, e a confundiu. Com a situação na qual tinha estado, era melhor seu salvador estar carregando uma Ponto 40, preparado para usá-la.

A outra parte disto era... Nada que ela quisesse analisar mais profundamente.

O túnel terminava em um estacionamento que a lembrava daquele sob a Arena Caldwell: tetos baixos, muito espaço, a elevação ascendente que desaparecia em um canto sugerindo múltiplos andares.

— Onde estamos? – ela perguntou ao passarem por uma porta fechada.

A guisa de resposta, a coisa se abriu e uma equipe médica saiu, médicos, enfermeiras, maca e tudo o mais.

— Graças à Virgem Escriba, – Assail murmurou.

Oh... Merda. Os jalecos brancos não estavam sozinhos... Estavam acompanhados por três homens imensos: um loiro com um rosto saído do cinema, um cara com aspecto militar com um cabelo à escovinha e uma expressão mais dura que uma tábua de corte de açougueiro, e então um cara verdadeiramente

aterrorizante que tinha o crânio raspado e uma cicatriz que lhe atravessava a bochecha e fazia uma curva ao lado da boca.

Não, este não era o governo dos Estados Unidos.

A menos que fosse uma divisão secreta de valentões.

Assail levou a mão à trava da porta. — Fique no carro.

— Não vá, — Sola pediu.

Ele olhou de volta para ela. — Não tenha medo. Eles me devem uma.

Seu salvador estendeu a mão de novo e desta vez, não conseguiu se conter. Acariciou sua bochecha tão levemente que se não tivesse visto, não teria percebido.

— Fique.

E então ele se foi, fechando solidamente a porta. Através dos vidros escuros, ela observou um quarto homem sair do corredor fortemente iluminado. Sim, ele obviamente não era um contador... Com um casaco tão comprido que se arrastava no chão e uma bengala, estava vestido como um cafetão antiquado, seu moicano cortado baixo e sorriso sardônico se encaixando na imagem à perfeição.

O homem e Assail estenderam as mãos exatamente ao mesmo tempo. E ficaram de mão dadas enquanto trocavam algumas palavras...

Algo estava errado. Assail começou a franzir o cenho; então pareceu positivamente emputecido. Mas quando o homem de moicano ergueu os ombros e pareceu irredutível, Assail finalmente entregou sua arma e foi revistado pelos outros. E somente depois de seus homens descerem e se sujeitarem ao mesmo tratamento foi que o cafetão acenou para o time de médicos e enfermeiras se aproximarem do veículo.

Quando chegaram perto para abrir sua porta, uma pontada de medo fez Sola puxar o saco de dormir até a altura do queixo.

A mulher que enfiou a cabeça pela porta era atraente, com cabelos loiros curtos e olhos verdes escuros. — Oi, eu sou a Dra. Jane. Gostaria de dar uma olhada em você, tudo bem?

Sua voz era nivelada. Gentil. Calma.

Ainda assim, Sola não conseguiu se mover ou responder.

Pelo menos não até Assail aparecer atrás da médica. — Está tudo bem, Marisol. Ela vai cuidar de você.

Sola se pegou olhando nos olhos dele por um longo tempo. Quando pareceu satisfeita com o que viu, suspirou. — Está bem. Está bem...

E foi quando seus tremores finalmente pararam.

Assail não estava contente com seus coldres vazios, mas Rehv tinha sido bem claro: Ou ele e seus primos entregavam as armas, ou a fêmea humana não seria tratada.

Somente assim para Assail consentir em ficar tão vulnerável e ele odiava. Mas as prioridades vinham primeiro.

— E o nome dela é Marisol, — ele se ouviu dizer quando a médica loira começou a falar em voz baixa. — Sola.

De uma distância à esquerda, pôde sentir Rehv encará-lo, e o *leahdyre* do Conselho não foi o único. Os três Irmãos em guarda eram profissionais demais para demonstrar, mas podia jurar que estavam se perguntando por que ele aparecia em sua porta com uma mulher humana. Que estava ferida. Por quem ele estava disposto a entregar suas armas.

— Não, fique aí, Marisol. Vamos dar a volta. — A doutora saiu e acenou para a equipe. — Os sinais vitais estão baixos, mas estáveis. Ferimento a arma de fogo na coxa direita. Possível concussão. Talvez esteja em choque. Pode ter sofrido outros traumas que não quis me falar.

Assail sentiu o sangue deixar sua cabeça, mas não permitiu que a vontade de desmaiar o dominasse...

— Você, — ele chamou asperamente. — Afaste-se.

O macho — ou, Deus, aquele era realmente um homem *humano*? — parou imediatamente.

O médico principal, a fêmea, falou alto — Este é meu parceiro. Dr. Manello. Ele é...

— Ele não vai chegar perto dela. — Assail expôs as presas. — Ela está nua da cintura para baixo.

Ele teve vaga consciência de todo mundo ter congelado e olhado em sua direção. Estava também consciente de um aroma que tinha subitamente entrado em cena. Ele não disse mais nada enquanto olhava aquele homem de cima, preparado para cair sobre sua garganta se ele continuasse a se aproximar do Rover.

O cara ergueu as mãos como se estivesse sendo ameaçado por uma arma. — Está bem, está bem. Vamos relaxar. Você me quer longe. Estou fora.

Recuando, ele ficou perto dos Irmãos, balançando a cabeça, mas sem dizer nada.

A médica colocou a mão sobre o antebraço de Assail. — Nós só vamos colocá-la na maca. Porque não vem comigo. Pode observar e ficar por perto.

Assail abafou seu grunhido e pigarreou. — Farei isso. Obrigado.

Na verdade, ele fez mais.

Quando a médica abriu a porta de Marisol, ele odiou o jeito que sua mulher se encolheu antes de conseguir se impedir. E então o olhou fixamente.

— Quer que eu te ajude a sair? — ele perguntou roucamente, antes que qualquer um da equipe médica pudesse se aproximar.

— Sim. Por favor.

Parecia tão correto empurrar todo mundo para longe e ser o macho a cuidar dela: Inclinando-se para o interior do SUV, passou os braços sob ela, sendo cuidadoso em trazer o saco de dormir junto, para que não ficasse exposta.

O sibilo que ela tentou segurar o fez sentir náuseas, mas ele tinha de tirá-la dali... E uma vez endireitado, ela pareceu encontrar posição cômoda em seus braços.

A cabeça dela caiu contra o ombro dele e lá ficou.

— Eu vou carregá-la para dentro, — ele informou à médica.

— É provavelmente melhor que... Ah, está bem, tudo bem.— A curadora loura ergueu as mãos quando ele expôs as presas de novo. — Está bem. Só me siga.

O Irmão Rhage era o primeiro no corredor, e os outros dois guerreiros vieram atrás, vigiando a retaguarda junto aos primos.

Assail caminhava o mais suavemente que podia, cada vez que Marisol se enrijecia em seus braços ou respirava fundo expressando sua dor, atingindo-o diretamente em seu próprio peito até que fossem os seus pulmões a queimarem, a sua respiração a se entrecortar, a sua perna a doer.

Avançando, eles passaram por um número aparentemente infinito de salas, para algumas das quais ele olhou, mas para a maioria ele nem se deu ao trabalho de virar a cabeça para observar. Do pouco que pôde notar, eram apenas salas de aula, um escritório vazio... Algo que parecia uma sala de interrogatório. Bem quando se convenceu de que estavam entrando em outro código postal, a fêmea doutora finalmente parou e indicou o caminho até uma sala de exames.

A maca ao centro ficava diretamente sob um conjunto de lâmpadas penduradas, e ao se inclinar e transferir Marisol para a superfície acolchoada e coberta de lençol, ele ficou feliz que a médica não acendeu a luz. Parecia claro demais na sala azulejada, o aço inoxidável e prateleiras de vidro brilhantes demais para ele, a mesinha rolante com os instrumentos pareciam uma ameaça, mesmo que nas mãos certas, aquelas ferramentas fossem supostamente para ajudar.

Queria Virgem Escriba no Fade, o rosto de Sola estava cinzento de dor e exaustão ao se sentar, com os joelhos apertados contra o peito, o saco de dormir azul marinho enrolado a sua volta como uma segunda pele.

— Vou pedir a todos os não-essenciais, que fiquem lá fora, — a médica disse, expulsando os Irmãos, os primos e o médico. — Não, não... Ficaremos bem. Certo, tchau tchau. — Então em um tom de voz mais baixo, ela sibilou, — Ele é um macho vinculado. Quer lidar com isso se tiver de fazer um exame interno nela?

Macho... Vinculado? Ele?

Quando os Irmãos começaram a discutir com ela, Assail acenou sombriamente aos guerreiros e Rehvenge. — Não haverá problemas de minha parte. Vocês têm minha palavra.

Só que então ele se perguntou se a privacidade de Marisol não merecia proteção dele próprio.

— Marisol, — disse suavemente. — Talvez seja melhor se eu...

— Fique.

Ele fechou os olhos. — Está bem.

Ele se aproximou de sua cabeça, virou as costas a seu corpo, para que ela pudesse travar contato visual com seu rosto, mas que ele não pudesse ver nada que comprometesse sua privacidade.

A médica se aproximou dela e falou suavemente. Gentilmente. — Se puder se deitar de costas, seria ótimo. Se não se sentir segura, eu compreendo, posso erguer a cabeceira da cama para você.

Houve um longo silêncio. — Qual seu nome de novo? – Marisol perguntou asperamente.

— Jane. Eu sou a Jane. Atrás de mim está minha enfermeira, Ehlena. E nada vai te acontecer aqui contra a sua vontade, ok? Você está no comando.

De fato, ele tinha a impressão de que iria gostar desta médica.

— Ok, está certo. – Marisol agarrou a mão dele e se recostou, fazendo careta até estar totalmente deitada. — Ok.

Ele esperava que ela o soltasse ao se deitar. Mas ela não o fez... E seus olhos não desgrudaram dos dele. Nem quando a médica retirou o saco de dormir e a cobriu com um cobertor. Nem quando perguntas sobre uma possível concussão foram feitas, e reflexos foram testados. Nem quando a ferida da coxa foi cutucada e costurada. Nem quando uma máquina portátil de Raios-X foi trazida e uma imagem foi tirada de diferentes ângulos.

— Então eu tenho todo tipo de boas notícias, – a médica disse um pouco mais tarde, ao se aproximar com um notebook. No monitor estava a imagem sombreada do osso da coxa de Marisol. — Não apenas a concussão foi leve, mas a bala passou de forma limpa. Não há evidência de que o osso tenha sido atingido. Então nossa preocupação principal é o risco de infecção. Eu queria limpar as coisas mais cuidadosamente... E lhe dar alguns antibióticos além dos analgésicos. Tudo bem?

— Estou bem, – Marisol cortou.

A médica riu ao afastar o notebook. — Eu juro que você vai se encaixar super bem aqui. Isto é o que todos os meus pacientes dizem. Ainda assim, eu respeito a

sua inteligência... E eu sei que não vai querer colocar sua saúde em risco. O que me preocupa é o risco de sepse... Você me disse no carro que foi ferida há vinte e quatro horas. É um longo tempo para ter as coisas cozinhando ali embaixo.

— Vamos enfrentar isso, Marisol, — Assail ouviu-se dizer. — Vamos acatar o conselho dela.

Marisol fechou os olhos. — Ok.

— Bom, bom. — a médica fez algumas anotações no notebook. — Só mais uma coisa.

— O quê? — Assail perguntou, quando houve uma pausa longa.

— Marisol, eu preciso saber se você foi ferida em algum outro lugar.

— Algum outro... Lugar? — veio a resposta abafada.

Assail podia sentir o olhar da doutora sobre ele. — Se importa de nos dar um minutinho?

Antes dele poder responder, Marisol apertou sua mão tão forte que ele piscou. — Não, — ela disse cheia de tensão. — Em nenhum outro lugar.

A médica pigarreou. — Pode me contar qualquer coisa, sabe. Qualquer coisa que seja importante para seu tratamento.

Subitamente, Marisol voltou a tremer... Do jeito que tremeu no banco de trás do Range Rover. Rapidamente, como se desgrudasse algo da pele, ela disse, — Ele tentou me violentar. Não conseguiu. Eu o peguei antes...

De repente, os sons da sala sumiram. A ideia... Não, a realidade... De que alguém a tinha maltratado, ferido, marcado seu corpo precioso, tentado...

— Você está bem? — alguém perguntou. A enfermeira. Devia ser a...

— Ele vai desmaiar! — a médica exclamou.

Assail se perguntou de quem elas estariam falando... Antes de perder completamente a consciência.

Capítulo VINTE E TRÊS

— Fale, curador, — Wrath exigiu ao se erguer acima do corpo inerte de sua shellan. — Fale!

Querida Virgem Escriba, ela parecia morta.

De fato, imediatamente em seguida ao colapso de sua Anha, ele a carregara de volta ao quarto que partilhavam, os Irmãos ao seu lado, os aristocratas e seus inúteis jogos sociais deixados para trás. Fora ele que deitara sua amada sobre a cama, como o médico tinha orientado, e fora ele a afrouxar seu corpete. Os Irmãos saíram assim que o médico de confiança chegara com seus instrumentos de trabalho, e então ficaram somente os três, a lareira que crepitava, e o grito que reverberava em sua alma.

— Curador, o que me diz?

O macho olhou por sobre o ombro do banco ao lado de Anha. Com as vestes negras de sua posição caindo até o chão, ele mais parecia um pássaro gigantesco, na iminência de alçar voo.

— Ela está perigosamente debilitada, meu senhor. — Diante do recuo de Wrath, o médico se levantou. — Eu acredito que ela esteja carregando um bebê.

Um frio o invadiu, soprando de sua cabeça para os pés, varrendo o sentimento em sua forma inteira. — Ela está...

— Carregando um bebê. Sim. Eu pude perceber ao sentir sua barriga. Está dura e distendida, e o senhor disse que ela recentemente passou por sua necessidade.

— Sim, — ele suspirou. — Então isto é causado pelo...

— Isto não é um sintoma de aborto, já que ela não tem hemorragia. Não, eu acredito que esta doença é por conta de algo diferente. Por favor, meu senhor, vamos até a lareira para conversarmos sem perturbá-la.

Wrath permitiu-se ser arrastado para mais perto das chamas. — Ela está doente então, com a febre?

— Meu senhor... — o médico pigarreou, como se talvez estivesse preocupado sobre uma morte que não tinha nada a ver com a rainha. — Perdoe-me, senhor...

— Não me diga que não tem explicação, — Wrath sibilou.

— Preferiria que eu te enganasse? Seu coração está lento, a pele está cinzenta, a respiração está superficial e intermitente. Pode estar ocorrendo alguma dificuldade interna que não consigo medir a que ela esteja sucumbindo. Eu não sei.

Wrath voltou o olhar para sua companheira. Ele nunca tinha sido sensível. Agora o terror deslizou sob sua pele, possuindo-o como um espírito maligno, dominando-o inteiro.

— Meu senhor, eu diria para alimentá-la agora. Agora e por quantas vezes ela precisar de sua veia. Talvez a troca de energia possa reverter isso... Realmente, se ela tem qualquer esperança, é você. E se ela se levantar, eu lhe darei água fresca somente, nada de cerveja. Nada que cause mais depressão em seu sistema...

— Saia.

— Meu senhor, ela está...

— Deixe-nos... Agora!

Wrath teve consciência do macho cambalear até a porta. E médico tinha razão de cambalear — uma fúria assassina se erguera no peito de seu Rei e era passível de se dirigir diretamente a qualquer um que lhe ficasse à frente.

Quando a porta voltou a se fechar, Wrath se aproximou da cama. — Meu amor, — ele disse desesperadamente. — Anha, meu amor, volte para minha voz.

Voltou a se ajoelhar.

Wrath caiu de joelhos no chão perto da cabeça dela. Acariciou seu cabelo sobre os ombros e seguiu acariciando o braço, sendo cuidadoso para não colocar nenhum peso na carícia.

Medindo sua respiração, tentou encorajá-la a respirar fundo. Ele queria voltar à noite anterior, quando acordaram juntos e olhara dentro de seus olhos e viu-os

brilharem cheios de vida. Na verdade, transtornava sua cabeça pensar que ele se lembrava com tanta clareza de tudo, naquele momento, aquela hora, aquela noite, os cheiros da refeição que comeram, e as conversas que tiveram sobre o futuro, e as audiências que teriam na corte.

Ele sentia como se a claridade das memórias devessem ser uma porta, que ele pudesse atravessar, e lá tomaria a sua mão, e absorveria seu aroma, e sentiria a leveza no coração que acompanhava a saúde e o bem-estar... E a colocaria de volta no presente, naquela condição.

Mas era só fantasia, é claro.

Desembainhou sua adaga cerimonial e trouxe a lâmina brilhante e polida. Quando sua manga pesada com as pedrarias e conjunto de ouro precioso ficaram no caminho, ele puxou seu casaco fino pelo torso, jogando-o atrás de si. Quando pousaram com um som rascante, todas aquelas pedras preciosas meticulosamente afixadas, arranharam o assoalho de carvalho, ele passou a ponta da faca através do pulso.

Ai, antes fosse sua garganta.

— Anha, de verdade, sente-se para mim. Erga a cabeça, meu amor.

Erguendo-a em seu antebraço livre, ele trouxe a fonte de seu sangue até os lábios dela. — Anha, alimente-se de mim... Alimente-se de mim...

Os lábios dela se abriram, mas não por estar obedecendo à sua voz. Não, era somente o ângulo de sua cabeça.

— Anha, beba... Volte para mim.

Quando gotas vermelhas caíram em sua boca, ele rezou para que elas, de alguma forma, encontrassem seu caminho garganta abaixo, se enfiassem em suas veias, revivendo-a com sua pureza.

Este não era o destino deles, ele pensou. Eles deviam ficar juntos por séculos, e não separados apenas um ano após se conhecerem. Isto não era... Para eles.

— Beba, meu amor...

Ele manteve o pulso no lugar até que o sangue ameaçou transbordar de seus lábios. — Anha?

Baixou sua cabeça até a palma fria da mão dela, e rezou por um milagre. E quanto mais ele ficava ali, mais ele se juntava a ela em um estado que só ficava a uma batida de coração da morte.

Se ela morresse, ele iria com ela. De um jeito ou de outro...

Querida Virgem Escriba, isto não era para eles.

Wrath não despertou além da superfície do sono, como uma boia que flutuasse das profundezas, para emergir sobre uma superfície instável.

Ele estava no poço escuro de sua cegueira, naturalmente... E como sempre, ele jogou seu braço para o lado oposto da cama...

Crash!

Wrath ergueu a cabeça e franziu o cenho. Tateou em volta com a mão, e encontrou coisas que pareciam livros, um apoio de copo, um cinzeiro.

Lareira acesa.

Ele não estava em seu quarto. E Beth não estava com ele.

Virando-se, se ergueu um pouco, o coração pulando no peito, a arritmia deixando-o zozado. — Beth?

No porão de seu cérebro, reconheceu estar na biblioteca térrea na mansão da Irmandade, mas seus pensamentos eram como vermezinhas em solo úmido, se contorcendo incessantemente, sem chegar a lugar algum.

— Beth...?

Um ruído distante.

Wrath esfregou o rosto. Se perguntou onde seus óculos estariam. Pensou, sim, ele estava no sofá da biblioteca, aquele em frente à lareira.

— Oh... Puta merda... — Ele grunhiu ao tentar ficar em pé.

Ficar em pé não foi nada divertido. A cabeça girou, o estômago se contraiu como um punho, e ele teve de segurar em um braço do sofá ou teria caído.

Cambaleando pelo espaço desconhecido, ele não foi até a porta, ela que veio a ele, os painéis duros atingindo seu peito. Tateou em busca das maçanetas, abriu o trinco e...

George explodiu na sala, o golden correndo em círculos, as fungadas sugerindo que sorria.

— Ei, ei...

Wrath queria voltar ao sofá, porque não queria que os olhos funcionais na casa o vissem assim... Mas seu corpo tinha ideia diferente. E ao cair de bunda, George aproveitou a oportunidade para pular em cima dele, cobrindo-o como um cobertor.

— Ei, garotão, é, nós dois estamos aqui... — Acariciando o peito largo do retriever, ele enterrou o nariz naquele pelo e deixou o cheiro de cachorro bom e limpo agisse como aromaterapia nele. — Cadê a mamãe? Sabe onde ela está?

Que pergunta cretina. Ela não estava aqui, e era sua maldita culpa.

— Merda, George.

Aquela cauda grande estava batendo contra suas costelas, e aquele focinho estava fungando, e as orelhas abanando. E estava tudo bem, tudo normal – mas estava longe de ser suficiente.

— Me pergunto que horas são?

Maldição... Ele tinha perdido o controle com John e V, não é mesmo? E aquilo não era nem metade. Ele tinha uma vaga lembrança de destruir a sala de jogos, jogando todo tipo de merda, brigando com alguém que tinha chegado perto demais... Então, soneca. Ele tinha quase certeza que alguém o tinha drogado, e não podia dizer que culpava quem quer que o tivesse feito. Se não fosse o desmaio induzido por tranquilizantes, ele não sabia quando teria parado.

E ele não queria machucar nenhum dos irmãos, ou serviçais. Ou a casa.

— Merda.

Parecia que seu vocabulário estava limitado a isso.

Cara, ele devia ter deixado Vishous trazê-lo aqui para lhe dizer o que estava acontecendo. Mas, pelo menos, só havia dois lugares onde sua companheira poderia estar. Um era o Lugar Seguro da Marissa, e o outro era a casa de Darius. E sem dúvida, aquilo era o que John tinha tentado dizer.

Porra, ele pensou. Aquilo não era ele e Beth. Não era assim que deviam terminar.

Claro que as coisas sempre tinham parecido predeterminadas com ela; do modo como ela tinha entrado em sua vida à realização que ela tinha trazido a ele, tudo tinha sempre parecido destino. Eles tinham tido discussões, claro. Ele era um imbecil de cabeça quente e ela não aguentava nenhuma merda dele. Dã.

Mas nunca esta separação. Jamais.

— Vamos lá, amigão. Precisamos de privacidade.

George pulou e deixou Wrath se levantar do chão. Depois de fechar as portas de novo, ele embarcou em um jogo de esconde-esconde com o telefone. Por falar em castração. Mãos estendidas a sua frente, torso encurvado, pés se arrastando, trombou com coisas e tateou-as até identificar onde estava a namoradeira, uma poltrona, uma mesinha lateral...

A mesa pareceu ser a última merda de coisa com a qual ele trombou, e descobriu onde o telefone estava quando sua mão masculina bateu no receptor e o derrubou da base. Levando a coisa ao ouvido, tateou em busca dos números e então teve de voltar a por no gancho antes de conseguir voltar a discar.

Imaginando a disposição do teclado numérico na base do arranjo, discou uma sequência de sete números e esperou.

— Lugar Seguro, boa tarde.

Ele fechou os olhos. Tinha tido esperanças de que estivesse perto do anoitecer, porque então ele poderia sair para procurá-la. — Ei, Beth está aí?

— Não, sinto muito. Quer deixar recado? — Quando ele fechou os olhos, a fêmea disse, — Alô? Está me ouvindo?

— Não quero deixar recado.

— Posso avisar quem ligou, se ela vier mais tarde?

Ele brevemente se perguntou o que a recepcionista diria se lhe dissesse quem era. — Eu a encontrarei em outro lugar. Obrigado.

Ao desligar, sentiu a cabeça grande de George cutucar sua coxa. Tão típico do cão... Querer ajudar.

Wrath manteve o dedo no gancho, apertando. Ele não sabia se estava pronto para outro sinal de linha. Se ela não atendesse no próximo número? Ele não ia ter nenhuma porra de ideia de onde ela estaria. E a ideia de ter de ir até Vishous ou John para aquele tipo de informação era embaraçosa demais para aguentar.

Ao discar uma sequência diferente de números, pensou consigo mesmo...

Eu não acredito que acabamos assim. Isto simplesmente... Não somos... Nós.

Capítulo VINTE E QUATRO

Virando a cabeça no travesseiro, Sola olhou para o chão do quarto de hospital que lhe tinha sido dado. Mas ela não viu nada.

Em vez disto, flashes do sequestro continuavam a girar à frente de seus olhos, bloqueando tudo o mais: Sua chegada em casa e ser atingida na cabeça. A viagem de carro. O sinalizador. A perseguição na neve. Então a cela de prisão e aquele guarda que descera para...

A batida na porta a assustou. E engraçado, ela sabia quem era. — Que bom que voltou.

Assail abriu uma fresta na porta, e só colocou a cabeça para dentro, como se temendo assustá-la. — Está acordada.

Ela puxou as cobertas mais para cima, no peito. — Nunca durmo.

— Não? — abrindo mais a porta, ele entrou com uma bandeja de comida. — Eu esperava... Bem, talvez você não se importe com um pouco de nutrição?

Sola inclinou a cabeça para o lado. — Você fala da maneira mais antiquada.

— O Inglês não é minha língua nativa. — Ele pousou a bandeja em uma mesa de rodinhas e empurrou-a para perto dela. — Nem minha segunda língua, a propósito.

— Deve ser por isto que eu adoro te ouvir.

Ele congelou ao ouvir as palavras... E sim, talvez se ela não estivesse grogue de analgésicos, ela não teria admitido tal coisa. Mas que inferno.

Subitamente, ele olhou para ela, uma luz intensa nos olhos fazendo-os parecer mais brilhantes que o usual. — Fico contente que minha voz lhe agrade, — ele disse roucamente...

Sola se concentrou na comida ao começar a se sentir aquecida por dentro pela primeira vez desde... Tudo. — Obrigada pelo esforço, mas não tenho fome.

— Você precisa comer.

— Os antibióticos me deixam enjoada. — ela acenou com a cabeça em direção a bolsa de soro intravenoso dependurada no suporte próximo a sua cama. — Seja lá o que for, é só... Horrível.

— Eu te alimento.

— Eu...

Por alguma razão, ela voltou a pensa naquela noite em que o encontrou lá fora, na neve, quando ele a tinha rastreado ao sair de sua propriedade e a tinha confrontado no carro. Por falar em ameaça no escuro... Jesus, ele a tinha assustado para caralho. Mas não tinha sido só isso o que tinha sentido.

Assail trouxe a única cadeira do quarto mais para perto. Engraçado, não era uma daquelas cadeiras de plástico que existiam comumente em clínicas; era algo saído da Pottery Barn²², estofada, confortável, e com um bonito padrão. Ao se sentar, ele não coube, e não por estar acima do peso. Ele era grande demais, seu corpo poderoso agigantava-se pelos braços e espaldar da cadeira, as roupas pretas demais pela cor pálida.

Havia duas manchas de sangue em sua jaqueta, marrom e seco. E em sua camisa. Suas calças.

— Não olhe para isto, — disse ele, suavemente. — Aqui. Para você, escolhi somente o melhor.

Erguendo a tampa, ele revelou...

— Onde infernos eu estou? — ela perguntou ao se inclinar e respirar fundo. — Será que Jean-Georges tem uma divisão médica ou algo assim?

— Quem é este Jean-Georges?

— Um chefe chique de Nova York. Eu vi um programa dele na Food Network. — Ela se sentou, piscando quando sua perna soltou um grito de dor. — Eu nem gosto de carne... Mas esta está parecendo incrível.

²² Pottery Barn é uma rede de lojas de móveis com qualidade, presente nos Estados Unidos e Canadá. Ficou popular no mundo todo após ser muito citada no seriado Friends. Também foi rapidamente citada no seriado The Big Bang Theory, e no episódio Piloto de Glee e Breaking Bad.

— Eu acho que você precisa de ferro.

O pedaço de bife estava lindamente cozido, com uma crosta crocante ao cortar com...

— Isto é prata de lei? – ela perguntou, olhando para o garfo, a faca... A colher que ainda estava no elegante guardanapo dobrado.

— Coma. – Ele levou à sua boca um pedaço cuidadosamente cortado. — Coma por mim.

Esponaneamente, a boca dela se abriu, como se não fosse aceitar nenhum daqueles atrasos estilo eu-posso-comer-sozinha.

Fechando os olhos, ela gemeu. É, ela não estava com fome. Nem um pouco.

— Esta é a melhor coisa que eu já comi na vida.

O sorriso que iluminou o rosto dele não fez sentido. Era brilhante demais para ser só por ter trazido a bandeja... E ele deve ter percebido, porque virou a cabeça, de modo que ela só viu de relance sua expressão.

Pelos próximos quinze, vinte minutos, os únicos sons na sala, além do ruído de ventilação foi da luxuosa prataria arranhando o prato de porcelana. E sim, apesar dos oh-não-eu-não-conseguiria-comer, ela comeu aquele enorme pedaço de bife e as batatas bolinha, e o creme de espinafre. Assim como o pãozinho, que com certeza era caseiro. E a torta de pêssego. E ela até mesmo bebeu um pouco da água gelada e do café que veio em uma garrafa.

Ela provavelmente teria comido também o guardanapo, a bandeja, toda a prataria e a mesinha rolante se tivesse chance.

Voltou a deitar de costas no travesseiro, colocando a mão sobre a barriga. — Eu acho que vou explodir.

— Eu vou colocar isto no corredor. Com licença.

De seu ponto de vantagem, ela mediu cada movimento que ele fez: o jeito que ficou em pé, agarrou as extremidades da bandeja com mãos grandes e elegantes, virou-se, caminhou suavemente.

Por falar em boas maneiras. Ele tinha manejado os talheres com uma fluidez educada, como se acostumado àquele tipo de coisa em sua própria casa. E ele não tinha derrubado nem uma gota ao servir o café. Nem tinha deixado cair qualquer migalha ao levar a comida à boca dela.

Um perfeito cavalheiro.

Difícil conciliar isto com o que tinha visto quando ele tinha lhe entregado o celular para falar com sua avó. Naquela hora, ele tinha parecido desequilibrado, com sangue correndo pelo queixo como se tivesse arrancado um pedaço de alguém às dentadas. As mãos dele, também, estavam vermelhas de sangue...

Considerando que ela tinha matado todo mundo naquele lugar horrível antes de escapar? Ele obviamente tinha trazido alguém com ele.

Oh, Deus... Ela era uma assassina.

Assail voltou para perto dela e se sentou, cruzando as pernas na altura do joelho, não com o tornozelo no joelho como os homens normalmente fazem. Juntando as mãos, ele as levou até a boca e observou-a.

— Você o matou, não matou, – ela disse suavemente.

— Quem?

— Benloise.

O olhar magnético dele se desviou dela. — Não falemos disto. De nada disto.

Sola se concentrou em dobrar elaboradamente a beirada de cima da coberta. — Eu não consigo... Não posso fingir que a noite passada não aconteceu.

— Você terá de fazer isso.

— Eu matei dois homens. – Ela ergueu rapidamente os olhos para ele e piscou rapidamente. — Eu matei... Dois seres humanos. Oh, Deus...

Cobrindo o rosto, tentou manter o controle.

— Marisol... – Houve um ruído como se ele tivesse arrastado para ainda mais perto aquela cadeira da Pottery Barn. — Querida, você precisa tirar isto da cabeça.

— Dois homens...

— Animais, — ele disse incisivamente. — Eles eram animais que mereciam ainda pior. Todos eles.

Baixando as mãos, ela não ficou surpresa de que a expressão dele estivesse mortal, mas também não teve medo. Só estava, assustada pelo que ela própria tinha feito.

— Eu não consigo... — ela gesticulou para o lado de sua cabeça. — Eu não consigo tirar as imagens de minha...

— Bloqueie-as, querida. Só esqueça que aconteceu.

— Não posso. Nunca. Eu devia me entregar à polícia...

— Eles iam te matar. E você acha que eles iam ter um pinga de consciência? Posso te garantir que não.

— Foi culpa minha. — Ela fechou os olhos. — Eu devia saber que Benloise se vingaria. Eu só não sabia que seria a este nível.

— Mas, minha querida, você está segura.

— Quantos?

— Desculpe?

— Quantos... Você matou. — Ela exalou com dificuldade. — E por favor não tente fingir que não matou. Eu vi seu rosto, lembra. Antes de lavá-lo.

Ele desviou o olhar, e limpou o queixo como se o sangue ainda estivesse nele. — Marisol. Afaste isso da mente, enterre em algum lugar profundo... E deixe estar.

— É assim que consegue lidar com isto?

Assail balançou a cabeça, a mandíbula travada, os lábios pressionados em uma linha fina. — Não. Eu lembro de meus crimes. Cada um deles.

— Então você odeia o que teve de fazer?

Os olhos dele permaneceram firmes nos dela. — Não. Eu sinto prazer.

Sola piscou. Descobrir que ele era um assassino sociopata era realmente a cereja do bolo, não era?

Ele se inclinou para ela. — Eu jamais matei sem um motivo, Marisol. Eu sinto prazer com as mortes porque eles mereceram o que tiveram.

— Então você protegeu a outras pessoas.

— Não, eu sou um homem de negócios. A menos que seja acuado, eu prefiro viver e deixar viver. No entanto, eu não serei pisoteado... Nem deixarei aqueles que são meus serem ameaçados.

Ela estudou-o por um longo tempo... E ele não desviou o olhar nenhuma vez.
— Eu acho que acredito em você.

— Deveria.

— Mas ainda assim, é um pecado. — Ela pensou em todas aquelas preces que tinha feito e sentiu culpa como jamais tinha sentido. — Eu sei que fiz coisas criminosas no passado... Mas eu nunca machuquei ninguém, só financeiramente. O que é ruim o bastante, mas pelo menos, eu não queimei seus...

Ele segurou sua mão. — Marisol. Olhe para mim.

Levou um tempo antes de conseguir. — Eu não sei como viver comigo mesma. Eu realmente não sei.

Quando Assail sentiu o coração bater forte no peito, percebeu que tinha se enganado. Ele tinha assumido que manter sua Marisol fisicamente a salvo e cuidar de Benloise encerraria este horrível capítulo na vida dela:

Uma vez que ela estivesse sob sua guarda, e ele lhe assegurasse o retorno à avó, então tudo estaria resolvido.

Errado. Tão malditamente errado... E da própria dor emocional dela, ele não sabia como salvá-la.

— Marisol... — o tom de sua voz era um que ele nunca tinha ouvido antes. Mas também, implorar não era de seu costume. — Marisol, por favor.

Quando as pálpebras dela finalmente se ergueram, ele se viu respirando fundo. Com elas baixas, a tensão dela lhe lembrava demais do outro desfecho que podia ter ocorrido.

O que dizer a ela, então? — Realmente, eu não posso fingir entender esta concepção de pecado que você tem, porque sua religião é diferente da minha... E eu respeito isto. — Deus, ele odiava aquele hematoma na lateral do rosto dela por tantas razões. — Mas, Marisol, as ações que você executou foram em nome da sobrevivência. Sua sobrevivência. O que você fez lá foi o que lhe permitiu estar enchendo os pulmões de ar neste mesmo momento. A vida se trata de fazer o que é necessário, e você fez.

Ela se virou, como se a dor fosse grande demais. E então suspirou. — Eu só queria ter conseguido... Inferno, talvez você tenha razão. Eu tenho de voltar muito atrás com uma borracha para me tirar de onde eu estava duas noites atrás. Esta coisa toda é resultado de tantas outras.

— Sabe, se você realmente quiser, você pode mudar o seu futuro. Você pode parar de se envolver com os da laia de Benloise.

Um sorriso fantasmal tocou os lábios dela ao olhar para o chão. — Sim. Eu concordo.

Ele deu outra respiração funda. — Há outro caminho para você.

Mesmo que ela só tenha concordado, ele teve a sensação de que ela estava em paz com a aposentadoria, como se podia dizer. E por alguma razão, aquilo o fez querer chorar... Não que ele fosse admitir isso para alguém, inclusive a ela mesma.

Quando ela ficou em silêncio, ele olhou para ela, memorizando tudo, de seus cabelos escuros e ondulados, cuidadosamente lavados com shampoo durante seu banho no banheiro daqui, passando pelas bochechas pálidas, até os lábios perfeitamente desenhados.

Pensando em tudo o que ela tinha passado, ele ouviu-a dizer que ela não tinha sido estuprada... Mas só porque ela matara o bastardo primeiro.

Aquele na cela, ele pensou. Aquele cuja mão ela tinha usado para sair da instalação.

Seu corpo inteiro doeu por ela, realmente doeu.

— Eu posso senti-lo olhar para mim, — ela disse suavemente.

Assail mudou de posição na cadeira e esfregou as coxas. — Perdoe-me. — Olhou em volta pelo quarto, odiando a ideia de ter de usar a porta, embora ele provavelmente devesse deixá-la descansar. — Está sentindo dor física?

Marisol virou a cabeça de volta para ele, seus olhos de mogno buscando o dele. — Onde nós estamos?

— Que tal responder a minha pergunta primeiro?

— Nada que eu não possa aguentar.

— Quer que eu chame a enfermeira?

Ele estava começando a se levantar quando ela esticou a mão e o parou. — Não, por favor. Não gosto do jeito que aquela coisa me fez sentir. Agora, eu preciso estar cem por cento conectada a esta realidade. De outra forma, meu cérebro volta... Para lá.

Assail se sentou de novo e realmente, de verdade, quis ir para o norte e matar Benloise naquele mesmo momento. Acalmou aquele impulso ao se lembrar do sofrimento que o homem devia estar passando... Assumindo que ainda estivesse vivo.

— Então, onde estamos?

Como responder aquilo?

Bem, por mais que a distorção da realidade fosse algo que ela desejasse evitar, *não* ia revelar o fato de não ser humano, mas um membro de uma espécie que ela associava com Drácula. Muito obrigado, Stoker.

— Estamos entre amigos. — Talvez aquilo fosse um exagero. Mas Rehv tinha providenciado o que tinha sido pedido, no momento em que era necessário... Provavelmente em resposta à pessoa que Assail tinha... Processado... Se não diretamente em nome do Rei, então certa e inegavelmente em seu benefício.

— Você tem uns amigos bem chiques. Você trabalha para o governo?

Ele riu. — Santo Deus, não.

— Que alívio. Eu estava me perguntando se você iria me prender ou tentar me transformar em informante.

— Posso lhe garantir, os meandros do sistema legal humano não me interessam nem um pouco.

— Humano...?

Xingando baixinho, ele fez pouco da palavra. — Você sabe o que eu quis dizer.

Quando ela sorriu, suas pálpebras vibraram. — Sinto muito, eu acho que estou apagando. Toda esta comida.

— Relaxe. E saiba que, quando acordar, te levarei para casa.

Ela se ergueu um pouco. — Minha avó ainda está naquela casa...

— Não, ela está em minha propriedade. Eu jamais a deixaria onde ela estava, exposta e vulnerável.

Sem nenhum aviso, Marisol jogou os braços ao redor dele, abraçando-o tão forte, que ele sentiu cada tremor de seu corpo.

— Obrigada, – ela soluçou contra seu pescoço. — Ela é tudo para mim.

Assail foi tão cuidadoso ao retribuir o abraço, repousando suas mãos levemente nas suas costas. Aspirando seu perfume, seu coração doeu de novo ao pensar que qualquer macho pudesse ter tocado seu corpo com outra coisa além de reverência.

Eles ficaram daquele jeito um longo tempo. E quando ela finalmente se recostou e olhou para ele, ele não conseguiu evitar acariciar o rosto dela com os dedos.

— Não tenho palavras, – ele disse em uma voz falhada.

— Sobre o quê?

Tudo o que ele pôde fazer, foi menear a cabeça e quebrar o contato inteiramente ao se levantar. Era isso, ou ele se enfiaria naquela cama com ela.

— Bom descanso, – ele disse, asperamente. — Ao anoitecer, te levarei em segurança até sua família.

E então ela e sua avó poderiam viver com ele. E daquele jeito ele saberia que ela sempre estaria segura.

Ele jamais precisaria se preocupar com ela de novo.

Assail saiu apressadamente antes que os olhos dela se fechassem. Ele simplesmente não podia aguentar a imagem de suas pálpebras fechadas.

Saindo do quarto, ele...

Parou de supetão.

Do outro lado do corredor, seus primos gêmeos estavam encostados na parede, e eles não tinham de erguer os olhos ou olhar em volta para vê-lo. Eles estavam encarando diretamente em seus olhos no momento em que ele saiu do quarto – certamente como se estivessem esperando que ele saísse durante cada segundo que passou lá.

Eles não falaram, mas não precisavam.

Assail esfregou o rosto. Naquele mundo ele achava que podia mesmo dormir com duas mulheres humanas dentro de sua casa? E por toda a porra da eternidade... Ele não ia conseguir fazer aquilo nem por uma noite. O que ele diria quando se tornasse visível que ele não podia sair durante o dia? Ou ter luz do sol invadindo sua casa? Ou...

Tomado de emoção, ele remexeu no bolso da frente de suas calças pretas, tirou seu vidrinho de coca e rapidamente aspirou o que restava.

Só para que ele pudesse se sentir levemente normal.

Então ele pegou a bandeja do chão. — Não me olhem assim, — murmurou ao se afastar.

Capítulo VINTE E CINCO

— Wrath!

Ao gritar o nome do marido, Beth se ergueu dos travesseiros, e por um momento, não fez ideia de onde estava. A parede de pedra e as ricas roupas de cama de veludo não eram...

A casa de Darius. Não o quarto que tinha sido de seu pai, mas o que Wrath usava quando precisava de algum lugar para descansar. Aquele para onde ela tinha ido ao não conseguir dormir.

Ela devia ter desmaiado finalmente sobre o edredom.

À distância, um telefone começou a tocar.

Afastando o cabelo do rosto, ela viu um cobertor sobre as pernas que não se lembrava de ter colocado... A maleta do lado de dentro da porta... E uma bandeja de prata na mesa de cabeceira.

Fritz. O mordomo devia ter vindo em algum momento do dia.

Esfregando o esterno, ela olhou para o travesseiro vazio próximo a ela, o lençol arrumado, a falta de Wrath... E se sentiu pior do que se sentia na noite anterior.

E pensar que ela tinha achado que eles tinham chegado ao fundo do poço. Ou que a distância iria ajudar.

— Merda, Wrath? – ela chamou ao pular da cama.

Correndo para a porta, ela abriu-a, correu pelo corredor curto, e voou para o quarto do pai, mergulhando para o celular na mesinha de cabeceira.

— Alô! Alô? Alô...?

— Oi.

Ao som daquela voz profunda, ela caiu na cama, apertando o celular no punho, empurrando-o contra a orelha como se pudesse trazer seu homem a ela.

— Oi. — Fechou os olhos, sem se importar em conter as lágrimas. Deixou-as cair. — Oi.

A voz dele estava tão rouca quanto a dela. — Oi.

Houve um longo silêncio, e aquilo estava ok: Mesmo que ele estivesse em casa e ela ali, ainda era como se estivessem se abraçando.

— Sinto muito, — ele disse. — Eu sinto tanto.

Ela deixou escapar um soluço. — Obrigada...

— Eu sinto muito. — ele riu um pouco. — Eu não sou muito articulado, sou?

— Tudo bem. Eu não estou me sentindo articulada também... Eu estava sonhando com você, eu acho.

— Um pesadelo?

— Não. Sentindo sua falta.

— Eu não mereço isso. Estava com receio de ligar para seu celular e você não atender. Eu achei que talvez se alguém estivesse com você, poderiam atender e... É, sinto muito.

Beth exalou e se encostou nos travesseiros. Cruzou as pernas na altura dos tornozelos, olhou em volta para suas fotos. — Estou no quarto dele.

— Está?

— Não tem telefone no quarto que você usava.

— Deus, faz tanto tempo que não vou a esta casa.

— Eu sei. Traz tantas lembranças.

— Aposto que sim.

— Como está George?

— Sentindo sua falta. — Houve um ruído surdo... O som dele dando tapinhas no flanco do cão. — Ele está bem aqui comigo.

As boas notícias eram que os assuntos neutros eram a maneira perfeita de molharem a ponta dos dedos na piscina do relacionamento. Mas a discussão maior ainda pairava.

— Então a cabeça de John está ok, — ela disse, mexendo na barra da camiseta.
— Mas acho que você já sabe que tudo correu bem no hospital.

— Oh, sim, não. Na verdade, eu estou... Meio por fora.

— Eu liguei.

— Ligou?

— Sim. Tohr disse que você estava dormindo. Conseguiu finalmente descansar?

— Ah... Sim.

Quando ele ficou quieto, o segundo silêncio foi do tipo preparação, a contagem regressiva para a coisa de verdade. E ainda assim, ela não tinha certeza de como trazer o assunto à tona, o que dizer, como...

— Eu não sei se já te falei a respeito dos meus pais, — Wrath disse. — Além do modo como eles foram...

Mortos, ela terminou por ele em sua mente.

— Eles eram um par perfeito, para usar um termo humano. Digo, mesmo que eu fosse pequeno, eu me lembro deles juntos, e quando eles morreram, descobri que aquele tipo de coisa tinha acabado ali, com eles. Como se eles fossem um tipo de amor de um-em-um-milhão ou algo assim. Mas então eu te conheci.

As lágrimas de Beth estavam quentes ao continuarem a escorrer por suas bochechas, algumas caindo suavemente no travesseiro, outra entrando no ouvido. Esticando a mão, ela pegou um lenço de papel e secou-as silenciosamente.

Mas ele sabia que ela estava chorando. Ele tinha de saber.

A voz de Wrath se afinou, como se estivesse com problemas de manter seu próprio controle. — Quando fui ferido naquela noite, há alguns meses, e Tohr e eu estávamos voltando da casa de Assail, eu não tive medo de morrer ou coisa assim. Claro, eu sabia que o ferimento era feio, mas eu já tive muitos ferimentos feios antes... E ia superar aquilo... Porque ninguém nem nada iria me tirar de você.

Apoiando o telefone no ombro, ela dobrou o lenço de papel molhado em quadradinhos bem pequenos. — Oh, Wrath...

— Em se tratando de você ter um filho... — A voz dele se partiu. — Eu... Eu... Eu... Pelo amor da merda, eu continuo tentando encontrar as palavras, mas não consigo. Eu sei que você quer tentar, eu entendo isso. Mas você não passou quatrocentos anos vendo e ouvindo sobre como vampiras morrem durante o parto. Eu não posso... Eu não consigo tirar isso da minha mente, sabe? E o problema é, eu sou um macho vinculado, então por mais que eu queira te dar o que você quer? Há um lado de mim que não vai ouvir a razão. Simplesmente não vai... Não quando se trata de você, arriscando a vida. Eu queria ser diferente porque isto está me matando, mas não posso mudar o que eu sou.

Inclinando-se para o lado, ela puxou outro lenço da caixa. — Mas há medicina moderna agora. Temos a Dra. Jane e...

— Além do mais, e se a criança for cega. E se nascer com meus olhos?

— Eu não vou amá-lo ou amá-la menos por isto, posso garantir.

— Mas pergunte a si mesma ao que estaremos expondo-os geneticamente. Eu consegui enfrentar a vida, claro. Mas se pensar por um instante que eu não sinto falta de minha visão todos os dias? Eu acordo do lado da fêmea que eu amo e não posso olhá-la nos olhos à noite. Não sei qual a sua aparência quando se arruma para mim. Não posso ver seu corpo quando estou dentro de você...

— Wrath, você se esforça tanto...

— E o pior de tudo? Eu não posso protegê-la. Não posso nem sair de casa... E isto por conta de meu fodido emprego além da cegueira... Oh, e não se engane. Legalmente, se tivermos um filho macho, ele irá me suceder. Não terá escolha... Do mesmo jeito que não tive e eu odeio isso. Odeio cada noite de minha vida... Jesus Cristo, Beth, eu odeio sair da cama, odeio a fodida mesa, odeio os decretos e a baboseira e estar preso naquela porra de casa. *Eu odeio.*

Deus, ela sabia que ele não estava feliz, mas não fazia ideia que era tão profundo.

Mas também, quando tinha sido a última vez que tinham verdadeiramente conversado assim? A rotina noturna junto com o estresse do Bando de Bastardos e suas besteiras...

— Eu não sabia. — Ela suspirou. — Digo, eu sabia que não estava feliz, mas...

— Eu não gosto de falar disto. Eu não quero que você se preocupe comigo.

— Mas eu me preocupo mesmo assim. Eu sei que tem estado estressado... E eu queria poder ajudar de alguma forma.

— Este é o ponto. Não há como ajudar, Beth. Não há nada que ninguém possa fazer... E mesmo que eu tivesse visão perfeita e os riscos de uma gravidez não fossem grande coisa? Eu ainda não iria querer empurrar esta merda para a próxima geração. É uma crueldade que eu não importaria a meu pior inimigo, muito menos ao meu próprio maldito filho. — Ele riu roucamente. — Inferno, eu deveria deixar Xcor ficar com o maldito trono. Seria bem feito para ele.

Beth balançou a cabeça. — Tudo o que quero é você feliz. — A verdade, isso não era verdade. — Mas eu não posso mentir. Eu te amo, mas mesmo assim eu ainda...

Cara, agora era ela que estava sem palavras.

Mas ele tinha encontrado um jeito de falar.

— Eu quase não consigo explicar. — Ela curvou um punho sobre o coração. — É como um vazio no meio do meu peito. Não tem nada a ver com você ou como me sinto sobre você. Está dentro de mim... Como um comutador que é acionado, sabe? E eu queria ser mais articulada que isto, mas mal posso descrever. Eu nem mesmo sabia o que era... Até uma destas noites, quando Z levou Bella para Manhattan e eu fiquei cuidando de Nalla? Eu estava naquele quarto deles, com Nalla dormindo em meu colo, e eu fiquei olhando para todas aquelas coisas que eles tem no quarto deles. O trocador, os móveis, o berço... Todos os lenços umedecidos e as mamadeiras e as chupetas. E eu só pensei... Eu quero isto. Tudo isto. A troca de fraldas, e os patinhos de borracha, e os dias longos. O cheiro de cocô e o doce cheiro de banho tomado, os choros e os balbucios, as cores clichês rosa-bebê e azul-bebê — qualquer coisa que venha. E ouça, eu pensei bem nisto. Eu realmente pensei. Foi tão

chocante que eu achei... É um capricho, uma fase, uma ilusão cor de rosa a qual logo eu superaria.

— Quando foi que... — ele pigarreou. — Quanto tempo faz isto?

— Mais de um ano.

— Maldição...

— Como eu disse, me senti deste jeito por um tempo, E eu pensei que você mudaria de opinião. Eu sabia que não era prioridade para você. — ela estava tentando ser diplomática ao dizer aquilo. — Eu pensei... Bem, agora que estou falando, eu percebo que nunca conversei com você sobre estes sentimentos. Não parecia haver tempo.

— Sinto muito. Eu sei que já me desculpei, mas... Maldição.

— Tudo bem. — Ela fechou os olhos. — E eu entendo o seu lado. Não é como se não o visse todas as noites desejando estar em outro lugar.

Houve outro longo silêncio.

— Há mais uma coisa, — ele disse depois de um tempo.

— O quê?

— Eu acho que você vai entrar em sua necessidade. Logo.

Mesmo enquanto o queixo de Beth caía, no fundo de sua mente, algo acendeu. — Eu... Como você sabe?

As oscilações de humor. A ânsia por chocolate. O ganho de peso...

— Merda, — ela disse. — Eu, ah... Oh, *merda*.

Eeeee aquilo meio que resumia tudo, Wrath pensou ao se recostar na poltrona da mesa da biblioteca. A seus pés, George estava esticado naquele tapete,

aquela grande cabeça quadrada deitada em uma das botas de Wrath como se oferecendo apoio.

— Eu não tenho certeza absoluta. — Wrath esfregou sua têmpora dolorida. — Mas como seu companheiro, supõe-se que eu seja afetado tão logo seus hormônios comecem a fluir... e meu sangue está mais quente, minhas emoções mais intensas, meu humor mais instável. Tipo, você estar fora de casa agora, certo? E eu me sinto mais senhor de mim do que tenho sentido nas últimas duas semanas. Mas durante a discussão que tivemos? Eu estava meio doido.

— Duas semanas... Mais ou menos quando eu comecei a ficar com Layla. E sim, você estava fora de si lá.

— Agora... — ele ergueu seu dedo indicador para enfatizar mesmo que ela não estivesse pessoalmente com ele para ver o gesto — Isto não é desculpa pelo meu comportamento. É só contexto, eu posso falar com você pelo telefone assim e me manter normal para me explicar. Quando você está comigo? Novamente, não é uma desculpa, e não é sua culpa, mas fico me perguntando se não pode ter influenciado um pouco tudo o que aconteceu.

Ao se inclinar para o lado e colocar a mão sobre seu cão, George ergueu a cabeça, o olhar dourado, fungando, dando uma lambidinha. Alisando os pelos longos que cresciam do peito largo, Wrath acariciou-os até as pernas de George.

— Deus, Wrath, quando acordei sem você agora há pouco...

— Horrível. Eu sei. Foi o mesmo para mim... Ou talvez ainda pior. Eu não tinha certeza até onde tinha estragado tudo. Se tinha estragado tudo além do conserto.

— Não estragou. — Houve um arrastar, como se ela estivesse mudando de posição na cama. — E acho que eu sabia que estávamos meio que trabalhando lado a lado pela última vez. Eu só não sabia quanto tempo tínhamos perdido... E outras coisas. Ir para Manhattan, ficar juntos um tempo, realmente conversar. Já faz um tempo.

— Honestamente, há outra razão para eu não querer ter um filho. Eu mal consigo me manter conectado com você a esta altura. Eu não tenho nada a oferecer para um filho.

— Isto não é verdade. Você seria um pai maravilhoso.

— Talvez em outro universo.

— Então como ficamos? – ela perguntou depois de um momento.

Wrath esfregou os olhos. Maldição, ele se sentia de ressaca. — Eu não sei. Realmente não sei.

Cada um deles disse o que tinham de dizer, do jeito que deviam ter feito desde o início. Razoavelmente, com calma.

Na verdade, ele tinha sido o problema naquilo, não ela.

— Eu sinto tanto, – ele disse de novo. — Não é suficiente, em tantos níveis. Mas não há nada mais que eu possa... Cara, eu estou fodidamente cansado de me sentir impotente.

— Você não é impotente, – ela disse secamente. — Nós já estabelecemos isto.

Tudo o que ele pode fazer, foi grunhir em resposta. — Quando você vai voltar para casa?

— Agora. Eu vou dirigir... Acho que há um carro extra em algum lugar.

— Espere até o anoitecer.

— Wrath, já passamos por isto. Eu fico perfeitamente bem sob a luz do sol. Além disto, é quase quatro e meia. Não há muita luz.

Ao imaginá-la sob a luz do sol, seu estômago se contraiu... E ele lembrou de Payne chamando-o de chauvinista. Em relação à preocupação com sua *shellan*, era quase fácil demais soltar um *Eu Proíbo*. O problema era o que isto causaria a Beth.

Ele realmente não podia colocá-la em uma gaiola dourada só para não ter de surtar sobre a sua segurança.

E talvez esta coisa de gravidez fosse para ele, somente uma nuance mais profunda daquela cor de covardice...

— Ok, – ele ouviu-se dizer. — Tudo bem. Eu te amo.

— Eu te amo também... Wrath, espere. Antes de desligar.

— Sim? – Quando só houve silêncio, ele franziu o cenho. — Beth? O quê?

— Quero que faça algo por mim.

— Qualquer coisa.

Levou um tempo até ela começar a falar. E quando terminou, ele fechou os olhos e deixou a cabeça cair para trás.

— Wrath? Ouviu o que eu disse?

Cada palavra. Infelizmente.

E ele estava a ponto de gritar um “Sem chance”, quando pensou no que tinha sentido ao acordar sem ela ao seu lado.

— Está bem, – ele murmurou entredentes. — É, claro. Eu posso fazer isto.

Capítulo VINTE E SEIS

Ao se observar no espelho do vestíbulo, Saxton ajeitou a gravata borboleta e apertou o nó. Ao soltar o tecido de seda padronizado, a coisa manteve sua forma e a simetria como um cachorrinho bem treinado.

Dando um passo para trás, ele ajeitou o cabelo recém cortado e vestiu seu casaco de inverno de cashmere da Marc Jacobs. Deu um puxão em uma manga, depois a outra; então esticou os braços de forma que as abotoaduras por baixo do paletó aparecessem.

Elas não traziam o brasão de sua família.

Ele não usava mais aquela.

Não, estas eram VCA dos anos quarenta, um conjunto de safira, diamantes e platina.

— Devo usar a colônia? – olhou para os vidros da Gucci, Prada e Chanel, todos alinhados em uma bandeja envidraçada com alças de latão. — Nada a declarar?

Um rápido pulverizar em um pulso. Sim, seria Égoïste, e era refrescante.

Virando-se, caminhou pelo chão de mármore cor creme e entrou em seu quarto de decoração branco-no-branco. Ao passar pela cama, ele teve vontade de refazer a coisa toda, mas aquilo eram só seus nervos falando.

— Irei apenas verificar novamente.

Afofou os travesseiros e rearranjou as almofadas na posição exata na qual estava quando ele tinha começado a se vestir, olhou para o relógio Cartier antiquado sobre a mesinha de cabeceira.

Não tinha mais como adiar.

Ainda assim, olhou em volta, para a *chaise lounge* branca e as poltronas brancas. Inspeccionou os tapetes de pele brancos. Andou mais e verificou que a pintura de Jackson Pollock, acima da lareira, estava perfeitamente posicionada.

Esta não era sua antiga casa, a Vitoriana onde Blay certa vez tinha passado um dia. Este era seu outro local, uma construção térrea de Frank Loyd Wright que ele comprou assim que foi colocada à venda... Como poderia não comprá-la? Havia tão poucas delas no mercado.

É claro que ele tinha tido de fazer algumas reformas clandestinas e expandir o porão, mas vampiros há muito tempo costumavam disfarçar sua permanência entre a raça humana e seus fiscais de construção, entre outras coisas.

Verificando pela segunda vez seus Patek Phillipe, ele se perguntou por que estava fazendo esta horrível peregrinação. De novo.

Era como um horrível tipo de Feitiço do Tempo²³. Mas pelo menos, não acontecia com grande regularidade.

Ao subir as escadas, percebeu que estava mexendo na gravata de novo. Destrancou a porta no topo, emergiu em uma cozinha lustrosa estilo anos quarenta com reproduções totalmente funcionais de todos aqueles aparelhos estilo Hello, Lucy.

Cada vez que andava pela casa, com móveis Jetsons, e a completa e total ausência de babados, sentia-se de volta a América pós-segunda guerra... E isto o acalmava. Ele gostava do passado. Gostava das diferentes pegadas de várias eras. Adorava viver em espaços que fossem tão autênticos quando se pudesse fazer deles.

E isto não era como se ele fosse voltar àquela casa Vitoriana muito em breve. Não depois que ele e Blay tinham essencialmente começado as coisas lá.

Ao se dirigir à porta da frente, só pensar naquele macho fazia seu peito se contrair... E ele parou, concentrando-se na sensação, as lembranças que vinham com ela, a mudança em sua pressão sanguínea e padrões de pensamento.

Depois da separação, que tinha sido ideia dele, tinha lido muito sobre a dor. Os estágios. O processo. E tinha sido bem esquisito... Estranhamente, a melhor fonte tinha sido um pequeno livro que falava sobre a perda de um animal de estimação. Tinham questões que você supostamente deveria responder sobre o que o cão tinha

²³ Menção ao filme Groundhog Day (No inglês, Dia da Marmota, mas traduzido para o português como Feitiço do Tempo) de 1993, onde Bill Murray interpreta Phil Connors, um egocêntrico homem do tempo da TV em Pittsburgh, que durante a abertura do anual Dia da Marmota (2 de fevereiro) em Punxsutawney, encontra-se repetindo o mesmo dias várias vezes. Depois de se deixar levar por todas as formas de perseguições hedonísticas, ele começa a reavaliar sua vida e prioridades.

lhe ensinado, ou o que você mais sentia falta em relação ao gato ou quais tinham sido seus momentos favoritos com sua cacatua.

Ele não admitiria para ninguém, mas tinha respondido cada uma delas em seu diário sobre Blay... E tinha ajudado. Até certo ponto. Ele estava dormindo sozinho, e embora tivesse feito sexo, ao invés de remediar as coisas, só tinha feito doer mais.

Mas as coisas estavam melhores agora. Pelo menos ele agora funcionava quase normalmente: Ele andava como um morto-vivo nas primeiras noites. Mas agora tinha criado uma casca sobre a ferida, e estava comendo e dormindo regularmente. Mas ainda haviam gatilhos... Como toda vez que ele via Blay ou Qhuinn.

Era tão duro ficar feliz por aquele a quem você amava... Em se tratando dele estar com outro.

Como tudo na vida, no entanto, haviam coisas que eram possíveis serem mudadas e outras que não eram.

Por falar nisto...

Fechou os olhos, se desmaterializou e retomou forma em um gramado coberto de neve que era tão grande quanto um parque municipal... E igualmente bem cuidado. Seu pai odiava qualquer coisa em desordem: plantas, grama, objetos de arte, móveis... Filhos. A grande mansão mais atrás tinha uns mil e quatrocentos metros quadrados de tamanho, as diferentes alas tendo sido adicionadas ao longo do tempo por gerações de humanos. Ao observá-la pela noite de inverno, Saxton se lembrou do por que exatamente seu pai tinha comprado a propriedade, quando alguns alunos tinham partido para a Universidade Union... Era o Antigo Continente no Mundo Novo, o lar longe da terra natal.

Um tradicionalista, seu pai tinha insistido em retornar às origens. Não que tivesse em algum momento se desligado delas.

Aproximou-se da entrada frontal, as luminárias a gás de ambos os lados da imensa porta dupla se acenderam, lançando uma luz ancestral nas pedras esculpidas que tinham, na verdade, sido feitas no século dezenove, como parte da Renascença do estilo Gótico. Ao parar, pensou que talvez pudesse não tocar a campainha, porque os serviçais estariam esperando por ele. Eles, como seu pai, estavam sempre

com pressa de que ele entrasse e saísse logo da casa... Como se ele fosse um documento a ser processado, ou um jantar a ser servido e rapidamente limpado.

Mas ninguém abriu a porta de imediato.

Se inclinando, ele puxou uma corrente de aço com uma cobertura de veludo para soar a campainha com som de sino.

Ninguém atendeu.

Franzindo o cenho, deu um passo a frente e olhou para os lados, mas de nada adiantou. Havia arbustos de topearia demais para conseguir enxergar através de qualquer uma das janelas de vidro.

Estar trancado por fora da casa era o tal testemunho do relacionamento deles, não era: O macho pedia para ele vir em seu aniversário e então o deixava do lado de fora, no frio diante da porta da frente.

Na verdade, Saxton tinha decidido que toda a sua existência era agora um foda-se para seu pai. Do que entendia, Tyhm sempre tinha desejado herdeiros... Um filho, especificamente. Tinha rezado à Virgem Escriba por um. E então seu pedido tinha sido atendido.

Infelizmente, tinha havido uma ressalva, que tinha se tornado um verdadeiro estragador de acordos.

Bem quando debatia se tocava a campainha de novo ou não, a porta foi aberta pelo mordomo. O rosto do *doggen* estava gélido, como sempre, mas o fato de não ter feito uma reverência diante do primogênito e único herdeiro de seu patrão, era esclarecedor o suficiente de sua opinião sobre quem ele estava a ponto de deixar entrar.

Não tinha sido sempre assim na casa. Mas sua mãe tinha morrido, e seu segredinho tinha sido revelado então...

— Seu pai está ocupado. — Só isso. Nenhum “posso-tirar-seu-casaco?”, “Como vai o senhor?” ou mesmo, “Francamente, como está frio esta noite.”?

Nem mesmo uma conversa sobre o tempo seria investida nele.

O que para ele estava bom. Ele nunca tinha se importado com o cara, de qualquer forma.

Quando o mordomo recuou, e fixou o olhar na parede coberta de seda atrás dele, caminhar sob aquele olhar fixo foi como ser aguilhoado por uma cerca elétrica... Embora pelo menos Saxton já estivesse acostumado. E ele sabia aonde ir.

O vestíbulo feminino ficava à esquerda, e ao entrar no cômodo cheio de babados, ele colocou a mão nos bolsos de seu casaco. As paredes cor lilás e o tapete amarelo limão eram brilhantes e alegres, e a verdade era que, por mais que colocá-lo ali intencionasse fosse um insulto, ele o preferia ao vestíbulo masculino do outro lado, com seus painéis de madeira e decoração severa, do outro lado do saguão.

Sua mãe tinha morrido há cerca de três anos, mas isto não era embargo à perda. De fato, ele não achava que seu pai sentia falta da fêmea.

Tyhm sempre tinha sido mais interessado pelas leis... Que ficavam para ele ainda mais acima que a *glymera*.

Saxton parou. Virou para os fundos do cômodo.

A distância, as vozes se misturavam... O que era incomum. A casa era tipicamente tão silenciosa quanto uma biblioteca, os empregados andavam nas pontas dos pés, os *doggen* tinham desenvolvido um complexo sistema de sinais com as mãos para se comunicarem sem incomodar o patrão.

Saxton se aproximou de um segundo par de portas. Diferentemente das que levavam ao saguão, estas estavam fechadas.

Abrindo uma fresta, Saxton foi para a sala imponente e octogonal, onde eram mantidos os volumes das Leis Antigas de seu pai, encadernados em couro. O teto ficava a nove metros do chão, a modelagem de todas aquelas prateleiras de mogno escuro, as cornijas sobre as portas entalhadas em relevos apropriadamente Góticos... Ou pelo menos uma reprodução do século dezenove.

No centro do espaço circular, havia uma imensa mesa redonda, o topo de mármore da qual estava... Um pouco chocante.

Estava coberto de livros abertos.

Relanceou as prateleiras, viu espaços vazios entre a fileira infindável de tomos. Cerca de vinte deles.

Sentiu um sinal de alerta soar na base de seu crânio, manteve as mãos nos bolsos e se inclinou, traçando as palavras que estavam expostas...

— Oh, Jesus...

Sucessão.

Seu pai estava pesquisando as leis de sucessão.

Saxton ergueu a cabeça na direção das vozes. Estavam mais altas agora que estava dentro desta sala, embora ainda abafadas por um outro par de portas fechadas do meio do caminho.

A reunião que estava ocorrendo, estava sendo no escritório particular do pai.

Altamente incomum. O macho nunca deixava ninguém entrar lá... Ele não permitia nem que clientes entrassem na casa.

Isto era sério... E Saxton não era estúpido. Havia uma conspiração contra Wrath na *glymera*, e obviamente, seu pai estava envolvido.

Não havia razão para alguém se importar com a próxima geração de Reis se não estivessem tentando depor o rei atual.

Ele contornou a mesa, com os olhos fixos em cada página aberta. Quanto mais via, mais preocupado ficava.

— Oh... Merda, – murmurou, em um xingamento raro.

Isto era ruim. Muito ruim...

O som de uma porta se abrindo no escritório o assustou. Correu nas pontas dos pés e voltou a entrar no vestibulo feminino, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

Ele estava encarando o Sargento John Singer acima da lareira quando o mordomo chamou seu nome, cerca de dois minutos depois.

— Ele te receberá agora.

Não havia motivo para agradecer. Ele só seguiu a desaprovação do *doggen*... E preparou-se para mais do mesmo com o pai.

O fato era que não podia nem se lembrar de quando tinha sido... Não, branco total.

— Eu vou mandar alguém, — iAm murmurou. — E daí você vai começar a falar.

— Vamos falar agora.

— Por que, para que depois possa fingir que não ouviu direito?

Bem, era uma ideia. — Não.

— Eles estão indo atrás de nosso pai e mãe.

Trez se sentou de novo, desta vez não precisou de nenhuma ajuda adicional. Merda. Ele devia ter esperado isso dos s'Hisbe, mas...

— Como.

— Como você acha? — Seu irmão migrou a carícia da orelha para debaixo do queixo do gato. — Eles vão começar por ela.

Ele esfregou o rosto. — Jesus Cristo. Eu não esperava que o sumo sacerdote seria tão...

— Não foi ele. Nah. Ele foi a *segunda* visita da noite passada.

— Que hora são? — Embora o fato de que pudesse enxergar pela janela, a noite afora, parcialmente respondesse àquilo. — Por que não me acordou quando chegou?

— Eu tentei. Três vezes. Eu estava pensando em usar um desfibrilador caso você não voltasse desta vez.

— Então o que o sumo sacerdote disse?

— É com s'Ex que você deve se preocupar.

Trez baixou as mãos. Olhou para o irmão, e soube que devia ter ouvido errado. — Desculpe, quem?

— Não é o tipo de nome que eu precise repetir, não é?

— Oh, Deus. — O que infernos o executor da rainha queria, visitando o irmão? Mas se bem que... — Eles estão realmente apostando alto, não estão?

iAm sentou na beira da cama, seu peso fazendo o colchão afundar. — Estamos em um impasse, Trez. Não dá mais para fingir, não dá mais para dar desculpas. Eles usaram a cenoura; agora vão usar o bastão.

Quando pensava nos pais, Trez mal podia lembrar de seus rostos. A última vez que os tinha visto já fazia... Bem, outra coisa que não conseguia lembrar. Mas o que estava claro como cristal? O local onde viviam. Mármore por todos os lados. Luminárias de ouro. Tapetes de seda. Serviçais por todos os lados. Joias penduradas das lâmpadas para criar um efeito de faísca.

Eles não eram assim no início... E aquilo era outra coisa que ele podia lembrar: ele tinha nascido em um apartamento modesto de dois quartos no canto mais longínquo da corte... Bom o suficiente para padrões normais.

Nada perto do que obtiveram ao vender o seu futuro.

E depois daquilo? Quando subiram para o melhor dos melhores? Ele tinha sido enviado para ser criado pela equipe da rainha, sozinho em um quarto branco. Só quando tinha se recusado a comer ou beber por noites após noites, foi que mandaram iAm para ficar com ele.

E foi assim que a relação defeituosa deles tinha começado.

Sempre depois daquilo? De alguma forma, iAm tinha se tornado responsável por mantê-lo ativo.

— Se lembra quando foi a última vez que os vimos? — ouvi-se perguntando.

— Naquela festa. Sabe, para a rainha.

— Oh... É mesmo. — Os pais deles tinham ficado sentados com os Primários da rainha, como eram chamados. Frente e centro. Sorrindo.

Eles não tinham reconhecido a ele ou iAm quando chegaram, mas aquilo não era incomum. Uma vez vendidos, eles tinham se tornado propriedade da rainha. E uma vez enviado para facilitar as coisas, iAm também não era mais deles.

— Eles jamais se arrependeram, — Trez murmurou. — Eu era só uma propriedade para eles. E cara, eles me venderam por um bom preço.

iAm continuou silencioso, como sempre. Ele só ficou sentado ali, acariciando o gato.

— Quanto tempo eu tenho? – Trez perguntou.

— Você tem de ir esta noite. – Olhos escuros se desviaram. — Tipo agora.

— E se eu não for... – Não havia razão para responder àquilo, e iAm não se incomodou: se ele não saísse da cama e se entregasse, seus pais iam ser sacrificados. Ou pior.

Provavelmente muito pior.

— Eles são parte do sistema, – ele disse. — Aqueles dois realmente conseguiram o que queriam.

— Então você não vai.

Se colocasse os pés no Território, ele jamais veria o mundo exterior de novo. A guarda da rainha ia trancá-lo naquele labirinto de corredores, trancando-o para que se tornasse o equivalente a um harém, separando-o até mesmo do irmão.

E enquanto isso, seus pais viveriam, despreocupadamente.

— Ela olhou para mim, – ele murmurou. — Aquela noite na festa. Os olhos dela se fixaram nos meus... Ela me deu aquele sorriso secreto de superioridade. Como se tivesse feito todos os movimentos certos, e o benefício adicional tinha sido não ter mais de cuidar de mim. Que porra de mãe faria isso?

— Então você vai deixá-los morrer.

— Não.

— Então você vai se entregar.

— Não.

iAm balançou a cabeça. — É um ou outro, Trez. Eu sei que está emputecido com eles, com a rainha, com uma centena de coisas. Mas chegamos a uma encruzilhada, e só há duas opções. Você realmente tem de entender isso... E eu volto com você.

— Não, você fica aqui. – Quando sua cabeça confusa tentou avaliar as variáveis, seu cérebro era só faísca, sem fogo. — Além disto, eu não vou.

Merda, ele tinha de se alimentar antes de tentar lidar com isso.

— Porra, aquele sangue humano é uma merda, – ele murmurou, esfregando as têmporas como se talvez a fricção pudesse acionar seu QI. — Sabe o que? Eu realmente não consigo falar disso agora... E não estou sendo um cuzão. Eu literalmente não consigo pensar.

— Eu vou enviar alguém. – iAm se levantou e foi em direção à porta que separava suas suítes. — E então, você precisa se decidir. Tem duas horas.

— Você vai me odiar, – ele soltou.

— Sobre eles?

— Sim.

Passou-se um tempo longo até vir a resposta. E o gato parou de ronronar, as mãos de iAm ficaram parados sobre aquela garganta.

— Eu não sei.

Trez anuiu. — Justo.

A porta se fechou e seu irmão se pôs a caminho quando o cérebro de Trez tossiu um “ei, espere!”.

— Não Selena, – ele gritou. — iAm! Ei! Selena não!

Ele não confiava em si mesmo com ela em uma noite boa – a última coisa de que precisava era estar próximo a ela naquele momento.

Capítulo VINTE E SETE

Ao bater na porta à sua frente, Wrath não sabia o que caralhos estava fazendo. Talvez desse a sorte de ninguém atender.

Ele teria um pouco mais de tempo antes de fazer uma merda daquelas.

Negativo. A porta se abriu e uma voz profunda disse. — Ei. O que há?

Ao tentar pensar em uma resposta, fechou os olhos por trás dos óculos escuros. — Z...

— Sim... Ei. — O irmão pigarreou. O que quebrou o silêncio para valer. — Sim. Então, o que passa?

De repente, como se o universo lhe desse um chute nas bolas, ouviu-se um grito de bebê. — Ah, ouça, eu já estava indo pegá-la. Se importa?

Wrath passou uma mão pelo cabelo. — Não, não, é... Está bem.

— Quer que eu passe no seu escritório depois?

Ele se perguntou como seria aquele quarto, e pintou o espaço de acordo com o que sua Beth tinha contado. Bagunçado, ele pensou. Confortável. Alegre.

Cor de rosa.

Nada que Z aprovasse, nem morto, antes de conhecer Bella.

— Wrath? O que se passa por aqui?

— Se importa de eu entrar?

— Ah... Claro. Ahn, digo, Bella está no trabalho, então teremos privacidade. Mas é melhor você...

Cheeeeeeeep!

— ...Olhar onde pisa.

Wrath ergueu a bota e ouviu um brinquedo voltar a inflar com um chiado. — Porra, eu quebrei?

— Eu acho que é um brinquedo de cachorro, na verdade. É, eu tenho quase certeza que ela pegou lá embaixo, de George. Quer de volta?

— Ele tem bastante. Ela pode ficar.

Ao fechar a porta, tornou-se dolorosamente consciente de estarem os dois falando de seus filhos... Só que o de Wrath tinha quatro patas e um rabo.

Pelo menos ele não tinha de se preocupar sobre George sucedê-lo no trono ou nascer cego.

A voz de Z veio do canto do quarto. — Você pode sentar nos pés da cama se andar quatro metros à frente.

— Obrigado.

Ele nem queria se sentar, mas, se continuasse em pé, iria querer andar e não demoraria até pisar em alguma coisa que poderia não ser um brinquedo.

De um canto, Z falou suavemente com a filha, as palavras rolando em uma espécie de ritmo, como se falasse através de uma canção. Em resposta, houve alguns balbucios infantis.

E então veio algo que soou aterrorizantemente nítido: — Papá.

Wrath estremeceu por trás dos óculos escuros, e descobriu que bem poderia acabar com aquilo. — Beth pediu que eu conversasse com você.

— Sobre?

Enquanto ele imaginava o Z que conhecia tão bem, visualizou o irmão que antigamente era certo que um dia implodiria e levaria uma dúzia deles consigo: crânio raspado, rosto com cicatrizes, olhos que eram pretos e opacos, como os de um tubarão, antes de Bella aparecer. Então, tinham se tornado amarelos... Pelo menos quando não estava irritado, e aquilo não acontecia mais com tanta frequência, a menos que estivesse em campo.

Que grande virada.

— Você está com ela no colo? – Wrath perguntou.

Houve uma pausa. — Assim que terminar de arrumar este lacinho... Espere um pouco, garotinha. Ok, venha cá. Ela está vestida em um vestido cor-de-rosa que a própria Cormia fez para ela. Eu odeio cor-de-rosa. Mas gosto nela... Mas não diga que confessei isso.

Wrath flexionou as mãos. — Como é?

— Não odiar totalmente cor-de-rosa? Meio fodidamen... Aham, malditamente castrador.

— É.

— Não me diga que Lassiter conseguiu metrossexualizar até você. Eu fiquei sabendo que ele tentou convencer Manello a ir ao pedicuro com ele... Mas estava torcendo para ser somente fofoca.

Era difícil ignorar o modo fácil como o irmão se expressava. Normal, realmente. Mas também, ele tinha sua família, sua *shellan* estava salva, e já fazia quanto tempo mesmo que desaparecia com Mary no porão regularmente?

Ninguém sabia exatamente sobre o que eles falavam lá embaixo. Mas todo mundo podia adivinhar.

— Realmente, eu não sei por que estou aqui, – Wrath disse asperamente.

Mentiroso.

Sons de passos se aproximando, e então houve um ruído regular, como se o macho tivesse se sentado em uma cadeira de balanço e estivesse indo para frente e para trás. Aparentemente, Nalla gostava do balanço pois houve muito mais daquele balbucio.

Um ruído suave sugeria que Z pegara outro brinquedo e a mantinha ocupada.

— Isto é sobre Beth ter passado aquele tempo com Layla?

— Eu sou o único que não sabia?

— Você não sai muito de seu escritório.

— Mais um motivo para não querer um filho.

— Então é verdade.

Wrath baixou a cabeça e desejou que sua visão funcionasse para poder fingir inspecionar algo. A roupa de cama. Suas botas. Um relógio.

— Sim, Beth quer um bebê. — Ele balançou a cabeça. — Digo, como você conseguiu? Engravidar Bella... Você deve ter ficado aterrorizado com a ideia.

— A gente não planejou. Ela entrou em sua necessidade, e eu tinha de fazer alguma coisa... Digo, eu tinha as drogas. Eu implorei para ela me deixar resolver as coisas daquele jeito. Mas no final, eu fiz o que um macho faz ao ver sua fêmea passar por aquilo. A gravidez foi difícil, mas o nascimento foi o momento mais assustador da minha vida.

Considerando que o cara tinha sido escravo sexual por quanto tempo? Aquilo realmente significava algo.

— Depois, — Z disse lentamente, — Eu não dormi por umas boas quarenta e oito horas. Levou tudo isso de tempo para eu me convencer que Bella não ia morrer de hemorragia e Nalla estava viva e continuaria daquele jeito. Inferno, talvez tenha levado até uma semana.

— Valeu a pena?

Houve um longo silêncio, e Wrath apostaria sua bola esquerda que o irmão estaria contemplando o rosto da filha. — Eu posso dizer que sim porque ambas sobreviveram. Se não tivesse acontecido? Minha resposta seria diferente... Por mais que eu ame minha filha. A coisa é que, como todos os machos vinculados, Bella é a minha prioridade, vem antes até de minha filha.

Wrath estalou o nó dos dedos de uma mão. Depois da outra. — Eu acho que Beth esperava que você me fizesse mudar de ideia.

— Não posso fazer isto. Ninguém pode... É a natureza do macho vinculado. Mas você devia falar com Tohr. Eu passei por isto... E eu sou o filho da puta mais sortudo do mundo por ter dado tudo certo. Por outro lado, Tohr escolheu. Ele de alguma forma teve culhões para jogar os dados... Mesmo conhecendo os riscos. E então, sua Wellsie acabou morrendo.

De repente, Wrath se lembrou de quando desceu até o escritório do centro de treinamento, em busca do guerreiro, com toda a Irmandade atrás de si. Eles tinham

encontrado Tohr sentado com John, telefone ao ouvido, com uma aura de desespero marcando tudo, de seu rosto pálido até o aperto naquele receptor, quando sua expressão congelou ao olhar para cima e vê-los todos ali, na porta.

Jesus Cristo, estava tudo tão claro como se tivesse acontecido ontem. Mesmo assim, depois daquilo, Tohr tinha se emparelhado com Autumn e seguira em frente, dentro do possível a um macho.

Wrath meneou a cabeça. — Eu não sei se consigo falar sobre isso com o irmão.

Houve outro longo silêncio, como se talvez Z estivesse lembrando daquela noite também. Mas então, Zsadist disse suavemente, — Ele é seu irmão. Se ele falar disso com alguém... Será com você.

No minuto em que Beth entrou no magnífico saguão da mansão, congelou.

De início, não conseguiu reconhecer a pilha de madeiras partidas que estava amontoada na entrada da sala de jogos. Mas então o tecido verde rasgado lhe deu a pista: era a mesa de bilhar. Parecia que alguém a tinha atacado com uma serra elétrica.

Se adiantando, espiou e sentiu o queixo cair.

Tudo estava detonado. Do sofá à instalação elétrica, da TV ao bar.

— Ele está bem, — uma voz masculina disse por trás dela.

Virou-se para encarar os olhos amarelos de Z, nos braços do Irmão, Nalla estava vestida em um adorável vestido cor-de-rosa, com cintura alta e uma saia rodada que ia perder em alguns meses. Que coisinha mais fofa. Pequenos sapatos Mary Jane se viam em seus pés, e um lacinho torto prendia os cachinhos multicoloridos.

Seus olhos eram amarelos, iguais aos do pai, mas seu sorriso era todo Bella, aberto, confiante, amigável.

Deus, como doía vê-los. Especialmente quando descobriu a causa da destruição na outra sala.

— Ele me ligou, — ela disse.

— Foi por isto que voltou?

— Eu ia voltar de qualquer jeito.

Z anuiu. — Bom. A noite passada foi complicada.

— Estou vendo. — Ela olhou por sobre o ombro. — Como ele...

— Parou? Lassiter atirou um dardo nele. Ele caiu como uma pedra e tirou um longo, longo cochilo.

— Não era isso que eu queria dizer, mas... Sim. — Ela esfregou as mãos geladas. — Ah, você sabe onde ele está?

— Ele me disse que você lhe pediu para conversar comigo.

Ao olhar para Z, ela se lembrou de quando o conheceu. Deus, ele era assustador... E não só por causa da cicatriz. Ele tinha um olhar gelado naquela época, além do tipo de concentração mortal que lhe atingira no centro do peito.

Agora? Ele era como um irmão para ela... Exceto quando se tratava de Wrath. Wrath sempre viria antes para ele.

O que era verdade para todos os Irmãos. E considerando o que Wrath tinha feito à sala de jogos, aquilo não era uma coisa ruim.

— Eu pensei que talvez ajudasse. — Deus, aquilo soou mal. — O que eu quero dizer é...

— Ele foi falar com Tohr.

Beth fechou os olhos. Depois de um momento, ela disse, — Eu não queria nada disto, sabe? Só para esclarecer.

— Eu acredito. E eu não quero isto para vocês dois também.

— Talvez ele supere. — Ao se virar para as escadas, uma onda de exaustão a atingiu como uma tonelada de tijolos. — Ouça, se você o vir... Diga-lhe que subi para tomar uma chuveirada. Foi um longo dia para mim também.

— Pode deixar.

Ao passar pelo Irmão, ela ficou chocada quando a mão dele pousou em seu ombro e deu um aperto encorajador.

Santo Deus, se alguém dissesse alguns anos atrás, que o guerreiro um dia ofereceria mais do que uma arma na cabeça a alguém? De jeito nenhum. E o fato de ele estar, naquele momento, segurando nos braços um bebê de comercial em seus braços musculosos, a dita filha olhando para seu rosto cheio de cicatrizes com adoração total e absoluta?

Porcos voando. Inferno congelando. Miley Cyrus parando de aparecer nua em público.

— Sinto muito, — ele disse roucamente, sabendo que o outro lado da proximidade da Irmandade era que eles se preocupavam uns com os outros verdadeiramente.

Os problemas de um eram os problemas de todos.

— Eu direi que chegou em casa a salvo, — Z disse. — Vá descansar. Você parece exausta.

Ela anuiu e subiu as escadas, arrastando-se degrau a degrau. Ao chegar ao segundo andar, ela olhou pelas portas abertas de seu escritório.

O trono e a imensa mesa pairavam como monstros, a madeira antiga e entalhes ancestrais, uma representação tangível das linhas de sucessão que tinham servido à raça, por quanto tempo? Ela não sabia. Não podia nem adivinhar.

Tantos casais sacrificavam seus primogênitos a uma posição que, de tudo o que tinha visto, não era somente ingrata, mas positivamente perigosa.

Poderia ela condenar seu próprio sangue e carne ali? Perguntou-se. Podia ela sentenciar algo que geraria àquilo que seu marido passava e pelo que sofria?

Atravessando a porta, ela cruzou o tapete Aubusson e parou em frente aos dois símbolos da monarquia. Ela imaginou Wrath ali, com a papelada e a tensão,

como um tigre aprisionado em um zoológico, bem alimentado, bem cuidado... Mas ainda assim, engaiolado.

Ela lembrou da época em que trabalhava como assistente de edição, no *Jornal Caldwell Courier*, para o Clube do Bolinha de Dick o Cuzão, enquanto ele tentava olhar sob sua blusa. Ela queria tanto largar aquilo, e sua transição e conhecer Wrath tinha sido sua salvação.

O que era a salvação de Wrath?

Como ele poderia sobreviver àquilo?

Embora uma derrota, sua única graça salvadora... Seria ser morto por Xcor e Bando de Bastardos.

Uau. Grande futuro ali.

E a solução dela era arriscar sua própria vida tentando engravidar. Não era de se estranhar que ele perdesse a merda da cabeça.

Correndo as pontas dos dedos pelo intrincado padrão na mesa, ela descobriu que, na verdade, as espirais formavam uma videira. E que havia datas inscritas ao longo das folhas...

Os Reis e rainhas. Seus filhos.

Um longo legado do qual Wrath era a manifestação atual.

Ele não ia desistir daquilo. Sem chance. Se ele se sentia impotente agora, afastar-se do trono o faria cruzar o limite. Ele já tinha perdido seus pais, cedo demais... Ceder o legado deles a outra pessoa? Aquilo seria um golpe do qual ele jamais se recuperaria.

Ela ainda queria ter um filho.

Mas quanto mais ficava ali, mais ela se perguntava se aquilo valeria a pena se tivesse de sacrificar o homem a quem amava. E este seria o resultado... Além do mais, assumir que ela pudesse ficar grávida e parir um bebê saudável, se eles tivessem um filho, ele iria acabar aqui.

E se fosse uma filha? O homem com quem ela se casasse iria assumir o poder... E então sua filha teria o prazer de assistir ao seu homem enlouquecer sob tanta pressão.

Grande herança, em ambos os lados.

— Maldição, — ela suspirou.

Ela sabia que Wrath era o Rei quando se emparelhou com ele... Mas para ela, naquela época, já era tarde demais. Ela estava loucamente apaixonada, e mesmo se o emprego dele fosse guarda de segurança ou governador do estado, ela não se importaria.

Ela não tinha pensado no futuro naquela época. Só estar com ele já era suficiente.

Mas vamos lá, mesmo que ela estivesse consciente de todas as implicações...

Não. Ela ainda teria usado o maravilhoso vestido vermelho de Wellsie e marchado para se assustar enormemente ao ver que Wrath tinha seu nome cravado nas costas.

Na alegria e na tristeza. Na saúde ou na doença, em termos humanos.

Com filhos... Ou sem filhos.

Quando ela finalmente deu a volta, endireitou os ombros e saiu do cômodo com a cabeça erguida. Seus olhos estavam límpidos, o coração calmo e as mãos firmes.

A vida não era um bufê *a La carte* onde se podia escolher a entrada e acompanhamentos e voltar para repetir, após provar uns três pedaços de carne e ver acabar seu purê de batatas. E inferno, quando ela pensava logicamente, encontrar o Amor Verdadeiro mais o Felizes para Sempre e Vida Sexual Ativa já era um inferno de um recorde.

Haviam boas razões para eles não terem um filho. E talvez aquilo mudasse no futuro; talvez Xcor e os Bastardos morressem, e a *glymera* voltasse, e a Sociedade Lessening parasse de matar...

Porcos voando.

Inferno congelando inteiro.

Miley sossegando seu rabo balançante em uma cadeira e mantendo-o lá como serviço de utilidade pública.

Ao se dirigir a escada privada que levava ao terceiro andar, ela desejou ter chegado àquela conclusão antes de Wrath ter ido ver Tohr, mas aquela era outra colisão que ela tinha causado e que não conseguiria desfazer.

Mas ela podia evitar que os danos fossem grandes demais.

Não importava o quanto doesse, ela podia escolher outro caminho e acabar com o sofrimento dos dois.

Pelo amor de Deus, ela não era a primeira mulher do planeta que não podia ter filho só porque queria. E ela não ia ser a última. E todas aquelas fêmeas? Elas iam adiante. Elas viviam suas vidas e seguiam adiante... E elas nem tinham o seu Wrath...

Ele era mais do que suficiente para ela.

E quando ela começasse a pensar que ele não era? Ela ia voltar e se sentar na frente daquela mesa... E colocar-se-ia no lugar de seu *hellren*.

Ela não queria decepcionar o pai que nem tinha conhecido. Para Wrath, ser Rei era a única maneira de honrar o pai dele... E não querer sujeitar a próxima geração ao trono?

Era a única maneira de proteger a criança que ele nunca teria.

Os Rolling Stones estavam certos. Às vezes, você não conseguia o que queria. Mas se você tivesse tudo o que precisava?

A vida seria boa.

Capítulo VINTE E OITO

— Seu primo vai se emparelhar.

Ao entrar pelas portas do escritório de seu pai, este foi o cumprimento que Saxton recebeu.

Lá vamos nós, ele pensou. E da próxima vez que conversassem, sem dúvida ia ser sobre o dito primo ter um perfeitamente saudável bebê macho que estava crescendo para ser *normal*. Acho que este era seu “presente” de aniversário... Um relatório de algum parente levando algum tipo de vida correta, com legendas de que ele era uma vergonha à linhagem e uma grande perda de DNA para seu pai.

De fato, as pequenas atualizações tinham começado logo após seu pai descobrir que ele era gay, e ele se lembrava de cada declaração, escondendo-as como roupas feias no guarda-roupa de sua mente. Seu favorito absoluto? A novidade, alguns meses atrás, sobre um macho gay que tinha saído com outro macho gay da espécie, e tinha acabado por ser atacado por um grupo de humanos em um beco.

Seu pai não fazia ideia de que estava falando do próprio filho, ao contar esta.

O crime de ódio tinha sido ao final de seu primeiro encontro com Blay, e ele quase tinha morrido em consequência dos ferimentos: Ele não tinha procurado ajuda médica... Havers, o único médico da raça, era um tradicionalista devoto, e se recusava a tratar homossexuais. E ir a um médico humano seria impossível. Sim, havia clínicas 24 horas abertas na cidade, mas tinha-lhe custado toda sua energia meramente se arrastar até sua casa... E ele tinha ficado envergonhado demais para buscar pela ajuda de mais alguém.

Mas Blay tinha aparecido – e tudo tinha mudado para eles.

Por um tempo, pelo menos.

— Ouviu o que eu disse, – seu pai perguntou.

— Que maravilha para ele... Que primo é?

— O filho de Enoch. Foi arranjado. As famílias vão fazer uma festa de fim de semana para celebrar.

— Em sua propriedade na Carolina do Sul?

— Aqui. É hora da raça reestabelecer tradições apropriadas em Caldwell. Sem tradição, não somos nada.

Entenda: Você é inútil se não se encaixar no programa.

Embora naturalmente seu pai usasse termos mais elegantes para dizer aquilo.

Saxton franziu o cenho ao finalmente olhar para o macho. Sentado atrás de sua mesa, Tyhm sempre tinha sido magro, uma personificação de Ichabod Crane, de ternos que se dependuravam como mortalhas funerárias de seus ombros ossudos. Comparado à sua última visita, ele parecia ter perdido peso, sua fisionomia angulosa amparando a pele facial como suportes sob uma barraca armada.

Saxton não parecia em nada com seu pai, aqueles cabelos preto e olhos escuros, pele pálida e corpo esguio não lhe haviam sido premiado pela loteria genética. Em vez disto, sua mãe e ele tinham sido idênticos em disposição e compleição, loiros e de olhos cinzentos com um brilho saudável em suas peles.

Seu pai costumava lhe lembrar o tempo inteiro o quão semelhante ele era à sua *mahmen* – e pensando bem, ele não tinha certeza de aquilo ser um elogio.

— Então no que está trabalhando, – seu pai murmurou, enquanto tamborilava os dedos no mata-borrão de couro.

Acima da cabeça do macho, o retrato de seu próprio pai pairava com desaprovação idêntica.

Quando Saxton foi perscrutado por um par de olhos estreitos, houve uma urgência quase irresistível de responder àquela questão honestamente: Saxton era, de fato, o Primeiro Conselheiro do Rei. E mesmo naquelas épocas, quando o respeito pela monarquia estava em baixa, aquilo ainda era impressionante.

Especialmente para alguém que reverenciava as leis como seu pai.

Mas não, Saxton pensou. Ele ia manter aquilo para si mesmo.

— Eu ainda estou no mesmo lugar, – ele murmurou.

— Direito tributário é um campo complicado. Eu fiquei surpreso quando você o escolheu. Quem são seus clientes recentes?

— Você sabe que não posso divulgar esta informação.

Seu pai desprezou aquilo. — Não seria alguém que eu conheço, certamente.

— Não. Provavelmente não. — Saxton tentou sorrir um pouco. — E você?

O comportamento dele mudou instantaneamente, o súbito desgosto transpareceu e foi substituído por uma máscara que tinha toda a qualidade revelatória de uma estátua de mármore. — Sempre há coisas exigindo minha atenção.

— É claro.

Enquanto ambos continuavam falando alternadamente, a conversa continuava tensa e irrelevante e Saxton passou o tempo pondo a mão no bolso e segurando o iPhone na mão. Ele tinha planejado sua saída, e se perguntava se já seria hora.

E então a hora chegou.

O telefone na mesa, o que tinha sido feito para parecer antiquado, tocou com uma campainha eletrônica quase tão real quanto qualquer coisa que não fosse realmente de bronze produziria.

— Vou te deixar, — Saxton disse, recuando.

Seu pai olhou para o cuidadosamente escondido visor digital... E pareceu esquecer como atender a coisa.

— Adeus, P... — Saxton se interrompeu. Desde que sua orientação sexual fora revelada, aquele era um palavrão pior que *porra*... Pelo menos quando usada por ele.

Quando seu pai só acenou para ele, teve uma breve sensação de alívio. Geralmente, a pior parte de qualquer visita era a partida: quando ele ia embora, e seu pai confrontava uma nova tentativa falha de trazer seu filho de volta, era como uma caminhada cheia de vergonha novamente.

Saxton não tinha se revelado para sua família. Ele nunca tinha tido intenção de que seu pai soubesse.

Mas alguém tinha fofocado, e ele tinha quase certeza de saber quem.

Então, cada vez que ele saía, revivia ter sido chutado para fora desta mesma casa, cerca de uma semana após a morte da mãe: Ele tinha saído com as roupas nas costas, sem dinheiro e sem lugar algum para ficar na proximidade do amanhecer.

Ele soubera mais tarde, que todas as suas coisas tinham sido ritualisticamente queimadas nas florestas atrás da casa da família.

Mais um uso útil para todas aquelas terras.

— Feche a porta ao sair, — seu pai pediu.

Ele ficou mais do que feliz em obedecer: Fechar a porta silenciosamente daquela vez, sem precisar perder nenhum momento em toda aquela dor. Olhou para a esquerda e para a direita, e aguçou os ouvidos.

Silêncio.

Moveu-se rapidamente, ele voltou ao salão e entrou na biblioteca, fechando a porta às suas costas. Tirou o celular e começou a tirar fotos com o coração batendo tão rápido quanto os movimentos dos dedos sobre a tela. Ele não se incomodou em arranjar ângulos ou fazer qualquer coisa de forma sequencial... A única coisa que importava era o foco e a iluminação que estava boa e aquilo ele não mexeu...

O ruído da porta se abrindo diretamente atrás dele o fez girar rapidamente.

Seu pai parecia confuso ao parar no umbral da porta que levava ao escritório.
— O que está fazendo?

— Nada. Eu só estava olhando seus livros. São impressionantes.

Tyhm olhou para as portas que Saxton tinha fechado atrás de si... Como se perguntando por que estariam fechadas. — Você não deveria ter entrado aí.

— Sinto muito. — Disfarçadamente, guardou o celular no bolso, virando o torso de lado como se para apontar para os livros. — É só que... Eu queria admirar sua coleção. As minhas são encadernadas em tecido.

— Você tem um exemplar das Leis Antigas?

— Sim. Eu o comprei em um leilão.

Seu pai se aproximou e tocou as páginas do volume mais próximo que estava aberto sobre a mesa redonda. O carinho do toque naquelas páginas, naquele papel, aquele objeto inanimado... Sugeriu que talvez Saxton não fosse a maior decepção de sua vida.

Se a lei o decepcionasse? O faria em pedaços.

— Do que se trata tudo isto? — Saxton disse suavemente. — Eu ouvi dizer que o Rei foi ferido, e agora... Isto é sobre a sucessão.

Quando não houve resposta, começou a pensar que precisava sair rápido dali: Havia uma alta probabilidade de seu pai ter se aliado ao Bando de Bastardos, e seria estúpido achar que Tyhm hesitaria em entregar seu filho gay para o inimigo, por sequer um segundo.

Ou no caso de seu pai, os aliados.

— Wrath não é Rei para a raça. — Tyhm balançou a cabeça. — Nada bom aconteceu desde que seu pai morreu. Agora, aquele sim era um governante. Eu era jovem quando estava na corte, mas me lembro de Wrath, e ao passo que o filho não se importa com as tradições... O pai era um Rei exemplar, um macho sábio com paciência e majestade. Que geração decepcionante.

Saxton olhou para o chão. Por alguma razão absurda, notou que seus próprios sapatos estavam perfeitamente polidos. Todos os seus sapatos eram. Finos e elegantes, arrumados.

Achou difícil respirar. — Eu pensei que a Irmandade estivesse... Cuidando bem das coisas. Depois dos ataques, eles mataram muitos inimigos...

— O fato de você ter usado a palavra *depois* para completar *ataques* é só o que é preciso dizer. Um comentário vergonhoso... Wrath não se dignou a reinar até casar com aquela mestiça dele. Só então, quando ele ousou contaminar o trono com os genes humanos bastardos dela, fez menção de tentar ser Rei. Seu pai teria odiado isto... Aquela humana usando o anel de sua mãe? É uma desgraça que não se pode... — ele teve de pigarrear. — Simplesmente é inaceitável.

Quando as implicações daquilo chegaram à consciência de Saxton, ele pode sentir o sangue fugir de sua cabeça. Oh, Deus... Por que eles não tinham previsto aquilo?

Beth. Eles iam derrubá-lo através dela.

Seu pai ergueu o queixo, o pomo de Adão pontudo como um punho na frente de sua garganta. — E alguém tinha de agir. Alguém precisa... Fazer algo quando más escolhas acontecem.

Como ser gay, Saxton terminou para o macho. E então ele entendeu...

Era quase como se seu pai estivesse se juntando à rebelião... Só por não poder fazer nada sobre a falha de sua própria progênie.

— Wrath será deposto do trono, — Tyhm disse com força renovada. — E outro, que não esteja afastado dos valores centrais da raça será colocado no lugar dele. Esta é a consequência para alguém que não faz as coisas da maneira apropriada.

— Eu ouvi... — Saxton parou. — Eu ouvi dizer que foi um emparelhamento por amor. Entre Wrath e sua rainha. Que ele se apaixonou por ela quando a ajudou em sua transição.

— O ímpios frequentemente acobertam suas ações no vocabulário dos justos. É um ato deliberado de tentar colocá-los contra nós. Isto não significa que se comportaram bem ou que suas escolhas erradas devem ser apoiadas pela massa. Muito ao contrário... Ele envergonha a raça, e merece tudo o que vai lhe acontecer.

— Você me odeia? — Saxton soltou.

Os olhos de seu pai se ergueram dos livros que iam ser usados para pavimentar o caminho até a deposição. Quando seus olhares se cruzaram acima da impressão em azul da destruição de Wrath, Saxton sentiu-se reduzido a uma criança que, simplesmente, queria ser amada e valorizada pelo único parente que tinha.

— Sim, — seu pai disse. — Eu te odeio.

Sola subiu os jeans pelos joelhos e fez uma pausa. Preparando-se, passou cuidadosamente a cintura da calça pelo ferimento da coxa.

— Nada mal, — murmurou ao puxá-la todo o caminho até sua bunda, e então abotoar e puxar o zíper.

Um pouco larga, mas quando colocou a camisa de manga comprida e o suéter preto confortável, que também lhe tinha sido dado, nem se percebia. Oh, e os Nikes eram do tamanho exato... E ela até gostou do padrão da cor em preto e vermelho.

Foi até o banheiro do quarto de hospital, e verificou seu cabelo no espelho. Brilhante e macio, graças ao secador de cabelos que tinha usado.

— Você está...

Girando para a voz, encontrou Assail parado próximo à cama. Seus olhos queimavam a distância entre eles, seu corpo aparentando imenso.

— Você me assustou, — ela disse.

— Desculpe. — Ele deu uma reverência curta. — Eu bati na porta várias vezes, e quando não respondeu, achei que pudesse ter caído.

— Isto é realmente... Ah, gentil de sua parte. — Sim, *gentil* não podia ser associado a ele de jeito nenhum.

— Está pronta para ir para casa?

Ela fechou os olhos. Queria dizer sim... E é claro, ela precisava ver a avó. Mas estava com medo também.

— Dá para... Ver? — ela perguntou.

Assail se aproximou dela, andando lentamente, como se soubesse que ela estava a uma respiração de surtar. Erguendo as mãos, acariciou os cabelo dela para trás dos ombros. Então tocou o rosto.

— Não. Ela não vai perceber nada.

— Graças a Deus. — Sola exalou. — Ela não pode saber. Entende?

— Perfeitamente.

Virando o rosto para a porta do corredor, ele lhe ofereceu o cotovelo... Como se estivesse levando-a a um baile.

E Sola aceitou só porque ela queria senti-lo contra ela. Conhecer seu calor. Estar próxima a seu tamanho e força.

Era um tipo diferente de inferno, a perspectiva de olhar a avó nos olhos.

— Não pense nisto, — ele disse ao leva-la pelo grande corredor. — Você precisa se lembrar disto. Ela verá em seu rosto se você pensar. Nada aconteceu, Marisol. Nada.

Sola estava fracamente consciente de que os guardas que os receberam neste lugar os seguiam de perto. Mas tinha tantas outras coisas com o que se preocupar... E se aquele bando de homens não tinha puxado aqueles gatilhos quando de sua chegada à instalação, seria difícil imaginar por que se incomodariam com a saída.

Um deles se adiantou e abriu a porta de aço para eles, e o Range Rover estava bem ali onde tinha sido estacionado. Perto dele, os dois primos de Assail estavam parados sombriamente... Vigados por mais daqueles caras, que pareciam incrivelmente perigosos.

Assail abriu a porta de trás do carro para ela e ofereceu sua mão. Ela precisou. Impulsionar-se no SUV causou uma ferroadada na coxa que fez seus olhos lacrimejarem. Mas, ao se acomodar, conseguiu colocar o cinto sozinha, puxando-o sobre o corpo e fixando-o no lugar.

Sola franziu o cenho. Pelo vidro filmado, viu Assail ir a cada homem, um após o outro, e oferecer a mão. Não houve troca de palavras, pelo menos não que tenha visto, mas não precisava ter.

Olhares graves encontraram os olhos de Assail e acenos sutis foram trocados respeitosamente, como se um tipo de acordo tivesse sido firmado entre eles.

Então os primos de Assail se dirigiram à frente do SUV, Assail entrou no banco de trás junto a ela e eles partiram.

Ela só tinha uma vaga lembrança de todos os portões e barreiras que tinham atravessado para chegar àquele lugar... Mas a saída pareceu levar uma eternidade.

Pelo menos ela queria que tivesse levado. Tinha esperança de que, caso passasse tempo suficiente, ela poderia convencer à sua garotinha interior de que não tinha quebrado duas vezes o maior dos Dez Mandamentos, quase sido estuprada, e tinha tido de amputar um cadáver para poder sair do inferno.

Infelizmente, eles estavam de volta à Northway, dirigindo-se ao sul para o centro de Caldwell, num piscar de olhos depois. Ou quase isso.

Quando chegaram as pontes que os levariam sobre o rio e pelas florestas, à fortaleza de Assail eles foram...

Ótimo. Seu cérebro não estava conseguindo se desligar.

Esfregando seus olhos cansados, tentou racionalizar as coisas.

Não conseguiu.

— Sabe, você pode ter razão, – ela disse baixinho.

— Sobre o quê? – perguntou Assail, ao seu lado.

— Talvez tenha tudo sido um sonho. Um sonho ruim, horrível...

O Range Rover tomou a ponte oeste sobre o Hudson, e com o tráfego bom, eles estariam na casa de Assail em cinco ou dez minutos.

Virando-se, ela olhou para o centro que se afastava, todas aquelas luzes como estrelas que tinham caído na terra.

— Eu não sei se posso vê-la, – ela ouviu-se dizendo.

— Não aconteceu.

Olhando a paisagem urbana ficar cada vez menor, ela disse ao seu cérebro para fazer o mesmo com as visões e cheiros e sensações que eram tão próximas, tão próximas: o tempo era uma rodovia e seu corpo e cérebro viajavam nele. Então, ela precisava pisar naquela porra de acelerador e escapar do inferno das últimas 48 horas.

Antes que percebesse, estavam virando na estreita estrada que descia à península que pertencia a Assail. E então seu estômago se afundou quando a casa de

vidro entrou em seu campo de visão, a iluminação dourada refletindo pela paisagem como se o lugar fosse um pote de ouro.

Eles se dirigiram à parte de trás, os faróis varrendo a traseira da mansão. E então lá estava ela. Na janela da cozinha, cabeça erguida para espiar para fora, as mãos buscando por um pano de prato... A avó de Sola estava procurando, esperando... Agora indo para a porta.

Subitamente, tudo deixou sua mente enquanto sua mão voava para destravar a porta.

Assail agarrou seu braço. — Não. Não até entrarmos na garagem.

Ao contrário do resto da viagem, esta medida de segurança levou uma eternidade e aquela porta reforçada baixou como se tivesse todo o tempo do mundo.

No instante em que completou a descida, Sola saltou do SUV e correu para a porta. Estava trancada e em sua mente confusa, a única coisa que lhe ocorreu foi agarrar a maçaneta mais forte e puxar e empurrar...

Alguém destravou-a à distância, porque houve um *clunk!* E subitamente a coisa se abriu.

Sua avó estava do outro lado de uma antessala retangular, parada no centro da cozinha, aquele pano de prato branco erguido ao seu rosto, os cheiros de comida caseira como amor no ar.

Sola correu e sua avó abriu os únicos braços que sempre estiveram lá para abraçá-la.

Ela não teve um conhecimento claro do que foi dito em Português, mas de ambos os lados, as palavras fluíram rápido. Até que sua avó afastou-a e capturou seu rosto nas mãos idosas.

— Porque você está se desculpando? – a mulher perguntou, secando as lágrimas com os polegares. — Sem desculpas para você. Nunca.

Sola foi abraçada novamente e apertada longamente contra aquele peito generoso. Fechou os olhos, cedeu e deixou seu cérebro apagar.

Isto era tudo o que importava. Elas estavam juntas. Elas estavam seguras.

— Obrigada, Deus, — ela suspirou. — Obrigada, querido Deus.

Capítulo VINTE E NOVE

É claro que era Selenia.

Tão logo Trez ouviu a batida na porta de seu quarto, respirou fundo... E sim, o cheiro dela a precedia, invadindo o quarto por debaixo da porta.

Seu corpo endureceu instantaneamente, o pau se esticou em seu baixo ventre, empurrando contra o peso do edredom.

Mande-a embora, uma parte dele disse. Se lhe restou alguma decência... Mande-a embora...

Não exatamente o melhor argumento: Ele estava, afinal, contemplando mandar seus pais à sepultura... Então, ele não tinha muito de bom escoteiro dentro de si.

Ele parou aquele redemoinho mental. Àquela altura, estava tão faminto de sangue, que não ia conseguir fazer nenhum sentido. Alimentar primeiro. Então... Pensar.

Certo. De volta ao Por favor, Deus, que não seja Selenia.

O problema era... Quem mais viria servi-lo? Ele não tinha visto nenhuma Escolhida nesta casa exceto ela e Layla, que agora estava fora turno. E se ele não tomasse a veia que estavam lhe oferecendo, sua única opção seria ir ao clube e tentar se alimentar de meia dúzia de mulheres humanas... Que era uma perspectiva quase tão apetitosa quanto beber líquido de motor.

Havia também o fato de ele estar tão faminto, que não tinha certeza se aquilo seria o suficiente. Outro fato engraçado? Ele não achava que podia ficar em pé para vestir um par de calças jeans. Então como infernos ele iria ao Iron Mask e...

A batida suave se repetiu.

Colocou a mão por baixo da coberta e empurrou a ereção para o lado, de modo que ficasse o mais disfarçado possível... E o contato o fez cerrar os dentes.

Vai ter de ser ela, disse a si mesmo. Uma só vez, e nunca mais.

— Selena... — Merda, o som do nome dela saindo pelos seus lábios o fez sentir como se suas mãos estivessem de volta ao seu pau.

Oh, espere, ele não tinha retirado ela ainda.

Quando a porta se abriu, ele tirou apressadamente o braço sob as cobertas... E olhou-o fixamente, para que permanecesse imóvel.

Doce Maria, Mãe de Deus... Para falar igual ao tira de Boston.

Ela estava tão linda como sempre naquela túnica branca com os cabelos presos para cima, mas sua fome a tornava uma visão transcendental... Que se concentrou diretamente em seus quadris. Sua pélvis imediatamente começou a ondular, o pau implorando por algo, qualquer coisa dela.

Era uma péssima ideia, ele pensou.

E de fato, Selena hesitou na porta, olhando em volta como se reconhecesse o peso que carregava o ar.

Era a última chance de mandá-la embora.

Chance que ele não aproveitou.

— Feche a porta, — ele disse em uma voz tão profunda que soava deformada.

— Está sofrendo.

— Feche.

Clique.

Havia somente um abajur ligado, próximo à espreguiçadeira, e a luz amarelada parecia agir como um isolamento acústico, tornando tudo dentro do quarto amplificado, tudo lá fora silenciado.

Mas talvez fosse a cor dos olhos dela que fazia aquilo.

Ao se aproximar, ela ergueu a manga, expondo o pulso pálido. E em resposta, suas presas se alongaram imediatamente de sua mandíbula superior... E merda, ele não queria o que ela ia oferecer. Ele queria sua garganta... Ele a queria nua e sob seu corpo, seus caninos em seu pescoço assim como seu pau...

Gemendo, ele jogou a cabeça para trás e agarrou o edredom nos punhos.

— Não se preocupe, – ela disse depressa. — Aqui, tome.

A despeito de todo o ar no quarto, seus pulmões começaram a buscar desesperadamente por oxigênio, respirações superficiais bombeando para dentro e para fora de sua boca aberta.

E então a mão dela tocou seu braço, e ele gemeu de novo, tentando virar para o outro lado. Cerrando os dentes, ele soube que era uma coisa *bem ruim*.

— Selenia, eu não... Eu não posso fazer isto...

— Eu não compreendo.

— Você devia ir embora... – Porra, ele mal conseguia dizer as palavras. — Saia ou eu vou...

— Se alimentar, – ela cortou prontamente. — Você precisa se alimentar...

— Selenia...

— Precisa tomar minha veia...

— ...É melhor você ir...

Eles estavam falando um com o outro, chegando a lugar algum, quando ela tomou controle da situação. De início, ele pensou que seu cérebro estava lhe pregando peças... Mas não, foi o cheiro do sangue fresco no quarto. Sangue dela.

Ela tinha aberto o pulso.

Grande erro.

Com um rugido, ele a tomou... E não pelo pulso. Suas mãos largaram o edredom e ele agarrou-a, segurando-a pelos ombros e passando-a por sobre seu colo para deitá-la de costas sobre o colchão.

Ele a montou uma fração de segundos depois, o edredom se interpondo entre eles, as mãos segurando os pulsos dela sobre os travesseiros sob a cabeça.

Uma olhada em seus olhos chocados o fez congelar. E ainda assim ele não conseguia sair de cima dela.

Ele não estava só arfando, estava respirando como um trem de carga, seu corpo todo tenso, os músculos formigando. — Merda... — ele gemeu ao abaixar a cabeça.

Saia de cima dela, ele ordenava a seu corpo. Sai daí, caralho.

A ondulação sob ele demorou um tempo para ser percebida. E então ele soube que era ela. Ela estava... Se movendo contra ele, e não como se quisesse se libertar. Os olhos dela, antes alarmados, estavam agora arregalados, os lábios abertos ao se arquear para ele.

Ela o queria. Puta merda, seu cheiro inundava seu nariz, seu sangue correndo rápido e quente como o dele.

— Selená, — ele grunhiu. — Sinto muito...

— Por quê? — ela disse asperamente.

— Por isto.

Ele golpeou sua garganta, as presas se afundando profundamente, o sangue correndo na língua dele, garganta abaixo. Ao tomar dela, seu corpo bombeava contra o edredom emaranhado, desesperadamente tentando encontrar o núcleo dela através das camadas de lençóis, seu pau latejando, a fricção tornando tudo muito pior.

Enquanto bebia avidamente, um grunhido reverberou para fora de seu peito, enchendo o ar com o som de um animal macho chegando aonde ele precisava... Ou pelo menos, parte do que ele precisava. E de certa forma, talvez fosse bom que ele estivesse tão malditamente faminto de sangue. De outra forma, a urgência sexual teria se sobreposto a tudo.

Desde que só se alimentasse? Eles poderiam sair inteiros daquilo.

Qualquer coisa a mais, e eles estariam...

Minha, uma voz profunda dentro de si anunciou.

Minha.

Selena pensava estar preparada para aquilo. Ela tinha pensado que estava pronta para vir até este quarto, encontrar Trez na cama, e tê-lo em seu pulso. Ela assumira que estava pronta para fazer seu trabalho e manter o desejo por ele em segredo, só para si mesma.

Ao invés disto, ela se perdeu. Pelo poder que ele emanava, pela mordida em seu pescoço... Pelo desespero sexual com o qual ela precisava dele. E havia mais. Esmagada sob seu grande peso, sentindo os quadris empurrarem e recuarem sobre ela, sabendo que estava bebendo de sua veia, ela estava, pelo menos momentaneamente, sem medo das estátuas no cemitério lá em cima. Como ela poderia temê-las agora? Não com seu corpo assim, com braços e pernas, seu próprio sexo, relaxado e ardente e desesperado para recebê-lo.

Abriu os olhos, olhou para o teto por trás dos ombros negros dele. — Tome-me, — ela suspirou ante o rugido dele. — Tome-me...

Em resposta, os dedos dele deslizaram para as suas mãos e se uniram às dela, segurando ao invés de prender enquanto ele se aconchegava em sua veia, as bochechas dele ásperas contra sua pele. Ela abriu as pernas por instinto, e ao fazê-lo, a pressão do torso dele que bombeava atingiram aquele seu coração pulsante, empurrando, esfregando... Mas estava tudo muito indistinto. Ela queria nitidez.

Ela queria ambos nus quando ele fizesse aquilo.

Mas não conseguiu se mover. Trez mantinha-a presa e a frustração que sentiu amplificou a fome que tinha se instalado, a negação do que ela queria desencadeando a necessidade. Empurrando contra suas mãos, ela não chegou a lugar algum, sua força em nada comparada a dele.

— Mais, — ela gemeu quando arqueou a coluna para cima, os seios se apertando dolorosamente, o coração disparado sob as costelas.

Cada sucção em sua garganta, cada sugada em sua veia, toda a pressão dele sobre ela, a levava mais próximo de um tipo de precipício... E ela jamais quisera tanto cair daquele jeito. Mesmo que ela não soubesse aonde a queda a levaria, ela não imaginava que pudesse se erguer ainda mais alto sem se despedaçar.

Ela estava errada.

Só que então, ele parou.

Com um xingamento, ele pareceu se forçar a retrainir... E mesmo então, ele não se afastou muito de seu pescoço. Com suas presas fora de sua pele, a cabeça pendeu lá por um tempo mais longo. Até que ele começou a lamber as feridas da mordida para fechá-las.

Não pode ter acabado, ela pensou freneticamente. Isto não pode ser...

— Sinto muito, — ele disse em voz gutural.

— Por favor... Por favor, — ela pensou roucamente. — Não pare...

Isto o fez erguer a cabeça para ela. E querida Virgem Escriba, ele estava magnífico. Lábios inchados separados, olhos brilhantes pretos, um rubor intenso nas bochechas, ele estava saciado e ainda faminto, o animal macho só parcialmente satisfeito.

E ela estava bem consciente de que parte de sua refeição faltava.

Quando ela tentou alcançá-lo, suas mãos empurraram contra um aperto de aço.

— Tome-me, — ela implorou. — Lá embaixo... Preciso de você lá...

— *Jesus Cristo*, — ele exclamou ao sair de cima dela, quase se jogando para fora da cama.

Em pé, ele pareceu perder o equilíbrio, mas então, andou para o banheiro e fechou a porta ruidosamente.

O frio caiu sobre ela. E não só porque o corpo dele não mais cobria o dela. Era vergonha. Embaraço.

Mas como ela poderia ter entendido tudo errado?

Sentar-se levou algumas tentativas. E quando ela finalmente se ergueu dos travesseiros, passou a mão pela bagunça dos cabelos e puxou a lapela de sua túnica de volta no lugar. Se virando, ela olhou para onde tinham estado deitados. Seu sangue era uma mancha brilhante e vermelha nos lençóis brancos.

Seu pulso ainda sangrava de onde ela tinha mordido.

Cuidou disto com sua língua, jogou as pernas para fora da cama. Elas pareciam fracas demais para aguentar seu peso, mas não tinha escolha, exceto forçá-las a funcionar.

Aproximou-se da porta do banheiro fechada, e colocou uma mão sobre a madeira. Do outro lado, ela podia ouvi-lo respirando com dificuldade.

Ao abrir a boca, na intenção de se desculpar por sua temeridade e então sair... Ela respirou fundo.

O aroma da excitação sexual dele estava mais forte do que nunca, e ela franziu o cenho. Ele ainda a queria. Então por que ele...

Pelo menos sua mortificação podia se acalmar um pouco. — Trez?

— Sinto muito.

Tentou a maçaneta, e a encontrou destrancada... Mas quando começou a abrir a porta, ele gritou, — Não! Não...

Com o cheiro da excitação dele ficava ainda mais forte em seu nariz, ela espiou dentro. Ele estava do outro lado, apoiado nas pias, a cabeça baixa. E fosse lá qual tormento ele estivesse atravessando, seu corpo estava seguro de onde estava.

Sua ereção era... Tão incrível quanto o resto dele.

— Feche a maldita porta! – ele gritou.

Só que ela não ia obedecê-lo nisto. Não depois de sua visita ao cemitério lá em cima. Não depois de ser lembrada tão recentemente quanto esta manhã do que exatamente a esperava: seu corpo estava começando o processo de morte, mas ela sabia bem o suficiente que uma vez que suas juntas comesçassem a enrijecer, tempo era essencial.

Esta podia ser sua única oportunidade de estar com um macho... E ela queria isto. De fato, ela iria querê-lo mesmo que seu futuro não estivesse respirando em seu pescoço.

E seu corpo desejava o dela. Claramente.

Por todas aquelas razões, ela empurrou a porta, abrindo-a completamente.

— Puta merda, – ele murmurou. Então, mais alto, — Selenia, *por favor*.

— Eu quero... Isto.

A cabeça dele balançou. — Não quer.

— Eu quero... Você.

— Não pode... Pelo amor de Deus, Selenia, eu te machuquei.

— Não machucou.

Ele olhou por sobre os músculos esculpidos de seu braço. Seus olhos brilhavam verdes. — Não me pressione agora. Não vai gostar das consequências.

— Vai me fazer implorar?

O corpo enorme dele cambaleou, como se ela estivesse sugando a força ao invés de lhe dar mais. — Não faça isto a nós dois, Selenia. Não esta noite.

Ela franziu o cenho. — Esta noite?

Ele agarrou uma toalha e enrolou-a nos quadris. — Só vá. Eu estou tão... Grato por ter me dado o que eu precisava. Mas não posso fazer isto agora.

Dando-lhe as costas, ele ficou ali, olhando para uma parede branca.

Selenia puxou as lapelas fechadas ainda mais. — O que aflige...

— Pelo amor do fodido Deus, eu já estou destruindo o destino dos meus pais, ok? Não quero fazer o mesmo com você.

— Do que está falando?

Quando ele não respondeu, ela se aproximou dele, seus sapatos de solado de tecido não fizeram som algum. Quando ela tocou seu ombro, ele pulou.

— Trez...

Ele girou e recuou ao mesmo tempo, batendo na parede. — Por favor...

— Fale comigo.

Seus olhos frenéticos perscrutaram o rosto dela, os ombros, seu corpo. — Eu não quero falar agora. Eu quero...

— O quê? — ela suspirou.

— Você sabe o que... Que eu seja amaldiçoado... Eu quero você. Então você precisa mesmo sair daqui, porra.

Eles encararam-se por um longo tempo. E então ela decidiu tomar o controle.

Alcançando a faixa em sua cintura, as mãos de Selenia tremeram quando abriu o nó e deixou a faixa cair ao chão. Ao se abrir, a túnica expôs o centro de seu corpo e seus seios doloridos ampararam as duas metades mantendo-os parcialmente cobertos.

Mas seu sexo estava à mostra. E os olhos dele baixaram... E ficaram por lá.

Os lábios de Trez se abriram, suas presas se alongaram de novo; e agora foi ela que cambaleou em seus pés quando seu núcleo respondeu ainda mais, desabrochando entre suas pernas, enviando um chamado.

Ao qual ele respondeu caindo de joelhos.

Ela não tinha certeza do que esperava, mas não era o que ele fez em seguida.

Ele se aproximou e deslizou as mãos sob as metades da túnica e em sua cintura. Calor foi sua primeira impressão... E aquilo foi seguido por uma sensação imediata e elétrica, um chiado que foi transmitido dele para ela através de suas palmas grandes.

Ele era tão alto que sua cabeça estava bem à altura de seus seios, e tudo o que ela pode pensar em fazer foi correr suas mãos sobre seus cabelos suaves e encaracolados...

Ela perdeu aquela iniciativa ao sentir a boca dele contra seu esterno. E então, pela sua barriga. E então o umbigo.

Ele estava baixando mais, e ela... Ele ia...

Selenia gemeu e quase caiu quando o sentiu roçar o topo de seu sexo nu com os lábios; o toque dele em sua cintura era a única coisa que a mantinha em pé.

A carícia foi gentil e suave, seu rosto e nariz esfregando em sua pélvis, os lábios dele beijando a área externa de sua fenda.

E ela queria mais.

Bem quando estava tentando formular palavras, a língua dele se estendeu para uma lambida provocante, a invasão tão lânguida, que ela não se assustou nada com o quão estranho era. E então ela voltou, entrando novamente, provando-a novamente.

Ele estava ronronando agora.

Desequilibrando à frente, ela apoiou as mãos nos ombros dele e se abriu ainda mais... Mesmo impaciente com o esforço que levou ficar em pé: Ela queria toda sua concentração nele e no que ele fazia com ela. Se preocupar sobre equilíbrio e coordenação...

Ele resolveu aquele problema erguendo-a e deitando-a no tapete de pele na frente da banheira.

Rendendo-se ao que acontecia ali, ela estendeu os braços para cima da cabeça e arqueou as costas, os seios empinando e liberando as metades da túnica, revelado o corpo todo a ele.

— Puta merda, — ele murmurou quando seus olhos viajaram do topo da cabeça dela aos mamilos enrijecidos... Passando pela barriga plana, pelo sexo e pernas.

A mão negra dele criou contraste com a palidez de sua pele quando ele começou a acariciá-la languidamente, da clavícula aos seios. Capturando o peso na mão, ela gemeu e ondulou, com os joelhos dobrados... E totalmente aberta.

A toalha dele se afastou de seu corpo, expondo sua beleza sem pelos e seu sexo formidável.

— Tome-me, — ela pediu a ele. — Me ensine...

Capítulo TRINTA

As lágrimas de seu irmão cheiravam a chuva de verão em asfalto ainda quente.

Ao tomar o caminho de volta do centro de treinamento, voltou a Wrath cada palavra que ele e Tohr tinham compartilhado, cada sílaba e todos os silêncios nos intervalos, ressoavam como dores após uma luta: no fundo de seus ossos, na própria medula, ele sentia os resquícios da conversa que eles tiveram perto da piscina.

Um comentário continuava voltando a ele.

Elas são tão vazias sem um filho quanto nós somos vazios sem elas.

Provavelmente, era a única coisa que, realmente, tinha se sobreposto ao seu medo: para ele, acordar sem Beth, tinha sido o pior tipo de revelação... E se fosse daquele jeito que ela se sentia sem um bebê, então aquele seria um longo período de crise para eles.

Olhe para ele. Ele estava preso a uma vida que odiava, e à uma alucinação de se transformar em psicótico. Ele não queria aquilo para ela... E ele sabia bem demais que estar com alguém a quem amava não era suficiente, se você fosse honesta e fundamentalmente infeliz.

O problema? O fato de ele compreender os sentimentos dela, não mudava toda a merda que o preocupava. Só o fazia sentir a incompatibilidade deles, de modo ainda mais visceral.

George espirrou.

Wrath mudou a guia de mão, se abaixou e acariciou o flanco do cão. — Este túnel sempre irrita o seu nariz.

Deus, o que porra ele ia fazer? Assumindo que ela ia entrar em sua necessidade... Mas talvez, ele estivesse errado e aquilo os salvaria. Mas por quanto tempo? Mais cedo ou mais tarde ela iria se tornar fértil.

Quando George sinalizou que era hora de parar e subir os degraus baixos, Wrath digitou o código, abriu a porta, e um momento depois, estavam no saguão e contornavam a base da grande escadaria. A Primeira Refeição já tinha sido servida, a Irmandade conversava, as vozes profundas e altas. Parou, ouviu o grupo e pensou naquela noite em que Beth tinha passado pela transição. Ela tinha vindo do porão na casa de Darius, e ele tinha espantado os irmãos ao tomá-la nos braços na frente de todos.

Fazia sentido. Naquela época, eles nunca o tinham visto com uma fêmea por perto.

E quando ele retornara da cozinha com o bacon e o chocolate que ela precisava para satisfazer sua fome pós-transicional, a Irmandade tinha se ajoelhado a sua volta, as cabeças baixas, as adagas enfiadas no assoalho do chão.

Eles estavam reconhecendo-a como sua futura rainha. Mesmo que ela não soubesse naquela época.

— Meu senhor?

Wrath olhou por sobre o ombro com um franzir de cenho. — Ei, o que está fazendo aqui, advogado.

Quando Saxton se aproximou dele, seu cheiro evocou todo um mundo de nada-bem. — Eu preciso falar com você.

Por trás dos óculos escuros, Wrath fechou os olhos. — Tenho certeza que sim, — ele murmurou. — Mas tenho de ir à minha Beth.

— É urgente. Eu venho do...

— Ouça, sem ofensa, mas eu deixei minha *shellan* de lado pelos últimos... Merda, nem sei quanto tempo. Esta noite, ela vem em primeiro lugar. Quando eu terminar, se houver tempo, eu te encontrarei. — Ele angulou a cabeça para cima. — George, me leve à Beth.

— Meu senhor...

— Tão logo eu possa, meu homem. Mas nem um segundo antes.

Com rápida eficiência, ele e seu cão subiram correndo a grande escadaria e se dirigiram para a porta que levava ao terceiro andar.

De repente, uma sensação oscilante o fez cambalear, até ter de esticar a mão e se apoiar na parede.

Mas a esquisitice passou tão logo o atingiu, e recuperou seu equilíbrio, as botas novamente solidamente posicionadas no chão.

Ele virou a cabeça para a esquerda e para a direita, como se costumava fazer quando ainda tinha alguma visão para se guiar. No entanto, não percebeu nada. Ninguém o empurrava por trás. Não havia correntes de vento soprando da sala de estar até o fim do corredor. Não havia brinquedos para tropeçar no chão.

Estranho.

Tanto faz. Ele só queria chegar a sua Beth... E ele sentia que ela estava lá em cima, no quarto deles.

Esperando por ele.

Quando chegou ao final da escada, pensou em seus pais. De tudo o que sabia, eles o amavam loucamente. Não havia como discordar disto. Ele tinha sido esperado e planejado e dado a eles pelo destino, ou os deuses, ou pela sorte.

Ele desejava que ele e sua Beth estivessem nessa mesma sintonia. Ele realmente queria.

Enquanto Anha ouvia seu nome através de uma grande distância, sentia como se estivesse se afogando.

Sendo tragada para a profunda inconsciência, ela sabia que estava sendo chamada, e ela queria responder ao chamado. Era seu companheiro, seu amado, seu hellren que estava falando com ela. E ainda assim ela não conseguia alcançá-lo, seu desejo ceifado por algum grande peso que se recusava a deixá-la ir livre.

Não, não um peso. Não, era algo introduzido em seu corpo, algo estranho à sua natureza.

Talvez fosse a criança, ela pensou com horror.

Mas não era para ser assim. O bebê concebido em seu útero deveria ser uma bênção. Um golpe de sorte, um presente da Virgem Escriba para assegurar o próximo Rei.

E ainda assim, tinha sido após sua necessidade que ela tinha começado a sentir a doença. Ela tinha escondido os sintomas e a preocupação o máximo que pôde, protegendo seu amado da preocupação que tinha se entranhado nela. Mas ela quase tinha perdido aquela luta; tinha caído no chão ao lado dele na festa...

A última coisa que ela tinha ouvido claramente, era ele chamando seu nome.

Ao engolir, ela provou o familiar vinho encorpado de seu sangue, mas o poder ruidoso que vinha das veias dele não se seguiu.

A doença a estava levando, pouco a pouco, tirando sua capacidade e também sua funcionalidade.

Ela ia morrer daquilo, fosse o que fosse.

Adeus... Ela queria dizer adeus à Wrath. Se ela não conseguisse reverter isto, pelo menos ela podia expressar-lhe seu doce amor antes de ir para o Fade.

Evocando os resquícios de sua força vital, ela lutou contra a corda que a prendia em seu estupor, lutando com desespero, rezando pela força que precisava para vê-lo uma última vez.

Em resposta, as pálpebras dela se ergueram lentamente e somente em parte, mas sim, ela viu seu amado, a cabeça dele caída, o corpo colapsado ao seu lado em sua cama nupcial.

Ele estava chorando abertamente.

Sua mente comandava sua mão a se esticar, a boca a se abrir e falar, a cabeça se virar para ele.

Nada moveu; nada foi dito.

A única coisa que saiu foi uma lágrima solitária que se formou no canto de seu olho, inchando até se escorrer pela bochecha gelada.

E então foi isso, suas pálpebras voltaram a se fechar, seu adeus dado, sua força acabada.

De repente, uma névoa branca ferveu dos cantos do campo escuro de sua visão, suas camadas ondulantes substituindo a cegueira que tinha sido forjada sobre ela. E de fora de suas curvas e iluminação estranha, uma porta chegou a ela, se adiantando como se nascida da nuvem.

Ela soube sem lhe ter sido dito que se ela a abrisse, se ela esticasse a mão para a maçaneta dourada e abrisse o portal, ela seria bem-vinda no Fade... E não haveria retorno. Ela também estava consciente da convicção de que, se ela não agisse em um tempo previsto, ela perderia sua chance e ficaria perdida no Limbo.

Anha não queria ir.

Ela temia por Wrath sem ela. Havia poucos dignos de confiança na corte... E tantos a serem temidos.

O legado deixado pelo seu pai tinha sido podre. Isso só não tinha sido evidente no início.

— Wrath... — ela disse para a névoa. — Oh, Wrath...

O tom ansioso em sua voz ecoou ao seu redor, ricocheteando em seus próprios ouvidos além da paisagem branco-no-branco.

Olhando para cima, ela teve alguma esperança de que a Virgem Escriba aparecesse em sua túnica e seu esplendor e se apiedasse dela.

— Wrath...

Como ela podia deixar a Terra quando tanto dela seria deixado para trás...

Anha franziu o cenho. A porta a sua frente parecia ter se afastado. A menos que ela tivesse imaginado?

Não, ela estava recuando. Lentamente, inexorável.

— Wrath! — ela gritou. — Wrath, eu não quero ir! Wraaaaath...

— Sim?

Anha gritou ao girar de volta. De início, ela não tinha ideia do que a confrontava: Era um garotinho de talvez sete ou oito anos, de cabelos pretos, olhos pálidos, seu corpo tão dolorosamente magro que ela imediatamente pensou que devia alimentá-lo.

— Quem é você? — ela guinchou. E ainda assim, ela sabia. Ela sabia.

— Você me chamou.

Ela colocou a mão na barriga. — Wrath...?

— Sim, mahmen. — A criança fitou a porta com olhos que pareciam ancestrais.
— Você vai atravessar para o Fade?

— Eu não tenho escolha.

— Não é verdade.

— Eu estou morrendo.

— Você não precisa estar.

— Eu estou perdendo a luta.

— Beba. Beba o que está sendo posto em sua boca.

— Não posso. Não consigo engolir.

A cadência de suas palavras era crescente, mais rápido e mais rápido; como se soubesse que estava ficando sem tempo... E por extensão, ele também.

Aqueles olhos dele, de um verde tão pálido... E havia algo estranho neles. As pupilas eram pequenas demais.

— Não consigo beber. — ela repetiu. Querida Virgem Escriba, sua mente estava confusa além da medida.

— Siga-me e conseguirá.

— Como?

Ele esticou a mão para ela: — Venha comigo. Eu te levarei para casa, e então você beberá.

Ela olhou para a porta. Havia um puxão nela, um cordão que a fazia querer ir adiante e completar o ciclo que tinha iniciado quando ela tinha desmaiado no chão.

Mas o que ela sentiu pelo seu filho ainda era mais forte.

Se virando, ela deu as costas ao portal. — Me leve de volta a seu pai?

— Sim. De volta a ele e a mim.

Aproximando-se, ela enlaçou sua mão na palma cálida de seu filho ao invés maçaneta da porta, e ele a guiou, escoltando-a para fora da névoa branca, para longe da morte que tinha vindo a ela, em direção a...

— Wrath? — ela suspirou para a escuridão que clamava a ambos.

— Sim?

— Obrigada. Eu não queria ir.

— Eu sei, mahmen. E algum dia, você me devolverá este favor.

— Devolverei?

— Sim. E tudo ficará bem.

Ela não ouviu o resto do que ele disse: Como uma sucção tinha-a puxado para baixo, uma explosão súbita a levou para fora, o empurrão atacando cada parte dela ao mesmo tempo. E então um grande vento a atingiu no rosto, empurrando seu cabelo para trás, deixando-a sem fôlego.

Anha não sabia onde terminaria.

Tudo o que podia fazer era rezar para que, aquilo que tinha vindo a ela fosse mesmo sua prole... E não algum demônio, para enganá-la. A única coisa pior do que não voltar, seria ser enganada por toda a eternidade por aquele a quem ela amava...

— Wrath! — ela gritou no turbilhão. — Wraaaaaaath...!

Capítulo TRINTA E UM

Trez sabia que nada daquilo devia estar acontecendo.

Não do jeito que tinha se alimentado da garganta de Selenia ao invés do pulso. Não aquela loucura de merda na cama. E realmente, totalmente não o fato de que ela estivesse deitada no tapete de pele, os seios nus diante de seus olhos, o sexo pronto para ser tomado, o cheiro que era pura excitação.

— Tome-me, — ela disse na voz mais sexy que ele já ouvira. — Ensine-me...

O olhar dela estava tão vidrado quanto o dele, e de certa forma, ele não compreendeu. Ela o rejeitou antes, e agora... Agora ela o queria?

Quem se importa, Sua ereção latejou. Quem se importa! Tome-a! Ela nos quer!

Nós. Como se houvesse duas partes dele. E realmente, aquilo não era tão estúpido quanto parecia. Seu pau estava, de fato, falando sozinho àquela altura.

— Selenia, — ele gemeu. — Tem certeza? Se eu provar mais de você... Em qualquer lugar... Não conseguirei parar.

Inferno, ele mal conseguia se segurar naquela pausa.

Ela esticou a mão e acariciou seu antebraço. — Sim.

Cale-se! Sente-se!

Ótimo, agora ele estava incorporando o pai de Howard Stern.

— Selenia, eu não... Mereço isto.

— Eu desejo você. E isto te torna merecedor.

Eu te disse para não ser estúpido, seu burro.

Sim, aquilo era definitivamente Ben Stern.

Trez fechou as pálpebras e cambaleou, pensando que parecia uma cruel virada do destino sendo oferecida esta noite.

— Por favor, – ela disse.

Aw, porra. Como se ele fosse dizer não a ela?

Quando ele abriu novamente os olhos, não sabia como ia conseguir fazê-los passar pela experiência sexual sem se machucarem. Era o pior momento possível para abrir esta lata de vermes, mas ele não ia se afastar dela: Ele estava ferido em lugares que não gostaria de descobrir por si mesmo, e isto tudo ia ser um Band-Aid, algo que ia ajudá-lo.

Mesmo que fosse só temporário.

E pelo menos, ele podia fazer seu melhor para tornar aquilo tudo bom para ela também.

Movendo-se para Selena, ele apoiou os braços de ambos os lados de seu corpo ondulante, e lenta e inexoravelmente trouxe a boca para baixo até estar a meros milímetros acima da dela.

— Não tem volta, – ele gemeu.

Ela passou os braços ao redor do pescoço dele. — Sem arrependimentos.

Parecia justo.

Para selar o acordo, ele beijou-a, esfregando a boca contra a dela, pedindo até ela abrir a dela. A língua dele já tinha estado em seu sexo... Mas somente em um nível. Inferno, ele chocou-se com aquela lambida. Agora? Não havia como se segurar. Ele estendeu-se sobre ela completamente, fundindo sua boca na dela, virando a cabeça para o lado ao tomar seus lábios.

Era a dicotomia mais estranha. Ele estava pronto para tomá-la, preparado para abrir-lhe as pernas e se afundar naquele lugar quente e úmido entre suas coxas... E sim, ele queria marcá-la internamente com sua ejaculação, deixando sua essência totalmente dentro e fora dela, para que nenhum macho ousasse tocá-la, olhá-la.

Ainda assim ele tinha o tempo todo do mundo para aquele beijo.

Mas também, ela era doce como vinho gelado, suave como Bourbon, encorpada como vinho do porto. E ele já estava embriagado antes mesmo de erguer a cabeça para respirar.

Mas ele não ia ficar para sempre. Havia outro lugar onde queria ir.

Ao beijá-la pescoço abaixo, arrependeu-se das marcas cruas que tinha deixado em sua veia, e acariciou-a com os lábios uma vez, depois outra.

— Eu sinto muito, — ele disse, asperamente.

— Por quê?

Teve de fechar os olhos de novo quando aquela voz rouca dela penetrou sua bruma... E prontamente o excitou ainda mais. O que ela tinha perguntado... Oh, sim.

— Eu não devia ter sido tão bruto.

— Bem, eu não me importo de ser dominada. Nenhum pouco.

Eeeeeee aquilo o fez ver dobrado.

— Você vai voltar ao que estava fazendo? — ela perguntou.

Claro que ia. — Sim... Agora mesmo. Se você quiser...

A ondulação de seu corpo e gemido foram as melhores respostas que ele jamais ouvira.

Tentando manter controlada a sua besta interior, ele beijou toda a clavícula dela e então teve de se afastar para observá-la. Os seios eram os mais lindos que já tinha visto: ela era constituída com perfeição, os mamilos no topo dos montes pálidos, a pele suave, a respiração uma provocação para o autocontrole dele.

Ele foi tão cuidadoso quanto tinha sido com a boca dela.

Esticando a língua, ele lambeu um círculo em volta do mamilo dela... E a julgar pelo modo que as mãos dela agarraram seu cabelo, ela aprovou.

— Oh... — ela gemeu.

Ele sorriu antes de sugá-la. Sugando, se acomodou de lado e passou uma mão pela cintura dela, seus quadris, sua coxa... A parte interna das coxas.

Ela abriu caminho para ele como água, seu corpo lânguido e confiante enquanto ele sugava e subia seu toque alguns centímetros, e mais alto. Ele estava quase em seu núcleo, e planejando exatamente onde acariciá-la quando...

A imagem de uma humana invadiu o espaço entre suas orelhas.

De início, ele não conseguiu entender o que caralhos seu cérebro tinha captado... Mas então reconheceu a mulher aleatória com quem tinha transado no banco de trás do carro há mais de um ano. E a clareza foi mortal. Ele viu tudo em alta definição, o batom manchando o dente da frente, os rímel escorrendo sob os olhos, o silicone mal implantado que deixara os mamilos tortos.

Mas nada disto era a pior parte.

Não, o pior era o jeito que a cabeça dela se movia para frente e para trás, para cima e para baixo... Porque ele estava dentro dela. Seu pau estava afundado em seu sexo, entrando e saindo, o ritmo crescente para que ele pudesse gozar e acabar logo com aquilo.

A ereção dele, a que estava pronta para deslizar para dentro de Selena, tinha estado na latrina. Tinha estado em... Centenas de humanas sujas que não tinham apresentado testes negativos de DSTs ou que já tinha contraído AIDS por deixarem vagabundos como ele entrarem em suas calcinhas.

O fato de que não pudesse contrair tais doenças não importava nem um pouco.

Imundície era imundície.

Pulando para trás, ele sibilou e fechou os olhos, tentando se livrar daquela merda toda.

— Trez?

— Desculpe, eu... — Balançando a cabeça, ele voltou a fitar seus seios... E sentiu náuseas de ódio por si mesmo. — Eu só...

Outra mulher humana pipocou em seu cérebro, desta vez a corretora imobiliária que tinha fodido no galpão que tinha acabado de comprar: Ele visualizou as mãos abertas dela, apoiadas contra a parede enquanto a fodia por trás, a aliança de casamento brilhando.

— Sinto muito, — ele grunhiu. E então balançou mais a cabeça... Como se as memórias fossem objetos que pudesse derrubar da mesa da consciência. — Eu estou...

Em rápida sucessão, ele viu a morena que ele tinha deixado chupá-lo no escritório. A ruiva que tinha comido junto com a loira no banheiro do clube. O *ménage* com aquelas colegiais, a gótica no cemitério, a garçonete no Sal's, a farmacêutica quando fora comprar Motrin aquela tarde, a *bartender* naquele lugar, a mulher que conhecera na concessionária de automóveis...

Rápido e mais rápido, até as imagens parecerem balas uma após a outra após a outra, atirando de seu cérebro.

Ao sair de cima de Selenia, parecia bizarro e totalmente inadequado que a única coisa que pudesse pensar era que os Sombras tinham razão.

O sexo com humanas o tinham contaminado.

E ele estava pagando o preço pelo veneno, aqui e agora.

Sentado à mesa da cozinha, tudo o que Assail fez foi olhar para os primos. O par de matadores de aluguel, traficantes de droga e executores não só tinham se lavado antes da refeição, como agora estavam recostados em seus assentos e parecendo querer afrouxar as calças.

Quando a avó de Marisol se levantou de novo, Assail balançou a cabeça. — Madame, a senhora deveria aproveitar a refeição com a qual teve tanto trabalho.

— Eu estou aproveitando. — Ela foi para o balcão e cortou mais pão. — Estes garotos, eles precisam comer mais. Magros demais, magros demais.

Naquele passo, ela ia transformar seus ajudantes em... Qual era a expressão? Obesos mórbidos?

E só para constar, mesmo que estivessem cheios a ponto de explodir, os dois machos aceitaram mais um pedaço de seu pão caseiro, e laboriosamente cobriram com manteiga adocicada.

Inacreditável.

Assail olhou para Marisol. A cabeça dela estava baixa, o garfo só remexia a beirada da comida. Ela não tinha comido o suficiente, mas tinha aberto o vidro cor de cobre de pílulas que a Dra. Jane tinha lhe dado para tomar uma das pílulas laranja-acinzentadas de dentro.

Ele não era o único observando-a. Os olhos de água da avó monitoravam tudo: Cada movimento daquele garfo, cada gole no copo de água, todo o ato de não comer que se desenrolava.

Marisol, por sua vez, não olhava ninguém. Depois da reunião emocionada com sua parenta, ela tinha se fechado, seu olhar fixo na comida, sua voz limitada a respostas curtas de... Sim... E... Não... Sobre temperos e molhos.

Ela tinha retornado para um lugar onde ele não a queria perdida.

— Marisol, – ele disse.

A cabeça dela se ergueu. — Sim?

— Quer que eu te mostre seu quarto? – no instante em que aquilo saiu de sua boca, ele olhou para a avó. — Se me permite, é claro.

De acordo com os velhos costumes, a senhora de idade seria a *ghardian* de Sola, e embora raramente ele demonstrasse respeito a humanos, parecia apropriado ser respeitoso à mulher.

A avó de Marisol concordou. — Sim. Eu trouxe as coisas dela. Lá.

De fato, havia uma mala de rodinhas à entrada do grande cômodo.

Ao voltar a se concentrar em sua própria comida, ele podia jurar ter visto um sorriso leve nos lábios da avó.

— Eu só estou tão exausta. – Marisol se levantou e pegou o prato. — Sinto como se pudesse dormir para sempre.

Não vamos falar nisto, ele pensou ao também se levantar.

Depois dela beijar a avó na bochecha e falar na língua materna, ele a seguiu, colocando os pratos na pia, e então se dirigiu à mala. Ele queria abraçá-la. Mas não o fez. Ele, no entanto, pegou a bagagem para a qual ela se encaminhava.

— Permita-me, – ele disse.

A calma com a qual ela cedeu, lhe informou que ela ainda tinha dor. E assumindo a frente, ele a levou para as escadas. Havia duas: uma que ia para o quarto dele, outra que descia para o porão, onde havia cinco quartos.

A avó e os primos estavam no andar inferior.

Olhando por sobre os ombros, ela estava em silêncio e séria atrás dele, os olhos baixos, seus ombros caídos de uma fadiga que era mais do que somente física.

— Você ficará no meu quarto, – ele disse a ela. — Só você.

Ele não ficaria com ela. Não com a avó na casa.

Mesmo que o pensamento estivesse lá e ele quisesse.

— Obrigada, – ela murmurou.

Antes que ele soubesse o que estava fazendo, ele abriu a porta com o pensamento, expondo as escadas altamente polidas branco-e-preto.

Oh, merda, ele pensou.

— Detector de movimento, huh, – ela disse, despreocupadamente.

— De fato.

Quando ela começou a subir os degraus, Assail tentou não notar os movimentos de seu corpo. Parecia o cúmulo do desrespeito... Especialmente por ela estar mancando.

Mas querida Virgem Escriba, ele a queria mais do que tudo.

Seu quarto se estendia por todo o andar superior, o espaço octogonal proporcionando uma visão 360 graus do rio, o centro urbano distante de Caldwell, as florestas ao oeste. A cama era redonda com uma cabeceira curva, sua plataforma diretamente ao centro do quarto sob um teto espelhado. Os “móveis” eram embutidos: armários de nogueira trabalhados com criados-mudos, escrivainhas, e a área trabalho, absolutamente nada ficava no caminho das paredes de vidro.

Apertando um comutador próximo à porta, ele acionou as persianas, que saíram de seus compartimentos escondidos, com as extensões flutuantes ondulando até se fixarem no lugar.

— Para sua privacidade, — ele disse. — O banheiro é por aqui.

Ele passou por um batente de porta e apertou outro comutador. O esquema de cores do quarto era amêndoas e creme, e se repetia no chão de mármore e paredes e balcão da privada. Engraçado, ele nunca tinha, de um jeito ou de outro, pensado na decoração, mas agora ele estava feliz pelos tons calmos. Marisol merecia a paz que suas lutas árduas tinham lhe rendido.

Quando ela andou pelo banheiro, seus dedos acariciaram os veios do mármore como se tentasse se apoiar.

Se virando para ele, ela o encarou. — Aonde você vai dormir?

Nunca foi de hesitar em declarar sua posição, entretanto pigarreou. — Lá embaixo. Em um quarto de hóspedes.

Ela cruzou os braços no peito. — Não há outro quarto aqui em cima?

Ele sentiu as sobrancelhas se erguerem. — Há um sofá-cama.

— Você pode ficar? Por favor.

Assail se viu pigarreando de novo. — Tem certeza que é apropriado com sua avó aqui?

— Eu tenho pesadelos terríveis, se ficar sozinha, não vou conseguir dormir.

— Então eu fico feliz em atender seu pedido.

Ele só tinha de se certificar de ser a única coisa que faria...

— Bom. Obrigada. — Ela olhou para a Jacuzzi atrás de seu box. — Ela parece incrível.

— Deixe-me enchê-la para você. — Ele se adiantou e puxou as torneiras de bronze, a água quente clara como cristal. — Ela é bem funda.

Não que ele já tivesse usado.

— Há também uma pequena cozinha aqui. — Ele abriu uma porta escondida, revelando um frigobar, um minúsculo forno de micro-ondas e uma cafeteira. — E há mantimentos no armário ali em cima se ficar com fome.

De fato, ele era um mestre da obviedade, não era.

Silêncio incômodo.

Ele fechou o pequeno gabinete. — Vou esperar lá embaixo até você terminar o seu...

O colapso de Marisol chegou sem preâmbulos, os soluços balançando seus ombros quando ela colocou a mão na cabeça e tentou manter o barulho sob controle.

Assail não tinha experiência em confortar fêmeas, mas foi a ela, sem pensar duas vezes. — Querida, — ele murmurou, ao puxá-la para seu peito.

— Eu não posso fazer isto. Não está funcionando... Não consigo...

— Não consegue o que? Fale comigo.

Abafada em sua camisa, a resposta dela foi clara o bastante. — Eu não posso fingir que não aconteceu. — Ela ergueu a cabeça, os olhos luminosos de lágrimas. — É tudo o que vejo, cada vez que eu pisco.

— Shh... — ele afastou uma mecha de cabelo para trás da orelha dela. — Está tudo bem.

— Não está...

Enlaçando o rosto dela com as mãos, ele sentiu raiva e impotência. — Marisol...

Como resposta, ela agarrou e apertou os pulsos dele... E no silêncio tenso que se seguiu, ele teve a impressão de que ela estava lhe pedindo algo.

Querido Deus, ela queria algo dele.

Estava evidente na imobilidade de seu corpo, na selvageria de seu olhar, naquele aperto sobre seus pulsos.

Assail fechou os olhos brevemente. Talvez ele estivesse interpretando tudo errado, mas ele achava mesmo... Embora de qualquer forma, não seria de se estranhar, dado tudo o que tinha ela passado.

Ele deu um passo para trás. — A banheira está quase cheia, — ele disse roucamente. — Eu vou verificar as acomodações de sua avó, sim? Chame se precisar de algo antes de eu retornar.

Indicando o intercomunicador interno da casa, ele rapidamente saiu, fechando a porta às suas costas. Se apoiando contra ela, quis bater a cabeça algumas vezes, mas não quis alertá-la de seu conflito.

Passando a mão na frente de suas calças, arrumou sua ereção em uma posição socialmente aceitável... Mas no instante em que o contato foi feito, gemeu e soube que precisava cuidar daquilo.

Ele mal chegou ao banheiro do escritório do primeiro andar. Trancando-se dentro, apoiou as mãos no mármore da pia e baixou a cabeça.

Ele aguentou somente três batidas rápidas de coração.

O cinto foi aberto com a espontaneidade do tecido se abrindo, e os botões de suas calças foram igualmente abertos... E então seu pau, seu pau latejante e duro como rocha explodiu para fora dos quadris.

Mordeu o lábio inferior, agarrou a si mesmo e começou a acariciar, seu peso inteiro se inclinando naquele braço que ele mantinha esticado, o prazer tão intenso a ponto de doer.

O gemido que ele soltou ameaçou conduzi-lo, mas não podia fazer nada sobre aquilo. Ele estava muito perto do buraco do coelho para parar ou mesmo alterar o curso de suas reações.

Mais rápido, para cima e para baixo... Até que morder seu lábio não era mais suficiente: Ele teve de virar a cabeça no braço e morder seus bíceps, suas presas se afundaram profundamente no músculo através do suéter, através da camisa.

O orgasmo o atingiu forte, os picos afiados como facas o atravessaram, a ejaculação foi apanhada em sua própria mão, quando cobriu a si mesmo.

Mesmo a ponto da liberação, ele honrou sua Marisol: Deliberadamente manteve todas as imagens fora de sua mente, determinado a fazer daquilo um ato somente físico.

Quando acabou, não se sentia nem um pouco aliviado.

E ele se sentiu sujo mesmo depois de se limpar.

Capítulo TRINTA E DOIS

Beth encontrou o kit de medicação na pia do banheiro. Depois de surtar sobre a condição da mesa de bilhar e tudo o mais, ela tinha subido e imediatamente se dirigiu ao quarto para tomar um banho de chuveiro... Onde ela tinha encontrado o estojo de couro preto no balcão entre sua pia e a de Wrath.

De início, ela pensou que fosse o estojo de um dos óculos escuros de Wrath, só que era flexível e não rígido.

E foi quando esticou a mão para pegar a coisa que a primeira onda a atingiu.

Quente, um úmido ar irradiou de todo o seu corpo, da nuca à extensão das pernas, do rosto e garganta à barriga e abaixo até os pés.

Como se ela já tivesse ligado o chuveiro.

Ignorando a sensação, ela abriu o zíper do kit. Não eram óculos de sol. Ao invés disto, havia um vidrinho contendo um líquido claro e três seringas, todos amarrados como se estivessem seguindo as leis de trânsito para uma viagem de carro, usando cintos de segurança. O rótulo da garrafinha estava virado para o outro lado, desta forma, ela mexeu para poder ler.

Morfina.

Ela nunca tinha visto algo assim nas coisas de Wrath. E não era difícil adivinhar que ele poderia ter ido até a Dra. Jane... Ou inferno, até mesmo Havers... Para se preparar para a eventualidade de ela realmente passar pela sua...

Outra explosão de calor caiu sobre ela, e ela careteou para a ventilação acima. Talvez Fritz devesse chamar a manutenção...

Quando seus joelhos cederam sem nenhum aviso, ela mal teve tempo de se segurar no balcão, o kit caiu na pia de Wrath, os dois vidros de perfume Chanel dela se batendo um no outro. Com um grunhido de animal ferido, ela tentou se erguer, mas seu corpo não parecia entender os comandos do cérebro.

Ele estava em seu próprio caminho.

Um poder imenso e vulcânico explodiu para fora dela, tirando-lhe a força de manter-se acima do chão. Caindo, ela se embolou toda, abraçando o baixo ventre, puxando o joelho até o peito. O mármore frio mal foi registrado enquanto a floresta de fogo sob sua pele mudava para uma urgência descontrolada, uma necessidade sexual incontrolável que requeria somente uma coisa.

Seu companheiro.

Virando-se de costas, ela rolou para o lado, e então de bruços. Arranhando o chão escorregadio, ela esfregou as coxas, tentando um pouco de alívio, alguma pausa na dor que tomava controle de tudo.

Quantas horas? Ela tentou pensar... Quantas horas Layla tinha dito que duraria?

Vinte e quatro? Não, mais...

Beth chorou ao sentir outra explosão atravessar seu corpo, o suor jorrando de seus poros, as presas alongando dentro da boca.

E isto era só o começo, uma parte distante dela reconheceu. Só o primeiro ataque... E ia piorar: conforme o tempo passasse, os hormônios deixá-la-iam incapaz de qualquer coisa além de respirar.

E pensar que tinha voluntariamente buscado aquilo?

Loucura.

A necessidade era como um par de punhos golpeando seu corpo a ponto de ela achar que quebraria alguns ossos. Não, não, isto ia matá-la... Como podia não matá-la? E a necessidade de sexo? Não era nem mais a respeito de ter um filho. Era questão de sobrevivência...

Wrath.

Oh, Deus, ele ia subir aqui. Quando terminasse a conversa com Tohr. E ele ia encontrá-la no chão... E então o quê?

Mesmo sob o redemoinho de seus hormônios, ela conseguia pensar na conclusão daquilo... Ele iria estar em uma posição horrível: ou servi-la e viver com as consequências que odiaria, ou observá-la sofrer.

O que ele jamais faria.

As palmas de suas mãos fizeram ruídos no chão escorregadio ao se apoiar para se erguer. Escalou os puxadores das gavetas como se fossem uma escada, e teve de parar para se recuperar apoiada no balcão, a visão ondulando, os olhos lutando para se focar enquanto seu corpo implorava pelo sexo que simplesmente não podia ter.

Antes de sucumbir inteiramente a isto, ela ia ter de cuidar sozinha das coisas.

Suas mãos tremiam tão intensamente, que levou diversas tentativas para pegar o kit, mas eventualmente, conseguiu e colocou-o no chão. Hora de nova pausa no mármore gelado. Mas não muito longa. As ondas estavam vindo mais forte e mais rápido a cada vez.

Dedos desajeitados, o vidrinho escapou de seu alcance, deslizando para longe.

Ela chorava ao arrastar o corpo para junto dele, braços esticados, mãos Tateando...

— Beth, — uma voz disse. — Oh, Deus... *Beth*.

Uma mão masculina caiu do céu, buscando por ela, buscando no próprio ar por ela... E através do atoleiro, ela lutou para processar os “comos” e “porquês” — exceto que seu corpo fez a conexão por ela.

Wrath.

Quando as botas entraram em seu campo de visão, seus hormônios explodiram, respondendo a presença dele e elevados a um nível que era não somente Inferno na Terra, mas sob sua pele, fervendo seu sangue, fazendo-a gritar por aquilo que só ele podia lhe dar.

Mas aquilo jamais aconteceria.

— Vá em frente... — ela chorou em uma voz entrecortada. — Drogue-me... Ou me dê...

Wrath se ajoelhou ao lado dela. — Beth...

— Dê-me as drogas! Eu aplico.

— Não posso deixá-la.

Prendendo-o com um olhar duro, ela não teve energia para lutar contra ele. —
Me dê a porra das drogas!

O corpo de Wrath tinha começado a responder assim que ele tinha tomado as escadas para seus aposentos... E no momento em que entrou no banheiro, sabia exatamente o que estava acontecendo. Além da solução: cada instinto dele rugia para servir sua fêmea, acalmar o sofrimento dela da única maneira que importava.

Estremecendo, caiu de joelhos, tateando em volta para encontrá-la, seguindo os sons de sua voz e os movimentos espasmódicos que o corpo dela fazia contra o chão de mármore. Ela estava incoerente, chorando de dor, perdida nas contrações de sua necessidade.

— Dê-me a porra das drogas!

Levou um momento para a exigência dela se assentar em sua mente, e então ele percebeu que aquele era o momento na vida onde o caminho se desdobrava... E em sua mente, nenhuma das opções era boa.

— Wrath... — ela grunhiu. — Wrath... Só me anestesie.

Ele pensou no kit que tinha deixado no balcão. Tudo o que tinha de fazer era abrir, encher a seringa e injetar a morfina nela. E então o sofrimento estaria acabado...

Só parcialmente, uma parte dele salientou...

Uma nova carga de necessidade explodiu no corpo de Beth, seu soluço se ergueu ao volume de outro grito, os membros se chocando nele diante dos espasmos dela.

Ele não saberia dizer quando foi, exatamente, que sua mente tomou a decisão. Mas de repente, suas mãos voaram para o zíper de suas calças de couro, a medicação foi esquecida, a direção escolhida.

— Aguenta, *leelan*, – ele grunhiu ao libertar sua ereção. — Aguenta, eu vou tomá-la...

Claro que iria.

Só que quando tateou em volta para as pernas dela e tentou tirar as calças jeans que ela vestia, levou tempo demais: o corpo dela resistiu, as pernas se movimentando enquanto ela se contorcia e revirava no chão... Quando ele finalmente conseguiu tirar a porra das calças, não perdeu tempo. Forçou-a a ficar imóvel, enterrando as mãos nos quadris dela, e então ele...

Beth berrou o nome dele ao senti-lo entrar, as unhas ferindo os ombros dele, seus seios se apertando contra o peito dele. Ele gozou imediatamente, as bolas se contraindo e então liberando... E não estava preparado para a resposta dela. Ao gozar junto com ele, o sexo dela ordenhou-o, pressionando seu comprimento, praticamente o puxando...

Ele gozou de novo. Tão violentamente, que mordeu a própria língua.

Bombeando contra ela, bombeando dentro nela, ele deixou-se ir violenta e selvagememente... Até seu corpo tomar uma pequena pausa para se recuperar. E foi quando ele sentiu a diferença que tinha feito nela: ela, também, estava em um curto descanso, a tensão em seu corpo se desenroscando como se suas próprias moléculas estivessem em um profundo cochilo.

Mas antes de poder parabenizar-se, sentiu algo errado. A tristeza permeava o ar, o tempero triste dela fazendo-o parar e baixar a cabeça como se pudesse olhá-la nos olhos.

— Não chore, – ele disse roucamente. — *Leelan*, não...

— Por que está fazendo isto? – ela gemeu. — Por quê...?

Só havia uma resposta. Por esta noite... E para sempre: — Porque eu te amo mais do que qualquer coisa.

Mais do que a ele mesmo. Mais do que qualquer futuro filho.

As mãos trêmulas dela acariciaram o rosto dele. — Tem certeza?

Ele respondeu recomeçando a se mover profundamente dentro dela, as penetrações ondulantes deslizando-o para dentro e para fora de seu sexo úmido. E a

resposta dela? O som que soltou era parte ronronar, parte gemido, os hormônios explodindo de novo.

Por alguma razão, ele pensou na visão de Vishous.

Eu o vejo parado em um campo branco. Branco, branco está em toda sua volta e você está falando com um rosto no céu.

Seu futuro está em suas mãos.

Jesus Cristo, ele sentia como se o Fade estivesse respirando em seu pescoço, observando-o... E embora aquilo fosse verdade para cada ser vivo, ele sentia-se um alvo, como se sua data de validade estivesse ali, na próxima esquina.

Não significava que Beth iria sobreviver a ele. Bem ao contrário. A causa mais provável de sua própria derrota... Seria a morte dela.

Baixou a cabeça para o pescoço dela, enfiou os braços embaixo do seu corpo e se concentrou em fodê-la. Desistiu, se rendeu, deixou-se ir como se pulando de um penhasco... O pulo era a parte mais fácil porque a queda-livre não lhe custava merda alguma.

O que matava era o choque com o chão.

Capítulo TRINTA E TRÊS

Sola fechou seus olhos ao afundar mais o corpo na banheira. Quando o nível da água se ergueu para cobrir tudo, exceto seu pescoço e cabeça, sua calidez a fez perceber o quanto estava fria, não na superfície de sua pele, mas no núcleo de seus ossos.

Olhando para baixo para seu corpo, na luz fraca, ela sentiu-se desconectada dele, e ela não era idiota. Deixar um bandido qualquer boliná-la para poder sobreviver naquela noite tinha criado a separação... A coisa agora era... Como reconectar-se?

Ela conhecia uma solução certa.

Mas ele a tinha abandonado aqui.

Cara, estava sendo difícil seguir o conselho de Assail. Fingir que aquelas horas, aquele medo, o horror não tinha existido, parecia tão desafiador quanto passar pela própria experiência. Mas qual era a sua outra opção? Ela não podia respirar o mesmo ar que sua avó, com tudo o que tinha feito e visto bem à superfície de sua mente.

Baixou os olhos, para si mesma novamente, e moveu as pernas. Pelo ondular da água, a bandagem em sua coxa se distorceu e retomou a forma, distorceu e retomou a forma. Enfiou a mão na água e puxou a coisa, o adesivo saiu fácil. Ela sabia que não devia molhar os pontos ainda... Ops.

Onde infernos Assail a tinha levado para ser tratada? Aquele lugar era luxuoso, do sistema de segurança às instalações médicas e todas aquelas pessoas. Seu cérebro estava tentando compreender aquilo, e a única conclusão que fazia sentido era *governo*.

Embora ele tivesse rido daquilo, ela não conseguia pensar em outra explicação.

Mas ele não a tinha encarcerado.

Fechando os olhos, ela se perguntou como ele soubera onde encontrá-la. E o que, exatamente, ele fizera a Benloise. Merda, a imagem do sangue no rosto de Assail, em volta da boca...

Quem comandaria Caldwell agora?

Dã.

Ergueu a mão, retirando-a da água e afastou o cabelo para trás. A umidade já emplastrava o comprimento, aquecendo a base de seu pescoço, fazendo-a suar.

Deus, estava tão silencioso aqui.

Ela tinha morado naquela casa com sua avó por quase uma década, e estava acostumada aos barulhos da vizinhança: carros passando, cães latindo a distância, crianças pulando e gritando ao jogarem basquete nas ruas. Aqui? Somente a água se movendo na banheira a cada movimento de suas pernas... E ela sabia que o silêncio não era somente porque não havia outras casas imediatamente em volta deles. Este lugar tinha sido construído como uma fortaleza, e tinha seus truques. Truques de alto-nível.

Ela pensou de novo na noite em que tinha vindo ali pela primeira vez a pedido de Benloise. Sua missão tinha sido espionar Assail e seu castelo... E o que ela tinha descoberto a tinha confundido: Aquelas estranhas janelas holográficas. As câmeras de segurança. E o próprio homem.

Talvez ela estivesse pensando demais naquilo. Talvez Assail e seus amigos fossem somente apocalípticos previdentes...

Fechando os olhos, ela desistiu de tudo e somente flutuou na água. Ela podia ter ligado a hidromassagem, mas seu corpo já tinha passado por agitação suficiente, muito obrigada...

Subitamente, as emoções borbulharam, demais para conter.

Quando endireitou o corpo, a água transbordou e molhou o chão. — Droga.

Quanto tempo até ela voltar a se sentir normal? Quantas noites de calafrios, distrações durante as refeições e crises de choro escondidas?

Saindo da banheira, pegou uma toalha felpuda branca de uma prateleira e estremeceu ao sentir o contato do tecido em sua pele. Era como se seus nervos

estivessem em estado de alerta máximo, cata-ventos que absorviam cada movimento do tecido macio, cada sopro da ventilação acima, todos os arrepios da água que evaporava.

— Você é tão bonita.

Seu calcanhar úmido fez um ruído ao se virar para a porta. Assail estava parado entre as sombras, uma presença sombria, iminente que a fez sentir-se mais do que somente nua.

Houve um momento elétrico quando seus olhos se encontraram.

E então ela largou a toalha. — Preciso de você.

O som dele exalando foi todo um tipo de derrota, mas ela não se importou. Ela podia sentir o chiado do ar entre eles, e soube que não era só de seu lado.

— Agora, — ela exigiu.

— Como posso dizer não, — ele suspirou naquele tom carregado dele.

Ele se aproximou dela e tomou seu rosto em suas mãos grandes e cálidas... E foi tamanho alívio vê-lo se inclinar e esfregar os lábios contra os dela, tocar sua boca, acalmando-a ao mesmo tempo em que a deixava mais excitada. E então ele a pegou no colo, carregando-a para o quarto.

Com incrível gentileza, ele deitou-a sobre edredom felpudo como se temesse que ela se quebrasse... O que estava certo demais. Mesmo que seu corpo respondesse a ele relaxando e se liquefazendo, ela se sentia no limiar de se partir.

Mas isto ia ajudar.

Ela puxou os ombros dele para baixo, mais para perto dela quando ele se sentou ao seu lado na cama... Como se preocupado que se aproximar dela a fizesse entrar em pânico. Só que ela queria o peso dele restringindo-a; queria a sensação dele pressionando-a no colchão, substituindo a lembrança com realidade, levando-a a inconsciência através do contato.

Sola puxou-o para ela. Abriu as pernas para abrir espaço, a ereção por trás do zíper dele pressionou diretamente em seu núcleo, a calça de lã plissada que ele vestia arranhando contra sua pele sensível, fazendo-a gemer... De uma maneira boa.

Mais beijos, a língua dele escorregou pela boca dela, as mãos dele subiram para seus seios. Ele era melhor do que a água na banheira para suas dores e ardores, especialmente quando ondulava os quadris contra os dela, acariciando seu sexo com a promessa do dele, enlevando-a fácil e docemente. Quando seus mamilos enrijeceram a ponto de doer, ele pareceu saber o que precisava em seguida, quebrando o contato com sua boca e beijando todo o caminho para eles.

Sua língua foi preguiçosa ao lambar ao redor de um e então do outro... Antes de sugar uma ponta e puxá-lo.

Arqueando-se de prazer, ela acariciou o cabelo dele para trás, as ondas grossas dando-lhe mais do que o suficiente para se segurar... Quando ela olhou para o espelho acima da cama.

E o viu fazendo amor com ela.

— Oh, Marisol... Um banquete para os olhos... — As pálpebras dele estavam baixas quando ele ergueu a cabeça e olhou para baixo para seu corpo. — Você é o sonho de qualquer homem...

Difícilmente. Ela era reta como um garoto, sem quadris e peitos que só tinham tamanho suficiente para ser preciso usar um sutiã — e ainda assim, sob aquela luz fraca, nesta cama redonda, sob seu olhar penetrante, ela se sentia tão voluptuosa quanto qualquer mulher do planeta, totalmente sexualizada e pronta para ser satisfeita pelo seu homem.

Mesmo que ele não fosse dela de verdade.

Voltando a baixar a cabeça, ele voltou a lhe acariciar os seios enquanto os dedos voavam pelos seus quadris e pelo lado externo da coxa. Para cima e para baixo ele tocou sua perna, ao mesmo tempo em que sugava e pressionava cuidadosamente contra seu...

Então a mão dele escorregou entre eles, substituindo sua ereção vestida, passando sobre seu sexo molhado uma vez, duas vezes... E começou a esfregar.

Ele voltou a tomar sua boca enquanto seus dedos a penetraram.

Por uma fração de segundos, ela estremeceu tomada pela tensão, seu corpo se lembrando da última vez que aquilo tinha acontecido.

Assail imediatamente parou tudo. Encarando-a, sua expressão sombria a ponto de violência. — O quanto eles te machucaram?

Sola só balançou a cabeça. Ela não queria falar naquilo, não quando o alívio estava tão perto que ela podia tocar.

— Marisol. Quanto?

— Eu acho que você disse para eu tentar esquecer que tinha acontecido.

Os olhos dele se fecharam como se sentisse dor. — Eu não te quero ferida... Nunca. Mas especialmente não deste jeito.

Deus, ele era lindo, aquelas feições bonitas dele cobertas de agonia por sua causa.

Ela esticou a mão e acariciou a sobrancelha dele, apagando as rugas que tinham se marcado ali. — Apenas fique comigo. Faça-me saber que é você e não... Ninguém mais. É o que eu preciso neste momento.

Cada vez que Assail achava que sua fêmea tinha deixado de surpreendê-lo, Marisol o levava a outro nível, mais profundo. Neste caso, a ideia de que algum homem tinha brutalizado seu corpo sagrado... Virgem Escriba no Fade, seu cérebro literalmente apagava ante um congestionamento de agressão e agonia.

E ainda assim, só o toque dela era suficiente para resgatá-lo da violência.

— Não pare, — ela suspirou ao acariciar a garganta dele.

A ação inocente dela engatilhou uma resposta imediata de alimentação nele, as presas se alongaram na boca, sua ânsia de marcá-la tomando sua veia, quase tão grande quanto a resolução imperiosa de nunca deixá-la descobrir sua verdadeira natureza.

Ela já tinha sido traumatizada demais.

As mãos dela foram até a camisa dele e ela puxou-a das calças. E então começou a abrir o cinto.

Só que ele não ia se permitir ser distraído. Não até ele saber...

— O que ele fez a você? – ele perguntou.

Quando Marisol congelou, uma parte dele se surpreendeu de estar pressionando-a, especialmente depois do conselho que ele tinha insistido em lhe dar.

— Eu fiz o que tinha de fazer para distraí-lo, – ela disse tensamente. — E então eu chutei suas bolas.

Assail exalou. — Eu é que devia ter matado ele.

— Para defender minha honra?

Ele estava totalmente sério ao olhar para ela. — Absolutamente.

Os olhos dela pareceram agarrar os dele. — Você realmente é um cavalheiro no fundo no fundo, não é?

— Eu matei Benloise, – ele ouviu-se dizer. — De um jeito que o fez sofrer.

As pálpebras dela se fecharam brevemente. — Como você soube que tinha sido ele a me pegar?

— Eu te segui na noite em que invadiu a casa dele.

— Então era você. – Ela balançou a cabeça. — Eu podia jurar que havia alguém comigo. Mas não tive certeza. Jesus, você me deixa no chinelo em termos de espionagem.

— Porque você foi lá? Eu me pergunto desde então.

O sorriso que ela lhe deu era cheio de ironia. — Porque ele me disse para parar de perseguir você... E se recusou a me pagar o valor que tínhamos acordado. Digo, eu estava preparada para manter minha parte no acordo, mas algo o assustou. Você?

Ele anuiu uma vez e tomou novamente a boca dela, bebendo a sensação dela, seu gosto. — Nada mais disto para você.

— De quê?

— Deste tipo de trabalho.

A tensão dela retornou, mas só por um momento. — Eu concordo.

Deus, era exatamente o que ele precisava ouvir e não sabia: a ideia dela permanecendo a salvo o afetou tanto, que ele teve de piscar para passar.

E tão logo passou, Assail rapidamente tirou as roupas, o tecido fino flutuando pela beira da cama para o chão. Então ele estava pele a pele com ela, posicionado sobre suas coxas abertas, seu pau duro como rocha, no entanto, contente de esperar.

Quando ele finalmente posicionou sua cabeça na entrada de seu sexo, soube que estaria perdido para sempre se completasse o ato. Ou talvez fosse uma mentira. Talvez... Ele já estivesse perdido desde a primeira noite em que se encontrara com ela, na neve.

Entrando lentamente, sentiu-a se arquear contra seu peito, viu seus olhos rolaram, e desejou nunca tê-la conhecido. Por melhor que fosse, ele não precisava de uma fraqueza como ela em sua vida. Mas como uma ferida cheia de sal, ela estava permanentemente em sua pele.

Pelo menos ela ia ficar ali com ele, e estaria segura.

Aquele era seu único consolo.

Movendo-se devagar, cuidadosamente, ele moveu-se dentro e fora de seu aperto úmido, seu pau sendo acariciado por todos os lados. Teve de cerrar os dentes e travar a lombar para manter o ritmo firme e contínuo... Ele queria ir mais rápido, mais rápido, mas não era uma opção.

E sim, ele sabia exatamente o que ela queria: ela estava usando-o como uma borracha, e ele estava mais do que disposto a assumir o papel.

Qualquer coisa para ela.

Marisol reposicionou-se, enrodilhando as pernas em volta dele, elevando-se para que fosse ainda mais fundo. Uma carícia mais tarde e ela estava segurando forte em seus ombros. Estava perto para ela, tão perto.

— Estou com você, — ele disse em seus cabelos. — Deixe-se ir e eu te seguro.

Ela jogou a cabeça para trás e as unhas se enterraram fundo e seu corpo ficou tenso, e ele congelou, sentindo o turbilhão da excitação dela, os puxões sutis que o intensificou.

Enterrando a cabeça em seu pescoço, ele só queria ficar mais perto, sentir mais dela, ser mais responsivo as suas necessidades.

Mas ela se moveu inesperadamente, arqueado o corpo, mudando a posição... E seu pescoço se apertou na boca dele... Em suas presas.

O arranhão foi mínimo. O gosto que provou dela não foi.

Antes que pudesse se conter, ele aprofundou um pouco mais.

Sua Marisol gemeu e enterrou as mãos nos quadris dele, puxando-o como se quisesse que ele voltasse a se mover.

— Eu tomo pílula, — ela disse de uma vasta, vasta distância.

Sua mente obstruída não sabia o que aquilo significava, mas o som da voz foi suficiente para forçá-lo a voltar à realidade. Lambendo a ferida que tinha feito, ele se aproximou e tomou mais do sangue dela... Embora uma porção tão pequena comparada ao que ele queria.

— Continue, — ela disse. — Por favor... Não pare.

Assail sentiu-se tentado a interpretar mal e mordê-la apropriadamente, tomando-a completamente. Mas não faria aquilo sem permissão. Estupro podia acontecer de tantas maneiras diferentes... E uma violação era uma violação, especialmente quando somente um dos lados obtinha prazer do ato.

Ele iria, no entanto, terminar o sexo.

Apertando ainda mais seu abraço nela, ele entrou e saiu, entrou e saiu, balançando seus quadris.

De último momento, ele se retirou e gozou na barriga dela, os espasmos jorrando sua essência sobre a pele dela.

Por mais que quisesse mais do que aquilo... E quisesse tê-la de novo, agora mesmo... Ele não completaria o ato dentro dela até ela saber toda a verdade sobre ele. Somente então ela estaria apta a honestamente decidir se o queria como amante.

Com os lábios nas orelhas dela, ele disse, — Mais, sim...

O gemido entrecortado que ela soltou foi resposta perfeita. E antes que terminasse, antes das mãos de novo se afundarem em seus flancos e as pernas dela apertarem a parte inferior do corpo dele, puxando para mais perto dela, ele começou a se mover de novo, o sexo temperado por seu respeito por ela, e ainda mais vívido pela restrição.

Ele nunca tinha estado com uma mulher ou uma fêmea como esta antes.

Depois de anos fazendo sexo, ele pensou que finalmente estava com alguém pela primeira vez.

Capítulo TRINTA E QUATRO

Ajoelhando-se no pé da cama, Wrath controlava o tempo através das respirações de sua amada, mensurando suas inspirações enquanto elas fracamente empurravam seu braço que estava estendido sobre a cintura dela. Cada vez maiores eram as inspirações, cada vez menores as expirações.

E durante todo esse tempo, seu próprio coração continuava a bater, seus próprios pulmões trabalhavam e seu corpo seguia funcionando.

Parecia tão cruel e ele trocava seu estado saudável com ela num piscar de olhos. Ele daria a ela qualquer coisa para mantê-la ao seu lado e, como isso não era possível, colocou a sua palma da mão sobre o punho de sua adaga cravejada de joias e posicionou-a no meio dos dois.

Concentrando-se nos lábios entreabertos dela, posicionou a lâmina de modo que estivesse apontada para o centro de seu peito. Os suportes do leito foram construídos a partir de painéis de carvalho maciço, e estavam na altura certa para o que ele precisava. Apoiando a base do punho da arma na borda da madeira, ele mantinha a adaga firme em sua mão e inclinou-se, medindo a distância que ele teria de completar.

Posicionando seu esterno na ponta da lâmina, ele empurrou o suficiente para sentir uma leve pressão.

Satisfeito com o ângulo, girou a faca e direcionou sua ponta para a madeira, cavando um círculo nas fibras, criando uma trava para a base. Enquanto entalhava, parecia desrespeitoso desperdiçar a última das respirações de sua Anha em tais esforços, ela deveria ser o centro de sua atenção, somente ela.

Mas alguns preparativos eram necessários.

Se ele a perdesse antes de terminar o que estava fazendo, correria o risco de fazer uma tentativa descuidada, e precisava se certificar de que não haveria nenhuma possibilidade de sobrevivência...

— O que... Você faz?

Wrath virou bruscamente a cabeça. E, inicialmente, não conseguia compreender a visão a sua frente.

Sua Anha havia virado seu rosto pálido para ele e o encarava através de pálpebras pesadas.

A adaga escapou do entalhe que estava criando, afundando no pulso da mão que ele estava apoiando. O corte nem fora notado.

— Anha...?

Ela passou a língua pelo sangue em seus lábios.

— Nosso filho...

Na realidade, ele não ouvira o que ela havia dito. Lágrimas surgiram de seus olhos e com o coração disparado, ele se perguntava pela primeira vez se aquilo não era um sonho... Como resultado de ter seguido com sua própria morte, apunhalando-se no mesmo lugar onde sentia seu amor por ela mais intensamente.

Porém, não... Ela estendeu sua mão para o rosto dele. Tocando-o com admiração, como se ela também não pudesse compreender seu retorno de consciência.

— Anha!

Ele pressionou seus lábios nos dela e depois removeu suas próprias lágrimas das frias bochechas dela.

Abruptamente, se lembrou da recomendação do curandeiro e se apressou para colocar seu pulso sobre a boca dela.

— Beba, meu amor... Não falemos nada ainda. Beba. Em primeiro lugar, você deve beber!

Sua Anha relutou somente por um momento antes de engolir apropriadamente uma vez. E mais uma vez. E uma terceira vez.

Quando ela gemeu e fechou os olhos, não era por desconforto ou medo. Não, era por algo de uma natureza vital, como se ela estivesse alimentando uma dolorosa fome e que esta agonia aos poucos se abrandava.

— Beba...

Ele dizia enquanto tudo ficava ainda mais desfocado.

— Meu amor... Compartilhe de mim e retorne...

Acariciando seu cabelo para trás, ele olhou para sua adaga. E suplicava para que este milagre permanecesse entre eles. Rezava para que ela se mantivesse viva e se recuperasse logo...

— Meu amo?

Com o som de uma profunda voz, Wrath girou sua cabeça sem extrair sua veia dos lábios dela. O Irmão da Adaga Negra Tohture estava de pé ao lado da porta fechada do quarto, tendo entrado silenciosamente.

— Ela está desperta, – disse Wrath roucamente.

— Louvada seja a Virgem Escriba... Ela está desperta.

— Sim, – o Irmão disse. — E eu necessito lhe falar.

— Isso não pode esperar? – Ele retornara sua atenção para sua amada. — Deixe-nos...

O Irmão chegou mais perto e aproximou seus lábios do ouvido de Wrath, de tal forma que nenhuma palavra escapasse. — Ela aparenta estar da mesma forma que seu pai.

Wrath piscou. Olhou para cima. — Como disse?

O Irmão tinha os mais incríveis olhos azuis, a cor concorria com as gemas aquáticas que haviam sido adquiridas especialmente para o vestido de primavera de Anha.

Abaixando-se novamente, as palavras foram sussurradas mais uma vez.

— Seu pai tinha a mesma aparência na noite em que morreu.

Enquanto o Irmão se erguia, seus olhos nunca vacilaram. Nem sua expressão. Nem o seu corpo.

Um lampejo de raiva fez Wrath fechar sua mão em um punho. A última coisa que ele queria se intrometendo neste espaço sagrado de esperança, era qualquer memória daquela outra noite de perda... Quando ele correu para o castelo em cima de um garanhão negro, através das florestas, arriscando a própria vida para retornar a tempo.

Realmente, por mais que ele desejasse que os capítulos desta história desaparecessem da sua mente, eles retornavam a ele claramente. Ele havia sofrido um ferimento durante o dia, um passo em falso que o fez cair sobre uma ponta de metal. O ferimento tornou impossível para ele se desmaterializar, mas ele estava bem o suficiente para sair do castelo quando chamado para uma reunião com uma das Famílias Originais.

Quando havia partido, no cair da noite, não tinha a intenção de retornar até a manhã seguinte.

A Irmandade veio até ele uma hora depois.

No momento em que conseguira retornar ao castelo, já era tarde demais. Seu pai já havia partido.

E, a respeito da aparência, alguns mortos apresentam a sua linhagem, isso era verdade: o assassinado, o incapacitado, o velho, no caso de seu pai. No entanto, o Rei apenas parecia dormir, seu corpo limpo e vestido em túnicas cerimoniais, seu cabelo bem cuidado, suas luvas e sapatos como se ele pretendesse caminhar até sua sepultura.

— O que você diz? — Wrath sacudiu a cabeça. — Eu não consigo...

Outro sussurro em seu ouvido:

— Olhai para as unhas dela.

Quando os olhos de Anha se abriram e se arregalaram diante da visão do Irmão, Wrath se inclinou e beijou sua testa. — Não se aflija meu amor.

Instantaneamente, ela se acalmou sob seu toque e sua voz, continuando a se alimentar, enquanto seus olhos se fechavam novamente.

— Isso mesmo, — ele murmurou. — Tome o que eu lhe dou.

Quando estava certo de que ela retornara a beber, ele olhou para mãos dela e franziu a testa. Suas unhas estavam... Azuis.

As mãos de seu pai tinham estado cobertas com luvas.

— Volte, – ele disse ao Irmão asperamente. – Eu chamarei por você.

Tohrture acenou com a cabeça e caminhou até a porta. Antes de sair, disse claramente, — Não permita que ela beba qualquer coisa que não tenha sido provada previamente.

Veneno? Teria sido... Veneno?

Enquanto o aposento dos dois era fechado e trancado novamente, Wrath sentiu uma estranha calma vir a ele. Força e propósito devolvidos a ele enquanto Anha continuava a sugar sua veia, o sorver cada vez mais forte. E quanto mais ela bebia dele, mais a cor da morte sumia de seus dedos.

Após a morte de seu pai, ele havia estado perdido no mundo, até que ela foi trazida a ele e tornou-se a sua força, não apenas para as respirações em seu peito e as batidas de seu coração, mas também para o seu governar como Rei.

Pensar que seu pai pode ter sido tirado dele? E, em seguida, sua amada fêmea?

Enquanto pensava na expressão de Tohrture... Ele sabia que haviam inimigos em sua côrte. Inimigos, capazes de matar.

Ira fervia em suas veias, transformando-o por dentro... Da mesma forma que aço e ferro eram forjados.

— Não se preocupe meu amor, – ele disse, apertando-lhe a mão. – Eu vou tomar conta de tudo.

E sangue correrá como as lágrimas que você derramou em sua dor.

Ele era o Rei, sim. Mas em primeiro lugar, ele era o hellren desta magnífica fêmea e vingá-la era o que ele faria.

Capítulo TRINTA E CINCO

— De todas as coisas eles tinham que estar certos sobre...

Enquanto Trez permanecia deitado no chão liso do seu banheiro, posicionou o seu antebraço sobre os olhos. Ele estava perfeitamente ciente de que seu pênis estava retraindo, todo aquele sexo sem sentido que teve se foi velejando com o vento.

Mas era ainda mais claro quem estava ao seu lado, nua sobre o tapete de pele.

Merda, ele tinha que se cobrir com aquela toalha e...

— Quem “eles” são?

Agarrando o tecido felpudo, ele não podia nem olhar para Selenia. — Meu povo.

— Sobre o que eles estavam certos?

— Por que você continua aqui?

Quando percebeu como havia soado, ele se sentou e notou que ela se retraiu.

— Me desculpe... Eu só quero dizer, como você está tão calma com toda essa merda?

Maldição, ela estava completamente comestível sentada ali, aquela túnica que não cobria nada além de seus ombros, seus seios permaneciam intumescidos, suas pernas dispostas de modo que, se ele se movesse um pouco, podia ver a sua...

Selenia puxou o tecido sobre ele e, por mais que isso doesse a ele, era a coisa certa, em tantos níveis. Ele havia arruinado o que estava acontecendo entre eles.

Porém, pelas razões certas.

— Sinto muito, – ele disse, pensando que ele deveria ter aquilo tatuado na testa para que visse no espelho todas as manhãs, todas as noites.

Ele nunca deveria ter levado as coisas tão longe quanto eles tinham ido. De forma alguma.

— Por ter parado?

— Não, eu não sinto por isso. — Quando ela recuou, ele quis chutar a si mesmo nas bolas. — O que eu quero dizer é... Porra. Eu não sei. Eu não sei de nada neste momento.

Houve uma longa pausa. E então ela disse calmamente. — Você precisa saber que não há nada que não possa me dizer.

— Tenha cuidado, a caixa de Pandora, depois de aberta, é difícil de fechar.

— Nada. — Seus olhos estavam totalmente claros enquanto ela olhava para ele. — Não tenho nada a temer de você ou por você. Eu realmente acho que você me deve uma explicação, no entanto. Supondo que você não tem intenção de continuar... E apenas para que eu não me sinta culpada por isso.

Uau, tudo bem. Se ele achava que ela era quente antes? Agora, ela estava no território de deusa: Beleza física era uma coisa; ser determinada era ainda mais atraente.

E ela tinha razão.

— Tudo bem, — ele disse, sentindo-se um completo lixo. Mas ela tinha o direito de saber. — Eu fiz sexo com muitas fêmeas humanas nos últimos dez anos e nada disso importava para mim até hoje à noite com você. E eu acho que eu estou prestes a condenar os meus pais a uma torturosa morte. Fora isso, eu estou bem.

Ela ergueu suas sobrancelhas. Mas não recuou, não fugiu. Houve uma série de respirações profundas, no entanto. — Vamos começar por essa última parte. O que no Fade da Virgem Escriba você está dizendo?

— É uma bagunça do caralho... Eu sou uma bagunça.

Ela aguardava, claramente esperando que ele continuasse. — E você não está me dizendo nada.

Olhando fixamente em seus olhos, ele sentiu tanto respeito por ela. — Deus... Como é possível que você exista?

— Ainda não está me dizendo nada. — Ela sorriu lentamente. — Apesar de gostar do jeito que você está me olhando.

Trez sacudiu a cabeça, sabendo que ela merecia muito mais do que ele poderia lhe oferecer. — Você não deveria. Você realmente não deveria.

— Isso sou eu quem decide. Agora fale... Se você está tão determinado a me afastar, então use suas palavras para me convencer de sua feiúra.

— A vida sexual já não fez isso?

— Sou treinada como uma *ehros*. É minha incumbência, para que os machos espalhem suas sementes por toda parte.

Ele estreitou os olhos: O rosto dela de repente se tornou impassível, o que fez a situação ficar séria. — Há outra coisa.

— Que é?

— Eu estou prometido a alguém.

Ela quase conseguiu esconder seu tremor. Quase. — Realmente.

— Sim. Realmente. E se eu não aparecer, meus pais serão massacrados.

— Então, você não está apaixonado?

— Eu não a conheço. E não quero conhecer.

Um pouco da tensão deixou a Escolhida. — Você não sabe nada a respeito dela?

— Nada. Exceto que ela é filha da rainha.

Aqueles olhos incríveis se arregalaram. — Você será da realeza, então.

Ele pensou na quantidade de diversão que Wrath estava tendo em seu trono, e todos os chutes e risos que Rehv estava balançando como chefe imperial dos *sympaths* e, pelo menos, eles podiam sair a noite. Bem, mais ou menos, no caso do Wrath.

Seu futuro estava centrado numa jaula dourada.

— Meus pais me venderam quando eu era muito jovem, — ele se ouviu dizer.
— Nunca me fora dada uma escolha... E agora? A não ser que eu volte para o Território, os dois não viverão por muito tempo.

A cabeça de Selenia se inclinou para o lado, sua mente trabalhando claramente.

— Não há nenhuma chance de negociação?

— Nenhuma.

— Seus pais não podem devolver o preço pago?

Ele pensou no sorriso cínico de sua mãe naquela noite em que a viu pela última vez. — Mesmo que eles pudessem, eu não acho que fariam.

Suas sobrancelhas se ergueram novamente. — Você tem certeza?

— Seria o coerente com eles.

— Você não pediu?

— Não, eu não pedi. Mas isso implicaria voltar ao Hisbe, e isso não é possível.

— Não existe alguém que você possa enviar em seu nome?

Ele pensou em iAm indo para o Território. O contrato era específico para Trez, por isso não era como se o sumo sacerdote, ou mesmo s'Ex, pudessem fazer uma troca casada. Eles poderiam, contudo, usar seu irmão de refém. Ou pior.

E isso faria Trez voltar.

— Eu acho que não. Meu irmão é o único, e eu não posso correr esse risco. Não vou arriscá-lo.

— E você acha que seus pais serão...

— Não, eu sei que eles irão matá-los. — Ele massageou a nuca. — Sabe, grande parte disso é triste, mas acho que o pior de tudo é o fato de que eu não posso nem fingir ter emoção sobre aqueles dois. É, tipo... Eles fizeram um pacto com o diabo. Se algo ruim acontecer, eles estão apenas colhendo o que plantaram.

Infelizmente, no entanto, independentemente do que acontecesse com sua mãe e seu pai... A dívida ainda seria devida.

Mesmo que s'Ex os picasse em pequenos pedacinhos, Trez permaneceria herdeiro do acordo que eles fizeram.

O que havia sido posto em movimento... Não poderia ser desfeito. E enquanto olhava para Selenia, ele lamentou essa verdade mais do que nunca.

As mãos de Selenia tremiam. Estavam assim desde que Trez tinha dito que ele tinha estado com... Exatamente com quantas muitas mulheres humanas? Ela se perguntou.

Querida Virgem Escriba, ela não queria nem pensar nisso.

No entanto, ela poderia, ao menos, tentar fazer com que suas mãos parassem de tremer. Enquanto Trez caía em silêncio, ela esticava e flexionava seus dedos, esperando que isto parasse antes que ele visse através de sua fachada calma: Ela tinha a sensação muito clara de que, se ele perceber que ela estava perturbando, ele nunca diria palavra alguma... E este espaço íntimo que havia se aberto entre eles era muito mais sagrado do que a experiência sexual prometia ser.

— Eu não tive pais como tal, — ela disse calmamente. — Mas eu não posso imaginar ter um filho e... Vendê-lo.

Trez assentiu, se erguendo para que pudesse continuar a massagear sua nuca. — E eu não sei? Quero dizer, meus pais me valorizavam. O problema é que eu era uma mercadoria para eles, algo para ser trocado. Isso é algo que você espera de vendedores de carros e mercadores de tapetes, e pessoas que gerenciam supermercados e shoppings centers. E ouça, eu desejaria ter sido um desses filhos da puta bem ajustados para que pudesse ser como, “Eles não me queriam, mas eu ainda tenho valor, blá, blá, blá”... As coisas não funcionaram desse jeito pra mim contudo. Na minha cabeça... — Ele fez um círculo em sua têmpora. — Eu não sou nada. Eu não sou... Nada.

Subitamente, Selena queria chorar. Olhar para este absolutamente magnífico macho... E saber que em seu coração, ele não enxergava nada em si? Era um crime... Um crime perpetrado pelas próprias pessoas que deveriam mais ter se importado com ele.

— É por esse motivo que você ficava com as humanas? — Ela ouviu-se perguntar.

No silêncio que se seguiu, foi difícil até mesmo respirar: Ela estava com medo de sua resposta. Por uma série de razões.

— Sim. — Ele amaldiçoou sob sua respiração. — Como, você sabe, eu estava com essa mulher... Logo antes de ter a enxaqueca.

Isso foi apenas na outra noite, ela pensou, querendo se encolher...

— E ela estava tão vazia quanto eu estava me sentindo. Apenas dois corpos vazios se golpeando. Não significava nada, e isso é o que eu venho fazendo todos esses anos. Exercício físico e só isso.

Selena lutava para dizer a coisa certa, algo equilibrado e que sinalizasse que ela estava confortável com o que ele estava dizendo a ela... Quando na realidade isto estava arrancando o seu coração do peito. Mesmo que não devesse.

Ela passou quanto tempo com ele? Uma hora? Duas, no máximo?

A morte iminente a estava fazendo se descuidar...

— Eu poderia salvá-los, — disse ele, quase para si próprio. — Se eu me sacrificar, posso salvar minha mãe e meu pai.

Ele deslocou bruscamente a cabeça para o lado causando um estalo.

— Aqui, — ela murmurou, movendo-se atrás dele. — Permita-me.

Afastando a mão dele, agarrou firmemente seus ombros duros como ferro e pressionou-os como ele havia feito, tentando provocar algum alívio nas fibras musculares. Enquanto trabalhava nele, sua pele suave resvalava ondas de tensão, mas aquilo parecia ser a única coisa realizada.

Ele suspirou. — Isso é incrível.

— Eu não acho que esteja fazendo coisa alguma.

As mãos dele rapidamente cobriram as dela. — Você está. Mais do que imagina.

Selena continuou a massagem e pensou sobre seu próprio passado. — Como eu disse, eu não tive verdadeiros pai e mãe. Fui criada com e pelas minhas irmãs. Eu era necessária para promover as tradições, mas eu não posso dizer que já fui querida por alguém. Reivindicada, por assim dizer. Então, de certa forma, eu posso imaginar como você se sente... Gerado, mas não nascido, pois *nascer* implica que você foi esperado e desejado.

Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para ela. — Sim. É exatamente isso.

Ela sorriu para ele e empurrou-o de volta para a posição.

— Se meus pais forem mortos, eu sinto como se estivesse indo para o inferno. — ele murmurou.

— Mas você não pode ser responsabilizado por isso, porque você nunca consentiu.

— Como é?

— Você foi prometido quando era incapaz de dar consentimento... De fato, é como se eles nunca tivessem lhe consultado. Portanto, a sua recusa e quaisquer consequências causadas por ela? É responsabilidade de seus pais, não sua. Isto é sobre você, porém não tem nada a ver com você.

— Deus...

Quando ele não terminou, ela franziu a testa. — Eu sinto muito. Eu não queria ser presuçosa.

— Você não é. Você é... Perfeita.

— Dificilmente.

— Eu quero fazer uma coisa pra você.

Ela congelou. — O quê?

Porque ela tinha algumas ideias.

— Algo que valha a pena.

Ela olhou para o tapete de pele onde ela havia sido estendida. Oh, aquilo valeria a pena...

— Mas não consigo pensar em nada.

Selena suspirou. — Sua presença é suficiente.

Trez pôs as mãos sobre as dela novamente e puxou-a para a frente, de modo que ela ficou debruçada sobre suas costas. Segurando-a lá, ele posicionou sua cabeça próxima da dela.

Enquanto ele respirava, seu grande torso expandindo, ela era levantada do chão e de volta para baixo. — Obrigado, — ele disse em uma voz quebrada.

— Eu não tenho feito nada.

— Você me fez sentir como se eu não fosse ruim. E por esta noite, isso é tudo.

— Oh, você nunca foi isso, — ela sussurrou enquanto dava um beijo em sua bochecha. — Você não, de forma alguma.

Fechando os olhos, ela se agarrou a ele, e sentiu sua alma se conectando com a dele. Ao ponto onde não sabia como deixá-lo. Não somente esta noite, mas... Em qualquer momento em que seu destino a reclamasse.

— Você já comeu? — ele perguntou um tempo depois.

— Na verdade... Não. — Seu estômago roncou. — E eu estou com fome.

— Vamos lá para baixo. Meu irmão estava fazendo um pouco de seu molho... Ou, pelo menos, acho que estava. Ele faz aquilo toda vez que tenho uma dor de cabeça.

Selena começou a se soltar e foi se afastando...

Sem aviso, sua coluna se rebelou, as vértebras se travando em suas posições. Trez, por outro lado, ergueu-se rapidamente... E quando estendeu sua mão para ajudá-la a se levantar, ela só conseguia ficar olhando para aquela mão.

Quando confusão surgiu no belo rosto dele, ela percebeu que deveria aceitar a ajuda. A essa altura, ela era incapaz de se levantar do chão sozinha.

— Devagar, – disse ela com a voz rouca. — Por favor?

Trez franziu a testa, mas foi gentil quando a levantou. — Você está bem?

Ela tentou ganhar um pouco de tempo amarrando a sua túnica. Enquanto isso, suas articulações gritavam, particularmente seu quadril e suas costas.

Forçando um sorriso para o seu rosto, ela tentou não desvanecer. Mas era como isso havia começado para suas irmãs. Cada uma delas.

—Vamos? – ela disse com determinação.

Os olhos amendoados de Trez se estreitaram ainda mais. Mas então ele encolheu os ombros. — Sim, claro. Eu vou apenas vestir alguma roupa.

— Vou esperar no corredor.

Por mera força de vontade, ela atravessou o quarto e saiu para o corredor. No momento em que fechava a porta atrás dela, ela já se sufocava...

Instantaneamente, seu corpo experimentava uma mudança interna de poder incrível. De um jeito que só significava uma coisa: Alguém estava em seu período de necessidade.

A rainha? Ela pensou com assombro enquanto olhava para a entrada arqueada dos aposentos privados da Primeira Família.

Isso seria realmente memorável.

Recostando-se contra a parede, ele pensou na massagem nos ombros de Trez e desejou que houvesse um equivalente para o seu próprio corpo. Não havia nenhum. Nenhuma cura, sem desaceleração da doença.

Não havendo como dizer quanto tempo ainda lhe restava.

Capítulo TRINTA E SEIS

Beth não teve nenhuma escolha senão se entregar as exigências rugidas de seu corpo. E a única pausa que ela tinha? Cada vez que ele gozava dentro dela, havia um breve alívio, antes que a afiada necessidade começasse sua ascensão mais uma vez.

— Tome da minha veia, – Wrath disse roucamente. — Tome...

Ela nem sabia se estava de costas ou de barriga, em que quarto estava, que horas eram. Mas no momento em que o pescoço dele se aproximou de sua boca, ela claramente tinha certeza da mordida: Suas presas saíram e ela as usou firmes, mordendo a carne de Wrath, rompendo a superfície e indo fundo, liberando a outra coisa que precisava dele.

Oh, o poder dele. Quando sua boca estava cheia, ela foi atingida mais uma vez pelo impacto incrível que o sangue dele tinha sobre ela. Com sua força enfraquecendo inclusive quando a necessidade continuava, e seu corpo doía em todos os lugares como se tivesse passado por uma prensa, ela, no entanto, fortaleceu-se desde o primeiro gole, em melhores condições para continuar, embora não fosse como se ela tivesse uma escolha.

Quando ela teve que liberar a veia dele para respirar, não podia acreditar que se ofereceu para isso. Ela devia ser louca, alguma visão romântica idiota de ter um beeeeeeeebê entrando no modo de doze tipos de realidade.

Enlaçada no pescoço de Wrath, ele de alguma maneira conseguiu se manter bombeando-a mesmo com ela em sua veia, sua ereção entrando e saindo, os impulsos profundos e remoções bruscas ressoando por todo o tronco, a cabeça balançando para cima e para baixo, seus quadris absorvendo seu peso. Escorregadios de suor, seus corpos se moviam em conjunto com tal perfeita comunhão, ela não sabia onde o dela terminava e o dele começava.

A súbita mudança de ritmo lhe disse que ele estava se preparando para outro orgasmo, e ela precisava disso...

Wrath empinou a cabeça para trás, e suas presas saíram rasgando o pescoço dele, mas ele não parecia se importar.

Não pareceu nem notar.

Jesus, ele era magnífico: Pela névoa do sexo, ela observava o esforço, seus lábios curvados para trás, suas próprias presas ficando expostas, seu cabelo fluindo afastados do pico da viúva, enquanto seus cegos, pálidos olhos verdes brilhavam amplos e, em seguida, bem fechados.

E logo depois foi a vez dela, seu núcleo agarrando sua excitação, gananciosa para que ele ejaculasse dentro dela, o prazer tão agudo que era uma espécie de agonia.

Assim quando as contrações estavam começando a diminuir, ela preparou-se para a próxima onda, preparando-se para mais uma próxima rodada de desejo esmagador para assumir...

Quando não veio imediatamente, ela olhou ao redor, como se a necessidade fosse uma terceira parte que só poderia ter abandonado o...

Oh, uau. Eles ainda estavam no banheiro. No chão.

Wrath desmoronou contra ela, sua cabeça caiu tão afastada, com tanta força que ela o ouviu bater a testa contra o mármore.

Quando o descanso se prolongou, ela provavelmente deveria ter começado a esfriar, mas o inferno em seu corpo mantinha os dois muito quentes...

O som de um zumbido de cima da banheira chamou sua atenção. As venezianas estavam se fechando para o dia, os painéis trancado-se nos peitoris.

Então, isso já durava por... Oito horas? Nove?

Não vinha nenhum som do andar de baixo, entretanto todos os Irmãos provavelmente foram afetados por seus hormônios. As fêmeas também.

Wrath se levantou, seus músculos se esticando, seus braços tremendo. — Como você está?

Beth abriu a boca para responder, mas apenas um som rouco saiu.

— Você vai querer minha veia ainda, — ele disse, afastando uma mecha de cabelo do rosto. — Você precisa disso.

— E quanto a você... — com sua voz rouca, ela pigarreou. — E você?

Ele parecia magro, rosto cavado como se tivesse perdido onze quilos, mas ele balançou a cabeça. — Minha única preocupação é você.

A imagem dele ficou ondulada quando as lágrimas fluíram.

— Eu sinto muito, — ela murmurou. — Oh, Deus... Eu sinto tanto.

— Sobre o quê?

— Essa... Coisa toda.

Ele balançou a cabeça. — Isso teria acontecido mais cedo ou mais tarde.

— Mas eu...

Wrath baixou a boca até a dela e beijou-a suavemente. — Nada mais disso. Vamos em frente a partir de hoje. Aconteça o que acontecer... A gente fodidamente lida, ok?

Não houve tempo para a resposta. Abruptamente, a necessidade se preparou mais uma vez, a maré crescente, o calor desenrolou-se em seu sexo e se dirigiu direto até seu coração.

— Oh, Deus, — ela gemeu, — Eu pensei que tudo tinha acabado.

— Ainda não. — Ele não parecia surpreso. — Nós não terminamos...

iAm estava parado no fogão da cozinha quando sentiu a presença do seu irmão. Ele nem precisou se virar da panela de ensopado que estava fazendo: O ar no cômodo mudou, e não no bom sentido.

Trez também não estava sozinho. E ele sabia disso, não porque ele... Sentiu o cheiro de Selena, mas porque sentiu o do irmão.

iAm xingou em voz baixa à medida em que se virava. O filho da puta tinha se vinculado.

Fantástico.

Diabos, iAm tinha alguma esperança de que, com todos os hormônios inundando a casa, seja qual for o sexo que aqueles dois chegaram, diminuiriam com o resultado de outra pessoa em necessidade.

Grande teoria. Exceto que Sombras eram imunes a esse tipo de merda.

— Você não deveria ser a pessoa que o iria atender, – iAm murmurou enquanto colocava mais sal marinho na mistura.

— Cuidado com o tom de voz.

iAm virou e olhou para o idiota. — Eu tenho uma ideia. E quanto a você, por uma vez, tome uma boa decisão sobre uma fêmea. Então eu não vou ter que ficar irritado.

A Escolhida de pé ao lado de Trez ergueu o queixo. — Se você quiser culpar alguém, não se dirija a ele. Eu escolhi ir até ele, embora você tenha pedido outra.

iAm voltou para sua panela. — Ótimo. Parabéns e bem-vinda à família.

Seu irmão se materializou até ele, girou em torno dele e agarrou-o pelo pescoço. — Peça desculpas a ela...

iAm pegou o punho de ferro, mostrando suas presas. — Foda-se, Trez.

— Você quer uma arma? – Seu irmão rosnou. — Você quer uma porra...

— Faça isso. Porra, eu te desafio...

— Não me force...

— Estou tentando salvar seu rabo! Porra...

Quando a dupla foi em direção a uma implosão para rivalizar com a de Wrath na noite anterior, a Escolhida se aproximou e falou calmamente.

— Ele me disse, — ela cortou a conversa. — Tudo. E me parece que vocês dois estão sozinhos nessa situação. Então, talvez a Última Refeição em vez de socos, poderíamos?!

iAm virou a cabeça ao mesmo tempo que Trez.

Quando os dois se defrontaram com a Escolhida totalmente calma e controlada, Trez fez o inédito e deixou cair a mão. Desceu. Cruzou os braços sobre o peito.

Ele ainda estava furioso até a medula, mas o puxão de orelha foi obedecido com tal facilidade, que você tinha que se perguntar se talvez a merda do vínculo não pudesse ser útil a um ponto.

iAm olhou para seu irmão. — Não sei o que dizer a você.

— Selenia, você nós dá um segundo?

A Escolhida assentiu. — Talvez eu só retorne para o norte. E dê a você dois bastante espaço.

Trez franziu o cenho. — Você não tem que ir.

Os olhos de Selenia iam de um lado para outro. — Na verdade, eu acho que tenho. Você sabe onde eu vou estar, e, por favor, não rasgue um ao outro em pedaços. Só vai tornar tudo isso pior.

iAm se preparou para uma exibição nojenta de despedida, mas a fêmea o impressionou ainda mais, curvando-se ligeiramente e partindo. Nenhuma bagunça, nenhum rebuliço.

Merda, quase podia com ela. Se ele não estivesse tão bravo com seu irmão idiota...

— Eu gostaria de encontrar s'Ex. Hoje.

iAm cruzou os próprios braços e encostou-se no fogão. — Porque você pensa que ele vai ser razoável? Já tenho o bastardo real, e está mais do que pronto para fazer seu trabalho.

— Você pode chegar a ele?

— Sim.

— Diga a ele para me encontrar ao meio-dia em nosso apartamento.

— Esse é o prazo para você se apresentar no s'Hisbe. — Quando seu irmão não respondeu, iAm levantou as sobrancelhas. — Você não está se entregando, não é?

— Marque a reunião.

iAm xingou muito e baixo. Sim, ele queria chutar o traseiro do seu irmão, mas absolutamente, positivamente ninguém mais. — Trez.

— Faça isso.

— Não a menos que me diga onde você está.

— Pensei que você quisesse que eu voltasse.

— Então é isso que você está fazendo? Diga-me uma coisa, você está pensando em trazer a sua Escolhida com você, criar uma pequena família feliz ou algo assim?

— Ela não é minha.

— Você já disse isso aos seus hormônios?

Trez cortou o ar com sua mão. — Não sei sobre o que está falando...

— E esse é seu fodido problema.

— Basta ligar para o executor. Isso é tudo o que tenho a dizer.

Quando Trez girou nos calcanhares, iAm falou bruscamente. — Eu não posso deixar você voltar lá.

Trez parou. Olhou por cima do ombro.

— O que, — iAm reclamou.

— Eu só... Eu não sei. Eu acho que não esperava por isso.

Hora de voltar para o molho. Ensopado. Que diabos ele estava fazendo de novo?

Tirando a tampa, ele pegou sua colher e mexeu lentamente. Ele tinha feito à mão tudo, desde o caldo de galinha até os temperos que estavam flutuando na superfície da mistura perfumada.

— iAm?

— Eu não me importo se eles morrerem. — Ele viu as rodela de cenouras e pedaços de cebola na superfície espessa da base. — Eu sei que eu deveria, porque eles são meus pais, mas eu já pensei sobre isso e eu sinto muito, se eles podem ser egoístas, então eu posso. Minha família é você e eu, e eu o escolherei acima de qualquer um.

— Deus... Eu acho que precisava que você me dissesse isso.

Ele lançou outro olhar. — Você duvidava? Tipo, alguma vez?

Trez atravessou e sentou em um dos tamboretas do balcão. — Há limites.

iAm teve que rir. — Você não disse.

Indo para os armários na esquerda, ele tirou duas tigelas, em seguida, abriu uma das gavetas e pegou algumas colheres de sopa. Colocando o ensopado, ele serviu seu irmão primeiro.

Trez provou e gemeu. — Isso é incrível.

Quando iAm provou a merda, ele teve que concordar, mas manteve isso para si mesmo. O orgulho era uma característica sem atrativo, mesmo que fosse bem colocado.

— O que vai fazer sobre a Escolhida? — iAm perguntou.

Trez deu de ombros e era apenas um poouuuuquinho também indiferente. — Nada.

— Não sei se vai funcionar assim para você.

Trez olhou para o ensopado. — Ela é apenas mais uma razão para ficar do lado de fora. Não que eu precisasse.

— Ela disse que você contou tudo para ela. É verdade?

Passou um longo tempo antes de Trez balançar a cabeça lentamente. — Sim. Praticamente.

— O que exatamente você manteve para si mesmo.

Aqueles olhos negros se ergueram depois de um tempo. — Segundos?

iAm agarrou a tigela agora vazia e trouxe-a para repetir.

— Eu não lhe disse o quão ruim vai ficar, — disse Trez baixinho quando mais ensopado foi entregue.

— Então você mentiu.

Houve outro longo silêncio. — Sim. Eu fiz.

Porque depois que a rainha eliminasse seus pais? A tribo iria vir atrás de iAm. Ele era o próximo degrau na escada da coerção porque eles não podiam tocar em Trez, afinal. Ele tinha que estar inteiro.

iAm se viu assentindo. — Provavelmente uma boa jogada.

Capítulo TRINTA E SETE

Era fácil pensar em Deus enquanto via a saída do sol sobre o Rio Hudson.

Quando Sola sentou-se no terraço vazio da casa de vidro de Assail, ela olhou através da água fria e parada. Pequenos flashes de cor pêssego e amarelo rapidamente apareciam sobre a expansão de gelo onde, do outro lado do caminho, a grande esfera laranja coroava os prédios do centro.

Ela conseguiu sair desta prisão, pensou pela enésima vez. E apesar das cicatrizes que se formaram dentro dela, seu corpo estava intacto, sua mente funcional e tinha segurança, pelo menos por agora.

Pensando em todas as orações que fez, ainda não podia acreditar que foram atendidas. O desespero a fez pronunciar as palavras, mas realmente não esperou que alguém fosse escutá-la.

A pergunta agora era... Manteria sua parte no acordo?

Cara, teria sido muito mais fácil se um anjo com asas tivesse descido e a livrado, magicamente, colocando-a ali. Em vez disso, ela fez o trabalho sujo sozinha e Assail a limpeza. Ah, e um desses primos ferozes dele tinha sido motorista para a viagem de cinco horas de volta à sanidade. Ah, e em seguida havia todas aquelas pessoas naquele prédio.

Simples mortais tocados pela mão de Deus? Ou uma série de eventos aleatórios que só aconteceu para saírem como fizeram? Sua vida foi salva de um caso de intervenção divina... Ou não significava mais do que sorte?

Percebeu um barco de pesca ocioso em sua visão, seu único passageiro dirigindo um motor de popa na parte de trás, controlando a velocidade e a direção.

Puxou a manta pesada ao redor de seu corpo, pensou em todas as coisas que fez, começando quando ela tinha apenas nove ou dez anos. Começou roubando carteiras, treinada por seu pai e depois passou para roubo mais complexo, com sua ajuda. Então, depois que ele foi para a prisão e ela e sua avó mudaram-se para os Estados Unidos, conseguiu um trabalho como caixa em um restaurante tentando

sustentar ambas. Quando isso provou ser muito difícil, colocou sua experiência em bom uso e sobreviveu.

Sua avó nunca fez nenhuma pergunta, mas ela sempre foi assim e sua mãe da mesma forma, exceto quando se tratou da participação de Sola em sua vida. Infelizmente, a mulher não viveu o suficiente para causar um grande impacto e depois que ela se foi, o marido e a filha que ela deixou para trás ficaram mais próximos.

Bem.

Mais cedo ou mais tarde, iriam ser pegos. Inferno, seu pai era ainda muito melhor que ela e ele morreu na prisão.

Pensou na última vez que o viu, lembrou-se de seu julgamento, usando um uniforme de prisioneiro, algemado.

Mal olhou para ela, e não porque estivesse envergonhado ou preocupado por mostrar-se sentimental.

Ela já não era útil para ele naquele momento.

Esfregando os olhos, ela pensou que era estúpido continuar sofrendo por isto. Mas depois de passar tanto tempo tentando deixá-lo orgulhoso, ter sua aprovação, encontrar qualquer tipo de conexão, ela percebeu que para ele, não era mais que uma ferramenta em seu local de trabalho no mercado negro.

Ela deixou a sala do tribunal antes de saber se ele foi declarado culpado ou não, e foi diretamente para seu apartamento. Entrando em casa, foi direto buscar o dinheiro que guardava em um espaço pequeno na parede atrás do banheiro e usou esta merda para libertar a ela e sua avó deste legado.

Os documentos para entrar nos Estados Unidos foram falsificados. As notícias que receberam mais ou menos três semanas depois foram bem reais: seu pai foi condenado.

E então foi assassinado na prisão.

Com sua avó sendo viúva e sem filhos, Sola ocupou o papel de provedora da única maneira que conhecia, da única maneira que funcionava.

E agora ela estava ali, sentada no terraço da casa de um traficante, enfrentando o tipo de dilema moral que ela nunca esperou enfrentar...

Observou o pescador desligar o motor e lançar o anzol.

Apesar dele ter desligado o motor, não estava parado. A correnteza do rio o fazia balançar e se afastar de sua visão, uma arte humilde contra os edifícios distantes.

— Você quer tomar o café da manhã?

Sola deu a volta. — Bom dia.

Sua avó tinha o cabelo solto em cachos ao redor de seu rosto, seu avental amarrado na cintura, e um pouco de batom em sua boca. Seu vestido de algodão simples foi feito à mão por ela, claro e seus robustos sapatos marrons eram de algum modo apropriado.

— Sim, por favor.

Quando ela foi se levantar, sua avó fez um gesto com ambas as mãos. — Sente-se ao sol. Você precisa de sol, está muito pálida. Você vive como um vampiro.

Normalmente ela teria respondido, mas não esta manhã. Estava muito grata por estar viva para fazer qualquer coisa diferente de concordar.

Virando-se novamente, viu que o pescador estava desaparecendo à direita, afastando-se.

Se ela não houvesse orado, teria saído daquele lugar de qualquer maneira. Era uma sobrevivente, sempre foi e esteve em uma espécie de piloto automático, ocultando suas emoções e sensações físicas para fazer o necessário.

Agora olhava para seu futuro, as correntezas de sua vida a levavam para longe por assim dizer... Aproveitar era a coisa mais certa a se fazer.

Independentemente de qualquer “acordo” que tivesse com Deus.

Ela iria acabar na prisão ou morta, já que tinha um pé no frio glacial de uma situação sem saída. Não onde ela queria terminar.

Por causa da luz, desistiu de ficar olhando para longe, fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. O calor em seu rosto a fez pensar em Assail.

Estar com ele era como tocar o sol e não se queimar e seu corpo queria mais, inferno, apenas a ideia de tocá-lo era suficiente para levá-la de volta aos momentos que passaram na cama, a noite tranquila, a respiração forte.

Como seus peitos se tocando, ela o sentiu entra as coxas.

— Sola, está pronto. — Sua avó disse atrás dela.

Levantando-se, ela se inclinou na sacada de vidro, tentando encontrar o pescador. Não conseguiu. Ele foi embora.

Brr, estava frio ali fora.

— Sola? — Chegou um toque gentil.

Estranho. Geralmente, a voz de sua avó era como suas mãos, nunca suave. De fato, ela falava como cozinheira; franca e sem nenhum tabu.

Mas agora o tom era o mais gentil que Sola já ouviu.

— Sola, vamos comer agora.

Sola tentou mais uma vez ver o pescador. Então deu a volta e enfrentou sua avó.

— Eu amo você, vovó.

Sua avó apenas movimentou a cabeça com aqueles olhos maduros. — Venha, você pegará um resfriado.

— O sol está quente.

— Não quente o suficiente. — Sua avó deu um passo atrás e fez sinais. — Você deve comer.

Quando Sola entrou na casa, congelou.

Sem olhar, sabia que Assail havia descido as escadas e estava olhando-a. Merda, não tinha certeza de que poderia evitar.

Depois de ser sequestrado e ficar em seu quarto pelos últimos dias, Trez achava que o mundo era uma extensão de seus sentidos, como ter uma luz estroboscópica em seu rosto e um fone de ouvido, ao chegar a Northway no centro de Caldwell, encontrou-se colocando os óculos de sol e desligando o rádio.

Do nada, algum estúpido saiu da pista dele e o ultrapassou, porra.

— Olha por onde vai! — Ele gritou para o para-brisa, tocando a buzina.

Por uma fração de segundo, esperou que o homem atrás do volante do Dodger fosse atrás dele. Queria golpear algo. Merda provavelmente seria bom praticar e se reunir com o Sr. Dodger, no entanto, já tinha sua sobrecarga de testosterona e seu pau do tamanho de um lápis na seguinte saída, passando na frente de uma caminhonete e um caminhão no processo.

— Idiota.

Com um pouco de sorte, o bastardo sairia do carro sem o cinto de segurança.

Mais ou menos dez minutos mais tarde, Trez passou a andar a sessenta quilômetros por hora e entrou em um labirinto de um único sentido. Confrontado por todos os semáforos e os sinais de parada, seu cérebro perdeu o caminho para o condomínio.

Quando uma buzina soou atrás dele, fechou os vidros e pisou no acelerador. Por fim, se viu obrigado a dirigir ao redor de um estacionamento com vinte andares, tendo que reduzir quase a zero a medida que entrava pela rampa. Enquanto descia, conseguiu pegar seu cartão na viseira, passar pelo leitor e entrar em sua vaga reservada.

O passeio de elevador levou cinquenta anos e então estava pisando no tapete do corredor. Seu apartamento era pequeno, então ele usou a porta principal, não a de serviço, usando sua chave de cobre.

Quando entrou na cozinha, viu duas xícaras de café no balcão, um saco de batatas fritas Cape Cod aberto e uma cafeteira quase cheia.

Ele fez uma pausa na GQ aberta. Já esperava por isso. — Belo casaco. — Murmurou enquanto fechava a revista.

Não havia razão para acender nenhuma lâmpada. O dia estava ensolarado e o vidro da janela deixava entrar muita luz.

A forma negra imponente que chegou do terraço era um presságio de destruição, se ele alguma vez já viu um.

Andando a passos largos, Trez abriu a porta com a mão e saiu, fechando-a a suas costas.

A voz de s'Ex seja sob o capuz de executor estava levemente divertida. — Seu irmão me convidou.

— Eu não sou meu irmão.

— Sim. Nós notamos. — Quando o homem da rainha cruzou seus braços acima do peito, seus antebraços volumosos se contraíram sob o tecido. — A que se deve a honra de minha presença?

O fato de que fazia muito frio lá parecia apropriado. — Eu não quero que foda com meus pais.

— Então você precisa voltar. Isto é tudo. — O executor inclinou-se. — Não diga que você me chamou com esperança de negociar. Fez isto? Com certeza você não é tão estúpido.

Trez mostrou suas presas, mas logo as retraiu. — Há algo que queira. Todo mundo tem um preço.

O executor levantou a mão e lentamente tirou o capuz. O rosto atrás das dobras de pano preto era bonito como o pecado... E tinha os olhos com o calor de granito no inverno.

— Por que iria arriscar minha própria vida pela de seus pais? Se eu desobedecer uma ordem, haverá consequências e nenhum de vocês valem isto.

— Você pode conversar com a rainha. Ela o escuta.

— Suponha que isto seja certo e não estou dizendo que é, por que eu faria?

— Porque há algo que você quer.

— Desde que você parece saber tudo, o que exatamente acha que é? — O executor disse em um tom entediado.

— Você está preso ali como qualquer um deles. Eu me lembro de como é e posso garantir, a vida deste lado dos muros é bem melhor.

— É por isso que você se vê como uma merda, então?

— Pense sobre isto. Eu posso conseguir para você qualquer coisa do lado de fora. *Qualquer coisa.*

Os olhos do executor se estreitaram. — Lutar por eles não te salvará.

— Matá-los não vai me trazer de volta. E é por isso que o faria isto, certo? Então vá até a rainha, diga a ela que conversou comigo diretamente e eu não me importo se matá-los. Então sugira que ela tire deles tudo que lhes foi dado, casas, joias que adquiriram com a recompensa que receberam, a comida em seus armários. Tudo. Isso fará com que seja rainha novamente. Ela não perderá nada.

— Besteira. Ela não tem um meio para chegar a sua filha. Toda esta “restituição” não resolve o fato de que a princesa não tem um companheiro.

— Não vou ser eu. Estou dizendo a você agora. Vocês podem foder meu pai e minha mãe, podem me ameaçar fisicamente, podem destruir minha casa.

— E se apenas o levo agora?

Trez buscou a arma que tinha colocado na cintura da calça na parte baixa das costas. Não apontou para s’Ex. Colocou sob seu próprio queixo.

— Se você tentar, puxarei este gatilho. Então terá um corpo morto e a menos que a filha dela seja uma cadela doente, ela não irá me querer.

s’Ex ainda estava imóvel. — Você está fora de sua maldita mente.

— Tudo o que quer é o exterior s’Ex. Você cuida disto para mim e eu cuidarei de você.

Quando o executor da rainha considerou o acordo, Trez suavemente respirou, e pensou nas únicas duas pessoas que realmente importava. Selena... Jesus Cristo,

ele a desejava, mas não era bom para as predileções das Escolhidas. Inferno, ainda que este acordo funcionasse, ele ainda seria um cafetão e nada teria mudado o seu passado.

E então havia iAm.

A ideia de perder seu irmão era... Nem sequer podia pensar. Mas o homem estaria melhor sem ele se não pudesse solucionar este problema.

— Fico surpreso por querer salvar seus pais deste mal. — s'Ex disse de repente.

— Você está brincando? Se perderem seu posto, será pior que a morte para eles. O que fizeram comigo arruinou minha vida e a do meu irmão. Esta merda é vingança. Além disso, como eu disse, não importa o que façam com eles, eu não vou voltar lá.

O executor parou bruscamente e passeou pelo terraço, sua capa rodando ao seu redor com uma promessa de violência, sua respiração como fogo de dragão.

Depois de um longo momento, ele apertou as mãos atrás das costas, e voltou.

Passou um minuto antes de finalmente falar, e quando o fez, não estava olhando para Trez. Estava olhando fixamente para a porta de vidro do apartamento.

— Eu gosto deste lugar.

Trez manteve a arma de fogo em seu queixo, mas sentiu uma punhalada de... Esperança? Bem, não aquela alegre, uma emoção, certamente. Mas talvez houvesse uma solução afinal.

s'Ex ergueu uma sobrancelha. — Três quartos, dois banheiros e uma cozinha agradável. Bastante luz. Mas as camas são as melhores, grandes.

— Se quiser, é seu.

Quando os olhos de s'Ex deslizaram de volta para ele, Trez ouviu a frase sobre fazer um acordo com o diabo repetidas vezes em sua cabeça.

— Está faltando algo.

— O que?

— Mulheres. Eu quero mulheres. Eu direi a você quando. E quero três ou quatro de cada vez.

— Conseguirei isto. Diga a data e a hora e as terei aqui para você.

— Tão seguro de si mesmo.

— Que merda você acha que faço para viver?

Os olhos de s'Ex chamejaram. — Eu pensei que fosse o dono de um clube.

— Eu não vendo apenas álcool. — Ele murmurou.

— Hmm, que trabalho. — O executor franziu o cenho. — Apenas para que fique claro, ela pode ordenar que vá atrás de seu irmão.

— Então eu terei que matá-lo.

s'Ex lançou a cabeça para trás e riu. — Muito convencido.

— Quero deixar tudo perfeitamente claro. Você toca iAm e eu acharei você. Sua última respiração será minha e seu coração ainda estará morno quando tirá-lo de seu peito para comê-lo.

— Sabe, é uma maravilha nós nos darmos tão bem.

Trez estendeu a mão livre. — Chegamos a um acordo?

— Temos que considerar a rainha. Posso não ser capaz de influenciá-la. E apenas para que saiba, se ela não quiser seu prazo estará acabado.

— Então os mate. — Ele segurou o olhar s'Ex sem oscilar. — Eu falo sério.

O executor balançou a cabeça, como se considerando todos os ângulos. — Sim, evidentemente que sim. Encontre-me aqui ao meio-dia amanhã com uma amostra e eu verei o que eu posso fazer no Território.

Antes de s'Ex desaparecer, o macho apertou brevemente a mão estendida. E então se foi, como um pesadelo banido ao se despertar.

Infelizmente... Trez sabia que o homem voltaria.

A pergunta era, com que notícias. E que tipo de apetite.

Capítulo TRINTA E OITO

Passava da hora do um último pôr do sol quando Abalone deixou sua casa, desmaterializando-se fora de seu gramado lateral. A noite estava extremamente fria, e quando ele se materializou na propriedade de uma das famílias mais ricas da *glymera*, levou um momento aspirando até que seus seios nasais ficaram entorpecidos.

Outros estavam se reunindo, os machos e as fêmeas apareceram na escuridão, endireitando suas peles, roupas finas e joias antes de andarem a passos largos em direção à luz.

Com o coração pesado, ele seguiu.

As grandes portas esculpidas da mansão estavam abertas pelo *doggen*, a equipe imóvel em seus librés, nada além de tinindo.

A dona da casa, do modo que deveria, estava de pé debaixo de um lustre no foyer, o vestido dela de alta costura vermelho claro, caía até o chão em seda drapejada. Suas joias eram rubis, os intervalos em sua garganta, suas orelhas e seus pulsos eram uma exibição de ostentação.

Por nenhuma razão particular pensou que as pedras preciosas vermelhas da verdadeira rainha da raça eram muito melhores, maiores, mais claras. Ele viu uma pintura a óleo da majestosa fêmea no passado, no Velho Continente, e mesmo destilada através da pintura e da idade, o Rubi Saturnino e suas contrapartes tinham um brilho que destruiria a pretensão antes dele.

O companheiro da anfitriã não estava em nenhum lugar à vista. Entretanto novamente, aquele macho tinha dificuldade de ficar de pé longos períodos de tempo.

Ele não permaneceria no mundo muito tempo.

A linha de recepção que se formou rapidamente prosseguiu, e logo Abalone estava beijando a bochecha com pó compacto da fêmea.

— Que bom que você pode vir, — ela disse grandiosamente, mostrando atrás dela. — A sala de jantar, se você quiser.

Enquanto seus rubis relampejavam, ele imaginou sua filha como tal, uma grande dama em uma grande casa com olhos vítreos.

Talvez o castigo por não aceitar esta afronta ao trono tenha valido a pena. Ele encontrou o amor com sua *shellan* pelos anos em que ela tinha estado na Terra, mas isso tinha sido sorte, viria a perceber. A maior parte de seus contemporâneos, agora sacrificados nos ataques, viveram sem amor, em relações assexuadas que revolviam em torno do circuito de festa em vez da mesa de jantar da família.

Ele não queria aquilo para sua filha.

No entanto, se o amor aconteceu para ele, seguramente haveria uma chance para ela até mesmo na *glymera*?

Certo?

Caminhando para a sala de jantar, ele achou que estava da mesma maneira que tinha estado quando o Rei recebeu a todos bem recentemente: A fina mesa longa foi retirada e vinte ou mais cadeiras foram instaladas em filas. Desta vez, porém, os sobreviventes da aristocracia estavam estabelecendo-se em conjunto com suas companheiras.

Normalmente as *shellans* não eram incluídas em reuniões do Conselho, mas não havia nada habitual sobre este encontro. Ou no último.

E realmente, o encontro deveria ter sido mais sombrio, ele pensou enquanto escolhia uma cadeira recoberta de seda na parte de trás: Em oposição para exibir qualquer respeito pelo significado histórico, o perigo, a natureza sem precedente de tudo isso, eles estavam conversando entre si, os cavalheiros vociferando, as damas lançando suas mãos com maneirismos, de forma que suas joias brilhassem.

De fato, Abalone estava sozinho na fileira de trás, e em vez de saudar àqueles que conhecia, livrou o botão de seu paletó e cruzou a perna na altura do joelho. Quando alguém acendeu um charuto, ele tirou um charuto e fez o mesmo, apenas para dar a si mesmo algo para fazer. E quando um *doggen* apareceu imediatamente em seu cotovelo com um cinzeiro em um suporte de bronze, ele movimentou a cabeça agradecendo e focando-se em bater a cinza.

Era peixe pequeno para todos eles, porque há muito tempo decidiu que, debaixo do radar era melhor. Seu sangue viu de primeira mão as crueldades da corte e da sociedade, e aprendeu aquela lição lendo os diários que tinham sido passados a ele. A verdade era que tinha recursos financeiros que todos juntos nesta sala, mal podiam reunir.

Obrigado, computador da Apple.

O melhor investimento que alguém nos anos oitenta poderia ter feito. E então houve um grande laboratório farmacêutico nos anos noventa. E antes disto? As corporações de aço e companhias de via férrea em torno da virada do século.

Ele sempre teve um talento para onde os humanos iriam querer ir tanto com seus entusiasmos quanto com suas necessidades.

Se a *glymera* soubesse disso, sua filha seria um artigo de grande valor.

O que era a outra razão pela qual não conversava sobre seu patrimônio líquido.

Incrível a que distância sua linhagem chegou ao longo dos séculos. E pensar que eles deviam tudo isso ao pai deste Rei.

Dez minutos mais tarde, a sala estava cheia... E isto, mais do que uma festa... Uma festa simulada, era o sinal de que a *glymera* tinha pelo menos alguma apreciação de magnitude do que eles estavam fazendo. Elegantemente atrasado não se aplicava esta noite; as portas iriam ser bloqueadas exatamente...

Ele verificou seu relógio.

...Agora.

Com certeza, houve um som reverberando como madeira pesada deslizando pela casa.

Tudo e todos se sentaram e ficaram mudos, e foi quando pode contar as cabeças e descobrir quem estava faltando. Rehvenge, o leahdyre, é claro... Ele se aliou com Wrath e ninguém iria abalar esta ligação. Marissa também estava faltando, embora seu irmão, Havers, estivesse aqui... Entretanto ela era emparelhada com aquele Irmão que ninguém realmente sabia quem era, supostamente da linhagem de Wrath.

Naturalmente, ela estaria ausente também...

As portas com painéis à direita da lateral da lareira se abriram e seis machos entraram. Imediatamente, os reunidos se endireitaram em suas cadeiras. Ele reconheceu dois deles imediatamente... O aristocrático bloqueando a frente... E o feio com lábios leporinos atrás, que tinham lhe visitado com Ichan e Tyhm. Os quatro entre as sombras eram da mesma cor escura: grandes e encorpados, olhos afiados de lutadores que estavam em alerta, mas não inquietos, prontos, mas não sacando as armas.

O controle deles era a coisa mais assustadora sobre eles.

Apenas alguém destemido poderia estar relaxado nesta situação...

A dona da casa levou seu *hellren*, o macho curvando-se assim como a cabeça da bengala que usava com a mão livre, seu cabelo branco, seu rosto enrugado como cortinas pregueadas.

Ela o sentou como se ele fosse uma criança, organizando seu paletó, alisando sua gravata vermelho claro.

Em seguida, ela se dirigiu aos reunidos, as mãos apertadas como uma soprano soltando a voz em uma melodia para uma casa lotada. Seu brilho chamando a atenção sobre ela era completamente inapropriado, Abalone pensou.

De fato, esta coisa toda era um pesadelo, pensou enquanto batia suas cinzas novamente.

Enquanto sua boca trabalhava, expelindo agradecimentos e reconhecimentos, ele perguntou-se como as coisas iriam ficar para ela depois que seu “amado” fosse para o Fade. Indubitavelmente, aquilo dependia do testamento, se era um segundo emparelhamento, e se havia um jovem de linhagem de sangue precedendo-a na corrida das posses.

Ichan foi o próximo a subir no palco. — ...Encruzilhadas... Medidas necessárias... Trabalho de Tyhm para expor a fraqueza definidas antes da raça... Companhia mestiça... Herdeiros com um quarto de raça...

Era a retórica que foi dita a ele, o recapitular simplesmente fazendo pose para fingir que isto era a primeira vez que alguém ouvia falar disto. Mas tudo tinha sido

preparado, as expectativas atingidas antecipadamente, as repercussões declaradas tão necessárias.

Abalone olhou para o canto mais distante da sala. Tyhm, o requerente, estava de pé com toda a predisposição de um cabide, seu corpo longo e magro mantido firmemente na vertical. Ele estava nervoso, seus olhos um tanto extasiados e piscando muito.

— ...Voto de não confiança deve ser unânime para esta suprema maioria do Conselho. Além disso, suas assinaturas serão anexadas com selos neste documento preparado por Tyhm. — Ichan levantou um pergaminho com seus símbolos no Antigo Idioma, desenhados com cuidado em tinta azul... E então apontou para uma linha de fitas multicoloridas, uma tigela de prata esterlina de velas vermelhas, e uma pilha de guardanapos de linho branco. — Todas as suas cores estão presentes aqui.

Abalone olhou para o anel de sinete de ouro volumoso que assentava fortemente em sua mão. Era o que seu pai usava, a crista esculpida tão profundamente no metal que até depois da passagem dos séculos, o contorno, os redemoinhos, os ícones eram óbvios.

Na verdade, o ouro do anel tinha sido sem dúvida brilhante, quando foi lançado, mas agora era fosco de uma patina desgastada, conquistado pelos machos de sua família. Honradamente conquistado.

Isto estava errado, pensou uma vez mais. Toda esta construção contra Wrath era falsa, tamborilando apenas para servir as ambições de aristocratas que não eram merecedores do trono: Eles não se importavam com a pureza do sangue dos herdeiros. Era apenas o vocabulário designado para justificar a meta deles.

— Nós podemos ter um voto? — Ichan olhou para a multidão. — Agora.

Isto estava errado.

A mão de Abalone começou a agitar de tal forma que ele soltou o charuto no chão... E não conseguia se mover para pegá-lo.

Não diga não para isto, ele disse a si mesmo. Levante-se para que isto...

— Todos a favor, digam, “Aye”.

Ele não falou. Embora não porque tivesse coragem para ser o único a “negar” quando a dissidência foi solicitada.

Ele não abriu a boca em seguida, também.

Abalone abaixou a cabeça como o martelo do juiz batendo na madeira.

— O movimento está feito. O voto de não confiança passou. Vamos todos agora juntar-nos como um para enviar esta mensagem de mudanças para nossa raça.

Abalone abaixou-se e recuperou seu charuto. O fato de que queimou um pequeno buraco no chão envernizado pareceu apropriado.

Ele estava deixando uma mancha no legado de seus antepassados esta noite.

Em vez de ir adiante até o pergaminho, ficou onde estava como cada representante das famílias e todas as fêmeas erguendo-se e se posicionando para Ichan, desempenhando seu papel enquanto selos e fitas eram anexados. Era como assistir atores em um palco, cada um deles apreciando seu momento na luz, o foco neles.

Eles sabiam o que estavam fazendo? Ele pensou. Passando as rédeas para quem... Ichan? Como uma fachada para aqueles lutadores? Isto seria desastroso...

— Abalone?

Agitando-se ao som de seu nome, ele olhou para cima. A sala inteira estava olhando fixamente para ele.

Ichan sorria adiante.

— Você é o último, Abalone.

Agora era a oportunidade para estar à altura do nome de seu avô. Agora era seu momento para expressar sua opinião de que isto era um crime, isto era...

— Abalone. — Ichan estava ainda sorridente, mas havia uma forte demanda em seu tom. — Sua vez. Para seu sangue.

Quando derrubou o charuto no cinzeiro, sua mão estava novamente tremendo, sua palma suada. Limpando sua garganta, ele ergueu-se, pensando sobre

a coragem de sua linhagem, o modo como seu antepassado fez o que era certo apesar do risco.

A imagem de sua filha transpassou por sua fonte de emoção.

E ele sentiu os olhos dos outros como mil miras a laser apontada para ele.

Com intento de matar.

Quando Wrath ouviu uma batida na porta abobadada de seu aposento de aparelhamento, amaldiçoou baixinho e ignorou.

— Wrath, você deve receber quem quer que seja.

Ele tomou outra colherada da rica sopa que tinha sido preparada com os legumes que ele buscou e cavou a terra ele mesmo. O gosto era sutil, o caldo cheiroso, os pedaços de carne da pata de uma vaca recém-abatida de seus estábulos.

Que ele próprio matou.

A batida veio novamente.

— Wrath, — Anha repreendeu quando se ergueu mais alto sobre os travesseiros. — Você é necessário para os outros.

Ele não tinha nenhuma noção do tempo, se estava claro ou escuro, quantas horas ou noites haviam se passado desde que ela voltou para ele. E não se importava. Da mesma maneira que não se importava com os caprichos do tribunal ou as preocupações dos cortesãos...

Mais batida.

— Wrath, dê-me a colher e pode responder a esta porta, — sua fêmea comandou.

Oh, isso o fez sorrir. Ela estava realmente de volta.

— Seu desejo é meu comando, – ele disse, colocando a tigela larga no colo dela e dando-lhe o utensílio que usou.

Teria preferido muito mais continuar a alimentá-la ele mesmo. Mas vê-la capaz de administrar o esforço sem derramar, e efetuar o processo de obter mais alimento em sua barriga? Isto o aliviou internamente.

E ainda infelizmente, uma mortalha ainda pairava sobre ambos: Nem ele nem ela falavam sobre o jovem... Sobre se o que aconteceu a Anha roubou-lhes ou não o maior desejos deles.

Era muito doloroso para falar disso... Especialmente levando em conta a revelação feita por Tohture...

— Wrath. A porta.

— Sim, meu amor.

Caminhando através dos tapetes soltos, ele estava pronto para decapitar quem ousou intrometer-se na cura.

Exceto que quando abriu os painéis pesados, ele congelou.

Fora no corredor, a Irmandade da Adaga Negra estava amontoada, seus corpos de lutadores sufocando mais do que era de outra forma o espaço amplo.

Instinto de proteger sua shellan o fez desejar um punhal em sua mão quando saiu e fechou a porta atrás dele.

Realmente, aquele desejo de defender seu território o fez enrolar os punhos para cima, embora nunca tivesse sido treinado para lutar. Mas ele morreria para salvá-la...

Sem uma palavra, suas lâminas pretas surgiram, a luz das tochas capturando e piscando através daquelas superfícies mortais.

Com o coração batendo, ele se preparou para um ataque.

Exceto que não era: Cada um deles afundou de joelho, inclinando suas cabeças, e atingiram o chão, suas adagas clicando na pedra do chão.

Tohture ergueu aqueles incríveis olhos azuis primeiros.

— *Comprometemo-nós a vós e somente a vós.*

E então todos eles olharam para ele, o respeito deles claro em seus rostos, aqueles corpos incríveis se prepararam para serem chamados a serviço dele, por ele... E apenas daquela maneira.

Wrath colocou a mão sobre seu coração e não conseguiu falar. Não percebeu até este momento o quão sozinho ele tinha estado, apenas sua shellan e ele contra o mundo... O que pareceu suficiente. Até agora.

E isto era tão oposto da glymera. Os gestos dos cortesãos eram sempre feitos em público, e não tinha mais profundidade do que qualquer desempenho... Uma vez executado, era passado.

Mas estes machos...

Por tradição e costume, o Rei não se curvava para ninguém.

E ainda assim ele se curvou agora. Profundamente e reverentemente.

Lembrando-se das palavras que ouviu seu pai falar, ele pronunciou.

— *O voto de vós é aceito com gratidão por seu Rei.*

Então ele pronunciou algo que era só dele: — E isto é devolvido. Prometo a vós, a cada e todos, que devo fornecer-lhes a fidelidade que ofereceram e eu aceitei.

Ele encontrou cada um dos Irmãos nos olhos.

Seu pai usou estes machos especialmente criados pela força muscular deles, mas sua aliança tinha sido com a glymera principalmente.

O instinto disse ao filho que o futuro era mais seguro se o oposto fosse verdade: Com estes machos atrás dele, ele e sua amada e quaisquer jovens que poderiam ter, teriam uma chance melhor de sobrevivência.

— *Há alguém que deseja se encontrar com vós, — Tohture disse de sua posição no chão. — Estaríamos honrados de permanecer de guarda aqui em sua porta, enquanto atende a esta necessidade na recepção de seu aposento.*

— *Não devo deixar Anha.*

— Se vós desejar, meu senhor, por favor, vá até o outro aposento. Este é aquele com quem vós preciseis falar.

Wrath estreitou o olhar. O Irmão estava inabalável. Todos eles estavam inabaláveis.

— Dois de vós vêm comigo, – ele ouviu-se dizendo. — O resto permanecerá aqui para ficar guardando-a.

Com um ruidoso grito de guerra, a Irmandade ergueu-se massivamente, seus rostos duros congelados no pior comentário sobre o estado das coisas. Mas quando eles se organizaram diante de sua porta acasalada, Wrath soube em seu coração que dariam suas vidas por ele ou por sua shellan.

Sim, ele pensou. Sua guarda privada.

Quando partiu, Tohture entrou na frente dele, e Ahgony ficou atrás, e enquanto os três prosseguiram adiante, Wrath sentiu a proteção encobri-lo como uma cota de malha.

— Quem está nos aguardando, – Wrath suavemente disse.

— Nós o esgueiramos para dentro, – veio à resposta quieta. — Ninguém pode saber a identidade dele ou ele não durará uma quinzena.

Tohture foi à pessoa que abriu a porta, e por causa de seu peso, não havia como ver quem era...

No canto mais afastado, uma figura encapuzada e coberta se levantou, mas não estava quieto: quem quer que fosse, estava tremendo, o drapejar do tecido sobre ele agitado pelo medo que continham dentro de seu corpo.

A porta foi fechada por Ahgony, e os Irmãos não deixaram seu lado.

Respirando, Wrath reconheceu o odor.

— Abalone?

Mãos pálidas como um fantasma tremeram seu caminho até o capuz e removeu-o.

Os olhos do jovem macho estavam arregalados, seu rosto destituído de cor.

— Meu senhor, — ele disse, caindo ao chão, curvando a cabeça.

Era o jovem, da família de cortesão de grau inferior, o último da formação de almofadinhas, a pessoa que estava lá pela graça do sangue em suas veias e nada mais.

— O que diz vós? — Wrath perguntou, inalando pelo nariz.

Ele pegou o odor de medo, sim... Mas havia algo mais. E quando definiu isto por si mesmo, ficou... Impressionado.

Nobreza não era ordinariamente uma emoção para ser cheirada. Isso era mais como a intenção do medo, tristeza, alegria, estimulação... Mas este rebento de um macho, apenas um ano depois de uma transição que tinha feito muito pouco para aumentar seu peso corporal ou sua altura, tinha um propósito debaixo de seu medo, uma motivação de direção que podia ser somente... Nobre.

— Meu senhor, — ele engasgou, — Perdoe minha covardia.

— Com respeito ao quê?

— Soube que... Eu soube o que eles fariam e não fiz... — Um soluço escapou. — Perdoe-me, meu senhor...

Quando o macho desabou, havia duas abordagens. Uma agressiva. E outra conciliatória.

Ele sabia que ficaria mais com a última.

Caminhando até o macho, ele estendeu a mão.

—Erga-se.

Abalone pareceu confuso ao comando. Entretanto aceitou a mão estendida e na direção que o levou a uma das cadeiras de carvalho esculpidas junto à lareira.

— Hidromel? — Wrath perguntou.

— N-n-n-não obrigado.

Wrath se sentou de frete ao macho, sua cadeira gemendo debaixo sob o peso que de um modo Abalone não tinha.

— *Respire fundo.*

Quando o comando foi obedecido, Wrath inclinou-se.

— *Diga-me a verdade e devo poupá-lo do que quer que vós tema. Ninguém poderá tocá-lo... Desde que não mantenha nenhuma falsidade.*

O macho colocou o rosto em suas mãos. Então respirou fundo novamente.

— *Perdi meu pai antes de minha transição. Minha mãe, também, morta na cama de parto. Com estas perdas, sou como você é.*

— *É terrível ser deixado sem os pais.*

Abalone soltou as mãos, revelando que seus olhos estavam fixos.

— *Não deveria descobrir o que encontrei. Mas três madrugadas atrás, eu descia aos porões do castelo. Não conseguia dormir, e minha melancolia causou-me entrar no subterrâneo. Estava sem uma vela, e meus pés estavam mantidos dentro de suaves calçados de couro... Então, quando ouvi vozes, eles não perceberam minha aproximação.*

— *O que você viu, — Wrath perguntou suavemente.*

— *Há um quarto escondido. Debaixo das cozinhas. Nunca vi isto antes, porque a porta tem uma fachada para combinar com as paredes abaixo... E não teria notado isto... Exceto que o painel falso falhou em fechar corretamente. Travada sobre uma pedra, havia uma rachadura pelo qual meus olhos puderam focar. Do lado de dentro, haviam três figuras, e eles estavam circulados sobre um caldeirão sobre uma chama. Suas vozes estavam silenciosas, quando um deles adicionou folhas de algum tipo no que quer que estivessem aquecendo. O fedor era horrível... E eu estava para regressar e prosseguir sobre minhas preocupações... Quando ouvi seu nome.*

Os olhos de Abalone fixaram em uma distância mediana, como se estivesse vendo e ouvindo novamente o que estava contando. — Exceto que ele não era vós. Era seu pai. Eles estavam discutindo como ele adoeceu e morreu... E tentando determinar a quantia adequada para alguém de estatura pequena. — O macho balançou a cabeça. — Eu recuei. Então corri. Minha mente estava revirada pelo que testemunhei, e assegurei a mim mesmo... Que deveria ter imaginado aquilo. Seguramente eles poderiam não terem estado conversando sobre seu pai, sua companheira. Foi apenas que tinham... Prometido a vós e seu sangue. Então como

podiam ter tais coisas passando por seus lábios até os ouvidos de outros? – Claros olhos sinceros encontraram os de Wrath. — Como puderam fazer tais coisas?

Acalmando uma fúria interna, Wrath estendeu a mão e colocou-a no ombro do jovem. Embora suas idades não estivessem muito distantes, ele sentiu como se estivesse falando com um de uma geração imensamente diferente de sua própria.

— Não se preocupe com a motivação deles, filho. Os impuros estão confundidos com os íntegros.

Os olhos de Abalone pareceram bem.

— Convenci a mim mesmo de que estava enganado. Até a rainha... – Ele escondeu o rosto em suas mãos. — ...Querida Virgem Escriba do Fade, quando a rainha caiu no chão, soube que falhei com vós. Soube que não era diferente daqueles que causaram dano, porque não parei o que deveria ter entendido...

Para evitar um completo desmoronamento, Wrath apertou aquele ombro sobressaltado.

— Abalone... Abalone, contenha-se.

Quando um mínimo de compostura retornou, Wrath manteve seu nível de voz, embora em seu interior, estivesse fervendo.

— Você não é responsável pelas ações dos nefastos.

— Eu devia ter vindo até você... Eles mataram a rainha.

— Minha companheira está viva e bem. – Não há razão para insistir na próxima perda. — Asseguro-lhe, que ela está muito bem realmente.

Abalone cedeu.

— Graças a Virgem Escriba.

— E está perdoado por mim e por ela. Você entendeu? Eu o perdoo.

— Meu senhor, – o macho disse, caindo novamente para o chão e pondo sua fronte no anel de diamante preto que Wrath usava. — Não mereço isto.

— Você o faz. Porque veio até mim, você pode fazer as reparações que procura. Pode levar um dos Irmãos para baixo até este lugar escondido?

— Sim, — o macho disse sem vacilar. Pulando de pé, ele colocou seu capuz. — Agora devo mostrar-lhes.

Wrath assentiu com a cabeça para Ahgony.

— Vá com ele?

— Meu senhor, — o Irmão disse, aceitando o comando.

— Há apenas uma coisa antes de você ir, — Wrath disse em um grunhido. — Pode me dizer quem eram eles.

Os olhos de Abalone encontraram os seus.

— Sim. Cada um dos três.

Wrath sentiu seus lábios erguerem-se em um sorriso, embora não sentisse nenhuma alegria ou felicidade em seu coração.

— Bom. Isto é muito bom, filho.

Capítulo TRINTA E NOVE

Havia uma vantagem em morar sozinho e ser renegado pelo único pai que ainda tinha: Quando você não voltava para casa durante um dia inteiro, ninguém estava se descabelando por causa de sua possível morte.

Certamente reduz os telefonemas, Saxton pensou enquanto se sentava em frente às portas duplas do escritório de Wrath.

Sentado num banco ornamentado, ele examinou o corrimão folheado a ouro. Silêncio. Nem mesmo os *doggen* limpando. Ou seja, algo estava acontecendo na casa, algo grande, ele podia sentir isto no ar, e embora ele não tivesse muita experiência com fêmeas, ele soube o que era.

Alguém estava em sua necessidade.

Não era a escolhida Layla novamente, claro. Mas ele ouviu que, quando uma fêmea entrava em sua necessidade, podia transmiti-la para outras, e foi certamente o que aconteceu.

Deus, tomara que não fosse Beth, ele pensou enquanto esfregava seus olhos cansados.

As coisas precisavam ser arrumadas antes dela.

— Você sabe onde ele está?

Saxton examinou o corrimão novamente. Rehvenge, o *leahdyre* do Conselho, conseguiu subir meio caminho pela escadaria principal sem que sua presença fosse sequer registrada.

E aparentemente, algo mais estava definitivamente acontecendo: Como sempre, o macho se mostrava uma figura imponente com seu casaco de visom e sua bengala vermelha, mas sua expressão ameaçadora o colocava em um território completamente fatal.

Saxton deu de ombros. — Eu também estou esperando por ele.

Rehv adiantou-se durante a segunda história e passou pela entrada do escritório como se fosse para ver por ele mesmo que ninguém estava lá. Então ele fez uma carranca, girou no salto dos sapatos LV, e olhou o teto, enquanto discretamente se reorganizava em suas calças.

E naquele ponto, ele empalideceu. — É Beth?

Não havia nenhuma razão para definir o que “isso” era. — Eu acho.

— Oh, caralho. — O *leahdyre* sentou no banco oposto e foi então que Saxton notou o tubo de papelão longo e fino que ele estava levando. — Só continua ficando pior.

— Eles conseguiram, — Saxton sussurrou. — Não é?

A cabeça de Rehv girou bruscamente e seus olhos de ametista estreitaram. — Como você sabe?

Você me odeia?

Sim, eu odeio.

Saxton desviou o olhar. — Eu tentei advertir o Rei. Mas... Ele estava indo cuidar de sua *shellan*.

— Você não respondeu a pergunta.

— Eu fui para a casa do meu pai para uma atuação de autoridade. E quando eu estava lá, eu compreendi a coisa inteira. — Ele agarrou seu telefone e rolou pelas fotografias, mostrando-as a Rehv. — Eu tirei estas escondido. São livros da Antiga Lei, todos abertos em referências de herdeiros e sangue. Como eu disse, eu esperava alcançá-lo ontem à noite.

— Não teria importado. — Rehv varreu sua mão no seu curto Moicano. — Eles já tinham a faca e o queijo na mão.

Do outro lado, no começo do corredor de estátuas, a porta que levava para o ultimo andar se abriu. O que surgiu era...

— Puta merda. — Rehv sacudiu a cabeça e murmurou, — Agora nós sabemos como se parece o apocalipse zumbi.

O pesadelo de andar arrastado, pálpebras pesadas e membros moles tinha apenas uma chata semelhança com o Rei, o cabelo longo, úmido do banho, ainda tinha a famosa mecha em forma de V na testa, e os óculos de sol escuros estavam certos, e sim, a camiseta negra e couros eram seu uniforme. Mas todo o resto estava errado. Ele perdeu tanto peso que suas calças estavam frouxas como bandeiras ao redor de suas pernas, o cós caindo em suas coxas, até a camisa supostamente colada no corpo ondulava fora de seu tórax. E seu rosto estava tão ruim quanto o resto. A pele estava enrugada ao redor de suas maçãs do rosto e da mandíbula dura, e sua garganta... Querida Virgem Escriba, sua garganta.

Suas veias em ambos os lados tinham sido tomadas com tanta frequência e com tal força, que ele parecia com um extra no *Texas Chain Saw Massacre*.

E mesmo assim o macho estava flutuando em uma nuvem. O ar que o precedeu era suave como uma brisa de verão, seu ar de satisfação e felicidade era como uma bolha que o cercava.

Que vergonha arruinar isto.

Wrath os reconheceu imediatamente, e quando ele se deteve, sua cabeça se inclinou para o lado como se ele estivesse avaliando seus rostos. Porém, Saxton estava certo que eram suas auras.

— O quê?

Deus, aquela voz era rouca, apenas um sussurro. Existia força atrás disso, entretanto.

— Nós temos que conversar. — Rehv bateu com o tubo em sua palma como se fosse um taco de beisebol. — Agora.

Wrath respondeu com uma série de maldições. E então soltou, — Porra, vocês podem me dar uma hora para alimentar minha *shellan* depois de sua necessidade?

— Não. Nós não podemos. E nós precisamos dos Irmãos. Todos eles. — Rehv se levantou com a ajuda de sua bengala. — A *glymera* votou na sua saída, meu amigo. E nós precisamos pensar numa resposta.

Wrath não se moveu por um longo momento. — Com que fundamento?

— Sua Rainha.

O já pálido rosto ficou certamente cinzento.

— Fritz! — O Rei berrou com toda a força de seus pulmões.

O mordomo materializou-se da sala de estar do segundo andar, como se ele estivesse esperando para ser chamado por horas.

— Sim, amo?

Foi com esgotamento absoluto que o Rei murmurou, — Beth precisa de comida. Traga para ela tudo que poderia querer. Eu a coloquei no banho, seria melhor você verifica-la agora. Ela estava fraca e eu não a quero desmaiando e se afogando.

Fritz curvou-se tanto, que era uma maravilha que seu rosto de pele frouxa não encostou no tapete. — Imediatamente.

Quando o *doggen* apressou-se para sair, Wrath chamou atrás dele, — E você pode levar meu cachorro lá fora? E então traga-o para meu escritório.

— Claro, amo. Com prazer.

Wrath girou e enfrentou as portas abertas de seu escritório como se estivesse indo para a forca. — Rehv, chame a Irmandade.

— Entendido. E Saxton precisa estar na reunião. Alguém precisa dar uma opinião na legalidade de tudo isso.

Wrath não respondeu. Ele apenas entrou na sala azul pálido, uma sombra viva no centro de toda a detalhista mobília francesa.

Naquele momento, Saxton podia ver o peso sobrecarregando o macho, sentir o calor do fogo que queimava aos pés dele, sentir o “perder ou perder” que se apresentou na encruzilhada. Wrath era a âncora do navio que era a raça, e como tal... Ele seria o primeiro a bater nas geleiras.

Tudo isso era tão ingrato. As horas que o macho passou acorrentado à escrivaninha do seu pai, a papelada passando na frente dele, um borrão de páginas que tinha sido preparada por outros, apresentado por Saxton, regido por Wrath, e devolvido mundo afora.

Uma série infinita de necessidade sugadora.

Levantando-se, Saxton endireitou as roupas que ele estava vestindo desde que ele foi para a casa do seu pai e descobriu a verdade quando era muito tarde.

Qualquer coisa que viesse adiante? Ele estava do lado de Wrath, e não só porque seu pai e ele eram estranhos um ao outro.

Ele sabia muitíssimo bem o que era ser forçado em um molde no qual você não cabia, e então demonizado por não ser convencional.

Ele e Wrath eram farinha do mesmo saco.

Tragicamente.

Em silêncio e com um coração pesado, Sola caminhou pela casa que compartilhava com sua avó, indo de cômodo em cômodo, vendo tudo e ainda assim nada.

— Eu posso contratar alguém para fazer isto, — Assail disse calmamente.

Parando na cozinha, ela pairou sobre a pequena mesa redonda e olhou pela janela. Embora não havia nenhuma luz externa, ela via a varanda da parte de trás, coberta com neve. Vendo-o de pé lá no frio.

Meio frustrante. Ela tinha vindo aqui com caixas de transporte desmontadas para empacotar suas coisas pessoais, não relembrar o passado com este homem. Mas enquanto ela abria armários e fazia estimativas sobre quantos maços de jornal ela iria precisar, ele era tudo que realmente estava em sua mente: Não a casa que ela estava deixando pra trás, nem as coisas que ela iria ter que deixar, nem os anos que passaram desde o dia do outono em que ela e a avó vieram para cá e decidiram que sim, esta casa daria certo para as duas.

Muito tempo passou.

E ainda a única coisa em sua cabeça era o homem de pé atrás dela.

— Marisol?

Ela olhou por cima de seu ombro. — Desculpe?

— Eu perguntei por onde você gostaria de começar?

— Ah... No andar de cima, eu acho.

Liderando o caminho pela sala de estar, ela pegou algumas das caixas desmontadas, deslizou alguns rolos de fita em seu pulso, e começou a subir as escadas. Chegando lá, ela decidiu... Seu quarto.

Foi uma questão de minutos para montar uma das caixas de tamanho médio, esticar a fita barulhenta como um tecido rasgando, ter seus dentes fazendo o trabalho da tesoura nas tiras de fita, até os quatro lados ficarem firmes e capazes de segurar coisas.

Sua avó tinha lavado a roupa de Sola por tanto tempo que a mulher sabia quais roupas eram suas favoritas e já as tinha levado para a casa de Assail. O que tinha sobrado na cômoda eram as segundas opções, e ela as jogou sem se importar em dobra-las: As calças de ioga que tinham sido lavadas tantas vezes que estavam cinza escuro, não pretas; blusas de gola alta de estavam com o elástico arregaçado ao redor do pescoço, mas que ainda davam pra usar; sutiãs que estavam um pouco desfiados nos bojos; lãs com fios soltos; calças jeans do ensino médio que ela usava como uma escala para julgar seu peso.

— Aqui, — Assail suavemente disse.

— O que... — Quando ela olhou para lenço dele, percebeu que estava chorando. — Desculpe.

Sem perceber, ela se sentou em sua cama de solteiro. E depois de enxugar seus olhos, ela olhou fixamente para o lenço, correndo o tecido bom de um lado para outro debaixo de suas pontas do dedo.

— O que te aflige? — Ele perguntou seus joelhos batendo enquanto se ajoelhava ao lado dela.

Olhando pra cima, ela estudou seu rosto. Deus, ela não podia acreditar que ela alguma vez pensou que era um rosto duro. Era... Bonito.

E seus extraordinários olhos da cor do céu noturno eram poços de compaixão.

Mas ela teve um pressentimento de que isso iria mudar.

— Eu tenho que partir, – ela disse bruscamente.

— Esta casa? Sim, claro. E nós devemos coloca-la no mercado, e você...

— Caldwell.

A quietude que tomou conta dele era tão nítida quanto uma explosão de movimento, tudo mudou, mesmo que ele tenha permanecido na mesma posição.

— Por quê?

Ela respirou fundo. — Eu não posso... Eu não posso simplesmente ficar com você para sempre.

— Claro que você pode.

— Não, eu não posso. – Ela focou a atenção em seu lenço. — Eu vou partir pela manhã e levar minha avó comigo.

Assail irrompeu numa caminhada em torno do quarto estreito. — Mas você esta segura comigo.

— Eu não posso ser uma parte da vida que você está vivendo. Eu só... Não posso.

— Minha vida? Que vida?

— Eu sei o que vem depois. Com Benloise morto, você vai precisar conseguir seu produto em algum lugar, e você vai resolver este problema de um modo que põe você no comando não só do abastecimento dos muitos distribuidores de Caldwell, mas de toda a costa leste.

— Você não sabe quais são os meus planos.

— Eu conheço você, entretanto. Domínio é o que você faz, e isto não é uma coisa ruim. A menos que você seja alguém tentando fugir de tudo. – Ela moveu sua mão de um lado para outro, — Isso.

— Você não precisa ser uma parte de meu trabalho.

— Não do jeito que está indo e você sabe disto. – Ela o encarou. — Poderia ser verdade se você fosse um advogado, mas você não é.

— E ainda assim você considera me deixar uma opção melhor?

Engraçado, uma parte dela se animou que ele estava falando como se eles fossem um casal. Mas a realidade afugentou aquela pequena cintilada de alegria. — Você pensa em começar uma outra carreira?

O silêncio que se seguiu foi a resposta que ela esperava.

Sua voz era irritada. — Eu não consigo entender essa reviravolta.

— Eu fui sequestrada da minha casa, mantida contra minha vontade, e quase estuprada. — Quando ele recuou como se ela o tivesse estapeado, ela xingou. — É só... Está na hora de eu trabalhar legalmente e ficar desse jeito. Eu tenho dinheiro suficiente para que eu não precise trabalhar logo, e eu tenho outro lugar.

— Onde.

Ela abaixou os olhos. — Não aqui.

— Você não vai me dizer nem mesmo onde você está indo.

— Eu acho que você viria atrás de mim. E eu estou muito fraca agora pra dizer não.

De repente um aroma preencheu o ar e ela olhou em volta, pensando sobre aqueles anúncios de colônias masculinas das revistas. Mas nada tinha mudado. Estavam apenas os dois na casa, nenhum Glade plugins a vista.

Ele andou pelo tapete barato e elevou-se acima dela. — Eu não quero que você vá.

— Talvez isso me faça uma demente, mas isso me deixa feliz. — Ela passou o lenço dele em sua boca e esfregou os lábios de um lado para outro. — Eu não quero sentir isso sozinha.

— Eu posso deixar você separada dos negócios. Você não terá que saber qualquer coisa sobre as operações, distribuição, pagamentos.

— Exceto que, seja por quanto tempo eu for sua namorada, ou o que for, eu sou um alvo. E se minha avó viver com você, ela é um alvo também. Benloise tem família, não aqui nos Estados Unidos, mas na América do Sul. Mais cedo ou mais

tarde o corpo dele vai aparecer, ou sua ausência vai ser notada, e talvez eles não achem você. Mas talvez eles achem.

— Você acha que eu não posso proteger você? — Ele exigiu altivamente.

— Eu pensei que eu podia cuidar de mim mesma. E a sua casa? Eu dei uma conferida nela, como você sabe, e é uma fortaleza, eu concordo contigo. Mas coisas acontecem. Pessoas conseguem entrar. Pessoas são... Machucadas.

— Eu não quero que você vá.

Ela ergueu seus olhos até os dele, e soube que ela nunca, nunca iria esquecer como ele se parecia de pé no centro de seu pequeno quarto, com as mãos nos quadris, uma carranca em seu rosto e um ar de confusão o cercando.

Era como se ele estivesse tão acostumado a conseguir tudo do seu jeito em todos os aspectos da vida que ele não podia compreender o que estava acontecendo.

— Eu vou sentir sua falta, — ela disse com uma voz rachada. — Todo dia, toda noite.

Mas ela precisava ser esperta. A atração tinha estado lá desde o início... E ele vindo salvá-la adicionou uma outra dimensão para tudo aquilo, uma conexão sentimental forjada num forno de seu terror e dor. O problema? Nada disso era a base para uma relação sólida.

Inferno, ela o encontrou enquanto o espiava para um importador de droga. Ele a caçou pela invasão. Ambos seguiram um ao outro pela noite, até que ela o assistiu transando com outra mulher, porcária. Então veio sua quase tragédia e um pouco de sexo alucinante que foi como uma faca de dois gumes em sua recuperação.

Sola clareou a garganta. — Eu só preciso sair. E tanto quanto isto machuca... É o que eu vou fazer.

Capítulo QUARENTA

Aqui embaixo é o melhor para o anúncio, Wrath pensou enquanto entrava na sala de jantar, com George a seu lado.

Tomando seu lugar na cabeceira da mesa de dez metros, esperou que todos chegassem. De nenhuma maneira teria este tipo de reunião enquanto seu traseiro estava no trono de seu pai. Isto não iria acontecer. E não havia nenhuma razão para excluir ninguém na casa. E isto afetava a todos.

E nenhuma reunião previa, também. Não precisava de nenhum conclave privado com Rehv e Saxton para descobrir os detalhes e logo sentar-se ao redor enquanto vomitava tudo sobre os demais. Não tinha nada a esconder de sua família e nada faria isso ser mais fácil de ouvir.

Tirou os óculos, esfregou os olhos e pensou em outra razão de estar agradecido por não estar no andar de cima... Muito perto de Beth. Fritz lhe garantiu que ela estava na cama e que comeu, mas havia algo que sabia sobre sua *shellan*? Ela era completamente capaz, até mesmo depois dos rigores de sua necessidade, de ir até ele e se conectar com o mundo exterior.

E se fosse sobre ela? Ela não precisava ouvir isto agora mesmo. E merda sabia que teria muito tempo para lhe contar.

— Sentem-se. — Wrath murmurou enquanto colocava os óculos de sol novamente. — Você também, Z.

Podia sentir Phury hesitante na porta com seu irmão gêmeo, e no ritmo incômodo que se seguiu. Wrath balançou a cabeça. — Sem beijo no anel, certo? Apenas me deem um pouco de espaço.

— Justo. — Phury murmurou. — O que precisar.

Então foram alertados. Ou isso, ou Wrath parecia tão mal como se sentia.

Quando os outros chegaram um por um em grupos pequenos, podia-se dizer pelo cheiro quem chegou e em que ordem. Ninguém disse nada e ele imaginou que

Phury estivesse fazendo sinais com as mãos para as pessoas, dizendo para ficarem de boca fechada e permanecerem quietos.

— Estou a sua direita. — Rehv anunciou. — Saxton está perto de mim.

Wrath balançou a cabeça.

Depois de um momento, Tohr disse. — Nós estamos todos aqui.

Wrath tamborilou os dedos na mesa, seu cérebro subjugado pelos aromas, ansiosos e tristes em seu nariz, assim como também o silêncio. — Diga-nos, Rehv. — Ele exigiu.

Ouviram-se o som suave de uma cadeira sendo empurrada pelo tapete e então o Rei *symphath* e *leahdyre* do Conselho da *glymera* começou a lutar com algo. Houve um estalar... Seguido por algo desembainhado.

Então um pergaminho, um pedaço grande... Apareceu. Uma grande quantidade caindo pela mesa.

As linhas familiares, pensou Wrath.

— Eu não vou ler esta merda. — Rehv grunhiu. — Não vale meu tempo. Resultado final, todos colocaram seus selos nele. Em suas mentes, Wrath não é mais o Rei.

Uma onda de raiva saiu da garganta de seus familiares, muitas vozes misturadas e altas, os sentimentos todos iguais.

E de fato, a *shellan* de Butch, Marissa, que era, sem dúvida, a mulher mais refinada da casa, foi quem resumiu tudo.

— Aqueles malditos filhos da puta.

Wrath teria rido em qualquer outra circunstância. Inferno, ele nunca a ouviu xingar antes. Não sabia que ela era capaz de passar essa merda através de seus perfeitos lábios.

— Quais são os motivos? — Alguém perguntou.

Wrath cortou todos com duas palavras. — Minha companheira.

Resultou em um silêncio absoluto.

— O emparelhamento foi completamente legal. — Tohr assinalou.

— Mas ela não é completamente vampira. — Wrath esfregou sua testa e pensou no que ele e Beth fizeram nas últimas dezoito horas. — E isso significa que se tivermos filhos, também não serão.

Jesus Cristo, isto era um desastre. Uma merda de desastre total. Ele poderia ter uma chance se não houvesse nenhuma criança, então o trono poderia passar para sua relação mais próxima. Butch, por exemplo. Ou qualquer criança que este Irmão e sua companheira tivessem.

Agora, no entanto... As apostas eram diferentes, não eram?

— Ninguém é uma raça pura...

— ...Não estamos na Idade Média...

— Temos que fazê-los voltar atrás...

— Isto é ridículo...

— Por que estão perdendo tempo com...

Wrath teria que acabar com o caos, assim ele fechou o punho e golpeou a mesa. — O que está feito está feito. — Deus, isto doía. — A pergunta é: e agora? Qual é a nossa resposta, e quem, no inferno, eles pensam que irá governar?

Rehv falou. — Deixarei Saxton abordar os aspectos legais da primeira parte, mas posso responder o segundo. É um sujeito chamado Ichan, filho de Enoch. Diz aqui... — Farfalhando o papel. — ...Que é um primo seu?

— Que porra quem sabe? — Wrath moveu-se em sua cadeira. — Eu nunca o encontrei. A pergunta é, onde estão os Bastardos. Eles devem estar envolvidos nisto.

— Eu não sei. — Rehv disse enquanto enrolava a proclamação. — Parece um pouco sofisticado para os gostos de Xcor. Uma bala no cérebro é mais seu estilo.

— Ele está por trás disto. — Wrath balançou a cabeça. — Minha suposição é que ele deixará o pó se assentar, matará este Ichan filho da puta e se auto nomeará.

Tohr falou. — Você não pode apenas modificar as Leis Antigas? Como Rei, você pode fazer qualquer coisa que quiser, certo?

Quando Wrath movimentou a cabeça em direção a Saxton, o advogado levantou-se, sua cadeira rangendo. — O que diz a moção de censura, do ponto de vista legal, é que deve ser removido do Rei todos os poderes de Comando e Estado. Qualquer tentativa agora de mudar uma lei seria sem efeito. Você continua sendo o Rei, no sentido em que ocupa o trono e tem o anel, mas na prática, não tem nenhum poder.

— Então eles podem designar outra pessoa? — Wrath perguntou. — Apenas assim?

— Temo que sim. Eu encontrei uma nota processual oculta que diz que, na ausência de um Rei, o Conselho pode designar um regente de fato com a maioria dos votos e foi isso o que eles fizeram. A passagem estava destinada a acontecer em tempos de guerra, no caso de toda a Primeira Família ser eliminada junto com quaisquer herdeiros imediatos.

Estive ali, fiz isso, Wrath pensou.

Saxton continuou. — Eles desencadearam esta sucessão e infelizmente do ponto de vista legal é válido, embora esteja sendo feito de uma maneira que não foi contemplada pelos redatores originais destas leis.

— Como nós não vimos isto vir? — Alguém disse.

— É minha culpa. — Saxton disse. — E conseqüentemente, frente a todos vocês, eu ofereço minha renúncia ou remoção da linha de advogados. É imperdoável que eu não tenha visto isto...

— Ao diabo com isto. — Wrath disse cansado. — Eu não aceito sua...

— Meu próprio pai fez isto. Da mesma maneira foi ruim, deveria ter investigado. Eu deveria ter...

— Chega! — Wrath estalou. — Se você quer seguir com este argumento, deveria saber que desde o princípio, que foram meus antepassados quem fizeram esta merda. Não aceito sua renúncia, então feche essa porra de boca sobre demissão e sente-se de uma puta vez. Vou precisar de você.

Homem, ele tinha grandes habilidades interpessoais.

Wrath xingou um pouco mais, e então murmurou. — Então, se ouvi direito, não há nada que eu possa fazer.

— De um ponto de vista legal. — Saxton respondeu. — Isto é correto.

Na longa pausa que se seguiu, ele surpreendeu a si mesmo. Depois de ter se sentido tão mal, não apenas nos séculos anteriores à sua decisão de seguir o legado de seu pai, mas, atualmente também nas noites de trabalho, você poderia pensar que ele se sentira aliviado. Toda aquela papelada era um peso, as demandas da aristocracia, o modo antiquado de tudo... Ah, e depois vinha o ter que ficar confinado em casa, o conflito interno com Payne, e para acabar de completar, a atrofia da mão da adaga, consequência disso tudo.

Ao ponto de se sentir como uma estatueta de Hummel.

Então sim, ele deveria se sentir aliviado por estar livre da mentira.

Ao invés, ele não sentia nada, a não ser desespero.

Era como se estivesse perdendo seus pais novamente.

No fim, Wrath teve que esconder suas emoções. Encobrir sua forma em uma humilde túnica para que ninguém soubesse quem ele era, andando pelo castelo com Ahgony, Tohrture, e Abalone, que usavam disfarces também.

Moviam-se pelos corredores de pedra, passando por membros da casa, doggen, cortesãos, soldados. Sem a carga de todas as inclinações e saudações rituais que teria sida devido como Rei; era um excelente momento, andar pelo castelo e se afastar entre os empregados.

Os cheiros eram diferentes ali. Não havia flores frescas ou pacotes de especiarias ou mulheres de doces aromas. Nestes alojamentos extensos era escuro e úmido, e o fogo não mudava com uma regularidade rígida, assim que ainda se sentia um leve cheiro de fuligem ao inalar. Porém, quando se aproximaram da cozinha, o cheiro dos pães assados e cebola cobriu tudo isso.

Eles não entraram na cozinha diretamente. Ao invés, tomaram um conjunto estreito de escadas de pedra descendo em direção ao subterrâneo. Na parte inferior, um dos Irmãos pegou uma tocha acesa e chamejante, iluminando a sua frente.

Sombras os seguiam, espalhadas pelo chão de terra como ratos, enredando-se em seus pés.

Wrath nunca havia ido ali. Como Rei, nunca andou muito pela propriedade.

Este era um lugar apropriado para fazer o mal, pensou quando Abalone parou na frente de uma parede que não parecia diferente de nenhuma outra.

— Aqui. — O homem sussurrou. — Mas não sei como eles entraram. — Ahgony e Tohture começaram a sentir ao redor, utilizando a luz para procurar.

— E isto? — Ahgony disse. — Existe uma fenda.

A “parede” era na verdade uma mentira, a cor a deixava parecida com a pedra da construção. E do lado de dentro...

— Não, meu senhor. — Ahgony disse antes de Wrath avançar. — Eu devo ir primeiro.

Com a tocha alta, o Irmão entrou na escuridão, as chamas revelando o que parecia ser um espaço apertado: de um lado havia jarros de cristais fechados com metal pesado, um morteiro e varias facas. No centro do lugar embaixo havia um caldeirão sob um fogo.

Wrath aproximou-se do ferro fundido. — Traga luz.

Ahgony dirigiu a iluminação para a coisa.

Um guisado vil, frio agora, mas claramente deve ter sido cozinhado, se estendia como os restos de uma inundação.

Wrath molhou o dedo e pegou um pouco do lodo marrom. Cheirou-o, encontrando que apesar de sua consistência e a profundidade da cor, tinha pouca fragrância.

— Não prove, meu senhor. — Tohture interrompeu. — Se precisar disto, permita-me.

Wrath enxugou sua mão na capa e examinou cuidadosamente os jarros de vidro. Não reconheceu as diversas raízes retorcidas, nem os flocos de folhas, nem os pós-pretos. Não havia nenhuma receita, nenhum pedaço de pergaminho com notas de como preparar algo.

Então sabiam os ingredientes de cor.

E usaram este espaço por algum tempo, pensou, passando os dedos sobre a mesa e então examinando cuidadosamente inspecionando o caldeirão.

Ele girou e se dirigiu para Abalone. — Você honrou sua linhagem. Provou seu valor esta noite. Vá e saiba que o que deve acontecer agora não recaíra sobre você.

Abalone curvou-se. — Meu senhor, novamente, eu não sou merecedor.

— Isto é decisão minha e fiz minha declaração. Agora vá. E fique em silêncio sobre tudo isto.

— Tem minha palavra. E tudo que eu tenho a oferecer, pertence a ti e a ninguém mais.

Abalone agarrou o diamante preto e beijou a pedra. Então ele se foi, seus passos se arrastando em retirada enquanto abria caminho pelo corredor.

Wrath esperou até que não pudesse ouvir nada. Então em voz baixa disse. — Quero que este jovem seja cuidado. Forneça tesouros o suficiente para que sua geração seja cuidada.

— Como desejar, meu senhor.

— Agora, feche aquela porta.

Sem sons. A porta se fechou com apenas um chiado.

Durante muito tempo, Wrath caminhou pelo espaço claustrofóbico, imaginando o fogo aceso e o lugar quente, já que rompeu os aspectos do material vegetal, as raízes, os pós... A generosidade da natureza transformando-se em veneno.

— Por que ela? — Ele perguntou. — Se mataram meus pais por causa do trono, porque não eu?

Ahghony balançou a cabeça. — Eu também me perguntei isto. Talvez não quisessem um herdeiro. Quem é o sucessor em sua linha? Quem seria o próximo ao trono se você não fosse jovem?

— Existem primos. Distantes.

As famílias reais tendiam a ter descendência limitada. Se a rainha sobrevivesse a um nascimento, não queriam desnecessariamente se arriscar, especialmente se a criança fosse um varão.

— Pense, meu senhor. — Ahghony iniciou. — Quem estaria na linha para o trono? Talvez alguém que está para nascer? Eles poderiam estar ofertando tempo para um nascimento, depois devem recair sobre você.

Puxando as mangas da capa, Wrath olhou para seus antebraços. Depois de sua transição, ele recebeu a linhagem da família e traçou o que estava permanente em sua pele, acompanhando o que estava vivo, o que estava morto, jovens e quem estava grávida...

Ele fechou seus olhos, a solução para a equação se apresentando propriamente. — Sim. Sim, claro.

— Meu senhor?

Wrath deixou a capa cair de volta ao lugar. — Eu sei em quem eles estão pensando. É um primo meu e sua companheira é bem jovem agora. Na outra noite eles disseram que oraram à Virgem por um filho.

— De quem fala?

— Enoch.

— De fato. — Tohture sombriamente disse. — Eu deveria saber.

Sim, pensou Wrath. Seu principal conselheiro. Buscando o trono para um filho que levaria a fortuna da família no futuro, enquanto o homem em si mesmo usava uma coroa em sua cabeça por séculos.

No silêncio, pensou em seu escritório, a escrivaninha coberta com pergaminhos que cobriam cada metro da superfície, as plumas e os tinteiros, as listas de pedidos a serem atendidos. Amava tudo isso. As conversas, os julgamentos, o calmo processo de decisão.

Então ele viu o corpo morto de seu pai, com suas mãos enluvadas e as unhas azuis de sua shellan.

— Devemos cuidar disto. — Ele declarou.

Tohrture movimentou a cabeça. — A Irmandade deve encontrá-lo e enviarei...

— Não.

Ambos os Irmãos olharam fixamente para ele.

— Eles derramaram meu sangue. Eu derramarei o deles em resposta, pessoalmente.

Os rostos dos dois soldados treinados ficaram impassíveis e ele soube o que estavam pensando. Mas não se importou. Teria sua vingança.

Do outro lado, havia um banco grosso sobre a mesa e o puxou. Sentando-se, ele assentiu com a cabeça por cima do caldeirão.

— Ahgony, vá, exalte a força de minha companheira. Deixe todos saberem que ela sobreviveu. Tohrture fique comigo e aguarde o retorno dos assassinos. Assim que eles ouvirem as notícias, devem vir aqui novamente para fazer uma segunda tentativa e quero saudá-los.

— Meu senhor, talvez possa oferecer meu serviço de uma forma diferente. — Ahgony olhou para seu Irmão. — Vamos escoltá-lo de volta para sua companheira e permita-nos ficarmos aqui.

Wrath cruzou os braços e inclinou-se contra a parede. — Leve a tocha com você...

Capítulo QUARENTA E UM

Beth acabou de se levantar para ir se olhar no espelho.

Embora estivesse em um novo território de esgotamento, ela simplesmente tinha que sair da cama, fazer sua dura caminhada através do carpete grosso e concentrar-se na luz que brilhava intensamente sobre a pia do banheiro. À medida que avançava, seu corpo era uma contradição de músculos doloridos, tensos e acabados, entranhas relaxadas e seu cérebro parecia ter notado este último. Ela não podia manter um pensamento em sua cabeça, os fragmentos do dia e da noite eram existentes, mas não conseguia lembrar-se de nada em concreto.

Ao ver seu reflexo ficou surpresa, era como se estivesse olhando para seu próprio fantasma e não porque estava pálida. Na verdade, tinha a pele radiante e seus olhos brilhantes, embora estivesse cansada até o osso, como se houvesse ido a Sephora e se maquiado com um profissional. Inferno, até seu cabelo pertencia a um anúncio da Pantene.

Não, a parte de espectro era a camisola de Lanz que usava, de flanela e grande como uma barraca de circo, o padrão de cor azul pálido e branco era como uma nuvem ao redor dela, ondulando por todas as partes.

Isso a fez pensar em *Os Fantasma se Divertem*, o filme. Geena Davis e seu baixo IMC, o menos irritado Alec Baldwin presos no além, rondando a casa, tão assustadores como Gasparzinho.

Olhando para baixo, ela curvou-se sobre o kit médico que nunca usou. Fechando-o, guardou-o no armário entre as duas pias.

Deus, se era o final ou todos os hormônios em sua corrente sanguínea, a experiência toda se transformou em uma lembrança nebulosa, já que seria horrível a experiência vivida.

Mas o que veio antes de sua necessidade estava claro agora. Como alguém cujos sintomas não faziam sentido antes de receber um diagnóstico, ela pensou nos últimos quatro meses... E amarrou-os com sua mudança de humor, o anseio por uma criança, os desejos, o aumento de peso.

TPM estilo vampiro.

Toda essa coisa de ficar fértil esteve em seu caminho durante algum tempo. Ela não tinha percebido todos os sinais...

Olhou de volta para o espelho, fixamente. Não, suas feições era as mesmas. Ela apenas sentia como se estivessem diferentes.

Como em sua transição.

Wrath a ajudou com tudo isso também. E foi divertido, como com a necessidade, ela sentiu algumas vagas estranhezas por algum tempo antes de sua mudança acontecer e também: inquietude, fome por outras coisas, dores de cabeça ao sol.

Teve que se perguntar se descobrir que estava grávida seria tão grande quanto descobrir que era um vampiro.

Colocando a mão em sua barriga, achava que havia uma grande chance de estar.

Por alguma razão, ela lembrou-se de sua transição. A primeira coisa que fez foi entrar no banheiro e ir direto para o espelho. Neste momento ao menos tinha presas para provar tudo. Agora, qualquer mudança que pudesse estar acontecendo estava em seu interior.

Pelo menos seu abdômen estava ainda inchado. Embora isso fosse mais provável apenas por causa do peso que ganhou graças a sua dieta Breyers.

Ou poderia estar grávida. Como pensava neste momento.

Imaginou o tipo nos infinitos comerciais da AT&T. Sabia que, embora Wrath sempre cuidasse dela, estaria louca ao pensar que quando contasse a ele, magicamente iria ficar feliz por formar uma família.

Novamente, assumindo que estivesse grávida.

Encontrando no reflexo seus próprios olhos, perguntou-se que diabo ela pôs em movimento. Havia coisas na vida que não poderiam ser desfeitas.

Esta era uma delas...

Seu estômago soltou um ruído quase como se tivesse saído de seu traseiro. Olhando novamente, ela murmurou. — Ok, gente, vamos em frente!

Com seu intestino trabalhando a comida que lançou a ele, ela girou ao redor e caminhou de volta para a cama.

Apenas, não foi onde ela terminou.

Ao invés, entrou no armário, puxou um roupão azul e empurrou seus pés em um UGGs²⁴ rosa que Marissa deu para todas as mulheres da casa como uma piada.

Os alojamentos da Primeira Família eram tão suntuosos que Beth não passava muito tempo olhando ou pensando na forma como foram construídos, e como sempre se sentia aliviada quando saía dali. Sim, certo, o lugar era adorável, se você fosse um sultão. Pelo amor de Deus, era como tentar dormir na caverna de Ali Baba, joias cintilavam nas paredes e no teto e nenhuma falsa.

E não, ela nunca se acostumaria ao banheiro de ouro.

A coisa inteira era absurda.

Merda, pensou, enquanto fechava o armário atrás de si. Como alguém poderia criar uma criança naquele ambiente?

Uma criança que estava no meio do caminho do normal e que era...

Descendo a escada até o segundo andar, percebeu que havia outro aspecto de todo este assunto sobre filhos que ainda não tinha considerado, esteve tão concentrada em conseguir um, que não pensou em criar um neste tipo de vida.

Seria um príncipe ou uma princesa. O primeiro, o herdeiro do trono.

Oh, e P.S., como se diz a uma criança que seu pai recebeu um disparo na garganta de alguém que queria a coroa?

Deus, por que ela não pensou em nada disso?

O que era o ponto de Wrath, verdade?

Saindo da escada, ela foi para escritório de Wrath, apenas consciente da conversa que estava elevada e chegando ao corredor.

²⁴ Botas de uma marca específica.

Ficou um pouco surpresa por ele não estar atrás da mesa do escritório. Assumiu que, quando Fritz levou sua comida, seu hellren estava ocupado trabalhando.

Ao entrar no escritório, olhou fixamente para o enorme trono de madeira que parecia um barco e estreitou os olhos imaginando um filho ou uma filha, sentando nele. Estudando as Leis Antigas, se tivessem uma menina, Beth pensou, ela mesma iria se assegurar que mudassem as regras.

Se a monarquia britânica podia fazer isto, então podiam os vampiros.

Deus... Ela realmente estava pensando nisto?

Roçando sua testa, reconheceu que tudo era a ponta do iceberg que iria colidir direto com Wrath e enquanto isso, estava fixando a *Fisher-Price* em sua cabeça, desfrutando de um debate interno sobre fraudas *Pampers*, que tipo de vídeo comprar e iria gostar do estilo novo do berço *Pottery Barn*.

Cheia de coisas de bebê. O tipo de negócio que ela viu Bella e Z lutarem, comprarem e usarem.

Nada em seu radar era sobre crianças em sua idade adulta. O que era no que Wrath estava concentrado.

De repente, as pressões inerentes a essa grande cadeira esculpida nunca pareceram tão reais. Apesar de ser testemunha em primeira mão, a verdadeira carga de tudo isso realmente não apareceu até que este momento... Quando ela imaginou sua criança sentada onde seu companheiro ficava todas as noites.

Saiu rapidamente do escritório.

Havia dois outros lugares onde poderia estar, no ginásio ou talvez na sala de bilhar.

Oh, espere, não havia ninguém mais ali.

Pelo menos até que chegarem os novos moveis.

Homem, que bagunça estava.

Caminhando de camisola e roupão, chegou a escada, até que sentiu enjoos e teve que reduzir a velocidade.

Cruzando o mosaico de macieira, pensou que poderia perguntar quem estava na sala de jantar para...

No momento que chegou à porta, congelou.

Apesar do fato de que não fosse a hora de comer, a casa inteira estava à mesa e algo terrível tinha acontecido: Sua família era como uma coleção de versões de Madame Tussauds, o grupo estava imóvel nas cadeiras, tinham as feições corretas, mas as expressões erradas.

E todos os olhos caíram sobre ela.

Quando a cabeça de Wrath se ergueu e inclinou-se, foi como se estivesse passando por sua transição, tudo de novo, quando ela saiu do porão de seu pai e entrou, encontrando os Irmãos à mesa. A diferença, claro, era que neste momento não entrou de surpresa na sala.

Agora, era algo completamente diferente.

— Quem morreu? — Ela exigiu.

No Antigo Mundo, Xcor e seus Bastardos ficavam em um castelo que parecia ter saído da terra, como se as pedras de sua construção tivessem sido rejeitas pela terra e expelida como um tumor. Situado em um monte desprezível, inabitável, a construção estava sobre uma pequena aldeia de um povoado humano medieval, a fortificação não tanto real. E no interior, não era melhor, fantasmas de humanos mortos vagavam pelos muitos quartos e no grande corredor especialmente, batendo nas mesas pesadas, balançando lustres de ferro fundido, tombando pilhas de troncos em chamas das lareiras.

Realmente, se encaixaram bem ali.

No Novo Mundo, porém... Viviam em uma rua sem saída, em uma casa Colonial com uma suíte da cor do intestino.

— Nós fizemos isto! De verdade, temos o trono!

— Vamos governar para sempre!

— Hurra!

A medida que seus guerreiros se felicitavam mutuamente e bebiam álcool, ele estava sentado no sofá da sala com saudade daquele enorme salão do castelo. Tal espaço se coadunava mais em ser testemunha da história que eles colocaram em movimento e obtiveram sucesso.

Tetos de dois metros e sofás de veludo simplesmente não combinavam com um evento desta magnitude.

Além disso, seu castelo... Foi anteriormente a sede da Primeira Família. A saída de Wrath do trono sendo anunciado no mesmo lugar onde ele nascera e fora criado seria uma ótima ressonância.

Talvez este lugar fraco, suburbano fosse o que estivesse roubando a alegria de seus soldados.

Exceto que, não, era outra coisa: Esta luta com Wrath ainda não tinha terminado.

Não havia nenhuma maneira de terminar assim. Muito fácil.

Refletindo sobre sua viagem neste momento, Xcor apenas pode balançar sua cabeça. Antes de vir para o Novo Mundo, voando através do oceano pela noite, as coisas pareceram muito mais sob seu controle. Depois da morte de Bloodletter, ele tomou as rédeas dos soldados e desfrutou dos séculos de conflito com a Sociedade Lessening depois que a Irmandade chegou a Caldwell.

Eventualmente, no entanto, depois de todas suas vitórias no campo era difícil de encontrar muito esporte para estes ratos.

Queria logo assumir o trono por que... Era isso.

E talvez soubesse que, a menos que tomasse a coroa, ele e os Bastardos seriam caçados. Cedo ou tarde, a Irmandade descobriria sua presença e iriam querer exercer sua superioridade sobre eles.

Ou eliminá-los.

Através de seus esforços, entretanto, as mesas se inverteram; ele ganhou poder sobre eles e seu Rei. E é isso o que era tão estranho. A sensação de que ele, de alguma maneira estava fora de controle agora era ilógico.

Quando Balthazar deixou escapar uma risada compulsiva e Zypher serviu-se de mais gim, ou era vodca? O temperamento de Xcor se iluminou.

— Ele não respondeu ainda. — Xcor cortou a conversa.

O grupo virou com o cenho franzido.

— Quem? — Throe perguntou enquanto abaixava seu corpo. Os outros tinham copos de plástico vermelho ou estavam bebendo da garrafa.

— Wrath.

Throe balançou a cabeça. — Legalmente não pode fazer nada.

— Não seja ingênuo. Haverá uma resposta para nosso tiro de canhão. Isto não é sobre ele agora.

Levantou-se, uma inquietude percorrendo seu corpo, animando-o a fazer movimentos que lutava para manter dentro de si.

— Com todo respeito. — Throe disse. — Não vejo o que ele pode fazer.

Dando as costas a jovialidade, Xcor disse. — Marque minhas palavras, isto não terminou. A pergunta é, com base em sua resposta, podemos ainda nos sustentar?!

— Aonde você vai? — Throe exigiu.

— Sair. E não quero ser seguido, obrigado.

“Obrigado” foi mais como “foda-se”, pensou enquanto se desmaterializava na porta dupla e reaparecia no gramado.

Não havia mais casa nesta parte, a única estrutura era uma casa de bomba para o sistema de esgoto municipal.

Inclinou a cabeça e considerou o céu. Não havia luz da lua, uma capa de nuvens prometia mais neve e bloqueava a iluminação.

Sim, neste momento de triunfo, não sentia nenhuma grande alegria ou sensação de realização. Ele esperou sentir-se... Bem, feliz seria uma palavra para isto, apesar de não ser a emoção exata. Ao invés, sentia-se tão vazio como quando chegou à costa e incomodado até o ponto de ansiedade.

Oh, merda. Ele sabia a causa de sua preocupação.

Era a *Escolhida*, claro.

Enquanto seus homens apreciavam a ilusão da vitória, havia apenas um lugar onde queria ir, apesar de que seria, sem dúvida, colocar sua vida em risco.

E iria para o norte.

Viajar pelo ar frio da noite, com as suas moléculas ondulando até as montanhas, afastado do território de Caldwell.

De pé entre pinheiros e carvalhos, suas botas de combate tocavam a neve, ele olhou para cima, embora não pudesse ver o ápice da montanha.

Não podia, de fato, ver muito mais do que um metro diante dele.

A grande paisagem à frente não se baseava no tempo ou no terreno. Era mágico. Algum tipo de passe de mágica que ele não podia entender, mas não podia questionar a existência.

Seguiu a *Escolhida* até ali.

Antes quando foi a uma clínica, aterrorizou-se com o fato dos Irmãos terem se vingado dele por se alimentar dela, esperou que saísse do tratamento e a seguiu até ali. De fato, manipulou todos para que tomassem de sua veia. Salvou a vida dela não por escolha, mas por uma preocupação criada por Throe e pela primeira vez lamentou ir a caça da Irmandade. Se não quisesse castigar ao homem como tal, nenhum deles a teria encontrado.

E sua *pyrocant* teria permanecido desconhecida para ele.

Porque na verdade, não conhecer aquela mulher, seu cheiro e o sabor de seu sangue, os momentos roubados naquele carro, teria sido uma benção para ele.

Ao invés, era como se houvesse usado uma serra em sua própria perna, cortando-a.

Ele inconscientemente se ofereceu para cruzar seu caminho.

Olhando fixamente para a névoa, se preparou para cruzar a barreira. Sua pele registrou uma advertência imediata, seus instintos internos se ativaram no campo de força, brincando com seu sentimento de terror. Continuando, suas botas tocaram a neve, moendo-a na subida da montanha.

Neste momento de triunfo, o único lugar onde queria estar era com a mulher que não podia ter.

Capítulo QUARENTA E DOIS

Em termos gerais, se seu marido se negava a dizer uma palavra até que estivessem os dois sozinhos e a portas fechadas?

Merda, isso não ia bem.

Quando Beth ouviu as portas duplas do escritório se fecharem atrás deles, ela se aproximou do fogo da lareira e moveu as palmas para o calor. De repente sentia muito frio... Sobretudo porque Wrath não estava atrás da mesa de escritório ou sentando no trono de seu pai.

Seu *hellren* estava em um dos dois sofás azuis franceses e soltou um suspiro carregado como se tivesse sentindo um enorme peso.

George ficou aos pés de seu mestre, o cachorro olhando para cima como se ele, também estivesse esperando um sapato cair.

Wrath apenas olhava para frente, apesar de não conseguir ver nada, com o cenho franzido atrás dos óculos, seu cabelo negro como aura sobre ele.

Girando, ela apoiou seu traseiro no calor e cruzou os braços. — Você está me assustando.

Silêncio.

— Por que você não está sentando atrás da mesa? — Ela disse bruscamente.

— Não é minha mais.

Beth sentiu todo o sangue deixar sua cabeça. — O que você... Sinto muito, o quê?

Wrath tirou seus óculos de sol e colocou o cotovelo em seu joelho enquanto esfregava os olhos. — O Conselho me depôs.

— O que... Foda. Como? O que eles fizeram?

— Não importa. Mas eles conseguiram. — Ele riu em uma explosão pequena.
— Escute, pelo menos agora não preciso cuidar de toda aquela papelada. Não é meu problema. Eles podem governar eles mesmos, podem brigar internamente sobre a bola e discutir sobre esta estúpida merda.

— Quais foram os motivos?

— Sabe o que realmente está fodido? Eu odiava fazer o trabalho, no entanto, agora que se foi... — Ele esfregou seu rosto novamente. — De qualquer maneira.

— Eu não entendo. Você é o Rei por sangue e a Raça é governada pela monarquia. Como eles fizeram isto?

— Não importa.

Beth estreitou seu olhar. — O que você não está me contando?

Ele ficou de pé e começou a caminhar ao redor pelos moveis que sabia onde estava. — Isto nos dará mais tempo juntos. Não é uma coisa ruim, especialmente se você estiver grávida. E inferno, se você estiver, com certeza este assunto não estará em minha cabeça.

— Eu vou descobrir, você sabe. Se você não me contar, eu conseguirei alguém para fazer isso.

Wrath se aproximou da mesa e passou as mãos pelas bordas talhadas. Logo tocou a parte superior do trono, acariciando a madeira.

— Wrath. Fale. Agora.

Mesmo ela falando assim, levou um longo tempo antes dele falar. E quando finalmente o fez, sua resposta não foi nada do que esperava... E tão devastadora como qualquer peça do todo.

— A base deles foi... Você.

Certo, tempo de deixar os braços caírem.

Indo para o mesmo sofá no qual ele estava sentado, ela caiu nas almofadas suaves. — Por quê? Como? O que eu fiz?

Deus, a ideia de que ela lhe custou o trono por algo que ela fez.

— Não é nada que você fez. É... Quem você é.

— Isto é ridículo! Eles não me conhecem.

— Você é metade humana.

Bem, isso a calou.

Wrath se aproximou e ajoelhou na frente dela. Segurando suas mãos nas dele maior, ele disse. — Ouça e tenha isso claro, eu amo você, toda você, cada e toda parte de você. Você é perfeita em todos os sentidos.

— Com exceção do fato de que minha mãe era humana.

— Isto é o maldito problema deles. — Ele estalou. — Eu não me importo uma merda com este preconceito maldito. Não me afeta em nada.

— Nãoooo é exatamente verdade. Por minha causa você não estará se sentando mais naquele trono, certo?

— Você sabe o quê? A merda não vale a pena para mim. Você é a mais importante. Você é o que importa. Todo o resto... *Todo mundo* pode se foder.

Ela olhou para o trono. — Você esta querendo me dizer que não se importa que o trono de seu pai não seja mais seu?

— Eu sempre odiei o trabalho.

— Este não é meu ponto.

— O passado é passado e meus pais estão mortos há séculos.

Ela balançou a cabeça. — Isto realmente importa, no entanto. Eu sei que você foi pego nisso... Por eles. Não minta para mim... O mais importante... Não minta para você mesmo.

Ele se sentou nitidamente. — Eu não estou.

— Sim, acredito que sim. Eu vi você nestes últimos dois anos. Eu sei o que o motivou... E seria um erro pensar que todo este compromisso desapareceu devido a um terceiro que diz que você não poderá jamais usar a coroa.

— Número um, não é um terceiro. É o Conselho. Número dois é um *fato consumado*. O que está feito está feito.

— Deve haver algo que você possa fazer. Alguma forma de evitar isto...

— Você tem que aceitar, Beth. — Ele chegou a seus pés, sua cabeça na direção do trono vazio. — Vamos passar por isto...

— Nós não podemos.

— Ao diabo com isso.

— Uma coisa é você renunciar ou abdicar ou qualquer que seja o inferno como é chamado. Isto é uma escolha sua. Mas não quando outras pessoas impõem a você. — Ela disse secamente. — Nós discutimos isto antes...

— Beth, você precisa deixar isto ir...

— Pense sobre o futuro, um ano depois de agora, dois anos... Você quer dizer que não ficará ressentido comigo?

— Claro que não! Você não pode mudar quem você é. Não é sua culpa.

— Você diz isso neste momento, e eu acredito... Mas uma década depois de agora, quando você olhar para seu filho ou filha, acredita que não se sentirá preso a isto?

— Como? Ser criticado por todos os interessados? Ser colocado em um pedestal? Inferno, não! Toda esta razão é o motivo pelo qual eu não queria um maldito filho.

Beth balançou a cabeça novamente. — Eu não estou tão certa sobre isto.

— Jesus Cristo. — Ele murmurou, fechando as mãos nos quadris. — Faça-me um favor e não coloque esta merda em minha cabeça.

— Nós não podemos ignorar a possibilidade...

— Perdoe-me, eu perdi algo? Há alguma vidente com bola de cristal ou algo assim? Porque sem ofensa, você não pode prever o futuro mais do que eu posso.

— Exatamente.

Wrath levantou as mãos e começou a caminhar. — Você não entende, simplesmente não entende esta merda. Isto está feito. A moção de censura foi aprovada... Eu fui destituído como regente, eu não tenho nenhum poder ou autoridade. Então ainda que aparecesse qualquer coisa que pudesse fazer de um ponto de vista legal? Eu não sou mais a pessoa que pode mudar as coisas.

— Então quem é?

— Um primo distante meu. Beleza de sujeito.

O tom de seu *hellren* sugeria que o *beleza de sujeito* era um eufemismo para um *puto idiota*.

Beth cruzou seus braços no peito. — Eu quero ver a proclamação ou documento... Existe um, certo? Não acho que eles deixariam isso em um correio de voz.

— Oh, meu deus, Beth, deixe isso...

— Saxton o tem? Ou enviaram para Rehv...

— Você estará fodidamente de acordo! — Ele gritou com ela. — Você acabou de passar por sua necessidade! A maioria das mulheres fica na cama por uma semana... Por que você não pode fazer isso? Você quer um garoto, vá repousar lá embaixo maldição... Isso é o que supõe que deva fazer. Surpreende-me que, depois de todo este tempo que passou com a maldita Layla ela não te disse...

Enquanto ele continuava e continuava, ela soube que isto era vapor liberando-se por seu vocabulário. Mas eles não tinham tempo para ele manter isto indefinidamente.

Levantando-se, ela aproximou-se dele e...

Slap.

Enquanto Beth seguia adiante com sua palma, o som de estalo acentuado desvaneceu na sala e seu amado companheiro se calou.

Olhando com calma ela disse. — E agora que tenho sua atenção e não está em delírio como um lunático, eu apreciaria se contasse onde posso encontrar o que seja que nos foi enviado.

Wrath deixou sua cabeça cair para trás como se estivesse totalmente exausto.
— Por que está fazendo isto?

Abruptamente, ela pensou no que ele disse para ela quando sua necessidade golpeou e que a encontrou tentando chegar às drogas.

Em uma voz trêmula, ela respondeu. — Porque eu amo você. E você não quer reconhecer ou não pode ver tão longe no futuro, mas isto é realmente importante para você. Estou dizendo, Wrath, este é o tipo de coisa que as pessoas nunca se esquecem. E como eu te disse, você quer deixar ir? Bem. É sua escolha. Mas eu ficarei bem e maldito seja se eu deixarei alguém tirar isso de você.

Ele fechou a boca. — Você não entende, *leelan*. Acabou.

— Não se eu tenho algo a ver com isto.

Passou-se um longo momento... E então ele estendeu a mão e puxou-a contra ele, segurando com tanta força que ela podia sentir a curva de seus ossos.

— Eu não sou forte suficiente para isto. — Ele sussurrou em sua orelha, como se não quisesse que ninguém ouvisse isto saindo da boca dele. Nunca.

Passando suas mãos pelas suas costas poderosas, ela o abraçou forte. — Mas eu sou.

Isto foi a eternidade.

Wrath esperava no quarto escondido que cheirava a terra e especiaria como sempre. Na escuridão, seus pensamentos eram altos como gritos, vívidos como um raio, indelévels como uma inscrição em pedra.

E justo quando pensava que nunca aconteceria, que ele e seu silêncio companheiro estariam sempre na escuridão, literalmente e figurativamente, ouviu um som áspero e o painel camuflado começando a deslizar.

— Não importa o que aconteça. — Ele sussurrou para o Irmão. — Você não irá interferir. Eu ordeno assim e me escute bem.

A resposta de Tohture não foi mais alta que uma respiração. — Como desejar.

A luz vacilante de uma única tocha iluminava pouco, mas era mais que suficiente para Wrath identificar o homem, um clérigo que estava na periferia da corte... Mas cujo pai era curandeiro.

Um guardião de ervas e poções.

O homem murmurou sob sua respiração. — ...Faça mais esta noite. Cannae faz o que é impossível...

A medida que o homem ia para a mesa de trabalho, o corpo de Wrath atuou em benefício de sua mente. Saindo das sombras de uma maneira descuidada, ele agarrou a parte superior do braço magro, colocando sua força sem delicadeza alguma. Em resposta, ouviu-se um grito de surpresa, mas logo a tocha deu meia volta e Wrath esteve a ponto de perder seu agarre enquanto as chamas abertas brilhavam em seus olhos.

— Feche a porta! — Wrath gritou quando tentou pegar o clérigo pela cintura.

Embora não houvesse comparação em seus tamanhos, Wrath era duas vezes maior, a túnica do clérigo estava solta e escorregadia o que deixava sua presa difícil de controlar. E aquela tocha era um perigo com ambos buscando controlá-la. Com as sombras que corriam pelas paredes, o caldeirão e a mesa, Wrath encontrou suas mãos sendo queimadas quando ele tentou...

E então a capa que usava para esconder sua identidade ficou em chamas.

Quando o calor abrasador brilhou a seu lado e se dirigiu para seu cabelo, saltou para trás e buscou sua adaga para cortar o tecido, exceto o que estava sob a capa. Saltando para trás, ele puxou o volumoso tecido pela cabeça, mas teve que soltar a mão com um grito de dor. Na seguinte batida do coração, as chamas estavam sobre ele e ainda que tentasse afastá-las, era como se desviar de uma nuvem de vespas. Batendo, cego por agonia e calor as grandes chamas e quando ouviu o som, percebeu...

Ele não sairia vivo disto.

Com a respiração curta, o coração batendo, a alma gritando de injustiça por tudo, ele desejava ser um homem diferente, um homem de espada, não de pluma, que pudesse dominar o outro com rapidez e confiança...

O dilúvio veio de cima e tinha mau cheiro, mau sabor e viscoso, era mais úmido que um cobertor de lã molhado. Com um movimento e um fedor que fez seus olhos lagrimejarem ainda mais, as chamas se foram, o fogo se foi, tudo terminou.

Um grande ruído resultou quando Tohture lançou o caldeirão pesado de lado.
— Não beba, meu senhor! Cuspa antes!

Wrath se inclinou e cuspiu o que estava em seus lábios. E quando um trapo foi empurrado em suas mãos, ele pode limpar seus olhos.

Apoiando suas mãos nas coxas, ele respirou profundamente com a esperança de parar de ofegar, esforçando-se para girar a cabeça. Ou talvez fosse a fumaça. A dor. Este desastre que caiu sobre ele.

Depois de um momento, percebeu que a luz ficou firme e olhou na direção do lugar iluminado. O Irmão controlava a tocha... Assim como subjugava o clérigo, o homem estava abaixado e curvado sobre si mesmo, com as pernas estiradas.

— Como você fez... — Uma tosse cortou a fala de Wrath. — O que fez com ele?

— Eu cortei os tendões atrás de seus joelhos de forma que ele não pudesse correr.

Wrath recuou com o pensamento. Mas a utilidade era evidente.

— Ele é seu para fazer o que quiser, meu senhor. — Tohture disse, dando um passo atrás.

Quando Wrath olhou para o clérigo, era difícil não contrastar o comportamento tranquilo e o esforço bem sucedido do Irmão com seu próprio comportamento, uma bagunça ambulante. Para Tohture, o efeito foi mais um trabalho para realizar.

Arrastando os pés até o homem comprometido, ele forçou o clérigo sobre suas costas, e houve uma pequena satisfação quando os olhos dele se abriram mais quando a identidade de Wrath foi revelada.

— A quem você serve? — Wrath exigiu.

A resposta foi um estalar que não chegou a nenhum lugar, e antes que Wrath soubesse o que estava fazendo, ele agarrou a roupa do clérigo e o arrastou pelo chão sujo. Agitando-o, fazendo sua cabeça balançar de uma maneira que fez com que Wrath fosse golpeado pela necessidade de matar.

Não havia tempo para examinar a emoção estranha, no entanto.

Arrastando o homem mais alto para ficarem nariz com nariz... Wrath grunhiu. — Se me disser quem mais está nisso, perdorei sua jovem shellan e seu filho. Se descobrir que existe alguém mais envolvido, sua família será amarrada pelos pés e pelas mãos e pendurados pelos tornozelos no grande salão, por muito tempo.

Enquanto Tohture sorriu de forma sanguinária, o rosto do clérigo ficou mais pálido.

— Meu senhor... — O homem sussurrou. — Poupe-me então... Poupe-me e contarei-lhe tudo.

Wrath olhou para aqueles olhos suplicantes, observando as lágrimas caírem... E pensou em sua shellan e seu pai.

— Por favor, meu senhor, mostre-me misericórdia... Eu imploro... Mostre-me misericórdia!

Depois de um momento longo, Wrath assentiu com a cabeça uma vez. — Prossiga.

Em uma pressa trêmula, os nomes saíram e Wrath reconheceu todos eles.

Era composto por seus conselheiros, começando com Ichan e terminou com Abalone... Que já provara onde estava sua lealdade.

A vibração interna de violência começou assim que o ultimo nome foi pronunciado e o clérigo caiu silencioso... E o impulso para matar não pode ser contido.

Sua mão tremia buscando o cabo de seu punhal, puxou sua arma com movimentos espasmódicos, um ângulo incorreto, a lamina ficou presa no coldre.

Mas ele conseguiu soltá-la.

Deixou o clérigo cair novamente no chão, ele colocou o punhal na garganta do homem e começou a apertar.

— Meu senhor... — O clérigo começou a lutar, arranhando o pulso de Wrath. — Meu senhor, não! Você prometeu...

Wrath ergueu o braço.

E percebeu que foi certo ao disparar contra o coração, a jugular, e os órgãos importantes.

— Meu senhoouooooooooor...

— Isto é por meu sangue!

Ele empurrou todas suas forças no arco descendente... E encontrou o olhar horrorizado do clérigo quando a ponta do punhal perfurou o olho direito do homem e se dirigiu rapidamente para o cérebro atrás dele, parando apenas quando toda a lâmina incrustou no crânio.

O corpo em baixo do seu próprio entrou em espasmos imediatos, braços e pernas, o olho restante ficou branco.

E então tudo ficou quieto com exceção de algum espasmo secundário dos músculos faciais e das mãos.

Wrath caiu sobre o corpo do morto.

Enquanto considerava a visão daquele punhal sobressaindo do rosto do homem, sentiu náuseas e teve que arrancá-lo, apoiou as mãos na terra fria e vomitou até que seus braços já não puderam lhe segurar.

Rodando de lado, ele deitou seu rosto quente no interior do braço encharcado na sujeira.

Ele não chorou.

Queria.

A medida que a consciência de que matou alguém o golpeou, desejou voltar ao mundo que conhecia antes deste... Onde seu pai morreu de causas naturais e sua shellan simplesmente teve um enjoo por causa da gravidez... E a pior coisa com que

teria que se preocupar era sobre as conversas na corte sobre a escolha de companheira.

Esta nova versão da realidade não era nada que ele quisesse fazer parte.

Não havia luz neste lado. Apenas a escuridão da meia noite.

— Eu nunca matei alguém antes. — Ele disse em uma voz fraca.

Mesmo com toda sua ferocidade, o tom de Tohture era gentil. — Eu sei, meu senhor. Você fez bem.

— Eu não o fiz.

— Ele não está morto?

Sim, realmente ele estava. — Eu quis dizer o que disse sobre sua shellan e filho. Eles se salvaram.

— Claro.

Como a lista de nomes correu em sua cabeça, aquele desejo de matar reacendeu, inclusive quando seu estômago estava apenas assentado... E seus esforços eram um escárnio comparado ao que a Irmandade poderia fazer.

E realmente, ele não estaria vivo agora se Tohture não entrasse.

Wrath levantou-se da sujeira, com a cabeça baixa. Como iria...

Uma palma grande se apresentou propriamente ante ele. — Meu senhor, permita ajudá-lo.

Wrath olhou para cima, os olhos brilhantes e claros, pensou que pareciam a lua, lançando luz sobre a escuridão, mostrando um caminho para sair de seu habitat natural.

— Nós devemos treiná-lo. — Tohture disse. — Devemos ensinar o que você precisa saber para vingar seu sangue. Vou remover aquele corpo e montar a cena como se fosse um acidente... Isto nos dará o tempo que precisamos. E de agora em diante, a refeição será preparada por nosso próprio pessoal doggen, não qualquer pessoa da corte... E qualquer e todos os alimentos devem ser levados pelas próprias

mãos dos Irmãos. Nós devemos comer e beber antes em sua presença e dormir na porta de seu quarto. Este é nosso voto solene.

Por um momento, tudo que Wrath pode fazer foi olhar para a palma estendida a ele como a benção da própria Virgem Escriba.

Ele abriu sua boca para dizer obrigada, mas nada saiu.

A modo de resposta, ele agarrou o que estava ante ele... E sentiu seus próprios pés se levantarem com controle.

Capítulo QUARENTA E TRÊS

Ar fresco era bom para a mente e a alma.

Quando Layla saiu para o jardim, ela teve cuidado ao atravessar o terraço coberto de gelo, esticando os braços, indo devagar: Ela não queria correr o risco de escorregar.

Engraçado como sua avaliação de tudo, desde superfícies potencialmente escorregadias, para escadas, para selecionar alimentos se intensificou.

— Saindo na noite, — ela disse ao jovem dentro de sua barriga.

Era, claro, loucura falar com aquele que ainda nem tinha nascido. Mas ela pensou que se pudesse manter o diálogo aberto, por ventura o jovem continuaria a escolher ficar por perto. Se ela apenas pudesse comer as coisas certas e não cair e descansar... De alguma forma, no fim de alguns meses, ela conseguiria segurar seu filho ou filha em seus braços, e não só em seu corpo.

Descendo para o gramado coberto de neve e longe da iluminação da casa, ela achou que, as botas que tinha pegado no hall, seriam quentes, sólidas e confortáveis. O mesmo aconteceu com a parca e as luvas. Ela deixou o chapéu e o cachecol para trás; ela queria o frio para arejar a cabeça.

Mais distante ao longo da propriedade, a piscina estava ostentando sua cobertura de inverno, mas ela a imaginava cheia de água iluminada por baixo, as ondas azuis celestes convidativas e suaves na pele e articulações. Ela iria nadar assim que pudesse... E ao ar livre. Por mais que ela apreciasse a piscina que estava no centro de treinamento, o ar tinha cheiro de cloro, e depois de ter usado as águas cristalinas, e banhos naturalmente frescos acima no Santuário, isso não favorecia...

De repente, ela parou de andar. Parada com o pensamento distraído. Parou tudo, exceto a pressão em seus pulmões e a batida de seu coração.

Fechando os olhos, ela repetiu o que tinha acontecido na sala de jantar, vendo a angústia no rosto de Wrath quando o anúncio foi feito, ao ouvir a indignação e a agressão nas vozes da Irmandade, observando como Rehv ficou olhando para o Rei, como se estivesse lendo coisas que ela não podia sentir.

Xcor estava por trás disso tudo.

Ele tinha que estar. Não foi de orquestrar uma tentativa de assassinato a se sentar de braços cruzados enquanto a *glymera* processualmente ganhou o que queria. Não, ele estava à espreita nos bastidores. Em algum lugar.

Com o estômago revirando, ela retomou seu passeio inquieta, indo além da área da piscina para os jardins formais geometricamente construídos. E ela continuou em seu lado, bem como, ligando-se com o muro de contenção de seis metros de altura que corria por todo o caminho ao redor do complexo.

Continuando sempre adiante, seus ouvidos estavam dormentes. Assim como o seu nariz. Ela não se importava.

Imagens de Beth aparecendo no arco da sala de jantar e Wrath olhando para a grande mesa, para ela, guerreavam com a muito mais traiçoeira e tão trágica montagem da...

Que ela se recusou a pensar.

Ou pelo menos tentou.

Ela realmente tinha permitido Xcor entrar no carro? Ele realmente se sentou ao lado dela, desarmado, sua coleção de armas deixadas sob o capô do Mercedes... E falou com ela? Segurou a mão dela?

— Pare com isso, — alertou a si mesma.

Nada de bom viria ao se lembrar daquela ligação, aquela chama ardente.

Layla reduziu os passos. Parou. Recordou com grande precisão e nenhuma culpa a forma que Xcor tinha olhado para ela.

Ela sabia muito pouco sobre ele... Além de suas aspirações políticas, ele era um completo estranho, e um que matava. E ainda teve a sensação, dada a sua falta de jeito com ela, que ele não era alguém que se deleitava com fêmeas com muita frequência.

Com sua desfiguração facial, era óbvio o porquê.

Mas com ela... Ele era diferente.

Além da gravidez, que ela provocou ativamente, ela sempre foi indiferente durante o curso de sua vida. Mas ela não podia ficar de braços cruzados enquanto houvesse caos, nem um pouco, se ela podia fazer algo para ajudar Wrath nesta situação horrível.

Ela tinha culpa. Sobre tanta coisa.

Ela poderia, no entanto, tentar fazer algo sobre isso tudo.

Pegando o seu telefone celular, o que Qhuinn tinha insistido que levasse com ela em todos os lugares, ela ligou a tela de discagem.

Xcor tinha dito a ela como chamá-lo, os dígitos gravados em sua mente no momento em que tinha deixado os lábios dele.

Ela nunca tinha imaginado usá-lo.

A cada toque do dedo da tela, o telefone deixou escapar um tom diferente, a sequência concluída em sete toques.

Ela pairou sobre o botão enviar. E então ela pressionou.

Seu corpo inteiro tremia quando colocou o fino, dispositivo do tamanho de carta de baralho em sua orelha. Um toque eletrônico soou uma vez... Duas vezes...

Layla andou em volta.

Mais à esquerda, do outro lado do muro, ela ouviu um som distante, tão fraco que se não tivesse memorizado exatamente o toque que estava em seu próprio telefone, ela poderia não ter notado.

O celular deslizou de seu aperto e caiu na neve a seus pés.

Ele os havia encontrado.

De pé no chuveiro na casa de Assail, Sola não sabia quanto tempo ela ficou sob o jato quente, deixando a água cair em seus ombros e costas, fechando os olhos e inclinando-se contra a parede.

Por alguma razão, ela estava gelada... Mesmo que não houvesse vapor suficiente para qualificar o banheiro como uma sauna, e ela tinha certeza que aumentou a temperatura central para quarenta graus.

Nada estava tocando o congelamento profundo que tinha se alojado no centro do seu peito.

Ela disse a avó que saíam antes do amanhecer para Miami.

Em retrospecto, investir em um lugar seguro no coração dos negócios da família Benloise foi uma coisa idiota. Mas com alguma sorte, Eduardo, supondo que ele ainda estava no planeta e o beneficiário do testamento do seu irmão, estaria tão ocupado apreciando a compra de Bentleys azuis pálidos e lençóis Versace animal-print que não viria atrás dela.

Supondo que ele nem sequer sabia o que seu irmão tinha feito a ela. Ou planejado para ela.

Ricardo tinha guardado tanto para si mesmo.

Deus... O que Assail fez para aquele homem?

Um flash rápido do rosto dele, sangrando ao redor da boca e queixo, aumentou seu frio, e ela virou-se.

— Caralho! — Ela gritou enquanto olhava para fora do vidro enevoadado.

A figura que apareceu na entrada estava quieta como uma estátua e poderosa como um tigre. E ele estava olhando para ela como um poder predador.

No mesmo instante, ela estava quente no interior de sua pele... Porque sabia por que ele tinha vindo, e ela queria isso também.

Assail caminhou até a porta de vidro que os separava e abriu. Ele estava respirando com dificuldade, e à luz acima de sua cabeça, seus olhos brilhavam como faíscas.

Ele entrou no chuveiro totalmente vestido, seus sapatos Gucci, sem dúvida, arruinados, sua jaqueta de camurça marrom escura absorvendo a água que caía e ficando da cor de sangue.

Sem dizer uma palavra, ele pressionou as mãos sobre o rosto dela e a arrastou pela cabeça até sua boca, os lábios dela esmagando enquanto ele a apoiava contra o mármore com todo o seu corpo. Sola deu um gemido, aceitando sua língua enquanto penetrava nela, segurando seus ombros através de suas roupas de grife.

Ele estava totalmente ereto e apertou os quadris contra ela, empurrando seu pau duro e esfregando-o contra sua barriga, o H²⁵ de ouro de seu cinto a arranhando. Mais beijos, desesperados, o tipo de fome que você vai se lembrar até quando estiver com oitenta e velho demais para pensar em tais coisas. E, em seguida, suas mãos estavam em seus seios escorregadios, os dedos beliscando seus mamilos até que a distinção entre a dor e o prazer desapareceu e tudo o que ela sabia era que se não atingisse o orgasmo no momento seguinte, ela ia morrer...

Como se sentisse o que ela precisava, Assail caiu de joelhos, jogou uma de suas pernas sobre o ombro, e caiu sobre ela, seus lábios devorando seu sexo, da mesma forma que ele atacou sua boca.

Esse sexo foi como castigo, uma acusação de sua escolha, uma expressão física da sua ira e sua desaprovação.

E talvez isso fizesse dela uma vadia doente, mas ela adorou.

Ela queria que ele viesse assim, puto e no limite, derramando-se dentro dela, para que ela não se sentisse tão culpada... Ou tão vazia.

Agarrando o cabelo encharcado dele, ela inclinou seus quadris e forçou-o a ir ainda mais duro, usando sua panturrilha em volta dele para que encontrasse um ritmo...

Sola mordeu o lábio quando gozou selvagememente, seu tronco empurrando contra o mármore com um grito estridente.

Antes que ela percebesse, ela estava no chão do chuveiro, esticada na frente dele enquanto ele tirava a jaqueta e a camisa de seda encharcada de seu peito

²⁵ Hermes.

esculpido. Enquanto ele ia para a fivela do cinto, ela estendeu a mão para ele, as mãos impacientes para alcançar aquela pele suave e os contornos duros dele.

Ele nunca disse uma palavra para ela.

Não quando ele abriu as pernas e montou nela, e não quando seu pau entrou e ele começou a golpear nela, nem mesmo quando ele se apoiou sobre ela e olhou-a nos olhos, como se estivesse desafiando-a a deixar tudo o que ele poderia dar a ela.

As costas largas de Assail ficaram em baixo do jato, protegendo-a, mantendo sua visão clara... Para que ela pudesse ver tudo a partir de sua expressão feroz até seus protuberantes músculos dos ombros, até as sombras projetadas por seus peitorais. Seu cabelo molhado balançado no ritmo, gotas de água caindo das pontas dos cachos como lágrimas, e de vez em quando seu lábio se curvava...

Vagamente, algo registrou como não estando certo, uma bandeira vermelha levantada nos recessos mais distantes do seu cérebro. Mas isso foi tão fácil de ignorar quando outro orgasmo assumiu o controle, silenciando o pensamento para que a sensação fosse tudo o que sentia... Assail era tudo o que sentia.

Quando seu sexo agarrou sua ereção, ele iniciou o orgasmo, também, seu corpo se arqueando...

Sem camisinha. Caralho!

Assim que o pensamento passou por sua mente, ele foi embora de novo, seu orgasmo se multiplicando, em vez de afastá-lo, ela estendeu a mão e afundou as unhas em seus quadris.

Ele tinha certeza que quando seu próprio orgasmo fosse se desvanecendo que as coisas ficariam... Um pouco estranhas.

Seu corpo ficou imóvel na recuperação e sentiu que ele retrocedia profundamente dentro dela, terminando o que tinha começado.

Exceto que ele não tinha terminado com ela.

Depois que ele terminou de ejacular, sua pélvis entrelaçada contra a dela, começou a retirar-se quase imediatamente. E ela esperava que ele se deitasse com ela sobre o mármore; talvez levantá-la e levá-la para fora para se secar e ficar na

cama; talvez fazer um comentário que, caramba, eles não tomaram nenhum cuidado.

Talvez dizer-lhe o que ele tinha mostrado a ela: que ele não queria que ela fosse.

Em vez disso, ele colocou o seu peso em uma mão e agarrou seu pênis brilhando com a outra. Acariciando a si mesmo, ele gemia como se estivesse se preparando para gozar novamente.

O segundo orgasmo disparou dele e ele dirigiu tudo sobre seu sexo... E ele não parou por aí. Depois que ele cobriu seu núcleo, ele subiu, deslocando-se para seu estômago, suas costelas, seus seios, seu pescoço, o rosto dela. Ele parecia ter uma provisão infinita de esperma, e quando os jatos quentes caíam em sua pele supersensível, ela se encontrou gozando junto com ele, passando as mãos para cima e para baixo em seu corpo, sentindo a bagunça quente que ele estava cobrindo-a, espalhando em seus próprios seios.

No fundo da sua mente, ela sabia que existia algum outro motivo para tudo isso.

Mas com a falta da camisinha, ela já tinha muito no momento para se preocupar.

Era como se ele estivesse... Marcando-a... De alguma forma.

E que estava tudo bem com ela.

Capítulo QUARENTA E QUATRO

Xcor estava totalmente desorientado no meio da névoa, e sabia que estava chegando a hora de voltar. Ele estava vagando sem rumo em direção a montanha pelo que pareciam horas, e ainda não tinha chegado a qualquer tipo de cume ou fortaleza. Tudo o que ele tinha visto foram árvores perenes. O ocasional leito do rio estava coberto com uma camada de gelo. Pegadas de cervos na neve...

Seu telefone tocou discretamente no bolso.

Mesmo xingando pela interrupção, ele reconheceu que era a deixa adequada para parar esta loucura, sem dúvida, um de seus Bastardos fazendo a checagem. Além disso, assumindo que ele descobriu o Complexo da Irmandade, o que ele esperava fazer? Uivar fora da janela da Escolhida até que ela concordasse em se encontrar com ele?

Tudo o que conseguiria era ficar cercado por guerreiros... E embora ele tivesse ouvido que vermelho era a cor do amor, derramamento de sangue não era um substituto apropriado para uma rosa.

Pegando seu celular, ele respondeu bruscamente. — Sim?

Um som agudo reverberou em seu ouvido, estridente e alto o suficiente para que ele afastasse o celular.

Retornando a ligação, ele gritou, — *O quê?*

Sem resposta.

— Porra, Throe.

De repente, todos os instintos que ele tinha ou jamais possuiu começou a gritar... E não em alerta como se estivesse a ponto de ser atacado.

Soltando o celular, ele virou-se lentamente, com medo de que fosse algum tipo de falha de alerta interno...

Sua respiração o deixou em um longo suspiro quando ele viu o que apareceu diante ele.

Era... Ela.

De fora da névoa densa, sua Escolhida se materializou... E o impacto de sua presença o desequilibrou mesmo enquanto ele permaneceu de pé. Oh, linda de se ver, o seu espírito suave fazendo-o sentir o monstro nele com grande clareza.

— Como você está aqui? — Ela perguntou com uma voz trêmula.

Ele olhou ao redor. — Onde estou?

— Eu... Quer dizer que você não sabe?

— A Irmandade não deve estar longe, mas eu não posso ver ou encontrar nada com esse maldito feitiço.

Envolvendo seus braços ao redor de si, ela parecia estar em conflito... Mas por que não estaria. Ele tinha que estar perto de onde ela ficava, apesar de não saber se isso era em termos de metros ou quilômetros.

— Como você está? — Ele perguntou em voz baixa. — Eu gostaria que houvesse luar. Eu poderia vê-la melhor.

Mas ele podia sentir o cheiro dela... E aquele perfume. Aquele *cheiro*.

— Eu liguei para você, — ela sussurrou depois de um longo momento.

Ele sentiu as sobrancelhas se erguerem. — Foi você? Agora?

— Sim.

Por um segundo, traiçoeiro, seu coração bateu mais rápido do que se ele tivesse corrido até aqui com ela. Mas então... — Você ouviu.

— Sobre o que você fez para Wrath.

— Essa foi a escolha do Conselho.

— Não finja para mim.

Ele fechou os olhos. Infelizmente, ele não podia. — Eu disse que o trono era para ser meu.

— Onde estão os seus soldados?

— Como se eu tivesse vindo essa noite para derrotar o Rei Cego fora de sua casa?

Sua voz ficou mais forte. — Você tem o que queria dele, e usou sua amada para fazê-lo. Por que se preocupar com ele agora.

— Não foi ele quem eu vim ver.

A Escolhida respirou rapidamente... Embora a admissão certamente não foi uma surpresa.

E Deus o salve, Xcor deu um passo mais próximo a ela, embora por tudo que era correto e apropriado, ele deveria se afastar: Ela era mais perigosa para ele do que qualquer Irmão, especialmente quando os leves tremores que vibravam através de seu corpo esbelto eram registrados por ele.

Ele se enrijeceu completamente. Era impossível não responder.

— Você sabe disso, não é, — ele disse com um suave rosnado. — Estava me ligando para ver se podia influenciar minhas ações? Vá em frente, agora. Você pode ser sincera... Somos só você e eu aqui. Sozinhos.

Ela ergueu o queixo. — Eu nunca vou entender seu ódio por aquele bom macho.

— Seu Rei? — Ele riu asperamente. — Um bom macho?

— Sim, — ela respondeu com genuína paixão. — Ele tem uma alma boa, tem uma relação duradoura de amor verdadeiro com sua companheira... Um macho que todas as noites se compromete a fazer seu melhor para a raça.

— Sério? E como ele está realizando esse objetivo louvável? Ninguém o vê, sabe? Ele nunca sai para se misturar com os aristocratas ou os plebeus. Ele é um eremita que falhou no seu dever em um tempo de guerra. Se não fosse eu, seria outro...

— É errado! O que você fez é errado!

Ele balançou a cabeça, ao mesmo tempo admirando a ingenuidade de princípios e triste que ela ia ter que lidar com isso. — É assim que o mundo funciona. A força vence a fraqueza. É tão universal quanto à gravidade e o pôr do sol.

Mesmo através de seu agasalho, ele podia dizer que seus seios estavam empinados sob seus braços cruzados, e seus olhos baixaram antes de se fecharem brevemente. — Eu nunca gostei da inocência, — ele murmurou.

— Perdoe a ofensa, então.

Erguendo as pálpebras, ele disse, — Mas eu acho que, como sempre, quando se trata de você, as revelações continuam em ritmo acelerado.

Ela estendeu suas longas mãos para ele, implorando através do ar frio. — Por favor. Apenas pare. Eu irei...

Quando ela só conseguia engolir em seco, ele encontrou-se ainda em curso. — Você vai fazer o quê?

Com movimentos bruscos, ela andava diante dele. E ainda assim, ele não podia mover um único músculo.

— O que exatamente, — ele perguntou profundamente, — Você vai fazer?

Ela parou. Levantou o queixo adorável. Desafiou-o com seu olhar e seu corpo, mesmo que ela fosse noventa quilos mais leve do que ele e totalmente inexperiente.

— Você pode me ter.

— Está muito quente aqui... Ou eu estou louca?

Quando ninguém a respondeu, Beth olhou através do escritório. Saxton, Rehv, e Wrath estavam todos quietos enquanto ocupavam espaço no jogo de sofás azuis. Os dois primeiros estavam olhando fixamente para o fogo apagando, e ela não sabia onde Wrath dirigia seus olhos.

Diabos, mesmo que ele estivesse no mesmo quarto com ela, ela não fazia ideia de onde ele estava.

Tirando o roupão, ela o colocou na grande mesa esculpida e leu a proclamação de novo. A cadeira que ela escolheu era a única que Rehv normalmente usava, a

bergère de assento macio, como ele a chamava, do lado de onde está o trono de Wrath.

Ela se recusou, apesar do que ela segurava em suas mãos, se referir a cadeira gigante como de ninguém mais além do seu companheiro.

Olhando de volta para o pergaminho, ela balançou a cabeça para todos os símbolos que tinham sido escritos tão cuidadosamente com tinta. Quando chegou ao Idioma antigo, ela foi lendo lentamente, tendo que pensar na definição de cada personagem antes de poder juntar uma frase. Mas sabe... A segunda leitura, foi igual a primeira.

Colocando o papel duro, pesado com sua borda colorida em cima da mesa novamente, ela passou os dedos pelo longo cetim que estava protegido por selos de cera. Eram tão estreitas e suaves quanto as tiras de fita usadas nos cabelos das meninas, perfeito para amarrar uma trança.

Não que ela estivesse pensando no bebê ou qualquer coisa.

— Então não há nada que possamos fazer sobre isso? — Disse ela depois de um tempo.

Cara, ela estava com calor. A flanela não tinha sido uma boa escolha... Ou era isso ou estresse.

Saxton pigarreou quando ninguém mais se ofereceu para responder. — Processualmente, eles seguiram as regras. E do ponto de vista legal, o seu fundamento está correto. Tecnicamente, lendo as Leis antigas agora, qualquer descendente de... — Mais pigarro. E ele olhou para Wrath para verificar o quão furioso iria ficar. — ...Você dois estão destinados para o trono, e existe uma disposição sobre o sangue de nosso governante.

Sua mão foi para seu ventre. A ideia de que um grupo de pessoas tinha como alvo seu filho, que ainda estava por nascer e talvez nem mesmo existisse, era suficiente para fazê-la querer ir até o ginásio e dar uns bons socos.

Antes quando ela estava no mundo humano, de vez em quando foi discriminada por ser mulher, *cof*os-pica-tonta*cof*. Ela não teve nenhuma experiência com qualquer problema racial, no entanto. Para alguém que parecia Caucasiana, ainda que, como se viu, ela era apenas metade branca, porque era apenas meio-humana, essas coisas nunca foram um problema.

Cara... Ter uma opinião sobre um indivíduo baseado em características ligadas a loteria do esperma era loucura. As pessoas não podiam escolher o sexo do que ia sair do útero; Nem podiam mudar a composição de seus pais.

— Aquela *glymera*, – ela murmurou. – São um bando de idiotas.

— Eu provavelmente serei o próximo, – Rehv disse. – Eles sabem sobre os meus laços com os dois.

Ela enfocou no macho com moicano. – Eu sinto muito.

— Não sinta. Eu só aceitei o trabalho para ajudar você dois e a Irmandade. – Então ele disse secamente, – Eu tenho bastante em minhas mãos ao norte para me manter ocupado.

Isso mesmo, ela pensou. Era tão fácil esquecer que ele não era apenas o *leahdyre* do Conselho, mas o rei dos *symphaths*.

— E você não pode expulsar todos eles ou algo? – Ela perguntou ao macho. – Eu quero dizer, como *leahdyre*, você não pode conseguir... Eu não sei, um novo grupo de pessoas?

— Eu vou deixar o nosso bom amigo advogado aqui explicar se entendi errado, mas é do meu entendimento de que a adesão ao Conselho é determinada pela família. Então, mesmo se eu encontrar motivos para arrancar os filhos da puta, eles só seriam substituídos por membros dessa linhagem... Que provavelmente teriam a mesma opinião sobre as coisas. Porém, o mais importante foi feito. Ainda que todos fossem novos? A ação ainda permanece.

— Eu só continuo pensando se existe algo...

— Podemos parar com isso agora, – Wrath cortou a conversa. – Quero dizer, podemos apenas dar uma pausa nessa merda? Sem ofensa, mas olhamos todos os lados, você já leu o que eles enviaram... O que está feito está feito.

— Eu simplesmente não posso acreditar que foi tão fácil. – Ela olhou para o trono. – Quero dizer, um pedaço de papel e acabou.

— Eu temo pelo futuro, – Saxton murmurou. – Esse sistema de valores deles não é bom para pessoas como eu. Ou para as fêmeas. Nós tínhamos feito tal

progresso nos últimos dois anos... Saindo da Idade da Pedra. Agora? Isso vai ser apagado, guarde minhas palavras.

Wrath levantou rapidamente. — Escute, eu tenho que ir.

Com passos largos, ele veio até ela, uma mão estendida para ela agarrar e o guiar nos últimos centímetros.

Quando ela pegou sua palma e o puxou para baixo, ela inclinou sua cabeça para um lado assim ele podia beijar sua jugular, e inclinou para o outro assim ele podia fazer o mesmo na esquerda, e em seguida, colocar os lábios em sua boca assim ele podia beijá-la lá, também.

E então ele e George partiram.

Observando ele ir, ela odiava como ele parecia, tão frágil, tão perdido... Embora fisicamente falando, era mais do que ela causou a ele durante o período de necessidade. Mentalmente e emocionalmente? Uma longa lista de pessoas eram responsáveis por isso.

Embora ela fosse uma dessas, também.

— Tem que haver um jeito, — ela disse para ninguém em particular.

Deus, ela orou para que seu *hellren* não estivesse indo para o ginásio. A última coisa que ele precisava era de mais exercício... Descanso e comida era o que seu corpo exigia agora.

Mas ela conhecia aquele olhar em seu rosto bem demais

Capítulo QUARENTA E CINCO

Xcor nunca tinha sido um macho letrado. Não apenas ignorante em literatura, ele era, de fato, analfabeto... E em uma base regular, Throe usava palavras em inglês ou na língua materna que ele não entendia.

E ainda se suporia, mesmo no seu mais baixo nível de capacidade, que as quatro palavras de uma sílaba faladas para ele, pelo menos, se tomadas individualmente... Não ofereciam nenhum desafio à compreensão.

Seu cérebro, no entanto, estava se recusando a processá-las.

— O que você falou? — Ele perguntou asperamente.

Quando Layla repetiu o que ela havia dito, seu cheiro inspirava o intenso tempero do medo: — Você pode me ter.

Xcor fechou os olhos e fechou suas mãos. Seu corpo já havia traduzido seu discurso e respondeu por vontade própria, seus músculos se contraindo para chegar até ela, levá-la para baixo até o chão frio, montá-la para marcá-la como sua.

— Você não sabe o que diz, — ouviu-se murmurar.

— Eu sei.

— Você está com o bebê.

— Eu... — Mesmo com as pálpebras abaixadas, ele podia imaginá-la engolindo em seco. — Isso significa que você não me quer?

Ele levou um momento para respirar, seus pulmões queimando. — Não, — ele gemeu. — Não é isso.

Na verdade, quando ele a imaginou com outro, a pontada de dor que atravessou seu peito foi suficiente para deixá-lo pálido. E, no entanto, apesar da semente de outro plantada dentro de seu corpo, ele iria levá-la, tê-la, mantê-la...

Com exceção de uma coisa.

Abrindo os olhos, ele revisou todos os tipos de detalhes sobre ela, de seu bonito coque alto até suas feições delicadas, seu pescoço esbelto que ele queria em sua boca. Havia mais para ver, é claro... Mas era o rosto dela mais do que tudo que ele precisava acima de tudo na sua mente.

Tinha sido uma espécie de loucura desde o início com ela... Desde que ele a tinha trazido para aquela árvore no prado, e desde que ele tomou de seu pulso e tomou de seu manancial, ele havia sido infectado com uma doença.

— Responda-me uma coisa. — Seus olhos continuaram a vagar, medindo cada nuance de seu medo, a expressão congelada.

— O quê? — Ela iniciou quando ele não falou imediatamente.

— Exceto pelos eventos que transpiraram, você teria se oferecido a mim?

Ela deixou cair o olhar. Apertou os braços sobre seu coração. Abaixou a cabeça.

— Responda-me, — ele disse suavemente. — Fale a verdade, para que ambos possamos ouvi-la em voz alta.

— Mas o que está feito está feito, e...

Ele estendeu a mão e ergueu o queixo dela com o mais suave dos toques. — Diga isso. Você deve ouvir sua própria verdade... E eu asseguro que tomei flechas mais duras do que isso.

Lágrimas brotaram em seus olhos, tornando-os luminosos, como o luar sobre a superfície de um lago. — Não. Eu não faria isso.

Ele sentiu seu corpo balançar, com certeza, como se tivesse sido atingido. Mas como assegurou, ele ficou de pé em agonia. — Então minha resposta para você é não. Mesmo se houvesse uma maneira de desfazer tudo isso com o seu rei, e não há... Eu nunca vou levá-la contra sua vontade.

— Mas eu escolhi isso. É minha escolha.

Xcor balançou a cabeça. — Somente pelo impulso de outra coisa.

Ele deu um passo para trás. — Você devia voltar para... — Ele olhou para a névoa, ainda totalmente perdido. — Onde você tem que ir...

— Você me quer. — Agora sua voz era firme e segura. — Eu posso sentir isso.

— Claro que sim. Mas não como um cordeiro indo para o matadouro. Minha fantasia... Não é isso.

— Será que a razão importa?

— Alguns presentes são mais dolorosos do que insultos. — Ele foi para afastar-se dela, e encontrou-se imóvel. — Especialmente quando não há nada a ser feito sobre o seu Wrath. Ele foi substituído.

— Se você destituiu um Rei legítimo, você pode destituir outro. Você pode colocar Wrath de volta.

— Você me dá muito crédito.

— Por favor.

Sua firmeza o enfureceu, mesmo que fosse uma virtude, ele supôs. — Por que isso importa tanto para você. Sua vida não deve mudar. Você estará segura aqui... Ou lá. A Irmandade não será desfeita.

— Eles virão por você.

— Então, vamos matá-los. Eu estou esperando que eles vejam os benefícios de se curvarem graciosamente.

Na verdade, ele não podia acreditar que estava dizendo isso. Mas para não perturbá-la, ele deixaria que eles e Wrath vivessem... Desde que não entrassem em seu caminho.

Layla sacudiu a cabeça. — A lealdade deles não permitirá isso. — Suas mãos erguidas em suas bochechas e apertadas como se ela estivesse imaginando o horror. — Haverá guerra de novo. Por sua causa.

— Então me odeie. Será melhor para nós dois se você fizer.

Ela olhou para ele durante muito tempo. — Temo que não posso fazer isso.

Xcor fez o possível para ignorar a forma como o seu coração pulou. — Eu vou me retirar.

— Como você achou esse lugar?

— Eu os segui para casa há pouco tempo. Você estava no carro, voltando da clínica. Eu estava preocupado com você.

— E por que... Você veio hoje à noite?

— Eu tenho que ir.

— Não.

Por um momento, ele fingiu sonhar em que ela dizia isso e queria dizer isso para ele pessoalmente. E não apenas na esperança de convencê-lo sobre a sua posição.

Aquela loucura não durou muito. Especialmente porque ele imaginou-se aterrorizando aquele homem humano ferido no restaurante deserto, por nenhuma outra razão, apenas porque podia, e, em seguida, lembrou-se de remover as colunas de todos aqueles *lessers* e entregá-los aos membros da aristocracia? Como se o destinatário fosse significativo. Depois ele se lembrou de decapitar assassinos. Esfaqueá-los no intestino. Romper os seus membros...

Havia tantos atos de violência em seu passado.

Assim como a depravação da qual ele tinha passado no campo de guerra do Bloodletter.

Além disso, ele era a sua cara.

Ele queria apenas começar a descer a ladeira. Ao contrário dela, ele não poderia se desmaterializar... Já havia tentado várias vezes para acelerar a subida dessa forma e não conseguiu nesse nevoeiro.

Sim, ele queria deixá-la para trás. Por todas as razões que ele soletrou para ela e também aquelas que ele guardava para si.

Em vez disso, ele se ouviu dizer: — Encontre-me sob a árvore no prado. A meia-noite de amanhã.

— Para que, — ela fechou mais sua parca como se estivesse para ser comida viva, — Propósito?

— Não é pelo o que você está preocupada.

Agora ele deu a volta e começou a caminhar, até que seus pensamentos clareassem o suficiente para detê-lo. Olhando por cima do ombro, ele disse, — Escolhida. Você sabe o caminho para casa?

— Oh, sim... Claro... — Exceto quando ela olhou ao redor, ela pareceu ficar confusa. — Sim, é logo ali...

Ela não parou para esconder suas palavras. Ela honestamente não parecia saber onde estava.

Fechando os olhos, ele xingou. Ele nunca deveria ter vindo aqui... *Nunca*.

Por que e se ele a deixasse aqui sozinha, e ela não encontrasse abrigo antes do sol nascer? E se eles estivessem no meio do caminho para onde ela precisava ir?

Colocando as mãos nos quadris, ele inclinou a cabeça para trás e sondou o céu, pensando que talvez eles pudessem oferecer-lhe um pouco de bom senso... Porque ele claramente perdeu o dele.

Entre todas as maneiras para eu morrer, ele pensou...

Ele nunca tinha considerado que seria por causa de uma fêmea.

Quando Trez inspecionou a multidão de góticos no Iron Mask, ele não podia dizer que estava emocionado por voltar ao trabalho novamente. Seus negócios sempre foram importantes para ele... Bem, primeiro fazia bico para o Rehv; Então quando o Reverendo se despediu... Ou mais como apagou o seu caminho... Trez assumiu o comando do empreendimento do clube inteiro. E ainda que o lugar tinha sido seu ou de Rehv, ele adorava dirigir as operações, lidar com as pessoas, planejar novos locais, ver seu dinheiro crescer. Sim, certo, os humanos eram um pé no saco, mas isso era verdade se você estivesse dirigindo seu carro, comprando em um supermercado, ou tentando ganhar a vida.

Com certeza, as drogas e bebidas realmente não ajudavam aquele último, mas não importa...

Esta noite, porém, enquanto observava uma dúzia de meninas que trabalhavam circulando, sentado no colo, flertando, levando os homens pela mão e desaparecendo nos banheiros... ele estava enojado com tudo isso.

Especialmente quando ele pensava sobre o que concordou em fazer para s'Ex.

Cara, era tão tentador presumir que ele tinha resolvido o problema... que manter o carrasco feliz ia fazer tudo ir embora.

Errado.

A coisa era, ele só ficava pensando que, se ele tivesse mais tempo, ele iria encontrar uma maneira de sair.

— Alguma chance de você estar procurando por mim?

A fêmea humana em pé na frente dele tinha cabelo preto comprido... Natural, como muitos deles até aqui... E um corpo que era cheio de curvas como uma pista de corrida. Provavelmente até mais rápido. E com a pele artificialmente pálida como leite e lábios pintados da cor de sangue, ela era uma aspirante a vampira em um mundo de impostores, tudo espremido em uma personalidade que provavelmente se originou a partir de um emocional panorama bipolar.

Não que ele estivesse generalizando, nem nada.

— Não, – ele disse. – Eu não estou procurando por você.

— Tem certeza? – Ela se virou um pouco na frente dele, mostrando sua bunda redonda. – Porque eu valho a procura.

Na sua mente, tudo o que ele podia ver era sua Escolhida, exposta diante dele, tão bonita e limpa.

— Desculpe, – ele murmurou quando se virou e foi embora.

Depois que Selena tinha deixado ele e iAm na cozinha juntos, ela não voltou: Quando todo mundo tinha sido chamado para a sala de jantar para ouvir a notícia horrível sobre o Rei, ele esperava vê-la lá. Nada feito.

E ele queria ir até o Grande Acampamento de Rehv para vê-la. As coisas entre eles estavam muito abertas para seu gosto, mas ele tinha a sensação de que ir até o âmago da questão iria fazê-lo sentir-se pior.

Ela também.

Ele só precisava deixar a situação toda com ela pra lá...

Do outro lado do caminho, uma das prostitutas profissionais, uma morena de couro colante vermelho, encontrou seu olhar, e ele fez um rápido aceno com a cabeça para ela.

Sim, ele pensou. Ela ia fazer.

Quando ele fez um sinal para ela vir, ela estava mais do que feliz em afastar a multidão e diminuir a distância. — Ei, chefe.

Merda, ele realmente, totalmente odiava fazer isso. — Tenho um cliente particular, preciso de alguns serviços especiais. Está interessada?

— Sempre. — Ela olhou ao redor. — Ele está aqui hoje à noite?

— Local distante. Amanhã ao meio-dia. Eu vou perguntar para outras duas.

— Diversão. Não se preocupe com Willow, no entanto, está bem? Ela tem sido um pé no saco ultimamente.

— Entendido.

— Obrigada por pensar em mim, chefe. — Ela sorriu e bateu com o quadril no dele. — Eu vou ter certeza que seu amigo terá um ótimo momento.

Quando ela se afastou, Trez pensou, talvez, possivelmente... Sim, muito bem... Vomitaria seu jantar por todo o chão preto polido.

Em busca de ar fresco, ele caminhou para a entrada, e veio a frente como se ele estivesse apenas verificando com Ivan e o novo cara à frente da fila de espera. E então ele começou a caminhar, andar a pé em nenhuma direção particular embora não estivesse com um casaco e seu Ferragamos não era bom nas calçadas escorregadias.

Na sua solidão, ele estava longe de estar sozinho: pensamentos de Selenia, seu irmão, seus pais, lotaram o espaço ao redor dele, fazendo-o considerar seriamente o mérito de ficar bêbado.

iAm disse a ele que o negócio feito com s'Ex era uma ideia idiota. E então prontamente voltou para a cozinha para fazer cacciatore.

Ainda assim, considerando todas as coisas, a conversa tinha ido realmente muito melhor do que algumas de suas outras ultimamente.

— Você quer comprar um pouco de crack? H?

Erguendo uma sobrancelha, Trez olhou para um cara branco que estava recostado contra o outro lado de um salão de tatuagem. De primeira.

Assim que ele abriu a boca para dizer merda cara, não, o vento mudou de direção e ele foi atingido em cheio no rosto pelo cheiro de *lessen*.

Ele parou imóvel em seu rastro.

— Então, o que vai ser? — O assassino perguntou a ele.

Trez olhou para a esquerda e para a direita, sem nenhuma razão particular... Diferente dele, de repente, estava interessado na compra de algo que ele nunca iria usar de um idiota que não sabia que estava falando com o inimigo.

Entrando na escuridão, Trez colocou a mão no bolso da calça como se estivesse indo por sua carteira. — Quanto?

— Qual.

Trez manteve o ardil, olhando em volta como se ele estivesse nervoso. De perto, isso era definitivamente um *lessen*, o cheiro doce muito pior do que um trabalho humano de sete dias-sem-chuveiro em uma fábrica... Que só passava ao ser mergulhado em talco de bebê.

E contrabandeando um guaxinim morto debaixo de cada axila.

— Ambos. Ei, você se importa se nós andarmos um pouco mais adiante?

O assassino se virou e começou a citar preços enquanto ele se movia mais fundo no beco do lado da loja. Ele não fazia isso para lavar o dinheiro.

Trez assumiu o controle com facilidade, vindo por detrás do bastardo, agarrando sua cabeça e estalando de um lado para o outro de forma que a única

coisa mantendo isso na coluna era a pele. Pegando o peso morto pelo torso, ele empurrou o assassino atrás de uma pilha de paletes e começou a ir pelos bolsos.

Dez saquinhos de pó. Vinte ou mais pedras pequenas. Setecentos em dinheiro, aproximadamente.

Não é do grupo principal. Na verdade, dificilmente notável para esta parte da cidade, com exceção da parte *lesser*.

Empurrou o cadáver ainda, movendo-se no chão, pegou o telefone e discou um número. Ele foi atendido no terceiro toque.

— Butch? — Ele disse. — Ei, amigo, qual é? Uh-huh. Sim. Certo. — Ele fechou os olhos do assassino e pensou se as articulações molengas dos braços e pernas estavam totalmente fora de visão. — Bem, eu tenho um amigo que gostaria que você conhecesse. Não, não é o tipo que você gostaria de levar para casa para o jantar. Sim, ele não está indo para lugar nenhum. Não se apresse.

Depois que ele desligou, ele olhou para os pacotes na palma da mão. Eles foram marcados com o símbolo de morte, no Idioma Antigo.

Alguém na corrida estava tendo, um grande momento. E eles estavam trabalhando com o inimigo para fazê-lo.

Próxima pergunta? Quem era o fodido por trás disso?

Capítulo QUARENTA E SEIS

Era perto do amanhecer, quando Beth decidiu que ela tinha que sair das habitações dela e do Wrath. Ele não tinha voltado ainda, e a perspectiva de passar mais um minuto com o caos em sua mente foi o suficiente para fazê-la querer dar uma pausa.

Primeira parada? Quarto de Layla, mas a Escolhida não estava lá. Provavelmente uma coisa boa quando tudo o que ela teria feito seria chatear a pobre fêmea sobre os primeiros sintomas da gravidez... Que eram loucos em dois relatos: Uma, se ela havia concebido, era o que, como 24 horas, no máximo? E dois, Layla quase tinha tido aquele horrível aborto espontâneo.

Não era exatamente uma boa companhia... Se Beth não queria ficar completamente louca.

Caminhando de volta para o corredor de estátuas, ela pensou... Cozinha. Sim, a cozinha era uma boa próxima parada... Assumindo que ela não queria chatear Wrath na sala de musculação do centro de treinamento.

Ele claramente precisa de um pouco de espaço.

Quando ela chegou à escadaria principal, ela estava achando aquele processo impossível como uma realidade paralela. A primeira camada era o que estava na frente dela: Wrath e o destronamento, o silêncio triste na casa, o estresse sobre o futuro seguro da raça. O segundo nível era completamente interno e completamente físico: Uma pontada em sua pélvis... Era a concepção... Ou a vinda do seu período, o que significa que não é bom? Uma dor em seu seio... Sintoma de concepção... Ou o resultado de todo aquele sexo? Flashes de calor... Ou resíduo do desequilíbrio hormonal... Ou a flanela?

Somente a gravidade da situação em que estavam, graças às ações do Conselho a impedia completamente de se desconcentrar do seu corpo. E enquanto isso, no fundo do seu coração, ela não sabia se ela esperava estar grávida... Ou esperava não estar.

Na verdade, isso era uma mentira.

Colocando a mão sobre o baixo ventre, ela encontrou-se rezando para que não estivesse. A única coisa pior do que Wrath perder o trono... Seria ele descobrir que ia ser pai logo em seguida.

Se ele já estava sentindo como se perdesse o legado de seus pais, isso iria ser como jogar-lhe uma pedra para pegar enquanto ele mal estava pisando na água: Sem dúvida, ele iria sentir como se estivesse traindo seu filho, também.

No nível do vestíbulo, ela atravessou para a sala de jantar e então entrou na cozinha. Deus, o estranho vazio... A cozinha geralmente era um lugar tão ativo, mesmo durante as pausas entre as grandes refeições familiares. Para entrar quando as venezianas estavam descendo e não ter nada no fogão, no forno, ou nas bancadas era assustador.

Droga... O que iria acontecer agora?

A Irmandade iria se separar? Aonde ela e Wrath iriam? Tecnicamente, eles não deviam ficar nos quartos exagerados no terceiro andar, se não fossem mais a primeira família.

Na verdade... Seria um alívio sair de lá.

Embora a causa da realocação fosse péssima.

Abrindo o freezer Sub-Zero, ela viu... Um monte de porcarias que ela não queria comer. Mas ela devia estar com fome, não devia? Ela só comeu as coisas que Fritz trouxe quantas horas atrás? E ela certamente não comeu nada durante o período de necessidade.

Ela precisava fazer xixi.

Desaparecendo no banheiro ao lado da cozinha, ela cuidou dos negócios, lavou suas mãos, e fez outra tentativa no refrigerador.

Alguém acabou de colocar uma grande vasilha de algo na grade mais baixa. Uma espiada sob a tampa e... Cacciatore. Normalmente o prato principal que vale a pena enfrentar, especialmente porque iAm deve ter sido o único que fez isso. Porém, um rápido cheiro conseguiu um grande e gordo: não, obrigada de seu estômago. A mesma coisa quando sentiu o resto de presunto. Um Tupperware de linguine a bolonhesa. Sopa de tomate...

Fazendo uma tentativa no freezer, ela tirou uma caixa de simples waffles Eggos... Em seguida, colocou-os de volta. — Meh.

Sorvete era um total não é bom. Apenas o pensamento daquela coisa de creme pesado a fez querer vomitar...

Ela hesitou enquanto olhava para si mesma. — Alguém aí? — Ela disse para sua pélvis.

Certo, era oficial. Ela estava totalmente perdida.

Depois de uma viagem pela despensa, que provou ser como tentar encontrar algo comestível na lavanderia, pelo amor de Deus, ela voltou para a geladeira e conseguiu pegar um pote de picles Vlasic.

— É picles, pessoal, — ela murmurou. — Picles. Clichê total aqui.

Exceto quando ela abriu a tampa e olhou para as fatias dançando em sua pequena piscina de água agri-doce, ela fez uma careta e teve que colocá-los de volta.

Como último recurso, ela abriu a gaveta de vegetais...

— *Sim*, — ela disse rapidamente enquanto sua mão se estendia para agarrar. — Oh, sim sim sim...

Quando ela levou o monte de cenouras orgânicas até a gaveta das facas, ela não podia acreditar que estava prestes a comer todo aquele betacaroteno.

Ela odiava cenouras. Certo, não completamente... Se estivessem em saladas, não era como se ela fosse comer em volta delas. Mas ela nunca em sua vida as tirou para fora da geladeira.

De pé na frente da pia, ela cortou as pontas, descascou com o descascador, e fez um belo monte de tiras laranja brilhantes na cuba de aço inoxidável. Enxágue rápido. Cortou no meio. Fatiou longitudinalmente duas vezes. E voilà, crudités²⁶.

Crunch. Munch. Engoliu.

Elas eram tão frescas, que partia toda vez que ela dava uma mordida nelas, e o doce, gosto de terra era melhor do que chocolate.

²⁶ Crudités é uma palavra francesa, quer dizer: vegetais crus, são aperitivos tradicionais na França, são legumes crus (ou não) e frutas, geralmente cortado em tirinhas do mesmo tamanho e espessura, que deve corresponder a apenas uma ou duas mordidas.

Mais uma, ela pensou enquanto terminava sua última porção. Exceto quando ela chegou ao fim da número dois, ela pensou... Que tal outra.

Enquanto ela comia a terceira, ela voltou a pensar na proclamação do Conselho. Sua motivação para tentar fazer alguma coisa era moleza. Mesmo que a identidade racial de sua mãe não fosse culpa dela, ela ainda se sentia responsável por trazer o carrinho de merda para a porta da frente de Wrath.

Se ela pudesse descobrir uma maneira de contornar isso...

Do lado do Conselho, as coisas evidentemente seguiam em frente. Um juramento oficial daquele cara Ichan tinha sido programado... E Rehv descobriu porque, como um idiota, o Secretário do Conselho não conseguiu tirá-lo de sua lista de e-mail privado.

Isso aconteceria à meia-noite.

Ela olhou para os fornos duplos. O relógio digital azul mostrava quatro e cinquenta e quatro. Então, eles tinham 19 horas.

Que diabos poderia ser feito em dezenove horas?

Voltando para o esconderijo, ela...

O som do sistema de segurança, anunciando a abertura e fechamento de uma porta externa foi uma surpresa. Franzindo a testa, ela saiu pela despensa, empurrando uma das portas que os empregados utilizavam...

Layla estava saindo da biblioteca, parecendo como se tivesse estado em um acidente de carro: O cabelo dela estava emaranhado pelo vento, com o rosto branco como um lençol, com as mãos no rosto.

— Layla, — Beth chamou-a de cima. — Você está bem?

A Escolhida pulou tão alto que teve que esticar ambos os braços para se manter equilibrada. — Oh! Oh... Ah, sim. Sim, estou. Eu estou bem, muito bem, sim. Obrigada. — A fêmea abruptamente franziu o cenho. — E você? Você está...

Tantas maneiras para terminar para a fêmea, dado o que estava acontecendo: Você... É suicida? Você... Está dando uma pausa nas sessões de lamentações? Você... Está grávida, também?

— Oh, sim, tudo bem. Sim, muito bem. Sim.

Dois podiam jogar aquele jogo.

— Bem, eu estou subindo. Para ir para a cama. Para tomar um banho, e ir para a cama. — Quando Layla começou a tirar sua parca, seu sorriso era tão genuíno quanto o de Courtney Stodden. — Eu verei você em... Bem, mais tarde. Vejo você mais tarde. Tchau. Tchau por agora!

A Escolhida subiu a escada como se estivesse sendo perseguida, embora não houvesse ninguém atrás dela.

Quando Beth retornou a cozinha, ela se sentiu mal por não acompanhar a óbvia angústia da fêmea, mas a triste verdade era que ela já tinha tanto em suas mãos... Não havia espaço para o drama de qualquer outra pessoa com um lado do cérebro frito.

De volta a pia, ela descascou outra cenoura. Cortou pela metade e a virou para...

A solução veio a ela com tanta clareza, que quase cortou a ponta do seu dedo fora...

Derrubando a faca, ela pegou as duas metades... E os manteve juntos, encontrando o ajuste do quebra-cabeça que os fez parecer como se fossem um só.

Então, ela deliberadamente os separou. Reuniu-os. Separou-os.

Em ambas as encarnações... As metades ainda eram cenoura.

Jogando os pedaços na bancada, ela decolou em uma corrida mortal.

Foi uma grande cerca viva redonda que salvou ambos.

Quando Xcor se materializou no jardim da frente de sua casa suburbana, ele tinha que ter um momento para se recompor... Mesmo que o sol estivesse ameaçando, no leste.

Falando sobre um triz... Ele mal conseguiu que Layla voltasse a tempo. E até o momento, ele não tinha certeza se tinha conseguido.

Mas ele fez o seu melhor.

Uma vez que ficou óbvio que ela sofreu a mesma desorientação que ele na névoa, ele tomou sua mão e começaram a subir a colina. Ele não perguntou a ela para confirmar onde estava escondido o complexo da Irmandade, na verdade, no canto superior, para aquela informação, ele se baseou nos mesmos princípios que construíram seu muito mais apropriado covil no Antigo País.

Quanto mais alta a posição, mais defensável era.

Apressando-a mais rápido que podia, eles acabaram chegando diretamente em um muro de estuque de seis metros de altura, um bom sinal que eles estavam perto da casa dela. O problema era, ela estava muito nervosa para se desmaterializar sobre a maldita coisa.

Confrontado com a escolha de direita ou de esquerda, ele tinha sido bem ciente de que, em sua decisão descansou a segurança dela.

Em muitos níveis.

Ele tinha estado bem ciente de que, mesmo se pudesse construir um abrigo adequado para eles, algo capaz de protegê-los tanto da luz do sol durante todo o dia, a sua ausência seria notada e questionada quando ela voltasse no seguinte pôr do sol. Como é que ela seria capaz de apresentar respostas que não iria complicar a sua vida de forma irreparável, ele não sabia.

Ele escolheu à direita... Na teoria que ele queria fazer direito por ela, e, portanto, essa era a direção que ele tomaria.

Quando eles acharam aquele bem aparado e bem cuidado pequeno arbusto... E então vários irmãos idênticos, ficou claro que eles estavam na pista da casa principal. Ele não a levou a distância toda. Ele foi longe o suficiente para achar o primeiro canteiro, e então soltou a mão dela e sussurrou para ela ir mais rápido.

Ele, também, estava sem tempo.

Xcor tinha visto ela se mover com pressa por apenas um momento, e então ela se perdeu em meio à névoa, nem mesmo os sons de seus passos alcançando mais os ouvidos.

Era como se ela tivesse desaparecido para sempre.

E por mais que uma parte dele tivesse sido tentada a sentar-se e deixar o sol levá-lo, ele forçou-se a se afastar, descendo em zigue-zague até que tropeçou, literalmente, em um canteiro.

Embora ele só tivesse sido capaz de ver um metro e meio antes dele, a superfície elevada forneceu uma oportunidade para descer pelo terreno irregular com um entusiasmo inigualável. Ele correu a toda, a gravidade a seu favor, sua única preocupação era que alguém viria de roldão até a montanha e o veria em seus faróis.

Isso não aconteceu. Ele fez isso para se estabilizar e eventualmente se livrar da nevoa, da desorientação da paisagem.

A sensação de medo ele tinha experimentado pela primeira vez após atravessar o muro, no entanto. E se Layla não tivesse entrado a tempo? E se alguém a tivesse encontrado e a questionado? E se...

Ele tinha verificado seu telefone sem sucesso e então foi forçado a fechar os olhos, concentrar-se e rezar para que ele tivesse força restante suficiente e concentração para continuar afastado.

A única coisa que ele tinha noção era que ele não poderia morrer sem saber o que tinha acontecido com ela.

Pegando seu telefone mais uma vez, ele tinha um pouco de esperança errante que ela o chamou e ele não ouviu o toque em sua fuga montanha abaixo. Ai... Não.

Seguindo para a porta colonial, o fraco brilho no céu fez a sua pele formigar com advertência e seus olhos fecharam... Quando ele entrou repentinamente na casa.

Para uma cena de farra desprezível.

A única coisa que teria tornado mais completa teria sido a presença de fêmeas. Como estava, o ar estava com cheiro espesso de rum e gim, cheio de gargalhada, pesado com o tipo de agressão masculina que surgia após a vitória.

— Você voltou! — Zypher gritou. — Ele voltou!

O berro teria sido alto o suficiente para acordar os vizinhos, se houvesse algum. Como estava, isso encheu a casa.

— E nós temos notícias, — Throe disse com satisfação ligeiramente tingida com embriaguez. — A cerimônia de indução é à meia-noite na próxima véspera. No hall da biblioteca de Ichan. Fomos convidados, é claro.

A tentação de dizer-lhes para irem em seu lugar apelou. Mas ele manteve a voz calma. Com nada além de um aceno de cabeça, ele desapareceu no andar de cima.

Felizmente, seus soldados estavam acostumados a ele bater em retirada e o deixaram ir.

Quando ele fechou a porta do quarto, o barulho lá de baixo diminuiu, não cessou; no entanto, ele estava acostumado a se ajustar a esse grupo de machos.

Indo para a cama, que estava uma confusão de lençóis e cobertores emaranhados, ele se sentou, desarmado, e pegou seu celular. Embalando-o em suas mãos, ele olhou para a tela.

Não havia nenhum modo para discar: qualquer que fosse o telefone que ela usou era codificado.

Deitado de costas e olhando para o teto, ele sabia que um vazio era uma revelação.

A ideia de que ela pudesse estar morta e ele não soubesse o atingiu tão profundamente, que sentiu como se sua personalidade se dividisse em duas.

Para nunca ser unida novamente.

Capítulo QUARENTA E SETE

Onde estava ele?

Enquanto Sola caminhava pela cozinha de Assail, ajeitando as poucas coisas que reembalou do andar de cima, não deixava de olhar sobre o ombro, esperando encontrá-lo espreitando por todo o canto na tentativa de persuadi-la a ficar.

Mas ele já havia feito isto, não tinha?

No chuveiro.

Cara, por uma vez, as lembranças de estar com ele não conseguiram convencê-la. Deixava-a com vontade de chorar.

— Eu não entendo por que vamos tão cedo. — Sua avó anunciou quando saiu do porão. — Nem amanheceu ainda.

Sua avó estava vestida com uma versão amarela do vestido que costumava usar em casa, mas estava pronta para a viagem, com seus bons sapatos, sua bolsa combinando pendurada em seu pulso com uma alça de couro falsa. Atrás dela, cada um dos guardas de Assail carregava uma mala... E não pareciam felizes. Embora, digamos, dificilmente tinham caras de bons amigos.

— É uma viagem de vinte e três horas de carro, vovó. Temos que começar a andar.

— Não vamos parar?

— Não. — Ela não podia correr o risco com sua avó junto. — Pode dirigir durante o dia. Você adora dirigir.

Sua avó deixou escapar um som que para qualquer outra pessoa teria sido um “foda-se”. — Nós deveríamos ficar aqui. É bom. Eu gosto da cozinha.

Não era da cozinha que a mulher gostava. Inferno, sua avó podia cozinhar como Coleman sem piscar um olho... E o fazia.

Ele não é católico, Sola queria dizer. Na realidade é um traficante de drogas ateu. Logo irá ampliar seus negócios...

E se ela estivesse grávida? Perguntou-se. Porque por dois dias não tomou pílula. Não seria isso...

Estava fodida, como diziam.

Agitando-se, voltou da Terra da Fantasia. Sola fechou o zíper da mala e ficou ali.

— Bem? — Zombou sua avó. — Nós vamos? Ou não?

Como se ela soubesse exatamente o que Sola estava esperando.

O que, em seu caso era verdade.

Sola não tinha orgulho o suficiente para desistir de olhar novamente ao redor, buscando a entrada da sala de jantar, a porta que usou quando desceu do escritório, a poucos passos do porão. Tudo estava vazio. E não havia barulho de passos se aproximando, nem sons abafados como se alguém se apressasse em vestir uma camisa e se preparasse para descer.

Deixando o momento do chuveiro de lado, como ele não poderia querer se despedir...

Naquele momento, sua avó respirou fundo e a cruz de ouro que sempre levava no pescoço captou a luz do teto

— Vamos. — Sola se ouviu dizendo.

Com isto, ela levantou sua mala e dirigiu-se à porta de trás. Do lado de fora, um totalmente “perca-se entre a multidão” Ford estava estacionado perto da casa, o contrato de aluguel no nome da identidade de emergência de Sola.

Aquele que ninguém em Caldwell sabia que tinha. E no porta luvas, havia outros documentos e identificações para sua avó.

Usando o controle, destravou o carro e abriu o porta-malas. Os homens, enquanto isso, estavam lidando com sua avó como uma luva de pelica, ajudando-a com os degraus, carregando sua bagagem e seu casaco, que ela obviamente se recusou em vestir como um protesto.

Enquanto acomodavam a mulher no banco do passageiro e a mala atrás, Sola procurou na parte traseira da casa. Como antes, ela esperou vê-lo, talvez caminhando pelo quarto principal para chegar até antes de partir. Talvez surgindo do porão e disparando através da sala para sair. Talvez virando o canto...

Naquele momento, algo estranho aconteceu. Todas as janelas da casa tinham um brilho repentino, os vidros das janelas e das portas corrediças mostravam uma sutil centelha.

O que eram...

Persianas, pensou. Havia persianas em todas as janelas, o movimento sutil do tipo de coisa que você perde... A menos que estivesse olhando no segundo em que aconteceu. Depois? Era como se nada tivesse mudado. Todos os móveis ainda estavam visíveis, as luzes acesas, normal, normal, normal.

Outro de seus truques de segurança, ela pensou.

Levando seu tempo abrindo a porta, colocou um pé e olhou ao redor. Os dois guarda-costas estavam atrás de braços cruzados.

Ela queria dizer a eles... Mas não, não pareciam estar interessados em levar uma mensagem para Assail.

Pareciam francamente irritados, agora que tinham colocado sua avó em segurança no carro.

Sola esperou um momento mais, os olhos fixos na porta traseira aberta. Pelo umbral, viu os sapatos e os casacos no corredor atrás. Tão comum e normal para uma pessoa rica. Mas a casa não era nenhuma Casa Suburbana Americana e não só porque provavelmente valia cinco milhões. Ou dez.

Virando-se, ela sentou-se atrás do volante, fechou a porta e sentiu no ar o cheiro de limão do purificador. O que estava ali para mascarar o cheiro de cigarro.

— Eu não sei por que temos que partir.

— Eu sei, vovó. Eu sei.

O motor soou com um barulho alto ao pouco de vida que tinha e ela colocou o carro em ré. Antes de girar deu uma última olhada à porta aberta.

E então não havia mais desculpas para a demora.

Acelerando, ela piscou com força quando os faróis iluminaram o caminho da entrada e logo a estrada de apenas uma única mão que as levaria fora da península.

Ele não iria atrás dela.

— Você comete um engano. — Sua avó disse irritada. — Grande engano.

Mas a senhora não conhece a história inteira, Sola pensou enquanto se aproximava de um sinal de parada e golpeava o sinal direcional.

O que Sola não sabia, porém... Era que nem ela sabia.

Assail observava sua saída do círculo de árvores na parte de trás de sua casa.

Através das janelas da cozinha, a viu de pé junto a mesa, procurando em uma maleta como se buscasse o que deixou para trás.

Aqui fora, meu amor, ele pensou. O que você perdeu está aqui fora.

E então, sua avó apareceu com seus primos, e estava claro que a mulher não queria partir.

Era apenas mais uma coisa que adorava nela.

Também era óbvio que seus primos não estavam de acordo com sua partida. Por outro lado, nunca mais haviam comido tão bem quanto ultimamente e eles respeitavam quem os apoiavam.

Não havia problema algum com a *grandmahmen* de Marisol.

Quando Assail percebeu sobre o que era a busca de sua mulher, como se estivesse esperando que ele se apresentasse, sentiu uma pequena satisfação em sua tristeza. Mas era imperativo convencer sua fera interior que a deixasse escolher seu caminho.

Ele não podia discutir sua autopreservação da mesma maneira que não podia desistir de seus negócios. Trabalhou muito tempo e duro para desvanecer-se em um estilo de vida sedentário pelas noites... Inclusive passando-as com ela. Além disso, preocupava-se ainda com a família Benloise. Apenas o tempo diria se havia outro irmão por aí ou quem sabe algum primo com um olho ambicioso e um coração vingativo que queria seu sangue.

Ela estaria mais segura sem ele.

Enquanto Marisol guardava sua bagagem no porta-malas do carro, sua avó se acomodava na frente do veículo. E ela fez outra pausa. De fato, ao olhar ao redor, o sentiu, mas não o viu. Seus olhos passaram por ele em seu esconderijo nas sombras.

No carro. Fechando a porta. Ligando o motor. Girando-o.

Então tudo o que restou... Foram as luzes de freio que desapareceram pela estrada.

Os primos ficaram parados por apenas um momento. Diferente de sua mulher, sabiam exatamente onde estava e não se aproximaram. Entraram na casa, deixando a porta aberta para ele quando não pudesse suportar o sol nascente.

Seu coração uivou no peito quando finalmente deu um passo de onde estava escondido.

Caminhou através da neve, seu corpo estava débil, ao ponto de se perguntar se cairia. E a cabeça dava voltas e voltas como seu estômago. A única coisa que estava forte era seu instinto masculino, que incessantemente dizia que deveria segui-la pela estrada, parar o carro e mandar que levasse seu traseiro de volta para casa.

Assail se obrigou a entrar na casa.

Na cozinha, seus primos estavam guardando a comida que foi feita especialmente para eles em um papel alumínio no congelador. Sentia-se como se estivesse morto.

— Onde estão os celulares? — Assail perguntou.

— No escritório. — Ehric franziu o cenho enquanto colocava um post-it nos pacotes. — Aquecer a setenta e cinco graus.

Seu irmão foi a um forno na parede e começou a apertar uns botões. — Como?

— Não diz.

— Maldição.

Em qualquer outra circunstância, Assail teria achado isto impossível acreditar que Evale estava perdendo o escasso impulso de falar sobre cozinhar. Mas Marisol e sua avó mudaram tudo... No pouco tempo que estiveram ali.

Conhecendo seus primos, não ficou surpreso por não se oferecerem para incluí-lo na refeição. Depois de séculos de existência transitória, tinha a sensação de que iriam se converter em fãs dos produtos alimentícios.

No escritório, ele se sentou atrás da mesa e observou os dois telefones idênticos. Naturalmente, seu cérebro foi parar no modo que os adquiriu e ele viu Eduardo primeiro no chão e então Ricardo enforcado naquela parede de tortura.

Ordenou a suas mãos a se fecharem em torno...

Seus braços se recusaram a obedecer ao comando, e de fato, seu corpo caiu novamente na cadeira. Quando olhou novamente para frente não viu absolutamente nada, estava claro que sua motivação lhe havia abandonado.

Abrindo a gaveta do centro da mesa, ele tirou um de seus frascos de cocaína e cheirou por um orifício nasal e logo no outro.

A febre do formigamento ao menos conseguiu fazer com que sentasse e um momento mais tarde, levantar os telefones... E conectá-los a seu computador.

Seu foco era artificial, sua atenção forçada, mas sabia que teria que se acostumar a isto.

Seu coração, negro como era, o deixou.

E estava a caminho de Miami.

Capítulo QUARENTA E OITO

Era de fato possível, se você corresse o tempo suficiente e forte o suficiente, fazer o corpo se sentir como se estivesse em uma luta.

Enquanto Wrath continuava a bater seu Nike na esteira, ele pensava em sua última sessão de luta com Payne.

Ele tinha mentido para ela. Quando ele finalmente assumiu o trono de forma séria, os Irmãos e Beth o confrontaram com uma série de “diretrizes” com a intenção de dissuadi-lo do antigo perfil de risco físico. Não foi exatamente um conversa feliz, e ele quebrou as regras pelo menos uma vez, com a ciência de todos, e um número de vezes que ninguém o havia pegado. E depois que ele foi descoberto lutando no centro da cidade, ele novamente concordou em deixar os punhais de lado, e usá-los apenas em cerimônias... E desde então, o cheiro de decepção de sua *shellan* tinha sido suficiente para mantê-lo na linha.

Bem, isso e o fato de que ele perdeu totalmente o restante de sua visão nessa época.

O bando não estava errado. O Rei precisa estar vivo acima de tudo; derrubar assassinos na parte de trás de um beco em Caldwell não poderia ter sido mais sua diretiva primordial.

E nem lutar com os Irmãos, também.

Nenhum deles queriam se arriscarem a possivelmente machucá-lo.

Exceto quando Payne se apresentou, e embora tivesse assumido inicialmente que ela era um macho, quando sua verdadeira identidade tinha sido descoberta, ele recebeu a aprovação... Justamente porque ela era uma fêmea.

Ele lembrou quando ela se esgueirou sorrateiramente pelo vestiário dos machos e colocou a faca em sua garganta.

Ele supôs agora... Que poderia lutar com qualquer um que quisesse. E, por isso, lhe devia um pedido de desculpas.

Abaixando-se, ele aumentou a velocidade da esteira. Este aparelho foi adaptado com ganchos no console e um cinto acolchoado que tinha sido feito para ele. Com cabos elásticos amarrados entre os dois, ele poderia ir sem mãos e ainda se manter no aparelho, os puxões sutis em sua cintura dizendo-lhe onde ele estava em relação à esteira.

Útil em uma noite como essa. Oh, espere... Era dia, agora.

Indo em um ritmo mais rápido, ele descobriu que, como sempre, sua cabeça tinha uma maneira de flutuar acima do esforço, como se com o seu corpo envolvido e trabalhando, ele ficasse livre à deriva. Infelizmente, como um helicóptero com medidores defeituosos, manteve-se batendo em penhascos rochosos: seus pais, sua *shellan*, a possibilidade de um bebê e todos os anos vazios que se estendia à sua frente.

Se ele tivesse a sua visão. Pelo menos, então, ele poderia sair com credibilidade e se envolver com o inimigo. Mas agora ele estava preso... Por sua cegueira, por sua Beth, pela chance dela estar grávida.

Claro que, se ela não estivesse em sua vida? Ele teria estado em uma farra de matança até que morresse honrosamente no campo. Embora, inferno, sem ela, ele provavelmente não teria se incomodado em fazer nada sobre a ascensão, em primeiro lugar.

Ele sabia que nunca deveria ter colocado essa porra de coroa na cabeça.

Depois de tudo o que seu pai tinha feito em um tempo tão tragicamente curto, ele deveria ter seguido seus principais instintos e mantido distancia dessa porra. A Raça havia ido bem, sem rumo, por vários séculos; provavelmente poderia ter mantido essa merda por tempo indeterminado.

Ele pensou em Ichan. Talvez esse filho da puta descobrisse que populações modernas não precisassem de reis.

Ou, mais ao ponto, talvez Xcor e os bastardos estivessem para aprender essa lição.

Tanto faz.

Wrath tentou aumentar a velocidade de novo... E descobriu que tinha colocado o aparelho na velocidade errada. Xingando, ele acertou ao seu ritmo já

alucinante, e voltou seu pensamento para seu pai, sentado atrás da mesma mesa que ele já não podia ver ou usar, com rolos de pergaminho e potes de tinta, canetas de pena e volumes encadernados em couro, cobrindo a superfície esculpida.

Ele podia apenas imaginar o homem por trás de tudo, ostentando um meio sorriso de contentamento enquanto derretia a cera e apertava o anel com selo real nela...

— Wrath!

— O q...? – ouviu o som de borracha quando puxou o botão de segurança e pulou nos trilhos laterais. — Beth?

— Wrath, oh, meu Deus.

— Você está bem?

— Wrath, eu tenho a solução.

Ele não conseguia respirar, porra. — Sobre... O quê?

— Eu sei o que nós temos que fazer!

Wrath franziu a testa enquanto ofegava e apoiava as mãos sobre os trilhos, no caso das pernas como geleia perderam as forças e ele cair. E mesmo com a hipóxia, o cheiro de sua fêmea era forte com propósito e convicção, seus tons naturais aguçados chegaram a ele claramente.

Agarrando a toalha que tinha lançado sobre o console, enxugou o rosto. — Beth, pelo o amor de Cristo, será que você poderia parar...

— Divorcie-se de mim.

Apesar de toda a asfixia induzida pelo exercício, ele parou de respirar. — Sinto muito, – ele disse asperamente. — Mas eu não ouvi isso.

— Dissolva o nosso emparelhamento. Efetivamente ontem... Quando para todos os efeitos e propósitos você ainda era Rei.

Wrath começou a sacudir a cabeça, todos os tipos de pensamentos entupindo seu cérebro. — Eu não estou ouvindo você dizer que...

— Se você se livrar de mim, você se livra dos motivos que eles usaram. Sem motivos, sem remoção. Você tem o trono e...

— Você está fora da porra de sua mente! — Ele berrou. — Que *porra* você está falando!

Houve uma pequena pausa. Enquanto ela ficava surpresa por ele não ter achado sua ideia brilhante.

— Wrath, sério. Esse é o caminho para obter o trono de volta.

Quando o macho vinculado nele começou a gritar a plenos pulmões, ele estava a um passo de explodir... Mas já havia destruído uma sala inteira no complexo. E os Irmãos iriam matá-lo se ele quebrasse a sala de musculação.

Tentando manter seu nível de voz, ele falhou miseravelmente: — *Nem fodendo!*

— É apenas um pedaço de papel! — Ela gritou de volta. — Que diabos importa?

— Você é minha *shellan*!

— É tudo sobre cenouras!

Eeeeeeeeeeeee, ele parou. Balançando a cabeça para clareá-la um pouco, ele disse, — Desculpe-me... O quê?

Difícil ir de findar seu relacionamento para a porra de um legume.

— Olha, você e eu estamos juntos porque nos amamos. Um pedaço de papel de uma maneira ou outra não vai mudar isso.

— Não, absolutamente não, eu não vou dar a aqueles idiotas a satisfação de te ferrar...

— Ouça-me. — Ela agarrou seu braço e apertou. — Eu quero que você se acalme e me escute.

Era a coisa mais estranha. Agitado como ele estava, quando ela lhe deu uma ordem direta assim? Ele seguia de pé como um soldado.

— Anteceda a dissolução do casamento... Emparelhamento... Seja o que for. Não dê a eles qualquer razão, você não quer parecer que é conservador. Então

decida se quer ou não ser Rei. Mas dessa maneira? Não seria minha culpa. Agora, goste ou não, eu sou a razão pela qual você está perdendo o trono, e eu não posso passar o resto de nossas vidas sentindo-me responsável por algo assim. Isso vai me matar.

— Sacrificar-se não é a resposta.

— Nós não estamos me sacrificando nem um pouco. Eu não me importo em ser rainha. Eu me importo em estar ao seu lado, e nenhuma coroa ou decreto ou qualquer coisa vai mudar isso.

— Você pode estar levando nosso filho agora mesmo. Você está dizendo que quer trazer para o mundo um *bastardo*?

— Ele não seria para mim. Ele não seria para você.

— Mas para os outros...

— Como quem? Você está me dizendo que Vishous pensaria algo menos da criança? Tohr? Rhage? Qualquer um dos Irmãos... Suas *shellans*? E sobre Qhuinn e Blay... Qhuinn não está emparelhado com Layla. Isso quer dizer que você trataria com desprezo àquela criança?

— Não é de nossa família quem eu estou falando.

— Então, quem é, exatamente? Nós nunca vemos a *glymera*... Graças a Deus... E eu não acredito que eu já conheci o que vocês chamam de plebeus. Bem, com exceção de Ehlena e Xhex, eu acho. Quero dizer, todos esses cidadãos da Raça... Eles nunca vêm aqui, e é isso que vai mudar? Eu não penso assim. — Ela apertou seu braço novamente. — Além disso, você estava preocupado em colocar nosso filho no trono? Isso cuida desse problema, também.

Wrath se soltou de seu domínio e queria andar... Exceto que ele não conhecia a posição da sala de musculação bem o suficiente para não cair sobre seu traseiro.

Ele se conformou em enxugar seu rosto novamente. — Eu não quero o trono o suficiente para me divorciar de você. Não. É o princípio, Beth.

— Bem, se isso te faz sentir melhor, eu vou me divorciar de você.

Ele piscou por trás de seus óculos. — Não vai acontecer. Sinto muito, mas não vou fazer isso.

A voz forçada da sua *leelan*. — Eu não posso passar o resto da minha vida pensando que é culpa minha. Eu simplesmente não posso.

— Mas não é. Honestamente, não é. Olha, eu só... Eu preciso deixar o passado ir, sabe? Eu não posso agarrar-me aos meus pais dessa forma. Essa merda não é saudável. — Ele deixou cair à cabeça para trás. — Puta merda, eu quero dizer, você imagina que eu tinha acabado com isso até agora. Perdê-los, isso é.

— Eu não acho que as pessoas jamais passaram por esse tipo de coisa, especialmente do jeito que aconteceu com você.

Flashes voltaram antes de sua transição esquelética preso no entre piso, observando através de um nó na madeira enquanto seus pais foram cortados em pedaços. Era sempre o mesmo rolo de filme, os mesmos reflexos de lâminas de espadas e gritos de dor e terror... E sempre terminava do mesmo jeito, com as duas pessoas mais importantes de sua vida até aquele ponto indo, indo, indo.

Ele não iria perder Beth. Nem mesmo de uma forma figurada.

— Não, — ele disse com determinação absoluta.

Estendendo a mão, ele colocou sua mão no ventre dela. — Eu perdi meu passado e não há nada que eu possa fazer para mudar isso. Eu não perderei meu futuro, nem mesmo para o trono.

Capítulo QUARENTA E NOVE

Um dos problemas com casamentos, emparelhamentos, seja o que for... Seria quando a pessoa que você ama impõe um veto? Não há muito o que você possa fazer sobre isso.

Quando Beth saiu da sala de musculação com seu *hellren*, ela era um balão desinflado. Sem argumentos, sem planos, ela odiava onde eles estavam, mas todos os caminhos para um lugar melhor foram obstruídos por um "não" que ela não poderia trespassar.

Em vez de segui-lo para o chuveiro, ela foi para o escritório e sentou-se à mesa, olhando para a proteção de tela do notebook de bolhas flutuando em torno da imagem do Outlook...

A onda de calor veio do nada, explodiu através de sua pélvis e se espalhou como um incêndio florestal para as pontas de seus dedos, as solas dos seus pés, a ponta da cabeça.

— Cristo, — ela murmurou. — Eu poderia fritar um ovo aqui no meu peito.

Afrouxar a gola da camisola ajudou um pouco, entretanto a explosão de calor interna se foi tão rápida quanto veio, nada além de suor em sua pele ficou para trás.

Saindo da proteção de tela, ela viu quando o próprio Outlook atualizou a caixa de entrada. A conta que estava configurada nesse computador era o e-mail geral para o Rei, e ela se preparou para uma longa lista de e-mails não lidos começando a aparecer no topo da lista.

Só havia um.

Uma representação tangível da troca do poder, ela supôs...

Franzindo a testa, ela se sentou em frente. O título do assunto: *Coração Pesado*. E era de um macho cujo nome ela reconheceu só porque tinha estado na lista de assinaturas naquela porra de pergaminho.

Abrindo a coisa, ela o leu uma vez. Duas vezes. E uma terceira vez.

Para: Wrath, filho de Wrath
De: Abalone, filho de Abalone
Data: 04430 12:59:56
Assunto: Coração Pesado

Meu senhor, é com um coração pesado que eu saúdo o futuro. Eu estava na reunião do Conselho e eu validei o Voto de Não Confiança, com seus antiquados, motivos preconceituosos. Estou doente por mim mesmo e pela raça sobre as ações da *glymera* ultimamente, mas mais ainda sobre a minha falta de coragem.

Há muito, muito tempo atrás, meu pai Abalone serviu a vosso pai. A família por tradição tem repassado a história, embora seus detalhes não sejam mais amplamente conhecidos: Quando uma conspiração foi contra os seus pais, meu pai tomou uma posição com o seu Rei e Rainha e honrou essa minha linhagem para sempre ao fazê-lo. Em troca, seu pai forneceu às gerações de minha família a liberdade financeira e elevação social.

Eu não fiz jus a esse legado essa noite. E eu acho que não posso tolerar a minha covardia.

Não estou de acordo com as ações tomadas contra você... E acredito que os outros sentem o mesmo. Eu trabalho com um grupo de plebeus, ajudando-os tomando a dianteira de suas preocupações e aproximando a *glymera* para reparação apropriada. Nas minhas relações com esses cidadãos fica claro que há muitos da origem da raça que se lembram de todas as coisas que seu pai fez para eles e suas famílias. Apesar de nunca terem lhe conhecido, essa boa vontade se estende a você e a sua família. Eu sei que eles devem compartilhar minha tristeza e minha preocupação sobre onde estamos indo agora.

Em reconhecimento de meu fracasso, eu renunciei ao Conselho. Vou continuar trabalhando com os plebeus enquanto eles precisarem de quem os defenda, e embora eu seja extremamente negligente nesse papel, devo tentar fazer algo de bom neste mundo ou jamais serei capaz de dormir novamente.

Eu gostaria de ter feito mais por você. Você e sua *shellan* estarão em meus pensamentos e orações.

Tudo isso é tão errado.

Sinceramente, Abalone, filho de Abalone

Que cara adorável, Beth pensou enquanto saia do Outlook. E ele provavelmente precisava se livrar do sentimento de culpa. Dada à abordagem rolo compressor da aristocracia para tudo, ele não tinha tido uma mínima chance.

A glymera tinha maneiras de arruinar vidas que não tinham nada a ver com caixões.

Verificando o relógio na parede, ela imaginou que Wrath chegaria a qualquer momento. E então eles... Bem, ela não tinha ideia. Normalmente, neste momento, eles estariam indo para a cama, mas isso não tinha qualquer atração.

Talvez eles pudessem mudar de quarto hoje. Ela não achava que podia lidar ou até mesmo ver essa suíte adornada com joias.

Preguiçosamente indo para o Internet Explorer, ela olhou para a tela do Google, sacudindo a cabeça para o botão *Estou com sorte*.

Sim. Certo.

Deus, se V não odiasse tudo sobre a empresa Apple, ela poderia ter um iPhone na mão e perguntar a Siri o que fazer.

Ela apreciava tanto que Wrath batesse o pé pelo seu casamento, mas caramba...

Por nenhuma razão, aquela cena de *A Princesa Prometida* passou pela sua mente... Aquela aonde eles iam se casar no altar em frente àquele padre.

O casamento é um sonho dentro de um sonho.

Beth congelou.

Em seguida, digitou rápido e clicou nessa porra de botão da sorte.

O que surgiu foi...

— Ei, você está pronta?

Beth lentamente levantou os olhos para o marido. — Eu sei o que nós temos que fazer.

Wrath recuou como se alguém tivesse deixado cair um piano em seu pé. E, então, prontamente parecia que sua cabeça latejava. — Beth. Pelo amor de Deus, porra.

— Você me ama, todo o meu ser?

Ele deixou seu enorme corpo cair para trás contra a porta de vidro do escritório, enquanto George se enrolou para deitar-se... Como se esperasse que isso fosse demorar. — Beth.

— Bem, ama?

— Sim, — seu *hellren* gemeu.

— Tudo de mim, humano e vampiro.

— Sim.

— E você não discrimina um lado contra o outro, certo?

— Não.

— Então, é como o Natal. Quero dizer, você não comemora o feriado, mas porque é o que Butch e eu estamos acostumados, você, tipo, nos deixa colocar árvores de Natal e decorações, agora todo mundo na família faz a coisa do presente, certo?

— Certo, — ele murmurou.

— E quando se trata do solstício de inverno, digo, se você vai fazer uma daquelas bolas, você não acharia que seria mais ou menos importante ou significativo do que o Natal, certo.

— Certo. — Isso foi falado em um tom que sugeriu em sua cabeça, ele estava respondendo a pergunta: *Se eu colocar a arma aqui, e puxar o gatilho, eu poderia me tirar dessa miséria, não é?*

— Nenhuma diferença mesmo?

— Nenhuma. Nós podemos parar agora?

— Minhas crenças, meus costumes, tão importantes quanto os seus, nenhuma diferença, certo?

— Certo.

— Mesmo?

— Mesmo.

Ela saiu repentinamente do computador. — Encontre-me no vestíbulo da frente em duas horas. Vista algo bonito.

— O que... O que diabos você está fazendo?

— Algo que nós tínhamos falado há um tempo e nunca seguimos em frente.

— Beth, o que está acontecendo?

— Nada. — Ela correu para o armário para que pudesse entrar no túnel à frente dele. — Tudo.

— Por que você não está me dizendo?

Ela hesitou antes de desaparecer. — Porque eu tenho medo de que você possa discutir comigo. Duas horas. No hall de entrada.

Quando ela saiu correndo do painel oculto, ela ouviu seu *hellren* xingando, mas não tinha tempo para entrar nisso com o seu homem.

Tinha que encontrar Lassiter. E John Matthew.

Agora.

Selena experimentou seu primeiro verdadeiro bloqueio naquela manhã.

Sentada à mesa da cozinha do Grande Acampamento de Rehvenge, ela estava bebendo uma xícara de café e um bolinho caseiro, quando sua mente começou a se agitar sobre o destino do Rei, os beijos de Trez, o olhar duro de iAm, e o seu próprio futuro incerto...

Mais especialmente dos beijos de Trez.

Ela não o tinha visto em público ou em privado, desde que tinham deixado aquele banheiro e descido as escadas para encontrar seu irmão na cozinha.

Ela estava feliz.

O negócio inacabado entre eles... O negócio *sexual* inacabado... Era muito intenso para ela agora. Lá, naquele momento, tudo parecia tão natural, tão predestinado até... Mas com a cabeça limpa e os olhos bem abertos, ela se perguntava em que estava pensando.

O futuro estava vindo, e ia ser difícil o suficiente sem a pressão da paixão.

E era aí que as coisas se direcionavam com ele...

Quando deu um nó no cérebro dela, ela tomou um gole de café, queimou o lábio e em sua frustração, decidiu simplesmente que não havia açúcar suficiente com a cafeína. E ela colocara muito pó no filtro. E a água não estava fria o suficiente, então não tinha um sabor metálico.

Na realidade, a mistura estava perfeita. Era o seu sentido interno que estava lutando para entrar em equilíbrio.

Mas ela poderia fazer algo sobre o Java, como os Irmãos o chamavam.

Avançando para o potinho de açúcar, ela estendeu o braço, inclinou o tronco sobre os quadris, e...

Seu corpo não só endureceu como congelou naquela posição... Como se todas as articulações que estivessem envolvidas se tornassem sólidas ao mesmo tempo.

O terror quadruplicou sua frequência cardíaca, suor jorrou de seu rosto e seu peito. E quando ela foi abrir a boca para respirar mais profundamente, ela descobriu que até mesmo sua mandíbula estava presa no lugar... Embora pudesse ter sido o medo.

De repente, o silêncio na casa a pressionou.

Não havia mais ninguém em casa. A outra Escolhida tinha ido até o Santuário para visitar Amalya, por conta do destronamento de Wrath. Rehvenge estava em Caldwell. O *doggen* que agora revezava entre esse local e a mansão da Irmandade tinha ficado na cidade, tendo em conta a triste notícia.

Em um cálculo frenético, ela tentou se lembrar de quanto tempo tinham levado suas irmãs para serem afetadas de forma permanente.

Não dias. Talvez meses em termos de tempo da Terra?

Querida Virgem Escriba... E se era isso?

Concentrando toda sua energia, ela tentou destravar as suas articulações e não deu em nada. Na verdade, a única coisa que se moveu foram as lágrimas que se juntaram em seus olhos e escorreram pelos cílios. E foi tão absolutamente bizarro: Por toda a sua imobilidade, ela podia sentir tudo. Os caminhos quentes por suas bochechas. O calor de sobrecarga que vinha de suas têmporas e das pontas das orelhas. O design legal de seus sapatos de sola macia. A queimadura persistente em sua língua e na parte de trás de sua garganta.

Ela ainda sentia a fome que a atraiu até a cozinha para tentar satisfazer.

O que ela iria fazer se não...

O tremor começou em suas coxas, começando com uma contração muscular e, em seguida, emanando com maior intensidade. Seus braços foram os próximos. Depois seus ombros.

Quando seu corpo estava lutando para sair de sua prisão, sacudindo as barras metafóricas que tinha se fechado em torno dele.

— Oi?

A voz masculina estava distante, ecoando do lado do lago da casa, e ela tentou responder. O que saiu foi um gemido fraco, nada mais... Tudo estava vibrando: de seus dentes até os dedos dos pés, ela foi sacudida com violência.

Apenas quando Trez entrou, seu corpo irrompeu livre de seus limites invisíveis, seus membros estalando, batendo em coisas, agitando-se livres. E então ela caiu, batendo a cabeça na borda da caneca de café, o bolinho saltando do seu prato, o ruído do açucareiro e o impacto estrondoso de seu peito em cima da mesa como uma bomba explodindo.

— Selenal

Trez a pegou antes dela deslizar para o chão, seus grandes braços pegando-a e segurando-a firme em seu corpo, tudo o que estava rígido se tornou líquido: Ela não apenas reclinou em seu aperto como se derreteu nele. E não porque ela estava excitada.

— O que está acontecendo? – Ele perguntou enquanto a levava para fora da cozinha e colocava-a no sofá em frente ao fogo.

Embora ela abrisse a boca para falar, não saiu nada. Em vez disso, os detalhes dos painéis de madeira escura e da lareira de pedras do rio e a coruja de pelúcia em cima da lareira tornou-se hiper claro, seus olhos praticamente ardendo pela acuidade da sua visão.

Fechando as pálpebras, ela gemeu.

— Selenal Selenal.

Havia uma curiosa letargia agora, uma tão intensa que ela podia sentir sua energia sendo sugada para dentro de um vórtice que temia que nunca seria livre. Vagamente, ela estava ciente de que tinha errado a doença. Ela sempre assumiu que era nas articulações, mas na verdade, sentiu como se seus músculos fossem o problema.

Fora da superstição, nenhuma de suas irmãs falou dos pormenores. Tudo o que ela já tinha sido informada era da fase final.

Agora lamentou que não tivesse interrogado aquelas que tinham sofrido. Sobretudo quando a mais leve rigidez tinha começado nela há quanto tempo?

Um bom tempo.

Ela estava definitivamente iniciando a fase final agora...

Algo roçou sua boca. Algo molhado, quente... *Sangue*.

— Beba, — Trez ordenou. — Beba isso, puta merda, *beba*...

A língua dela saiu testado o sabor e o gosto dele a fez gemer com sede. Ela não achava que poderia engolir, no entanto...

Sim, sim, na verdade, ela podia.

Franzindo os lábios, ela vedou em torno do corte que ele tinha feito no pulso e oh, o alimento glorioso. Com cada sorvo, ela sentiu uma força vindo, enchendo onde a letargia a tinha deixado vazia.

E quanto mais ela tinha, mais ela queria, a ganância crescente em vez de saciedade.

Mas Trez não pareceu se importar. Mesmo.

Com mãos gentis, ele a reposicionou para que ficasse deitada em seu colo, com as pernas esticadas, com os braços sobre a cabeça. E enquanto bebia dele, ele era tudo o que ela via, seus belos olhos amendoados, os lábios perfeitamente moldados, sua pele escura e cabelo curto.

Da mesma maneira que ela esteve antes em sua presença, ela podia sentir suas prioridades mudando de volta para aquele lugar de desespero, para o impulso sexual que havia dizimado seu pensamento para tal ponto que não existia de qualquer modo.

De fato, nos recessos profundos de sua consciência, ela sabia que qualquer ação tomada neste estado era mais do que provável de se lamentada, mas ela não se importava. Se há uma coisa, o seu primeiro verdadeiro episódio da doença a fez querer seguir com ele mais ao invés de menos.

E talvez ela não pudesse se apaixonar.

Talvez... Ela pudesse lutar contra isso.

Rigidez, afinal, era o seu futuro.

Capítulo CINQUENTA

De pé na entrada de seu quarto, John Matthew podia sentir uma convulsão ameaçando romper.

Enquanto sua irmã continuava a falar, sentiu sua cabeça acenar, ele retrocedeu para aquele lugar onde a epilepsia nascia, algum tipo de emaranhado de impulsos elétricos ameaçando assumir o controle de tudo... Exceto que tinha acabado com esta merda. Assim, quando o zumbido começou a elevar-se, ele impediu pela força de vontade.

Não. Vai. Fazer. Isto...

Incrível estar canalizando Dana Carvey no SNL. Mas lá vai.

Alem disso funcionou. Não imediatamente, mas gradualmente, aquele chiado e a queimação começaram a enfraquecer, seus apagões retrocedendo.

— Então... Você irá? — Beth perguntou, seus olhos arregalados. — Tipo, em uma hora. Lassiter precisa de bastante tempo para preparar-se.

Reorientando-se, ele se focou na aparência do que ela estava falando, seu cérebro ligando os substantivos e os verbos até...

Oh, meu Deus, ele pensou.

Cara, pela primeira vez, estava contente que fosse mudo. Porque se tivesse que falar, ela saberia que estava em algum lugar emocionalmente estranho. Como estava, suas mãos estavam mais constantes do que sua voz estaria.

Algo sobre o pedido dela estava chegando a todo vapor.

Seria uma honra, ele sinalizou.

Antes que pudesse soltar os braços, sua irmã se lançou sobre ele, abraçando-o com tanta força que quase arrancou sua cabeça fora. E quando fechou os olhos e a segurou em retorno, o tempo parou...

Uma visão o atingiu do nada. Em um minuto, ele estava de pé do lado de fora do quarto dele e de Xhex. No próximo?

Tudo o que podia ver eram lágrimas... Exceto, não, isto era a chuva. Chovia no para-brisa de um carro... Um carro que amava. E então ele estava alcançando a ignição e...

Beth se afastou e ele observou de uma vasta distância, enquanto a boca dela se movia, e ela lhe dizia mais coisas. Ele assentiu com a cabeça nos momentos certos, mas assim que ela saiu e fechou à porta, toda aquela parte foi embora.

Apoiando sua testa nos painéis, não tinha nenhuma ideia por que seus olhos estavam lacrimejando... Ou por que seu peito tinha inchado com tal orgulho e felicidade.

— Você está bem? — Xhex sussurrou por detrás dele.

Voltando da escuridão, ele assentiu... E então percebeu que ela não podia vê-lo.

— Sim, eu sei, — ela disse. — Mas tenho que perguntar em voz alta às vezes.

Houve um clique quando ela acendeu o abajur do seu lado da cama. Piscando com a iluminação, ele levou um soco no rosto, parecendo como se fosse apenas, sabe como é, um atrito ou alguma merda. Mas ela era uma *symphath*... Assim ele estava tão claro para ela como um outdoor.

Não entendo isto, ele sinalizou. *Por que estou com ela na porra da mente?*

Os olhos cinza metálicos de sua companheira bloquearam nele, e ele não fez nada para evitar aquele olhar fixo de laser: Se queria mais informações sobre tudo isso, ela era sua melhor aposta.

— Sua grade tem esta sombra, — ela murmurou, agitando a cabeça. — Nunca vi uma como esta. É como se... Não sei, você é o processo paralelo da vida? Ou isto...

O quê? — ele exigiu.

— Existem dois de você aí dentro.

É assim que me sinto. Ele esfregou seu cabelo já bagunçado. *Especialmente em torno dela*.

— Ela é sua irmã.

Mas havia mais do que aquilo nisso, ele pensou. Não de modo romântico ou qualquer coisa assim. Ainda assim...

— Vamos, — Xhex disse enquanto saía da cama. — Precisamos nos preparar. Porra de brilhante ideia dela.

Quando sua fêmea se aproximou dele nua, o corpo firme e musculoso dela teve uma maneira de clarear as coisas... De repente ele teve sexo com o cérebro o que foi um alívio. Pelo menos com isto ele podia fazer algo a respeito.

— Deixe-me ajudá-lo no chuveiro, — ela disse, alcançando entre as dobras de seu roupão e encontrando seu pau duro. — Você deveria estar muito, muito limpo para isto. — John estava mais do que feliz em ser levado pela rédea até o banheiro, e quando surgiram quarenta e cinco minutos mais tarde, estava mais relaxado... E limpo como um filho da puta.

— Sim, o smoking, — sua fêmea disse enquanto ficava na frente de seu armário, olhando fixamente para as coisas penduradas nas hastes. — Sem dúvida.

Assentindo, ele foi até a camisa branca engomada, puxando-a de seu cabide e colocando-a sobre os ombros. Xhex teve que fechar os botões... Por alguma razão suas mãos estavam chacoalhando agora, como se estivessem nervosas. Ele pegou a calça justa, entretanto... Sem os suspensórios. Ela tinha que cuidar deles. E esqueça o cinto e a gravata borboleta... Ele apenas ficou lá como uma vaca leiteira, enquanto ela fazia o trabalho rápido.

O bom da coisa era que ficou olhando para ela.

— Agora o paletó. — Ela segurou a coisa para ele como se fosse o homem, guiando a pura lã no lugar em suas costas, então o virou e alisou as lapelas. — Maldição...

O quê? — Ele sinalizou.

O olhar dela estava cintilando quando lhe deu aquele olhar da cabeça aos pés nele.

— Você parece gostoso como o inferno.

John estufou o peito, ficando todo peito de pomba. Difícil não ficar quando sua fêmea estava lhe comendo com os olhos assim.

E você ainda está nua. Ele sorriu. *Seu presente de aniversário é meu favorito.*

Exceto que ela não estava completamente sem adornos. Estendendo a mão, ele tocou o colar que deu a ela, o com o grande diamante quadrado no centro.

Xhex não era normalmente melosa, mas cobriu a mão dele com a dela e a trouxe até a boca. Beijando-a, ela murmurou, — Eu sei. Eu amo você, também. Para sempre.

Ele se inclinou para ela e roçou os lábios contra os dela.

Alguns minutos mais tarde eles se dirigiram para fora, com ela vestida com calça e uma camisa de seda preta. Que, junto com o presente de aniversário acima mencionado, era um equipamento muito bom. Especialmente porque pela primeira vez, ela colocou nos pés um espetacular par de sapatos de foder.

Algo que ele planejava seguir sempre que pudessem se pegar um minuto sozinhos.

Outras pessoas estavam saindo das portas dos quartos: Blay e Qhuinn, também em ternos. Z e Bella, com a pequena Nalla vestida em outra confecção rosa de seda e tule... Que a fazia praticamente a coisa mais adorável que já viu.

E ele nem sequer gostava de crianças.

Enquanto o grupo caminhava pelo corredor de estátuas abaixo e alcançava as escadas, não houve muito conversa. Não havia desde que Rehv colocou aquele anúncio na mesa de jantar. Não haveria durante algum tempo.

Isto iria ajudar, porém.

Abaixo no foyer, ainda mais dos da casa se juntaram, mas não Wrath ou Beth ainda, e John juntou-se a multidão... Que novamente estava muito quieta. Inferno, até Rhage colocou um freio em sua habitual palhaçada... Embora com a boca daquele anjo caído pronto para mostrar...

— Mas que *porra* é essa?

Ao som da voz de V, John virou com o resto deles... E quando viu o que estava no topo da escadaria principal, ele piscou uma vez. Duas vezes. Doze vezes.

Lassiter estava de pé no topo dos degraus acarpetados, seu cabelo loiro e preto em um estilo topete, uma Bíblia pesada debaixo de sua axila, piercings refletindo a luz...

Mas nada daquilo era o verdadeiro choque.

O anjo caído estava vestido como uma fantasia branco cintilante de Elvis. Completo com boca de sino, mangas balão, e lapelas grandes suficientes como uma barraca no quintal. Oh, e asas de arco-íris que se revelavam quando ele abriu os braços, estilo pastor.

— Bem na hora da festa começar, — ele disse enquanto corria para baixo, lantejoulas piscando e relampejando. — E onde inferno está meu púlpito?

V tossiu a fumaça que tinha acabado de inalar.

— Ela pediu para você fazer o serviço?

O anjo estalou seu colarinho já a quilômetros de altura.

— Ela disse que queria a coisa mais santa na casa para fazer isto.

— Ela conseguiu o santo, certo, — alguém murmurou.

— Está é a Bíblia de Butch? — V perguntou.

O anjo lançou a posse.

— Sim. E seu livro de orações, é assim que ele chama? Tenho também um sermão que eu mesmo preparei.

— Santos nos preservem, — veio do lado oposto da multidão.

— Espere, espere, espere. — V acenou sua mão enrolada ao redor. — Eu sou o filho de uma divindade e ela escolheu *você* ?

— Pode me chamar de Pastor... E antes que o Sr. Fã dos Sox molhe sua calcinha, quero que todos saibam que sou legítimo. Entrei on-line, e tive um curso de ministro em menos de uma hora, e estou ordenado, baby.

Rhage levantou a mão.

— Pastor de meia tigela, eu tenho uma pergunta.

— Sim, meu filho, você vai para o inferno. — Lassiter fez o sinal da cruz e em seguida olhou em volta. — Então onde está a nossa noiva? O noivo? Estou pronto para casar alguém.

— Não trouxe tabaco o suficiente para isto, — V reclamou.

Rhage suspirou.

— Há Goose no bar, meu irmão... Oh, espere. Nós não temos mais um bar.

— Acho que vou introduzir uma intravenosa de morfina.

— Posso colocar? — Lassiter perguntou.

— Foi isto o que ela disse — Alguém atirou de volta...

— Oh... Uau. Isto é, ah, um bom traje.

Todos examinaram por cima de seus ombros quando Beth falou mais alto. Ela estava entrando na biblioteca, Saxton ao lado dela, Rehv atrás deles. Este último tinha um pergaminho fechado debaixo do braço, e uma expressão confusa em seu rosto.

— Eu sei, certo? — Lassiter disse, fazendo uma pirueta, com aquela coisa de capa se espalhando.

Não que John Matthew prestasse qualquer atenção no macho. Ou qualquer outra pessoa.

Sem pensar conscientemente, ele caminhou em direção a sua irmã. Ela estava vestindo um vestido justo branco e simples, um daqueles que cobria seus ombros e ia até abaixo dos joelhos. E quando ele se aproximou, reconheceu-o como algo que viu as Escolhidas usando em casa quando queriam ficar confortáveis. Diferentemente delas, porém, seu cabelo estava solto e derramando abaixo por suas costas em ondas pretas.

Ela parecia inocente. E adorável. E perfeita.

Você está linda, ele sinalizou.

— Oh, obrigado. — Ela esperneou o vestido. — Layla emprestou este para mim. Então está pronto para me encaminhar pelo corredor abaixo?

Levou um bom tempo antes que John pudesse fazer suas mãos funcionarem direito. E quando sinalizou sua resposta, pensou que de toda aquela besteira que a *glymera* estava arremessando, e a tensão na casa, e a tristeza de Wrath... Isto era algo que sentiu como se tivesse esperado pela vida toda. Algo que cruzou uma grande distância para fazer. Algum tipo de meta que precisava enfrentar, apesar de não estar ciente do que estava lá fora.

Sim, eu estou, ele sinalizou com orgulho.

Beth nunca amou tanto o seu irmão. Quando John Matthew entrou ao lado dela, podia sentir a força silenciosa dele ressonando para ela... E ela precisava disto.

Embora tivesse organizado tudo, não tinha nenhuma ideia de como Wrath iria reagir a isto.

Olhando ao redor dos grandes ombros de seu irmão, ela piscou novamente para Lassiter. Pelo menos seu *hellren* seria poupado da visão do anjo naquela plataforma.

— Você amou isto, certo? — Lassiter perguntou, segurando a Bíblia mais alto. — Quero dizer, você disse que eu buscasse na Internet. Eu fiz. Até imprimir meu diploma ou como diabos isto seja chamado.

Abrindo a capa da versão de Rei James, ele tirou um pedaço de papel e acenou com isto ao redor.

— Viram? Bom e legal.

Beth se inclinou.

— Uau.

— Eu sei, certo? Assim como Harvard.

— Impressionante.

— Estou enquadrando totalmente esta merda. — Ele afastou a coisa. — E depois que acabei, pesquisei casamentos humanos. Descobri que precisaria de

algumas batas cerimoniais, e estas foram as que gostei mais. Encontrei-as na Gould Fantasias e Mais... Boom! Não sou nada além de um cão de caça.

Beth esfregou suas têmporas. Vishous. Ela devia ter pedido a Vishous para fazer isto.

— Como conseguiu o cabelo?

— Spray. Grampos. Edição da *Cosmos* de dezembro... Para os feriados. Novamente, obrigado, Internet.

Rhage balançou a cabeça.

— Você tem bolas? Ou anjos nascem sem saco?

Lassiter astutamente sorriu.

— Faço tudo certo. Lá atrás no Antigo País, eu costumava usar a badalada do meio-dia e meia-noite.

Realmente, realmente, *realmente* deveria ter pedido a Vishous.

— Bem, aprecio tudo o que você...

Quando todos ficaram em silêncio, ela olhou para o topo das escadas. Wrath apareceu e estava de pé, alto e orgulhoso, com George ao lado dele. Diferentemente de John, ele não estava em um smoking, mas tinha colocado um certo terno que ela lembrava.

Era o que ele tinha usado no primeiro encontro oficial deles com Darius.

— Para que é a multidão? – Ele perguntou.

— Apenas desça, – ela respondeu.

Quando ele começou a descer, as mãos dela ficaram suadas... E então um momento mais tarde, a mãe de todas as ondas de calor atacou, um calor escaldou através dela.

Cara, ela não podia esperar até que estivesse grávida ou completamente necessitada. Seu micro-ondas interno estava deixando-a louca.

Quando Wrath bateu no chão de mosaico sem seus pares de botas, ela pensou que ele não poderia parecer mais magnífico. Seu cabelo estava espalhado por todos seus enormes ombros, as extremidades chegando até os quadris, e com aquela gravata em seu pescoço... Parecia como um poderoso homem de negócios. Que poderia matar se estivesse disposto.

O que apenas conseguiu colocar seus hormônios em marcha.

— O que estamos fazendo aqui, Beth, – ele exigiu.

— Nós estamos casando.

Quando ele recuou, ela apressou-se antes que ele pudesse continuar com qualquer tipo de discurso.

— Você disse que meus costumes humanos importavam... Que eram igualmente importantes. Então estamos casando. Agora mesmo. Do meu jeito.

Ele balançou a cabeça.

— Mas nós já estamos acasalados. Por que...

— Então você pode se divorciar de mim e manter o trono. – quando ele ficou de queixo caído, ela o interrompeu. — Na frente de nossa família aqui. Com um ministro de verdade.

Lassiter levantou a mão.

— Feliz em servir. Eu também faço batismos. Basta pedir.

Wrath balançou a cabeça novamente.

— Isto é...

— Você está dizendo que meu lado humano vale menos?

— Bem, não. Mas...

— Então se fizermos a formalidade aqui e agora, não perdemos nada, não é? Você pode se divorciar de mim de acordo com a lei dos vampiros, nós ainda estaremos emparelhados e conseguiremos manter o trono. – Ela ergueu o queixo embora ele não pudesse vê-la. — Boa combinação, você não acha?

Houve um momento de silêncio abafado. E então um dos Irmãos disse, — Porra eu amo esta fêmea. Realmente a *amo* pra caralho.

Capítulo CINQUENTA E UM

Quando Wrath se permitiu manobrar ao redor do vestíbulo, George, como sempre, estava com ele.

Francamente, ainda que tivesse sua visão, teria que ser acompanhado.

Continuava esperando uma NFW²⁷ interna para sondar. Mas Beth o havia encurralado, da melhor maneira possível, ela tinha razão: Se suas normas culturais eram tão importantes para eles como um casal? Bem... Se eles fossem “casados” no modo humano, então estariam emparelhados. Por um período.

No entanto, não tinha certeza de como se sentia. Por outro lado, eles sempre fizeram as coisas de acordo com as tradições de sua raça originalmente e ainda que nada disso tivesse importância para ela, sempre esteve ao lado dele. Parecia justo que fizesse o mesmo por ela.

— Está pronto? – Lassiter perguntou a ele em voz baixa.

As pessoas estavam arrastando os pés, movendo-se ao redor do grande espaço do hall de entrada. — O que eles estão fazendo? – Wrath sussurrou.

— Formando duas filas pelo corredor que começa na sala de jantar e passa direito por nós. Estamos mais ou menos a cinco metros na frente da sala de bilhar. Ela sumiu, fecharam a porta para que não pudéssemos vê-la.

Wrath voltou a pensar em quando se emparelharam. A Virgem Escriba esteve com eles então. Beth usava um vestido velho vermelho de Wellsie e quase desmaiou quando os Irmãos escreveram seu nome em seus ombros. John Matthew, Blay, e Qhuinn não existiam ainda naquela época. Não havia Rehv, Xhex, Payne, Manny, os irmãos Sombra, nem os outros.

Ou Xcor e os Bastardos.

E desde então, eles perderam Wellsie. Ninguém mais, no entanto.

²⁷ NFW (No fucking way), que traduzindo seria “Nem fodendo”.

Do nada, a música inundou o hall, um clássico que ouviu antes, normalmente em filmes de garotas que participavam de... Casamentos, claro.

— Pronto? – Lassiter perguntou.

— Sim. – Jesus, isto não era o que esperava estar fazendo.

— Eu acabei de movimentar a cabeça para Fritz. – Sussurrou o anjo. — Ele está abrindo as portas.

Wrath limpou a garganta e se inclinou. — O que... O que ela está vestindo?

— Branco. Longo. Solto. Está sendo escoltada por seu irmão e leva uma rosa que Rhage tirou de um buquê em cima da lareira. — Fez uma pausa. — Os olhos dela estão em você e o sorriso? Vale milhões de dólares, meu amigo. Fodidos milhões de dólares.

De repente, a merda com o trono e as outras razões por estarem fazendo isto se foi: quando sentiu o cheiro de sua *leelan*, tudo em que conseguia pensar era que ela era tudo para ele e não apenas por que ela poderia estar salvando seu trono, aqui e agora.

Oh, merda santa, ela poderia estar grávida, também.

— Queridos irmãos. – Lassiter começou. — Nós estamos aqui reunidos para presenciar a união de Elizabeth, filha de Darius e Wrath, filho de Wrath.

Então deixaram os nomes formais dos vampiros de lado. Legal. Isso fazia com que parecesse mais humano.

— Quem entrega essa fêmea... Ah, mulher... Sua mão em casamento?

Wrath esperou que um dos Irmãos traduzisse a resposta de John. Ao invés, o homem falou sua resposta em voz alta e clara: Silvou uma nota declarando que anunciava que ele era o homem que apresentava sua irmã.

Por instinto, e porque não tinha ideia do que a cerimônia representava, ele estendeu a mão. Quando estreitou a mão de John Matthew, os dois apertaram forte, um voto dado e reconhecido com o aperto, uma troca de eu-cuidarei-bem-dela com é-melhor-porra-que-você-realmente-faça-isso.

Alguém limpou a garganta. Talvez alguns Irmãos que estavam ficando sentimentais.

Lassiter tossiu um pouco e ouviu o som de páginas sendo passadas para frente e para trás. — Ah... Certo, olhe, eu vou improvisar, certo? Existe alguma razão para que vocês dois não devam fazer isto? Não? Incrível.

Beth riu. — Acho que você deveria esperar nós respondermos.

— Todos juntos então, de acordo? E vocês rapazes no gargarejo também... Têm alguma razão para que isto não aconteça?

A casa inteira bem como sua *shellan* e ele mesmo gritou. — Não!

— Homem, nós estamos fazendo isto muito bem. — Disse sério. — Sim, continuando. Wrath?

Por alguma razão louca, ele começou a sorrir. — Sim?

— Você recebe esta mulher incrível que acaba de salvar seu traseiro como sua esposa? Irá amá-la, confortá-la, honrá-la e cuidá-la na saúde e na doença, renunciar a todas as outras e ser fiel a ela, sempre e até que a morte os separe... Merda, supunha-se que você teria que responder antes dele Beth. Pode responder?

— Não. — Wrath cortou com um grande sorriso. — Eu responderei primeiro. Sim, eu aceito.

Houve uma fungada na multidão. E neste momento Rhage sussurrou. — O quê? Isto é bonito, certo? Vão à merda todos vocês.

— Agora, Beth, aceita a este homem cabeça quente e dor no traseiro como seu marido? Você o amará e o confortará, honrará e cuidará na saúde e na doença, abandonando todos os outros, e sendo fiel enquanto vocês viverem?

— Sim. — Disse sua Beth. — Claro.

— Beeemm. — Lassiter passou mais algumas páginas. — Certo, os anéis? Pessoal, temos as alianças aqui?

— Pegue o anel do meu polegar. — Wrath disse, tirando o diamante negro que seu pai lhe deu. — Aqui.

— E ele pode usar o meu. — Beth disse. — É de sua mãe.

— Aww, isto é uma doçura. — Lassiter pegou o anel de Wrath. — Certo, vamos com isto. Eu, pelo poder a mim dado, abençoo estes anéis. Beth, pegue o seu e coloque em qualquer dedo que couber. Ou, como, a parte superior dos dedos... Lá vamos nós.

— Certo, repita depois de mim. Oh, mer... Quero dizer, merda. Eu deveria fazer Wrath repetir primeiro, suponho.

— Não. — Beth disse com outra risada. — Realmente está tudo perfeito.

— Perfeito. — Wrath concordou.

Estava tudo tão... Certo. Era natural e real... E a falta da cerimônia tão trabalhada, especialmente considerando o sistema de valores ridículos da aristocracia.

Inferno, Lassiter era um antídoto vivo, respirando em tudo isso.

— Certo, então, Beth, repita. “Eu, Beth, uma mulher totalmente incrível...”

Beth soltou outra risadinha. — Eu, Beth...

— Onde está a parte da “mulher incrível”? O quê? Vamos, eu tenho uma licença da Internet. Eu sei o que estou fazendo.

Wrath movimentou a cabeça para sua *leelan*. — Ele está certo. Você é, de fato, incrível. Acho que precisamos ouvir isto.

— Posso conseguir um amém! — Lassiter gritou.

— Ammmmmmmmmém! — Ecoou ao longo da mansão.

— Bem, bem, bem. — Ela disse. — Eu, Beth, uma mulher totalmente incrível...

— !...Recebo este idiota, Wrath...”

— ...Recebo este idiota, Wrath...

— “...Como meu marido, para ter e manter de hoje em diante...”

— ...Como meu marido, para ter e manter de hoje em diante...

— “...Para o bem e para mal; na riqueza e na pobreza...”

E de repente já não era uma piada. Quanto mais longe ia, mais sério Lassiter ficava, e a *shellan* de Wrath estremeceu como se as palavras que falava tivessem um grande valor e significado.

Isto era tradição para ela, ele percebeu.

Ela continuou de um modo rouco. — ...na saúde e na doença...

— “...Para amar e respeitar, até que sejamos separados pela morte. Este é meu voto solene...”

Lassiter girou outra página. — “Entrego este anel como um símbolo do meu voto, e com tudo que eu sou, e tudo que tenho, honro você no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”

De repente, Wrath apertou os molares para manter suas próprias emoções sob controle enquanto ela repetia as palavras e deslizava o anel por seu dedo.

— E agora, meu senhor. — Lassiter suavemente disse. — Repita depois de mim...

Beth nunca fora uma daquelas mulheres que imaginava seu casamento. Brincava com Barbies. Comprava revistas de noivas assim que completou vinte anos.

Tinha certeza, entretanto, que nunca imaginou em nenhuma hipótese que seria no mínimo parecido com isto: rodeada de vampiros, possivelmente grávida, com um anjo caído vestido de Elvis destruindo a cerimônia do Livro de Oração Comum.

E, no entanto, enquanto olhava para seu futuro marido, não podia imaginar nada melhor. E então, quando se encontrava a pessoa certa? Nenhuma das coisas das quais falavam na televisão, nenhum vestido da Vera Wang, nenhuma champanha, nenhum DJ ou uma festa importava.

— “Eu, Wrath recebo você, Beth...” — Lassiter começou.

— Entendi. — Seu marido disse em sua voz intensiva. — Eu, Wrath, recebo você, Beth, como minha esposa amada, para ter e manter de hoje em diante, no bem e no mal; na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para amar e respeitar, até que a morte nos separe. Este é meu voto solene.

Era um caso sério de delírio.

Quando Beth fungou e sorriu ao mesmo tempo, Wrath colocou o anel do Rei gigantesco no topo de seu polegar. Com profunda sinceridade, ele disse. — Eu dou a você este anel como um símbolo de meu voto, e com tudo o que sou e tudo que eu tenho, honro você em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo.

Houve uma ronda de aplausos, espontâneo e alto. E Lassiter teve que gritar para ser ouvido. — Pelo poder investido a mim graças ao Google, eu agora os declaro marido e mulher! Você pode beijar a noiva!

As palmas ficaram mais altas quando Wrath colocou os braços ao redor dela e a curvou para trás, a única coisa que a mantinha no chão era sua força.

Era um movimento que fazia sobre uma base regular, um modo inconsciente de afirmar e provar sua habilidade física para cuidá-la.

— Segure meus óculos. — Ele sussurrou quando a cortina de seu cabelo caiu ao redor, dando a eles isolamento. — Eu quero que você olhe em meus olhos ainda que eles não possam ver você.

As mãos de Beth estavam tremendo quando ela as levou para seu rosto. Puxou os óculos e seus olhos incríveis foram revelados e pensou na primeira vez que o viu, no quarto de hóspedes subterrâneo da casa de seu pai.

Eram exatamente como agora. Verdes brilhantes até o ponto onde tinha que piscar e não apenas pelas lágrimas em seus olhos.

— Lindos. — Ela respirou.

— Inúteis. — Ele disse com um sorriso, como se estivesse se lembrando do mesmo momento.

— Não, eles me mostram todo o amor em seu coração. — Ela tocou seu rosto. — E isto é muito útil.

A boca de Wrath desceu sobre a dela, roçando uma vez, duas vezes. E então a beijou profunda e lentamente.

Quando finalmente começou a levantar-se, ela colocou de volta seus óculos e enfrentou a casa, ruborizando. Tanto amor por todas as partes.

A fazia parecer invencível contra qualquer coisa.

Acima do barulho, Lassiter gritou. — Obrigado a todos vocês, um enorme agradecimento.

Wrath inclinou-se de lado, coçou as orelhas de George e segurou na coleira do cachorro; então os três saíram do altar em direção ao jantar.

De alguma maneira Fritz conseguiu fazer um banquete do nada, a mesa magicamente colocada por arte de magia durante a cerimônia era simples, mas bem ampla e cheia.

Porém, primeiro os negócios.

Quando Rehv entrou pelos arcos, ele movimentou a cabeça para Beth e ela se inclinou para seu marido.

— É hora de assinar. — Ela disse.

Era doloroso ver a felicidade de seu marido sumir.

— Podemos, certo? — Ela sussurrou. — Nós estamos casados. Nós estamos cobertos.

— Sim... — Houve uma longa pausa. — Sim, eu posso fazer isto.

Exceto que ele tomou seu tempo para ir onde Rehv estava segurando um pergaminho que tinha tiras vermelhas e pretas fluindo mais abaixo pela metade.

— Eu tenho uma caneta azul para a linha de assinatura. — Rehv disse, tirando a coisa de seu casaco. — Este documento foi preparado por Saxton e tem a data de três semanas atrás. Ele me assegurou que a redação é legal e não podem contestar.

— Fechado. — Wrath murmurou.

Rehv pegou a caneta. — Assine e eu cuidarei de entregá-lo com prazer.

Beth soltou sua mão para dar a seu homem um pouco de espaço, mas ele não queria isto, claramente. Levantou o pergaminho.

— O que ele diz? — Ele exigiu.

Beth examinou os símbolos e não viu nada além de padrões de tinta azul.

— Diz que... — Rehv se inclinou. — Que a união foi anulada.

— Como se nunca houvesse existido? — Wrath murmurou.

Rehv tocou o pergaminho. — Esta é uma declaração política. Uma função política. Não se trata de vocês dois.

— Minha assinatura diz que sim. E seu nome está ali. Então é sobre nós.

Rehv afastou-se também. Então ficou apenas Wrath e o pergaminho que ele não podia ver.

Todos os Irmãos e os membros da casa ficaram de lado, todos em silêncio.

Ele não iria fazê-lo, ela pensou. Apenas não seria capaz de fazê-lo...

Capítulo CINQUENTA E DOIS

Vendo Selená tomar de sua veia, Trez estava totalmente contente por dar o fora do que quer que fosse que estava acontecendo em Caldwell por isso.

Ele ainda estaria no clube, terminando alguma merda contábil que devia ter feito dias antes, quando recebeu o texto do grupo sobre a reunião. E ele foi imediatamente para a casa... Esperando ver Selená. Quando ela não apareceu, ele disse a si mesmo para relaxar, deixe-a vir, quando vier, blá, blá, blá.

Ele permaneceu por cerca de um minuto e meio com essa merda antes de escapar, deixando iAm com um olhar sombrio no hall de entrada com o Gato Maldito, como ele chamava o animal, de volta em seus braços.

Assim que Trez tinha chegado até o grande acampamento, ele havia sentido a presença de Selená e ficou elétrico... Mas tudo tinha mudado quando ele a encontrou na cozinha, no meio de algum tipo de colapso. Vamos lá, contudo... Quando foi a última vez que ela se alimentou...

A partir do nada, seu pau e bolas rugiram com o pensamento dela compartilhando isso com alguém mais, e para voltar-se para o lado dos anjos, ele concentrou-se nos puxões contra seu pulso, a visão de seus lábios contra sua pele, na realidade que ele era, de fato, o único a tomar conta dela.

Por quanto tempo, no entanto, uma parte dele perguntou.

— Cale a boca. — Quando os olhos dela viraram para os seus, ele balançou a cabeça. — Não é você.

Acariciando o cabelo dela com as pontas dos dedos, ele ficou maravilhado com a diferença neles, como tudo nela era suave, como ela cheirava a ar fresco embora fosse inverno, como seus cílios eram longos contra as bochechas pálidas enquanto fechava as pálpebras.

Ele podia ter ficado assim para sempre.

Mas, eventualmente, ela o soltou, retraindo suas presas e sua boca. E então, estava na hora de um pouco de tortura: Sua língua rosa escapuliu e lambeu as feridas, fechando-as... E intensificando-as.

Reclinando em seus braços, seus olhos estavam confusos sob os cílios pesados, sem foco de satisfação.

— Eu não parei de pensar em você, — disse ele em voz baixa. — Nem por um segundo.

— Sim?

— Sim. — Ele balançou a cabeça enquanto acariciou o lábio inferior dela com o polegar. — E não apenas porque temos...Negócios inacabados.

Seu sorriso teria batido em sua bunda se ele já não estivesse sentado. — O que fazemos.

Deus, ele amava o sossego aqui. Sem música alta, nenhum ser humano bagunçando a sala, sem pressões do mundo exterior... Ou do s’Hisbe. Nem mesmo os Irmãos e as suas companheiras, tão legais como todos eles eram. Apenas os dois.

Quando sua ereção engrossou ainda mais, ele teve que mover seus quadris debaixo da cabeça dela. E, em seguida, ouviu-se dizer, — Eu quero fazer amor com você. Agora mesmo.

Merda, ele tinha realmente dito isso? E, no entanto, neste momento, todas as razões em sua cabeça para se manter firme pareciam tão distantes, nada senão um trovão distante no céu noturno que estava claro no momento e cheio de estrelas.

Exceto que, uma sombra cruzou o rosto dela, a saciedade preguiçosa, substituída por uma dúvida que o fez querer chutar em algum lugar de si mesmo.

Em vez de se afastar, porém, ela estendeu a mão e acariciou seu rosto. — Eu quero isso.

— Tem certeza? — Foda-se, ele estava duro. Muito difícil de fazer a coisa certa.

Quando ela acenou com a cabeça... Ele sabia que ambos estavam perdidos.

— Por favor, — ela sussurrou com voz rouca. — Tire-me dessa miséria, desse castigo.

Sua mão desceu para o corpo dela, indo para união de suas pernas... E ele quase teve um orgasmo em seguida, e ali, suas bolas apertando e seu pênis pressionando contra suas calças, até que ele teve que trincar seus molares.

Seu primeiro pensamento foi para tomá-la onde eles estavam. Não era inteligente.

Ele não ia parar, mesmo que alguém entrasse.

Com uma onda de força, Trez se levantou com ela em seus braços, embalando-a com cuidado. — Onde é o seu quarto?

— No andar de cima. Na parte de trás.

Saindo a passos largos, ele a levou pelas escadas que rangiam até o segundo andar, indo para uma suíte que estava sobre a cozinha, chutando a porta aberta. No interior, o mobiliário vitoriano era todo de mogno pesado com muitas curvas, e a cama era uma extensão espetacular de marcenaria, o quadro perfeito para ela quando ele a deitou sobre o edredom de veludo.

Rolando o corpo dela, ele a montou, tomando o cuidado para não soltar o peso nela. — Eu quero... Ver você.

As mãos dela foram para o cinto em seu robe, mas ele a impediu. — Não, eu gostaria de... Fazer isso.

O cinto era tão branco e suave quanto o resto do que ela usava, e quando suas mãos escuras afrouxaram o laço, ele lambeu os lábios. Separando as duas metades do tecido, não se apressou com a revelação.

— Oh, porra...

Sim, os mamilos dela endureceram ainda mais quando o ar frio os atingiu.

Incapaz de ajudar a si mesmo, ele se inclinou e lambeu um, sugando-o em sua boca enquanto continuou com o que ela estava usando, retirando o tecido de cima dela. Então, ele deu o mesmo tratamento ao outro enquanto acariciava o caminho até as coxas.

O cheiro dela foi direto para o seu sexo, seu pênis empurrando de novo, tentando sair.

E merda, o som dela gemendo seu nome o fez ceder. Mas, então, ele estava de volta a ação, tocando-a entre suas pernas, encontrando o núcleo quente, molhado dela e o acariciado. Quando as unhas dela arranharam seus braços, ele sorriu contra seu seio.

— Venha para mim, — ele gemeu enquanto a chupava.

Logo em seguida, seu corpo se contraiu, como se estivesse sendo puxado por um fio, seu tronco se arqueou contra o tórax dele enquanto ele se movia para sua boca, empurrando sua língua nela enquanto ajudava a criar seu orgasmo. Quando acabou, ela desmoronou, respirando com dificuldade.

— Por favor... — Sua voz falhou. — Eu sei que há mais.

— Sim, há. — Ele ergueu-se e quase rasgou a camisa ao meio. — Foda-se, sim, merda, eu quero dizer... Caramba.

Ele sabia que precisava ter cuidado com a linguagem, e jurou fazer melhor com o vocabulário.

Sua calça não foi tratada melhor do que sua camisa quando a lançou longe, nem mesmo se importou quando ela caiu sobre um dos postes da cabeceira.

— Você é... Magnífico.

Enquanto ela falava, Trez congelou e encontrou seus olhos... Só que ela não estava olhando para seu rosto. Não. Seu olhar estava fixo lá embaixo, e uma olhada rápida dele confirmou que seu pau fortemente excitado estava ereto e orgulhoso, pronto para começar o trabalho.

— Posso tocar em você? — Ela disse timidamente. Só que ela já estava agarrando-o, sua mão pálida...

O grunhido que ele soltou foi alto suficiente para abalar o espelho ao lado da porta, e ele caiu para o lado. — Cuidado... Oh, Deus...

Ele iria gozar, especialmente enquanto ela o acariciava...

— Oh, Jesus, — ele disse em um arquejo antes de morder o lábio inferior.

Selena ficou de joelhos, seus seios pesados balançando, seu cabelo desenrolou de seu coque. Com as duas mãos, ela achou um movimento constante, subindo e

descendo, para cima e para baixo, passando por cima de sua ponta e, em seguida, encontrando o seu eixo novamente. E enquanto ela trabalhava nele, os quadris dele iam de encontro a ela, o ritmo cada vez mais rápido.

Com um safanão, ele empurrou-a de costas e afastou as mãos dela longe de seu corpo.

— Mas eu quero...

Ele a interrompeu com a boca, lambendo o seu caminho através de seus lábios. — Eu quero gozar dentro de você.

Seu sorriso era sexy como o inferno, seus olhos cintilantes. — E então eu posso explorar?

— Você vai me matar, fêmea.

Enquanto a montava, ela abriu as pernas para dar lugar. — Só penso em você, — ele se ouviu dizer.

E quem sabe, dessa vez, o passado ficasse para trás... Provavelmente porque ele passou as horas pensando nela no chão do banheiro, contorcendo-se em sua boca, querendo mais. Sim, o desespero para entrar nela, tê-la, gozar dentro dela, foi mais forte do que todas as coisas que ele odiava sobre si mesmo. Nada iria parar com isso agora.

Especialmente porque, durante o tempo em que eles estavam separados, ele apontou um fato marcante para si mesmo:

Ela esteve com um monte de machos, também.

Isso fazia parte do seu trabalho... Embora ele odiasse pensar sobre isso. Como uma Escolhida que serviu as necessidades de sangue de outros, ela tinha sido sexualmente treinada e esteve com os machos que ela serviu. Era assim que as coisas funcionavam.

E, tanto quanto o depressiu, ele pensou em colocá-los em um pé de igualdade... Embora o sexo que ela fez tinha sido parte de um papel sagrado que salvou vidas. O dele tinha sido apenas um vício.

Tempo passado lá, ele pensou. Legal.

Agarrando-se, ele inclinou o pau e diminuiu a distância, pressionando-a, encontrando o ponto certo. Com um gemido, ele ergueu os dois braços para embalar a cabeça dela... E quando seus olhos se encontraram, ele poderia dizer que ela tinha parado de respirar, como se preparando para o tamanho dele.

— Eu irei lento, — ele murmurou, beijando-a suavemente.

Sua voz era um mero sussurro: — Obrigada.

Quando avançou lentamente nela, ela estava curiosamente imóvel, seu olhos fechados, suas presas descendo. E tudo o que ele podia fazer era olhar como ela estava bonita contra o edredom de veludo vermelho-sangue, seu cabelo preto emaranhado no travesseiro, o rosto corado.

— Você é apertada, — ele cerrou os dentes. — Querido Deus.

— Não pare.

— Eu não irei...

— Faça isso, apenas faça isso.

Trez franziu a testa, pensando que era uma estranha forma...

Aconteceu tão rápido que ele não teve a chance de pará-lo... Selenia agarrou seus quadris, prendeu-o no lugar, e empurrou-se para frente, levando-o a ultrapassar uma barreira... Que não deveria ter estado lá.

Enquanto ela deixou escapar um suspiro de dor, nada calculado. — O que...

Ele não terminou a frase. Não foi possível concluir o pensamento. O forte aperto dela ao redor dele foi demais, e o orgasmo que estava se construindo explodiu fora dele, fluindo em seu corpo.

Em resposta, Selenia passou suas pernas ao redor do quadril dele, um suspiro saiu dela quando ele tentou diminuir os impulsos. Virgem? Virgem...

E então ele se lembrou, do banheiro... Me leve, ensine-me.

Virgem.

Trez retirou-se tão rápido, e ela estremeceu... E ele quase terminou não apenas fora da cama, mas fora do quarto.

O sangue dela em sua ereção diminuiu fazendo seu pau desinchar. — Selená... Cristo, por que você não disse algo?

Seus olhos se afastaram dele enquanto ela puxava seu robe. Ela ainda amarrou o cinto antes de sentar-se sobre os travesseiros. — Eu queria você. Eu ainda quero. É tão simples quanto isso.

Ele estendeu a mão para afrouxar a gravata que estava comprimindo a respiração dele... E se lembrou de que estava pelado.

— Não é simples, – ele disse com voz rouca. — Isso não é simples.

A última coisa que ele precisava era outra fêmea com a qual ele seria obrigado a se casar: Se Phury como *Primale* quisesse que ele seguisse com isso? Que diabo ele iria fazer?

Especialmente porque... Ele estava apaixonando-se por Selená.

Quando Trez ficou pelado no lado mais longe do quarto, Selená pensou, Hmm, não era o que ela estava esperando.

Mas ela tinha razão em ficar quieta. No último minuto, ela fez uma decisão consciente para não contar... Precisamente por esse motivo.

— Como é... Como... Por que... – A gagueira não era um bom sinal. — Eu pensei que você fosse uma *ehros*.

— Eu sou.

— Então, como você é virgem?

— Eu não fui usada dessa forma.

Ele jogou as mãos para o alto em frustração. — Por que eu? – De repente, ele xingou. — Quero dizer...

— Como eu disse, eu queria estar com você. Continuo querendo. — Depois da dor, ela só conseguiu uma sugestão do prazer... Ela queria saber o que mais havia ao fazer amor.

Colocando a cabeça entre as mãos, ele apenas ficou lá. — Cristo.

— Só para que nos entendamos, — ela disse secamente, — Eu não estou esperando nada de você. Se for isso que você está preocupado. Não haverá emparelhamento.

Não com o futuro dela. Embora do modo como Trez estava olhando-a, isso não estava nas cartas de qualquer maneira...

— Você tem certeza que seu *Primale* vai pensar assim?

Ela ergueu o queixo. — Quem vai dizer a ele? — Quando isso parecia impedi-lo, ela deu de ombros. — Não vou ser eu. E ninguém está em casa com a gente. Então, se você não fizer isso, ele nunca vai saber.

Na verdade, ela não tinha certeza do que Phury faria se descobrisse... Tecnicamente, agora que ela tinha tido sexo com alguém que não fosse o *Primale* ou um Irmão, seria considerada uma Escolhida Caída. Mas era difícil saber nesses novos tempos o quanto da velha tradição sobreviveu.

Não que isso importasse. Seu tempo estava acabando.

Foi por isso que, quando Trez fez uma pausa depois de constatar que seu sexo estava apertado, tinha tomado o assunto em suas próprias mãos. Ela estava determinada a não perder sua chance, especialmente não depois daquele episódio no andar de baixo na mesa da cozinha.

De repente, ela pensou que ele estava comprometido... E sentiu uma pontada de dor através de seu peito.

— Não se preocupe, — ela disse com exaustão. — Não existe nada para ser feito.

— Eu tenho honra, sabe, — ele estalou.

— Não quero ofender.

Ele fechou os olhos e murmurou, — Você não deve se desculpar.

— Eu não consigo ver o problema. Meu corpo é meu para dar e eu escolhi você... E você me queria.

Com isso, suas pálpebras se arregalaram. — Eu te machuquei.

— O que foi doloroso foi que você parou.

Trez sacudiu a cabeça. — Isso está uma bagunça.

— De acordo com quem?

— Você não sabe da missa a metade. — Mas pelo menos ele veio e se sentou na cama. Colocou a cabeça para trás em suas mãos, ele exalou duro. — Eu não deveria ter sido o único, Selena. Ninguém além de mim.

— Mais uma vez, você não acha que isso é uma decisão que só eu posso fazer?

— Mas você não me conhece.

— Conheço o suficiente. — Afinal, ele disse a ela sobre as mulheres humanas. Seus pais. Estar vinculado a outra. O que mais poderia haver?

— Não. Você não...

Um som cortou o quarto, e levou um momento para ela perceber que era um telefone celular tocando.

— Você está brincando comigo, — ele reclamou quando passou por ela até o travesseiro. Nele, um aparelho celular estava sentado com sua tela virada para cima, depois de ter claramente deslizado para fora do bolso da sua calça, quando ela acabou na cabeceira da cama.

Ele verificou o número... E em seguida, olhou para o relógio. — Que horas são... Oh, merda.

— O que há de errado? — Ela perguntou.

— Eu tenho que atender. — Ele olhou ao redor como se estivesse procurando um pouco de privacidade. — Eu já volto.

Enquanto ela o observava sair para o corredor, seu corpo nu estava resplandecente... E apenas a visão de seu traseiro foi o suficiente para levá-la a avaliar se ela teria ou não a oportunidade de estar com ele novamente.

Fechando os olhos, ela esticou-se e encontrou uma dor em sua pélvis que nunca tinha estado lá antes.

Sim, tinha machucado um pouco. Mas não o suficiente para fazê-la se arrepender de nada... Ou de não querer fazê-lo novamente.

Algo lhe dizia que isto não estava em seu futuro, no entanto.

Ela deveria ter dito algo a ele.

Mas não havia como voltar atrás naquela decisão.

Capítulo CINQUENTA E TRÊS

No final, Wrath assinou a maldita proclamação de dissolução.

O anel de sua mãe em seu dedo mindinho foi o que veio a sua mente: aquele rubi era um símbolo do voto solene de Beth e o fez pensar sobre tudo o que sua fêmea havia feito por ele. Para emparelhar, ela colocou sua fé, seu coração, seu futuro nele e em seu povo, tradições, costumes... Afastando-se do seu lado humano por completo, até o ponto em que não tinha mais nenhum contato com a raça, nada além dele e de seus irmãos, o trabalho dele assumindo a vida de ambos.

Ela ganhou muito, com certeza. Mas tinha perdido tudo o que já tinha conhecido. E tinha feito isso por ele, por eles.

Neste momento, a coisa mais importante não era o trono. Não, realizava-se segundo o padrão que ela mesma havia criado: Ele precisava colocar a sua assinatura onde a sua boca estava. Mesmo que ele odiasse toda essa merda, dos aristocratas e do Bando de Bastardos, até a sensação de perda que acompanhou esse pedaço de papel filho da puta, ele tinha que honrar o que disse a sua Beth.

As tradições dela tinham tanto peso e importância quanto as dele.

Se não fizesse isso? Ele estaria tratando-a com o mesmo desrespeito que o Conselho.

E essa *era* a maneira mais lógica para contornar a *glymera*.

Uma pequena satisfação mandar às suas maquinações à merda.

— Onde está a caneta? — Ele rosnou.

Quando Rehv colocou a coisa em sua mão, ele apertou a palma de Beth. — Onde é que eu faço isso?

— Bem aqui, — ela disse roucamente. — Aqui.

Ele a deixou levar a ponta da caneta para onde devia haver uma linha, e então ele rabiscou seu nome.

— O que acontece agora? — Ele exigiu.

Rehv riu com um toque desagradável. — Eu fecho essa pequena missiva e enfio isso onde o sol não brilha. — Houve o farfalhar do pergaminho. — Eles pediram para a “coroação” acontecer à meia-noite. É uma puta desgraça que eu tenha que esperar até lá. Vamos, Saxton, você precisa de um pouco de comida. Parece que você está a ponto de entrar em colapso.

Wrath olhou para a silenciosa, imóvel multidão. — Bem. Vocês irão comer ou não?

Quando a conversa pulou do silêncio, porque seus irmãos sabiam que ele precisava da atenção em outro lugar, ele tomou braço de Beth.

— Tire-nos daqui, — ele disse severamente.

— Entendido.

Com rápida eficiência, sua *shellan* levou-o para longe do barulho e da comida, e quando ele sentiu o cheiro de lenha, ele adivinhou que ela o levou em direção à biblioteca.

— Deite-se, George, — ela disse quando parou no que ele achou ser a porta. — Eu sei, eu sei que você não quer sentar-se aqui fora, mas precisamos de um minuto.

Boa pedida, ele pensou quando se soltou dela e caminhou por conta própria, sua mão da adaga esticada. Quando ele sentiu a cornija da lareira, desejou poder ver o fogo controlado. Ele queria cutucar algo quente e fazê-lo chiar.

Um *clique-clique* disse-lhe que ela os havia trancado.

— Obrigada, — sua Beth disse.

Ele se virou. — Por você.

— Vai dar tudo certo.

— Se você está falando sobre o Bando de Bastardos, eu não teria tanta certeza. Haverá outro ângulo. Nós compramos algum tempo, mas o problema não foi resolvido.

Cara, a amargura em sua voz não era característica dele. Mas essa situação o mudou.

Graças a Deus que seu pai estava morto... E isso não era algo que ele ousasse imaginar em pensar...

Atrás dele, Beth pressionou-o com seu corpo, suas mãos deslizando até seus ombros e esfregando os músculos tensos. — Foi uma cerimônia bonita.

Ele teve que rir. — Elvis fez um ótimo trabalho.

— Sabe o que os seres humanos fazem habitualmente depois para tornar a cerimônia oficial?

— O quê?

Quando os braços dela deslizaram em torno de sua cintura, ela deu a volta, ficou na ponta dos pés e beijou o lado de sua garganta. E ao que parece, seu humor começou a melhorar.

— Consumação, — ela murmurou. — É tradicional para o marido e a mulher selarem o acordo, se você sabe o que eu quero dizer.

Wrath começou a sorrir, mas então ele se lembrou da última vez que estiveram juntos... E as circunstâncias. — Tem certeza que você está pronta para... Depois... Bem, você sabe.

— Muito certa.

Para provar o ponto, ela esfregou-se contra ele, e ele teve que xingar. Instantaneamente faminto, ele, no entanto, reprimiu aquele lado selvagem quando baixou a sua cabeça e tomou a boca de sua esposa.

— Levante-me, — ela disse em um suspiro.

Quando ele concordou, ela puxou o vestido que estava usando até a cintura, as pernas se abriram para ficar ao redor dos quadris dele.

— Você não está usando calcinha, — ele gemeu.

— Eu queria estar preparada para isso.

— Jesus, estou feliz por não ter sabido... Eu teria...

Ele não se preocupou em terminar a frase. Em vez disto, quando ela se segurou em seu pescoço, ele tateou entre eles e desabotoou a calça. Instantaneamente, seu pau saltou livre, latejante e quente, e quando ele a desceu um pouco, encontrou seu núcleo...

— Merda! E se você estiver grávida? — Ele deixou escapar, empurrando-a para trás. — Porra...

— Mulheres grávidas fazem sexo. Realmente. Elas fazem.

Esticando-se, ela sugou o lábio inferior dele e, em seguida, mordeu-o com suas presas. — A menos que você esteja dizendo que não me quer?

Ele retirou suas botas. — *Este não é o caso.*

Qualquer confusão foi dissolvida quando ele entrou nela lentamente, pressionando, retornando para casa de forma suave. Ela não pareceu sentir dor, mas ele não se arriscou quando suas mãos em concha seguraram a bunda dela, começando a movê-la para cima e para baixo sobre ele.

— Eu amo você, — ele disse em seu cabelo. — Para sempre.

Quando ela murmurou de volta em seu ouvido, uma ponta de paranoia drenou um pouco do calor em seu corpo.

Teria seu pai dito a mesma coisa para a sua mãe?

E ele sabia como aquilo terminou.

De repente, o aviso de V veio a ele, sobre o campo de branco e o futuro em suas mãos. O que...

— Wrath, — sua esposa sussurrou. — Volte para mim. Concentre-se em mim aqui e agora...

Com um gemido de submissão, ele deixou todas as besteiras de lado, fazendo o que ela mandou, sentindo e conhecendo apenas a sensação dele bombeando dentro e fora dela. O orgasmo foi tranquilo, uma onda que se aproximou e retirou-se com todos os trovões de uma brisa de verão. Mas quando ele gozou dentro de sua fêmea e sentiu seu aperto ao redor dele, pareceu mais poderoso do que todos os que tinham sacudido as bolas dele.

Ele não queria deixá-la ir.

Jamais.

Fora do quarto de Selená, Trez aceitou a ligação... Mas não conseguiu um "alô".

— Onde *diabos* você está, – o assassino da rainha comandou? — E *onde* está o que você me prometeu.

Trez fechou os olhos. — Eu estou a caminho.

— Você não vai foder comigo.

A conexão foi cortada.

— Trez? – Selená perguntou do quarto. — Está tudo bem?

Não. Nem um pouco.

Já era meio-dia?

Ele empurrou a porta larga. — Sim. Mas eu tenho que ir.

Xingando baixinho, ele foi diretamente para sua calça e a puxou... E quando suas bolas ficaram presas no zíper, ele deliberadamente puxou com mais força, a dor disparando através de sua pélvis e deixando-o doente.

Aquela rápida ligação de s'Ex foi um lembrete de todas as razões pelas quais fora uma ideia idiota vir aqui.

Virgem.

Porra.

Quando ele pegou a camisa e enfiou um braço na manga, ele estava ciente de Selená sentada silenciosamente na cama.

Virgem.

Logo em seguida, todas as mulheres com que ele já tinha fodido vieram rapidamente em lembrança, mais uma vez enchendo o espaço entre eles. E então ele teve um pensamento feliz com as que ele estava fornecendo para s'Ex hoje.

— Isso não vai acontecer novamente, – ele disse, apontando para a cama, para ela.

Uma vez já foi demais.

Em resposta, o rosto de Selena não transpareceu nada, mas o cheiro dela disse tudo: a tristeza saiu de seus muitos poros.

E, ainda, ela o olhou nos olhos. — Como quiser. Mas estarei aqui se você mudar de ideia.

Cara, ela não era nada mais que autocontrole quando ele olhou para baixo, quase um desafio para ele ficar longe.

Seu autocontrole não era tão bom. Mas a situação em que ele se encontrava era muito ruim.

iAm já estava em risco. Se Selena fosse envolvida?

Ele não queria que ela caísse em seu inferno.

Oh, e quanto a Phury? Ele se sentiu como merda sem dizer nada ao Primale. Apenas outra forma em que ele a desonrou, mas nada de bom pode vir de uma revelação como essa.

— Eu tenho que ir, – ele murmurou.

— Como você quiser.

Ele reaaaaaallmente queria que ela parasse de dizer isso.

Trez praticamente tropeçou para fora do quarto, e praticamente não se lembrava de como foi o seu caminho descendo as escadas, indo através da casa escura, e saindo no pátio lateral brilhante de neve. Fechando os olhos, demorou um pouco para se concentrar o suficiente para se desmaterializar...

...Mas ele finalmente chegou ao Comodore, aparecendo atrás da lixeira da entrada de serviço. Saindo de lá, foi ignorado pelos entregadores que estavam descarregando materiais de limpeza para a área de depósito, e também pelo mensageiro de bicicleta que estava pedalando pelo beco.

Porém havia muita gente esperando por ele no décimo oitavo andar.

Assim que ele saiu do elevador, xingou em voz baixa.

iAm estava apoiado na porta fechada, bem casual, exceto pelo seu olhar mortífero. E com ele? As prostitutas que Trez tinha arranjado para s'Ex.

O assassino da rainha estava, sem dúvida, no terraço exterior. Ou rondando o interior do apartamento, depois de tê-lo invadido, em um acesso de raiva.

Trez enfiou as mãos nos bolsos... Sem chaves. Porra.

Ele as esqueceu? Ou elas ficaram no chão do quarto de Selena?

Puta Merda.

— Perdeu algo? – Seu irmão falou lentamente.

— Oi, chefe, – uma das prostitutas disse.

— Chefe...

— E aí...

As mulheres falam por si só quando mexem em seus cabelos ou ajeitam seus sutiãs. Cada uma delas estava vestindo uma versão de “tamanho legal”, mas tudo era curto, apertado e decotado.

Não que elas iriam ficar vestidas por muito tempo.

— Permita-me, – iAm murmurou, tirando sua chave de cobre.

Depois de destrancar, ele abriu a porta e acenou para as meninas entrarem.

Enquanto elas entravam, o macho estreitou os olhos. — Que porra você está fazendo?

— Cuidando de negócios, – Trez silvou de volta. — Do único jeito que sei.

Passando por seu irmão, ele entrou na sala de estar. E, assim como a sombra que ele era, o assassino estava esperando do outro lado do vidro, as suas vestes negras flutuando no vento frio.

Quando as três prostitutas o notaram, elas congelaram, seja por fascínio ou susto. Talvez os dois.

— Dê-me um minuto, senhoras, — disse Trez enquanto foi até as portas de correr. — Eu o enviarei para vocês no quarto naquele corredor por ali.

— Sim, está bem, chefe, — a da frente respondeu.

Ele esperou até que elas saíssem da sala antes de deixar s'Ex entrar. Boa coisa... O assassino estava puto, ao tirar o capuz de sua cabeça.

Apontando o dedo para o rosto de Trez, ele vociferou, — Chegue na hora certa no futuro. Ou nosso acordo está defeito.

Assim que Trez estava prestes a jogar tudo na cara do desgraçado, iAm entrou. — Tínhamos um compromisso obrigatório com o Rei. Não podíamos sair de lá, e nada que vá acontecer de novo.

Brilhantes olhos pretos viraram na direção de seu irmão. — Tenha certeza disso.

iAm assentiu uma vez, seu rosto enganosamente calmo: a indicação contrária era a contração em sua sobrancelha esquerda... Merda, Trez ia ouvir tuuuuudo sobre isso assim que o negócio estivesse acabado.

Ótimo. Outra coisa pela frente.

s'Ex chegou até o broche preto em sua garganta. Grande como o punho de um lutador, era cravejado com pedras pretas, o metal torcido em torno de si mesmo... E quando ele tirou a coisa, o robe caiu no chão.

Expondo uma camiseta branca comum e uma calça cargo preta.

O que não era comum era o resto do corpo: Cada centímetro de sua pele era marcada com aquela tatuagem ritual branca, com os braços fortemente musculosos e ombros modelados como a merda. E, no entanto, ele ainda poderia se passar por humano.

Boas notícias para as prostitutas.

— Apesar do fato de que você está atrasado, — s'Ex disse entre dentes, — Eu fiz a todos um favor.

— Então nossos pais estão vivos? — Trez disse.

— Oh, sim, isso, também. Eles estão perdendo suas acomodações, no entanto... A pedido da rainha. Da última vez que chequei, sua mãe estava tendo um colapso nervoso quando as suas joias eram recuperadas. — O assassino sorriu lentamente. — Sua Majestade está realmente satisfeita com o sofrimento deles. Se eu não o conhecesse melhor, eu diria que você planejou tudo isso perfeitamente.

— Qual é o favor?

— Sua Majestade está prestes a ficar ocupada com coisas que não envolvem você por um tempo.

Trez estreitou os olhos. — Como assim?

— Cerca de nove meses.

— Desculpe, o quê? Eu não entendo o que você...

— Ela está grávida.

Trez parou de respirar. E então forçou seus pulmões a voltarem a funcionar enquanto ele lançava um olhar ao seu irmão. — Como diabos isso aconteceu?

— De todas as pessoas, eu suponho que você não precisa de um diagrama.

— Mas eu pensei que seu consorte tivesse morrido há dez anos?

— Sim. Uma vergonha. — s'Ex estalou os dedos. — Ele teve uma queda feia.

— Então de quem é?

s'Ex sorriu com um toque malicioso. — É um milagre.

Santa... Merda.

s'Ex assentiu. — O momento é bom para você, porque ela vai ter que esperar para ver se é outra filha. Nesse ponto, os mapas de estrelas terão que serem lidos para descobrir qual será a próxima rainha. É óbvio que se for um filho, você está

ferrado. Se não, você pode ter uma chance... Afinal, foi prometido particularmente para aquela filha. Se a outra for rainha? Você estará bem.

iAm exalou lentamente. — Isso é uma puta de uma notícia... Uma ótima notícia. Potencialmente.

— Mas você ainda me deve, — s'Ex rosnou. — De agora em diante? Você cuida de mim... Ou eu vou cuidar de vocês dois.

— Não se preocupe com isso. — Trez ajeitou calça, sua mente girando. — Tudo o que você precisar.

— É bem por aí.

Jesus... Isso mudou tudo. Ou, pelo menos, poderia.

Um resultado muito melhor do que ele poderia ter planejado.

Quando o olhar de obsidiana de s'Ex se moveu para o quarto em que as meninas estavam, Trez o reorientou. — Algumas regras.

O assassino olhou para trás. — Eu não ouvi isso.

Trez pisou firme, encontrando-se cara a cara com um homem enorme. — As regras são essas... Você não as machuca. Sexo selvagem estará bem, se for consensual, mas sem cicatrizes permanentes ou marcas. E você não pode comê-las. Essas são as minhas duas únicas restrições, e elas não são negociáveis.

Com Sombras, você sempre tinha que estabelecer limites. Especialmente uma Sombra como essa.

— Espere, elas são suas? — O macho perguntou.

— Sim.

— Oh, merda, porque não disse logo? — s'Ex estendeu a palma da mão. — Eu prometo. Nada permanente e nenhum almoço.

Que alívio, Trez pensou enquanto apertava a mão e dava-lhe um aperto forte. — Mas eu estou dando-as a você pelo tempo que você quiser. E o apartamento, também, é claro. Quando você quiser algo novo? Você sabe onde me encontrar.

Quando o assassino sorriu e foi embora, Trez agarrou o braço do macho. — Só mais uma coisa... Aquelas são humanas. Até onde elas sabem, vampiros são ficção... E você precisa manter isso assim se quiser que isso continue.

s'Ex parecia entediado. — Tudo bem. Mas teria sido mais divertido de outra maneira.

Quando ele saiu da sala, seus passos pesados ecoaram pelo corredor e, em seguida, houve vozes. Seguido pelo som de uma porta sendo fechada.

Trez foi direto para o bar apesar de ser pouco depois do meio-dia apenas, e pegou uma garrafa de uísque Maker's Mark. Ele não se incomodou com um copo; direto da garrafa era bom o suficiente para ele.

Enquanto o líquido queimava o caminho até seu estômago, seu único pensamento era que ele deveria se sentir mais aliviado do que se sentia. Mas então, ele não estava fora de perigo ainda.

E ele tinha tirado a virtude de uma boa fêmea cerca de meia hora atrás.

Nenhum cartão passe-livre-da-prisão iria mudar isso.

— Nove vidas, — iAm disse quando ele se aproximou e esticou a mão.

Trez passou o uísque. — Ainda não...

O gemido que ondulava distante era do sexo feminino. E assim foi o que se seguiu.

— Ele vai fazer com todas as três de uma vez, — iAm murmurou.

Uma imagem rápida do assassino de costas, com uma mulher montando seus quadris, outra montando seu rosto, tudo ao mesmo tempo, e ele tocando uma terceira fez Trez tomar a garrafa de volta e beber com vigor.

Putá merda, Trez pensou, ele esperava poder ficar à frente daquele apetite.

Capítulo CINQUENTA E QUATRO

Neve fresca começou a cair às seis horas, como se isto tivesse esperado pelo sol baixar no horizonte antes de fazer seu aparecimento... E pela meia-noite, a tempestade não estava mostrando qualquer sinal de clarear.

Quando Xcor desviou a vista da janela de seu quarto, ele seguiu os flocos espessos, graças às iluminações da rua que marcavam o círculo da rua sem saída na frente da casa.

— Você vem?

Ao som da voz de Throe, Xcor olhou por cima do ombro. Seu lutador estava de pé na entrada, vestindo um terno adequado.

Sua Escolhida estaria esperando por ele, Xcor pensou. Neste tempo ruim.

Assumindo que ela aparecesse.

Mas ele não podia faltar à coroação.

— Sim, — ele disse com a voz rouca, saindo da cadeira que puxou para perto da janela.

Juntando seus coldres, ele os prendeu em seus ombros e na cintura e deslizou várias armas de fogo e lâminas. Mas quando foi pegar a foice, Throe balançou a cabeça.

— Acho que deveria deixar isto aqui, não?

— Ela vem comigo.

Depois que Xcor a colocou nas costas, ele cobriu tudo com seu casaco de couro. — Vamos em frente.

Quando caminhou até Throe, ele recusou encontrar os olhos do macho. Sabia o que encontraria se fizesse e estava desinteressado pelo escrutínio.

Juntando-se aos Bastardos abaixo, ele estava silencioso enquanto saíam para a noite fria e se desmaterializavam no quintal...

... Para o solo formal de Ichan, a casa moderna do filho de Enoch.

Pela neve pisoteada, ele viu que os outros já tinham chegado, os membros do Conselho em roupas formais ao redor do interior das salas, passando pelas janelas brilhantes.

A celebração era justificada, haja vista ter sido de fato, um triunfo... Ou isto deveria ter sido. Mas tudo o que conseguia pensar era na fêmea que estava lá fora no prado, esperançosamente agasalhada contra os elementos do inverno, esperando por ele. Olhando para o céu, a neve caiu em seus olhos e ele piscou.

Quanto tempo ela iria ficar lá...

— Por aqui, — Throe disse, indicando uma entrada dianteira que tinha toda a sutileza de um outdoor ao lado da estrada. — Como se alguém pudesse perder isto.

Muitos refletores, todos focados no vidro colorido ao redor de uma porta pintada de vermelho, que tinha algum tipo de símbolo do Sol nela.

— Que extravagante, — Throe murmurou quando eles começaram a atravessar a neve. — Infelizmente, dentro está pior.

Xcor, ao contrário, não tinha uma opinião sobre a decoração. E ele estava impressionado com todos os funcionários uniformizados que abriam caminho e distribuíam pequenos pedaços de comida em bandejas de prata, e tomando nota das bebidas.

Não, ele estava em um campo longe, debaixo de uma árvore de bordô, esperando que uma fêmea chegasse, assim ele poderia dar-lhe seu casaco contra as rajadas.

Ele não estava aqui...

— Posso pegar seu casaco? — Um *doggen* perguntou ao seu cotovelo.

Erguendo os olhos para ele, o mordomo se afastou.

— Não.

— Como desejar, senhor. — A curvatura que ele fez foi tão baixo, que o *doggen* quase tocou o chão brilhante. — Mas é claro.

Naquele momento, Ichan aproximou-se com todo o floreado de um maestro. Realmente, ele estava vestindo uma jaqueta de smoking de cetim que era vermelho como sangue, e um par de mocassins que levava suas iniciais em fios de ouro. Completamente um almofadinha, pelo menos em sua própria mente.

— Bem-vindo, bem-vindo. Pegue uma bebida... Claus, sirva-os.

Xcor deixou seu Bastardo responder por ele, decidindo se mover para outra sala.

E de fato, os aristocratas silenciavam quando passava por eles, seus olhos arregalando de medo e respeito... Isto porque ele usava suas armas. Ele queria que sua personalidade fosse um poderoso lembrete de quem estava realmente no comando.

Enquanto prosseguia, ele notou distraidamente que Throe estava correto sobre a mobília. A "arte" moderna sufocava os espaços, enchendo cantos e paredes, lotando cadeiras, mesas e sofás que estavam tão contorcidos, que queria saber onde um convidado realmente poderia se sentar. E o esquema de cores estava por todo lado, a única semelhança parecia ser que as brilhantes destoantes matizes afrontavam a retina...

Quanto tempo ela esperaria? Ela teria vestido um casaco?

Claro que teria.

E se alguém questionasse por que ela estava saindo? E se ela fosse pega voltando para casa...?

— Xcor? — Throe disse calmamente.

— Sim.

— Está na hora. — Throe movimentou a cabeça na direção de uma biblioteca que não era nada além de estante e livros, a mobília era abençoadamente escassa.

Ou pelo menos, a maior parte. Centrada no meio do espaço, havia uma grande cadeira como um trono, como também uma mesa com um grande pedaço de pergaminho, cera para lacrar, e muitas, muitas fitas.

Ah, sim. O local precioso do pequeno auge de Ichan.

Que não iria durar.

Xcor aproximou-se cuidadosamente e permaneceu na entrada da sala, encontrando o olhar de cada membro da *glymera*, enquanto eles tinham que passar por ele. Quando não sobrou nenhum para se juntar, ele virou sua atenção para a reunião, seus Bastardos de pé ao redor dele, de tal forma que seus corpos sufocavam a saída da biblioteca...

Por trás, a porta principal abriu uma última vez, uma corrida de ar seco e gelado intrometeu-se como um convidado errante. Olhando por cima de seu ombro, ele franziu o cenho.

Um convidado errante, realmente: Rehvenge, o titular *leahdyre* do Conselho, caminhava a passos largos como se possuísse o lugar, seu casaco de visom de corpo inteiro varrendo atrás dele, uma bengala vermelha que não era um guarda-chuva, ajudando-o.

Ele estava sorrindo, os olhos púrpuros mostrando um calculismo que era uma advertência.

— Estou atrasado? — Ele falou. Quando se aproximou de Xcor, aqueles olhos olharam diretamente dentro dos seus. — Odiaria perder isto.

Quem diabos o convidou, Xcor se perguntou. O macho estava solidamente do lado do antigo Rei, uma toupeira que mais parecia um jaguar no meio deles.

De dentro da biblioteca, Ichan virou em meio a um gesto, um cigarro em um suporte antigo de ébano agitando... Apenas para congelar quando viu quem chegou.

Rehvenge ergueu sua bengala no lugar de uma saudação.

— Surpresa, — o macho disse enquanto invadia a multidão. — Oh, vocês não me esperavam? Eu estava na lista de convidados.

Quando Throe avançou, Xcor agarrou o macho e o arrastou para trás.

— Não. Ele não deve estar sozinho.

De uma só vez, todas as mãos de seus soldados desapareceram dentro de suas roupas. Assim como as dele.

E ainda nenhum Irmão apareceu.

Então isto era uma mensagem, Xcor pensou.

Ichán olhou ao redor como se esperasse que Xcor lidasse com a intrusão, mas quando ninguém do grupo de lutadores se moveu, o aristocrata pigarreou e abordou Rehvenge.

— Uma palavra, se você quiser, – Ichán disse. — Em particular.

Rehvenge sorriu como se já tivesse suas presas na garganta do idiota.

— Não, não em particular. Não por isto.

— Você não é bem-vindo aqui.

— Você quer tentar me remover? – Rehvenge deslocou-se para diante em seus quadris. — Quer tentar isto e ver onde vai dar? Ou talvez queira pedir para aqueles assassinos ali fazerem isto por você?

Ichán abriu e fechou a boca como um peixe, sua bravata se foi.

— Eu acho que não.

Quando Rehvenge enfiou a mão no seu casaco, Ichán guinchou em alarme e os aristocratas na sala agitando-se ao redor como gado prestes a serem sacrificados.

Xcor olhou por cima de seu ombro novamente. A porta tinha sido deixada aberta, os funcionários se distraíram para fechá-la... Ou talvez tenham apenas ido para cima e desapareceram.

Rehvenge deixou a coisa aberta de propósito, não é? O macho já estava planejando sua saída.

— Trago saudações de Wrath, filho de Wrath, – o macho disse, ainda com aquele sorriso de merda em seu rosto. — E tenho um documento que ele gostaria de compartilhar com todos vocês.

Quando ele tirou um tubo de papelão debaixo do braço e abriu a tampa, os aristocratas ofegaram... Como se esperassem que uma bomba saísse.

E talvez houvesse mesmo uma espécie daquilo lá.

Rehvenge desfraldou um pergaminho que tinha fitas vermelhas e pretas penduradas na extremidade. Em vez de ler o que tinha sido escrito, ele meramente virou a coisa ao redor.

— Acho que você deveria fazer as honras, — ele disse para Ichan.

— Tudo o que tem... — As palavras secaram completamente quando o macho aproximou-se com o que estava sendo exibido diante dele. Depois de um momento, ele disse, — Tyhm. Tyhm!

— Sim, eu acho que você verá que tudo é bom e legal. Wrath não está mais emparelhado com ela. Ele se divorciou há mais ou menos três semanas... E não sou um advogado, mas estou bem certo de que você não pode basear um voto de não confiança em um assunto que não existe.

O alto e magro procurador tropeçou e balançou, como se a proximidade ocular aumentasse sua compreensão do que quer que estivesse lá.

E realmente, a expressão em seu rosto era toda a tradução que a multidão exigia: Descrença transformou-se em uma espécie de horror, como se um explosivo tivesse de fato sido detonado bem em frente dele.

— Isto é uma falsificação! — Ichan declarou.

— Tem testemunhas adequadas... E eu sou uma delas. Talvez você gostaria que Wrath e a Irmandade viessem aqui e testemunhassem por sua validade? Não? Oh, e não se preocupe. Nós não estamos esperando uma resposta de todos vocês. Não há nenhuma.

— Sairemos agora, — Xcor sussurrou.

Se ele fosse Wrath, o próximo movimento seria atacar a casa... E não havia suficiente cobertura aqui dentro, aquelas artes horríveis e os grandes espaços abertos ofereciam pouco uso disso como proteção.

Quando as vozes dos aristocratas se misturaram e aumentaram, ele e seus soldados se desmaterializaram do lado de fora sobre o gramado dianteiro. Se preparando para o embate, eles sacaram suas armas.

Exceto que não havia ninguém lá.

Nenhum Irmão. Nenhum ataque. Nada...

O silêncio era ensurdecedor.

Capítulo CINQUENTA E CINCO

Tal como acontece com todas as grandes mudanças na vida, o sol e a lua não prestaram atenção ao drama do planeta, seus horários não foram afetados pelas mudanças dos destinos abaixo.

Era bem depois da meia-noite quando Wrath acordou próximo a sua *shellan* em sua cama de casal, seu braço ao redor da sua cintura, sua mão cobrindo seu seio. E por um momento, ele se perguntou se alguma daquelas coisas haviam acontecido... A necessidade, a merda do Conselho, a resposta.

Talvez tudo tivesse sido apenas um fodido pesadelo.

Chegando mais perto, ele conteve sua excitação. Ele ia deixar o impulso sexual para sua *leelan*, pelo menos até que soubessem se ela estava grávida. E se ela estivesse... Bem, então ele não tinha certeza do que iria fazer.

Caralho, ele estava realmente pensando assim?

— Você está acordado, — Beth disse.

— Como você sabia? — Ele murmurou em seu cabelo.

Ela virou-se em seus braços. — Eu só sabia.

Ficaram lá por muito tempo, e puta que pariu, ele desejava poder vê-la corretamente. Em vez disso, ele se acomodou para passar seus dedos sobre suas feições.

— Como você se sente? — Ele perguntou.

— Vitoriosa. — Ele podia perceber o sorriso em seu rosto. — Deus, eu amo Rehvenge. Ele realmente levou para o Conselho.

Quando ele não disse nada, ela suspirou. — Isso é uma boa coisa, Wrath. Eu prometo a você.

— Sim, é. — Ele a beijou na boca, e depois se afastou. — Estou morrendo de fome. Você quer comer?

— Na verdade... Não. Eu não estou com fome, mas deve ser a hora da primeira refeição. A menos que tenhamos dormido durante ela?

— Eu acho que a hora passou. E vocês chamam de café da manhã, certo? — Ele saiu da cama e passou cuidadosamente por George indo ao banheiro. — Eu duvido que alguém esteja acordado. Aquela festa foi até às cinco da tarde.

Quando ele abriu a porta, o golden o derrubou com as saudações, a coleira tilintando, o rabo abanando os batentes, a perna de Wrath, a parede à medida que ele girou, girou, girou, e espirrou sorridente.

— Wrath?

— Ei, cara, — ele disse quando se ajoelhou. — O que há, grande homem? Quem é o grande homem...

— Wrath.

— Sim?

— Vamos trabalhar depois que você comer.

— Você está tentando me colocar de volta sobre o cavalo? — Ele acariciou a cabeça lisa quando o cão espirrou novamente.

— Sim. Eu estou.

Ele esfregou seu próprio rosto. — Chuveiro. Comida. Então nós conversaremos.

— Trabalho, você quer dizer.

A boa notícia, ele supôs, era que ninguém iria querer nada com ele no banheiro. E quando ele entrou debaixo do chuveiro antes que estivesse quente, não sabia por que estava se apressando. Essa sua esposa iria puxar sua coleira até que ele estivesse de volta ao trono, empurrando papeis.

Com essa perspectiva pairando sobre sua cabeça? Ele devia estar lavando a mão na pia e usando o secador de uma senhora para se secar...

A princípio, ele não tinha certeza do que ouvia. Entretanto, sobre o barulho do chuveiro, ele reconheceu a ânsia de vômito.

Ele pulou para fora do Box de mármore tão rápido, que quase caiu no chão escorregadio. — Beth! Beth.

— Eu estou bem, — ela disse do canto.

Correndo até o espaço separado do vaso sanitário, ele estendeu as palmas das mãos e sentiu ao redor, encontrando sua companheira em seus joelhos na frente do vaso, uma mão segurando seu cabelo, a outra apoiando no vaso.

— Eu vou chamar a Dra. Jane.

— Não, você não vai.

Ela foi interrompida por uma série de suspiros, e enquanto ele permanecia de pé acima dela, queria ser o único a atravessar o ofego e o esforço.

— Dane-se, — ele murmurou, cambaleando para frente quando foi até o telefone da casa.

Só que tocou antes que ele pudesse pegar a coisa e marcar a extensão da clínica. Merda, talvez a mulher de V estava lendo mentes, também, agora.

— Jane?

— Ah, não, meu senhor, é Fritz.

— Oh, escute, você podia me trazer...

— Wrath, pare com isso. Eu estou bem, — disse Beth diretamente atrás dele.

Ele se virou. O cheiro de sua esposa certamente não sugeria uma emergência de saúde e o tom dela estava irritado, não entrou em pânico. — Ah...

— Quem eu posso trazer para o senhor? — O mordomo perguntou na extensão.

Beth cortou a conversa novamente: — Wrath, sério. Não aborreça a mulher, certo? Não está acontecendo nada.

— Então por que você estava vomitando?

— Desculpe-me? — Fritz disse. — Meu Senhor?

— Não você, — Wrath murmurou. — E ou ela vem aqui ou...

— Tudo bem, tudo bem, eu vou até a clínica, – Beth murmurou. — Deixe-me me vestir.

— Eu vou com você.

— Eu tinha a sensação de que você ia.

Soltando um palavrão, ele perguntou-se como no inferno iria passar por isso, se ela estivesse grávida, nesse caso iria morrer de medo por quanto tempo? Dezoito meses? Ou se ela não estivesse, nesse caso ele iria ter que ajudá-la a passar por sua decepção.

Ou... Merda, ela podia perder o bebê, também.

Essa era a terceira opção, oh, Deus, agora ele sentia vontade de vomitar.

— Obrigado, Fritz, – ele disse, — Eu descerei.

— Meu Senhor, eu só queria que o senhor soubesse que haverá trabalhadores em casa essa noite.

— Trabalhadores?

— Para a sala de bilhar. O dano... Era bastante extenso. O piso deve ser inteiramente substituído, embora a boa notícia seja que os artesanos originais estão disponíveis. Contratei-os para que venham, e em coordenação com Tohr. Ele estava indo para discutir isso com o senhor.

— Há muita coisa acontecendo.

— Mas não se preocupe, senhor. Temos medidas de segurança adequadas no lugar. Os trabalhadores foram verificados a fundo pelo Vishous, e os Irmãos estarão à disposição para supervisionar. Receio que não havia outra opção, assumindo que queremos usar o espaço novamente.

— Isso é bom. Não se preocupe com isso.

— Obrigado, meu Senhor.

Quando Wrath desligou, ele se reorientou sobre o problema de sua fêmea. Marchando para o armário, ele puxou sua calça de couro e uma camiseta.

— Vamos, — ele anunciou quando colocou a coleira cabresto de George na frente.

— Wrath, eu vou ficar bem... — houve uma pausa. — Oh, merda.

Seus passos passaram por ele, e voltou para o banheiro.

Calmamente, Wrath voltou ao telefone e pediu ao mordomo para ligá-lo com a Dra. Jane.

Foi um pouco difícil argumentar com o marido sobre a visita de um médico quando Beth não podia ficar com a cabeça fora do vaso. Toda vez que ela pensava que a náusea havia terminado, e ficava de pé, voltando para o quarto... Dois minutos mais tarde, ela estava de joelhos novamente no chão de mármore, vomitando absolutamente nada.

— Eu não preciso me deitar, — ela reclamou quando olhou para o teto sobre sua cama.

Quando Wrath não respondeu, ela virou a cabeça no travesseiro e lançou um olhar em sua direção. Ele estava sentado na beirada do colchão, ombros definidos, mandíbula travada, enorme corpo imóvel como uma pedra.

— Eu estou bem, — ela adicionou.

— Uh-huh.

— Vai ser um longo par de meses se nos preocuparmos com cada pequena pontada.

— Você acabou de tentar vomitar seu fígado.

— Eu não fiz.

— Então você estava trabalhando em seu pâncreas?

Ela cruzou seus braços sobre seu tórax.

— Eu posso sentir você olhando para mim, — Wrath disse.

— Bem, eu estou. Isso é ridículo.

A batida na porta era tranquila. Assim como o... — Olá?

— Entre, — Wrath disse enquanto se levantava. Esticando sua mão para fora, ele esperou Dra. Jane vir até ele.

— Ei, você dois, — a fêmea disse ao entrar... e diminuiu a velocidade ao olhar ao redor da suíte. — Deus querido, olha esse lugar.

— Exagerado, certo? — Beth disse.

— É real? — Jane respirou quando ela apertou a mão de Wrath. — Eu quero dizer, como... Os rubis e as esmeraldas. Nas paredes?

— Sim, eles são reais. — Wrath deu de ombros como se não fosse grande coisa. — Eles faziam parte do tesouro recuperado do Antigo País. Darius os instalou aqui.

— Bonito papel de parede extravagante. — Dra. Jane enfocou em Beth e sorriu quando se aproximou toda profissional de negócios. — Então, eu entendi que você esteve doente.

— Eu estou bem.

— Não, ela não está, — Wrath cortou a conversa.

— Sim. Eu estou.

Dra. Jane colocou sua maleta antiquada na mesa de cabeceira e pigarreou. — Bem, talvez possamos apenas ver como você está. Você pode me dizer o que aconteceu?

Beth deu de ombros. — Eu vomitei...

— Umas duas dúzias de vezes, — Wrath interrompeu.

— Não foram duas dúzias de vezes!

— Tudo bem, três dúzias...

Dra. Jane levantou ambas as mãos e olhou para trás e para frente. — Um... Você sabe o que eu gostaria de fazer se estiver tudo bem para você, Wrath? Que tal

eu conversar com sua companheira cara a cara... Eu não estou excluindo você. Eu só acho, talvez, que as coisas irão um pouco melhor se ela e eu tivéssemos um segundo sozinhas?

Wrath colocou as mãos nos quadris. — Ela vomitou. Pelo menos uma dúzia de vezes. Se ela quiser adoçá-lo, tudo bem. Mas esses são os fatos.

— Tudo bem, obrigada por isso. Eu realmente aprecio isso. — A médica sorriu. — Ei, você sabe o que seria útil? Se você descesse e conseguisse um pouco de refrigerante de gengibre e cream cracker na cozinha.

Wrath olhou furioso de forma positiva. — Você está me dando trabalho para se livrar de mim.

— Como um macho vinculado, eu sei que você vai querer cuidar dela. E eu acho que, se ela está enjoada, ter essas coisas em sua barriga pode fazê-la se sentir melhor.

— Eu posso chamar Fritz, você sabe.

— Sim, eu sei. Ou você pode fazê-lo sozinho e dar para ela.

Wrath estava ali, franzindo a testa e rangendo os dentes. — Sabe de uma coisa, Jane, você está passando muito tempo com Rhage.

— Porque eu estou manipulando você? — O sorriso da médica aumentou. — Talvez. Mas se você sair agora mesmo, pode regressaaaaar antes de eu ter acabado.

Wrath ainda estava murmurando baixinho quando assobiou para George e pegou a coleira cabresto do golden. — Eu não vou demorar.

Uma advertência, mais do que qualquer coisa.

Mas ele partiu.

Dra. Jane esperou que a porta se fechasse antes de revirar os olhos. — Então. Deixe-me adivinhar, você acha que está grávida.

Beth ficou boquiaberta. — Bem, eu...

Em um tom mais suave, a médica disse, — Você não vai dar azar. Dizê-lo em voz alta não vai mudar nada, eu prometo. Eu só quero saber onde sua cabeça está.

Beth colocou as mãos em seu estômago arredondado. — Eu não sei, eu me sinto meio boba. Mas isso não é como as náuseas ou qualquer coisa que eu já conheci. É como se... Não é realmente sobre o meu estômago? É como se todo o meu corpo estivesse enjoado? E Layla vomitou assim que o aborto parou.

Dra. Jane balançou a cabeça. — Ela fez. Mas antes de irmos muito longe comparando vocês, eu quero lembrá-la de que cada gravidez é diferente. Mesmo com a mesma mulher. Dito isso, você apenas passou por sua necessidade, e talvez você esteja. Provavelmente é muito cedo para dizer, no entanto.

— Era isso que eu estava pensando. E ainda... Eu não sei... Eu sou do tipo de tomar isso como se talvez fosse um sinal. Mas, droga, talvez isso não signifique nada.

— Bem, eu vou dizer isso. O fato de que você tenha uma parte humana na mistura? Ela acrescenta outra camada de complicação que vai fazer o diagnóstico e o tratamento complicado. É por isso que eu queria ter uma conversa franca com você. Eu acho que seria uma boa ideia para você e eu termos uma ideia de como e por quem você gostaria de ser tratada se você estiver grávida. Eu ficaria mais do que feliz de ajudá-la a passar por isso, mas essa não é a minha área de especialização. Agora, Layla foi para Havers...

— Eu não posso ir lá. Wrath vai querer estar comigo durante todas as consultas, e ninguém vai acreditar que não estamos juntos, se ele aparecer comigo grávida na clínica. Quer dizer, a última coisa que precisamos é que eles nos chamem por motivos de fraude.

— Eu concordo. Então eu tenho uma ideia.

— Qual?

— Há uma ótima obstetra em Caldwell. Todo mundo falava sobre ela no hospital. Ela tem experiência em casos especiais e suas necessidades e eu acho que nós devemos pedir a Manny para entrar em contato com ela, ver se ela vai atendê-la como uma paciente particular. Entre mim e Ehlena no lado vampiro, e ela no lado humano? Com o equipamento? Vou me sentir mais confortável com tudo isso.

Beth assentiu. — Sim, isso é uma boa ideia.

— Ótimo. Vou fazer os arranjos. Enquanto isso, eu farei uma avaliação em você aqui e te dou algo para as náuseas...

— Honestamente, eu estou bem agora. Ela só parece acontecer quando eu fico em pé.

— Certo, mas me deixe verificar sua pressão arterial, ok?

— Sirva-se.

Enquanto Beth estendeu seu braço, ela teve um momento de total incredulidade. Era possível que todo aquele sexo deu resultado?

Tipo, para a sua verdadeira função biológica?

Dra. Jane deslizou o manguito de pressão arterial no lugar e a coisa fez pequenos ruídos de sopro quando foi inflado, a pressão sobre seu bíceps fazendo-a pensar sobre todas as coisas invasivas que ia acontecer com ela se ela estivesse, de fato, engravidado. Os exames de sangue. Ultrassonografias. Exames. Como alguém que tinha sido saudável durante toda a vida, ela não tinha certeza de como iria lidar com isso.

Agora não tem volta.

Houve um longo silvo quando Dra. Jane observou um pequeno medidor e ouviu através de seu estetoscópio. — Perfeito. Deixe-me verificar seu pulso. — Depois de um momento com as pontas do dedo pressionando o pulso de Beth, a doutora movimentou a cabeça. — Sim. Bom.

A médica sentou-se e ficou olhando para ela.

— Você está me dando um olhar médico, – disse Beth, de repente assustada.

— Desculpe, é um reflexo. – Dra. Jane colocou as coisas de volta em sua maleta. — O negócio é o seguinte. Eu podia ficar agressiva e coloca-la no lugar, mas sua pressão e pulsação estão ótimas, sua coloração está boa, e você não está vomitando no momento. Eu gostaria de esperar-para-ver isso... Desde que você não esteja sangrando por baixo?

— Não. Nem um pouco.

— Formidável. Contanto que você concorde em gritar se alguma coisa mudar? Vou ficar de prontidão.

— Fechado...

Wrath irrompeu pela porta, com Fritz firme em seus calcanhares.

— Oh, meu Deus, — Beth disse quando ela percebeu o monte de... Hum, um monte... Ambos estavam carregando... — Isso é uma *caixa* de refrigerante?

— Duas, — seu marido anunciou. — E nós deixamos uma de reserva no corredor.

Dra. Jane riu quando ela se levantou. — Sua esposa está bem agora. Mas ela me prometeu que vai chamar, e eu tenho a sensação de que, se não o fizer, você vai.

Wrath assentiu. — Você pode apostar nisso.

Beth revirou os olhos, mas por dentro, ela não se importava de ele ser insistente. Seu marido estava pronto para tomar conta dela... Ela estando ou não carregando o seu filho.

E isso é que era amor.

Capítulo CINQUENTA E SEIS

Depois que Wrath acompanhou Dra. Jane até a saída, ele voltou diretamente para a cama. Quando se sentou, Beth pegou sua mão e apertou-a.

— Eu vou ficar bem, — ela disse.

Deus, ele esperava.

— Você está bocejando?

— Sim. De repente estou exausta.

— Deixe-me pegar um refrigerante...

— Não. Não, obrigada... Quero apenas descansar por um minuto ou dois. Então enfrentarei a ideia de colocar algo para dentro.

— Você ainda está enjoada?

— Não. Só não quero estar. — O dedo polegar dela afagou de um lado para outro sobre a palma da mão dele. — Podemos fazer isto, Wrath. Tudo isso.

Como não queria deixar sua paranoia sair, ele acenou com a cabeça. — Sim. Tudo vai ficar bem.

Exceto que por dentro, ele não estava sentindo isso. Nem um pouco.

— Você deveria descer e trabalhar, — ela murmurou, enquanto já estava adormecendo. — Saxton ficou. Ele pode ajudá-lo a verificar os e-mails e outras coisas.

Como se a *glymera* fosse ter qualquer coisa para dizer-lhe esta noite?

Quando ele desceu para conseguir comida com Fritz, ele chocou-se com Rehvenge, que estava mais do que feliz em reportar a frustrada cerimônia da realeza de Ichan. Falando sobre seu gingado... Rehv estava alto como uma pipa vitoriosa: Os aristocratas tinham levado uma, a perna que os sustentava fora cortada na altura do joelho.

Mas não havia nenhuma razão para ser ingênuo e assumir que eles não iriam receber tudo de volta no rabo novamente.

Eles iriam apenas encontrar outro caminho para chegar até ele.

Graças a Xcor.

Cara, se ele pudesse apenas por as mãos naquele filho da puta...

— Não posso dormir assim, – Beth disse. — Com você pairando.

— Eu quero ficar.

— Não há nada para ser feito aqui. Nós estamos em modo de correr e esperar até que saibamos de uma forma ou de outra.

— Quem a alimentará quando você estiver pronta?

O tom dela ficou gentil. — Fiz um bom trabalho antes de você se aproximar.

Bem... Merda.

No fim, entendeu que ela precisava de descanso mais do que ele precisava ficar de babá de uma fêmea crescida. Depois de dar um beijo ou dois em sua boca, ele deixou George escoltá-lo da suíte e desceu as escadas. Emergindo no patamar do segundo andar, ele estancou. O último lugar que queria estar era naquele escritório...

O som de marteladas abaixo conseguiu sua atenção. O que...?

— Escadas, – ele disse ao seu cachorro.

Enquanto George o levava até o primeiro andar, os barulhos ficavam mais altos, mas eles ainda estavam abafados... E seu nariz pegou um cheiro de pó de concreto no ar. E qualquer outra coisa...

— Ei, – Rhage disse. — O que esta acontecendo?

Wrath estendeu a mão e deixou o irmão bater em sua palma.

— Nada. Como vão as coisas lá dentro?

— Tirando o chão. Temos alguns plásticos grossos na soleira da porta para manter o pó abaixo... Fritz tinha esperança que nós a deixássemos aberta, assim ele poderia limpar a manhã toda depois que eles partissem. Nós impedimos.

— Boa pedida.

Do outro lado daquele chapa, vozes de machos zombavam entre um estrondo e outro dos martelos que rachavam as pedras, a conversa casual e claramente nascida da grande familiaridade. — Quantos trabalhadores?

— Sete. Nós queremos que eles entrem e saíam tão rápidos quanto possível, porque estamos todos um pouco inquietos... John está aqui comigo.

— Ei, JM, – Wrath disse, acenando com a cabeça na direção do cheiro do macho.

— Ele disse ei... E quer saber como Beth está.

— Ela está bem. Realmente bem... Obrigado por tudo, filho.

— Ele disse, sim, o prazer foi todo dele.

Bom garoto. Transformando-se em um grande macho, pensou Wrath.

— Então, eu quero entrar e conhecê-los, – ele deixou escapar sem nenhuma razão em particular.

Houve um longo período de silêncio, durante o qual ele estava disposto a apostar que Rhage e John estavam trocando olhares e sem entenderem.

— Bom, fico contente que vocês concordaram, – Wrath murmurou enquanto instruía George.

O cachorro sinalizou que estavam chegando perto de uma barreira, e Wrath estendeu a mão, a palma encontrando um lençol duro e espesso. Soltando seu domínio sobre o cabresto, ele usou as duas mãos para afastar isso, assim ele não o rasgava das cordas acima.

As vozes imediatamente pararam.

Com exceção daquela respiração, — Santa... *Merda*.

De repente houve um movimento ruidoso, como se ferramentas estivessem sendo jogadas no chão... E então um sussurro.

Quando sete machos de considerável tamanho apenas caíram de joelhos.

Por um momento, os olhos de Wrath lacrimejaram por trás de seus óculos esportivos.

— Noite, – ele disse, tentando ser casual. — Como está indo o trabalho?

Nenhuma resposta. E ele podia sentir o cheiro da atordoada descrença... Que era como cebolas refogadas, não completamente desagradáveis.

— Meu senhor, – veio uma saudação baixa. — É uma grande honra estar em sua presença.

Ele abriu a boca para levar aquilo... Exceto que à medida que inalou, percebeu que era a verdade. Para cada e todos eles. Eles estavam honestamente temendo e dominados.

Em uma voz rouca, ele disse, — Bem-vindos a minha casa.

Quando John passou por debaixo do lençol e permaneceu atrás de Wrath, tudo o que pode pensar foi, sobre a porra do tempo.

Os sete trabalhadores estavam todos ajoelhando em um joelho, suas cabeças curvadas, seus olhos olhando para cima como se Wrath fosse o sol e eles não pudessem olhar fixamente para ele por muito tempo.

Então o Rei falou, e as quatro simples palavras que saíram de sua boca foram transformadoras, os trabalhadores olharam para cima como uma coisa sem igual... Uma espécie de adoração.

Wrath fez como se estivesse olhando ao redor.

— Então, quando vocês acham que isso vai acabar?

Os machos olharam de um lado para outro, e então o mestre de obras, o sujeito que apresentou os trabalhadores um por um, enquanto eles ainda estavam reverenciados, falou.

— Nós vamos começar a quebrar o chão. E colocar um novo.

Mais uma olhada de um lado para outro... Enquanto Wrath apenas continuava a balançar seus óculos esportivos da esquerda para a direita, como se dando uma olhadinha.

— O senhor prefere... — O mestre de obras pigarreou como se estivesse aflito.
— O senhor prefere outra equipe?

— O quê?

— Nós desagradamos nosso senhor de alguma maneira para trazê-lo aqui?

— Deus, não. Estava apenas curioso. Isto é tudo. Não sei nada sobre construção.

O mestre de obras olhou para cada um de seus machos.

— Bem, isto é porque está abaixo de você, meu senhor.

Wrath riu em uma explosão severa. — O inferno que está. É trabalho honrado. Não há nenhuma vergonha nisso. Então quais são seus nomes?

Os olhos do mestre de obras se arregalaram, isto era a última coisa que ele esperava. Entretanto ele ergueu-se do chão e pegou seu cinto de ferramentas.

— Eu sou Elph. Este aqui é... — Ele voou pelas apresentações rapidamente.

— Vocês todos têm famílias? — Wrath perguntou.

— Eu tenho uma filha e uma companheira, — Elph disse. — Embora minha primeira *shellan* tenha morrido de parto.

Wrath colocou a mão no coração como se tivesse sido atingido por algo.

— Oh, caralho. Eu sinto muito.

O mestre de obras piscou para o Rei.

— Eu... Obrigado, meu senhor.

— Quanto tempo atrás faz que você a perdeu?

— Doze anos. — O macho limpou a garganta. — Doze anos, três meses, dezessete dias.

— Como está sua filha?

O mestre de obras sacudiu os ombros. Então balançou a cabeça. — Ela está bem...

O de trás, que tinha dito o *santa merda*, falou mais alto.

— Ela é parálitica. E é um anjo.

O olhar que ele recebeu de seu superior foi imediato... Como se o sujeito não quisesse incomodar Wrath.

— Ela está bem, — ele cortou a conversa.

— Parálitica? — Wrath pareceu empalidecer. — De nascimento?

— Ah... Sim. Ela foi ferida. Ela nasceu sem ajuda. Apenas eu, que não era de nenhuma ajuda.

— Onde caralho estava Havers?

— Nós não conseguimos chegar à clínica.

O nariz de Wrath chamejou. — Você está mentindo para mim.

As sobrancelhas do mestre de obras se ergueram em choque. — Não foi culpa de ninguém, meu senhor. Com exceção da minha.

— Pensei que você fosse construtor. Ou você foi para a escola de medicina?

— Não fui.

— Então como foi sua culpa? — Wrath balançou a cabeça tristemente. — Sinto muito. Olhe, estou contente que sua filha sobreviveu.

— É minha maior bênção, meu senhor.

— Sem dúvida. E sei que você sente falta de sua companheira como o inferno.

— Toda noite. Todos os dias. Embora minha segunda *shellan* me faça continuar.

Wrath assentiu como se soubesse exatamente onde o macho estava.

— Eu entendo isso. Entendo isso perfeitamente. Algo similar aconteceu com meu irmão, Tohr.

Houve uma longa pausa. Então o mestre de obras disse devagar, — Não sei o que mais dizer, meu senhor. Além de que o senhor nos honrou muito com sua presença.

— Você não tem que dizer nada. E eu deveria deixá-los em paz. Estou começando a tomar o tempo de vocês. — Wrath ergueu sua mão da adaga em uma onda casual. — Até mais tarde.

Quando o plástico caiu de volta no lugar atrás do Rei, os trabalhadores estavam mudos.

— Ele sempre é assim? — O mestre de obras perguntou entorpecido.

Rhage assentiu. — Ele verdadeiramente é um macho de valor.

— Não pensei que ele seria... Assim.

— Assim como?

— Tão acessível.

— Baseado em quê?

— Os rumores. Eles dizem que ele é indiferente. Intocável. Desinteressado das pessoas como nós. — O mestre de obras se sacudiu como se não pudesse acreditar que ele disse isso em voz alta. — O que quero dizer é...

— Não, tudo bem. Eu posso imaginar de onde isso vem.

— Ele parece com o pai dele, — o mais velho atrás disse. — Escarrado e cuspidor.

— Você o conheceu? O pai de Wrath? — Rhage perguntou.

O macho mais velho assentiu.

— E vi os dois juntos uma vez. O Wrath mais jovem estava com cinco anos. Ele sempre permanecia ao lado de seu pai, quando o Rei tinha audiência com os cidadãos. Tive uma disputa de propriedade com meu proprietário que era da *glymera*. O Rei cuidou de mim sobre aquele aristocrata, eu digo a você. — Um ar de tristeza superou a aura inteira do macho. — Lembro quando o Rei e a rainha foram mortos. Nós estávamos certos que o herdeiro tinha sido sacrificado também, quando soubemos do contrário... Wrath já tinha ido embora.

— Ouvi que ele foi baleado recentemente, — o mestre de obras disse para Rhage. — Isso é verdade?

— Nós não falamos sobre isto.

O mestre de obras se curvou. — Claro. Perdoe-me.

— Como eu disse, tudo bem, não se preocupe. Vamos, JM, vamos deixar esses caras trabalharem.

Quando John movimentou a cabeça, Rhage completou, — Apenas nos diga se precisarem de qualquer coisa.

John seguiu o Irmão, entretanto parou na divisão entre os lençóis. Os trabalhadores estavam ainda olhando fixamente para onde Wrath esteve parado e conversou com eles, como se estivessem repassando tudo de novo. Como se eles tivessem sido testemunhas de um evento histórico.

Saindo, ele perguntou-se se Wrath estava ciente do efeito que causou neles.

Provavelmente não.

Capítulo CINQUENTA E SETE

Quando Anha se sentou em frente a sua penteadeira, ela não tinha nada mais que a sombra de um prolongado cansaço de seu episódio: A cada noite que passava, estava se sentindo mais ela mesma, seu corpo se recuperando, sua mente se reafirmando.

Mas tudo mudou.

Em primeiro lugar, a Irmandade se mudou para a câmara ao lado. Todos os doze deles. E eles se revezavam em serviço, assim a porta do espaço privado dela e de Wrath nunca ficava desprotegida.

E então havia a comida. Wrath se recusou a deixá-la comer qualquer coisa que ele ou os Irmãos não provassem pessoalmente primeiro... Depois de bastante tempo de um período de espera.

E então havia a preocupação no rosto de seu hellren, toda vez que o pegava desprevenido.

Falando de preocupação, onde ele estava?

— Seu Rei deve retornar em breve.

Ela ofegou e espiou sobre o ombro. Tohture estava sentando no canto, “lendo” um livro de sonetos. Na verdade, ela não achava que ele prestasse atenção nos símbolos afinal. Ao invés disso, seus olhos estavam nas janelas bloqueadas, na porta, nela, nas janelas, na porta, nela. Algumas ocasiões, ele quebrava o ritmo falando com um de seus Irmãos ou saboreava a comida que era preparada em sua lareira.

— Onde ele foi? — Ela perguntou uma vez mais.

— Ele deve retornar logo. — O sorriso era para ser reconfortante. A sombra em seu olhar certamente não era.

Anha estreitou os olhos. — Ele não explicou nada disso.

— Está tudo bem.

— Não acredito em você.

O Irmão apenas sorriu para ela daquele jeito dele, não lhe dando nada para continuar.

Anha derrubou a escova e virou-se completamente.

— *Ele pensa que eu fui envenenada, então. Caso contrário, por que esta proteção. A culinária. A preocupação.*

— *Está tudo bem.*

Assim que ela ergueu as mãos frustrada, a porta se abriu...

Ela saltou de pé tão rápido, que sua penteadeira cambaleou, frascos e potes caindo.

— *Querida Virgem Escriba! Wrath!*

Erguendo suas saias, ela correu descalça através do chão de carvalho pelo horror diante dela: Suspenso entre os braços de dois Irmãos, seu companheiro estava sangrado em todos os lugares, a frente de sua bata manchada, de seu lábio cortado e de seu rosto contundido, suas juntas pingavam sobre o tapete, sua cabeça pendia mole como se ele não pudesse mantê-la erguida.

— *O que fizeram com ele! – Ela gritou quando a porta da câmara foi fechada e bloqueada.*

Antes que pudesse se impedir, ela bateu nas pessoas que o seguraram, seus punhos não causando nenhum impacto naqueles que o manobraram para cima da plataforma da cama.

— *Anha... Anha detenha-se... – Quando eles deitaram Wrath, ele ergueu a mão esquerda. – Anha... Detenha-se.*

Ela queria apertar a mão dele e agarrar-se nele, mas ele parecia machucado em todos os lugares.

— *Quem fez isto com você!*

— *Eu pedi a eles.*

— *O quê?*

— Você me ouviu corretamente.

Recostando-se, ela achou que agora tinha vontade de bater nele também.

A voz de Wrath estava tão fraca, que ela se perguntou como ele ainda estava consciente.

— Há um trabalho que precisa ser feito. Por minhas próprias mãos. — Ele dobrou-se e estremeceu. — Nenhum outro será suficiente.

Anha olhou para seu companheiro... E então fez o mesmo para os machos reunidos, como também para as pessoas que tinham acabado de chegar, entrando claramente depois que ouviram os gritos.

— Você deve se explicar agora mesmo, — ela grunhiu. — Todos vocês. Ou vou me retirar deste quarto.

— Anha. — A voz de Wrath estava alterada e ele estava respirando com dificuldade. — Seja racional.

Ela levantou-se e pôs as mãos nos quadris.

— Estou arrumando minhas coisas se alguém entre vocês não falar comigo.

— Anha...

— Fale ou eu vou arrumar as coisas.

Wrath exalou uma maldição irregular.

— Não há nada com que se preocupar...

— Quando você entra em nossa câmara de emparelhamento parecendo como se tivesse sido atingido por uma carruagem, isto é minha preocupação! Como ousa me excluir disto!

Wrath ergueu a mão como se fosse esfregar o rosto e então fez uma careta quando o contato foi feito.

— Acredito que seu nariz está quebrado, — ela disse sem rodeios.

— Entre outras coisas.

— Realmente.

Wrath finalmente olhou para ela.

— Devo vingá-la. Isto é tudo.

Anha se ouviu ofegar. E então seus joelhos enfraqueceram e ela se deixou cair na plataforma da cama. Ela não era ingênua, e ainda a confirmação do que suspeitava foi um choque.

— Então isto é verdade. Eu fui envenenada.

— Sim.

Rastreando os danos feitos a seu hellren com outros olhos, ela balançou a cabeça. — Não, não devo permitir isto. Se você precisa ter uma vingança forjada, deixe um destes machos capazes fazê-lo.

— Não.

Ela olhou para a pesada mesa esculpida do outro lado, que eles recentemente moveram para cá, em que ele esteve sentado feliz por horas e horas, governando, pensando, planejando. Então considerou seu rosto disforme.

— Wrath, você não está apto para deveres violento, – ela disse com voz rouca.

— Eu devo estar.

— Não. Eu o proíbo.

Agora ele olhou para ela. — Ninguém comanda o Rei.

— Com exceção de mim, – ela respondeu suavemente. — E nós dois sabemos disto.

Com aquilo houve uma risada suave no quarto... De respeito.

— Eles fizeram o mesmo com meu pai, – disse Wrath com voz morta. — Exceto que o envenenaram ao ponto de matá-lo.

Anha levou a mão até a garganta. — Mas não... Ele morreu de causas naturais...

— Ele não morreu. E como filho, sou obrigado a corrigir o erro... Como também o seu. – Wrath enxugou o sangue de sua boca. — Escute-me agora, minha

Anha, e ouça esta verdade claramente... Não devo ser castrado nisto por você ou qualquer um. A alma de meu pai me assombra agora, caminhando pelos corredores de minha mente, conversando comigo. E você irá fazer o mesmo se eles finalmente tiverem sucesso em colocá-la em seu tumulo. Estou predestinado a viver assim nesta geração. Não espere que eu faça o mesmo com a seguinte.

Ela se debruçou com urgência. — Mas você tem a Irmandade. É isso o que eles são, para que servem. Eles são seus guardas particulares.

Enquanto ela implorava para seu companheiro, o enorme peso e numerosos machos pressionaram-se sobre ela... No melhor sentido.

— Comande-os, — ela implorou. — Mande-os para o mundo para exigir esta dívida.

Sua mão ensanguentada ergueu-se, e ela pensou que fosse para apertar a dela. Ao invés disso, descansou em seu vestido, sobre seu corpete... Em seu útero.

— Você está com um bebê, — ele disse asperamente. — Posso sentir o cheiro dele.

Ela tinha pensado o mesmo também, embora por razões diferentes.

O olho funcionando de Wrath encontrou o seu.

— Então não posso permitir que outros façam o que é meu dever. Ainda que eu possa considerar que você ache que sou tão fraco... Nunca poderia olhar no rosto de um filho ou uma filha com a consciência de que não tive coragem de cuidar de minha linhagem.

— Por favor, Wrath...

— Que tipo de pai eu seria então?

— Um que estaria vivo.

— Por quanto tempo, entretanto. Se eu não proteger o que é meu, isto será levado de mim. E não perderei minha família.

Derrotada, Anha sentiu as lágrimas caírem por seu rosto, queimando por todo o caminho.

Soltando a testa no diamante negro do anel ensanguentado do Rei, ela lamentou.

Em seu coração, ela sabia que ele estava certo... E odiou o mundo em que eles viviam... E iriam colocar um bebê neste mundo.

Capítulo CINQUENTA E OITO

No centro da cidade, no coração urbano de Caldwell, Xcor pegou velocidade em uma ruela, suas botas de combate batiam contra a suja água salgada, o ar frio batendo em seu rosto, as sirenes distantes e gritos ofereciam um tipo de narração de uma batalha.

Mais adiante, o assassino era tão rápido quanto ele. O bastardo não estava tão bem armado, no entanto... Especialmente depois de ter descarregado sua arma, e em seguida, numa crise de quinze anos de idade, ter lançado o carregador automático para Xcor.

Grande movimento. Com direito a chorar por sua mamãe.

E então a perseguição começou.

Xcor estava de acordo em permitir que o *lesser* testasse sua falta de coração. Desde que toda esta corrida não o levasse ao tipo de complicação da noite anterior.

Não tinha interesse em outro ser humano.

Depois de alguns quilômetros, o assassino chegou ao final da rua... Com o qual se viu obrigado a encenar um vídeo musical, lançando seu corpo em um muro de vinte metros de altura e começando a escalar com desenvoltura admirável.

Por outro lado, o Omega lhe dava uma espécie de super poderes depois de sua introdução.

Não que fosse salvá-lo.

Xcor deu três passos e saltou, lançando seu corpo no ar, seu peso indo para cima e aterrissando nas costas do assassino golpeando-o com um movimento parecido ao de esgrima. Bloqueando-o e puxando com força, se esgrimiu no ar, girando de tal maneira que caíram com Xcor por cima.

Sua espada gritava para sair e brincar. Mas em lugar de liberá-la, tirou seu pequeno primo da cintura.

A faca tinha a lâmina de aço e o cabo de borracha, e sentia-se como uma extensão de seu braço quando a ergueu sobre o ombro.

Agora, poderia terminar isto rapidamente atingindo o centro de seu peito. Mas onde estava a diversão nisto? Golpeando seu rosto de lado, atingiu a orelha arrancando-a...

O grito resultante foi uma espécie de música, ecoando em seus ouvidos.

— O outro lado. — Ele grunhiu, forçando a cabeça se virar. — Precisa combinar.

A lâmina assobiou pela segunda vez no ar, a precisão de Xcor era exata, tocando apenas a orelha. E a dor era o suficiente para incapacitar sua presa... Bem, isso e o fato de que com certeza o assassino sabia que o que viria seria muito pior.

O medo tinha uma maneira de paralisar as pessoas.

E os mortos vivos tinham razão para sentirem-se aterrorizados.

Com uma série rápida de cortes, Xcor abriu caminho pelo corpo, golpeando a lâmina profundamente em cada ombro para cortar os tendões e incapacitar o torso... E então as partes atrás dos joelhos.

Sentando-se, ele observou as contorções e aspirou o cheiro... Assim como os que sofrem: Ser a causa da dor alimentou sua fera interior, uma refeição para o lado mau dele... Que apenas o deixou faminto por mais.

Era hora de ser um pouco mais invasivo. Decidiu cortar o pé esquerdo... Lentamente. Com a metade da força, cortou uma, duas... Três vezes antes da lâmina cortar completamente. O pé direito teve o mesmo tratamento vagaroso.

Em meio a seu trabalho, sua mente saiu de seus pensamentos que tinha certeza serem ainda mais depravados.

Ele não parava de pensar no prazo final de Wrath. Tyhm, o advogado, fez uma avaliação posterior do documento de emparelhamento e sua dissolução foi considerada legal... Mas Xcor sabia o que aconteceu.

Não venha dizer-lhe que o Rei não havia assinado na linha tão logo o pergaminho caiu sobre o seu escritório.

Movendo-se sobre o joelho, retomou seu trabalho, e o ritmo o lembrou do seu antigo país, quando cortava madeira para cuidar da frustração.

A pergunta era: até que ponto este pedaço de papel iria? O Rei realmente teria se afastado de sua companheira?

Era um casamento por amor.

Ao ouvir a voz da Escolhida em sua cabeça, uma onda de poder tomou conta dele... Enquanto trabalhava nas coxas do *lesser*. Não mais se contendo, lançou seus músculos ao trabalho, golpeando através da pele e ossos, o sangue negro caindo em seu rosto, suas presas descobertas.

O assassino arranhava a neve até o pavimento, as unhas cortando o asfalto quando os gritos secaram sua garganta, sua respiração ofegante, a adrenalina percorrendo seu coração, deixando-o inconsciente.

Mas ele não iria morrer desta maneira.

De fato, apenas havia uma maneira de matá-lo.

Xcor reduziu o *lesser* em pedaços, deixando apenas a cabeça presa ao torso, as piscinas de sangue negro se formando sob os quatro pontos onde se uniam suas extremidades.

Quando não havia nada mais para cortar, Xcor se sentou nos calcanhares e respirou fundo. Não era tão divertido agora que o assassino estava todo comprometido. O sofrimento estava ainda lá, mas não era tão óbvio.

No entanto, ele não queria colocar fim a sua obra. Como um viciado que se aferra a algo que já não existe para satisfazer suas necessidades, ele no entanto não podia terminar as coisas.

Quando seu telefone tocou e foi para caixa de voz, estava decidido a ignorá-lo. Não queria ouvir as queixas de Ichan... O aristocrata vinha deixando mensagens uma atrás da outra, tentando recuperar seu quase trono. E logo havia Tyhm, que também ligou.

A pequena conspiração deles falhou, contudo... A mente de Xcor ainda tinha que pensar na próxima abordagem.

Erguendo a faca no ar, logo enterrou a lâmina de aço do lado direito do peito vazio... E imediatamente teve que se afastar para proteger os olhos e o rosto da brilhante luz e onda de calor.

Quando foi golpeado pelo impacto, seu telefone começou a tocar novamente.

— Maldição. — Colocando a mão dentro de seu casaco, tirou o dispositivo irritante. — *O quê?*

Houve uma pausa. E então a voz mais doce que ele já havia ouvido entrou em seus ouvidos.

— Estou esperando por você.

Xcor balançou, apesar de estar quase prostrado no chão. Fechando seus olhos, ele exalou. — Estou a caminho.

— Você não veio antes quando disse que viria.

Mentira. Assim que pode se desprender dos Bastardos, ele se materializou até a árvore de bordo... E encontrou as pegadas de Layla na neve. Ela deve ter retornado a seu ponto de encontro agora, entretanto.

— Havia coisas que eu não podia deixar passar. — Esta maldita reunião. O mal estar depois. — Mas já não é mais assim. Tenha certeza.

Queria ficar no telefone com ela, mas desligou. Levantando-se, olhou para baixo e reconheceu que parte de sua raiva era porque havia perdido a oportunidade de ver sua...

Abruptamente, amaldiçoou. Os membros que cortou em pedaços não foram incinerados.

Ele não iria limpar nada esta noite, no entanto. Qualquer humano que encontrasse os restos poderia apreciar seu trabalho.

Imaginando o norte, ele dispersou a si mesmo no vento... E voltou a formar-se no prado. Imediatamente a viu, de pé sobre um árvore gigante, seu rosto pálido brilhando a luz da lua.

Depressa, ele tentou se desmaterializar até ela, muito impaciente para superar a distância a pé. Mas sua mente estava muito confusa para ele se concentrar

o suficiente. Pela esquerda cruzou a distância fisicamente, começou a caminhar, mas logo estava correndo... Como uma máquina em pleno funcionamento.

Ela era a única meta que importava neste momento, e quando chegou ante ela, estava sem fôlego. Fora de sua mente.

Apaixonado.

Layla levou uma mão a seu nariz.

Quando Xcor aproximou-se, o cheiro que o circundava era vil, tão doce que ela sufocou. E ele notou sua reação imediatamente, escondendo suas mãos ensanguentadas nas costas, afastando-se contra o vento.

— Perdoe-me. — Ele disse com voz rouca. — Eu estava no campo.

Como não havia nada que indicasse que o sangue era de sua espécie, ela suspirou com alívio. — Nosso inimigo?

— Sim.

— Então foi justo e correto.

Quando seus olhos chamejaram, ela balançou a cabeça. — Eu não tenho nenhum problema com sua defesa de nossa raça.

— Isto é refrescante.

Ela tentou imaginá-lo lutando... E instituiu que não era difícil no mínimo. Com seu grosso pescoço e ombros gigantescos, ele foi criado para a violência. E, no entanto, inclusive com o fedor dos assassinos sobre eles, ela não tinha medo.

— Eu esperei na neve por você. — Ela sussurrou.

— Me preocupa que tenha feito isto.

— Está feito. O Conselho sabe sobre Wrath, quero dizer.

Ele estreitou seus olhos. — De modo que é por que isso que veio aqui? Para se regozijar?

— Não, não por isso. Simplesmente esperava...

Quando ela não terminou, ele cruzou seus braços, seu peito parecendo maior. — Ponha isto em palavras.

— Você sabe exatamente sobre o quê estou falando.

— Eu quero ouvir as palavras.

— Deixe Wrath em paz.

Xcor afastou-se dela, caminhando de um lado para outro. — Responda-me uma coisa.

— Qualquer coisa.

— Esta não é uma resposta segura para você, Escolhida. — Ele olhou por cima, seus olhos reluzindo na escuridão. — De fato, esta reunião não é segura para você.

— Você não me machucará.

— Tanta fé você coloca em um monstro.

— Você não é um monstro. Se fosse, teria me matado aquela noite no carro.

— Minha pergunta é. — Ele disse. — Wrath se separou de verdade de sua mulher? Você pode tentar mentir para mim, mas saberei a verdade.

Talvez não, Layla pensou. Porque praticou sua resposta a este inquérito. Por horas.

Encontrando seus olhos, ela disse sem qualquer emoção: — Sim, ele o fez. O anúncio foi precedido, mas é verdade. Ele desistiu de seu único amor para tentar manter o que você tenta roubar dele.

Horas na frente do espelho. Ela se sentou em seu banheiro, no pequeno banco acolchoado, sob o clarão de tantas luzes quantas ela pode acender, repetindo aquelas palavras inúmeras vezes. Até que as decorou... E seu significado se perdeu e transformou-se em apenas sílabas. Até ela poder falar sem vacilação ou tropeção.

E ela sabia que falar parcialmente a verdade, dava-lhe mais credibilidade.

— Tal sacrifício. — Ele murmurou.

Ele, também, não revelou nada.

Passou-se um longo, longo silêncio... Cheio de batidas de seu coração.

— Deixe esta busca ímpia para trás. — Ela disse. — Por favor.

— E sua oferta anterior. Ainda permanece?

Ela engoliu forte. Em muitos níveis, ela não podia imaginar fazer sexo com ele. Ele era um inimigo como a *Sociedade Lessening*... E de fato, uma parte dele era monstruosa. Além disso, ela nunca imaginou trocar seu corpo por algo.

E ela não era ingênua. Sim, sentiu uma atração por ele quando chegou até ela e a encontrou naquele carro. Mas isto era um acordo de grandes proporções.

Layla levantou seu queixo. — Sim. Permanece.

— E se eu concordar com suas condições, eu teria que esperar pelo nascimento da criança? Ou poderia tomá-la imediatamente.

Neste momento, o ar mudou, uma especiaria escura acendeu-se e ultrapassou o fedor que lhe havia feito mal.

Suas mãos foram para seu ventre, um terror súbito apoderou-se dela. E se ela colocasse em perigo a criança dentro dela? Mas as outras Escolhidas continuavam tendo relações com o Primale, não continuavam? Não seria prejudicial.

— Você pode me ter sempre que desejar. — Ela finalmente disse.

— E se eu quisesse aqui e agora. No frio. De pé, completamente vestido.

Seu coração trovejou, seu peito se apertando ao reconhecer sua excitação... E sentiu medo. No entanto, ela se manteve firme, permanecendo em ligação com o fato de que ela tinha algo que ele queria, e com esta realidade, havia uma possibilidade de Wrath e Beth e qualquer criança que eles pudessem ter estariam a salvo.

— Eu faria isto. — Ela se ouviu dizer.

— Tudo isso por seu Rei.

— Sim. Por ele.

Xcor sorriu, mas sem calor ou humor. — Vou considerar suas condições. Encontre-me aqui amanhã, a meia noite... E eu darei minha resposta.

— Pensei que fosse para isso que me chamou aqui esta noite.

— Eu mudei de ideia.

Ela esperou ele se desmaterializar. Ao invés, ele virou de costas e caminhou até onde estava quando chegou, seus passos largos pesados aumentando a distância entre eles.

Fechando seus olhos, ela...

— O que você disse para ele? — Uma voz exigiu atrás dela.

Capítulo CINQUENTA E NOVE

Trez decidiu dar uma basta naquele absurdo.

Enquanto ele voltava a se desmaterializar no Grande Acampamento de Rehv, ele estava pronto para confessar tudo, estabelecer a conversa, consertar as coisas com a sua Escolhida. Ele e Selenia estiveram dando voltas entre si por tempo suficiente, e agora que ele tinha um pouco de espaço para respirar... Pelo tempo que durasse... Ele tinha que fazer a situação com aquela fêmea a sua prioridade.

Junto com o apetite de s'Ex, é claro.

Putaquepariu. Aparentemente aquele assassino usou as meninas tão duro que elas foram incapazes de trabalhar hoje à noite. Ele recebeu textos de todas as três... E a boa notícia foi que, pelo menos elas, não pareciam se arrepender de porra nenhuma: Cada uma delas perguntou se podiam ver o assassino novamente.

Nesse ritmo, elas estariam lhe pagando para ver aquele filho da puta.

Droga, elas ainda não tinha levantado a questão do dinheiro que ele tinha concordado em pagar-lhes por seus esforços.

Reassumindo sua forma em seu lugar habitual no gramado lateral, ele ficou aliviado ao ver uma luz acesa no quarto dela... E em nenhum outro lugar. Graças a Deus. Entrando na casa pela entrada dos fundos da cozinha, ele não chamou o nome dela, nem fez um som. Em vez disso, ele andou pela casa vazia, circulando até a base da escada, subindo de uma maneira que nenhuma das tabuas rangeu.

No andar superior, ele foi para a esquerda, e quando chegou à porta parcialmente fechada, podia sentir aumentar o aperto em seu peito.

— Selenia...?

Seu cheiro estava no ar; ele sabia que ela estava lá.

— Selenia? – Ele empurrou a porta um pouco mais, e foi então quando ouviu o som da água corrente.

Ele teve que abaixar a cabeça sob o batente da porta para entrar, e quando ele foi para a esquerda novamente, ele sentiu a umidade no ar, e o calor...

Oh... Cara.

Encontrou-a na banheira. Cabeça inclinada para trás enrolada em uma toalha, o corpo esticado em uma profunda piscina de águas claras, as mãos descansando sobre os lados da antiga banheira de porcelana.

— Eu podia ter me levantado, – ela disse sem se preocupar em abrir os olhos.
— Mas eu queria que você me visse nua.

Trez limpou a garganta com uma tosse... O que você fazia quando alguém batia no seu plexo solar. — Ah... A gente pode conversar?

— Eu acho que nós conversamos. — Suas pálpebras se levantaram e ela olhou para ele. — Ou há mais?

Com isso, ela moveu suas pernas, a água ondulou sobre aquele corpo incrível, suas curvas ampliadas como se ela estivesse se movendo... Seus mamilos úmidos e deixados ao ar.

— Há mais, – ele resmungou enquanto passava a língua nos lábios.

— Então certamente, arrume uma cadeira. A menos que você queira se juntar a mim.

Fodido *inferno*. — Existe uma maneira em que eu consiga que você saia daí. E vestida?

— Se você quiser isso mesmo, de qualquer jeito, me obrigue.

Sim, porque colocar as mãos sobre ela pelada ia ser uma tão graaaande ajuda.

Xingando baixinho, Trez se aproximou e pegou uma cadeira... Porque no final, ele estava com medo de que se ficasse de pé tropeçasse e caísse dentro dela. Literalmente.

Quando ele se sentou, ele colocou as mãos no rosto e esfregou com força... E então tudo o que ele podia fazer era ficar assim.

A água fez um tinido como se ela estivesse se sentando. — Trez? Você está bem?

— Não.

Foram tantos os penhascos em sua via, quando as coisas que ele fizera ou fizeram com ele tinham voltado para mordê-lo na bunda. Nunca gostei disso.

— Trez? — Quando ele não a respondeu, ela disse, — Você está me assustando.

— Eu estou... — Caramba porra, por onde começar. — Selenia, me desculpe.

— Por quê? — A tensão era espessa em sua voz. — Pelo que você está se desculpando?

A vergonha fez sua garganta se contrair, ele mal podia respirar. — Eu preciso ser honesto com você. Cem por cento.

— Eu pensei que você fosse.

Tudo o que ele podia fazer era sacudir a cabeça. — Olha, você sabe que eu tive... Extensas relações com os seres humanos.

— Isso não foi exatamente como você escolheu a frase anterior, — ela observou.

Mais, com a cabeça balançando. — Meu negócio é... É um clube. Você sabe o que é isso?

— Rúgbi? Ou beisebol?

— Uma boate. Um lugar onde as pessoas bebem e... Escutam música. — Jesus Cristo. — E fazem outras coisas.

— Sim...?

Ele deixou cair as mãos. Ela se sentou e seus mamilos rosa ficaram justamente na extremidade da água, a superfície morna lambendo-os mais uma vez... Não que ela parecesse notar.

— Você se importaria de sair e colocar um roupão? — Ele perguntou.

— Não tenho nada do que me envergonhar.

Inimaginável. — Eu sei. É muito difícil de me concentrar.

— Talvez eu queira que você lute.

Certo, certo, virgens não deviam ser tão tentadoras. Então, novamente, ela não era mais... Ele tinha dado um jeito nisso.

Foda-se. — Missão cumprida, — ele murmurou.

— Você estava me contando sobre o seu trabalho?

Ele focou os olhos no chão. Era azulejo branco simples, antigo e bem limpo, o tipo de coisa que conseguia parecer fresco até com as suas rachaduras laterais e lascados ocasionais.

— Trez? — Desde o rabo de olho, ele viu quando ela estendeu o pé e ligou a água quente para renovar. — Você estava dizendo?

Apenas faça.

Ótimo, a vida tinha sido reduzida a um anúncio da Nike.

— Eu trafico mulheres. Você entende o que isso significa?

Ela franziu o cenho. — Você as joga na rua?

— Eu as vendo. Seus corpos. Para homens, normalmente.

Silêncio.

Ele a encarou. — Eu sou pago por isso. Eu as vendo. Você entende?

Depois de um momento, suas bonitas mãos se afastaram dos lados da banheira e se cruzaram sobre os seios.

Exatamente, ele pensou.

— E isso não é o pior.

Houve uma longa pausa. E então ela disse, — Acho que eu devia me vestir.

Ele se levantou e se dirigiu para a porta. — Sim, eu acho que sim.

Lá fora, no campo coberto de neve, Layla virou. Ela estava prestes a gritar quando reconheceu o homem que havia saído de trás da grande árvore. Era o soldado, que tinha sido ferido e levado para o centro de treinamento da Irmandade. O único que não conseguiu corrigi-la quando ela assumiu que ele era afiliado com os Irmãos.

A pessoa que a tinha trazido aqui para ajudar Xcor naquela noite a muito tempo.

— Desculpe-me, — ele disse, inclinando-se, seus olhos ainda sobre ela. — Dificilmente seria uma saudação adequada.

Ela estava prestes a fazer uma reverência quando se lembrou de que ele não merecia o respeito. Ele, assim como Xcor, estava do outro lado das coisas.

— Você está parecendo excepcionalmente bem nessa noite fria, — ele murmurou.

Seu sotaque não era igual ao de Xcor, cada palavra pronunciada perfeitamente, a voz bem modulada em vez de áspera. Mas ela não se deixou enganar. Ele a usou como uma ferramenta uma vez.

Não havia dúvida de que ele faria de novo.

— Então o que você conversou com ele? — Ele perguntou, estreitando o olhar.

Layla puxou as vestes pesadas para mais perto em torno de seu corpo. — Eu acho que se você quer saber, pode perguntar a ele mesmo. Se você me der licença, vou me despedir de você...

A mão que prendeu seu braço machucou sua carne, e seu belo rosto sombrio ao ponto de ameaça. — Não, eu não penso assim. Eu quero que você me diga o que você estava discutindo com ele.

Inclinando seu queixo, ela encarou o soldado. — Ele queria saber se era real.

Aquelas sobrancelhas desceram, seu aperto afrouxando um pouco. — Eu imploro seu perdão?

— A proclamação de divórcio. Ele queria saber se Wrath desistiu realmente de sua rainha... E eu o assegurei que era verdade.

O soldado deixou cair a sua mão. — Assumindo que você pode ser confiável.

— Se eu posso ou não posso ser, não muda a verdade. Você vai descobrir em outro lugar, eu tenho certeza.

Provavelmente não, na verdade, dada a falta de contato que a família tinha com o resto da raça. Mas por ventura esse homem poderia não saber disso.

— Então foi um emparelhamento arranjado e o Rei não se importava nada.

— Pelo contrário, o seu amor era óbvio para todos. Ele estava bem e verdadeiramente vinculado. — Layla se forçou a dar de ombros casualmente. — Mais uma vez, você vai ouvir isso de outras pessoas, eu tenho certeza.

Throe balançou a cabeça. — Então ele não podia tê-la deixado ir.

— Talvez você deva considerar isso contra quaisquer ambições que você tenha para o trono. — Ela deu um passo furtivo para trás. — Um macho que deixa de lado sua companheira vinculada fará qualquer coisa para manter o que os outros procuram tirar dele. O inimigo que você está procurando por suas ações não faz rodeios... E ele virá por todos vocês. Marque as minhas palavras.

— Que coisinha feroz você é, não.

— Mais uma vez, é apenas um fato para você descobrir em seu tempo livre. Ou não. De qualquer forma, não me incomoda.

Quando ele deixou-a dar outro passo para longe, ela pensou que havia uma boa chance que ela pudesse partir.

— Havia algo mais, — ele disse. — Não havia?

— Não.

— Então por que ele não se desmaterializou?

Ela franziu a testa, não tendo pensado nisso. — Você terá que perguntar a ele.

— Não é o jeito dele. — Os olhos do soldado desceram pelo seu corpo. — E eu acho que posso adivinhar. Tenha cuidado, Escolhida. Ele não é quem você pensa que é. Ele é capaz de traições que uma fêmea como você não poderia entender.

— Se você me desculpar, vou me despedir agora. — Ela fez uma reverência e depois se esforçou para se concentrar, foco, foco...

— Tenha cuidado.

Aquelas palavras assombraram-na enquanto ela desaparecia do prado... E encontrou seu caminho de volta à entrada da frente da mansão.

Quando ela contemplou a porta pesada, um tremor passou por ela. Esse lutador lhe pareceu mais aterrorizante do que Xcor: esse último nunca iria machucá-la. Ela não sabia como tinha tanta certeza disso, mas era como a batida de seu coração, algo que ela podia sentir no centro do peito.

Aquele outro macho? Não era o caso. Mesmo.

Fechando os olhos, ela odiava estar no meio com Xcor. Como iria passar as horas antes de amanhã à meia-noite? E por que ele estava fazendo-a esperar?

Ela já sabia qual iria ser sua resposta.

Capítulo SESENTA

Selena se vestiu novamente. Tudo, roupas íntimas e tudo o mais. Apesar de suas mãos tremerem tanto, que mal conseguia ajeitá-las.

Quando finalmente saiu para o quarto, encontrou Trez sentado em uma cadeira de encosto reto na frente da escrivaninha que ela às vezes costumava usar para escrever no seu diário. E, de fato, ela estava feliz de ter fechado o volume encadernado em couro após ter terminado de escrever nele, na noite passada.

Tinha escrito muito sobre ele, naturalmente.

E ela tinha a sensação de que mais tarde voltaria a escrever.

Ele olhou para ela, seus olhos escuros faiscando por um momento. — Você está pronta para continuar a conversa agora?

Querida Virgem Escriba, de todas as coisas que ela pensou que ele contaria... Não esperava nada daquilo.

— Como você pode... Vendê-las? — Ela disse asperamente.

Ele suspirou. — Elas querem o dinheiro. Eu proporciono os meios. E garanto-lhes segurança.

— E elas... Você também recebe dinheiro por isto.

— Sim.

Ela teve de sentar-se antes que caísse... E estava indo para a cama antes de pensar, *não, ali não*. Em vez disso, escolheu o sofá que ficava em frente à lareira. Sentando-se sobre os pés e fez com que a túnica cobrisse toda a sua pele.

— Há quanto tempo? — Ouviu-se perguntar.

— Anos. Décadas. Primeiro eu fui supervisor. Agora eu sou o chefe.

— Não consigo imaginar... Isso.

Ele esfregou as têmporas. — Eu sei que não consegue.

Abruptamente, Selena encontrou-se lutando para ficar quieta. Sua bússola interna estava girando tão rápido, que mal conseguia formar uma frase. — Quer saber? Apenas conte tudo. No momento, minha cabeça está visualizando todos os tipos de coisas horríveis e eu...

— A pior parte é que eu estive com umas duas mil mulheres. Fácil.

A princípio, ela pensou que ela não poderia ter ouvido direito. Mas a onda de frio que a transpassou sugeriu o contrário.

— Mil, — ela disse com voz fraca.

— Chutando baixo. Pode ter sido perto de dez. Mil, quero dizer. Merda, talvez até mais.

Selena piscou. Certo, quando ele tinha dito anteriormente que eram "muitas" mulheres humanas? Ela tinha pensado que era uma dúzia, no máximo. Mas os números que ele havia mencionado? Mesmo para os padrões *ehros*, eram... Incomensuráveis.

Quando ela tentou imaginar todos os diferentes cenários que ele podia ter... — E algumas dessas mulheres você...

— Sim. Por muito tempo, eu tinha de experimentar uma prostituta para poder vendê-la.

Com uma onda de náusea disparando pelo seu estômago, tudo o que Selena pôde fazer foi olhar para ele.

— Você está certo, — ela se ouviu dizer. — Eu não o conheço.

— Deus, Selena, eu estou arrependido pra caralho... Eu nunca devia ter tocado em você. Não que eu não a desejasse, mas porque eu... Bem, sim, porque eu sabia que essa seria a sua reação quando eu lhe dissesse a verdade. E realmente, ontem à noite, eu vim aqui para tentar explicar, só que então...

Ela colocou o rosto entre as mãos, imagens dele beijando-a, acariciando-a, tomando-a, cavalcando-a. — Eu acho que vou vomitar.

— Eu não a culpo, — ele disse desolado.

E ainda não assim, não havia razão para reformular a realidade de forma a resgatar a virtude que ela tinha perdido por vontade própria. — Eu o seduzi. — Ela baixou as mãos. — Eu pedi pelo que aconteceu.

— Não, a culpa é só minha...

— Apenas chega.

— Certo. Sinto muito.

Ela também sentia. Porque a triste verdade era que ela tinha gostado de estar com ele. Na verdade, enquanto estava acontecendo, tinha sido uma espécie de paraíso. Infelizmente, essa ilusão tinha sido passageira como o ato, e agora que tudo tinha acabado? Era como se o prazer nunca tivesse existido.

— Selenia, seja o que for que esteja pensando, pode dizer...

— Eu queria ter nascido em outra vida, — ela desabafou. — Eu gostaria de me apaixonar por um macho e encontrar com ele um humilde lugar no mundo. Não acho que teria buscado por algo assim, não importa o quão pouco tivéssemos.

— Isso ainda pode acontecer para você. — Sua voz se tornou totalmente impassível. — Isso pode acontecer... Qualquer macho iria querer você.

Ah, sim, mas só havia uma pessoa que *ela* queria. E mesmo que Trez tivesse sido um santo, o que ele claramente não foi, o tempo dela ainda estava se esgotando.

— Está tudo bem. — Ela se esforçou para conter as lágrimas... E conseguiu. Afinal, logo ela estaria sozinha. — As coisas são como são. Aprendi há muito tempo que não há como negociar com o destino.

Eles ficaram em silêncio por um longo tempo.

— Eu não a amo, — ele disse entre dentes. — Não sei por que sinto que tenho de dizer isso, mas sinto.

— Aquela a quem vai emparelhar? Sim, você já disse isso. — De repente, ela olhou para ele, observando a cabeça abaixada, sua aura de tristeza. — Irônico, mas não somos tão diferentes assim, você e eu.

Quando seus olhos se voltaram para os dela, ela deu de ombros. — Eu não tive nada a ver com meu destino, também. A tragédia é que algumas coisas nos seguem como sombras... Elas irão conosco para onde quer que vamos.

— Sim. Eu nunca me importei com isso. Até conhecer você.

Ela pensou no cemitério do Santuário, em suas irmãs que tinham sido relegadas a um período de vida mais curto, e tiveram que esperar a morte na prisão de seus próprios corpos. Então, ela se lembrou da sensação dele se movendo dentro dela, o calor líquido que fluiu ao longo de seus músculos e ossos.

— Você as amava? — Ela perguntou.

— Quem? Oh, as mulheres... Não. Jamais. Mesmo. Inferno, metade das vezes nem ao menos gostei. — Ele estalou o pescoço como se os músculos dos ombros estivesse enrijecendo novamente. — Eu realmente não sei em que porra eu estava pensando. Eu estava fora de controle e só queria sair da minha própria cabeça. O problema é que todas aquelas mulheres estão dentro de mim agora.

— Dentro...?

— Meu povo acredita que você pode se envenenar se fizer... Se você estiver com as pessoas do jeito que eu estive. E eu... Me envenenei. Isto vai me devorar até que não reste mais nada de mim.

Quando ele tocou o centro do peito, ela percebeu que, de fato, ele estava oco, a luz tinha desaparecido de seu olhar, faltava animação em seu corpo, sua aura dissipada como se ele nunca tivesse existido.

Tomada pela tristeza, ela balançou a cabeça. — Você estava errado.

— Sobre o quê?

Tão vazio, ele estava... Vazio até a alma. — O que eu vejo agora... É o pior de tudo.

Nas margens do Hudson, Assail estava novamente vestido de preto com uma máscara preta cobrindo o rosto. Atrás dele, Ehric estava em silêncio e alerta, vestido da mesma maneira.

Os dois traziam armas de fogo nas mãos.

— Eles estão atrasados, – seu primo disse.

— Sim. – Assail ouvia atentamente. — Nós daremos a eles cinco minutos. Nem um a mais.

À esquerda, a cerca de quatro metros na linha de árvores, seu Range Rover blindado estava estacionado com a traseira virada para o rio, Evale no banco do motorista esperava com o motor ligado.

Assail olhou para o céu noturno. Depois da nevasca que tinha caído mais cedo, a lua agora tinha algumas nuvens preguiçosas flutuando sobre sua face, e ele esperava que elas ficasse lá por um tempo. Eles não precisavam de mais luz, embora o local fosse discreto o suficiente: Distante, em uma curva na linha da costa, com a floresta que vinha quase até a beira do rio congelado. Além disso, o modo como a pista era irregular, esburacada, até o SUV tinha dificuldade em transitar em seu modo off-road.

— Estou preocupado com você.

Assail olhou por cima do ombro. — Desculpe-me?

— Você não dorme.

— Eu não estou cansado.

— Você cheira coca demais.

Assail se virou e rezou para que aquele a quem aguardavam aparecesse logo, por um novo motivo. — Não se preocupe, primo.

— Você sabe se elas conseguiram chegar a seu destino?

Fazia tanto tempo que Ehric não perguntava alguma coisa, que Assail teve que se virar mais uma vez. E na verdade, seu principal instinto era acabar rápido com o interrogatório, mas a verdadeira preocupação naquele rosto tenso o deteve.

Ele voltou a olhar a água lenta, gelada. — Não, eu não sei.

— Você vai ligar para ela?

— Não.

— Nem mesmo para ter certeza de que elas estão em segurança.

— Ela não quer que eu ligue. — E os porquês dessa espera no Hudson eram a prova da solidez de sua decisão de deixá-lo. — Foi um rompimento definitivo.

Até ele ouviu o vazio em sua voz.

Deus, ele queria nunca ter conhecido aquela mulher.

O som a princípio foi indistinguível dos ruídos noturnos do ambiente, mas o zumbido rapidamente ficou distinto: Vindo da esquerda, ele anunciava que, talvez, sua espera tivesse acabado.

O barco de pesca que virava a esquina era tão lento no rio como uma folha flutuando e quase tão silencioso. Conforme previsto, haviam três homens nele, todos eles vestidos em roupas escuras, e cada um trazia uma vara na mão, como se não estivesse nada mais do que pescando sua próxima refeição.

Eles pararam próximo à orla.

— Pegaram alguma coisa? — Assail perguntou, conforme tinha sido orientado.

— Três trutas.

— Eu comi duas ontem à noite.

— Eu quero mais uma.

Assail assentiu, baixando a arma e dando um passo à frente. A partir desse momento, tudo se tornou silencioso e muito rápido: uma lona foi levantada e quatro mochilas mudaram de mãos, movendo-se do barco para ele e, em seguida, para Ehric, que as pendurou nos ombros. Em troca, Assail passou uma maleta preta de metal.

O homem mais alto digitou o código que tinha recebido, abriu a tampa, inspecionou os maços, e anuiu.

Houve um rápido aperto de mãos... E depois Assail e Ehric recuaram para as árvores. As mochilas foram na parte traseira, Ehric atrás, Assail no banco do carona.

Ao se dirigirem de volta para a pista esburacada, as janelas estavam abertas para capturar todos os sons ou cheiros.

Não havia nada.

Ao entrarem na estrada, pararam e esperaram ainda escondidos nas árvores. Não havia carro em nenhuma direção. O caminho, como se dizia, estava livre.

Ao comando de Assail, o carro foi ligado e eles partiram, na noite.

Com quinhentos mil dólares em cocaína e heroína.

Até agora, tudo bem.

Depois de extrair todas as informações de ambos os telefones de Benloise, ele havia vasculhado os números e as mensagens de texto, principalmente os internacionais. Encontrou dois contatos na América do Sul, com os quais parecia ter havido muita comunicação, e quando ele tinha ligado do telefone de Ricardo, havia sido encaminhado para uma rede de conexões seguras, um número de cliques que ocorrem antes de um adequado toque começar.

Desnecessário dizer que não houve muita surpresa depois de Assail se apresentar e explicar o propósito de sua ligação. Mas Benloise tinha informado aos seus compatriotas de seu novo e maior cliente, por isso não foi um completo choque para eles saber que, o distribuidor tinha se tornado supérfluo... E havia sido eliminado.

Assail lhes tinha oferecido um acordo para iniciar o relacionamento com o pé direito: Um milhão em dinheiro para meio milhão em produto, como um gesto de boa-fé.

Parcerias tinham que ser cultivadas, afinal.

E ele tinha aprovado os homens enviados para fazer a transação. Eles eram claramente diferentes dos traficantes de rua de Benloise, totalmente profissionais.

Agora, ele e seus primos só tinham que dividir o produto para a venda na rua, e contatar o *Forelesser* para a distribuição. E o negócio poderia recomeçar como se Benloise nunca tivesse existido.

Perfeitamente planejado.

— Correu tudo bem, — Ehric disse ao pegarem a estrada que iria levá-los para a casa de vidro de Assail.

— Sim.

À medida que seguiam, ele olhou para fora da janela, observando as árvores passarem. Uma casa. Aquela cabana de caça.

Ele devia estar mais feliz. Isso iria, afinal de contas, abrir um enorme potencial de lucro. E ele amava o dinheiro e todo o seu poder. Verdadeiramente, amava.

Em vez disso, a única coisa em sua mente era a preocupação com sua fêmea, se ela tinha de fato conseguido chegar a Miami a salvo com a avó dela.

E não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.

Ela tinha partido.

Para sempre.

Capítulo SESSENTA E UM

Ao acordar, a primeira coisa que Beth fez foi analisar seu corpo inteiro em busca de ânsia de vômito. Quando a detectou com força total, forçou-se a se erguer e colocar os pés no chão. Quanto tempo tinha dormido? As venezianas ainda estavam fechadas, isso significava que ainda não era dia, mas cara, ela se sentia como se tivesse apagado por dias.

Baixou os olhos para olhar a si mesma, colocou as mãos sobre a barriga...

Puta merda, não se lembrava de ter engolido uma bola de basquete.

Sob suas mãos, seu estômago estava inchado e rígido, a protuberância tamanha que ela duvidava que pudesse caber nas calças.

Seu primeiro instinto foi pegar o telefone e chamar a Dra. Jane, entretanto, tentou controlar o pânico e levantar-se.

— Sinto-me bem, — ela murmurou. — Sinto-me muito, muito bem...

Ao caminhar para o closet, sentia como se seu corpo fosse uma bomba prestes a explodir... E, cara, ela odiava aquilo: Não tinha nenhuma ideia do quanto subestimava sua boa saúde até deliberadamente tentar se complicar...

Por nenhuma razão aparente, o Rubi Saturnino deslizou imediatamente de seu dedo.

Olhando para baixo, observou o anel cair no tapete... E franziu o cenho ao se curvar e pegar a coisa. Ela e Wrath tinham convenientemente trocado, porque ambos tinham lutado com algo que não se encaixava... E os símbolos de seu casamento tinham um significado, não importando em qual dedo estivessem.

Ou não estivessem, como era o caso aqui...

— Que diabo? — Ela suspirou.

Quando foi colocar a coisa de volta, percebeu que seus dedos estavam positivamente esqueléticos, a pele esticada nas juntas nodosas e a palma afundada.

Com o coração começando a martelar, ela se apressou para o espelho no banheiro e acendeu as luzes...

Beth ofegou. O reflexo que a encarava de volta estava todo errado... Todo fodidamente errado. Durante a noite, seu rosto tinha literalmente se encovado, toda a gordura de suas bochechas e suas têmporas tinham se esvaído, seu queixo estava pontudo como uma faca, os tendões de seu pescoço sobressaíam-se em um relevo acentuado.

Um medo gritante lanceou seu peito. Especialmente ao erguer o braço e puxar a pele em seus tríceps. Solta. Frouxa.

Era como se tivesse perdido uns sete quilos em horas... Exceto na barriga.

Tentando não enlouquecer completamente, ela dirigiu-se ao armário para encontrar algo que pudesse vestir. No fim, pegou um par de calças de moletom com cordão, e uma das poucas camisas de botão de Wrath. Esta última era como uma nuvem de algodão branca e fina ao redor dela... E isto significava, ter outra onda de calor, exigindo bastante ventilação.

Pelo menos seus chinelos ainda se ajustavam perfeitamente.

Dirigindo-se para o patamar do segundo andar, ela colocou a cabeça dentro do escritório e não encontrou Wrath na escrivaninha. Talvez ele estivesse malhando?

Ela estava descendo a escada principal quando o encontrou.

Ele e George estavam saindo da sala de jantar junto com uma série de *doggens*, o pessoal levando todos os tipos de bandejas prateadas através do mosaico da macieira em flor.

No segundo em que captou seu cheiro, ele parou.

— *Leelan!* Tem certeza de que deveria estar de pé?

Acabou que o cheiro da comida foi uma distração infernal: o pico de fome que ela sentiu em resposta ao estímulo foi suficiente para detê-la em seu caminho.

— Ah... Sim, sinto-me bem. Estou com fome, na verdade.

E também morta de medo.

Enquanto o pessoal seguia para a sala de jogos, atravessando os pedaços pesados de lona que cobriam a entrada, Wrath se aproximou da base das escadas.

— Vamos levá-la para a cozinha.

Caminhando a distância até juntar-se a ele, deixou-o tomar seu braço, e apoiou-se na força dele, respirando fundo, aliviada. Provavelmente tinha só imaginado tudo aquilo lá em cima. Realmente. Provavelmente.

Merda. — Sabe, eu dormi bem, — ela murmurou como se para tranquilizar a si mesma. O que não deu certo.

— Sim?

— Hum-hum.

Juntos, eles passaram pela longa mesa de jantar, e entraram pela porta vai e vem do outro lado. Do outro lado, iAm estava uma vez mais no fogão, mexendo uma grande panela.

O Sombra virou-se... E imediatamente franziu o cenho ao olhar para ela.

— O quê? — Ela colocou as mãos em seu estômago. — O que você está...

— Nada, — ele disse, batendo sua colher de pau na panela de aço. — Vocês gostam de canja de galinha?

— Oh, sim, soa perfeito. — Beth subiu em um banco. — E um pouco de pão talvez...

Fritz materializou-se em seu cotovelo com uma baguete e um prato com manteiga.

— Para você, senhora.

Ela teve que rir.

— Como soube?

Quando Wrath sentou-se no banco próximo a ela, George parou entre eles.

— Eu o mantive em sobreaviso.

Uma tigela de sopa fumegante foi deslizada na frente dela pelo Sombra.

— Aproveite.

— Ele, também? – Ela perguntou a iAm.

— Sim, o Sombra pode ter sido incluído nisto também.

Pegou a colher que Fritz lhe ofereceu, ciente de que os três machos a olhavam... Wrath com tal intensidade, que era quase como se ele tivesse conseguido sua visão de volta...

— Mummm, – ela disse... E estava sendo sincera. A sopa estava perfeita, simples, não muito pesada, e quente, quente, quente.

Talvez fosse apenas por ela ter passado por sua necessidade e estar sem comer há quanto tempo?

— Então o que está acontecendo na sala de jogos, – ela perguntou, tentando distrair os machos.

— Eles estão limpando minha bagunça.

Ela estremeceu.

— Ah.

Wrath bateu em volta em busca da baguete e rompeu a extremidade dura, pondo-a de lado. O pedaço que ele partiu para ela estava macio no meio, crocante por fora... E a manteiga que colocou era sem sal, tipo doce.

A combinação ficava ótima com a sopa.

— Gostaria de algo para beber? – Fritz perguntou.

— Vinho? – iAm disse... Antes de deter-se. — Não, não vinho. Leite. Você precisa de cálcio.

— Boa ideia, Sombra, – Wrath entrou na conversa enquanto movimentava a cabeça para Fritz. — Traga tudo...

— Não, não, vai me deixar enjoada. – E aquilo os fez pararem imediatamente o que estavam fazendo. — O que já acontecia antes de todo o, bem, você sabe. Mas o desnatado soa bem.

E assim foi, os três servindo à mesa: Mais sopa? iAm enchia sua tigela novamente, imediatamente. Mais pão com manteiga? O marido providenciava. Mais leite? O mordomo corria para o refrigerador.

Estar cercada por toda a normalidade realmente ajudava a tranquilizá-la. Mas sentia a necessidade de tentar esclarecer bem as coisas antes de eles a alimentarem até que explodisse.

— Rapazes. Eu realmente agradeço tudo isso... Mas não sabemos se eu estou grá...

Ela não chegou a terminar o pensamento, muito menos a frase.

De uma vez, tudo o que comeu dirigiu-se para a saída de emergência ao mesmo tempo, seu estômago se contraindo sem aviso prévio.

Ela mal chegou ao banheiro de serviço a tempo.

Sim, isso tudo emergiu, da sopa até o pão, por assim dizer. E então, mesmo quando podia jurar que não apenas seu estômago, mas sua cavidade torácica inteira estava vazia, os engolfos a manteve curvada sobre o vaso sanitário até que seus olhos lacrimejavam, sua cabeça latejava e sua garganta nada mais era que uma bagunça ardente.

— Ei, como estamos indo.

Claro, era a Dra. Jane. — Ei, o que está acontecendo...

Demorou um tempo até conseguir dizer alguma coisa. E a propósito, ela realmente odiava o som dos engasgos reverberando na privada.

Quando houve uma pausa na ação, por assim dizer, ela descansou sua testa quente e suada no braço, estendendo a mão para a descarga novamente... E descobriu que não tinha energia para puxar a alavanca para baixo.

— Acho que precisamos levá-la ao médico, — Jane disse.

— Achei que você fosse uma, — Wrath resmungou.

— Temos mesmo? — Beth perguntou.

O fato de que ter recomeçado a vomitar naquele momento, meio que respondia àquilo, não?

Do lado de fora do banheiro de serviço da cozinha, Wrath estava pronto para gritar com sua cegueira: Não havia nada pior do que sua companheira com necessidades médicas, para deixar você bem puto por ser cego.

Com a porra das suas pupilas, ele não conseguia ver o rosto dela para conseguir uma análise de sua cor, sua expressão, seus olhos. E sua sensação aguda de olfato? Saiu pela janela, também... O vômito entupiu suas narinas, tornando impossível puxar quaisquer indícios emocionais.

A única coisa que funcionava? Seus ouvidos... De forma que toda nova onda de náusea ia diretamente para seu cérebro.

— Certo, vamos lá, – Beth finalmente disse rouca.

— Espere a porra de um minuto, – ele rugiu. — Ir aonde?

A voz de Jane estava nivelada.

— Ao médico...

— Você é a maldita médica...

A companheira de V colocou a mão em seu antebraço.

— Wrath. Ela precisa de um especialista e nós encontramos um.

Mas que porra...? Espera um minuto. — Isto *não* está soando como Havers, – ele rangeu.

— Não é. É uma humana...

— Ohhh não, não, isto não vai acontecer...

Eeeeeeeee outra rodada de ânsias de vômito.

Por trás de seus óculos escuros, ele fechou os olhos. — Caralho.

Diante do horrível cenário do sofrimento de sua esposa, a Dra. Jane começou a dar-lhe todos os tipos de razões bem racionais, porque sua *shellan* tinha que ser tratada com cuidados especiais. Mas, Cristo, a ideia dela sair para o mundo humano, durante o dia... Porque olá, o caralho das persianas tinham acabado de descer...

E sabe o que mais? Ele realmente desejava que a porra da vida o tirasse da sua lista de merdas. Estava ficando cansado pra caralho de situações invencíveis.

— ...Mestiça, complicações desconhecidas, incapaz de fazer uma avaliação...

Ele cortou o pequeno discurso da Dra. Jane. — Sem querer ofendê-la, mas não vou deixar minha esposa sair sem uma fodida segurança reforçada, e ninguém pode sair desta casa neste momento...

— Então eu irei com ela.

Wrath olhou por cima de seu ombro ao som da voz de iAm. Seu primeiro instinto foi dar uma de macho vinculado para cima do cara e dizer ao Sombra que ele mesmo resolveria aquilo, obrigado. O problema era que, não conseguiria resolver *merda* nenhuma... E apenas um idiota se recusaria a permitir um tratamento médico que sua companheira necessitava.

Wrath deixou a cabeça tombar para trás com uma maldição.

— Você está certa de que ela precisa disto? — Ele perguntou, sem saber realmente do que estava falando.

— Sim, — a Dra Jane respondeu com seriedade. — Tenho certeza absoluta.

iAm falou novamente. — Cuidarei para que nada aconteça com ela. Pela minha honra.

Ele teve a sensação de que o Sombra estava oferecendo-lhe sua mão... E confirmou, quando Wrath cegamente estendeu a mão... E de fato... O outro macho a apertou.

— O que posso fazer por você? — Wrath ouviu-se dizendo enquanto eles se cumprimentavam.

— Nada neste momento. Apenas deixe-me levá-la.

— Ok. Tudo bem. — Só que, quando Wrath soltou e recuou, não estava em paz com nada daquilo. Mas que outra escolha ele tinha?

Balançando a cabeça, ele pensou, veja, era justamente por isto que não queria um filho. Esta merda toda de gravidez *não* era para ele.

Que diabos faria se a perdesse...

— Wrath, — Beth disse fraca. — Wrath, onde você foi?

Como se ela soubesse que ele estava a dois pensamentos de perder a sanidade... Em direção à loucura total.

— Estou aqui mesmo.

— Você vai me levar para cima? Acho que deveria tentar me alimentar primeiro, e não quero fazer isto na rua.

— Além disso, — a Dra Jane murmurou, — Preciso ligar e ver quando ela pode nos encaixar.

— Wrath? Leve-me para cima?

Entrando em ação, ele foi adiante e pegou sua amada suavemente em seus braços, erguendo-a do chão.

E só para constar, ele imediatamente, voltou a si. Acalmou-se. Preparou-se para manter sua merda sob controle, nem que fosse apenas para poupar Beth da preocupação com ele.

— Obrigado... — ela sussurrou enquanto sua cabeça pendia na dobra do braço dele.

— Pelo quê?

Ela não lhe respondeu até que George os guiou até a base das escadas e Wrath começou a subir.

A resposta dela foi apenas uma palavra: — Tudo.

Capítulo SESSENTA E DOIS

Eram sete e vinte e três da manhã, quando Sola saiu para seu terraço e conseguiu ver o mar.

— Quase faz a viagem valer à pena, – murmurou para si mesma.

Com o nascer do sol, a vasta extensão azul de água se fundia com a cor do céu, apenas as belas nuvens do amanhecer marcavam o horizonte entre o céu e a Terra.

Sentando-se em uma cadeira de jardim, gemeu quando todas as articulações que tinha, e algumas que ela não sabia ter, gritaram. Cara, ela estava tensa. Então novamente, um total de vinte e quatro horas atrás do volante de um carro fazia mesmo aquilo à uma garota. E não eram apenas seus ossos que estavam doloridos. Sua panturrilha direita repuxava, como se fossem câimbras, apesar de ter usado o piloto automático²⁸ uns bons oitenta por cento do tempo.

Uau, o ar era suave e agradável aqui em baixo, mesmo em dezembro.

E a umidade era incrível. Sua pele estava absorvendo positivamente todo o ar úmido, seu cabelo também, seu rabo-de-cavalo já estava cacheando no final.

— Vou dormir agora, – sua avó anunciou.

Sola olhou para trás através da porta de tela. — Eu também. Irei em breve.

— Nada de fumar, – a avó ralhou.

— Parei de fumar há dois anos.

— E não vai recomeçar.

Com isso, sua avó balançou a cabeça e saiu do terraço.

Sola se concentrou no oceano. Seu apartamento em Miami ficava no quinto andar de um edifício antigo, o condomínio era apenas um espaço despretensioso de mil e quinhentos metros quadrados, que ela tinha comprado a vista, vários anos atrás, e então tinha decorado com móveis baratos da Rooms To Go. O prédio tinha

uma piscina e quadras de tênis, no entanto, estava quase vazio, com as férias se aproximando e as pessoas fugindo do resto do inverno.

Arqueando as costas, ela tentou dar a sua coluna um pouco de alívio. Não conseguiu. Ela provavelmente iria precisar de um quiropraxista após essa viagem.

Ainda bem que ela não precisaria se preocupar de fazê-la novamente.

Merda, isso era deprimente.

Colocando a mão no bolso de trás, pegou seu iPhone. Nenhuma chamada. Nenhuma mensagem.

Ela não tinha pensado que deixar Assail a machucaria tanto. Mas, não podia dizer que se arrependia.

O que ele estaria fazendo agora, se perguntou. Provavelmente, descansando após uma noite de trabalho gerenciando o lado sombrio da economia de Caldwell.

Será que ele voltaria para aquela mulher? Aquela que ela o tinha visto foder?

Fechando os olhos, ela respirou fundo algumas vezes, e o fato de poder sentir o cheiro da água salgada no ar ajudou. Ela não estava mais lá em cima, recordou-se. Ela não estava mais com ele, não que eles realmente tivessem estado juntos.

Então, o que ele estaria fazendo e com quem? Não era seu problema.

Não mais.

la ficar tudo bem, disse a si mesma ao guardar novamente o telefone e olhar para o oceano. Ela tinha feito a coisa certa...

Mas mesmo assim, imagens de Assail inundavam sua mente, intrometendo-se e cobrindo a bela vista à sua frente.

Inclinando-se, sentiu a pele ao redor de sua coxa e, então apertou os dedos no curativo. Quando a dor subiu pelo seu torso e disparou até seu coração, disse a si mesma para se lembrar de como tinha vindo parar aqui. Por que tinha tido de se mudar.

Exatamente como suas orações tinham sido respondidas.

Sim, a viagem havia lhe dado algo mais além de um corpo dolorido e um cérebro cansado: todos aqueles quilômetros de rodovia tinham feito maravilhas sobre sua perspectiva a respeito de tudo.

No norte, ela tinha dito a si mesma que sua fuga tinha sido seu próprio rumo.

Mas agora, com o amanhecer à sua frente, os raios riscando por cima da água, os golfinhos brincando nas ondas da manhã... Ela percebeu que não. Aquilo tinha sido um pretexto.

Porque admitir para si mesma que acreditava em Deus era muito assustador, muito louco.

Longe de tudo o que ela tinha deixado para trás no norte, em um território neutro, onde estava começando de novo, ela foi capaz de ser honesta consigo mesma. Aquela oração que tinha feito, aquela última, havia de fato sido respondida... E na vinda para cá, ela estava honrando sua parte no trato.

Com grande sacrifício, como se revelou... Porque sabia que ia ser um longo, longo tempo antes que fosse capaz de parar de ficar verificando seu telefone.

Levantando-se da cadeira de jardim, voltou para dentro, e ao fazer uma pausa para fechar a porta, olhou para o vidro de correr... E lembrou do primeiro andar da casa de Assail. E, quando pegou a mala que tinha deixado atrás da porta... Tudo o que podia pensar era que tinha guardado as roupas nela, quando ainda estava com ele.

O mesmo, quando escovou os dentes: A última vez que ela tinha usado sua escova de dente estava no banheiro dele, no andar de cima.

E ao se deitar sobre os lençóis brancos, recordou-se de ficar deitada ao lado dele depois dele ter vindo até ela no chuveiro e tomado-a com tal poder incrível.

Fechando os olhos, ela ouviu os sons estranhos ao seu redor, alguém falando alto no estacionamento dos fundos, a pessoa no andar de cima tomando banho, um cachorro latindo do outro lado do muro.

A casa de Assail tinha sido tão silenciosa.

— Merda, — ela disse em voz alta.

Quanto tempo ia levar antes que ela parasse de comparar tudo o que havia deixado para trás?

Era exatamente como tinha sido quando sua mãe tinha morrido. Durante meses depois, os marcadores da sua vida tinham sido determinados por nuances de sua mãe: último filme que viram juntas, as coisas que tinha comprado na loja naquela mesma tarde, o último presente de aniversário dado e recebido, aquele Natal... Que, é claro, ninguém sabia que seria o fim da tradição.

Toda aquela comparação implacável de lembranças tinham durado por pelo menos um ano, até que cada um dos aniversários, internos e externos, haviam se esgotado. Passar por eles tinha sido como perfurar uma parede de cada vez, mas ela tinha conseguido, certo? Ela tinha colocado um pé na frente do outro até que a vida havia retomado uma espécie de normalidade...

Ah porcaria. Ela realmente não devia estar comparando esta fuga de um traficante de drogas ao luto pela mulher que tinha lhe trazido ao mundo e que a tinha criado por quanto tempo antes de sua avó ter assumido?

Mas lá estava.

Antes de Sola finalmente adormecer, abriu a gaveta da mesa de cabeceira e colocou a Bíblia de seu pai debaixo do travesseiro.

Era importante manter um vínculo com alguma coisa, qualquer coisa.

Caso contrário? Aterrorizava-a pensar que podia querer colocar as malas naquele maldito Ford alugado para fazer a viagem de volta. E aquela estupidez simplesmente não era uma opção.

Depois de tudo o que tinha acontecido ultimamente, ela realmente não queria saber o que acontecia com pessoas que quebravam suas promessas ao cara lá de cima.

E não, ela não estava falando sobre o Papai Noel.

Capítulo SESSENTA E TRÊS

Que bom que Beth nunca tinha tido uma fantasia hipotética sobre como seria descobrir que estava grávida.

Enquanto estava sentada em uma sala de espera perfeitamente agradável, rodeada de cadeiras em tons neutros, revistas sobre a menopausa e a maternidade, e mulheres que estavam entre seus vinte e cinquenta anos, estava muito claro que o que saísse desta consulta: positivo, negativo ou ainda muito cedo para dizer, ela nunca teria imaginado este cenário.

Sem seu marido. Escoltada por um Sombra com armas escondidas suficientes para explodir um tanque... Ou talvez um porta-aviões. Tendo tomado *sangue* de uma veia, pelo amor de deus, uns vinte minutos antes de deixar uma casa do tamanho e formato de Versalhes.

Sim, não era exatamente a merda de cenário que estaria descrito na, digamos... Pegou a revista mais próxima... Na *Maternidade Moderna*, por exemplo.

Folheando as páginas coloridas, viu diferentes tipos de mães felizes e satisfeitas segurando seus Anjos Celestiais na Terra, enquanto falavam sobre a santidade da amamentação, da importância do contato pele com pele e daquela primeira consulta pré-natal importantíssima.

— Estou ficando enjoada. — Ela murmurou lançando a propaganda de lado.

— Merda. — iAm disse enquanto se levantava. — Vou procurar o banhe...

— Não, não. — Ela puxou-o para baixo de novo. — Quero dizer, é, não, era apenas um comentário.

— Tem certeza?

— Absolutamente. E da próxima vez que eu ficar aborrecida, prometo apenas dizer. Não lançarei metáforas.

iAm teve que se apertar novamente em sua cadeira estofada: o Sombra era tão grande, que transbordava dos braços e do encosto traseiro... E chamava muita atenção.

Embora não necessariamente por causa do seu tamanho.

Cada mulher que entrava, caminhava até a recepção para olhá-lo... De uma maneira que provava que uma mulher grávida, ou com os ovários atrofiados, ou super ocupadas atendendo telefonemas ou preenchendo papelada, não estavam mortas do pescoço para baixo.

— Você já foi casado? — Ela perguntou ao sujeito.

Com ar ausente, ele negou com a cabeça, aqueles olhos negros vasculhando os arredores como se estivesse pronto para defendê-la com própria sua vida.

O que era muito amável, realmente.

— Alguma vez se apaixonou?

Outra negação com a cabeça.

— Você quer filhos?

Olhando para ela, ele firmemente riu. — Me disseram que você era repórter?

— Meu lado quem-o-que-onde-porque-quando está evidente de novo?

— Sim. Mas está bem, eu não tenho nada para esconder. — Ele cruzou as pernas, o tornozelo sobre o joelho. — Sabe, com tudo isto acontecendo com meu irmão estes anos todos, eu nunca pensei nisto, entende? Preciso conseguir consertar as coisas com ele sabe, e a merda é que não tenho conseguido.

— Eu realmente sinto muito. — Ela tinha ouvido o suficiente das fofocas familiares para entender a situação. — Para ser honesta, eu continuo esperando descer uma noite destas e descobrir que vocês dois sumiram.

Ele anuiu. — Poderia bem acontecer...

— Marklon, Beth? — Uma enfermeira chamou através de uma porta aberta do outro lado da sala.

— Sou eu. — Levantando-se, colocou sua bolsa no ombro e se encaminhou para a porta. — Aqui estou.

Jesus, por falar em enjoo: a perspectiva de realmente entrar na sala da médica, ela pensou, ok, agora ela realmente iria vomitar de novo...

A enfermeira sorriu e recuou, apontando a pequena sala de triagem atrás dela. — Eu só vou verificar seu peso e pressão sanguínea.

— Você pode segurar isto? — Ela perguntou para iAm, estendendo sua bolsa Coach.

— Sim.

Enquanto ele pegava a sua bolsa, a enfermeira parou e deu uma olhada da cabeça aos pés para o Sombra. Então ela corou em um tom vermelho brilhante e teve que pigarrear. — Bem-vindo. — Ela disse para ele.

iAm só acenou e continuou vigiando a área em volta. Como se talvez um grupo de ninjas fosse saltar da sala de exames ou algo assim.

Beth teve que sorrir quando a enfermeira voltou a se concentrar e começou a tirar seus sinais vitais.

Depois disto, a mulher os acompanhou por um corredor que tinha uma dúzia de salas numeradas. Conforme avançavam, a decoração era da mesma cor marrom e creme da sala de espera, com tipos semelhantes de falsas obras de arte texturizadas emolduradas em vidro, fazendo o possível para dar uma sensação não institucional a um lugar cheio de equipamentos médicos e pessoas em aventais e jalecos brancos.

— Na cinco, por favor. — A enfermeira disse, novamente parando ao seu lado.

Enquanto iAm passava por ela, ela recuou um grande passo, seus olhos muito abertos, como se gostasse da forma como ele cheirava.

A enfermeira sacudiu-se e entrou, fechando a porta. — Por favor, se sente na maca de exames. E você pode ficar em qualquer lugar que quiser, senhor.

O Sombra escolheu um assento de frente para a entrada, olhando para a porta, como se estivesse desafiando a qualquer um que passasse por ela.

Com outro sorriso, Beth teve de se perguntar o que a enfermeira pensaria se soubesse que ele estava preparado para atacar qualquer um com quem ele não fosse com a cara. Disposto a matar.

Talvez cortá-los em pedacinho e colocá-los em um espeto.

Deus, ela esperava que realmente aquilo na sopa fosse só frango...

— Sra. Marklon? Olá?

Ela se agitou. — Oh, desculpe-me, o quê?

A parte do histórico foi rápida, porque antes de sua transição ela era perfeitamente saudável, e não era como se fosse contar que há apenas dois anos, ela tinha se tornado uma vampira.

Dã.

— E de quantos meses você acha que está? – Veio a pergunta eventual.

— Eu ainda não tenho certeza se estou grávida, para ser honesta. Mas é possível, tenho tido bastante enjoo... Eu só quero me assegurar de que estou bem.

— Você fez algum teste de farmácia?

— Não. Deveria?

A enfermeira balançou a cabeça. — Nós podemos fazer uma exame de sangue aqui se a doutora quiser um. E quanto aos enjoos, se estiver grávida, muitas mulheres sentem enjoo matinal, que acaba sendo mais enjoão-o-dia-inteiro no primeiro trimestre... É normal.

— Bom Senhor, eu não posso acreditar que estou falando disso.

A enfermeira apenas sorriu e terminou de escrever na planilha.

— Certo, agora, se puder colocar esta camisola. – Um pedaço quadrado de papel foi colocado em seu colo. — Eu irei chamar a médica.

— Obrigada.

A porta se fechou atrás da enfermeira com um clique.

— Eu não posso te deixar sozinha. — iAm disse ao se levantar, virando de cara para a parede... E colocou a cabeça em suas grandes mãos. — Mas fortemente sugeriria que não conte a seu marido que ficou nua comigo no quarto. Eu gosto de meus braços e pernas onde estão, muito obrigado.

— Estou de acordo.

Ao tirar rapidamente suas roupas e entrar naquela camisola franzina, realmente desejou que Wrath estivesse com ela. E na verdade, era uma boa prova do quanto a presença dele a acalmava. Eles tão raramente se separavam, que era fácil esquecer o quanto significava para ela, especialmente quando as coisas se tornavam tão estressantes.

Eeeeeee então foi questão de se apressar para então esperar.

— Então se você fosse se casar, que tipo de mulher iria querer?

iAm olhou para ela. — Nós não podemos conversar sobre beisebol ou algo assim?

Oh, merda. — Ou que tipo de cara, se for o caso. Desculpe, não quis ofendê-lo.

Ele riu novamente. — Eu não sou gay.

— Então como ela seria?

— Cara, você não desiste, não é?

Agora foi a vez dela rir. — Escute, estou sentada aqui, congelando neste modelito de papel, esperando ouvir que tenho uma gripe e não preciso me preocupar, então me ajude a me distrair de minha realidade, certo?

iAm voltou a se sentar em sua cadeira. — Bem, como eu disse, realmente nunca pensei muito nisto.

— Posso te arranjar um encontro...

— Não. — Ele reclamou. — Nãoooooooooo. Não, não, não, nem pense nisto, mocinha.

Ela levantou as mãos. — Certo, certo. É só que, eu não sei, você parece um cara legal.

Ele não respondeu.

E quando ele ficou em silêncio, ela pensou, maldição, ela o tinha deixado desconfortável...

— Posso dizer algo que ninguém sabe? — Ele perguntou.

Beth se endireitou mais. — Sim, por favor.

O Sombra deixou escapar um longo suspiro. — A verdade é...

Oh, Deus, por favor não deixe a médica entrar antes que ele...

— Eu nunca estive com uma mulher antes.

Quando as sobrancelhas de Beth se levantaram até o centro de sua testa, ela forçou-as para baixo. Não queria que ele visse o choque em seu rosto.

— Bem, isto é...

— Ridículo. Eu sei.

— Não, não, de jeito nenhum.

— Trez mais que compensou isto. — Ele murmurou. — Se compararmos sua vida sexual com a minha, ainda estaríamos na faixa de Wilt Chamberlain²⁹.

— Oh, uau. Eu quero dizer...

— Antes de meu irmão fugir dos s 'Hisbe, eu era malditamente tímido. E então depois que a merda dele bateu no ventilador? Passei a tentar evitar que ele saísse completamente do controle. Além disso... Não sei, não gosto de prostitutas. Nossa tradição diz que se deve honrar o seu corpo e compartilhá-lo apenas com quem seja sua metade. Suponho que não consegui tirar esta merda da minha cabeça.

Depois de um momento, ele franziu o cenho para ela. — O quê?

²⁹ Wilt Chamberlain foi um dos maiores jogadores de basquetebol norte-americano de todos os tempos. Além de vencer o título da NBA em duas oportunidades (1967 e 1972), também quebrou diversos recordes individuais da NBA em pontos e rebotes: É o único jogador em todos os tempos a fazer mais de 100 pontos em um jogo e o único a ter média de mais de 40 ou 50 pontos por jogo em uma temporada. Já foi o líder da NBA em pontos e rebotes por jogo 11 vezes, por 9 vezes teve a melhor taxa de acertos (field-goal) e até já foi líder em assistências uma vez (1968), fato incomum para um jogador de sua posição. Em toda história da NBA, é o unico jogador a ter média de mais de 30 pontos e 20 rebotes por jogo em uma temporada.

— Eu só... Nunca ouvi você dizer tantas palavras de uma vez. É bom vê-lo se abrir.

— Podemos manter isto entre nós?

— Sim, absolutamente.

Ela esperou alguns segundos. — Mas se eu encontrar alguém, tipo, você sabe, com quem poderia fazer sentido, posso apresentar a você?

Ele balançou a cabeça. — Eu agradeço. Mas não sou uma boa aposta.

— Então o que você vai fazer, passar a vida inteira sozinho?

— Eu tenho meu irmão. — Ele disse com voz rouca. — Acredite. As merdas dele são mais do que suficiente para me manter ocupado.

— Sim, tenho certeza disto.

Quando ele voltou a ficar em silêncio, ela achou que ele tinha terminado de falar. Ao invés disto, ele falou uma última vez: — Eu só tenho mais um segredo.

— E o que é?

— Não conte a ninguém... Mas gosto daquele seu maldito gato.

Inclinando a cabeça para o lado, Beth sorriu para o Sombra. — Eu tenho a sensação... De que ele gosta de você também.

Passou-se uma hora inteira antes da porta se abrir novamente.

E era apenas outra enfermeira. — Oi, eu sou Julie. A Dra. Sam está presa em uma emergência. Ela realmente sente muito. Pediu que tirasse uma amostra de sangue para agilizar as coisas.

Por uma fração de segundo, Beth se preocupou com aquela ideia brilhante. Existiam diferenças anatômicas nas duas espécies. Se eles encontrassem algo...

— Sra. Marklon?

iAm disse que cuidaria de qualquer consequência, ela se lembrou. E ela podia adivinhar como iria fazer isto.

— Sim, claro. Qual braço quer?

— Deixe-me olhar suas veias.

Cinco minutos, um pouco de álcool, duas agulhas e três frascos mais tarde, ela e iAm ficaram sozinhos novamente.

Durante algum tempo.

— Sempre demora tanto? – Ele perguntou. — Com humanos?

— Eu não sei. Eu nunca estive doente, certa como o inferno que nunca desconfiei que estivesse grávida antes.

O Sombra reposicionou-se na cadeira novamente. — Você quer ligar para Wrath?

Ela pegou o telefone. — Eu não tenho sinal. E você?

Ele verificou o seu. — Não.

Fazia sentido. Eles estavam em um dos mais novos edifícios do Hospital St. Francis, um monstro de aço e vidro de doze ou quinze andares de altura... E eles estavam somente no segundo andar. No meio.

Nenhuma janela a vista.

Deus, ela queria que Wrath estivesse ali...

A porta se abriu, e mais tarde... Muito mais tarde... E ela se lembraria da primeira coisa que a atingiu:

Eu gosto desta mulher.

A Dra. Sam tinha quase um metro e oitenta de altura, cerca de cinquenta anos de idade... E interessava-se completamente pela sua paciente. — Oi. Eu sou a Sam, e sinto muito te deixar esperando.

Mudando a pasta de papéis para o outro braço, ela estendeu a mão e sorriu, relampejando bonitos dentes brancos e um rosto que envelheceu naturalmente bem. Seu cabelo loiro curto tinha um bom trabalho de tintura, e ela tinha uma aliança de ouro e um anel de diamantes em sua mão esquerda. — Você deve ser Beth. Manny é um velho amigo meu. Eu costumava dar suporte em ginecologia e obstetrícia no pronto socorro para ele, de vez em quando.

Por uma razão absolutamente inútil, Beth sentiu um desejo absurdo de chorar e conseguiu segurar. — Eu sou Beth. Marklon.

— E você é? — Ela disse para iAm, também oferecendo sua mão.

— Um amigo.

— Meu marido não pôde vir. — Beth disse enquanto os dois apertavam as mãos.

— Oh, eu sinto muito.

— Ele não vai poder vir nas consultas.

A Dra. Sam apoiou um quadril na maca de exames. — Ele é militar?

— Ah... — Ela olhou para iAm. — Na realidade, sim.

— Agradeça a ele pelo serviço prestado, certo?

Deus, ela odiava mentir. — Agradecerei.

— Certo, então vamos aos negócios. — Ela abriu o prontuário. — Você tem tomado vitaminas pré-natais?

— Não.

— Isso vai ser primeira coisa em nossa lista. — A Dra. Sam olhou para cima. — Eu tenho algumas naturais que não irão fazê-la enjoar...

— Espere, então eu estou grávida?

A doutora franziu o cenho. — Eu... Eu sinto muito. Pensei que tivesse vindo para seu exame de ultrassom?

— Não, eu vim para descobrir se tenho uma gripe estomacal ou se estou... Você sabe.

A médica puxou a cadeira que a enfermeira tinha usado e se sentou bem perto. Então ela colocou as mãos sobre a mão de Beth. — Você está definitivamente muito grávida. E já faz um tempo. É por isso que precisamos iniciar seu pré-natal imediatamente... Além de fazê-la ganhar um pouco de peso.

Beth sentiu o sangue sumir de sua cabeça. — Eu... Isto não é possível.

— Olhando os resultados de HCG, eu diria que você está em seu segundo trimestre... Embora os níveis possam significativamente variar. Mas agora mesmo está acima de cem mil. Como eu disse, espero que me deixe fazer o ultrassom para que possamos ver como estão as coisas.

— Eu... Eu... Eu... Eu...

— Sim, ela gostaria que fizesse. — iAm disse à distância. — Você pode fazê-lo agora?

— Eu... Eu...

— Sim, agora mesmo. — Mas a Dra. Sam não se moveu. — Mas vamos nos certificar de que Beth concorda. Você gostaria de algum tempo com seu amigo?

— Eu não posso estar de quatro meses. Você não entende que... Não é possível.

Talvez isto fosse uma coisa de vampiro, ela pensou. Tipo, os resultados deram alterados por que ela era uma...

— Bem, novamente os níveis de HCG são realmente uma indicação a princípio... E unicamente em relação com o quanto eles estão aumentando. — A médica ficou de pé e abriu uma gaveta, tirando um pequeno dispositivo em forma de caixa com um sensor conectado através de um cabo grosso. — Posso verificar as batidas do coração?

— Não é possível. — Beth se ouviu dizer. — Apenas não é...

— Vamos ver se existe uma batida de coração?

Beth deitou-se novamente sobre a cama e sentiu que a médica colocava algo do tamanho de um dedo em seu estômago...

Um pequeno ritmo apareceu. — Sim, temos uma batida de coração. Boa e forte. Cento e quarenta é o que gostamos de ver, e você tem um.

Beth conseguiu apenas piscar para o teto acima dela. — Traga a máquina de ultrassom. — Ela disse bruscamente. — Agora.

Capítulo SESSENTA E QUATRO

Enquanto John marchava pelo mosaico do chão do vestíbulo, ele estava muito consciente de duas coisas: Uma, sua irmã já estava fora há horas. E duas, Wrath estava a ponto de perder o controle.

O Rei tinha se postado no último degrau da escada principal, o peito se movendo para frente e para trás como se a passagem dos segundos estivesse sendo medida pelo seu corpo inteiro.

Sem nenhuma razão, John aproximou-se da lona plástica pendurada no arco da sala de jogos. O trabalho tinha avançado na noite anterior... E apesar da grande metragem, o chão estava quase totalmente pronto. Esta noite, supunha-se que chegaria uma nova carga de mármore e começariam a instalá-lo. Logo, iriam trabalhar as paredes, o que tomaria mais tempo...

Uau. Ele realmente estava tentando se distrair.

Deixando a cobertura cair de volta no lugar, olhou para Wrath. Era de se pensar que, em um momento como este, John seria a pior pessoa para se sentar com ele, uma vez que era mudo e o Rei cego.

Mas Wrath não queria conversar, assim que, bom, funcionava.

Os demais tinham saído de cena após a partida de Beth com o Sombra... E John tentara seguir o exemplo. O lado marido totalmente triunfava sobre o lado irmão, especialmente quando se tratava de uma merda destas. Mas uma vez lá em cima, inclusive depois de fazer sexo com Xhex? Seus passos o trouxeram de volta ali, para baixo.

E então ele esperou.

Engraçado, tinha a sensação de que se fosse qualquer outro, Wrath o teria expulsado.

— Seu telefone tocou? — Wrath perguntou, sem olhar para cima.

John soprou um pequeno assobio descendente, o mais perto que podia chegar de um não. Mas então, se ele tivesse recebido um telefonema, os dois teriam ouvido o toque do celular.

— Mensagem?

John balançou a cabeça, antes de se lembrar que deveria assobiar novamente...

Do nada, a campainha do vestíbulo tocou e uma imagem apareceu no monitor discretamente instalado na imensa entrada principal.

Beth. iAm. Lá fora na escada da entrada.

Ao mesmo tempo em que Wrath pulava em pé, John correu para o botão de acesso antes que Fritz aparecesse, assobiando em tom de urgência para que o marido soubesse que a esposa tinha retornado.

No segundo em que apertou o botão para liberar o mecanismo, a porta interna do vestíbulo se abriu.

John jamais se esqueceria da aparência de Beth ao entrar na casa: Seu rosto estava pálido e marcado, os olhos arregalados, os movimentos lentos e descoordenados. Ela segurava seu casaco em vez de usá-lo e o deixou cair no chão, junto com a bolsa.

Objetos se espalharam por todos os lugares. Uma carteira. Uma escova de cabelo, um batom.

Por que ele estava notando tudo isto...?

E então, tudo que pôde ver foi sua irmã correndo pelo mosaico de macieira do piso... Como se estivesse sendo perseguida por um louco.

Quando se jogou sobre Wrath, não foi com alegria.

Ela estava apavorada.

Em resposta, Wrath facilmente a segurou, ergueu-a do chão e a tensão que enrijeceu seu maxilar não teve nada a ver com o peso dela.

— O que foi, *leelan*? – Ele perguntou.

— Estou grávida. Estou...

— Oh, Deus...

— ...Esperando um menino.

John esticou a mão em busca de equilíbrio. Ele não podia ter ouvido direito. De jeito nenhum...

Wrath lentamente a colocou no chão. E então momentaneamente se apavorou, caindo sentado naquele último degrau da escada, como se seus joelhos tivessem falhado.

E nossa, quem diria, John fez o mesmo, uma combinação curiosa de desespero e alegria incrédula, tomando-o de ímpeto até cair sentado no chão.

Como era possível...?

No silêncio que se seguiu ao grande anúncio de Beth, Wrath não conseguiu fazer seu cérebro funcionar. Ou seus braços ou pernas. Ao cair naquele degrau que seu traseiro tinha esquentado, sentiu-se como se estivesse em uma espécie de pesadelo.

— Eu não... Entendo. — Um filho? Eles iam ter um *filho*? — Sua necessidade foi há uma... Ou duas noites atrás.

— Eu sei, eu sei. — Ela engasgou.

Imediatamente, ele entrou em ação. A merda com seu cérebro bagunçado; sua *shellan* precisava dele. Recuperando o controle de si mesmo, ele a puxou para seu colo, consciente de que John e iAm eram os únicos ao redor... E ficou contente por isto.

— Diga-me o que a médica disse.

O cheiro das lágrimas dela o matava, mas se manteve firme enquanto ela limpava a garganta algumas vezes. — Eu só fui lá, preparada para ouvir que ainda era cedo demais. Não era para eu já estar de quatro meses...

— *O quê?*

— Foi o que ela disse. — Beth balançou a cabeça contra o peito dele. — Quero dizer, eu sei que me sentia diferente, mas pensei que fosse a necessidade chegando. Ao invés, eu já estava... Quero dizer, acho que eu fiquei grávida antes mesmo da necessidade chegar.

Jesus... Cristo.

Ela se inclinou para trás. — Honestamente, reparei que minhas roupas estavam mais apertadas há um mês. Talvez um pouco antes? Pensei que fosse tensão, ou por eu não estar tendo tempo para exercícios? E então meu humor começou a mudar e agora olhando para trás... Meus seios estavam doloridos também. Mas minha menstruação nunca foi regular. Assim simplesmente não sei. Oh, Deus, e se causei algum dano ao bebê por passar tanto tempo com Layla? E se...

— Beth, shh... Beth, escute. O que a médica disse sobre o bebê?

— Ela disse... — Sua companheira fungou. — Ela disse que ele é bonito. É perfeito. E que tem o coração de um leão.

Com isto, Beth teve um ataque de choro, mais como liberação de emoções que qualquer outra coisa. E enquanto a abraçava, ele olhou por cima de sua cabeça.

— Um filho? — Ele disse.

— A médica disse que ele é grande e forte. E eu o vi se mover. — Ela disse entre lágrimas. — Eu não pensei que fosse um bebê, eu pensei que fosse indigestão...

— Então você engravidou antes da necessidade.

— É a única explicação. — Ela lamentou.

Wrath a abraçou ainda mais forte contra seu coração acelerado. — ...Um filho?

— Sim. Um filho.

De repente, ele sentiu o maior, mais largo e mais feliz sorriso se formar em seu rosto, a maldita coisa esticando suas bochechas a ponto de dor, fazendo os olhos lacrimejarem, e as têmporas arderem. E a felicidade não estava somente em seu rosto. Uma carga tão intensa que queimou seu corpo inteiro por dentro, limpou lugares que ele nem sabia estarem sujos, tirando teias de aranhas que estavam nos cantos, fazendo-o se sentir vivo como não se sentia há um longo, longo tempo.

Antes de perceber o que estava fazendo, ele levantou-se com Beth no colo, inclinou-se para trás e gritou a plenos pulmões, com mais orgulho que seu tamanho poderia conter.

— Um fiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiihooooooooooooooooooooooooooooo! Vou ter um fiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiihooooooooooooooooooooooooooooo!

Capítulo SESSENTA E CINCO

Beth se apaixonou por seu filho naquele momento.

Enquanto Wrath uivava para a lua com orgulho paternal, ela sorriu por entre as lágrimas e a preocupação. Já fazia tanto tempo que não o via bem e verdadeiramente feliz... E, no entanto, ali estava, em meio a notícia que achou que iria enlouquecê-lo, radiante como o sol.

Por causa do filho deles.

— Onde diabos estão todos? — Ele se queixou enquanto olhava para as escadas.

— Você acabou de chamá-los, há mais ou menos dois segundos...

As pessoas apareceram correndo, ficando preso em um congestionamento na parte superior da escada, apesar da coisa ser enorme, o som de pés grandes batendo pelo vestíbulo quando os Irmãos finalmente chegaram com suas companheiras a reboque.

— Aqui. — Ela disse, pegando um pedaço de papel. — Mostre a eles esta... É uma imagem do ultrassom.

Wrath girou-a para segurá-la com um braço só... E com o outro braço pegou o papel e empurrou como se tivesse o tamanho de um outdoor e fosse feito de ouro.

— Olhem! — Ele gritou. — Olhem! Meu filho! Meu filho!

Beth teve que rir mesmo que suas lágrimas corressem mais forte.

— Olhem!

Seus Irmãos formaram um círculo ao redor do que ele tinha na mão e ela se surpreendeu... Cada um deles tinha um brilho em seus olhos, seus sorrisos viris provando que estavam tentando controlar suas emoções.

E então ela olhou para Tohr. Ele estava atrás, ao lado de Autumn. Quando sua companheira olhou para cima com preocupação, pareceu preparar-se para se aproximar.

— Estou tão feliz por você. — O Irmão disse para os dois.

— Oh, Tohr. — ela disse, estendendo as mãos.

Quando o Irmão as apertou, Wrath baixou o braço como se tentasse esconder o ultrassom.

— Não. — Tohr cortou. — Mantenha-o à mostra, tenha orgulho. Tenho um bom pressentimento sobre isto e estarei compartilhando sua felicidade... O tempo inteiro.

— Ah, merda. — Wrath disse, puxando o Irmão para um forte abraço. — Obrigado, cara.

Houve tantas vozes e pessoas felicitando-os, mas havia outro rosto que ela queria ver.

John também estava por perto, e ao cruzar o olhar com o dela, começou a sorrir... Mas não como Wrath. Ele estava preocupado.

Eu vou ficar bem. Ela murmurou.

Embora não tivesse bem certa de acreditar nisto. Culpava a si mesma, não sabendo que já estava grávida, por tentar forçar aquela sua necessidade... E especialmente por ter conseguido. E se aquele enjoo violento fosse um sintoma de aborto voluntário? E se...

Saindo do transe, ela se aferrou a duas coisas: uma, ela tinha ouvido aquele coração batendo, alto e forte; e dois, a médica lhe tinha dito maravilhas sobre o estado do bebê.

De repente o mar de gente se abriu... E ali estavam.

Bella, com Nalla nos braços, Z de pé ao lado de suas meninas.

Beth desabou novamente quando a mulher se aproximou. Deus, era impossível não se lembrar de como Nalla tinha começado tudo aquilo, pondo em movimento uma necessidade que tinha se tornado inegável.

Bella chorava também, ao parar. — Nós só queremos dizer hurra!

Naquele momento, Nalla estendeu os bracinhos para Beth, com um sorriso mais gengiva do que dentes no rostinho, irradiando pura alegria.

Não havia como recusar aquilo, não, em absoluto.

Beth tirou a pequena menina dos braços de sua mãe e a posicionou em seu peito, segurando suas mãos e dando beijos, beijos, beijos.

— Você está pronta para ser uma ir... — Beth olhou para Z e então seu marido.
— ...Uma irmãzona?

Sim, Beth pensou. Por que era isso o que a Irmandade e suas famílias eram. Mais próximos do que irmãos, mais fortes do que o próprio sangue por terem sido escolhidos.

— Sim, ela está. — Bella disse, ao enxugar seus olhos e olhar para trás, na direção de Z. — Ela está tão pronta.

— Meu irmão. — Z levantou sua mão, seu rosto cheio de cicatrizes com um meio sorriso, seus olhos amarelos cálidos. — Parabéns.

Em vez de falar qualquer coisa, Wrath empurrou o ultrassom no rosto de seu Irmão. — Você o vê? Vê meu filho? Ele é grande, certo, Beth?

Ela beijou o cabelo super suave de Nalla. — Sim.

— Grande e saudável, certo?

Beth riu um pouco mais. — Grande e saudável. Absolutamente perfeito.

— Perfeito! — Wrath gritou. — E foi um médico que disse... Quero dizer, alguém que se formou em Medicina.

Até mesmo Z começou a rir daquele ponto.

Beth devolveu a Nalla para seus pais. — E a Dra. Sam disse que ela fez o parto de mais de quinze mil bebês em sua carreira.

— Veja! — Wrath gritou. — Ela sabe das coisas. Meu filho é perfeito! Onde está o champanhe? Fritz! Traga o maldito champanhe!

Balançando a cabeça, Beth respirou fundo e decidiu aproveitar o momento. Ainda havia um longo caminho à frente deles, culminando com o parto... O qual, Cristo, já a deixava completamente aterrorizada. Com tantos obstáculos adiante, e tantas experiências desconhecidas, era tentador perder-se em uma espiral de neuroses.

Mas pela próxima hora, apenas queria curtir com Wrath toda esta alegria... E fazer parte da celebração deste milagre.

Era malditamente engraçado: Todo o tempo que tinham estado brigando por causa de sua vontade de ter um filho... E já tinha um no forno.

Às vezes, a vida era realmente irônica.

Descansando de volta nos braços de seu marido, ela apenas desfrutou de vê-lo receber os cumprimentos de seus Irmãos, e inclusive aceitou uma taça de Fritz.

Seu *hellren* era um cara alto. Mas naquele momento? Ele envergonharia o Monte Everest.

— Você pode me soltar. — Ela disse com um sorriso.

O cenho franzido que lhe disparou era sua maneira de dizer que era uma parede de tijolos, se ela já viu uma. — Absolutamente não! Você é minha esposa, e está carregando minha criança. Terá sorte se eu deixar seus pés tocarem o chão daqui a três anos.

Com isto, ele se curvou e a beijou na boca.

Ah, inferno, talvez devesse discutir aquilo, tipo “este bebê é *nosso*, e não só *seu*”... mas não teve vontade. Tinha ficado tão apavorada e com medo que ele não aceitasse e amasse a criança, que estava aliviada e mais do que feliz por ele já se sentir tão possessivo.

E já apaixonado.

O que era muito bom para seu futuro filho: Quando Wrath, filho de Wrath, decidia que alguém lhe pertencia? Ele arrastaria a Lua para a Terra, se fosse preciso.

Esta reação era exatamente o que ela tinha tido medo de desejar.

Wrath ergueu seu copo. — Ao meu filho. — Ele gritou acima da multidão. — E mais importante... À minha esposa.

Quando ele virou seu rosto para ela, o amor que sentia fazia seus olhos brilharem tão ferozmente, que ela podia ver a pálida luz verde, mesmo através das lentes do óculos escuros.

A casa inteira gritou de alegria... E todos beberam.

Exceto ela, claro.

Porque estava grávida, ela pensou com um sorriso grande o suficiente para rivalizar com o de Wrath.

Wrath deixou-se levar totalmente pelo momento. Com seus irmãos o cercando, e um novo propósito lhe dando razão de viver, ele sabia que esta era uma das melhores noites de sua vida. Ou... Merda, ainda era dia, não era?

Quem caralhos se importava?

Era difícil explicar, até mesmo para ele mesmo, o que exatamente tinha mudado. Mas de repente tudo parecia diferente, desde a forma como apertava as mãos de seus Irmãos a como sorria para suas companheiras e como mantinha Beth no colo.

E ela era a melhor parte de tudo.

Com o champanhe fluindo, e o riso ecoando pelo vestíbulo, não podia acreditar que tinha chegado àquele momento de sua vida. Há apenas uma noite quase tinha perdido o trono e potencialmente sua companheira. E ali estava ele, com a coroa ainda em sua cabeça e sua esposa grávida com seu filho na barriga.

Já de quatro meses.

Recordou, analisando as semanas e os meses anteriores. Foi em uma noite, há quatro meses, quando Beth tinha ido encontrá-lo no escritório durante o dia. Àquela

altura, não ficavam juntos há um tempo, o que com tudo o que andava acontecendo... E ele tinha ficado agradavelmente surpreso pela agressividade com a qual ela o tinha “atacado”. Depois... Pensando melhor, o cheiro dela tinha realmente mudado... Aprofundou-se, ainda que não da mesma forma que em uma gravidez de uma fêmea vampira.

O tempo todo, ela estava grávida.

O destino tinha servido aos dois: dando a ela o que queria e temia jamais ter, e o que ele nem sabia que precisava.

Ao ouvir o bocejo de sua companheira, ficou alerta. — Certo, hora de subir.

A multidão acalmou-se imediatamente, e ele concentrou-se em sua Beth. Aquilo aconteceria muito dali em diante, não apenas da parte dele, mas de seus irmãos. Eles sempre foram protetores com ela. Agora estando grávida? Ela iria ter vinte vezes mais daquela merda.

— E acho que preciso me alimentar novamente. — Sua Beth disse enquanto subia a escada com George fazendo uma pressão sutil em sua perna.

— Entendi. — Ele franziu o cenho. — O que a médica disse sobre o enjoo?

— Ela não acha que seja gripe. Mas já que ela não sabe de toda a estória da necessidade, que talvez seja a causa.

— Vou falar com Havers... Você não precisa ir.

— Isso seria realmente ótimo. Estou nervosa.

— Não se preocupe. Eu resolvo tudo.

E ele absoluta e positivamente o faria. Ele se sentia no controle do universo, sentia que uma parte antiga e familiar dele tinha despertado outra vez.

George o guiou até a porta que dava para a escada do terceiro andar e lá em cima, Wrath virou a esquerda.

Quando a porta se abriu, ele entrou, levando-a diretamente para a cama. — Você quer tomar banho? Uma chuveirada? A banheira?

Ela riu. — Eu só quero ficar aqui. Sinto-me como se tivesse andado numa montanha russa a toda velocidade.

Sentando-se ao lado dela, ele colocou a mão sobre sua barriga. — Eu amo isso.

— Ama o quê?

— Esta coisa toda que está acontecendo. — Ele sorriu. — Nosso bebê.

— Claro que sim.

— Eu queria poder ver. Ver o ultrassom.

— Eu também.

— Mas tudo bem. — Ele acariciava em círculos, tentando imaginar como seu filho seria. — E ele é forte.

— Sim. Como seu pai.

— Aqui, tome minha veia. — Ele estendeu seu pulso para sua boca. — Por favor.

— Oh, obrigada.

A medida que seus dentes se afundavam em sua pele, ele a quis em sua garganta, mas não confiava em si mesmo. Ele já estava todo excitado, e aquele tipo de merda sempre terminava de um determinado jeito... E de jeito nenhum aquilo voltaria a acontecer enquanto ela estivesse grávida. Não. Não com seu filho ali...

A mão de sua esposa caiu em seu pau duro... E ele quase pulou — Merda!

Ela soltou sua veia. — Nós podemos fazer sexo, sabe.

— Ah, não. Não mesmo.

— Wrath, eu não estou doente e não é como se tivéssemos que nos preocupar se vou ficar grávida ou não. — O sorriso dela era tão convincente quando seu tom de voz. — Você já deu um jeito nisto.

— Eu dei mesmo, não dei?

— Estou tão feliz com tudo isto. — Ela disse, ao mesmo tempo que sentia-o tocar seu rosto. — Sobretudo com sua reação a tudo isto.

Parece que os dois tinham se surpreendido com a sua reação.

Acariciando sua barriga, pensou na vida que crescia dentro dela. — Quer saber qual a melhor parte de tudo?

— Diga. — Ela sussurrou.

— Você me deu algo... Que até então não sabia que precisava. É o maior presente que eu recebi... E tipo, completa-me em lugares que nem sabia que estavam vazios. E apesar de tudo? Eu não te amo nem um pouquinho a mais. Você continua tão importante para mim como sempre foi. — Ele curvou-se para baixo e deu um beijo sobre a camisa solta que ela usava... Uma das suas, na realidade, e aquilo era ótimo. — Eu estava completamente unido a você antes disso e continuarei depois disto... E para sempre.

— Você vai me fazer chorar de novo.

— Chore. E deixe que eu cuide de você. Eu cuido disto.

— Eu te amo tanto.

Ele foi para sua boca e a beijou uma vez, duas vezes, três vezes. — Certo. Para trás. Agora termine de se alimentar e descanse... E depois trarei comida.

— Nada de comida, por favor. Não agora. Sua força é tudo que eu preciso.

Amém por isso, ele pensou.

Wrath ficou na extremidade da cama por uma eternidade enquanto ela sugava seu pulso. Então, ajudou-a a chegar ao chuveiro, secou-a e a levou para os lençóis.

— Eu só vou descansar um pouco. — Ela disse, a deriva quando as persianas começaram a subir para a noite.

— Descanse o tempo que quiser.

Um filho. *Um filho.*

— Eu vou para o escritório. — Ele disse... Antes de conseguir se segurar.

Engraçado, isso era o que dizia todas as noites após a Primeira Refeição, a piadinha deles sobre como ele colocava a coroa para lidar com toda aquela merda.

— Estou tão contente. — Ela disse em voz sonolenta.

Engraçado... Naquele momento? Toda aquela coisa de Rei não parecia mais um fardo.

De fato, ao pegar a guia de George, sentiu-se surpreso com a facilidade ao descer os degraus e dirigir-se ao escritório. E ao entrar, aproximou-se da mesa, passou a mão pelos contornos entalhados... E fez uma pausa antes de sentar-se na cadeira de seu pai.

Foi com uma sensação de assombro que ele lentamente soltou seu peso. O trono rangeu como sempre fazia... E ele se perguntou se quando o seu pai se sentava nele também rangia? Não se lembrava daquele detalhe de sua juventude e desejou ter uma memória melhor.

Em vez de pedir a Saxton para entrar, ou verificar e-mails através de seu computador ativado por voz, franziu o cenho e tentou resgatar tantas lembranças do passado quanto pudesse. As que ele se lembrava eram nebulosas... Por causa de seus olhos defeituosos.

Deus, ele nunca tinha realmente pensado no lado humano de sua esposa... Mas esperava como o inferno que o novo DNA que ela trazia em si pudesse anular o seu defeito. Seria maravilhoso se seu filho nascesse com boa visão.

Seria tão bom se seu filho nascesse com bons olhos.

Mas e se não nascesse?

Então ele mesmo abriria o caminho e estaria lá para apoiar seu filho. Ser cego não era genial... Mas também não significava não ter uma vida.

Meeerrdaaa, pensar que esteve disposto a sacrificar uma criança apenas por ter medo de que ela pudesse ter um defeito. Estúpido. Tão estúpido. E realmente uma puta mancada de sua parte.

Graças a Deus, o destino tinha tomado um caminho melhor...

— Meu senhor. — Fritz disse.

— Entre! — Merda, ele realmente estava radiante... Era hora de baixar a bola um pouco, senão ia acabar se irritando.

— Um dos trabalhadores deseja uma audiência.

Ah, sim. E por um momento, ele quase voltou a seu padrão de evitar as coisas, mas então ficou em pé. — Eu descerei... Não.

Pensando melhor, ele se sentou de volta no trono. — Mande-o subir... Mas acompanhe-o, por favor? E peça a um dos Irmãos que o ajude. — Ele não estava disposto a confiar em ninguém além dos que moravam em sua casa.

— Imediatamente. — O mordomo disse. — Com prazer!

Parecia que ele não era o único imensamente feliz por ali.

Baixou o olhar para o chão. — Eu não sei o que estou fazendo aqui, George.

O encorajador apoio que recebeu foi exatamente o que precisava. Foda-se a *glymera*, de verdade.

Um pouco mais tarde, a voz forte de Vishous invadiu a sala. — Estou com seu visitante, certo?

— Traga-o.

Houve alguns sons de movimento e de repente, os odores na sala mudaram... Tão opressivamente que Wrath recuou.

Ele jamais tinha visto tamanha... Gratidão? Era aquilo o que era? Reverência? Era um conjunto de odores nascido de emoções profundas, com certeza.

— O encarregado está curvado diante de sua mesa, meu irmão. — V disse. — Ele tirou o chapéu.

O fato do encarregado estar chorando foi algo que Vishous propositalmente deixou de informar.

Wrath ficou em pé e deu a volta. Mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, uma corrente de palavras saiu da boca do humilde homem.

— Eu sei que foi você. Eu sei que só poderia ser você. — A voz do homem sufocou. — Eu jamais poderei pagá-lo... Como soube?

Wrath deu de ombros. — Eu só achei que fosse provável que sua filha precisasse de uma cadeira de rodas melhor. E um par de rampas.

— E a van. Aquela van... Como...

— Suponho que o dinheiro esteja um pouco escasso... Mesmo que você cuide bem de sua família. E quanto ao porquê, você esta me ajudando aqui, então queria ajudá-lo lá.

— Minha segunda *shellan* mal pode expressar seu agradecimento. Nem eu. Mas gostaríamos que ficasse com isto. Como uma homenagem digna de Vossa Alteza.

Wrath franziu o cenho, uma lembrança repentina do passado voltando para ele.

E o fez piscar forte.

Podia se lembrar de pessoas fazendo isto para seu pai, oferecendo ao Rei símbolos de agradecimento.

— Será uma honra. — Disse com voz rouca enquanto estendia as mãos.

O que foi colocado em suas mãos era liso e suave. — O que é isto?

Houve uma pausa desajeitada. Como se o homem não entendesse.

E foi neste momento quando Wrath soube que tinha chegado a uma encruzilhada. Curiosamente pensou em seu filho.

Trocando o leve peso de uma mão para outra, levou a mão ao rosto...

... E tirou seus óculos escuros.

— Eu sou cego. — Ele disse ao cidadão. — Eu não posso ver. Foi assim que eu soube o que seria importante para você e sua família. Tenho um pouco de experiência em me adaptar ao mundo.

O arfar foi ruidoso.

Wrath sorriu um pouco. — Sim, o título de Rei Cego não é apenas uma fofoca. E juro por Deus... Que não me envergonho dele.

Putá merda... Até dizer as palavras, ele não tinha percebido o quão inferior se sentia antes. O quanto tinha mantido escondido. Quantas desculpas ele tinha

oferecido por causa de algo sobre o que não tinha o menor controle. Mas isto era passado.

Enxergando ou não, ele teria que estabelecer um exemplo neste mundo... E seria maldito se não estivesse à altura dele.

— Então, por favor. — Ele disse ao homem claramente surpreso. — Descreva o presente que ofereceu em minha honra.

Houve uma pausa muito longa. E o homem não foi o único que ficou surpreso. V estava emanando dúzias de *Oh-Meu-Deus* enquanto fumava como uma maldita chaminé em um canto.

O homem limpou a garganta. — É... Um, minha companheira, ela tece no modo tradicional do País Antigo. Ela vende para a Raça confeccionar bandeiras e roupas. Este é... O seu melhor trabalho, um que ela fez anos atrás e não teve coragem de vender. Levou um ano para terminá-lo... — A voz do homem se rompeu. — Ela disse que sabe agora por que não conseguiu vendê-lo. Ela quer que lhe diga que agora sabe que o estava guardando em sua honra.

Wrath afastou os óculos e passou a mão acima e abaixo pelo tecido. — Nunca senti nada tão fino... É como cetim. De que cor é?

— Vermelho.

— Minha cor favorita. — Wrath fez uma pausa. E então decidiu, Foda-se. — Eu vou ter um filho.

Ouviu um segundo arfar de assombro.

— Sim, minha amada e eu... Tivemos sorte. — Subitamente, a realidade de seu filho não ser o herdeiro do trono golpeou-o... E sentiu tristeza. Tristeza sim, mas também uma espécie de alívio. — Eu o usarei para recebê-lo quando nascer.

Eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee, ouviu o terceiro arfar.

— Não, ele não será o herdeiro para o trono. — Wrath disse. — Minha esposa é metade humana. Então ele não poderá me suceder no trono... Mas tudo bem.

Seu filho poderia seguir seu próprio caminho. Ele seria... Livre.

E quando Wrath falou sua verdade, sem desculpas ou explicação, quando se envolveu nas capas da honestidade, quando disse as palavras que vinha mantendo escondidas sem nem perceber que o fazia...

Percebeu que ele também finalmente estava livre... E que seus pais, se tivessem a chance de vê-lo, o teriam aprovado.

Do jeito que ele era.

Capítulo SESENTA E SEIS

O Caldwell Galleria Mall ficava aberto até as dez horas da noite.

Ao se materializar em um canto escondido de seu extenso estacionamento, Xcor passou pelas filas de carros estacionados, seus passos largos encurtando a distância até uma entrada que tinha uma gigante placa vermelha sobre uma infinidade de portas.

Ele não tinha ideia do que estava fazendo aqui. Metido entre humanos. Com um propósito que, se apresentado por um de seus soldados, ele jamais teria deixado levar a cabo.

Empurrando as portas de vidro ao entrar, ele franziu o cenho. Roupas femininas abundavam à esquerda e à direita, todos os tipos de cores alegres... Que o fez pensar com carinho em soltar um lança-chamas para acabar com a tortura sobre suas retinas.

Mais à frente, haviam seções após seções de caixas de vidro exibindo esquisitices cintilantes, lenços pendurados em prateleiras e espelhos... Puta merda, haviam espelhos por toda parte.

Ao passar por eles, baixou os olhos. Ele não queria se lembrar de sua feiura. Especialmente essa noite...

Será que eles sequer tinham o que ele queria neste lugar?

Rondando o primeiro andar, ele podia sentir os olhos dos clientes sobre ele... E ficou claro que eles estavam se perguntando se iam acabar no noticiário da noite de uma maneira ruim. Ele ignorou a todos e subiu a escada rolante.

Foi no segundo andar que encontrou o departamento de moda masculina.

Sim, aqui, todos os tipos de camisas masculinas e calças e blusas e jaquetas estavam dispostos em cabides e mesas de exibição. E assim como no andar de baixo, a música soava de cima, em batidas baixas, enquanto a luz do teto destacava a mercadoria.

Que diabos ele estava fazendo aqui...

— Ei, eu posso ajudá-lo... Uoou!

Ao se virar e assumir posição de ataque, o vendedor humano negro saltou para trás e ergueu as mãos.

— Perdoe-me, — Xcor murmurou. Pelo menos ele não sacou uma de suas armas.

— Não tem problema. — O homem bonito e bem vestido sorriu. — Você está procurando algo específico?

Xcor olhou em volta, e quase voltou para escadas chique. — Eu preciso de uma nova camisa.

— Oh, legal, vai ter um encontro sexy?

— E calças. E meias. — Pensando bem, ele nunca usava cuecas. — E roupas de baixo. E uma jaqueta.

O vendedor sorriu e levantou a mão, como se fosse dar um tapinha amistoso no ombro de seu cliente... Mas, então, deteve-se ao claramente reconsiderar o contato.

— Que tipo de estilo você gosta? — Ele perguntou.

— Estar vestido.

O cara fez uma pausa como se não tivesse certeza de ter sido uma piada. — Ah... Certo, acho que posso achar algo para vesti-lo. Além disso, vai ser legal. Venha comigo.

Xcor o seguiu, porque ele não sabia mais o que fazer... Ele tinha iniciado aquilo; não havia razão para não seguir adiante.

O homem parou na frente de um expositor de camisas. — Então eu vou me basear em que seja um encontro, a menos que você diga o contrário. Casual? Você não mencionou um terno.

— Casual. Sim. Mas eu quero parecer... — bem, diferente dele mesmo, pelo menos. — Apresentável.

— Então eu acho que você vai querer uma camisa social.

— Uma camisa social.

O cara o encarou firmemente. — Você não é daqui, não é?

— Não, eu não sou.

— Eu percebi pelo sotaque. — O vendedor passou a mão pela estonteante variedade de camisas dobradas. — Esses são nossos cortes tradicionais. Eu posso dizer sem medi-lo que as peças europeias não vão caber em você... Você é musculoso demais nos ombros. Mesmo que pudéssemos acertar nos tamanhos do pescoço e braços, seu tórax não caberia. Você gosta de alguma destas cores?

— Eu não sei o que gostar.

— Aqui. — O homem pegou uma azul que lembrava a Xcor a cor de fundo de seu telefone. — Combina com os seus olhos. Não que não haja outras opções... Mas talvez seja melhor destacar o que você já tem. Alguma ideia do seu tamanho?

— XXXL.

— Nós precisamos ser um pouco mais exatos. — O vendedor tirou uma fita métrica. — Pescoço? Braços?

Como se para ajudá-lo a entender, o homem fez um círculo na frente de sua própria garganta.

Xcor olhou para si mesmo. Não vestia nada além da camiseta sem mangas mais limpa que tinha, um par de calças cargo, e suas botas.

— Eu não sei.

O homem estendeu a mão com a fita, mas depois hesitou. — Vamos fazer assim, que tal eu te dar isso e você simplesmente dá a volta no pescoço para eu ver o número.

Xcor pegou a coisa e fez o que ele pediu.

— Certo, uau. — O vendedor cruzou os braços sobre o peito. — Bem, você não vai usar gravata, vai?

— Gravata?

— Eu vou tomar isso como um não. Posso medir seu braço?

Xcor estendeu o braço esquerdo e o homem se moveu rápido. — Esse é quase normal em comprimento pelo menos. Largura? Você está no território do The Rock, fácil, fácil. Mas eu tenho uma ideia.

Um minuto e meio de procura depois, Xcor tinha três camisas diferentes para provar.

— Que tal calças? — O vendedor perguntou.

— Eu não sei meu tamanho ou preferência. — Poderia também ser eficiente. — O mesmo posso dizer sobre jaquetas.

— Eu tive a sensação que você iria dizer isso. Venha comigo.

Antes que ele percebesse, estava totalmente nu em um provador, tirando as roupas do corpo, as armas escondidas sob a pilha de coisas que ele tinha usado para sair.

— Como ficou? — Seu novo melhor amigo perguntou do outro lado.

Xcor olhou-se no espelho e sentiu suas sobrancelhas se erguerem. Ele estava... Não bonito, não. Ele nunca estaria bonito. Mas também não parecia tão estúpido quanto se sentia... Ou tinha aparência tão rústica quanto quando usava suas próprias roupas.

Tirou a jaqueta escura que lhe foi sugerida, atou suas armas e facas e, em seguida, colocou a coisa de volta. Ficava um pouco apertada na parte de trás, e ele não podia abotoá-la totalmente por isto... Mas ficava muito melhor que o seu casaco de couro manchado de sangue. E as calças ficaram apenas ligeiramente esticadas em suas coxas.

Saindo, ele entregou as outras duas camisas. — Eu vou levar tudo.

O vendedor bateu palmas. — Legal. Quanta diferença! Vai levar sapatos?

— Talvez mais tarde.

— Nós vamos ter uma liquidação no final do mês. Volte depois.

Xcor o seguiu até o caixa, e pegou uma tesoura de um porta-canetas para cortar as etiquetas que estavam saindo de seu pulso e sua cintura. — Vocês vendem essências?

— Oh, você quer dizer perfumes?

— Sim.

— Esse é outro departamento, do outro lado. Posso te mostrar onde ficam... Na verdade, experimente isto. — Ele abriu uma gaveta. — Tenho algumas amostras aqui, sim, o clássico Drakkar. Égoïste... Esse é bom. Polo... O tradicional. Oh, experimente esse.

Xcor aceitou um frasco pequeno, abriu a tampa e cheirou. Fresco, limpo... O cheiro da beleza masculina, caso houvesse uma fragrância para isto.

Basicamente tudo o que ele não era.

— Eu gosto desse.

— Calvin Klein Eternity. Muito tradicional... E as gatinhas adoram.

Xcor assentiu como se soubesse o que ele estava falando. Que mentira.

O vendedor registrou tudo. — Certo, seu total é de quinhentos e um dólares e noventa e dois centavos.

Xcor retirou as notas que tinha enfiado no bolso de trás. — Eu tenho isso, — ele disse, mostrando o dinheiro em suas mãos abertas.

As sobrancelhas do vendedor se ergueram. — Sim, não é tanto assim. — Houve uma pausa. — Você... Sim, certo, eu preciso de cinco daqueles, quatro desses, e duas daquelas pequenininhas.

Xcor tentou compreender as denominações que o cara dava às notas... Aparentemente, significavam algo.

— E aqui está o seu troco e recibo. Você quer uma sacola para suas roupas velhas?

— Sim, por favor. Obrigado.

Uma sacola grande branca com uma estrela vermelha foi passada sobre o balcão. — Obrigado por ter vindo, a propósito, meu nome é Antoine. Se você quiser voltar para comprar os sapatos no final do mês...

Depois de empurrar suas roupas velhas dentro, Xcor viu-se se fazendo uma reverência. — Sua ajuda foi muito apreciada.

Antoine levantou a palma da mão como se estivesse se preparando para dar novamente um tapinha amistoso no ombro dele. Mas, mais uma vez, ele se conteve e sorriu em seu lugar. — Acaba com ela, cara.

— Oh, não. — Xcor balançou a cabeça. — Isso não será necessário. Desta fêmea eu gosto.

Layla deixou a mansão às onze e quarenta e oito, esgueirando-se pelas portas francesas da biblioteca. Ninguém pareceu notar; Mas também, Rhage e John Matthew estavam vigiando os trabalhadores na sala de jogos, Wrath estava lá em cima em seu escritório com Saxton, Beth estava de repouso, os outros Irmãos estavam lutando, e Quinn e Blay estavam desfrutando de um momento de tranquilidade em sua folga.

Oh, e os empregados estavam ocupados com a limpeza após uma Primeira Refeição comemorativa.

Não que ela estivesse vigiando a todos na casa.

Não.

Desmaterializando-se fora do terraço da parte de trás, ela viajou para o prado que estava se tornando tão familiar, e retomou sua forma novamente ao pé da árvore de bordo.

Vestida em sua tradicional túnica, tinha um casaco para se aquecer, no bolso tinha colocado um Mace³⁰.

Quinn insistiu em ensiná-la autodefesa e também como dirigir. Então, caso o outro macho aparecesse, ela estava preparada.

Deslizou a mão no bolso do casaco e apalpou o cilindro, teve o cuidado de caminhar ao redor da árvore. E observou cuidadosamente a extensão do prado coberto de neve.

Ela estava só.

Querida Virgem Escriba, ela estava realmente...

Lá na base da subida, uma figura se apresentou vinda do próprio ar... E quando a brisa mudou de direção, ela apreendeu o aroma.

Era ele. E... Mais alguma coisa? Algum tipo de fragrância que era ao mesmo tempo masculina... E deliciosa.

Xcor levou muito tempo para se aproximar. Seus passos eram regulares e vagarosos e quando ele subiu ao monte e veio até ela, carregava algo sob o braço. Ela sentiu o corpo responder imediatamente à sua presença, seu coração acelerando, as mãos suando, sua respiração ficou entrecortada.

Ela disse a si mesma que era medo. E irresistivelmente, isso era verdade. Mas havia algo mais...

As roupas dele estavam diferentes, ela percebeu quando ele chegou à sua frente. Mais refinadas. Atraentes.

Como se ele tivesse, talvez, se vestido para ela?

Tentando aliviar a queimação em seus pulmões, ela respirou fundo e franziu o cenho. — Seu cheiro está... Diferente.

— Ruim?

Ela balançou a cabeça. — Não. Não Nem um pouco. E suas roupas... Você está muito bem.

³⁰ Mace (spray), uma marca de gás lacrimogêneo, muitas vezes usado pela polícia. Mace Segurança Internacional (empresa), um fabricante de spray de pimenta nos EUA.

Ele não respondeu, e seu rosto não revelava nada... De modo que ela não pôde tirar qualquer conclusão.

O silêncio se prolongou. Até que ela não aguentou mais. — Bem...?

Pelo menos ele não fingiu interpretar mal sua pergunta. — Eu tenho pensado sobre tudo o que você me ofereceu.

E agora seu coração batia tão alto, ela mal podia ouvir sua voz profunda.

— O que você diz? — Ela exigiu em uma voz rouca.

— Eu concordo com suas condições.

Era o que ela esperava. E, no entanto, mesmo assim, ela começou a tremer incontrolavelmente.

— Em troca do seu uso, vou cancelar todos os meus esforços no que diz respeito ao trono.

Pelo menos havia alívio naquilo, exceto ela saber que tinha que cumprir com a sua parte no trato.

— Não se preocupe, — ele disse rispidamente. — Não será essa noite.

Seu alívio se expressou em um suspiro muito alto... O que tornou o rosto dele ainda mais sombrio.

— Este adiamento não é indefinido. — Ele pegou o que carregava sob o braço. — Você vai me dar o que eu quero, mais cedo ou mais tarde.

Com um movimento rápido, ele desembalou o que provou ser um cobertor e colocou-o aberto no chão.

Olhando para ele, Layla não sabia o que fazer.

— Sente-se, — ele ordenou. — E cubra-se com isto.

Quando ela obedeceu e se enrolou na coberta, ela se perguntou o que ele estava fazendo...

Xcor sentou-se ao lado dela, passando os braços em torno do joelhos. Olhando fixamente à frente, sua expressão era inescrutável.

Seguindo o exemplo, ela fez o mesmo. Imitando até a postura dele.

Pelo menos ela tinha salvo Wrath. E desde que seu próprio bebê estivesse em segurança, ela iria em frente e faria o que fosse necessário por seu Rei.

Não importa o que custasse.

Capítulo SESSENTA E SETE

Na noite seguinte, Beth deitou em sua cama de casal e segurou um extraordinário pedaço de tecido nas mãos. — Isso foi *feito* por alguém?

— Sim, a *shellan* do mestre de obras.

Estreitou os olhos e tentou imaginar como a trama incrivelmente fina e regular podia não ter sido feita por uma máquina. — É totalmente surpreendente.

— Eu disse a eles que nosso filho o usará quando nascer.

Com um estremecimento, ela tentou ignorar a pontada de puro terror que a percorreu. Wrath, que tinha estado em pânico sobre tudo o que envolvia o parto antes que ela engravidasse, parecia ter se esquecido disso, no momento. Ela, por outro lado? Meio que andava fingindo estar des preocupada sobre o assunto.

— Sim, claro. — ela murmurou. — Eu amo a cor.

— Eu tinha de fazer algo pelos dois. Ele é um bom sujeito. Eu não esperava nada em troca...

Quando Wrath saiu do closet, estava vestido com seu uniforme, e ela teve que tomar um segundo para admirar a vista. Seus cabelos balançavam soltos, quase até os quadris estreitos. Seus braços magníficos mostravam todos os músculos, graças a camiseta sem mangas. E aquelas calças de couro...

— Eu acho que ela trabalhou nisso por um ano...

— Você vai voltar a fazer sexo comigo? Ou eu tenho que esperar cinco meses?

Parada. Súbita.

Mas pelo menos, ela sabia que seu marido estava prestando atenção. — Vamos, Wrath. Como eu disse ontem, eu estou grávida, não doente.

— Ah...

Ela olhou fixamente para os quadris dele, observando sua excitação tomar forma, querendo aquela longa e dura ereção dele.

— Bem, pelo menos eu sei que você me quer, — ela murmurou.

— Nunca duvide disso.

— Então, que tal agora. Porque você parece... Muito bem. — Os olhos dela subiram e desceram novamente. — Você ficou maior de repente? Quero dizer, isso é um taco de beisebol em seu bolso ou você só está feliz em me ver? Venha aqui e me deixe provar sua mercadoria, garotão.

Ele deixou cair a cabeça para trás. — Beth...

— O queeeeeeee. Qual é o problema... Olha, temos que conversar sobre isso. Esse negócio de abstinência não é bom para você e nem para mim.

— Meu filho está aí dentro, certo? E só... Isso só não parece... Certo.

Beth não queria rir, mas não conseguiu se conter. — Me desculpe. — Ela levantou as mãos quando ele franziu a testa, como se estivesse puto. — Honestamente, eu não estou tirando sarro de você.

— Oh, é mesmo?

— Venha aqui. — Ela estendeu os braços. — E não, eu não vou te seduzir. Palavra de escoteiro.

Ele andou em seus pés descalços, as meias pretas penduradas em suas mãos hábeis. Parecia absurdo sentar o Rei dos vampiros para uma conversa encorajadora... Especialmente ele sendo tão forte como era. Mas ela ia enlouquecer se não pudesse ter essa conexão sexual. E ele também.

— Eu quero estar com você, — ela disse, — Mas só se você estiver confortável com isso. Não vai machucar o bebê... Você mesmo pode ligar para a médica e perguntar. Ou converse com Z, ele e Bella ficaram juntos enquanto ela estava grávida. Ela me disse que sim. Converse com quem precisar, mas, por favor, repense sua decisão. Estar com você precisa fazer parte de tudo isso.

Quando ele estalou os dedos como se estivesse considerando as coisas, ela olhou fixamente para as tatuagens que corriam até o interior dos antebraços dele.

Ela tentou imaginar um filho dela com um conjunto daqueles e estendeu a mão, virando uma das mãos dele, de forma a poder passar as pontas do dedo sobre os símbolos.

— Será que ele também fará tatuagens como estas? — Tantos nomes, ela pensou. — Ou por eu ser mãe dele, não lhe será permitido...

— Foda-se essa merda. Ele poderá perfeitamente fazê-las... E serão feitas por V. Mas só se ele quiser.

— Estou surpresa.

— Com o quê?

— Com o tanto que eu quero que ele queira. Eu quero que ele seja exatamente como você.

Houve uma longa pausa e Wrath teve que pigarrear. — Isso é praticamente o melhor elogio que alguém já me fez.

— Eu não sei... Eu só sinto que você é o homem perfeito.

— Agora você está me fazendo corar.

Ela riu rapidamente. — É verdade.

— Eu xingo. Constantemente. Eu tenho pavio curto. Sou mandão com as pessoas que me rodeiam, inclusive com você.

— Você também é um grande guerreiro. Grande amante... Embora meu filho nunca, jamais fará sexo... Não, não vou pensar nisso, e se nós tivermos netos, eles serão concebidos imaculadamente. Espere, onde eu estava... Oh, sim, então você também é muito leal. Você nunca olhou para outra mulher.

Wrath ergueu o dedo indicador. — E isso seria verdade mesmo se eu não fosse cego.

— E você é inteligente. Ótima aparência...

Ele se inclinou. — Você está tentando me bajular para que eu faça sexo com você?

— Está funcionando?

— Talvez. — Ele beijou seus lábios suavemente. — Apenas me dê um pouco de tempo. Ainda ontem você foi atendida às pressas pela doutora porque estava vomitando.

Ela passou a mão pelo seu rosto e sua mandíbula firme. — Eu esperarei por você. Sempre.

— Fico feliz. — Ele voltou a se sentar. — Então como está o estômago? Você quer comida? A doutora disse que você precisa ganhar um pouco de peso, certo?

— Não sinto vontade de comer nada. Mas vou tentar algumas dessas bolachas de água e sal e refrigerante daqui a pouco. Layla disse que era a única coisa que conseguia manter no estômago.

— Boa ideia. Quando você vai ver a Doutora de novo?

— Bem, essa foi a outra parte do compromisso. iAm teve que trabalhar um pouco de magia na pobre mulher... Naturalmente, meu exame de sangue não foi nada do que eles já tenham visto antes, embora as taxas dos hormônios da gravidez acabaram por serem suficientemente normais. Ela quer que eu volte em um mês, a menos que haja qualquer alteração. Dra Jane disse que tentaria conseguir uma máquina de ultrassom para a clínica, eles têm algum equipamento portátil para ortopedia, mas não tem nada especificamente para gravidez que faça processamento de imagens em 3D. Infelizmente, é o tipo de equipamento que custa muito caro.

— Qualquer coisa que eles precisem, podemos comprar.

Beth assentiu e caiu em silêncio.

Depois de um momento, ela pegou a grande mão do marido e esfregou o polegar sobre o diamante negro dele.

— O que você vai fazer hoje à noite? — Mesmo que ela soubesse a resposta.

— Eu vou ficar em minha mesa.

Ela sorriu. — Eu adoro quando diz isso agora.

— Sabe... Eu também. — Ele deu de ombros. — É engraçado, eu me sentia muito inadequado nesse trabalho. Sabe, quando comparado com o meu pai, blá, blá,

blá. Mas eu era o único que não me aprovava, não ele. E não sei, eu meio que deixei essa bobagem para lá.

— Fico feliz.

— Sim, é uma coisa boa. — Ele franziu a testa. — Eu só queria que houvesse alguma forma de... Não sei, eu gostei de ajudar aquele mestre de obras. E existem outros como ele lá fora... Tem de ter. Mas eu não sei como chegar até eles. Meu pai costumava tirar esta merda de letra, falava com as pessoas... Pessoas de verdade, não aquela porcaria da *glymera*...

Beth sentou-se rapidamente. — Tenho uma ideia. Sei exatamente o que fazer.

Ele olhou para ela, e o sorriso lento que marcou seu rosto foi a coisa mais sexy do mundo. — Sabe o quê? — ele disse. — Eu amo sua mente. Totalmente.

Wrath girou a perna esticada ao redor, trazendo-a em um círculo completo. E o contato se fez exatamente onde ele quisera – no alto, e no rosto.

Tohrture se moveu no ritmo do impacto, girando em um círculo, empunhando sua espada de modo que a lâmina passasse bem perto do peito de Wrath. Só que não chegou a diminuir a distância. Nenhum sangue foi derramado, nenhuma roupa foi cortada.

Mas Wrath sabia que não devia desfrutar a pequena vitória. Saltando para trás sobre seus pés, deu uma cambalhota no ar e aterrisou solidamente, definindo sua posição de combate, levantando ambas as adagas...

— Solte as lâminas, – Ahgony gritou.

Sem perder o ritmo, ele as soltou, enfrentando o adversário de mãos vazias.

Tohrture veio para ele em pleno ataque, sem amenizar a velocidade nem a força, e Wrath ficou muito quieto. No último segundo, quando o grito de guerra do Irmão soou e ecoou na caverna iluminada por tochas, Wrath se agachou no chão e pegou o lutador pelos tornozelos com um bote explosivo.

Tohrture caiu para frente... E como Wrath tinha aprendido, a última coisa que se poderia querer era um Irmão com uma espada sobre você. Saindo do caminho, ele pulou de volta para seus pés. Isso era fundamental. Sempre se manter em pé.

Tohrture fez o mesmo, ficando em pé um momento depois, a espada erguida, a nível dos olhos. Ambos respiravam com dificuldade, e agora, depois de quantas noites de treinamento, Wrath não era o único com hematomas.

A espada fez um assobio rouco quando Tohrture começou a girá-la de frente para trás de ambos os lados de seu enorme corpo volumoso.

Wrath não teve nem consciência dos cálculos que fazia... Onde o peso de seu oponente estava dividido, para onde aqueles olhos estavam olhando, onde os pequenos grupos musculares se contraíam. Mas era tudo parte de seu treinamento, as coisas que uma vez pareceram estranhas, se tornavam uma segunda natureza.

Vindo do nada, ele foi atacado pelas costas, um peso enorme o levou para o chão. Antes que ele pudesse respirar, virou-se e se viu preso pela garganta com uma gravata.

Crack!

O impacto o deixou sem reação, seus braços caíram ao chão, cheio de sujeira.

— Chega! – Ahgony gritou.

No mesmo instante, o peso o deixou, Night afastou-se, seu rosto mostrando preocupação naquele momento, ao invés de agressão.

Wrath se forçou a rolar e apoiar sua parte superior do corpo acima do chão. Lutou para respirar pela boca que sangrava, ele deixou que o jato sanguíneo caísse no chão sujo com a força da gravidade.

A dor queimava como brasa em seu rosto, e enquanto ele esperava que ela amenizasse, lembrou-se do início de tudo isso... Como a sensação da dor uma vez o deixara perturbado, assustado, distraído. Agora não mais. Agora ele conhecia o padrão do alívio: Como a dormência inevitavelmente viria, como sua mente clarearia e ele estaria novamente em pé.

Pingo. Pingo. Pingo.

Seu sangue era vermelho brilhante ao formar uma poça crescente sob seu rosto.

— Chega por hoje, – Ahgony anunciou. – Bom trabalho, meu senhor.

Wrath se apoiou de joelhos de modo que seu torso ficasse na vertical. Ele sabia que não devia tentar se levantar ainda. Seu crânio estava muito zozzo para isso. Espera... Espera...

— Aqui, senhor, permita-me, – Night disse, oferecendo sua mão.

— Devemos chamar o curador? – alguém disse.

Wrath fechou os olhos e sentiu seu corpo desabar. Mas então ele imaginou sua amada shellan, deitada na cama deles, sua pele da cor das nuvens.

Levantando-se por conta própria, cuspiu o sangue que restava em sua boca. — Novamente, – ele disse aos reunidos. — Faremos... Novamente.

Houve um momento de pausa, a luz bruxuleante das tochas sobre os outros machos na caverna de treinamento secreta.

E então os Irmãos se curvaram diante dele de um modo que notou que começaram a fazer recentemente, não com cortesia, não como alguém saudando ou se despedindo, como era costume aristocrático.

Esse era com respeito.

— Como quiser, meu senhor, – Ahgony disse. Antes de gritar mais uma vez, — De novo!

Capítulo SESSENTA E OITO

— Aonde você vai?

Abalone fez uma pausa no processo de colocar o casaco. Fechando seus olhos, ele recompôs a expressão do rosto antes de se virar e encarar sua filha.

— A lugar algum, meu bem. — Ele sorriu. — Prossiga com suas lições...

— Por que esta carta? — Ela indicou o envelope aberto em sua mão. — Onde você vai?

Ele pensou na proclamação pendurada sobre a lareira. A que levava o nome de seu pai. E então, preocupado, olhou para o que ela trazia em sua delicada mão.

— Fui convocado pelo Rei. — Ele disse firmemente. — Devo obedecer.

Sua filha empalideceu, cruzando os braços ao redor de seu corpo. — Vai voltar?

— Eu não sei. — Se aproximou dela, puxando-a para si. — Isto depende de Vossa Majestade...

— Não vá!

— Nada lhe faltará. — Desde que fossem mantidos os recursos que certa vez foram dados pelo pai do atual Rei a ele. Mas então, ele o mantinha escondido em muitos lugares secretos. — Fedricah sabe de tudo e cuidará de você. — Ele deu um passo para trás. — Eu não posso envergonhar minha linhagem. Seu futuro depende disto.

Se ele não compensasse sua ação covarde, sabia que ela poderia ser a próxima. E ele não aguentaria.

— Fique bem. — disse a ela em voz trêmula.

— Pai! — Ela gritou quando ele virou e caminhou para a porta.

Acenando para o mordomo, não conseguiu olhar o *doggen* se interpor e segurar sua filha.

Fora, ainda podia ouvir sua filha amada gritando seu nome e lamentando. E passou-se um tempo até ele ser capaz de convocar toda sua concentração para se desmaterializar... Mas eventualmente, conseguiu.

Prosseguindo até o endereço recebido, ele retomou forma em frente...

Bem, se este fosse o lugar onde seria executado, era um lugar elegante o suficiente para se perder a vida. A mansão ficava na melhor parte de Caldwell, uma beleza Federal com luz brilhante em todas as janelas e um alegre lustre na entrada convidativa.

Ele podia ver figuras se movendo do lado de dentro. Grandes.

Com o medo apertando sua garganta e enfraquecendo seus joelhos, caminhou até a porta da frente. Havia um botão para apertar na maçaneta de metal, e assim que o tocou, a enorme porta se abriu.

— Oi! Você deve ser Abalone?

Tudo que pode fazer foi piscar. A morena à sua frente vestia roupas soltas, seu cabelo enrolado nas pontas, os olhos azuis brilhantes, amigáveis e atentos.

— Eu sou Beth. — Ela estendeu a mão. — Estou realmente feliz por ter vindo.

Ele baixou o olhar para a mão dela e franziu o cenho. Aquilo era... O Rubi Saturnino em seu dedo? Queridíssima Virgem Escriba, esta era a...

Abalone caiu de joelhos diante dela, curvando sua cabeça quase até o chão polido. — Vossa Alteza, eu não sou merecedor...

Duas botas pretas volumosas entraram em seu campo de visão. — Ei, meu homem. Obrigado por vir.

Tinha de ser um sonho.

Abalone ergueu seus olhos, para cima, bem acima... O maior vampiro macho que já tinha visto olhava para ele. E realmente, com aquele cabelo preto longo e aqueles óculos escuros, ele sabia exatamente quem ele era.

— Vossa Alteza, eu...

— Não leve a mal, mas você poderia se levantar? Eu gostaria de fechar esta porta. Minha esposa está ficando com frio.

Se erguendo do chão, ele percebeu que tinha se esquecido de tirar seu chapéu. Com um movimento brusco, ele o arrancou da cabeça e colocou na frente de seu corpo.

E então tudo o que pode fazer foi olhar de um lado para outro... E então para trás, quando dois homens tão grandes quanto ele, que deveriam ser membros da Irmandade, moviam cadeiras através do vestíbulo.

— Este é ele? — Perguntou o magnificamente bonito.

— É. — O Rei respondeu, estendendo o braço à direita. — Vamos entrar aqui, Abe...

— Você vai me matar? — Abalone falou sem se mover.

As sobrancelhas da rainha se ergueram. — Não. Bom deus, não, por que faríamos isto?

Wrath colocou a mão no ombro de Abalone. — Eu preciso de você vivo, amigo. Preciso de sua ajuda.

Convencido de que acordaria a qualquer momento, Abalone seguiu aturdido para um cômodo adorável que deveria ser a sala de jantar, dado o lustre de cristal e a lareira proeminente. Mas não havia uma grande mesa, nem uma fila de cadeiras, e nem um aparador. Ao invés disto tudo, em frente à lareira, um par de poltronas foram posicionados de frente um para outro e havia outros sofás confortáveis e bancos ao lado. Uma escrivaninha tinha sido posicionada em um canto próximo, na qual um bonito homem loiro em um terno alinhado, trabalhava com uma interminável papelada.

— Sente-se, Abe... — O Rei disse quando se sentou em uma das poltronas.

Abalone obedeceu... Era bem melhor que uma guilhotina, afinal.

O Rei sorriu, seu rosto aristocrático e severo, se aquecendo um pouco. — Eu não sei o quanto você sabe sobre meu pai. Mas ele costumava fazer audiências com

cidadãos. Minha esposa leu seu e-mail depois daquela reunião do Conselho... E você mencionou que trabalhava em uma associação deles?

Abalone olhou de um lado para outro entre o Rei e sua companheira, que tinha se sentado na outra poltrona, tomando um refrigerante.

Os dois tinham mentido, pensou de repente. Eles estavam muito juntos, seu respeito e devoção mútuo eram óbvias.

— Abe?

— Ah... — Não era o que ele esperava disto em qualquer nível, embora lhe agradasse muito a ideia da *glymera* ter sido passada para trás. — Sim, mas é... Se trata mais de uma pequena afiliação, na verdade. Existiam questões a serem avaliadas e... Não que eu estivesse tentando fazer o seu papel...

O Rei levantou as mãos. — Ei, eu agradeço. Eu só quero ajudar.

Abalone engoliu em seco.

— Você quer um refrigerante? — Alguém perguntou.

Foi um Irmão de cabelos pretos, cavanhaque, e gélidos olhos prateados, além de um conjunto de tatuagens em uma das têmporas.

— Por favor. Obrigado. — Abalone respondeu fracamente.

Dois segundos mais tarde, o guerreiro entregou uma Coca-Cola gelada em um copo. Que se mostrou a melhor coisa que Abalone já tinha saboreado.

Recompondo-se, ele murmurou. — Perdoe-me. Achei que o tinha desagradado.

— Nem um pouco. — Wrath sorriu novamente. — Você vai ser muito, muito útil para mim.

Abalone ficou olhando o copo efervescente. — Meu pai serviu ao seu.

— Sim. E serviu muito bem, posso dizer.

— Através da generosidade de seu sangue, o meu prosperou. — Abalone tomou outro gole, sua mão trêmula fazendo o gelo tilintar. — Posso dizer algo sobre seu pai?

O Rei pareceu ficar tenso. — Sim.

Abalone encarou os óculos escuros. — Na noite em que ele e sua mãe foram assassinados, uma parte de meu pai também morreu. Ele nunca mais foi o mesmo. Eu posso lembrar nossa casa de luto por longos sete anos, os espelhos cobertos por tecidos pretos, o incenso queimando, os umbrais pintados de negro.

Wrath esfregou o rosto. — Eles eram boas pessoas, meus pais.

Abalone pôs o refrigerante de lado e saiu da poltrona, ficando de joelhos ante seu Rei. — Eu o servirei da mesma maneira que meu pai o fez, até a medula.

Abalone teve vaga consciência de que outros entraram na sala e estavam olhando para ele. Ele não se importou. A história tinha dado um giro completo... E ele estava preparado para ir adiante com orgulho.

Wrath anuiu uma vez. — Estou fazendo de você meu principal conselheiro. Aqui e agora mesmo. Saxton. — Ele disse. — O que eu preciso fazer?

Uma voz culta respondeu suavemente. — Você acabou de fazê-lo. Eu prepararei o documento.

O Rei sorriu e estendeu a mão. — Você é o primeiro membro da minha corte. Boom!

— Eu sei onde você foi ontem à noite.

Xcor parou no meio do beco e não se virou. — Sabe?

A voz de Throe era impassível. — Eu o segui. Eu a vi.

Agora ele girou sobre suas botas de combate. Estreitando o olhar para seu homem de confiança, disse. — Cuidado com o que vai dizer em seguida. E nunca mais volte a me seguir.

Throe bateu a bota. — Eu conversei com ela. O que diabos esta fazendo...

Xcor se moveu tão rápido que em menos de uma batida de coração o outro macho se viu preso contra uma parede de um edifício, lutando para respirar através de sua garganta pressionada.

— Você não tem direito de questionar isto. — Xcor se segurou para não sacar a adaga, mas foi difícil. — O que ocorre dentro de minha vida particular não é da sua conta. E me permita esclarecer: não se atreva a voltar a se aproximar dela, se quiser viver para morrer de causas naturais.

A voz de Throe soou estrangulada. — Quando tomarmos o trono...

— Não. Chega disto.

As sobrancelhas de Throe se ergueram. — O que?

Xcor soltou o macho e perambulou em volta. — Minhas ambições mudaram.

— Por causa de uma *fêmea*?

Antes dele poder evitar, puxou uma de suas armas e apontou diretamente para a cabeça de Throe. — Cuidado com seu tom.

Throe lentamente ergueu suas mãos. — Apenas pergunto pela mudança súbita...

— Não é por ela. Não tem nada a ver com ela.

— O que é então?

Pelo menos Xcor podia dizer a verdade. — Aquele macho desistiu da fêmea a quem tinha se emparelhado para manter o trono. Eu o soube de boas fontes. Por ter se disposto a fazer isto? Ele pode ficar com a maldita coisa.

Throe exalou lentamente.

E não disse nada mais. O guerreiro apenas encarou os olhos de Xcor.

— O quê? — Xcor exigiu.

— Se você quiser eu diga mais alguma coisa, vai ter que baixar a arma.

Passou-se um tempo antes de seu braço obedecer os comandos de seu cérebro. — Fale.

— Você está cometendo um erro. Estamos a ponto de grandes progressos... E haverá outro ângulo.

— Não, para nós não haverá.

— Não tome esta decisão por uma paixão.

No entanto, este era o problema. Ele temia ser muito mais que isso. — Eu não estou.

Throe caminhou ao redor, mãos nos quadris, a cabeça balançando de um lado para outro. — Isto é um erro.

— Então forme seu próprio bando e tente vencer. Não vai funcionar, mas prometo a você um bom enterro, se ainda estiver por aqui.

— Suas ambições eram as minhas. — Throe o encarou firmemente. — Eu não quero desistir do futuro tão jovialmente.

— Eu não conheço esta palavra “jovialmente”, mas não me importo com o significado. É aqui onde estamos. Você pode partir se quiser, ou pode continuar e lutar conosco como sempre fizemos.

— Você está falando sério.

— O passado não me interesse mais como antes. Então vá se quiser. Leve os outros. Mas já a muitos anos nossa vida no País Antigo acabou, então não vejo porque a identidade do Rei deve ser tal preocupação para você.

— Isto é porque minha lâmina não foi afiada na pedra da coroa...

— O que fará agora? Essa é a única coisa que me importa.

— Eu acho que não o conheço mais.

— Antigamente, isto teria sido uma bênção.

— Não mais.

Xcor deu de ombros. — Isto é com você.

Throe olhou para cima como se buscando inspiração dos céus. — Está bem. — Ele disse firmemente.

— O que está bem?

— Por mais que eu pudesse... — O rosto do homem ficou ameaçador. — ...Minha lealdade é para você.

Xcor anuiu uma vez. — Aceito sua lealdade.

Mas ele não se enganaria. A ambição de Throe estava entre eles agora, e nenhuma troca de palavras ou mesmo um pergaminho mudaria isto.

Isto não acabava ali, nem de longe. E quem sabe se levaria noites, semanas ou anos antes do desdobramento vir à tona... Mas aquela dívida os perseguiria daquele momento em diante.

E ele temia que a moeda fosse uma fêmea.

Capítulo SESSENTA E NOVE

Sentado em sua escrivaninha no Iron Mask, Trez já estava farto de toda coisa do clube. O barulho, o cheiro, os humanos... Até a papelada o irritava.

Ao afastar cerca de cento e cinquenta recibos, estava a ponto de explodir ao esfregar os olhos. E então, quando baixou as mãos e seus olhos se reajustaram à luz fluorescente, um borrão apareceu em sua vista.

Outra enxaqueca?

Ele pegou um pedaço qualquer de papel e verificou para ver se conseguia ler o texto.

Nenhum ponto cego... Ainda.

Desistiu de tentar conseguir fazer qualquer coisa, e se recostou em sua cadeira, cruzou os braços sobre o peito, e olhou para a porta fechada. A batida distante do som da pista o fez pensar que precisava obter alguns protetores de ouvido.

O que realmente queria era dar o fora daqui. E não só deste clube. Ou do que estava acontecendo no armazém do outro lado da cidade. Ele queria sair de toda esta porra de negócio, da vendas de bebidas às prostitutas, do dinheiro à loucura.

Putá merda, toda vez que fechava os olhos, ele via o rosto de Selena. Ouvia a voz dela ao dizer que queria se vestir. Sentia o cheiro de sua decepção.

Quando pensava sobre o “relacionamento” deles, se é que podia chamá-lo assim, ele definia as coisas em termos de coito interrompido. Conversas fracassadas. Meias-verdades. Segredos escondidos.

Tudo dele.

E era estranho. Seu irmão vinha tagarelado com ele para limpar seu modo de agir por quanto tempo? Dizendo-lhe que tinha que se controlar e parar com as trepadas, advertindo-o de que o tempo estava encurtando, esperando e rezando para que uma reviravolta chegasse... Mesmo quando não havia nenhuma esperança

de que isto acontecesse. Enquanto isso, ele vinha trepando com prostitutas em lugares públicos, tendo enxaquecas, e montando uma onda enorme de autodestruição... Erguendo o colarinho, e não dando a mínima.

Apesar de todos os melhores esforços de iAm, Selena tinha sido a única a fazê-lo realmente ver a si mesmo.

Parecia desrespeitoso com seu irmão admitir isto, mas lá estava.

Deus... Ele rezava para que a rainha tivesse uma filha que fosse escolhida. Talvez daquele jeito, pelo menos parte deste pesadelo estaria terminado...

A batida na porta foi suave, e ele sentiu o aroma de loção corporal antes mesmo da coisa abrir.

— Entre, — ele murmurou.

A funcionária que entrou tinha pernas longas o suficiente para ser uma modelo, mas seu rosto não chegava lá: o nariz um pouco grande demais, os lábios pequenos demais, os olhos um pouco fora do centro. E isso mesmo depois de toda cirurgia plástica. Ainda assim, de longe ou na escuridão, ela era um maldito nocaute.

— Me disseram que queira me ver?

A voz dela era padrão tele-sexo, profunda e rouca, e seu cabelo, ao empurrá-lo por cima do ombro, era naturalmente espesso.

— Sim. — Ainda bem que ela não o conhecia bem o suficiente para saber de que ele estava meio morto. — Tenho um cliente especial que...

— O cara que elas estavam falando? — Os olhos dela arregalaram. — Tipo, o deus do sexo?

— Sim. Quero saber se pode encontrá-lo em um apartamento amanhã. — Ele e s'Ex estabeleceram um horário uma vez por semana, mas quando seu chantagista telefonava dizendo que queria uma encontro? Você concordava. — Vou apresentá-la e...

— Oh, porra, sim. As outras meninas estavam falando dele... Ele é um garanhão.

Ela começou a correr as mãos para cima e para baixo em seu corpo, cobrindo seus peitos e seu sexo.

— Amanhã ao meio-dia. — Ele lhe deu o endereço do Commodore. — Encontrarei você lá.

— Obrigada, chefe.

Quando os olhos dela se estreitaram, ele teve a sensação do que estava por vir. E veio meio, — O que posso fazer para mostrar minha gratidão?

Ele balançou a cabeça.

— Nada. Basta chegar na hora certa amanhã.

— Tem certeza?

Olhando fixamente para ela, parte dele queria ceder. Seria muito mais fácil desta maneira... Como cair para trás em uma piscina em julho... Splash, e lá se ia o calor. O problema era que, naquela situação hipotética, ele não sabia nadar. E toda vez que se deixava ir apenas para se esfriar, acabava debaixo d'água, incapaz de respirar.

A luta para chegar à superfície simplesmente não valia a pena o alívio momentâneo.

— Obrigado, garotinha. Mas eu passo.

A mulher sorriu. — Você agora tem uma fêmea, chefe?

Trez abriu a boca para dizer não.

— Sim, tenho.

Hã, ele pensou. Sim, certo.

Depois da pequena DR feliz deles, Selena não foi mais até a casa da Irmandade novamente, e ele certo como inferno não foi para o grande acampamento de Rehv.

Ainda conseguia lembrar-se da exata aparência dela ao olhar para ele. Eventualmente, ele se levantou e deixou o quarto dela... Depois que o silêncio esticou por tempo demaaaaais. Sim, certo, podia tê-la pressionado com algum tipo

de definição ou algo assim. Mas o resultado era, que se ele voltasse ou não para os s'Hisbe, ele ainda estava contaminado.

O que tinha a oferecer-lhe ou a qualquer outra pessoa não valia o fôlego de uma desculpa.

— Ohhhh, isto é uma grande novidade, — a prostituta disse. — Posso contar às outras meninas?

— Sim. Certo. Tanto faz.

Ela praticamente saiu dançando de seu escritório.

Quando a porta fechou, ele voltou a olhar fixamente para ela. Em sua superfície plana, tudo o que podia ver era Selenia, exatamente como se ela tivesse morrido e o fantasma dela viesse assombrá-lo.

Por um momento, ele ficou realmente louco o suficiente para desejar que houvesse algum negócio inacabado entre eles que pudesse usar como desculpa para vê-la. Mas a realidade era que, podia ir até ela de mil maneiras diferentes... E tudo o que teria a oferecer era a si mesmo.

Não bom o suficiente ontem. Hoje. Ou amanhã...

Bem dentro dele, uma mudança ocorreu. A princípio ele apenas reconheceu isto como um pensamento errante. Entretanto, quando aquele pensamento ressoou, percebeu que era muito, muito mais do que isto.

Quando examinava o futuro, não via nada de substancial em sua vida exceto seu irmão. iAm era isto, tudo o que tinha de valor neste mundo. E abruptamente, a ideia de entregar-se para a rainha e sua filha, tornando-se um escravo sexual encarcerado nas paredes do palácio, usado apenas por seu pau e sua ejaculação... Não parecia muito diferente do modo como vinha vivendo sua vida.

Ele tinha regularmente fodido coisas e não se importava.

Não era como se quaisquer daquelas mulheres tivessem alguma porra de significado.

Por que a filha da rainha seria diferente?

Bem, merda... A única coisa que não seria a mesma coisa? Seu irmão estaria livre para viver a vida dele.

Liberto.

E isso era a única coisa verdadeiramente honrada que Trez poderia fazer.

Recostando-se em sua cadeira, ele percebeu... Que não seria uma maneira ruim de terminar as coisas.

Sola saiu de seu apartamento mesmo que fosse meio da noite. Ela simplesmente não conseguia mais permanecer confinada, e o terraço não estava sendo suficiente para seu perambular.

Descendo os degraus de concreto, ela passou pela piscina iluminada no caminho que cortava os arbustos. Do outro lado, a praia esticava-se um quilômetro e meio em ambas as direções, o vento forte e morno batia em seu rosto.

Ela escolheu a direita por nenhuma razão em particular e colocou as mãos nos bolsos de sua jaqueta leve, tateando em busca de seu celular.

Ele continuava silencioso.

E quando olhou para o oceano escuro e escutou as ondas na orla, ela soube que ele não iria tocar.

Oh, certo, ela recebia chamadas de sua avó. Talvez da empresa de telefonia. Talvez a loja de conserto de seu novo carro.

Mas não do código de área 518.

Parando, ela observou o luar que fluía por detrás dela tocando o topo do mar agitado. Embora isto a deixasse nauseada, deliberadamente colocou-se de volta no porta mala daquele carro, sentindo o frio e a vibração, o medo de saber que o que quer que estivesse por vir, iria machucar. Muito.

Mantendo tudo aquilo firmemente em seu peito, lembrou mais uma vez, a si mesma o porquê do telefone ficar mudo era uma boa coisa...

A princípio, ela não teve certeza exatamente do que lhe trouxe a sensação.

Não foi um cheiro, não; o vento a seu favor. E não foi a visão de nada específico... Ao vasculhar a paisagem atrás dela, em busca de arbustos balançando, viu somente outro condomínio em desenvolvimento, um tipo de gramado, uma piscina... Mas nada se movendo. Nenhum som, nada.

— Assail? — Ela suspirou para o vento.

Ela caminhou em direção aos arbustos. Então correu.

Mas quando chegou perto deles? Ele não estava lá.

— Assail! — Ela gritou. — Sei que está aqui!

Sua voz não foi muito longe por causa do vento. Retrocedendo, ela correu se aproximando de casa. — Assail?

Seu coração estava disparado em seu peito, uma esperança traiçoeira vibrando por ela até que sentiu como se flutuasse sobre a areia.

Mas aquele otimismo era como gasolina em um tanque. Quanto mais tempo permanecia sem resposta, mais baixo o nível foi chegando, até que ela diminuiu a velocidade... E parou.

— Assail...?

Ela olhou ao redor, rezando para vê-lo, mesmo que fosse a última coisa que precisasse.

Mas o homem de cabelos pretos que procurava, não respondeu seu chamado... E eventualmente aquela sensação de que estava sendo observada passou.

Como se o vento a tivesse levado.

Como se nunca tivesse existido.

No caminho de volta para sua casa, ela deixou as lágrimas rolares uma a uma sem se preocupar em enxugá-las. Estava escuro. Não havia ninguém para vê-las.

E nada do que se esconder.

Ela estava... Sozinha.

Capítulo SETENTA

E assim foi, as semanas e os meses se passaram, as estações mudaram do frio intenso do inverno para os úmidos ventos preparatórios da primavera, e para as noites docemente perfumadas que prometiam um verão antecipado.

Em maio, Wrath se acostumou a medir o tempo não pelo calendário, ou pelo subir e baixar das venezianas da mansão, ou pelas refeições em sua própria casa.

Foi pelas noites que ele passou ouvindo as histórias de seu povo.

As verdadeiras. Aquelas sobre vida e morte. E emparelhamentos e separações. E doenças e saúde. Era engraçado: Tão importante quanto lhe tinha sido a cerimônia vampírica de emparelhamento, tinha sido a cerimônia humana a pedido de Beth, que tinha marcado o início de uma existência melhor.

Suas audiências com o povo eram todas organizadas graças ao tranquilo e constante Abe, também conhecido por Abalone, mas as respostas de Wrath eram dele mesmo. E havia tanto para fazer, mediar desavenças nas famílias, abençoar os filhos e filhas recém-nascidos, partilhar a dor com aqueles que sofreram perdas, e alegria com aqueles que tiveram boa sorte.

Como sempre, Beth ficava ao seu lado, sentada junto com Abe durante as audiências, verificando a papelada com Saxton quando era necessário... Sua barriga crescendo a cada momento.

— Estamos aqui, meu senhor, — Fritz disse da frente do Mercedes. — A casa do Mestre Darius.

— Obrigado, meu homem.

Quando ele e George saíram da parte de trás, ele parou e se inclinou. — Ei, pode ir buscar mais desses morangos? Ela está com um desejo por cenouras novamente, também. E picles. É melhor trazer dois frascos desses filhos da puta temperados.

— Volto o mais rápido possível, meu senhor! Acho que vou pegar alguns sorvetes de iogurte para ela? Ela gosta de raspas de chocolate?

— Oh, merda. Sim. E não se esqueça das beterrabas. Ou da carne.

— Não esquecerei.

— Depressa, certo? iAm está trazendo-a de Pottery Barn.

Wrath fechou a porta. — Vamos em frente, – ele disse para George.

E o cachorro sabia direito para onde ir, levando-o para a entrada... Que Wrath abriu com a mente. — Oi, querida, cheguei! – Ele gritou.

— Você trouxe flores? – Lassiter gritou de volta.

— Não para você.

— Porra. Bem, eu estou escalado esta noite com Tohr, então podemos nos apressar? Há uma lista cheia de compromissos, mas eu quero voltar para *Hell's Kitchen*.

— Você não grava essa merda? – Wrath reclamou quando ele e George entraram na antiga sala de jantar.

— Sim, mas eu tenho baixo controle de impulso. Vai ao ar às nove, está bem? E eu odeio esperar. Eu coloquei água fresca para o George debaixo de sua cadeira, a propósito.

— Pelo menos você é um amante de cachorros. Essa é a única coisa que te salva.

— Ha! Eu tenho asas e uma auréola, seu filho da puta mal humorado. Eu já sou permanentemente salvo.

— Apenas para a nossa sorte.

— Ei, meu irmão, – disse V ao atravessar o arco e acender um cigarro enrolado à mão. — Onde está a sua fêmea?

Lassiter cortou, — Ela deve voltar em breve, certo?

Wrath teve que sorrir ao se sentar. A única coisa que fazia o filho da puta irritante ficar sério era quando se tratava de Beth, e ele tinha que admitir que isso era meio... Amável.

— Ela voltou? – Rhage perguntou ao entrar na sala.

— Quanto tempo pode demorar para encomendar móveis de bebê? – Butch exigiu ao fazer sua aparição.

— Semanas, – Z respondeu. — Você não tem ideia.

E assim foi, todo mundo chegando com a mesma pergunta, de Blay e Qhuinn até Phury e Rehvenge.

O único que não perguntou em voz alta foi John... Mas não precisava. O irmão de Beth era uma presença discreta e preocupada, desde que haviam feito o anúncio da gravidez surpresa. E Wrath amava o cara por isso. John nunca ficou no caminho, mas estava sempre lá, ouvindo Beth, sendo solidário, conversando com ela, trazendo seus filmes.

Engraçado, a seriedade com que tratava toda a situação fazia Wrath pensar em Darius.

Deus, como ele queria que o irmão houvesse sobrevivido para presenciar o que estava por vir em... Apenas quatro semanas?

Jesus...

Toda vez que Wrath pensava sobre o *evento* iminente, ele perdia a respiração. Mas se forçava a lembrar de todos os exames que iAm tinha levado sua esposa para fazer. Beth estava tendo uma gravidez perfeita. Ela estava saudável, feliz, comendo e bebendo, e se alimentando bem... Não que a Dra. Sam, a médica humana que a acompanhava, soubesse sobre isso. E a frequência cardíaca estava ótima. E seu filho estava ótimo.

Era quase fácil demais.

Faltava somente quatro semanas.

— *Leelan*, – Wrath gritou ao saltar de sua cadeira.

Houve todo tipo de saudações em vozes profundas, mas seus irmãos saíram do caminho para que ela desse um pulo certo em seus braços. E quando ele a levantou, teve o cuidado de não colocar nenhuma pressão sobre a barriga.

— Como você está? — Ele sussurrou em seu ouvido, sabendo que um dia desses, ela ia responder que estava tendo contrações.

— Perfeita. Oh, Meu Deus, eu consegui as melhores coisas! Eu tive que escolher azul... Quero dizer, afinal vamos ter um menino. O berço e a cômoda são perfeitos... Certo, iAm?

O Sombra respondeu, — Perfeitos.

Sem dúvida o pobre coitado não tinha nenhum interesse naquela merda toda, mas isso não importava. Ele era outro que era fiel a Beth, e era seu protetor no mundo humano... E Wrath sabia o porquê, claro. Era a maneira de iAm pagar o abrigo que ele e seu complicado irmão encontraram na mansão após seu apartamento no Commodore ter se tornado inseguro. Além disso, era bastante óbvio que ele gostava de Beth de um jeito não romântico.

— Certo? Eu sei, certo? — Beth abraçou o pescoço de Wrath tão forte que ele não pôde engolir. — Estou tão excitada! Quero conhecê-lo agora!

— É instinto isto de preparar a casa para a chegada do bebê? — Wrath perguntou na direção de onde ele ouviu a voz de Z por último.

— Sim. E você ainda não viu nada. Ainda tem de passar pelas Fraldas Genies e mamadeiras.

— Nós compramos Born Free³¹, — Beth informou a ele, como se ele soubesse o que aquilo significava. — No caso do meu leite não descer.

Wrath apenas se sentou na cadeira e a ajeitou em seu colo, satisfeito por aliviar suas costas e deixá-la se divertir fazendo seu relatório. E os irmãos e os guerreiros? Se reuniram ao redor, fazendo perguntas como irmãos mais velhos fariam.

Qualquer um deles teria dado a sua vida por ela ou pelo bebê em seu ventre.

Era o suficiente para fazer um macho ter que piscar um pouco mais rápido.

Quando Wrath enlaçou sua fêmea, percebeu a própria mão fazendo um círculo em sua barriga intumescida e seu cérebro voltou para pouco antes do pôr do

31 Born Free são utensílios que ajudam na transição do bebe, mamadeiras que viram copos, mordedores que acalmam e estimulam as gengivas sensíveis do bebê, ajudando na transição para alimentos sólidos.

sol. Uma vez que superaram aquela questão dele sobre o sexo, as coisas tinham voltado a ser como era no início.

Mesmo com as mudanças hormonais e tudo.

Àquela altura, eles tinham que fazer com ela por cima, e isso estava mais do que bem para ele. Ele amava tomar seus seios, agora pesados, nas mãos sentindo seu núcleo levá-lo de uma maneira nova, devido à forma como o corpo dela havia mudado de forma.

De fato, talvez houvesse tempo para uma rapidinha antes de...

— Ei, Abes.

— Aê, Ab.

— E aí, Albacore?

Naturalmente, Lassiter era o que se recusava a dizer aquele nome direito.

Quando Abalone gaguejou entre tanta saudações, era de se sorrir. O cara ainda não tinha se acostumado aos irmãos, mas eles estavam acostumados a ele. Assim como Wrath.

— Meu senhor, minha senhora, boa noite.

— Abalone, como está a sua filha? – Beth disse.

— Sim, Abe, como foi o encontro ontem à noite?

Silêncio total e absoluto. A Irmandade tinha adotado o macho e sua única filha, e pobre do jovem que levasse a garota em um encontro e não a tratasse direito.

— Bem, eu não acredito que tenha sido amor ao primeiro encontro. Mas ela foi devolvida uns trinta minutos antes do toque de recolher.

— Bom. – Wrath assentiu. — Isso significa que ele pode manter as pernas. Então, o que temos para essa noite?

— Temos uma lista cheia, – o aristocrata reportou. — O primeiro casal que veremos acabaram de ter um neto, e querem perguntar a você se podem trazer a

mãe com o pequenino. Mas a filha não é casada com o pai, e eles estão preocupados de que isto o ofenderá.

— Absolutamente não.

O tom de Abalone permaneceu calmo. — Mas é importante para eles pedirem permissão e reconhecer isso pessoalmente com você.

— Tudo bem. Legal. Quando eu conheço a criança?

Abalone riu. — Amanhã à noite?

— Estarei aqui. E quem, depois disso?

— Um primo meu, na verdade. Ele pede permissão para...

Quando o cavalheiro continuou e continuou, detalhando as inter-relações familiares, Wrath o admirou novamente. Abe era tão discreto e respeitoso, nenhuma vez saindo de seu lugar, e ainda assim a cada fodida noite, fornecia esse manancial de conhecimento e compaixão.

Era malditamente impressionante.

E ao ficar ali sentado ouvindo todo o preâmbulo, Wrath foi atingido pela certeza de que ele poderia fazer essa porra para sempre. Ele realmente podia.

Especialmente com sua *shellan* na frente e no centro, seu cachorro ao lado, e seus irmãos em torno deles todos.

Com um sentimento de grande pavor, Anha colocou sua mão em sua barriga intumescida, e viu seu companheiro se preparar para noite à frente.

À luz bruxuleante da lareira e das velas, tudo nele estava diferente. Ela tinha notado a mudança que vinha ocorrendo ao longo dos últimos meses, mas nessa noite, tudo o que era sutil parecia ter se unido de uma só vez, o auge tinha chegado.

Seu corpo estava diferente agora, mais rijo, mais definido. Maior.

E sua expressão não era a mesma. Pelo menos, não quando esse seu novo estado de espírito pesava sobre seus ombros.

Como se sentindo sua avaliação, ele olhou para ela.

— Quanto tempo vai ficar fora? — Ela perguntou. — E não minta. Eu sei com que propósito está partindo.

Ele se afastou, em direção à mesa de carvalho onde havia se materializado numa roupa que ela nunca vira antes, trazida pela Irmandade. Tudo era preto.

— Devo voltar ao amanhecer.

Sua voz estava mais baixa do que o normal, mais fria que o normal. E então ela percebeu que ele estava colocando um cinto de couro sobre o peito. Assim como os irmãos usavam.

— Você vai lutar? — Ela sussurrou através da garganta apertada.

Ele finalmente lhe respondeu, somente depois de colocar duas adagas negras, punho para baixo, sobre o coração. — Eu devo retornar ao amanhecer.

— Você vai matá-los, não vai.

— Você quer que eu responda a isso?

— Sim.

Wrath, seu companheiro, seu amor, o pai de seu bebê por nascer, aproximou-se de onde ela estava sentada diante de seu espelho. Quando ele se ajoelhou, foi um alívio, porque ele era quase familiar dessa forma. Especialmente quando olhou em seus olhos.

— Vou fazer o que precisa ser feito, — ele disse.

Ela colocou as mãos no rosto dele, traçando as feições, pensando de novo em todas as madrugadas em que ele chegava em casa sangrando e mancando, inchado e rígido. Mas, ultimamente, ele tinha mantido o treinamento com os machos, e não voltava mais ferido.

Então, ela deveria ter percebido que era hora.

— Tome cuidado? — Ela implorou. — Nós precisamos de você.

— *Eu voltarei para você. Sempre.*

Com isso, ele beijou-a com força, e então saiu pela porta do quarto. Antes que voltasse a se fechar à sua passagem, ela viu que os Irmãos fizeram fila em ambos os lados do corredor de pedra, cada um com uma tocha.

Eles se curvaram para seu hellren à medida que este passava por eles.

Sozinha...

Deixando cair a cabeça nas mãos, ela sabia que tudo o que podia fazer... Era rezar.

Capítulo SETENTA E UM

Quando Wrath atendia ao primeiro de seus compromissos, Beth saiu escondida para a cozinha e afanou uma tigela de morangos frescos que Fritz tinha comprado para ela no mercado local de Hannaford.

Cara, depois de meses, ela tinha se acostumado aos mimos, um benefício que Bella disse para apreciar, mas que tinha levado algum tempo para se acostumar: todos tinham sido, e ainda estavam sendo tão amáveis, os Irmãos e suas companheiras, os empregados, John Matthew, os Sombras. Era incrível.

Assim como a gravidez.

Por algum milagre, parecia exatamente uma gravidez humana normal, bem em seu oitavo mês e se sentindo ótima. Ela tinha muita resistência, sem tornozelos inchados, nenhuma estria, e um bebê que dava voltas sob sua caixa torácica cada vez que ela comia. Especialmente se houvesse açúcar envolvido.

Ela tinha esperado por muito mais coisas...

Desastres? Merda, sim, tinha se preparado para eles. Depois do choque inicial com a médica, ela tinha naturalmente ido para a internet se apavorar estupidamente com todas as diferentes coisas que poderiam sair mal. A única coisa que salvava era que, naquele ponto, ela já tinha conseguido passar do primeiro trimestre, que era quando a maioria dos abortos involuntários aconteciam. Mas ainda assim, infelizmente, aquela necessidade que a tinha atingido era uma carta inesperada que ela não tinha conseguido deixar para lá, por mais de um mês.

Mas, sim, a preocupação tinha passado em sua maioria, agora que ela estava no final das quarenta semanas. E claro, o parto poderia ser difícil... Mas não, ela não iria tentar se arriscar a um parto natural, sem anestesia. E cada vez que ficava um pouco inquieta? Ela só lembrava a si mesma das milhões de mulheres e fêmeas que tinham passado por aquilo antes dela.

O que plano de nascimento requeria que, tanto iAm quanto Trez ficassem disponíveis pelas próximas quatro semanas. A Dra. Sam tinha prometido ficar

disponível sem importar a hora, dia ou noite... Uma promessa que ela suspeitava que iAm tinha instilado em sua mente com um passe de mágica mental.

Ele trabalhou em vários daqueles, discretamente, claro.

E deste modo eles tinham sido bem sucedidos em manter a identidade da Raça em sigilo.

Ela tinha esperanças de que, como muitas mulheres, entrasse em trabalho de parto à noite, para que Wrath pudesse fazer parte de tudo. Mas ambos concordaram, que, embora fosse matá-lo, sua segurança e a segurança do bebê vinham em primeiro lugar.

E isso significava que ela teria que ir para Dra. Sam...

— Os frutos estão de seu gosto, senhora? — Fritz perguntou.

Olhando através da cozinha de seu pai, ela movimentou a cabeça. — Estão perfeitos.

Quando o mordomo sorriu como se tivesse ganhado na loteria, ela terminou o que estava na tigela e permitiu que ele a pegasse.

Dando a volta na sala de jantar, ela teve cuidado de não fazer nenhum barulho ao atravessar para o sofá.

Wrath estava sentando em sua poltrona favorita, a que ficava à esquerda, a que tinha a mesa de Saxton atrás. Em frente a ele, na outra poltrona do par, estava um homem com as mãos cruzadas nos joelhos, os ombros curvados e o rosto cinzento. A roupa que usava não era luxuosa, mas do tipo que poderia comprar na Target, e seu relógio não era um Rolex, apenas tinha a pulseira da cor preta.

Wrath inclinou-se e ofereceu sua mão. — O que aconteceu?

O homem moveu-se para frente e para trás na cadeira. — Ela... — De repente olhou para Beth, seu rosto empalidecendo ainda mais.

Quando ela enrijeceu, colocou a mão sobre a barriga.

Oh... Inferno.

— Fale comigo. — Wrath disse em voz baixa.

— Ela... — Neste momento, o homem começou a sussurrar tão baixo que mal se ouvia.

Mas Wrath entendia cada palavra. E enquanto observava as mãos apertadas de seu marido, aqueles antebraços saltando, ela soube do que se tratava.

Mortes. De parto.

Ela ouviu por tanto tempo sobre como a Raça de vampiros sofriam na cama do parto, como chamavam, mas antes não compreendia muito suas perdas. Agora por estar mais perto dos cidadãos? Estava horrorizada.

Tantos mortos. Mães e crianças.

Da mesma maneira que sua própria mãe morreu.

Era uma tragédia que a ciência médica não conseguia resolver. Dissesse o que fosse sobre Havers: Ele tinha uma clínica equipada com todos os tipos de tecnologias modernas, e coisas ruins ainda aconteciam. Aparentemente o tempo todo.

Wrath levantou seus grandes braços e colocou as mãos nos ombros do homem. Ele falou também suavemente, mas para qualquer coisa que estivesse dizendo, o homem apenas movia a cabeça.

Eles ficaram assim por muito tempo.

Quando a reunião finalmente terminou, os dois levantaram-se e se abraçaram, e o civil era muito menor que seu marido.

Antes do homem partir ele beijou o anel de Wrath.

Abalone escoltou o cidadão, conversando suavemente com ele, enquanto Wrath se sentava. Suas sobrancelhas estavam baixas, sua boca uma linha sombria.

Quando ficou de pé, estremeceu e teve que sentar-se novamente. Observando-o cuidadosamente, ela quis puxá-lo firmemente para ela, mas imaginou que um lembrete da gravidez, provavelmente não era algo que ele precisasse naquele momento.

— Eu não posso ajudá-lo. — Wrath disse em uma voz rouca. — Eu não posso... Resolver a situação dele.

— Às vezes saber que não está sozinho é o suficiente.

— Eu não tenho tanta certeza disto.

Mas ele segurou suas mãos e as levou aos lábios beijando suas juntas uma por uma. E quando uma repentina onda de cansaço a golpeou, ele pareceu perceber.

— Que tal você voltar para casa? — Ele disse.

— Como soube?

— Você acabou de bocejar.

— Eu?

— Peça a Fritz que te leve.

Ao se espreguiçar, ela quis ficar, mas teve de ser realista. — Talvez caminhar pelo centro comercial aquele tempo todo tenha sido demais.

— Vamos, descanse. Estarei em casa em umas horas e vamos assistir um pouco de merda televisiva, certo?

— Isso soa como o céu.

— Bom. — Ele a beijou uma vez. E então pareceu ter que fazê-lo novamente. — Eu amo você.

— Eu amo você, também.

— Fritz! — Seu marido gritou. — Carro!

Ela certificou-se de acariciar George por um tempo e dizer a ele onde ela estava indo antes de partir. E então, saiu para a noite, sentando no banco traseiro do Mercedes, rumo à mansão.

Apoiou sua cabeça contra o encosto do banco, e sentiu-se começando a cochilar. — Receio não ser uma boa companhia. — Ela disse para Fritz.

— Apenas descanse, senhora.

— Boa ideia, Fritz.

Ao se afastar de Beth, Wrath se recostou na poltrona, e não estava nem um pouco à vontade.

...Ela morreu na minha frente...

...Segurei meu filho sem vida nas minhas mãos...

— Meu senhor?

— Desculpe, o quê? — Ele se balançou. — O quê?

Abalone limpou a garganta. — Você gostaria de um descanso, senhor?

— Sim. Apenas me dê um minuto. — Segurando a coleira de George, ele disse.
— Cozinha.

Caminhando pela porta com seu cachorro, sentiu-se aliviado por Fritz já ter saído e que os Irmãos tivessem ficado.

Merda, no minuto em que sentiu o cheiro da dor e luto naquele civil, soube que aquele homem tinha perdido tudo e não no sentido material. As pessoas não entravam naquele tipo de agonia por coisas. E como sempre Abalone sabia de toda a história, mas Wrath preferia deixar as pessoas dizerem os detalhes pessoalmente a ele; queria ouvir as coisas diretamente deles.

Daquela vez, não tinha sido realmente o parto a reivindicar a vida daquela mulher.

Um acidente de carro.

Wrath estava certo de que tinha sido o primeiro, mas não foi assim que o destino jogou. Não, a mulher sobreviveu até o nascimento e teve a criança. Foram assassinados por um condutor bêbado voltando para casa, da clínica de Havers. A crueldade casual do destino era às vezes destruidora em escalas épicas.

Incrível.

Dirigiu-se à mesa, puxou uma cadeira e se sentou. Tinha certeza de que estava de frente para as janelas, não que pudesse vê-las.

Tantas histórias que tinha ouvido, mas esta... Jesus Cristo, o afetou.

Não soube dizer quanto tempo ficou ali, mas finalmente V colocou a cabeça na porta. — Você está bem?

— Não.

— Você quer remarcar, certo?

— Sim.

— Certo.

— V.

— Sim?

— Lembra-se daquela visão da qual me falou. Onde eu estava olhando para o céu e o futuro estava em minhas mãos?

— Sim.

— O que...

Abruptamente, ele reviveu a dor daquele civil. — Não, não importa. Eu não quero saber.

Às vezes, a informação não era uma boa coisa. Se aquele cidadão pudesse ter visto o futuro, não teria mudado o resultado. Ele apenas teria passado o resto de seu tempo com sua mulher sendo aterrorizados pelo que se aproximava.

— Eu vou remarcar as audiências. — O Irmão disse, após um momento.

A porta fechou com um golpe.

Sem razão aparente, pensou em seu pai e sua mãe, e perguntou-se como teria sido a noite de seu nascimento. Eles nunca tinham falado disto, mas ele nunca tinha perguntado, de qualquer forma. Sempre havia mais em jogo, além disso, era muito jovem para se preocupar com estas coisas.

Enquanto tentava imaginar a chegada de seu próprio filho, não podia imaginar o fluxo dos acontecimentos. Era uma hipótese muito carregada de emoções para lidar. Mas havia uma coisa que era malditamente clara como o cristal.

Apenas não estava certo de como abordá-la.

Enquanto pensava nas coisas, lembranças dos últimos meses apareceram. Histórias e problemas, presentes dados e recebidos. Depois de toda luta e trabalho de Rei, era uma revelação realmente amar o que ele fazia.

Nem sequer sentia falta de lutar.

Inferno, havia muitos outros desafios para confrontar e superar: Batalhas, afinal, nem sempre aconteciam em campo e as vezes o inimigo não estava armado com armas convencionais. Às vezes eram, inclusive, eles mesmos.

Finalmente, soube exatamente o motivo de seu pai ter ficado tanto tempo no seu trono. Ele malditamente entendeu.

E era engraçado: a única coisa que muitas pessoas tinham em comum era o amor por suas famílias. Suas companheiras, seus pais, seus filhos, tudo o que parecia vir em primeiro lugar.

Sempre.

A família primeiro.

A próxima geração... Primeiro.

Voltou a se lembrar da noite que seus pais foram sacrificados. A única coisa que fizeram antes que a porta fosse derrubada? Escondê-lo. Mantê-lo a salvo. Preservá-lo... E não foi para garantir seu futuro no trono. Isto não foi em absoluto o que disseram ao prendê-lo naquele espaço apertado.

Eu amo você.

Aquela tinha sido a única mensagem que tinha importado antes do tempo deles se esgotar.

Não foi um *Seja um bom Rei*. Nem um *Siga meus passos*. Nem mesmo um *Deixe-me orgulhoso senão...*

Eu amo você.

Isto era o que os unia, mesmo através da separação da morte e do tempo.

Quando imaginava seu filho entrando no mundo, tinha certeza de que a primeira coisa que iria dizer seria, eu te amo.

— Wrath?

Ele saltou e girou em direção ao som de voz de Saxton. — Sim? Desculpe, estava longe.

— Acabei com toda a documentação por esta noite.

Wrath voltou-se para as janelas que não podia ver. — Você trabalhou rápido.

— Na realidade, são três da manhã. Você está sentado aí há mais ou menos cinco horas.

— Oh.

E ainda assim, não se moveu.

— A maioria dos Irmãos saíram há horas. Fritz está ainda aqui. Ele está limpando lá em cima.

— Oh.

— Se você não precisa de mais nada.

— Tem uma coisa. — Ele se ouviu dizer.

— Claro. Como eu posso ajudar?

— Eu preciso deixar um legado para meu filho.

— Um legado?

Quando Wrath começou a trabalhar todo o assunto em sua cabeça, sentiu-se um pouco assustado. Deus, era de se pensar que os grandes acontecimentos da vida pudessem vir com uma placa de advertência no acostamento da proverbial estrada, um pequeno número amarelo que anunciasse a direção para onde se estava indo, e que talvez oferecesse um conselho tipo “reduza a velocidade”.

Mas então, ele e sua *shellan* já estavam grávidos meses antes de sua primeira necessidade.

Então o destino agia à sua própria maneira, não agia?

— Sim. Mais ou menos.

Capítulo SETENTA E DOIS

Foi bem como ele tinha prometido.

Wrath honrou a palavra que dera a sua shellan. Ele estava, na verdade, de volta ao amanhecer.

Enquanto avançava em seu cavalo, sentia-se exausto a ponto de agonia, incapaz de manter-se em pé para mais uma caminhada. Mas também havia outra razão para o seu progresso lento.

Embora tivesse saído sozinho, ele não voltava como tal.

Havia seis corpos sendo arrastados pelo chão, atrás dele e seu cavalo, e mais dois na parte traseira da sela. Os primeiros, ele tinha amarrado com cordas nos tornozelos; os últimos foram fixados ao cavalo com ganchos e redes.

E dos outros que tinha matado não tinha sobrado suficiente de seus restos para trazer com ele.

Ele não conseguia sentir nenhum cheiro além do sangue que havia derramado.

Ele não conseguia ouvir nada além do ruído abafado dos corpos sobre a sujeira da estrada.

Ele não sabia de nada, exceto que havia assassinado a cada um deles com suas mãos.

O vale arborizado que ele atravessava era a última a distância a ser percorrida para chegar ao castelo... E na verdade, quando se deparou com uma clareira, lá estava ele, erguendo-se feio da própria terra.

Ele não gostava do que tinha feito. Ao contrário de um gato de celeiro que gostava de seu dever, os ratos que tinha matado não lhe tinham sido fonte de felicidade maliciosa.

Mas, quando ele pensava em seu filho ainda não nascido, sabia que tinha feito do mundo um lugar mais seguro para ele ou ela. E, quando ele considerava sua amada companheira, bem como a morte de seu próprio pai, ele estava bem ciente de

que o que tinha sido atípico para a sua natureza tinha sido, de fato, muito necessário.

A ponte levadiça sobre o fosso desceu rapidamente, proporcionando-lhe a entrada, como se estivesse sendo esperado.

E estava mesmo.

Anha correu para as pranchas, a luz da lua que desaparecia se refletiu em seus cabelos escuros e vestes vermelhas.

Ele a conhecia há tão pouco tempo, quando julgado pela passagem das estações. Mas com o curso dos acontecimentos, acreditava que estavam juntos há vidas.

A Irmandade estava com ela.

Puxando as rédeas, ele soube que ela viu tudo quando suas mãos subiram para a boca e Tohture teve que tomar seu cotovelo para mantê-la de pé.

Desejou que ela não tivesse vindo. Mas não havia modo de desfazer as coisas.

Desmontando, mesmo sem ter chegado ainda à ponte, deixou o cavalo onde estava e atravessou as espessas pranchas.

Pensou que talvez ela fugisse dele, mas, não, foi o oposto.

— Você está bem de verdade? — Ela disse, ao se lançar para ele.

Seus braços estavam fracos, quando a enlaçaram. — Sim.

— Você mente.

Ele afundou o rosto em seus cabelos cheirosos. — Sim.

Pelo menos com ela, não tinha de fingir. A verdade era que ele ainda temia o futuro. Ele podia ter tomado a sua vingança sobre esses traidores, mas haveriam outros.

Reis eram alvos para as ambições dos outros.

Essa era a realidade.

Fechando os olhos, ele desejou que houvesse uma maneira de sair daquele legado... E ele se preocupava com seu futuro filho, se tivesse um. Filhas tinham uma chance. Filhos eram amaldiçoados.

Mas não podia mudar o que ele nascera para ser. Ele apenas rezava para que a coragem que o tinha amparado essa noite, viesse de novo, quando mais fosse necessário.

Pelo menos agora ele provou para si mesmo e sua amada que ele não era apenas um líder em tempos de paz. Na guerra, ele podia empunhar a espada, se fosse preciso.

— Eu amo você, – ele disse.

Quando sua companheira estremeceu contra ele, ele soube que ela estremeceria novamente, na noite seguinte, quando visse o que ele faria com as cabeças daqueles cadáveres.

Mensagens tinham que ser enviadas a fim de serem recebidas.

— Vamos para os nossos aposentos, – ele disse, colocando-a em seu peito.

Quando acenou para os irmãos, sabia que eles cuidariam de seu cavalo e suas presas. Haveria tempo para as decapitações mais tarde. Agora? Ele só queria um pouco de sanidade em meio à loucura.

Ao entrar no castelo deles, ela foi, como sempre, sua única força.

— Se tivermos um filho, – ele murmurou.

— Sim? – Ela olhou para ele. — O quê?

Wrath observou o rosto que o olhava de volta, o belo rosto que definia suas horas, bem como seus anos. — Espero que ele encontre alguém como você.

— De verdade? – Ela sussurrou.

— Sim. Eu rezo para que ele tenha pelo menos metade da minha sorte.

Quando Anha o apertou em torno de sua cintura, sua voz tornou-se áspera. — E para uma filha... Um macho tão bom quanto seu pai.

Wrath beijou o topo de sua cabeça e seguiram em frente, através do grande salão e até seus aposentos, a Irmandade com eles, mas mantendo uma discreta distância.

Sim, pensou, para sobreviver, é preciso não estar sozinho.

E é preciso ter uma companheira corajosa.

Tendo isto? Você será mais rico do que qualquer rei e rainha que já percorreram a Terra.

Capítulo SETENTA E TRÊS

Wrath viu sua mãe, pela primeira vez em trezentos e trinta anos, no dia seguinte.

Em algum nível, sabia que devia ser um sonho. Ele estava cego por tanto tempo para ser seduzido a pensar que aquela realidade de repente tinha mudado.

Além disso, olá, ela estava morta há séculos.

E ainda assim, ela saiu da escuridão para ele, estava tão viva quanto ele poderia ter desejado que estivesse, movendo-se com facilidade, usando um vestido de veludo vermelho no estilo antigo.

— *Mahmen?* – Ele disse com admiração.

Quando ergueu a cabeça, percebeu em choque que foi de seu travesseiro. E merda, este era seu quarto... O que podia dizer pela sutil cintilância das paredes.

Seu primeiro instinto foi virar e encontrar...

Beth estava exatamente ao lado dele, deitada sã e salva debaixo dos cobertores, seu rosto virado na direção dele, seu cabelo escuro por toda parte do travesseiro que combinava com o dele. E podia dizer pela forma de sua barriga que sim, ela ainda estava grávida.

Jesus Cristo, ele podia vê-la.

— Beth, – ele disse aproximando-se, — Beth! Eu vejo você, *leelan*, acorde eu a vejoeuavejo...

— Wrath.

Ao som da voz de sua *Mahmen*, ele voltou a se virar. Ela estava exatamente ao lado da cama agora, seus braços cruzados, suas mãos dobradas nas mangas volumosas daquele vestido.

— *Mahmen?*

— Não sei se você se lembra disto, mas você veio a mim uma vez.

Deus, sua voz era tão gentil, assim como ele se lembrava... E quase fechou os olhos apenas para poder memorizar o som. Só que não, não se privaria nem por um nano segundo da visão.

Espere, o que ela disse? — Eu fui?

— Eu estava morrendo. E você veio até mim de fora da névoa do Fade. E disse-me para segui-lo para casa. Fez-me parar e retornar com você.

— Eu não lembro...

— É uma dívida que lhe devi por um longo tempo. — Seu sorriso era tão pacífico como o da Mona Lisa. — E devo retribuí-lo agora. Porque o amo tanto, tanto...

— Retribuir? Sobre o que está falando?

— Acorde, Wrath. Acorde agora mesmo. — Abruptamente, aquela voz mudou, tornando-se urgente. — Chame o curador... Você deve chamar o médico se deseja salvar a vida dela.

— Salvá-la... A vida de Beth?

— Acorde, Wrath. Imediatamente, chame o curador.

— O que você está...

— *Wrath, acorde.*

Repentinamente, como se tivesse sido catapultado para fora do sono REM, Wrath sentou-se bruscamente.

— Beth! — Ele gritou.

— O que-o que-o que-o que...

Quando se virou para sua esposa, ele amaldiçoou a escuridão ao seu redor. Porra de maldito sonho, provocando-o com o que ele não tinha.

— O quê? — Beth choramingou.

— Merda, desculpe, sinto muito. — Ele estendeu a mão e a acalmou, e acalmou a si mesmo. — Desculpe, tive a porra de um sonho.

— Oh, caramba, você me assustou. — Ela riu e ele a ouviu bater no travesseiro como se tivesse se deixado desmoronar. — Boa coisa nós dormimos com a luz do banheiro acesa.

Franzindo o cenho, ele virou-se para o lado da cama onde sua mãe esteve em pé...

— Não, ela não estava realmente aqui.

— Quem?

— Desculpe. — Estalando o pescoço, ele lançou sua perna para o lado da cama. — Volto já.

Ele deu uma boa alongada, e quando sua espinha soltou um *estalo, estalando, esticando*, pensou com carinho na conversa que teve com Payne assim que chegou em casa. Eles iriam começar a lutar novamente... E não porque ela era uma fêmea.

Era porque ela era uma lutadora e tanto e ele queria voltar ao jogo agora.

No banheiro, ele acariciou George, que estava enrolado na cama de cachorro Orvis³² que Butch lhe deu no Natal... E então deu uma mijada e lavou o rosto.

Quando voltou para cama, pretendia retornar para a terra dos sem luz. Exceto que quando se deitou, franziu a testa.

— Ah, escute... Você está se sentindo bem?

Sua Beth bocejou.

— Sim, absolutamente. Mas estou contente de ter voltado naquela hora... O sono ajudou. E deitar me fez sentir melhor... Estou com as costas dura ainda daquele passeio no centro comercial.

Tentando soar causal, ele perguntou, — Quando é sua próxima consulta com a médica?

— Sexta-feira. Vamos semanalmente agora. Por que está perguntando?

32. Orvis — Loja de varejo.

— Por nada.

Quando ele ficou calado, ela enrolou-se contra ele e soltou um suspiro como se estivesse se aconchegando para voltar a dormir. Ele aguentou cerca de um minuto e meio.

— O que acha de ligar para a médica?

— Ligar quando... Espere, você quer dizer agora?

— Bem, sim.

Ele podia senti-la recuar.

— Mas por quê?

Sim, como ele poderia dizer-lhe algo como, *Minha mãe morta me disse isto*.

— Não sei. Somente, talvez ela pudesse lhe fazer um exame ou algo assim.

— Wrath, isto não é apropriado. Especialmente considerando que não há nada de errado. — Ele a sentiu tocando seu cabelo. — Isto é sobre aquele civil? Que perdeu a esposa e o bebê?

— Não foi durante o parto.

— Oh. Pensei que...

— Talvez pudéssemos apenas ligar para ela.

— Não há nenhuma razão para isso.

— Qual é o número dela? — Ele agarrou o telefone. — Vou ligar para ela.

— Wrath, você perdeu o juízo?

Foda-se isto, ele apenas faria um 411³³.

Beth continuou a falar com ele, enquanto esperava que a operadora atendesse. — Sim, oi, em Caldwell, Nova Iorque. O número da Dra. Sam... Qual é o sobrenome dela?

— Você perdeu o juízo.

³³ Número da operadora que fornece o número dos assinantes.

— Vou pagar pela visita... Não, não você, Operadora. — Quando lembrou o sobrenome, ele repetiu e soletrou-o duas vezes. — Sim, ligue-me com o consultório, obrigado.

— Wrath, isto é...

Assim que o telefonema foi atendido, Beth ficou quieta.

— Beth? — Ele perguntou com uma careta.

— Desculpe, — ela disse. — Senti uma pontada nas costas. Sabe de uma coisa? Usarei tênis de corrida da próxima vez que for caminhar assim. Agora você vai desligar e...

— Sim, oi, isto é uma emergência médica. Preciso que a Dra. Sam venha até nossa casa, minha esposa é uma paciente dela... Trinta e seis semanas... Sintomas? Minha esposa está grávida, quanto tempo você vai demorar?

— Wrath? — Beth disse em voz baixa.

— O que você quer dizer, como não pode...

— *Wrath.*

E isso foi quando ele se calou... E percebeu que sua mãe tinha razão. Virando a cabeça na direção de sua esposa, ele disse com medo, — O quê?

— Estou sangrando.

A definição de terror mudava quando as coisas não eram apenas sobre você. E nada era menos sobre si mesma do que se estar com trinta e seis semanas de gravidez, sentindo algo jorrar entre as pernas... Sabendo que não era a bolsa que tinha estourado.

A princípio, Beth pensou que tinha perdido o controle de sua bexiga, mas quando moveu os cobertores para o lado e mudou de posição, viu algo nos lençóis.

Ela nunca tinha visto sangue tão brilhante antes.

E merda, a parte inferior de suas costas de repente estava *matando*.

— O que está acontecendo? — Wrath exigiu.

— Estou sangrando, — ela repetiu.

As coisas aconteceram muito rápidas naquele ponto. Era quase como estar na traseira de um carro em velocidade, tudo zumbindo rápido demais para entender: Wrath gritando ao telefone, outra ligação sendo feita, Dra. Jane e V chegando em uma corrida mortal. E então mais rápido ainda, movimento, movimento, movimento, todos ao redor dela, enquanto ela se sentia curiosamente calma e entorpecida.

Quando foi transferida para maca, olhou para onde tinha estado na cama e estremeceu com a mancha neon. Era enorme, como se alguém tivesse despejado um galão de tinta por baixo dela.

— O bebê vai ficar bem? — Ela murmurou, algum tipo de choque assumindo o controle de tudo. — Ele está... Wrath vai ficar bem?

As pessoas ofereceram-lhe compaixão, mas nenhuma resposta verdadeira.

Mas Wrath, o mais velho, estava bem ao seu lado, segurando sua mão, orientando-se com ajuda da lateral da maca.

John apareceu quando eles chegaram ao patamar do segundo andar. Estava vestindo apenas boxers, o cabelo todo bagunçado, os olhos alertas. Ele pegou a outra mão dela.

Ela não lembrava de muita coisa sobre a movimentação, apressada, e mais apressada para dentro do túnel... Com exceção do fato de que a dor estava ficando mais forte. Oh, e as luzes do teto açoitavam enquanto ela estava deitada, um ritmo pulsando como se ela estivesse em um filme de *Guerra nas Estrelas* prestes a entrar em velocidade da luz.

Por que não conseguia ouvir coisa alguma?

Quando olhava para as pessoas ao seu redor, suas bocas estavam se movendo, seus olhos se encontravam sobre ela, com urgência.

— O pequeno Wrath vai ficar bem? — Até sua própria voz estava apagada, o volume totalmente baixado. Ela tentou torná-la mais alta. — Ele vai ficar bem?

E então eles estavam se espremendo passando pela entrada habitual do centro de treinamento, e indo mais abaixo até uma porta de emergência que tinha sido criada apenas para ela, apenas para esta situação.

Exceto que este não era seu plano de parto. Ela deveria ir para o mundo humano, onde havia pessoas para cuidar dela e do pequeno Wrath, resolver quaisquer problemas que ele pudesse ter, estar lá para ela e iAm se fosse luz do dia, e para Wrath, o pai, e John, se fosse noite.

O pequeno Wrath, ela pensou.

Acho que ela tinha acabado de dar um nome ao filho.

Ao chegar à clínica, ficou apenas pensando que não deveria estar aqui. Especialmente quando olhou para aquele enorme lustre na sala de cirurgia.

Por alguma razão, pensou em todas as vezes que tinha vindo até aqui, apoiando um Irmão ferido em campo, vindo para um exame com Layla, ou...

A Dra. Jane colocou o rosto no caminho. Seus lábios moviam-se lentamente.

— ...eth? Você pode me ouvir, Beth?

Ah, bom, alguém tinha aumentado o volume do mundo.

Mas sua resposta não foi registrada. Não conseguia ouvir sua própria voz.

— Ok, bom. — A Dra. Jane enunciou tudo claramente. — Quero fazer um ultrassom para descartar a placenta prévia... Que é uma complicação onde a placenta acaba na parte mais baixa do útero. Mas estou preocupada que você tenha um descolamento.

— O que... O quê? — Beth murmurou.

— Está com dor?

— Na parte de baixo das costas.

A Dra. Jane movimentou a cabeça e colocou as mãos sobre a barriga de Beth.

— Se eu apertar...

Beth gemeu. — Apenas certifique-se de que Wrath fique bem.

Eles passaram a máquina de ultrassom sobre sua camisola que foi cortada. Quando aquele gel foi esguichado sobre seu estômago e as luzes escureceram, ela não olhou para o monitor. Olhou fixamente para o rosto de seu marido.

Aquele maravilhoso rosto masculino estava totalmente apavorado.

Ele não estava usando seus óculos escuros. E seus pálidos olhos verdes desfocados, vagavam em torno do quarto como se estivessem desesperados para ver algo, qualquer coisa.

— Como você soube? — Ela sussurrou. — Que eu estava com problemas...

Seus olhos estalaram na direção dela.

— Minha mãe me disse. Em um sonho.

Por alguma razão, isso a fez chorar, aquela imagem de seu marido cada vez mais flutuante, enquanto a natureza incontrolável da vida voltava a se impor da pior maneira possível: Ela não se importava com nada, exceto o bebê, mas não havia coisa alguma que pudesse fazer para evitar qualquer resultado. Seu corpo e o bebê eram os que jogavam aqueles dados.

Sua mente, sua vontade, a alma dela? Todos os seus sonhos e desejos, esperanças e loucuras?

Nem mesmo na mesa de jogo.

O rosto da Dra. Jane voltou.

— ...eth? Beth? Você está comigo?

Quando ergueu a mão para tirar um fio de cabelo de seu rosto, ela percebeu que eles colocaram um medidor de pressão nela e introduziram uma IV. E aquilo não era cabelo no caminho; eram lágrimas.

— Beth, o ultrassom não está me mostrando o que eu esperava ver. A frequência cardíaca do bebê está diminuindo e você ainda está sangrando muito.

Nós precisamos tirá-lo? Tenho certeza de que teve um descolamento e você esta em risco, assim como ele. Ok?

Tudo o que podia fazer era olhar para Wrath.

— O que faremos?

Com uma voz que estava tão rouca que era apenas compreensível, ele disse,
— Deixe ela e Manny operá-la, ok?

— Tudo bem.

A Dra. Jane voltou à vista. — Nós vamos ter que colocá-la para dormir... Não quero fazer uma epidural porque não vai dar tempo.

— Certo.

— Eu amo você, – ela disse para Wrath. — Oh, Deus... O bebê...

Capítulo SETENTA E QUATRO

Tudo o que Wrath tinha para se guiar eram os cheiros no quarto. Antisséptico no ar. Sangue... Que o apavorou. Medo... De sua Beth e dos outros ao redor dele. Raciocínio calmo e frio por parte da Dra. Jane, Manny e Ehlena.

Felizmente, esse último seria um salva-vidas.

De repente, uma nova fragrância entrou na mistura. Adstringente.

Em seguida, houve um chiado ao lado dele, como se alguém tivesse puxado uma cadeira. Depois uma ampla mão empurrou-o para baixo de modo que se sentasse, e tomou sua própria em um aperto tão forte que os ossos quase se partiram.

John Matthew.

— Ei, cara, – ele disse, ciente do tempo ter dado uma parada. — Ei... Cara.

No final, tudo o que Wrath podia fazer era devolver o aperto da mão de seu Irmão, e assim os dois ficaram, lado a lado, juntos, congelados, enquanto termos médicos eram trocados de um lado para o outro e havia sons de metal ressoando e assobios e ruídos de sucção.

A voz da Dra. Jane era nivelada. As respostas de Manny também.

Eles eram como o inverso da situação: Quando as coisas ficavam mais assustadoras, tornavam-se mais focados e controlados.

— Certo, peguei ele.

— Espere, já está acontecendo? – Wrath exigiu.

O assobio alto ao lado dele foi a única resposta que teve.

E então... O som do primeiro choro de um bebê.

— Ele está vivo? – Wrath perguntou, como um idiota.

Outro assobio.

Ele então se esqueceu de seu filho, completamente. — Beth? E quanto a Beth?

Ninguém respondeu.

— Beth? — Ele gritou. — John, o que diabos está acontecendo?

O cheiro de sangue era espesso no ar. Tão espesso. Muito espesso.

Ele não podia respirar. Nem pensar. Ele nem estava vivo.

— Beth... — ele sussurrou na escuridão.

Passou-se uma eternidade até a Dra. Jane vir até ele. E pela proximidade e direção de sua voz, ele sabia que ela tinha se ajoelhado à sua frente.

— Wrath, nós temos um problema. O bebê está bem, Ehlena o está examinando lá fora. Mas Beth continua sangrando, mesmo depois que suturei seu útero da cesárea. Ela está sangrando muito e não há nenhum sinal de estar coagulando. A coisa mais segura a fazer é uma histerectomia. Você sabe o que é isso?

Ela estava falando com ele como se fosse estúpido... Isso era bom, também.

— Não. — Embora ele já tivesse ouvido a palavra anteriormente. Inferno, naquele momento, ela teria que explicar com os mais simples dos termos.

— Eu preciso retirar o útero dela. Ela vai morrer, Wrath, se eu não fizer. Quer dizer que ela não poderá ter mais filhos.

— Eu não ligo para nada além dela. Faça tudo o que for preciso. Faça, *agora*.

— Certo, vamos começar, Manny.

— Onde está o meu filho! — Ele gritou abruptamente. — Dê-me o meu filho!

Em menos de um momento depois, um pequeno pacote foi colocado em seus braços. Tão leve. Leve demais para estar vivo... E ainda assim seu filho estava quente e respirando. Vivo.

Ele queria abraçá-lo porque sua *shellan* estava nessa criança. Em cada molécula de seu corpo vivo, ela estava com ele, e isso significava que, se mantivesse a criança junto a seu coração... Estaria segurando sua Beth.

— O que está acontecendo? – Ele sussurrou, sem esperar de fato, uma resposta.

Ele deixou as lágrimas caírem livremente. Provavelmente no rosto de seu filho.

Quem caralhos se importava.

Capítulo SETENTA E CINCO

Beth saiu da confusa terra do nunca como uma rolha ainda boiando na água. Veio à tona, sentindo as coisas irem e virem, fora de foco.

Mas no segundo que seu cérebro funcionou, ela gritou, — Wrath!

— Aqui, estamos aqui.

Recuando, ela se mexeu na cama de hospital e sentiu num instantâneo *oh, inferno, não*, de sua barriga.

E então nada mais importava. Sentado ao lado de sua cama, em uma cadeira que não era grande o suficiente, seu marido e seu filho eram cara de um, focinho do outro.

E o choro que emergiu dela foi completamente incontrolável, jorrando tão rápido que parecia explodir de sua alma. E, cara, sua barriga doía muito.

Quando ela se esticou para o lado da cama, sua intra venosa repuxou, mas ela não se importou. E seu macho veio até ela, Wrath levantou-se com o recém-nascido e sentou-se ao lado dela na cama de hospital.

— Oh, meu Deus, meu bebê, — ela se ouviu dizer.

Pequeno Wrath, sim, ela realmente o havia nomeado já que era a cara do pai. Até mesmo as entradas do cabelo formando o pico da viúva no centro da testa. E como ele a reconheceu de alguma forma, abriu os olhos quando seu pai deixou-a segurar o precioso pacote.

— Ei, aqui, grandão.

Porque mesmo que, ele pesasse quanto? Três quilos ou algo assim? Da maneira que o pequenino a encarou, era como se ele já fosse mais alto do que o pai.

— Você é lindo, — ela disse para ele.

E então ela viu seus olhos. As pupilas eram normais, as íris azuis escuras, e não verdes claras.

Ela olhou para o marido. — Ele é perfeito.

— Eu sei. Eles me disseram que ele se parece comigo.

— Ele parece.

— Com exceção dos olhos. Mas eu o teria amado de qualquer maneira.

— Eu também.

Ela balbuciou e mexeu com o tecido vermelho que a *shellan* do capataz tinha feito a mão. Até se dar conta de que algo não estava certo.

Seu marido estava muito reservado para esse momento especial. — Wrath? O que você não está me dizendo?

Quando ele esfregou o rosto, aquele terror que ela sentia voltou. — O que. Há algo de errado com ele?

— Não.

— Onde está o *mas*?

— Eles tiveram que retirar suas entranhas. Você estava sangrando muito.

Ela franziu a testa e balançou a cabeça. — Desculpa?

Wrath bateu em volta até encontrar seu braço. — Suas entranhas se foram.

Uma onda de frio a golpeou. — Uma histerectomia?

— Sim. Foi isso o que disseram.

Beth exalou. Outra coisa que não fazia parte do plano. E foi um choque perceber que a parte do que a definia como uma mulher... Uma fêmea... Já não estava com ela.

Mas então ela olhou para seu menininho perfeitamente formado, perfeitamente saudável. A ideia que ela poderia não ter tido esse momento? Que ela não estaria aqui com seu marido e seu filho?

Dane-se o útero.

— Tudo bem, — ela disse. — Está tudo bem.

— Eu sinto muito.

— Não. — Ela balançou a cabeça bruscamente. — Não, nós não sentimos muito. Nós temos nossa família e nós somos muito, muito sortudos. Nós não sentimos muito.

E foi aí que Wrath se encheu de lágrimas, as gotas caíram pelo queixo firme até as tatuagens de seu antebraço.

Quando ela olhou para todos os nomes, ela sorriu e imaginou o pequeno Wrath, grande e alto, forte como seu pai.

— Nós conseguimos, — ela anunciou em uma súbita onda de otimismo. — Nós conseguimos!

Wrath começou a sorrir, e, em seguida, ele encontrou sua boca, beijando-a. — Sim. Você conseguiu.

— Foi preciso dois. — Ela acariciou seu rosto. — Você e eu. Juntos.

— Eu fiquei com a parte divertida, — ele disse com um sorriso.

Várias horas mais tarde, Beth saiu da cama e tomou um banho de esponja no banheiro. Então vestiu uma camisola Lanz e, com a ajuda de Wrath, saiu do quarto com o pequeno Wrath em seus braços.

Para uma aclamação de pé.

Ela pretendia voltar para a mansão para encontrar a família, mas eles tinham vindo até ela. Quase cinquenta deles, desde os Irmãos até os *doggen*, estavam amontoados no corredor de concreto do centro de treinamento, alinhados em toda extensão, para frente e para trás.

Difícil não chorar.

Mas então, o que seja. Eram família.

— Salve o Rei! — Veio o coro.

Embalando o filho contra o peito e cobrindo as orelhas do P. W³⁴, ela começou a rir. E foi então que ela viu seu irmão. Ele estava radiante, seu sorriso tão largo e orgulhoso, com as mãos fechadas na frente de seu coração como se estivesse morrendo de vontade de segurar o bebê.

Mancando até ele, ela não disse uma palavra. Ela só lhe entregou o P.W.

A alegria que recebeu em troca quando John desajeitadamente segurou o pacote vermelho foi praticamente a melhor coisa do mundo. Perdendo apenas para Wrath.

De repente, a multidão começou a cantar no Idioma Antigo. — Salve o Rei.

— Bem, não exatamente.

Quando Wrath disse as três palavras, foi como se tivesse desligado o som do mundo inteiro.

Franzindo a testa por cima do ombro, ela e todo mundo só olhava para o último vampiro de raça pura do planeta.

Wrath pigarreou e baixou os óculos escuros para apertar a ponte do nariz. — Eu aboli a monarquia na noite passada.

Silêncio total e absoluto.

— O quê...? — Ela disse.

— Você me disse que não queria ser a causa de minha desistência do trono. Você não foi. No final, foi a minha escolha. Cedo ou tarde, alguém chegaria a mim... E por extensão, a você e a ele. E então, se eu morrer? Meu filho vai acabar tendo que lutar para manter algo que não deveria ser decidido pela linhagem. Deveria ser decidido pelo mérito.

Beth colocou as mãos no rosto. — Oh, meu Deus...

— Então, nós estamos numa democracia agora. Saxton ajudou a legalizar. E as eleições vão ocorrer em pouco tempo. Eu falei com Abalone... Ele vai coordenar

³⁴ Pequeno Wrath.

tudo. Inferno, o cara já tinha uma boa lista de candidatos. Ah, e o melhor de tudo? Acabou a utilidade da *glymera*. E acabei com o Conselho. Até mais, filhos da puta.

— Estou tão feliz por estar aposentado, — Rehv interrompeu a conversa. — De verdade.

Wrath olhou na direção de Beth. — É a melhor coisa para nós. Para o P. W. E quem sabe, talvez ele futuramente decida concorrer. Mas será escolha dele. Não será um fardo, e ninguém, de qualquer segmento de qualquer sociedade, será capaz de lhe dizer que a fêmea que escolheu, não é digna. *Nunca mais*.

Com isso, Wrath enfiou a mão no bolso da calça cargo pretas que vestia... E tirou um punhado de pedaços de... Lascas?

Não, eram fragmentos de pergaminho.

Ao jogá-los ao chão, ele disse, — Oh, e eu rasguei aquele falso decreto de divórcio, também. A cerimônia humana é totalmente legal. Mas já que o nosso filho tem os dois tipos de sangue, eu queria que ambas as tradições valessem.

Beth abriu a boca para dizer alguma coisa. Mas no final, tudo o que pôde fazer foi ir contra o corpo duro de seu marido e abraçá-lo.

Naturalmente, não houve um único olho seco no centro de treinamento.

Mas isso era o que acontecia quando um mortal comum... Fazia algo digno de um super-herói.

Capítulo SETENTA E SEIS

Passou-se um bom mês até Wrath perceber que a visão de V tinha se realizado. O rosto no céu, o futuro em suas mãos...

P. W. já tinha rotina definida, dormia durante o dia, ficava acordado a noite toda... O que era simplesmente perfeito. Beth tinha se recuperado da cesárea como um foguete, alimentando-se bem, comendo bem, e sendo a melhor mãe do maldito planeta.

Parecia ter encontrado sua natureza. Ela era incrível... E estava tão feliz, tão malditamente feliz.

A realidade de ter um filho era melhor até do que o sonho tinha sido.

E oh, sim, P.W. estava levando o assunto de existir como um completo soldado. Comia, fazia cocô, dormia, fazia cocô, comia. Ele raramente se inquietava ou chorava, e não via nenhum problema em ser passado de colo em colo durante as refeições, de modo que cada membro da família tivesse uma chance de segurá-lo.

Até o cachorro e o gato gostaram dele. A criança dormia em um berço na suíte da Primeira Família, e aparentemente, George e Boo, ambos pensavam nele como um posto de guarda. Quando o retriever não estava ajudando Wrath a se locomover, ele ficava sempre com a criança, deitado na frente do berço, de guarda, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. E quando George estava de serviço com seu outro mestre? Aquele felino assumia o turno enquanto o bebê dormia.

Então, sim, ele estava em uma noite alegremente normal em junho quando Beth disse que estava saindo para uma corrida após a Primeira Refeição, e Wrath decidiu levar P. W., seu cão e o gato em um passeio em volta do primeiro andar. O garoto sempre parecia gostar disso, e como de costume, no momento em que começou a andar, sua cabeça começou a girar ao redor como se estivesse avaliando a propriedade.

Eles estavam na biblioteca, passando pelas portas francesas, quando P. W. soltou um grito e ficou tenso, como se algo tivesse chamado sua atenção.

— O que foi, garotão?

Wrath reposicionou seu filho, Deus, ele amava essa palavra, *filho* e, em seguida, fez as contas.

— Será que é para a lua que você está olhando? Deve ser... Sim, eu acho que é.

Destravando a porta, ele saiu e respirou fundo. O verão tinha chegado em cheio, a noite morna como água do banho, e quando P.W. esticou seus braços para cima, Papai pensou, sim. Ele estava olhando para o velho homem no céu.

Ou... O rosto.

Com a sensação de que a realidade tinha se acumulado, de alguma forma específica e mágica, Wrath virou seu filho de pé para que encarasse o exterior.

Ergueu-o alto.

Segurando o futuro... Em suas mãos.

Para que seu filho visse a lua pela primeira vez, com olhos que eram tão perfeitos quanto o resto dele.

— Eu vou te dar tudo o que puder, – disse Wrath bruscamente, contente por não ter mais ninguém por perto. — Qualquer coisa que você precisar, vou providenciar. E eu vou te amar até o meu último suspiro.

De repente, ele percebeu que não estava mais sozinho.

As pessoas saíam correndo para fora das portas da casa. Uma grande multidão.

Girando ao redor, ele segurou seu filho protetoramente, preparando-se para más notícias. — O quê?

Eles procuraram Beth quando ela estava na esteira. Todos eles. Todos os membros da Irmandade.

Mas não foi Tohr quem falou. Foi Saxton.

E quando ele terminou, ela ficou entorpecida e quase caiu fora de seus Nikes.

Sua viagem de volta pelo túnel, em direção à casa, teve o mesmo tipo de remoção de consciência, que ela tinha sofrido quando entrou em trabalho de parto. Ela não se lembrava de nada da corrida, nem todas as pessoas com ela, e nem do que foi dito.

E quando ela chegou no hall de entrada, e viu que os outros se reuniram na casa mais uma vez, cada um deles tinha a mesma expressão que sentia em seu próprio rosto.

O destino tinha tomado as rédeas novamente.

E tudo o que podiam fazer era ir na nova direção.

Ela liderava o ataque, ao contornarem o primeiro andar da casa, esperando a cada volta ver Wrath e P. W.

A porta aberta para o terraço deu a dica de onde estavam.

Quando ela saiu para a noite, viu o marido segurando seu filho até a lua mais cheia da temporada, o astro brilhando cintilante como o sol, a paisagem banhada em luz branca.

Era como se ele estivesse fazendo uma oferenda sagrada.

Com um giro rápido, Wrath girou num instante, protegendo seu filho com seus enormes braços. — O quê?

Mesmo que Saxton tenha trazido as informações para casa, todo mundo olhou para ela.

Um passo à frente, ela desejava que estivesse em algo que não fosse roupa de ginástica. Um vestido de baile, talvez.

— Beth, o que diabos está acontecendo?

Ela tentou fazer com as palavras certas, freneticamente amarrando substantivos e verbos juntos ao acaso em sua cabeça. No final, porém, ela proferiu de forma curta e doce.

Caindo de joelhos, ela abaixou a cabeça. — Vida longa ao Rei.

Um a um, a multidão atrás dela fez o mesmo, um coro daquelas quatro palavras levantando-se para a noite enquanto seus corpos se inclinavam no chão.

— Desculpa. — Wrath sacudiu a cabeça. — Eu não estou ouvindo isso?

Ela se levantou. Mas foi a única.

— Você foi eleito por unanimidade por toda a vida. Rei da Raça. Abalone liderou os esforços, e todos os cidadãos que você ajudou votaram. Cada um deles. Você foi escolhido pelo seu povo para liderar. Você é o Rei.

Quando o canto começou, Wrath parecia não ter ideia de como responder. E foi tal canto alegre, vozes femininas e masculinas elevadas para o céu noturno, uma celebração do presente e do futuro.

— E quem sabe, — Beth disse quando ela olhou para seu filho. — Talvez ele cresça para ser como o pai, e seja escolhido, também. Mas cabe ao povo, você colocou o direito de voto nas mãos deles, e eles deram o trono a você.

Wrath limpou a garganta. Uma e outra vez.

No final, tudo o que ele pôde fazer foi sussurrar, — Eu queria que meu pai e minha mãe estivessem vivos para ver isso.

Beth colocou os braços em torno de seu marido e filho, enlaçando-os. E quando olhou por cima do ombro do seu homem e viu a face da lua, teve uma súbita sensação de que o realinhamento tinha acabado, a nova era tinha finalmente chegado.

— Eu acho que eles estão, — ela suavemente disse. — Eu acho que os dois estão olhando para baixo nesse exato momento... E eles estão muito, muito felizes com isso.

Os pais, afinal, ficavam especialmente orgulhosos ao ver a coragem de seus filhos serem recompensados pelo mundo.

E saber que estavam cercados por muito amor.

Por todos os lugares.

Para sempre.

FIM

Considerações Finais

Impressões sobre o livro:

Vida longa ao nosso Rei!

E o Rei chegou, Irmãs e Irmãos de Adaga! E chegou mais poderoso que nunca!

Gostei muito do livro. Ward nos contou um pouco mais sobre a vida de Wrath através da história de seus pais. Agora sabemos de onde vem toda a tenacidade do nosso Rei.

O que não gostei foi do estilo roteiro em que o livro foi escrito. Sempre gostei de ler um livro porque quem manda na leitura sou eu. É o leitor quem determina o ritmo da leitura. E com o Rei, até meados do livro, a história de Wrath e Beth era interrompida por histórias paralelas. Não pude determinar o ritmo da leitura. Eu me senti dentro de um seriado. E foi frustrante.

Mas do meio para o final, Ward não decepcionou. O livro foi do nosso Rei. Ele mandou e desmandou. E o final foi surpreendente! Bem ao jeito democrático de ser dos estadunidenses.

Realmente, este livro foi emocionante. Preparem os lençinhos para as lágrimas, que surgirão inesperadamente.

Vida longo ao nosso eterno REI, a sua Beth e ao PW (Pequeno Wrath)!

Agradecimentos:

A Irmandade dos Tradutores agradece especialmente a sua tradutora Ninja. Ela tem este nome não é por acaso. É ninja mesmo. Sempre presente e responsável. Suas traduções são impecáveis. Sem você, Ninja, a Irmandade dos Tradutores estaria em maus lençóis. Obrigada pela ajuda. A cada livro, você se aprimora mais e mais nos termos tão característicos da Ward. Obrigada de coração, Irmã de Adaga.

Vida longa a nossa Ninja!

Meninas do PRT, a nossa parceria é perfeita porque vocês são comprometidas com a causa, a tradução voluntária. São zelosas e sabem o que estão fazendo. Vocês são 10!

Irmandade dos Tradutores

Agradeço as revisoras que se empenharam nesse projeto e mais uma vez a parceria da Irmandade, muito apreciada.

Bjos

Grupo PRT



